12.º ANNO JANEIRO DE 1909 N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A «REVISTA DE INFANTERIA»

E AS

PRETENÇÕES DA ARMA

Vae entrar no seu 12.º anno d'existencia a *Revista* da nossa arma, a arma principal e a mais numerosa do exercito. Apparecendo modesta no nosso meio militar, e sendo espalhada pelos nossos camaradas sem recommendações nem reclames, ella teve um acolhimento de tal forma accentuado que bem mostrou a lacuna importante que prehencheu.

A *Revista* da nossa arma, apparecendo em publico n'aquellas condições não pretendeu ser um clarim de guerra que chamasse os nossos camaradas para a lucta, porque luctar só é necessario em prol da patria que adoramos e defendemos, mas foi como um sino, que tocado do alto da torre das nossas justas aspirações, procurou chamar á vida e á realidade os nossos irmãos d'armas que se encontram espalhados e dispersos por essas guarnições do paiz inteiro. Foi a união entre todos os que vestimos a mesma farda, entre todos os que de coração trabalhamos pela mesma causa e, que alimentando o mesmo ideal, pugnamos pelo bem estar e engrandecimento da

nossa patria, que ella proclamou e continuará proclamando. Um paiz vale o que valerem as suas diversas instituições, e, nós, pugnando sempre nas columnas da nossa *Revista*, pelo engrandecimento em geral de todo o exercito, e, em especial, da arma a que pertencemos, exercito que constitue um elemento de paz e ordem, e, portanto um elemento propulsor de todo o progresso, apenas temos cumprido um dever, e dever de que nos orgulhamos.

Chamar á realidade da vida os nossos irmãos d'armas, procurar estabelecer entre todos uma forte união como se cada uma das columnas da *Revista* fosse um élo poderoso da cadeia da camaradagem que nos prende e deve ligar, e, trabalhando por um ideal nobre para nos defendermos das ambições mesquinhas, que infelizmente teem existido, das invejas malevolas, que não é facil fazer desapparecer, e que umas e outras, por vezes, nos têem alienado direitos sagrados, é sem duvida uma missão ardua, mas é uma missão necessaria. E se perante essa necessidade até hoje não temos recuado, para de futuro continuaremos seguindo a senda traçada com o mesmo ardor e enthusiasmo.

Na lucta d'interesses que se debatem em todas as sociedades nem sempre são os elementos mais fortes que vencem e triumpham. O numero, apezar de ter condições de successo pela sua propria natureza, é sempre esmagado quando os factores moraes o abandonam. E se este facto se dá na lucta quotidiana de quaesquer sociedades ou corporações, difficilmente deixará de existir entre as armas d'um exercito que tenha mais d'um quadro.

E abandonando as considerações de ordem abstracta para cahir no campo das realidades positivas, não podemos deixar de nos referir, e hoje simplesmente para exemplificar aquellas affirmações, á constituição do generalato do nosso exercito. Como se pode comprehender, a não ser por uma aberração dos principios estabelecidos, o facto da infanteria ser constituida por 12 brigadas e haver apenas uma commandada por um general? Como se pode comprehender que tendo a infanteria 12 brigadas, a lei de quadros attribua simplesmente 7 generaes de brigada á nossa arma? Como se pode comprehender que tendo a nossa arma 49 coroneis e as restantes, incluindo o estado maior, apenas 45, á arma de infanteria se lhe attribuam 7 generaes e as outras 13?

Torna-se por certo desnecessario esclarecer estas per-

guntas. Hoje pelo menos não o faremos porque a sua simples enumeração é o bastante para as tornar comprehensiveis. Esses defeitos serão porem fructos de aberrações? Se assim é, qualquer malefica influencia que exista precisa desapparecer, e a nossa arma, que é a lesada, necessita unir os seus esforços na mesma communhão d'ideias para que a justiça que merecemos nos seja feita. E aqui teem os nossos camaradas que por esse paiz fóra andam cheios de fé n'esse labutar incessante da vida quotidiana do quartel, ensinando e educando os seus recrutas e trabalhando pelo engrandecimento das nossas instituições, ou fazendo continuados exercicios ou o serviço arduo e cheio de canceiras de diligencias e destacamentos para manter a ordem e garantir a base de todo o desenvolvimento e progresso nacional, ou percorrendo os sertões africanos a fim de assegurar integro o nosso vasto dominio colonial, uma badalada tocada do alto da torre das nossas justas e legitimas aspirações.

Dentro do caminho da legalidade e da justiça não quer a nossa arma mais do que aquillo que nos pertence, mas o que é seu não lhe deve ser extorquido, porque alem da justiça ha as necessidades da organica e do serviço que não podem ser preteridas sem se correr em grave risco. E para fazer desapparecer as injustiças flagrantes que se dão e tambem para que não nos possam accusar de não termos apontado esse mal organico que pode prejudicar o regular funccionamento dos serviços é que nós, com o desassombro que é necessario, chamamos a attenção dos nossos irmãos d'armas para este assumpto, que é momentoso.

Esta questão já por diversas vezes tem sido tratada na nossa *Revista*. Se porem ainda não conseguimos que nos fosse feita justiça não é isso, comtudo, razão sufficiente para não persistirmos. Outras questões ha que tendo sido levantadas e tratadas pela nossa «Revista» foram resolvidas, não obstante algumas d'ellas exigirem uma lucta de longos annos.

O augmento de soldos, os subsidios de marcha e de residencia e os subsidios para renda de casa aos officiaes arregimentados são a prova mais frizante que se pode apresentar para mostrar o valor dos esforços empregados. Foi a *Revista de Infanteria* a primeira publicação que tratou estes assumptos e durante os primeiros annos se encontrou só em campo. A descrença de quasi todos e a

indifferença de muitos fizeram com que as nossas palavras e os nossos legitimos esforços se convertessem em corrente só depois d'uma lucta tenaz. Mas perante a razão não ha indifferentismo que se não vença, não ha obstaculos que se não removam, nem justiça que se não faça, e o que é verdade, com orgulho e desvanecimento o dizemos, é que as tabellas de vencimentos que por nós foram apresentadas e discutidas durante quasi 5 annos são as que sensivelmente foram promulgadas e se encontram em vigor.

Mas se a questão dos vencimentos, que realmente era difficil de resolver, nos demandou tanto tempo de lucta, outras ha que foram devidamente attendidas em prazos de tempo muito menor. A creação da Direcção de Infanteria, a dotação dos batalhões de caçadores com metralhadoras; a questão do armamento e a justa representação da arma na sua escolha e fabrico; os empregos, vencimentos e reformas dos sargentos; a promoção dos aspirantes da administração militar; carreiras de tiro e muitas questões de instrucção se são a prova de que alguma cousa valem as nossas palavras, tambem devem servir de incitamento a todos os nossos camaradas para a resolução de muitos outros problemas, e nomeadamente o da constituição dos quadros dos officiaes e generalato da arma de infanteria. Pela nossa parte não descançaremos, e, agora que a nossa *Revista* vae entrar em mais um novo anno da sua existencia, a questão do generalato vae-lhe merecer um estudo muito especial a fim de nos ser feita a justiça que merecemos e de se collocar a *rainha das batalhas* em condições de bem se desempenhar dos serviços que a patria d'ella demanda e que ella, toda ella, toda a nossa arma tão ardentemente deseja cumprir para gloria sua e proveito do paiz.

GUERRA PENINSULAR

Conferencia realisada em 21 de junho, no Regimento d'infanteria n.º 14, pelo tenente ajudante, sr. Numa Pompilio da Silva

Convidado por Sua Ex.ª o sr. coronel commandante do regimento a realisar uma conferencia relativa á celebração do Centenario da Guerra Peninsular, se por um lado senti a magua resultante do embaraço que certamente me trazia o evidente reconhecimento da minha inferioridade e falta de recursos,

aggravada ainda com a circumstancia dos muitos e quasi constantes afazeres inherentes ao cargo de ajudante que venho exercendo n'este regimento, é comtudo certo que ao receber a noticia do convite — que não esperava — me senti até certo ponto envaidecido, não só pela honra, embora immerecida, que Sua Ex.ª me fazia, mas ainda e principalmente pela circumstancia de me ser licito fallar no quartel do meu regimento, onde tenho servido ininterruptamente, desde que sahi dos bancos da escola militar; no quartel d'este regimento, aonde continua sempre a affirmar-se, bem garantida e firme, a mais bella e seductora camaradagem; n'este regimento, emfim, que todos nós amamos e cujo prestigio sempre trataremos de engradecer e elevar, ainda á custa dos mais serios e arduos sacrificios.

E se por estes motivos eu me senti, como já disse, jubiloso, subiu esse jubilo de ponto, visto que o assumpto a tratar é por sua natureza dos que mais enthusiasmo podem e devem despertar no nosso coração; visto como a materia da conferencia é sem duvida de molde a fazer expandir a alma de todo o militar no mais justificado e venturoso delirio; visto que, emfim, o facto que hoje nos reune n'este quartel, a convite da benemerita commissão organisadora das festas do centenario alludido, tende por todas as formas a exalçar o valor dos nossos soldados em epocas que, por irem longe, nem por isso deixam de permanecer bem vividas e radicadas no peito de todo o cidadão que bem ama e extremece a sua patria.

A um meu distincto camarada foi incumbido o encargo de relembrar com a sua palavra auctorisada perante os officiaes d'este corpo, os feitos da guerra brilhante que hoje se solemnisa.

A mim cabe-me o faze-lo mais designadamente ás praças de pret.

*

Praças do meu regimento!

Certamente nada haverá mais sensivel ao coração de todos vós do que recordar algumas das paginas mais gloriosas da nossa historia militar; nada poderá fazer radicar melhor na vossa alma, sincera e crente, o sentimento do dever e do brio, do que a recordação saudosa dos feitos repletos de heroicidade e valor, que out'ora phalanges de denodados portuguezes perpetraram, intrépidos como leões, ao som dos toques de corneta e do estampido da metralha.

Nada pode certamente impulsionar-vos mais no caminho da honra do que os numerosissimos exemplos de dedicação á nossa querida patria que encontramos dispersos em todo o periodo da guerra que ha cem annos se feriu.

Nas pugnas que houve necessidade de sustentar, ainda por bastantes annos, ha exemplos innumeros de heroicidade a registar.

E sabeis a que visavam esses esforços, por vezes inauditos, que os nossos camaradas d'então oppunham aos movimentos do inimigo?

Visavam á manutenção da nossa autonomia e da nossa liberdade!

Tinham por fim evitar que mãos extranhas nos dominassem!

Eram tendentes a manter, bem claro e inilludivel, o nosso prestigio, a nossa independencia!

Haveria um fim mais justo e nobre?

Certamente que não.

Independentes e livres, eramos ameaçados, insultados, escarnecidos mesmo!

Outra coisa não tinha o povo portuguez a fazer do que empregar todos os esforços, correr todos os perigos, luctar mesmo até morrer, para sacudir o jugo que tentava dominal-o.

E assim fez.

Punhados de heroes sacrificaram a sua existencia á causa do amor pela sua liberdade!

Legiões de valentes empregaram esforços titanicos para conservar bem firme o nosso dominio.

E uns e outros, com os olhos fixos na bandeira da patria — esse emblema augusto e magestoso que compendia tudo quanto de mais querido tem uma nacionalidade, — que encerra nas dobras do seu tecido o mais sublime poema d'amor e ternura que é dado e licito imaginar ou suppôr; — uns e outros, repito, exhalaram o ultimo suspiro bafejados pela aura sublime da immortalidade, como que advinhando as apotheoses que o futuro lhes preparava em premio do seu proceder brioso e altruista!

E não vos convençaes que vimos na celebração d'esta festa tão justa e tão sympathica, commemorativa dos feitos dos nossos antepassados, desferir lamentações e gemidos; choral-os compassivos; olhal-os com dó, a elles que, tanto mereceram de Deus e da Patria!

Não!

Nem uma só lagrima de tristeza deve enternecer os nossos corações!

Nem a mais ligeira parcella de lamento deve alancear a nossa alma!

Lamentar heroes seria uma pusilanimidade sem limites!

Chorar altivos corações que, mesmo no momento em que pela ultima vez olharam a patria agradecida que tanto amaram, symbolisada n'essa bandeira de que ha pouco vos fallei, — sorriam com a ventura das almas satisfeitas, conscios do cumprimento do dever que os immortalisou perante a historia, que registará sempre com letras d'ouro, os seus nomes, — seria indicio de fraqueza.

Não!

Nós vimos n'este dia faustoso apresentar a grande alegria que no nosso ser despertou o conhecimento que temos dos rasgos de heroicidade que praticaram os soldados das legiões portuguezas n'esses tempos calamitosos em que a ancia devorante e desmedida de Napoleão — que devemos a despeito de tudo olhar como um genio incomparavel, — uma estrella grandiosa e de brilho refulgente, — o maior general, emfim de todos os tempos — queria submetter-nos depois de nos encher de luto e desespero.

Nós vimos alegres e sorridentes glorificar esses bravos entre os bravos que evitaram o estarmos hoje privados do melhor beneficio que é dado uzufruir á pobre humanidade — a liberdade!

E dizer que no nosso peito de patriotas pulsa e pulsará um

coração agradecido e reconhecido a esses feitos que concorreram para tornar bem frisante o nosso poder e o nosso prestigio.

Praças do 14.

Portugal tem sabido sempre desde os tempos mais longinquos da sua historia, acalentar e acariciar com ternura essa santa liberdade de que gosamos ha muito.

E se alguma vez aconteceu uma nuvem sombria empanar o brilho d'essa joia de finissimo quilate, é certo tambem que nunca os Portuguezes soffreram conformados o luto que lhes entenebrava os corações.

Trabalhava-se e luctava-se com denodo, até que novamente despontava a aurora gentil da nossa victoria, substituindo a escuridão que comsigo trazia o pesado grilhão á nossa independencia.

E é bello analysar os diversos feito com que Portugal soube sempre honrar-se perante o Universo!

Exemplos aos milhares poderia eu adduzir n'esta occasião para vos mostrar a verdade do que exponho.

E de cada um d'elles destacar-se-hiam nitida e salientemente causas para o nosso orgulho e para a nossa vaidade.

Não me permitte, porem, o espaço e o tempo fazer-vos d'elles uma rapida menção especial e apenas por isso me referirei á guerra que hoje se começa a solemnisar e dentro d'ella, mais pormenorisadamente a alguns recontros.

*

Portugal tinha sido condemnado a desapparecer no mappa das nacionalidades independentes e livres.

Decretara-o na sua omnipotencia, que ameaçava avassalar o mundo inteiro, o grande Napoleão Bonaparte.

Fontaineblau escrevia a nossa sentença de morte!

E a fraqueza dos nossos governos d'então, — a submissão revoltante das principaes auctoridades, acompanhando e inspirando-se no proceder d'aquelles, tudo parecia concorrer para a nossa ruina.

E então que se desenvolve bem clara e bem patente a reacção do povo.

Escarnecido, roubado, insultado nos seus affectos mais queridos, o povo portuguez comprehendeu em certa hora que nem um só momento mais devia soffrer tão immerecidas injustiças e injurias.

E a partir d'então, luctou, luctou sempre, insurgindo-se contra as affrontas infamantes que nojentamente queriam manchar a alma nacional.

E n'essa lucta heroica em que tomaram parte homens, mulheres e até creanças — todos desejosos de restaurar o nome que lhes havia conquistado, desde os tempos mais remotos da historia, os padrões mais gloriosos; n'essa lucta, repito, que envolveu episodios valorosissimos durante muitos annos, acham-se compendiados verdadeiros poemas de heroismo e d'amor patrio.

São unanimes, ainda os historiadores menos affectos á causa Portugueza, em reconhecel-o. Portugal resurgiu de novo, glorioso e brilhante, attestando pelos monumentos que fez erigir, perante o mundo, a sua supremacia e a sua independencia!

*

A guerra Peninsular cujo centenario hoje se celebra a esta mesma hora e com o mais justificado motivo em todo o Portugal, teve origem no proposito firme em que esse grande Napoleão estava de fazer curvar perante a sua espada valorosa o universo!

Coberto de glorias em duzias de campanhas desferidas com os paizes mais importantes, — não havia peias que podessem embaraçar-lhe a sua acção.

E apenas a Inglaterra, com o seu já então poderoso prestigio maritimo, ousava crear-lhe algumas difficuldades, havendo-lhe destruido em 1805, uma importante, relativamente, marinha de guerra.

A França, como não podesse, attenta a sua inferioridade maritima, invadir a Inglaterra, resolveu impôr a sua auctoridade ás nações continentaes, pretendendo coagil-as a fecharem os seus portos aos inglezes, ou, pelo menos, a não lhe prestarem o auxilio costumado.

Portugal, a despeito do justificado receio que lhe vinha da França, sentiu ainda n'esse momento referver no seu coração patriotico, a revolta e o orgulho a que lhe davam direito a injustiça da determinação; — e, ainda que se não negasse em absoluto ao seu cumprimento, não se submetteu de prompto.

Napoleão julgou com a sua explendida e reconhecido agudeza d'espirito, os graves embaraços que Portugal, alliado á Hespanha, até certo ponto julgado pouco leal á França, poderia oppôr aos seus desmedidos desejos, sobretudo unindo-se tambem á Inglaterra.

E resolveu a conquista da Peninsula Hespanica.

Ardilosamente, conseguiu que a Hespanha consentisse na entrada de um exercito francez, fazendo, por tractados secretos, convencer o rei Carlos IV, atraiçoado pelo seu ministro Godoy, da grande vantagem que d'ahi lhe adviria, pela conquista de Portugal, cuja divisão era já obra resolvida.

Entrando o exercito francez em Hespanha, e tendo-se Portugal mostrado um tanto reluctante em declarar guerra á Inglaterra, como se lhe exigia, foi ordenada a invazão de Portugal, embora a principio acobertada com o manto da perfidia e da traição, chegando assim os francezes até Lisboa, sem embaraços de maior.

Em Hespanha o rei Carlos IV, a quem ha pouco me referi, tinha a breve trecho o premio da sua fraqueza e até certo ponto dos seus crimes, sendo obrigado a abdicar com pretextos extremamente pueris, depois de Madrid ter sido invadida por outro exercito francez, ainda com ardis traiçoeiros e vergonhosos.

São estas, muito em resumo, as causas principaes da guerra hoje commemorada e na qual Portugal se envolveu, mercê como se viu, da affirmação do seu sempre provado brio e lealdade.

Passando em revista os diversos recontros havidos durante a guerra que hoje se solemnisa, encontramos vastissimo campo para fazer incidir a nossa attenção, recolhendo d'elle variadissimos motivos para aquilatar o heroismo das forças que n'ella collaboraram.

(Continúa).

Escola Pratica d'Infanteria

Os resultados das experiencias dos fogos collectivos de combate realisados n'esta Escola nos dias 9, 10, 11, 12 e 15 de junho e 15, 16, 17 e 18 de julho de 1908 e a que assistiram os officiaes das differentes armas e do serviço do estado maior, que na mesma Escola se achavam em tirocinio, são os que passamos a indicar.

1.ª Experiencia (9 de junho)

Fim. — Comparar, principalmente, a efficacia das duas especies de fogo — descargas e tiro a tiro á voz — contra uma linha de atiradores representada por 80 alvos, mais ou menos visiveis, intervallados de 2 passos, e collocada successivamente ás distancias de 800, 700 e 600m.

Execução. — Um pelotão de 80 atiradores, em uma fileira, nas posições de pé, de joelhos e deitados, fez em cada distancia duas series de fogos, contra os 80 alvos representativos do objectivo, sendo nas primeiras series o fogo por descargas e nas segundas o tiro a tiro, á voz.

Resultados. — Quadro n.º 1.

*

Esta mesma experiencia foi repetida em 15 de junho, com o fim de apreciar, não só o grau d'efficacia dos dois fogos acima referidos, como tambem ajuisar do grau de vulnerabilidade da formação em 2.ª linha, quando exposta aos fogos dirigidos contra a primeira.

Execução. — Foi o fogo feito pelo mesmo numero de atiradores e nas mesmas condições do primeiro exercicio e os alvos representativos do objectivo eram ainda constituidos por 80 silhuetas em 1.ª linha, com os intervallos e posições já indicadas, achando-se porém collocados á retaguarda em 2.ª linha, á distancia, proximamente, de

300m, 80 alvos figurando um pelotão em columna de secções de costado.

Resultados. — Quadro n.º 2.

Foi ainda a mesma experiença repetida em 15 de julho nas mesmas condições da de 9 de junho, com o fim de se comparar alem da efficacia dos dois fogos já designados, mais a do *lento de 5 tiros por 1'*.

Resultados. — Quadro n.º 3.

2.ª Experiencia (9 de junho)

Fim. — Ajuisar do grau de vulnerabilidade da formação em 2.ª linha, quando exposta aos fogos dirigidos contra a 1.ª, e ainda comparar a efficacia das duas especies de fogo-lento de 5 tiros por 1' e tiro a tiro, á voz — empregados contra alvos representando uma companhia com o effectivo de guerra, tendo 2 pelotões em atiradores nas posições de pé, de joelhos e deitados, com 2 passos de intervallo e o 3.º pelotão, como apoio, disposto em columna de secção de costado, á distancia de 400m.

Execução. — Dois pelotões de 80 homens cada um, figurando uma 1.ª linha de combate, desenvolvidos em atiradores, na posição de joelhos, executaram 2 series de fogos sobre a primeira linha dos alvos, sendo na primeira serie o lento de 5 tiros por 1' e na segunda o tiro a tiro, á voz.

Foi considerado o 3.º pelotão em apoio.

Resultados. — Quadro n.º 4.

3.ª Experiencia (10 de junho)

Fim. — 1.º Comparar a vulnerabilidade de uma linha de atiradores na posição de deitados com a da mesma linha executando um lanço de 80m, sujeita em qualquer dos casos á acção do fogo — tiro a tiro, á voz, feito á distancia de 400m. — 2.º avaliar, o grau d'efficacia dos fogos — tiro a tiro, á voz, e vivo — sobre a referida linha de atiradores durante o percurso d'um lanço de 80m.

Execução. — 1.ª parte. — Uma secção de 40 atiradores, na posição de joelhos, executou á distancia de 400m duas series de fogo — tiro a tiro, á voz, sobre 40 silhuetas collocadas em terreno descoberto, figurando na 1.ª serie uma secção d'egual numero de atiradores deitados com o intervallo minimo e na 2.ª o mesmo numero de atiradores de pé, movendo-se ao longo da carreira de tiro, com a

velocidade de 160m por 1', que é a que em media se poderá calcular para a velocidade da carreira.

2.ª parte. — Para satisfazer ao fim que se propunha a 2.ª parte da experiencia, tiveram os alvos de voltar ao ponto de partida para novamente executarem um lanço de 80m nas condições anteriores, sujeitos porem agora á acção do fogo vivo.

Resultado. — Quadro n.º 5.

Esta mesma experiencia foi repetida em 16 de julho, porem, o que então se pretendeu comparar, foi o grau de vulnerabilidade d'uma secção em atiradores, com intervallos minimos, nas situações em seguida indicadas.

1.ª Executando, em terreno descoberto, um lanço de 80m sob a acção do fogo vivo.

2.ª Batida pelo mesmo fogo, na posição de deitada, em terreno descoberto e não abrigado.

3.ª Abrigada por pequenos abrigos de terra construidos com a ferramenta portatil debaixo da acção do mesmo fogo.

Execução. — Uma secção de 40 atiradores na posição de joelhos, executou á distancia de 400m sobre os alvos representativos do objectivo, em cada uma das situações indicadas, uma serie de fogo vivo

Resultados. — Quadro n.º 6.

4.ª Experiencia (10 de junho)

Fim. — Mostrar ao atirador o effeito do seu tiro em seguida á sua execução.

Execução. — Para a realisação d'esta experiencia tornou-se necessario escolher alvos que caissem ou se destruissem logo que fossem tocados.

Os mais conhecidos e apropriados para tal fim são os alvos tombantes, tendo porem o grande inconveniente de cairem por effeito do vento, quando sopra um pouco mais rijo, foram substituidos por bilhas de barro, as quaes sendo cheias d'agua, se desfazem, apenas tocadas pela bala.

Foram pois os elementos do objectivo constituidos por 80 bilhas cheias d'agua, representando um pelotão de egual numero de atiradores de joelhos, com 2 passos de intervallo e com as duas secções convenientemente intervalladas.

Um pelotão de 80 homens desenvolvidos em atiradores e nas posições mais apropriadas, tendo as suas secções

intervallo egual ao que havia nas que representavam os alvos, executou á distancia de 400m o fogo, tiro a tiro, á voz, atirando cada secção sobre a sua correspondente da linha dos alvos.

No fim de cada tiro viram-se os alvos abatidos em cada secção, fazendo sair das que executavam o fogo, os atiradores correspondentes áquelles alvos, pela fórma seguinte:

Alvos abatidos: 1.ª secção ..... 2 e 5
» » 2.ª » ..... 1, 4 e 6
Atiradores saidos da fileira: 1.ª secção 1, 4 e 6
» » » 2.ª » 2 e 5

Por este processo resultou que a secção que melhores resultados alcançou, foi a que ficou com maior numero de atiradores para continuar o fogo, por conseguinte com superior vantagem sobre a outra.

Consegue-se assim estimular os atiradores levando-os a fazer pontarias correctas e certeiras.

O respectivo resultado está indicado no quadro n.º 7.

A côr das bilhas que se confundia com a do terreno, e o serem pequenas de mais, concorreu para que o effeito d'este tiro fosse muito fraco.

O exercicio foi comtudo bastante interessante pela satisfação manifestada pelo soldado, quando no fim de cada tiro via sair da outra secção maior numero de atiradores, do que da sua.

5.ª Experiencia (11 de junho)

Fim. — Avaliar o grau de protecção que poderia offerecer qualquer dos typos de trincheiras abrigos, em seguida indicados: typo do Manual do Sapador — typo Belga — typo estudado e experimentado na nossa Escola Pratica d'Engenheria e typo Francez.

Execução. — Em cada trincheira foram convenientemente collocados 20 alvos, e sobre cada uma se fez incidir o fogo d'egual numero de atiradores, collocados successivamente ás distancias de 300, 400 e 600 metros.

Em cada uma destas distancias executou-se uma serie de fogo, sendo nas duas primeiras o vivo e na ultima o lento de 5 tiros por 1', atirando cada esquadra constituida por 20 atiradores sempre sobre a mesma trincheira e vendo-se dos alvos, unicamente a parte que representava a cabeça.

Resultado. — Quadro n.º 8.

6.ª Experiencia (11 de junho e 18 de julho)

Fim. — Comparar a efficacia das duas especies de fogo — vivo e tiro a tiro, á voz — sobre a cavallaria carregando de flanco uma secção d'infanteria, que se achava de costado e deitada como apoio d'uma companhia hypothetica em combate.

Execução. — Estabeleceu-se uma secção de 40 homens, deitados e de costado, figurando o apoio do flanco esquerdo d'uma supposta linha de combate.

Atacada repentinamente n'este flanco á distancia de 400^{m} pela cavallaria em linha figurando a carga de 2 pelotões, cuja fileira da frente era representada por 24 silhuetas, que se moviam ao longo da carreira de tiro, a secção formou rapidamente em linha com a frente para o flanco atacado e executou rapidamente o fogo cujos effeitos se pretendeu comparar, durante o tempo necessario para os alvos percorrerem a distancia de 210^{m} desde o seu apparecimento até se eclipsarem.

Resultados. — Quadro n.º 9.

Alem do fim a que se propunha a experiencia é tambem interessante apreciar, em presença dos resultados obtidos, se a infanteria teria a recear o effeito da carga de cavallaria nas circumstancias em que se realisou nos dois exercicios.

Experiencia do mez de junho

Como dos dois fogos experimentados foi o vivo o que maior numero de elementos de combate reduziu no objectivo, será sobre elle que se baseará a seguinte apreciação.

Empregando aquelle fogo á distancia de 400^{m} e tendo os alvos feito o percurso de 210^{m} em 45", foram postos fora do combate 12 elementos do objectivo em 35" de fogo, sendo 1 por eliminação do cavalleiro, 6 por eliminação do cavallo e 5 por eliminação do cavallo e cavalleiro conjunctamente, restando portanto incolumes 12 dos referidos elementos a 19^{m} da origem do tiro, os quaes seriam totalmente eliminados com mais 35" de fogo a uma distancia de 27^{m} da referida origem, se os alvos continuassem a caminhar com a velocidade de 280^{m} por 1', que lhe era dado pelo movimento dos trenós.

Computando porem a velocidade da carga de cavallaria em 540^{m} por 1' seriam necessarios 44,"5 para com

tal velocidade ser vencida a distancia de 400m, que é a que vae da origem do tiro á do inicio da carga, e, durante este tempo, seriam provavelmente reduzidos, proximamente, 12 dos elementos do objectivo, chegando apenas os outros 12 a estabelecer o contacto com a infanteria.

Experiencia do mez de julho

A apreciação é agora baseada nos resultados obtidos com o tiro a tiro, por ser o que maiores effeitos produziu.

Os alvos percorreram a mesma distancia de 210m, porem em 47", mais dois do que no primeiro exercicio, tendo sido eliminados 14 elementos do objectivo em 35" de fogo, sendo 4 pela eliminação do cavalleiro, 5 pela eliminação do cavallo e 5 pela eliminação do cavallo e cavalleiro conjunctamente, restando portanto intactas 10 das silhuetas representativas do objectivo a 190m da origem do tiro, as quaes seriam egualmente eliminadas com mais 25" de fogo á distancia de 79m dos atiradores, se os alvos continuassem a levar a velocidade de 268m por 1' com que estavam animados desde o seu apparecimento.

Levando porem a velocidade de 540m da carga de cavallaria, chegariam a estabelecer o contacto com a infanteria 11 elementos do objectivo, ou seja, um pouco menos de metade.

O effeito do fogo realisado nas condições da experiencia foi bastante importante e mais o seria ainda se se podessem remover as difficuldades em seguida designadas:

1.ª Impossibilidade de fazer chegar os alvos ao contacto com a infanteria.

Removida esta difficuldade, o effeito do fogo seria tanto maior quanto menor fosse a distancia que separasse a cavallaria da infanteria.

2.ª Impossibilidade de fazer desapparecer ou abater os alvos á medida que são tocados.

Se os alvos tocados fossem immediatamente abatidos, a convergencia do fogo fazia-se unicamente sentir sobre os que restassem intactos. E' vulgar ver-se uma mesma silhueta tocada com 4, 5 e mais balas. E' claro que se ella tivesse sido eliminada logo ao primeiro tiro, as outras seriam empregadas n'outras tantas silhuetas, d'onde necessariamente resultaria maior effeito do fogo.

3.ª Difficuldade de estabelecer os alvos em duas fileiras.

A carga foi figurada com os alvos n'uma só fileira; se

ella se executasse em duas fileiras, é natural que sobre a 2.ª tambem se fizesse sentir o effeito do fogo.

Em presença pois do que fica exposto não será phantasia poder esperar-se que em uma carga realisada nas circumstancias indicadas, o contacto não se chegue a estabelecer, desde que a infanteria se não ache desordenada, nem fatigada, conserve a serenidade precisa e faça um judicioso emprego da sua arma, pois que perante os poderosos e fulminantes effeitos do seu fogo, a cavallaria se desorganisará e ficará impotente antes que possa levar a effeito uma carga a fundo.

7.ª Experiencia (12 de junho e 17 de julho)

Fim. — Comparar a efficacia das duas especies de fogo — descargas e tiro a tiro, á voz — ás distancias de 1400m (grande distancia) e 1000m (media distancia) contra um pelotão em columna de secções de costado, com o intervallo de desenvolvimento.

Execução. — Realisou-se a experiencia executando um pelotão de 80 homens desenvolvidos em atiradores, na posição de joelhos, duas series de fogo em cada uma das distancias consideradas sobre egual numero d'alvos de pé, em columna de secções de costado com o intervallo do desenvolvimento, sendo na 1.ª serie, o fogo por descargas e na 2.ª o tiro a tiro.

Resultados. — Quadro n.º 10.

8.ª Experiencia (12 de julho — 17 de julho)

Fim. — Avaliar o grau d'efficacia d'um fogo intenso durante 3', contra alvos representando uma secção de bateria de campanha MK, em posição de combate, revelando-se por clarões.

Execução. — Dois pelotões de 80 homens cada um, desenvolvidos em atiradores e abrigados por trincheiras, executaram o fogo vivo durante 185", sobre alvos collocados á distancia de 1000m, figurando uma secção de bateria de campanha M. K. nas condições acima designadas, a qual era representada por 17 silhuetas, que indicavam 1 commandante de secção, 2 chefes de peça, 10 serventes das duas peças e 4 servententes dos dois carros de munições.

Na experiencia de 17 de julho, o fogo teve apenas a duração de 70".

9.ª Experiencia (12 de junho e 17 de julho)

Fim do 1.º exercicio. — Apreciar o effeito do fogo da infanteria batendo de flanco uma divisão de bateria de T. R. em posição de combate.

Execução. — Dois pelotões de 80 homens cada um, desenvolvidos em atiradores, executaram o fogo vivo durante 57", sobre alvos situados á distancia de 1000m, figurando uma *divisão* de bateria de tiro rapido, representada por 15 silhuetas, uma das quaes indicava o commandante da *divisão* e as restantes o pessoal das duas secções.

A *divisão* na posição de combate foi batida de escarpa a 55' pelo seu flanco direito.

Resultados. — Quadro n.º 12.

Observações. — Se não fosse a protecção offerecida pelo material, teriam sido attingidos, talvez, mais 10 elementos dos 15 da guarnição da *divisão.*

Fim do 2.º exercicio. — Avaliar o effeito do fogo da infantaria, batendo de frente uma *divisão* de bateria d'artilheria de T. R.

Execução. — Dois pelotões de 80 homens, cada um, desenvolvidos em atiradores, executaram o fogo vivo durante 60", sobre alvos collocados á distancia de 1000m, representando a artilheria, que se revelava por clarões na posição de combate.

Os alvos foram cuidadosamente organisados e os escudos das peças foram talhados em peças d'aço, que em experiencias anteriores se tinha reconhecido serem apenas perfuradas a distancias inferiores a 600m.

Resultados. — Quadro n.º 12,

Observações. — As chapas dos escudos da nossa artilheria de T. R. segundo experiencias a que têm sido submettidas, resistem efficazmente ao fogo da infanteria á distancia de 100m.

Se d'esta ultima experiencia se inclue que a artilheria de T. R., mercê da protecção dos seus escudos, pouco terá a recear, quando batida de frente, do effeito do fogo da infanteria, mesmo ás pequenas distancias, não é menos certo que da experiencia anterior se prova que os seus pontos vulneraveis são os flancos, devendo portanto ser n'elles que deverão incidir os esforços da infanteria quando se tenha de defrontar com aquella arma.

Quadro n.º 1

Quadro comparativo do grau d'efficacia dos fogos, descargas e tiro a tiro, á voz, contra uma linha d'atiradores intervallados de 2 passos, ás distancias de 800, 700 e 600 metros

Data do exercicio	Numero do exercicio	Força que executou fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especies	Duração de cada série	Balas disparadas	Impactes: Directos	Ricochetes	Total	Por %	Silhuetas attingidas: Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por %	Observações
9 de junho	1.º	Um pelotão de 80 homens em uma fileira, nas posições de pé, de joelhos e deitados, conforme o terreno	800m	80 alvos representando uma linha d'atiradores mais ou menos visiveis com o intervallo de 2 passos	1.ª	Descargas	60"	387	16	2	18	4,6	10	2	12	15	
					2.ª	Tiro a tiro (á voz)	60"	397	14	4	18	4,5	11	0	11	13,7	
			700m	Idem	3.ª	Descargas	60"	384	20	3	23	5,9	18	1	19	23,7	
					4.ª	Tiro a tiro (á voz)	60"	387	12	4	16	4,1	11	4	15	18,7	
			600m	Idem	5.ª	Descargas	60"	385	12	3	15	4,1	11	1	12	16,3	
					6.ª	Tiro a tiro (á voz)	60"	395	7	2	9	2,4	7	2	9	12,2	

Quadro n.º 2

Quadro comparativo do grau d'efficacia dos fogos — descargas e tiro a tiro á voz — contra atiradores intervallados de 2 passos, figurando uma 1.ª linha ás distancias de 800, 700 e 600m, e ainda do grau de vulnerabilidade d'um pelotão em 2.ª linha quando exposto aos fogos dirigidos á primeira

Data do exercicio	Numero do exercicio	Força que executou o fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especies	Duração de cada série	Balas disparadas	Impactes: Linhas	Directos	Ricochetes	Total	Por %	Silhuetas attingidas: Linhas	Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por %	Observações
15 de junho	1.º	Um pelotão de 80 homens em uma fileira, nas posições de pé, de joelhos ou deitados, conforme o terreno.	800m	80 alvos representando em 1.ª linha atiradores, mais ou menos visiveis, com o intervallo de 2 passos. Igual numero de alvos em 2.ª linha, 300m á retaguarda, figurando um pelotão em columna de secções de costado.	1.ª	Descargas	32"	379	1.ª	7	4	11	5,4	1.ª	7	3	10	23,4	A reserva estava disposta em terreno bastante inclinado acima da linha de mira, sendo por isso o tiro dirigido contra a 1.ª de natureza fixante.
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
					2.ª	Tiro a tiro (á voz)	35"	382	1.ª	4	2	6	1,7	1.ª	3	2	5	6,8	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
			700m		3.ª	Descargas	50"	384	1.ª	5	0	5	1,56	1.ª	5	0	5	7,5	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
					4.ª	Tiro a tiro (á voz)	65"	936	1.ª	11	3	14	3,25	1.ª	10	3	13	15	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
			600m		5.ª	Descargas	52"	394	1.ª	11	1	12	3,5	1.ª	10	1	11	15,8	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
					6.ª	Tiro a tiro (á voz)	70"	394	1.ª	15	2	17	3,68	1.ª	15	1	16	17,1	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	

Quadro n.º 3

Quadro comparativo do grau d'efficacia das trez especies de fogos — descargas, tiro a tiro á voz, e lento de 3 tiros por 1', contra uma linha de atiradores intervallados de 2 passos, ás distancias de 800, 700 e 600m

Data do exercicio	Numero do exercicio	Força que executou o fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especies	Duração de cada série	Balas disparadas	Impactes: Directos	Ricochetes	Total	Por %	Silhuetas attingidas: Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por %	Observações
15 de junho	1.º	Um pelotão de 80 atiradores em uma fileira, nas posições de pé, joelhos ou deitados, conforme o terreno.	800m	80 alvos representando uma linha de atiradores mais ou menos visiveis, com o intervallo de 2 passos.	1.ª	Descargas	55"	385	8	3	11	3,1	8	2	10	13,6	
					2.ª	Tiro a tiro	62"	394	8	0	8	1,96	8	0	8	9,6	
					3.ª	Lento	38"	387	7	1	8	3,25	5	1	6	11,8	
			700m		4.ª	Descargas	40"	388	12	2	14	5,4	9	2	11	20,6	
					5.ª	Tiro a tiro	58"	398	10	3	13	3,37	8	3	11	14,2	
					6.ª	Lento	38"	391	6	2	8	3,2	6	2	8	15,7	
			600m		7.ª	Descargas	40"	393	10	4	14	5,34	7	3	10	18,7	
					8.ª	Tiro a tiro	50"	396	10	2	12	3,63	10	2	12	18	
					9.ª	Lento	40"	398	13	4	17	6,4	10	3	13	24,3	

Quadro n.º 4

Quadro comparativo da vulnerabilidade de formação em 2.ª linha, quando exposta aos fogos dirigidos á 1.ª, e ainda, do grau d'efficacia das duas especies de fogo — Lento e tiro a tiro á voz — empregados contra alvos representando uma companhia com o effectivo de guerra, tendo em 1.ª linha 2 pelotões em atiradores e em 2.ª um pelotão em columna de secções de costado

Data do exercicio	Numero do exercicio	Força que executou o fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especies	Duração de cada série	Balas disparadas	Impactes: Linhas d'alvos	Directos	Ricochetes	Total	Por %	Silhuetas attingidas: Linhas d'alvos	Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por %	Observações
9 de junho	2.º	2 pelotões de 80 homens cada um, em atiradores, na posição de joelhos.	1.ª linha, 600m 2.ª » 1000m	160 alvos representando em 1.ª linha 2 pelotões de atiradores tendo estes o intervallo de 2 passos e nas posições de pé, joelhos ou deitados. 80 alvos, representando uma 2.ª linha 400m á retaguarda da 1.ª em columna de secção de costado.	1.ª	Lento 5 t. p. 1	45"	779	1.ª	36	6	42	7,18	1.ª	27	4	31	25,8	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	
					2.ª	Tiro a tiro	35"	777	1.ª	13	3	16	2,2	1.ª	11	1	12	8,1	
									2.ª	0	0	0	0	2.ª	0	0	0	0	

Quadro n.º 5

Quadro comparativo da vulnerabilidade de uma linha de atiradores na posição de deitados com o da mesma linha, executando um lanço de 80m, expostas em qualquer dos casos, á acção do fogo tiro a tiro, á voz, e ainda do grau d'efficacia d'este fogo com o vivo, sobre a mesma linha, durante o percurso do referido lanço

Data do exercicio	Numero do exercicio	Força que executou o fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especie	Duração: Do percurso	Duração: Do tiro	Balas disparadas	Impactes: Directos	Ricochetes	Total	Por % em 1'	Silhuetas attingidas: Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por % em 1'	Observações
10 de junho	3.º	Uma secção de 40 homens, em atiradores, na posição de joelhos.	1.ª série — 400m 2.ª e 3.ª séries — lanço do fogo 400m	1.ª série — 40 alvos representando uma secção d'atiradores deitados em terreno descoberto e com o intervallo minimo. 2.ª e 3.ª séries — 40 alvos figurando a mesma secção d'atiradores percorrendo um lanço de 80m com a velocidade de 160m por 1'.	1.ª	Tiro a tiro á voz		24"	81	7	0	7	21,5	6	0	6	37,5	A percentagem das silhuetas attingidas é tirada em relação ao numero das que são expostas.
					2.ª	Idem	30"	25"	84	14	0	14	33,2	10	0	10	50	
					3.ª	Vivo	25"	22"	189	19	3	22	27,8	14	2	16	96	

Quadro n.º 6

Quadro comparativo do effeito do fogo vivo executado á distancia de 400m sobre: *a*) uma linha de atiradores fazendo um lanço de 80m. *b*) sobre uma linha deitada em terreno descoberto e não abrigada. *c*) sobre os mesmos atiradores, abrigados por pequenos abrigos construidos com a ferramenta portatil

Data do exercicio	Numero dos exercicios	Força que executou o fogo e formação	Distancia do objectivo	Especie, posição e formação dos alvos	Fogo a executar: Séries	Especies	Duração: Do percurso	Duração: Do tiro	Balas disparadas	Impactes: Directos	Ricochetes	Total	Por % em 1'	Silhuetas attingidas: Por impactes directos e ricochetes	Só por ricochetes	Total	Por % em 1'	Observações
16 de junho	2.º	Uma secção de 40 homens em atiradores, na posição de joelhos.	Inicial, 400m Final, 320m	40 alvos representando uma secção de atiradores com o intervallo minimo, avançando um lanço de 80m com a velocidade de 160m em 1'	1.ª	Vivo	25"	22"	199	12	2	14	16,86	9	2	11	66	A percentagem das silhuetas é tirada em relação ao numero das expostas.
	3.º		400m	40 alvos representando uma secção de atiradores, deitados, com o intervallo minimo e em terreno descoberto.	1.ª	Vivo		60"	493	8	0	8	1,6	7	0	7	17,5	
				40 alvos representando uma secção de atiradores abrigados por pequenos abrigos construidos com a ferramenta portatil.	2.ª	Vivo		60"	460	2	0	2	0,43	2	0	2	5	

Ferramenta portatil da infanteria

No ultimo numero da nossa *Revista* publicámos um artigo sobre a ferramenta portatil da infanteria, e n'elle diziamos que a commissão nomeada pelo Ministerio da Guerra para proceder á escolha do melhor typo de ferramenta portatil para infanteria tambem tinha já estudado os varios modelos de ferramenta de destruição com que deve ser dotada a nossa arma.

Essas ferramentas, como então dissemos, são: a machadinha-picareta, machadinha-martello, serra-articulada e thesoura corta-arame.

Todas essas ferramentas são transportadas em estojos especiaes, que servem ao mesmo tempo, como já dissemos, para transporte do sabre-bayoneta.

Ao que nos consta, a machadinha-picareta é do systema alsaciano, um pouco modificada; a machadinha-martello é egual á que usam as nossas praças de engenheria; a serra-articulada egual á adoptada pelos sapadores de infanteria com ligeiras modificações, e a thesoura corta-arame, que suppômos ser magnifica, é apresentada por um dos membros da commissão, o capitão de engenheria sr. Joaquim Theriaga.

De todas as ferramentas de destruição, é sem duvida,

esta ultima a que mais applicação tem, e por isso mereceu á commissão o seu estudo a maior attenção.

Com as photographias que acompanham esta noticia poderão os nossos camaradas fazer idéa dos varios modelos de ferramentas de destruição que a commissão muito em breve vai apresentar no Ministerio da Guerra.

A importancia e necessidade d'este material são sobejamente conhecidas de todos os nossos camaradas, porque a pá-picareta tem apenas a applicação que indica a sua propria designação.

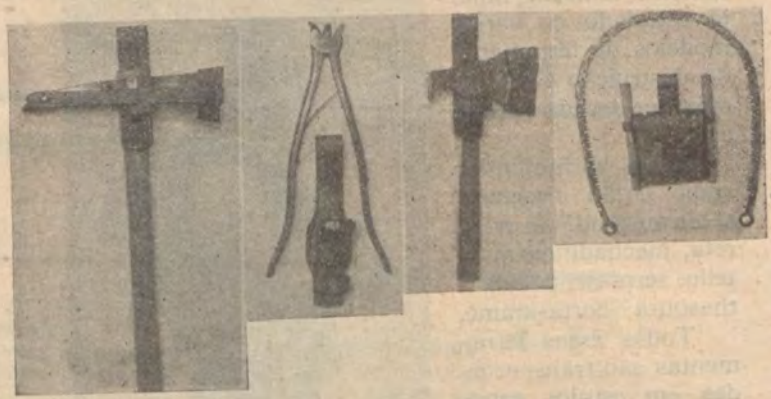


Fig. 1 Fig. 2 Fig. 3 Fig. 4

A pá-picareta serve sómente para a escavação das terras e sua remoção de fórma a fornecer um simples abrigo para atirador ou mesmo uma trincheira com um relevo muito limitado.

Para os trabalhos d'outro vulto, e especialmente para os trabalhos de destruição, é indispensavel o concurso d'uma outra ferramenta auxiliar, e, d'ahi a necessidade de dotar tambem uma parte da força de cada companhia, alguns homens apenas, com essa mesma ferramenta para se poderem executar todos os trabalhos de fortificação do campo de batalha.

E d'esta forma presta a commissão um importante serviço, e, felicitando-a, muito desejamos que os seus esforços se convertam em breve n'uma realidade.

Fig. 1—Machadinha-picareta com estojo.—Fig. 2—Machadinha-martello com estojo.—Fig. 3—Thesoura corta-arame com estojo.—Fig. 4—Serra articulada com estojo.

AUTOMOBILISMO MILITAR

O extraordinario progresso que nos ultimos 10 annos teem experimentado os meios de locomoção, substituindo a tracção animal pela tracção mechanica e principalmente pelo automovel, abriu um novo horisonte ao serviço de transportes militares e obrigou os exercitos a encarar desde já um problema que é sua consequencia logica — o desapparecimento n'um praso maior ou menor dos cavallos de requisição necessarios para a mobilisação.

Em principios do corrente anno, ao fazer-se em Paris o recenseamento dos animaes de tiro que poderiam requisitar-se, o ministerio da guerra notou que o seu numero soffrera uma diminuição de 10 % sobre o que se apurara existir pelo recenseamento de 1897 (1).

O ministerio da guerra que, já desde 1901, vinha ligando um particular interesse ao estudo do aproveitamento dos automoveis no exercito, viu comprovada a sua instante necessidade, e publicou immediatamente uma instrucção provisoria, regulamentando a substituição das viaturas atreladas por camions automoveis para grandes pesos (2).

Mas, não só a França está trabalhando com afinco para a resolução d'um problema de tão largo alcance no serviço de transportes militares; todas as nações que possuem exercitos devidamente organisados e procuram incessantemente aperfeiçoar os seus orgãos, lhe estão dedicando as suas especiaes attenções, como adeante veremos.

A necessidade de substituir as viaturas atreladas por automoveis não vem só como resultante d'um previsto desapparecimento ou diminuição sensivel das raças cavallares.

Outras rasões imperam e de tal natureza que bem pode dizer-se que a utilisação dos automoveis na guerra trará profundas modificações á organica dos exercitos.

---

(1) (2) «France Militaire» — 1908.

Assim, a aquisição de mais rapidos meios de transporte, especialmente no serviço de abastecimentos, a diminuição no alongamento dos comboios que, pelo emprego dos automoveis, pode computar-se em, pelo menos, um terço do actual, veem garantir uma maior *mobilidade* aos exercitos, base essencial nas operações de guerra, alterar a composição e numero do pessoal auxiliar e ainda facilitar extraordinariamente a vida material das tropas. A diminuição do numero de viaturas na zona da retaguarda é tambem uma vantagem muito apreciavel.

As experiencias realisadas já são em grande numero, mormente nos exercitos allemão e francez, que nas ultimas manobras teem utilisado os automoveis no reabastecimento das tropas. Deve, todavia, dizer-se que os automoveis até hoje empregados não satisfazem ainda plenamente ás exigencias militares, principalmente porque, sendo de requisição, differem muito entre si, impedindo a constituição de formações regulares.

O certo é, porem, que elles devem assegurar em tempo de guerra um serviço regular trez vezes mais rapido que o que dão as viaturas de tracção animal, e que a diversidade de typos de camions pode remediar-se, agrupando-os por agora em classes e incitando a industria a fabrical-os d'um typo uniforme.

No nosso exercito, que saibamos, fizeram-se apenas as experiencias da bateria Schneider-Canet-du Bocage; a Manutenção militar possue alguns, poucos, camions para transportes de pão para a guarnição de Lisboa e a artilheria outros para o transporte de munições.

Fóra d'isto, utilisam-se apenas os carros ligeiros do Ministerio da Guerra, Direcção da artilheria e outros estabelecimentos.

E' pouco, muito pouco mesmo, para as necessidades da mobilisação, embora saibamos que nenhum exercito pretende possuir automoveis em numero sufficiente para esse fim; o que é preciso é estudar a forma de prover a essa insufficiencia, quer subvencionando os proprietarios d'automoveis, como faz a Allemanha, que assim espera resolver o problema, quer adoptando alvitre menos oneroso para o thesouro (1).

O que não se comprehende bem, dada a revolução que o serviço de transportes está soffrendo em todos os exercitos, é preserverarmos nós na construcção de viaturas d'atrelagem animal, dispendendo dinheiro e difficultando cada vez mais a adopção dos melhoramentos que a sciencia vem indicando.

Dos 130 contos que o orçamento do corrente anno consigna para a construcção de viaturas e manufactura d'arreios, julgamos que com manifesta vantagem se applicaria uma parte á resolução do problema automobilista no nosso exercito.

---

(1) Como curiosidade, convem dizer que em setembto ultimo havia em Portugal 840 automoveis, assim distribuidos por districtos: — Lisboa, 503; Porto, 148; Braga, 40; Coimbra, 31; Aveiro. 21; Castello Branco, 21; Evora, 14; Santarem, 14; Guarda, 13; Vizeu, 12; Portalegre, 12; Leiria, 6; Villa Real, 3; Beja, 1; Vianna do Castello, 1.

*

Parece-nos conveniente e opportuno coordenar algumas das noticias que sobre a applicação dos automoveis aos serviços militares veem de ha tempos sendo publicadas na imprensa estrangeira.

Canalisando-as, por assim dizer, para uma revista que tem larga acceitação no nosso exercito, nós procuramos dar áquelles que não teem acompanhado este notavel movimento uma ideia approximada do estado em que a questão se encontra nos diversos paizes, e determinar ao mesmo tempo uma corrente favoravel á obtenção entre nós d'um melhoramento que já hoje é considerado lá fóra como indiscutivel.

França. — Começaremos pela França, que se arroga a invenção do automovel, embora a Allemanha lhe dispute essa honra.

As primeiras experiencias officiaes foram feitas em 1901 e provieram d'um invento do coronel Rénard, que permittia a ligação das viaturas do trem regimental, de forma a poderem ser tiradas por um automovel. O trem moveu-se bem nas estradas, ainda mesmo nas mais sinuosas e executou facilmente as mudanças de direcção, até em angulo agudo (1).

Por occasião da viagem do estado maior, em junho de 1902, foram utilisados, por ordem do ministro, alguns automoveis requisitados na area da 12.ª região. Os seus proprietarios receberam, além d'uma indemnisação fixa de machina, de 0fr,86 por cavallo e por dia, uma indemnisação kilometrica de 0fr,026 por cavallo (2).

Ainda nas manobras d'outomno d'esse anno se fez uma larga applicação dos automoveis no serviço de subsistencias, cada um dos quaes rebocara um certo numero de viaturas. Cada comboio, composto de 4 viaturas, podia transportar sobre uma estrada, em condições regulares, 30 toneladas de viveres com uma velocidade de 15 kilometros á hora.

O relatorio apresentado por uma commissão especial nomeada para dar parecer sobre a experiencia, realisada pela primeira vez em terrenos montanhosos, pronunciou-se pela certeza dos excellentes resultados colhidos (3).

Depois d'isso, em todas as manobras se teem utilisado os automoveis. Em 1907 foi aberto um concurso d'automoveis para o exercito, mas só 30 % dos concorrentes satisfizeram ás provas.

No corrente anno, os estudos e experiencias multiplicam-se, principalmente depois de conhecidos os resultados do recenseamento dos animaes de tiro.

A instrucção ministerial provisoria, de que atraz fizemos menção, regulando o emprego dos automoveis no exercito em tempo de paz, admitte duas cathegorias de viaturas — viaturas de passeio — *omnibus* de transporte e camions (4).

Para se poder determinar o modelo de viaturas que dê melhor rendimento, tsansportando o maximo de peso util para o menor peso morto e assegurando ao mesmo tempo uma marcha

(1) «France militaire». — (2) Idem, 1902. — (3) Idem, 1903. — (4) Idem, 1908.

regular, o Automobile Club de France abrira este anno um concurso patrocinado pelo ministerio da guerra, e que se realisou de 1 a 31 de março sobre as estradas do Norte e de Leste (1).

O concurso abrangia duas provas — uma de resistencia e outra de consumo. A primeira, eliminatoria, comprehendia 23 étapes de 130 a 200 kilometros, segundo as cathegorias das viaturas. A segunda devia ter logar sobre o precurso Auxerre-Fontainebleau, ou sejam 112 kilometros.

O resultado foi que dos 36 automoveis para grandes pesos que concorreram, 24 chegaram sem desqualificação, o que elevou a 70 % a percentagem que no concurso anterior apenas fôra de 30 %.

O novo regulamento dos serviços de 2.ª linha, prevê já o emprego dos automoveis, em substituição parcial ou total dos comboios auxiliares ou eventuaes (2).

O mesmo regulamento trata da organisação dos comboios automoveis, constituidos por viaturas para grandes pesos, mobilisados sobre certos pontos do territorio e reunidos depois na zôna dos exercitos: Estes comboios devem comprehender em regra:

1.º — As viaturas necessarias ao transporte d'um dia de viveres e d'um lote de munições para o conjuncto do exercito ou para um ou varios dos seus corpos d'exercito;

2.º — *Omnibus* automoveis para o transporte de pessoal e para a evacuação de doentes e feridos, etc.

Uma tentativa que se fez com todo o exito foi a do reabastecimento em carne fresca por viatura automovel nas grandes manobras d'este anno, e que foi realisada pelo 9.º corpo d'exercito.

Esta viatura, inteiramente fechada, precedia o rebanho do corpo d'exercito e carregava normalmente 2.500 kilos ou sejam 6.250 rações de manobra.

Todos os dias, apoz o abate do gado, a viatura fazia uma étape de 100 kilometros em média para levar a carne aos regimentos mais afastados.

Um dia houve mesmo em que a viatura automovel poude reabastecer todo o corpo d'exercito, mais de 20.000 rações, entre as 5 horas da tarde e as 6 horas da manhã (3).

D'esta experiencia, que foi deveras interessante e de que se colheram excellentes resultados, parece concluir-se que uma viatura automovel adstricta a cada rebanho divisionario permitte assegurar o reabastecimento diario em carne de toda a divisão, com os effectivos de guerra, profundidade de columna e extensão dos acantonamentos.

A administração militar poderia deixar o rebanho á retaguarda, abatel-o nas circumstancias mais favoraveis e hygienicas e compensar as demoras que o serviço assim occasiona pela maior velocidade na distribuição.

A viatura de que vimos fallando foi construida pela casa Berliet, sob as indicações do sub-intendente Nony.

E' dotada d'um forte ventilador que facilita a entrada do ar no meio da consideravel massa de carne.

---

(1) «France militaire», 1908. — (2) «Services de l'arrière» du 15-3-1908. — (3) «France militaire», 1908.

Ao mesmo tempo que se vão fazendo estudos sobre o material, vae-se procurando tambem obter pessoal habilitado.

Assim, vão ser installados dois ou tres cursos por anno para conductores d'automoveis, na direcção de artilheria, em Vincennes, cursos que terão a duração maxima de 3 mezes e comprehenderão uma parte theorica e outra pratica. No fim do curso, os alumnos receberão um diploma e uma informação sobre a sua aptidão profissional como *chauffeurs* (1).

Italia. — O exercito italiano empregou pela primeira vez os automoveis nas manobras de 1903. Os que foram postos á disposição do estado maior prestaram excellentes serviços, mas os que se destinaram aos serviços administrativos não deram resultados apreciaveis (2).

Todavia, o automobilismo militar foi successivamente tomando incremento. Em 1905 foi constituida uma sociedade com o fim de organisar o automobilismo e cyclismo voluntario para auxiliar a defeza nacional. Esse organismo, o corpo nacional dos voluntarios cyclistas e automobilistas (V. C. A.) está officialmente reconhecido pelo governo e collocado sob a alta direcção do ministerio da guerra. Comprehende uma secção automovel de recrutamento nacional e é encarregado de preparar, em vista da defeza do paiz, unidades cyclistas e automobilistas (3).

Em 1906 foi creada em Roma e aggregada ao batalhão de caminhos de ferro uma secção especial d'automibilistas militares.

As praças incumbidas da conducção dos automoveis devem seguir um curso d'instrucção dirigido pelo commandante do mesmo batalhão, curso que abrange dois periodos, sendo o primeiro effectuado n'uma das fabricas nacionaes d'automoveis e o segundo no destacamento da batalhão do caminhos de ferro em Roma (4).

Nas manobras de 1907, entraram 19 camions automoveis e está-se organisando a tracção mechanica para os serviços da retaguarda.

Russia. — Não temos conhecimento de quaesquer experiencias realisadas na Russia, mas sabemos que encommendou em França a construcção de 20 automoveis blindados (5).

Suissa. — Durante as manobras do outomno de 1902 fizeram-se experiencias tendentes a esclarecer a utilisação militar dos automoveis, empregando-se 5 viaturas, sendo 3 modelo Peugeot, uma Panhard e Levassor e outra Daimler, com forças entre 8 e 12 H P. Todas as viaturas prestaram excellentes serviços durante os 14 dias que duraram as manobras (6).

Em 1907, o Departamento militar federal assentou na formação d'um corpo d'automobilistas, de recrutamento voluntario. O alistamento é por 4 annos e durante elles os alistados sujeitar-se-hão a cursos especiaes.

Os candidatos ao alistamento, que podem ser chamados ao

---

(1) «France militaire», 1908. — (2) «Revista militar», 1908. — (3) Dec. de 19-3-1908. — (4) «Revista militar», 1906. — (5) «Revista militar», da Argentina, 1906. — (6) «Revista militar», 1903.

serviço activo, devem ser de nacionalidade suissa, possuir e conservar em constante estado de servir um automovel de 15 a 35 cavallos e gosam das regalias inherentes aos officiaes subalternos.

As viaturas são avaliadas antes e depois de cada periodo d'exercicios, sendo os seus proprietarios indemnisados de quaesquer prejuizos que elles soffram (1).

Inglaterra. — Quando da guerra do Transwaal, o governo inglez mandou para alli um grande numero d'automoveis destinados ao serviço de transportes. Todos estes automoveis eram de modelo uniforme, podendo transportar 40 toneladas de carga util, além da agua necessaria para o seu funcciomamento durante um trajecto de 27 kilometros.

Estas viaturas atravessaram com a velocidade de 10 kilometros á hora terrenos accidentados, com ravinas, fossos e ribeiras de taludes asperos (2).

Austria-Hungria. — O maior desenvolvimento do automobilismo militar na Hungria accentuou-se em 1906.

N'esse anno, foi creada na 3.ª repartição da commissão militar technica, uma secção automobilista, composta de um official superior, um subalterno e 2 sargentos, a qual foi encarregada de estudar todos os aperfeiçoamentos e invenções referentes ao automobilismo applicado á guerra e de redigir os regulamentos e instrucções respectivas (3).

Creou-se um «curso especial d'automoveis, na fabrica Daimler, para ser formado por um official subalterno e algumas praças dos regimentos do trem, dos depositos do material d'artilheria e dos serviços de subsistencias militares (4)

O «Automovel Club» organisou um exercicio d'autos entre Vienna e Julln, apurando-se que elles podem ser aproveitados vantajosamente no transporte das metralhadoras affectas á cavallaria d'exploração (5).

Officialmente fizeram-se ainda, e com excellente resultado, experiencias com automoveis blindados e armados de peças de tiro rapido (6), e experiencias com viaturas para grandes pesos.

Estas ultimas foram renovadas nas manobras imperiaes de Carinthie, no outomno de 1906.

A' disposição da direcção das manobras foram postos :

1.º Dois trens pesados constituidos cada um por uma caminheira, 5 viaturas de transportes e uma viatura para agua (peso util approximado por trem : 25 toneladas).

2.º — Quatro trens automoveis de benzina, composto cada um por uma viatura motora e duas ou trez viaturas de transporte (peso util : 6 a 8 toneladas por trem).

3.º — Cinco viaturas de benzina para grandes pesos (peso util : 2 a 5 toneladas por viatura).

4.º — Diversos accessorios, principalmente :

a) Para cada um dos tres trens automoveis de étapes, uma viatura ligeira de benzina (peso util approximado : uma tonelada).

---

(1) «Revue militaire Suisse», 1907. — (2) «Army and Navy Gazette», 1900.—(3) «Armceblatt», 1909.—(4) «Revista militar», 1906. — (5) Idem. — (6) «Revista militar», da Argentina, 1906.

Esta viatura servia para o transporte do material necessario aos trens automoveis (benzina em barris, oleos, etc).

b) Oito motocycletas, como meio de transporte para os chefes dos trens d'étapes.

c) Uma especie de *garage* movel, transportando operarios e todos os instrumentos mechanicos necessarios, inclusivé um dynamo accionado pelo motor da viatura.

Affecto ao quartel general do 14.º corpo havia ainda um pequeno destacamento d'artifices para as reparações urgentes.

As experiencias deram bom resultado, mas averiguou-se que os trens pesados de caminheiras iam excessivamente carregados, o que os impediu de vencer em certos pontos (1).

Allemanha. — Em 1902 realisaram-se no campo de manobras de Tempelhof ensaios com um tractor para grandes pesos, construido sobre as indicações do tenente Froost.

O trem comprehendia locomotiva e viatura, transportando o conjuncto 20 toneladas e occupando uma extensão inferior a 20 metros, isto é, offerecia uma reducção de approximadamente $^1/_{10}$ no alongamento dos comboios (2).

Em setembro e outubro de 1907 effectuaram-se experiencias muito importantes sobre o emprego d'automoveis e trens automoveis no transporte de grandes pesos.

As experiencias tinham por fim pôr em fóco as qualidades e defeitos dos differentes systemas de transporte ou de tracção automovel, applicados aos serviços do exercito. Tiveram uma duração de 7 semanas e, para se approximarem das condições em que terão de servir na guerra, collocaram-se as machinas em presença de difficuldades resultantes de fortes inclinações e de pouca viabilidade das estradas.

As experiencias dividiram-se em 3 partes:

1.ª — Percurso do itinerario Berlim-Posen (terreno plano);

2.ª — Participação nas manobras de praça executada em volta de Posen (transporte de munições e viveres);

3.ª — Regresso de Posen a Berlim por differentes itinerarios, passando por Glatz (terreno ora plano, ora accidentado, ora montanhoso).

Segundo o seu modelo, as machinas foram divididas em duas columnas: uma pesada e outra ligeira, com programmas d'ensaios differentes.

As viaturas eram obrigadas a effectuar diariamente os seguintes precursos:

Columna pesada. — Em terreno plano, 60 kilometros; em terreno accidentado, 45 kilometros; em terreno montanhoso, 30 kilometros.

Columna ligeira. — Em terreno plano, 100 kilometros; em terreno accidentado, 80 kilometros; em terreno montanhoso, 60 kilometros.

As conclusões que se tiraram das experiencias realisadas com a columna pesada foram de duas especies:

1.ª — Só um tractor se mostrou apto para satisfazer ás neces-

(1) «Gazette de l'Allemagne du Nord», 1908. — (2) «Revista Militar», 1903.

sidades da guerra — a caminheira Fowler, que em todos os terrenos arrastou sem esforço a carga que lhe estava distribuida.

Sob o ponto de vista economico, ella é tambem muito superior aos outros tractores, por ser relativamente barata e ser facil encontrar agua e combustivel em toda a parte.

2.ª — Dos numerosos incidentes que se produziram no decurso das experiencias, resaltou a necessidade d'affectar aos diversos tractores, conductores habeis que conheçam bem o funccionamento da machina.

Das provas dadas pela columna ligeira concluiu-se que as viaturas munidas de motor de explosão foram as que deram melhores resultados, que as viaturas com dois eixos motores puderam subir todas as inclinações sem esforço e pouca patinagem tiveram em terrenos humidos e escorregadios. Averiguou-se tambem que os motores de 6 cylindros foram os que soffreram mais avarias.

Em resumo, estas experiencias confirmaram a possibilidade da utilisação dos automoveis nos transportes militares (1).

Ainda sobre estas experiencias, um jornal allemão (2) diz que ellas tiveram notavel influencia sobre a attitude que a administração tomou relativamente á legislação sobre transportes, pois que logo em seguida foi publicado um decreto pelo qual os automotores d'um peso que não ultrapasse 7,5 toneladas podem circular sem auctorisação especial em todas as estradas da Prussia. Com esta medida se espera levar a industria e a agricultura á acquisição d'aquellas viaturas, as quaes poderão ser requisitadas pela auctoridade militar em caso de mobilisação.

Por motivo da insufficiencia do effectivo do corpo d'automobilistas voluntarios em relação ás necessidades da guerra e ainda porque póde succeder não estarem os membros voluntarios immediatamente disponiveis no momento da mobilisação, elaborou-se um projecto d'organisação d'um corpo especial d'officiaes automobilistas de reserva, composto por officiaes de reserva aptos para este serviço e recrutados em todas as armas. Esta organisação será ulteriormente completada pela reunião d'uma cathegoria especial de *Benerloubtonstand* de sargentos e soldados que tenham servido no destacamento d'automoveis das tropas de communicações e ainda d'aquelles que na vida civil exercem a profissão de chauffeur (3).

Ao corpo d'automobilistas militares foram já affectos 52 officiaes de reserva, os quaes terão de dirigir os camions automoveis que, em 1909, deverão assegurar o reabastecimento em viveres e munições das tropas de campanha (4).

Em fevereiro do corrente anno iniciaram-se em Harz experiencias com automoveis para grandes pesos, experiencias que foram interrompidas com o pretexto de que as neves começavam a fundir n'esse momento (5).

Compenetrada a administração militar allemã da impossibilidade de constituir, por meio de compra, um parque d'automoveis

---

(1) «Revue des armèes étrangères», 1908. — (2) «Allgemeine Automobil», Zeitung, 1908. — (3) «Revue des armées étrangères», 1908. — (4) «France Militaire», 1908. — (5) «Revue des armèes étrangères», 1908.

para grandes pesos capaz de satisfazer ás exigencias da mobilisação, não só pelos enormes capitaes que essa compra demandaria, accrescidos de grandes despezas de conservação, como tambem porque os modelos adquiridos se tornariam dentro em pouco antiquados pelos progressos constantes que o automovel está soffrendo, resolveu tornear a difficuldade por um processo de que conta colher valiosos resultados.

Esse processo é o de subvenções, com que a administração militar espera provocar uma forte eclosão d'emprezas de transporte por automoveis, dirigindo-a ao mesmo tempo de forma que o exercito d'ella tire as maiores vantagens.

O orçamento de 1908 consigna já para esse fim um credito de 8:000 marcos (ou seja 1:800$000 réis) com que serão subvencionados os individuos que exploram os automoveis para grandes pesos, aptos ás necessidades do exercito, comtanto que se obriguem a conserval-os durante 5 annos em estado de satisfazer a essas necessidades e a fornecel-os ao exercito em caso de mobilisação.

Segundo a imprensa allemã, o detalhe d'estas subvenções e as condições que a administração militar exige são as seguintes (1):

1.º — *Premios para a construcção e exploração de viaturas e premios relativos ás materias primas*

a) Premio de compra, pago por uma vez (2) para cada viatura: 4:000 marcos pagos em seguida á compra.

b) Premio d'exploração (3) para cada viatura, para uma duração de 5 annos, a pagar no fim de cada anno d'exploração: cerca de 1:000 marcos.

c) Premio de materias primas, para favorecer a producção indigena: o montante do premio é fixado pela administração militar.

Todo o industrial (fabrica, empreza d'exploração, individuo) que quizer servir-se dos automoveis para grandes pesos e obter os premios da administração da guerra deve, antes d'adquirir a viatura, dirigir um pedido ao ministro, o qual decide se deve ser concedida a subvenção, concluindo-se então um contracto com o peticionario.

2.º — *Outros premios*

A administração reserva-se a attribuição de outros premios em certos casos, como por exemplo:

Invenção de processos de construcção de viaturas que sejam economicamente superiores ás viaturas de tracção animal.

Creação d'um mercado ou organisação de explorações susceptiveis de generalisar no paiz o uso dos automoveis para grandes pesos e de secundar n'este sentido as intenções da auctoridade militar.

Afim de favorecer a construcção de viaturas aptas para o serviço de guerra, a administração tem a intenção de levar os

(1) «Revue des armées ètrangeres» — 1908.

(2) Estes numeros applicam-se ás viaturas de 30 H P; para as machinas mais fortes e que melhor correspondam ás necessidades, estes numeros são augmentados.

constructores a constituirem sociedades d'exploração, a creal-as ella mesma ou a tomar uma participação nos seus negocios, com a condição de que o capital e a organisação d'essas sociedades lhe offereçam todas as garantias.

As explorações com varios automoveis terão a preferencia sobre aquellas que apenas disponham d'um vehiculo.

Todas as viaturas devem ser construidas na Allemanha, sendo a administração militar o unico juiz para decidir se um typo de viatura póde ser considerado como apto ás necessidades da guerra.

A administração reserva-se ainda o direito de varias vezes no anno se assegurar da aptidão da viatura para o serviço do exercito.

Condições para a construcção de trens ligeiros aptos para o serviço de guerra

A — Condições militares:

a) O trem deve comprehender um automovel para grandes pesos e um reboque. O primeiro deve poder transportar, pelo menos, 4 toneladas de peso util e puxar o reboque, que deve carregar 2 toneladas.

b) A velocidade maxima deve ser inferior a 12 kilometros á hora com rodas chapeadas de ferro, a 16 kilometros com rodas de cautchouc.

c) O trem deve poder subir rampas de $^1/_8$.

d) O aprovisionamento em combustivel deve chegar para um trajecto de 250 kilometros (viaturas a vapor, 80 kilometros).

e) A *carrosserie* deve ser construida de fórma que a capacidade de transporte possa ser sufficientemente utilisada para mercadorias leves ou pesadas.

f) O espalho deve ser até 1m,70. O afastamento dos eixos deve permittir o fazerem-se todas as curvas.

g) O ponto mais baixo para o carregamento completo deve estar, pelo menos a 0m,28 acima do solo.

h) O pessoal de serviço deve poder ser abrigado do mau tempo.

B — Condições technicas:

a) Viatura motora — motor de, pelo menos, 30 cavallos, construido segundo os ultimos aperfeiçoamentos, facilmente accessivel nas suas partes principaes, não aquecendo demasiado mesmo nos grandes trajectos e offerecendo uma completa segurança d'exploração, até no inverno. Dispositivo do freio dando toda a garantia á viatura e ao seu reboque.

b) Reboques — com um peso proprio tanto quanto possivel reduzido, transportar um peso util de, pelo menos, 2 toneladas, offerecer dispositivos d'atrelagem (a 0m,85 do solo) taes que permittam adaptar-lhe a tracção animal ou ainda um novo reboque, freios e dispositivo de travões, dando toda a garantia.

Este appelo da administração militar allemã foi devidamente comprehendido por todas as casas constructoras, sendo já em grande numero os pedidos feitos.

27 - 10 - 1908.

A. David Branquinho
Tenente d'administração militar.

BIBLIOGRAPHIA

Historia militar universal, por *J. Correia dos Santos*, major de infanteria.

Já a nossa *Revista* publicou um extracto d'este valioso trabalho historico encetado pelo nosso prezado amigo, sr. major Correia dos Santos. O trabalho a que agora nos estamos referindo é o primeiro fasciculo dos oito volumes de que constará toda a obra.

O fasciculo que temos presente é iniciado por um extenso prologo em que o seu auctor põe em relevo a importancia dos estudos historicos, mostrando pela forma como o faz, ao par d'um profundo conhecimento d'essa sciencia, um raro poder de investigação e critica, tão necessarios a todos os que se dedicam a trabalhos d'esta natureza. A historia sem critica é como uma flôr sem aroma. Mas aquelle nosso illustre camarada, tratando o assumpto com um estylo aprimorado e tirando as illações que a analyse e o judicioso encadeamento dos factos permittem, deu ao seu trabalho uma feição attrahente e empolgante mesmo.

Alem do prologo, onde esboça tambem o plano da sua obra, trata o primeiro fasciculo da historia do Egypto, Assyria e Chaldeia, India, Carthago e Persia e a cada um d'elles dedica um capitulo especial sobre seus limites e confrontações, e estudando com notavel criterio as suas castas, familias e religiões, descreve tambem a sua educação, espirito e preparação militar, a sua organisação, tactica e composição dos seus exercitos, o que faz com accentuado desenvolvimento.

Felicitando o nosso amigo e camarada, muito desejamos que a sua obra seja levada a cabo com os auspicios com que foi iniciada.

Caçadores 5 d'El-Rei, pelos tenente *Eurico de Sampaio Saturio Pires* e alferes *Ernesto Gonçalves Amaro.*

Os nomes d'estes distinctos officiaes já são conhecidos dos nossos leitores, quer pela sua collaboração com que têem honrado as paginas d'esta *Revista*, quer pelas noticias bibliographicas de trabalhos seus que aqui tem sido dadas. São dois officiaes novos, animados da melhor vontade, trabalhadores como poucos e dois camaradas distinctos.

A obra por elles agora publicada é a historia do batalhão de caçadores n.º 5 desde a sua creação até hoje, mas historia completa, detalhada, cheia de vasta documentação e illustrada com os retratos dos seus commandantes honorarios, El-Rei D. Carlos e D. Manuel, e commandantes effectivos dos ultimos tempos, e com excellentes desenhos, devidos á penna habil do sr. Saturio Pires, dos uniformes d'aquelle batalhão desde o seu inicio até ao uniforme actual, o que constitue um valioso subsidio para a reconstituição historica dos uniformes do exercito portuguez que, infelizmente, ainda não está completa.

Todas as phases porque passou aquelle batalhão no agitado seculo XIX, reorganisações que soffreu, localidades que occupou, marchas que fez, combates em que entrou e papel que desem-

penhou e mesmo a influencia que teve no desenrolar dos diversos acontecimentos politicos que se deram, são minuciosa e escrupulosamente descriptos por aquelles nossos prestimosos camaradas. Quem se der ao encommodo de lêr esse trabalho não fica pois sabendo só a historia do batalhão de caçadores n.º 5, mas tambem orientado sobre a marcha geral da politica portugueza, e especialmente na parte que diz respeito ás invasões francezas e campanhas da liberdade.

Aos nossos camaradas os nossos agradecimentos e sinceras felicitações.

Guia pratica dos commandantes dos destacamentos e diligencias de infanteria e cavallaria, por *Eduardo Ferreira Vianna*, ajudante do regimento de infanteria n.º 2.

E' este o livro que deve estar sempre na mala de todo o official e sargento que tenha de fazer destacamentos e deligencias, porque n'elle se encontram compendiados e methodicamente descriptos todos os variados assumptos de serviço e administração que n'esses serviços precisam ser tratados. O nosso illustre camarada, sr. tenente Ferreira Vianna, fazendo uma segunda edição completamente melhorada, refundida e posta em dia do seu primeiro trabalho n'este sentido publicado prestou um valioso serviço ao exercito porque não se dispondo d'um pequeno manual onde se esclareçam os diversissimos serviços que nos destacamentos é necessario desempenhar difficilmente poderão elles correr com a regularidade que é necessario e conveniente. E o livro a que nos estamos referindo está coordenado com um tal methodo que para resolver a mais insignificante difficuldade que appareça ou esclarecer qualquer duvida que se apresente, pois que a memoria não pode reter tudo, bastará lêr o indice e seguir as suas indicações para encontrar os extratos regulamentares em que os diversos assumptos são tratados ou os modelos que são exigidos.

Ao nosso camarada muitos agradecimentos e felicitações pelo seu util trabalho que sem duvida terá o acolhimento lisongeiro que merece.

Secção do extrangeiro

Austria Hungria. — *Soldos dos officiaes.* — Em 1 d'outubro ultimo começou a vigorar a nova tabella de soldos dos officiaes que anteriormente tinha sido discutida no parlamento. O augmento é consideravel, como se vê pelas cifras que passamos a indicar, mas deve-se porem notar que ainda não é tudo, porque alem d'aquelles soldos nitidos, teem os officiaes austro-hungaros subsidios especiaes de alimentação e residencia variaveis com as guarnições, o que muito lhes beneficia a sua situação. As tabellas expressas em francos, são as seguintes:

Coronel: soldo antigo, 7:560; soldo actual, primeira metade 8;400; segunda metade 7:560 francos.

Tenente-coronel: soldo antigo, primeiro quarto 6:300, tres

quartos restantes 5:670: soldo actual; 1.ª metade 6:510, segunda metade 5:670 francos.

Major: soldo antigo 4:200; soldo actual; 1.ª metade 5:040; segunda metade 4:620 francos.

Capitão: soldo antigo, com 14 annos, 3:780; com 9 annos 3:402; com 4 annos 3:150; capitão de 2.ª classe 2:520: soldo actual; com 15 annos 4:620; com 12 annos 4:200; com 9 annos 3.780; com 6 annos 3:570; com 3 annos 3:360; durante os tres primeiros annos 3:150 francos.

Tenente: soldo antigo 2:142: soldo actual; com 9 annos 2:940; com 6 annos 2:730; com 3 annos 2:520; durante os tres primeiros annos 2:310 francos.

Alferes: soldo antigo 1:764; soldo actual; com 6 annos 2:100; com 3 annos 1:890; nos tres primeiros annos 1:764 francos.

Se por estas cifras se vê que os soldos foram augmentados consideravelmente, tambem se observa que se attendeu ao principio do soldo proporcional ao tempo de serviço, que foi estabelecido d'uma forma tão absoluta que um capitão com 15 annos de serviço tem o mesmo vencimento que um major. E por esta forma se pode recompensar por um processo monetario aquelles que devido a fluctuações dos seus quadros se encontram retardados na promoção, sendo por consequencia aquelle processo muito recommendavel. Entre nós ha tambem estabelecido o principio de vencimento por diuturnidade, mas prescripto d'uma fórma tão defeituosa que não lança no exercito a justa recompensa estabelecida pelo soldo proporcional.

Japão. — *Processos tacticos.* — Um jornal allemão fazendo o estudo das manobras imperiaes japonezas descreveu por uma fórma tão nitida os processos empregados pelas differentes armas que a sua apreciação tem sido transcripta por toda a imprensa militar europeia. Pela nossa parte transcrevemos as apreciações sobre a infanteria.

Os traços caracteristicos do combate da infanteria, diz o critico d'aquelle jornal, cuja technica não mudou sensivelmente depois da guerra, são:

No ataque — reconhecimento exato e preciso da posição inimiga e do terreno d'ataque; posição inicial fóra do raio d'acção inimiga; reforçamento technico d'esta posição; execução viva, energica e decidida do ataque desde a posição inicial até ao assalto; avanço por lanços ao passo de carreira em terreno descoberto; lanços largos, abertura do fogo perto do inimigo (sobre tudo quando o terreno o permitta); fogo individual e por descargas sobre a artilheria.

Na defensiva — escolha habil da posição; emprego intenso dos meios technicos para reforçar a posição; avaliação das distancias e organisação de croquis com as distancias; comprimento das linhas de trincheiras mais extensas do que o necessario para abrigar as forças immediatamente disponiveis; installação na posição desde o principio de todas as forças de primeira linha; contra-ataque partindo da frente desde que o inimigo chegar a pequena distancia.

No emprego das reservas — tanto no ataque como na defeza, não se deve distrahir senão um limitado numero de reservas, que se deve substituir rapidamente.

Destacamentos de metralhadoras. — Cada regimento, diz ainda o mesmo jornal allemão, foi dotado durante as manobras, a titulo d'ensaio, d'um destacamento de metralhadoras. As metralhadoras foram empregadas tanto no ataque como na defensiva e serviço de segurança. Nunca foram empregadas isoladamente, mas quasi sempre por grupos de 4 a 6 metralhadoras. Durante as marchas foram adjuntas á guarda avançada. No ataque foram empregadas na linha d'atiradores, sendo transportadas para este effeito por tres soldados que as seguravam pelos ramos do tripé, executando assim os mesmos lanços e estabelecendo-se na linha d'ataque e rompendo o fogo ao mesmo tempo que a linha geral. Na defensiva foram estabelecidas ou na linha principal da defeza ou em pontos mais á retaguarda devidamente escolhidos e preparados de fórma a occultarem os serventes. Segundo a situação do combate, as mudanças de posição eram frequentes, sendo sempre a ideia dominante occultar quanto possivel a posição que se occupava.

Segundo o espirito do novo regulamento de metralhadoras, nunca foram empregadas no apoio da artilheria, mas sempre como infanteria concentrada. O seu emprego foi sempre muito habil n'este sentido; a apparição d'uma fracção inimiga extensa ou em formação densa era sempre saudada pelo crepitar das metralhadoras.

Inglaterra. — *O seu exercito.* — A deficiencia do exercito inglez é quasi que uma coisa tradiccional. O actual ministro da guerra, sir Haldane, a pretexto de uma reorganisação das tropas de milicia em uma reserva especial formada por voluntarios, reduziu o exercito permanente de 20:000 homens, deixando-lhe um effectivo total pouco mais do que o necessario para fazer as guarnições da India e o vasto imperio colonial. Encontrando-se portanto o Reino Unido defendido apenas pela esquadra, se esta fosse mal succedida em uma operação maritima, um inimigo ousado poderia invadir todas as ilhas.

O marechal Roberts salientando este perigo na camara dos *lords* nos ultimos dias do mez de novembro, foi até mais longe, pois que admittiu a possibilidade d'uma surpreza feita pelos allemães desde que recorressem a uma mobilisação secreta e se contasse com o auxilio de 80:000 allemães que vivem no Reino Unido. E partindo d'esta possibilidade disse que era necessario que a Inglaterra fosse dotada com um exercito mobilisavel de um milhão d'homens e n'este sentido foi approvada uma moção por elle apresentada. Se a ideia vingar, como de resto parece, pois ha uma forte corrente n'aquelle sentido, dentro de poucos annos terá a Inglaterra um dos exercitos mais poderosos da Europa.

12.º ANNO FEVEREIRO DE 1909 N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A infanteria e o generalato

O generalato constitue a cupula de todo o grande edificio militar, e a ascensão a esse ponto mais elevado da hierarchia a suprema ambição de todo o official. Não é, porém, sob o ponto de vista de aspirações, limitado e restricto, embora legitimo e natural em extremo, que nós encararemos esta questão. Não são nem as aspirações nem ambições d'essa ordem que nos demovem e nos levam a tratar este assumpto, precisamos accentuar, mas considerações de natureza muito diversa e até mais alevantadas, como são as da justa equidade e verdadeira egualdade na distribuição de direitos entre todos aquelles que estão nas mesmas condições, considerações estas que não sendo respeitadas e integralmente cumpridas não só desrespeitam direitos, roubam interesses, e matam legitimas aspirações, mas até offendem a propria moralidade. Se as leis de excepção são odiosas, as leis militares que não respeitam os interesses das armas e que não attendem ás conveniencias dos proprios serviços, sendo desmoralisadoras, como é a actual lei da promoção ao generalato,

chegam até a ferir a disciplina da collectividade e a honra das classes offendidas.

E de que assim succede com a actual lei de promoção do generalato é bem facil de provar. Sob o ponto de vista dos interesses do Estado e da propria collectividade — exercito — a primeira razão a attender é, sem duvida, o bom e regular funccionamento dos seus serviços. Essa regularidade, é incontestavel, não se pode obter presentemente, porque tendo o exercito, segundo as suas leis organicas, 12 brigadas de infanteria e apenas 7 generaes provenientes d'esta arma, evidentemente, com magua o dizemos, continua a faltar a esta grande unidade, brigada, o seu commandante idoneo. E esta razão é tão imperiosa que a organisação e constitição dos altos commandos em todas as nações constitue um assumpto de estudo meditado e alta ponderação. Entre nós, porém, ou por leviandade, o que é censuravel, ou com o intuito de lesar a nossa arma ou de favorecer outras, o que é merecedor de recriminações, resolveu-se o assumpto tirando á infanteria os generaes que além de lhe deverem ser privativos, se lhes tornam necessarios para o commando das suas brigadas constitutivas. E faltando á arma esses organismos de commando, os seus serviços não poderão correr com a regularidade que as necessidades exigem, que o paiz espera e que o proprio brio militar reclama.

E a identicas conclusões chegaremos encarando a questão sob o ponto de vista da moralidade e da disciplina. Sob este ponto de vista preferimos, comtudo, ser laconicos o mais possivel porque as conclusões que d'ahi se podem tirar são em extremo intuitivas. Diremos, não obstante, que quando os direitos são postergados, o desanimo e desalento se apodera em breve de todos, e, sendo depois substituidos pela descrença, passará esta a lavrar pela arma offendida como a gangrena pelo corpo humano. E se esta mata, corrompendo, aquella aniquilla desmoralisando. Ora, se uma causa morbida se evita e se cura com a intervenção d'um medico habil, a outra desapparece tambem com a simples intervenção d'uma medida equitativa, justa, racional e pratica. E' isso o que pedem todos os militares que se dedicam de coração e alma á profissão que abraçam; é isso o que solicitam todos os militares que aspiram a ver o seu exercito regulado por leis que sem offensa de brios nem interesses lhes permitta um cabal desempenho da sua ardua missão; é isso o que

pedem todos aquelles que teem a sublime aspiração de ver o exercito alheiado de favoritismos e de leis menos justas; é isso, finalmente, o que precisa o paiz e a grande familia militar para haver a justa harmonia entre todos e a necessaria cohesão das differentes armas e serviços, quer na paz, quer na guerra.

O generalato não pode ser o apanagio nem de armas nem de individuos. Se os quadros são uma funcção das unidades componentes de cada arma e dos serviços que lhe são privativos, o generalato, que é um quadro como qualquer outro, não pode nem deve deixar de obedecer áquella regra. Em nação alguma se deixam as brigadas, todas ou quasi todas, d'uma arma sem commando para augmentar o numero de generaes a outra. Não ha nada que permitta isso porque seria um attentado ás leis da necessidade e da organica militar, porque uma brigada sem commando seria o mesmo que um corpo sem cabeça. Entre nós para supprir esta falta recorre-se aos *soi disant* brigadeiros, mas isso não passa d'uma mystificação que offende a arma e prejudica os serviços; offende a arma porque é a prova evidente de que não se lhe dão os generaes que lhe pertencem de direito e de facto; e prejudica os serviços porque, independentemente das merecimentos, os galões de coronel não lançam sobre a tropa, como é necessario a todos aquelles que occupam os mais altos cargos da hierarchia militar, o brilho das estrellas e dragonas de general.

E para evidenciar a razão que nos assiste não nos serviremos simplesmente das palavras e argumentos que possuimos, mas recorreremos tambem a opiniões extrangeiras que não poderão ser consideradas suspeitas nem influenciadas pelo nosso meio. E começaremos por um paisano, o deputado francez, M. Messimy, que é o actual relator da lei de quadros que o ministro da guerra de França apresentou ao parlamento. Escrevendo ha pouco tempo M. Messimy um artigo na *France Militaire* sobre aquella lei e as necessidades de cada arma, exprime-se, com relação á infanteria, da seguinte forma: — «Mas a arma principal, a infanteria, deve antes do que qualquer outra constituir o objecto das preoccupações do legislador. A decadencia das nações militares coincidiu sempre com a decadencia da sua infanteria».

E, passando adeante sem fazer considerações a este respeito, porque isso nos levaria muito longe, vamos

indicar a opinião d'um general distincto que, apesar de extrangeiro, bem conhecido é no nosso meio militar. Referimo-nos ao general Langlois, o creador do papel da artilheria de tiro rapido e o escriptor abalisado que em dois livros, ainda não muito antigos, definiu a evolução da tactica moderna. Este general tem assento no Senado francez e discutindo no mez passado a reorganisação da artilheria franceza, que ultimamente foi approvada, nas suas muitas considerações sobre o papel de cada uma das armas, teve a seguinte phrase, que bem mostra a sua imparcialidade e um profundo conhecimento das necessidades d'um exercito bem organisado e constituido: — «A infanteria será sempre a arma da victoria, e a favor da qual todas as outras devem trabalhar».

Confrontem-se agora aquellas affirmações com a orientação que entre nós se tem seguido com relação á nossa arma e ver-se-ha, (como é triste dizel-o!!) que seguimos exactamente o caminho contrario, tirando-se-lhe o que lhe pertence e negando-se-lhe até aquillo que mais essencial é para a sua propria existencia e regular funccionamento, como são os generaes, que na paz a dirigem e na guerra a commandam. E ella sem commando será como um corpo sem olhos ou um organismo sem vontade. Mas a nossa arma, é necessario que se diga, comprehende no mais alto grau a noção do seu dever e tem a mais esclarecida comprehensão das suas obrigações, e desejando cooperar para o engrandecimento do exercito e bem estar e prosperidade da nação a que pertence, não se poderá jámais conformar com um tal estado de coisas e pede simplesmente se lhe faça justiça.

(Continua).

Pistola automatica portugueza

Ha annos já foi escolhida para o nosso exercito a pistola automatica *Borchardt-Lueger*, conhecida no commercio por *Parabellum*, então reputada como a melhor. Hoje ainda, incontestavelmente ella, é superior ás suas congeneres e tem sido adoptada em muitos paizes para substituir o revolver e, em alguns casos, a carabina.

Estando para breve a sua distribuição entre nós, pois

que está já sendo recebida, parece-nos conveniente dizer alguma cousa sobre o que ella é e o que vale.

O modelo actualmente fabricado é já melhorado relativamente ao modelo de 1904, não em cousas capitaes, mas em pequenos detalhes de construcção que convem tanto aos fabricantes como aos que com ellas teem de se servir.

E' este ultimo que descreveremos, ainda que muito ligeiramente, para elucidar os nossos camaradas da pistola de que em breve terão de se utilisar.

São actualmente dois os calibres com que se fabricam e que teem as seguintes caracteristicas:

	Cal. 7,^{mm}65	Cal. 9,^{mm}0
Comprimento da pistola	235,0	217,0
Altura	135,0	135,0
Comprimento da linha de mira	213,3	196,0
» do cano	120,0	102,0
Passo das estrias (dextrorsum)	250,0	250,0
Profundidade das estrias	0,125	0,125
Largura das estrias	3,1	2,5
Numero » »	4	6
Peso da pistola	835^{gr}	835^{gr}
Peso do carregador	55^{gr}	55^{gr}
Comprimento total do cartucho	29^{mm},8	29^{mm},0
Peso total do cartucho	10^{gr},5	12^{gr},5
Peso da carga de polvora sem fumo	0,35	0,35
Peso da bala com camisa	6,0	8,0
V 10	350^{m},0	310^{m},0
Energia a 10^{m}	37^{kg},46	39^{kg},18
Maximo alcance com angulo de elevação respectivamente de 27°,30′ e 30°,30′	1800^{m},0	1500^{m},0
Penetração:		
A 50^{m} em madeira de pinho	160^{mm}	140^{mm}
A 50^{m} » »	70	50
Dispersão:		
A 50^{m} em altura	11^{cm},	13^{cm},0
A 50^{m} em largura	7,0	9,0
A 100^{m} em altura	26,0	31,0
A 100^{m} em largura	18,0	22,0
A 200^{m} em altura	68,0	80,0
A 200^{m} em largura	52,0	64,0

O funccionamento d'esta arma é fundado exactamente no mesmo principio que o da nossa metralhadora; o recuo é a origem de alguns movimentos (extracção ejecção e armar o percutor) e a mola recuperadora, a de outros

(carregamento e obturação). Estes cinco movimentos são todos automaticos e succedem-se a cada percursão provocados por *cada* persão sobre o gatilho.

A obturação é magnifica. Uma joelheira mantem sempre o ferrolho contra o cano, formando os seus dois ramos um angulo extremamente obtuso com o vertice para baixo. Quando o cano recua, impelle comsigo a joelheira e ferrolho, até que a bala sae do cano; só a seguir e em virtude de guias salientes na parte posterior da caixa da culatra é que a joelheira dobra, extraindo o cartucho, que, encontrando o ejector, é expellido para o exterior. Garante-se assim o completo aproveitamento dos gazes para a impulsão do projectil ao mesmo tempo que uma obteração perfeita.

A extracção e ejecção são tambem seguras.

O carregamento é infallivel sempre que o carregador seja levado ao seu logar.

O punho, que sustenta o berço onde escorrega o cano e caixa da culatra, é vasado para alojar o carregador. Este, que consiste n'uma caixa metallica rectangular alongada, contem dentro uma mola com um elevador, tendentes a manter sempre no ponto mais elevado um cartucho, contra duas ligeiras saliencias do mesmo carregador. Quasi toda a base do cartucho fica livre afim de no movimento de avanço do ferrolho ser desalojada do carregador e por aquelle introduzido na camara.

A percussão é boa tambem.

Para preparar a arma para o tiro basta, empunhando-a *bem* com a mão direita depois de lhe introduzir no punho completamente um carregador carregado, puchar com a mão esquerda a culatra para a retaguarda, pelos botões serrilhados onde se aloja o eixo da joelheira, abandonando-o a seguir.

O ferrolho passa por cima do cartucho depois de comprimir a mola do percutor e introduz aquelle na camara. Basta puchar o gatilho, com a *pistola bem empunhada*, para que o tiro parta, o envolucro seja extrahido e ejectado, o percutor armado novamente e outro cartucho introduzido na camara.

Emquanto houver cartuchos no deposito estes vão sempre tomando logar na camara depois de disparado o anterior.

A pistola está, pois, sempre *carregada*.

Este facto torna a arma extremamente perigosa em todos os casos. Por isso possue ella duas seguranças: uma automatica e outra mechanica.

A segurança automatica é obtida por meio de uma peça que se oppõe permanentemente a que o percutor se solte de dentro do detentor. Sómente quando se empunha *bem* a pistola essa peça se recolhe, permittindo a percussão quando se puche o gatilho.

Esta peça obsta ainda a que se abra a culatra quando a pistola não esteja *bem* empunhada e por isso se torna indispensavel para fazer o fogo que ella seja *bem* empunhada; isto é, que se faça recolher com a mão a peça que garante a segurança automatica.

A segurança mechanica é conseguida por meio de outra peça situada á esquerda e na parte superior e posterior da pistola terminando n'um botão serrilhado, que traz a peça da segurança automatica, não permittindo o tiro de forma alguma.

Para prevêr comtudo a qualquer accidente e apezar d'estas duas formas parecerem tornar a arma segura, é conveniente, sempre que seja possivel, retirar o carregador, o cartucho que está na camara, disparar sem cartucho e introduzir novamente o carregador. A arma arma-se n'um momento e a mola do percutor não esteve em grande tensão.

(Continua).

Infanteria n.º 27

As suas mais urgentes necessidades

Tendo findado ha pouco uma inspecção ao armamento, equipamento, correame e demais material de guerra d'este regimento, e dizendo-se á bocca pequena que está para breve outra inspecção geral ao dito corpo, não será descabido dizer-se duas palavras, a corrêr, ácerca do referido material e d'algumas necessidades materiaes mais urgentes do 27.

*

O nosso correame e equipamento são de modelos quasi immemoriaes. Modelos de 1859, 1866 e 1869 lhes chama pomposamente a classificação official; mas é de notar que o material é muito anterior áquellas datas, correspondendo estas á das ultimas reformas e concertos que os artigos receberam. Quasi se lhes poderia applicar o conto, dizendo que a antiguidade lhes pede a benção como se fôra seu avô.

Mochilhas negras, com aro de sola e o resto de lona breada, tudo bastas vezes remendado, já quasi pôdre, não se lhes podendo aconchegar a roupa dentro, pelo risco de rebentarem; e correias que já não podem receber numeração, tanta é a que lhe tem cahido em cima, e que não podem apertar porque rebentam logo ao primeiro esforço de maior: eis o tormento constante das praças e o flagello dos commandantes de companhia.

Não ha meio d'apresentar uma força condignamente em parada de revista. Parece que não defrontamos com tropas regulares devidamente equipadas: tem-se a triste impressão de que se está contemplando uma horda de miseros guerrilheiros ou algum troço de regressados de prolongada guerra lá para os confins do mundo.

Já tive occasião de vêr uma diligencia do 27 conduzindo presos em Lisboa. Ahi, então, onde já ninguem sequer se lembra de taes equipamentos e correias, é que a má impressão da sua vista toma as proporções d'uma verdadeira vergonha. E toda a gente reparava, commentava e ria ao reparar n'aquella força tão singular e piccarescamente equipada em ordem de marcha.

E isto é tanto mais contristador quanto é certo que o Funchal é uma cidade que mantém uma população forasteira impor-

tante, recebendo semanalmente um grande numero de touristes de varias nacionalidades, os quaes, geralmente, visitam o quartel e não se limitam a *vêr* simplesmente, mas levam a sua justificada curiosidade, a ponto de fazerem muitas perguntas sobre a organisação e modo de sêr da nossa vida militar. E convem advertir que entre taes visitantes apparecem por vezes individuos altamente conhecedores de assumptos militares, como ainda não ha muito tive occasião de verificar com um cavalheiro d'alta cathegoria, inglez, que me deu que fazer com a inquirição que me fez sobre cousas do nosso exercito e com a discussão e critica que foi generalisando no confronto com as organisações, etc., d'outras nações armadas.

No livro das visitas, patente na sala da bibliotheca regimental, encontram-se assignaturas de principes, de duques, de generaes, de almirantes, de medicos, litteratos, engenheiros e artistas illustres, constituindo tal livro uma galeria de nomes notaveis em todos os ramos da grandeza humana.

Torna-se, pois, necessario, que o illustre titular que gere a pasta da guerra se digne attender a esta grande necessidade de equipamento e correame moderno para o 27, como aliás se tem dignado a attender a outras, por egual, importantes e urgicas, que já mandou satisfazer.

Apenas temos uma arrecadação geral de lanificios e artigos do fardamento, não havendo logar certo nem apropriado onde arrecadar tudo o mais que pertence á carga geral, pelo que os respectivos artigos têem de soffrer deterioração inevitavel com a peregrinação em que têem andado desde a torre até uma cave do quartel.

E todavia ha um local, onde relativamente com pouco dinheiro, — 200$000, — se poderia construir um bom armazem, que poderia comportar tudo quanto anda disperso e mal acommodado pelas varias dependencias do edificio.

Seria egualmente um grande serviço que o illustre ministro prestaria ao regimento se o dotasse com a verba necessaria para aquella obra.

Falta-nos tambem uma camarata para musicos; e estes, em virtude da respectiva disposição do novo regulamento geral do serviço dos corpos, já têem apresentado suas justas e respeitosas reclamações por continuarem dormitando na caserna.

Era facil obviar a esta falta.

Vae para trinta annos que se não faz um tiro d'espingarda ao alvo, n'este regimento, a não ser para o mar!

E' inacreditavel, mas é tristemente verdade.

Cerca de doze mil soldados têem passado pelas fileiras do exercito, caçadores 12 e actual infanteria 27, sem terem dado um tiro de bala, sem terem feito a minima ideia da acção e valor da espingarda que lhes foi distribuida. Sente-se um calafrio ao escrever isto, que é uma desgraça e uma vergonha!

Tem-se pensado muito em carreiras de tiro e tem-se feito varios estudos d'ellas. Mas tudo baldadamente.

Agora, parece em vias de vingar o projecto da que foi estudada no Pico da Cruz, na freguezia suburbana de S. Martinho, a cerca de quatro kilometros do quartel. Para ella votou a junta geral d'este districto o subsidio de 1:500$000 réis, verba esta que reunida á já existente em cofre para tal fim, prefaz perto

de 3:700$000 réis. Com mais 1:000$000 réis de dotação do governo é realisavel a compra do terreno e obras para o estabelecimento da carreira, que julgo contém quatro linhas de fogo até 600 metros.

Esta carreira deverá ser muito concorrida, não só porque a guarnição é grande e se lhe junta a guarda fiscal e a policia, mas ainda porque ha grande enthusiasmo na classe civil pelo tiro, sendo ainda muito para considerar a affluencia dos extrangeiros, que, segundo é notorio, são geralmente affeiçoados a este genero de exercicios, que praticam como um dos seus *sports* mais favoritos. E se se tomar em conta os reservistas, vê-se que a carreira deverá funccionar quasi absolutamente todo o anno.

A extincta Direcção geral da Arma, quando a cargo de Sua Ex.ª, o sr. general Lencastre de Menezes, tomou a peito a construcção d'esta carreira, pela qual se pronunciára tambem o seu successor fallecido general Prazeres; e a actual Direcção d'Infanteria está empenhada na mesma ideia, tendo pedido esclarecimentos a tal respeito ainda ha bem poucos dias.

Oxalá semelhante melhoramento se realise breve, sendo a carreira dotada de todo o material necessario ás condições que ficam summariamente referidas.

Funchal, 20-11-08. C. G.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 12—1908)

6.ª ACÇÃO

Marcha de 13 (assalto ao Damequero)

Em doze a ordem da columna determinava: ámanhã, ás cinco horas da madrugada, todas as unidades tomem o usual dispositivo de marcha, devendo infanteria 12 destacar um poletão para a retaguarda, seguindo-se em direcção ao objectivo.

Precisamente á hora marcada, as forças internavam-se n'uma pequena matta, e ao transpol-a, avistou-se uma extensa *chana*, caberta de *capim* e algumas arvores dispersas.

Ouve-se o toque de *cua*.

Se o nosso soldado em todos os avanços mostrou sempre alegria, satisfação e excellente aspecto, n'este dia redobraram de enthusiasmo, talvez por que já se julgavam

invenciveis, encarando as diversas phases da campanha como um habitual genero de *sport*.

Admiravel é o nosso soldado.

Tornava-se interessante ouvir-se as impressões que trocavam uns com os outros, e os officiaes não podiam deixar de mostrar um ligeiro sorriso; nós tambem sentiamos contentamento pelo bom caminho que as operações levavam e orgulho por commandarmos soldados com uma tão nitida comprehensão do dever e que adoravam e estimavam os seus superiores. Em campanha tudo se fraternisa —; quantas vezes os ouvi, nos entrencheiramentos, pedirem aos officiaes, que se abrigassem, offerecendo-se expontaneamente para transmittirem as ordens, o que não era acceite. Elles na grandeza da sua alma generosa e heroica allegavam que um soldado, um cabo não fazia falta, era menos um combatente apenas, em quanto que sem a direcção do official tudo estava perdido. Que somma de dedicação e desprendimento! Direi sempre, adoravel o nosso soldado!

O quadrado continuava marchando com toda a precisão e regularidade, nem uma ondulação, nem uma pequena curva, e desnecessario se tornava já recommendar: desaperta para a direita ou esquerda, conserva os intervallos, etc. Parecia manobrar-se em campo amigo e que a columna estava dando provas da sua mobilidade e correcção nos movimentos; no inimigo não se pensava, a maioria considerava-o derrotado e se houvesse resistencia seria na *embala*.

Os sapadores na frente e os auxiliares, peões e a cavallo, nos flancos, affastavam-se a grande distancia e queimavam as *libatas*, d'onde saiam espessos novellos de fumo de côr negra, signal evidente de existirem n'ellas abundantes depositos de mantimentos. Percorridos quatro kilometros, a columna faz alto. Calipallula, informa Roçadas de que temos dois caminhos a seguir para podermos chegar a Damequero, onde se encontram *cacimbas;* um pela direita, outro pela esquerda sendo este o mais perto, mas as *chanas* são mais pequenas, e por isso o commandante optou por elle.

Recebe-se ordem para se marchar atravez do mattagal. As faces da frente e retaguarda mettem as unidades em columna de pelotões de costado, com intervallos sufficientes para se poder desenvolver em atiradores, com dois passos de distancia. Os sapadores vão na frente, abrindo

caminho para a passagem do comboio. Os auxiliares estão dentro do quadrado, pois no matto não houve meio de conseguir-se que servissem de exploradores e protecção á columna — tinham receio —; de modo que se avançou, desprotegidos de qualquer serviço de segurança; unicamente Roçadas com o seu estado maior e alguns auxiliares a cavallo ia na frente, e por um caminho estreito a pequena distancia da columna; esta teria andado 150 metros, quando de subito rompe a *tempestade,* designação dada pelo meu camarada e amigo 1.º tenente da armada Sepulveda.

A 30 metros de distancia do estado maior são disparados quatro tiros, dirigidos de certo com o fim de matar Roçadas e o guia; mas que foram ferir mortalmente dois condemnados do pelotão de sapadores, que cairam por terra, gritando, ai! mataram-me! sendo a primeira vez que taes exclamações se ouviram, e tão má impressão causaram.

Esses pobres soldados talvez só fossem valentes nos crimes, cobardes e pouco corajosos ao encararem a morte no campo da honra.

Acto continuo, a cincoenta metros da face da frente, mais de 200 combatentes fazem fogo de repetição sobre ella, ferem muitas praças de infanteria e caem das montadas mortalmente feridos quatro soldados.

A face da frente, companhia de marinha e infanteria n.º 12 (commandantes, 1.º tenente Sepulveda e capitão Pimentel), ordenam o desenvolvimento dos pelotões com dois passos de intervallo.

Roçadas, o seu estado maior e sapadores, recolhem ao quadrado.

A passagem á ordem extensa das unidades torna-se um tanto morosa, devido á matta ser fechada e com muitos espinheiros.

O inimigo continúa convergindo o fogo vivo sobre esta face, uma verdadeira fuzilaria; passando-se a responder ora por descargas de pelotões, ora por toda a companhia.

Apesar de diversos contratempos, tudo se passou com a velocidade d'um relampago.

O inimigo não se descobre, receia-se uma emboscada e n'um momento de vida ou de morte, n'um rasgo de heroicidade, se lançasse sobre o quadrado á arma branca.

Manda-se armar bayoneta e por pequenos lanços e

em continuas descargas, a que respondem com intenso tiroteio, avança-se com toda a temeridade até á orla.

Descobre-se então na direcção do flanco esquerdo uma enorme *libata*, d'onde nos fazem fogo, e na frente, a 100 metros, mais de 800 negros, com as suas Kropatscheks e Martinis, nos fazem frente em ordem extensa.

A artilheria do angulo esquerdo estava embrenhada nos espinheiros, a guarnição redobra os esforços, vae occupar o seu logar e bate com tiros precisos a libata; o fogo cessa, retirando os defensores desordenadamente e perseguidos com as granadas das mesmas peças.

O que ao mesmo tempo se estava passando na face direita, é assombroso; rasgos de heroismo e de valor ali se praticam.

Esta face era dirigida pelo valente chefe do estado maior Eduardo Marques, que ordena ao capitão Patacho (commandante da 1.ª companhia europeia), e ao tenente Severino (commandante da 10.ª de Moçambique), que carreguem com toda a impetuosidade; rapidamente é cumprida a ordem, e ouve-se então uma vosearia enorme, hurrás dos europeus á mistura com o cantico de guerra dos landins; o inimigo retira e é acossado por descargas. Ha de parte a parte grande tenacidade e valor.

Os nossos voltam a occupar os seus logares, mas os cuamatos voltam tambem de novo a atacar-nos, e assim tivemos de repetir por mais de tres vezes actos da maior coragem e indomito valor que porventura se tenham praticado em guerras africanas. Bravo! Nunca poderemos esquecer o que n'estas memoraveis cargas se deve ao capitão Patacho e tenente Severino.

A bateria Canet (commandante tenente Gonçalves), um veterano nas campanhas coloniaes, e cujo peito coberto de honrosas condecorações affirma a valentia e a dedicação de tão benemerito camarada, cioso pelos serviços da sua bateria, conhecendo perfeitamente os costumes guerreiros dos indigenas, espalha pelo mattagal as granadas, que causam immensas baixas, grande panico e o incendio. Quadro tão sublime! Os pretos defendendo o seu paiz, e nós defendendo o brio e a honra da Patria, abençoados pela nossa bandeira que é lábaro augusto das conquistas da civilisação.

Continua-se a avançar debaixo de fogo, envolvendo o inimigo o nosso quadrado, não deixando nunca de fazer convergir as suas attenções sobre as faces da di-

reita e da frente. Na esquerda tambem a companhia de guerra (commandante capitão Schiappa) carrega com todo o vigor, por se terem os cuamatos approximado muito d'esta face.

D'este lado havia muitas libatas dispersas que a artilheria Canet alvejava.

A columna continua a caminhar ávante, sem hesitação, por entre o tiroteio, parando unicamente para fazer frente aos cuamatos com descargas ou com tiros dos atiradores especiaes, quando o inimigo se deslocava d'uma para outra arvore ou *morro de salalé*.

Andados nove kilometros, o guia previne Roçadas de que estamos perto do Domequero.

A 500 metros d'esta povoação, o inimigo converge novamente o fogo sobre a face da frente; — marchava-se sempre — a artilheria dirige para lá algumas granadas, e quando chegados a 200 metros, a marinha e o 12, armam bayoneta, alargam o passo e a 100 metros carregam e tomam o Domequero. Por forma identica procede o 2.º esquadrão pelo flanco esquerdo, que regressa depois ao quadrado com os clarins á frente, tocando a marcha de guerra.

O estado maior faz um rapido reconhecimento á posição e sem demora nos indicam os locaes para o acampamento.

Destaca-se os melhores atiradores a 60 metros para a frente e principia-se o entrincheiramento, por meio de saccos, feito com rapidez e debaixo de fogo intermitente.

Em seguida limpam-se as cacimbas, que ficaram dentro do acampamento, abrem-se outras, d'onde sae boa agua, se attendermos ao meio e ás circumstancias.

Não tendo as unidades da frente e da direita campo de tiro, os sapadores e todas as praças disponiveis, com machados e sabres, preparam-no, conseguindo n'este dia 100 metros.

A's 2 horas e 30 minutos terminou o fogo, um ou outro tiro isolado, disparados de cima das arvores, os mais perigosos, por serem certeiros.

Terminou-se a 6.ª acção: Mufilo, Macuvi e marcha de 13, são por emquanto as acções mais brilhantes da campanha.

*
* *

N'esta marcha de combate, a 1.ª companhia europeia (commandante capitão Patacho), um official de valor, energico, trabalhador incansavel, cheio de vida e disciplinador; tenente Severino de inalteravel sangue frio, intrepido e de muito valor, souberam imprimir aos seus subordinados a mais nitida comprehensão do sacrificio e o sentimento da honra e do dever. Estes brilhantes officiaes já se haviam distinguido nas outras acções, mas n'esta tiveram a sua corôa de gloria.

Ao pé da ambulancia encontravam-se mais nove soldados mortos no cumprimento do dever, recebendo alli curativo 22 de ferimentos gravíssimos, dos quaes a maioria veiu a fallecer.

As baixas no inimigo foram importantes, soube-se mais tarde que n'este combate havia morrido muita gente e que as nossas balas haviam ferido o inimigo principalmente no peito e cabeça, havendo poucos ferimentos nas pernas, circumstancia que já havia notado no Mufilo. Attribuo isto ás descargas terem sido feitas de pé, porque já se havia reconhecido que os homens de pé apresentavam um alvo menos vulneravel do que de joelhos.

Em virtude das narrativas e comparações que nos fizeram, deviam ser postos fóra do combate uns 800 cuamatos.

(Continua)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.ª

Operações de noite

Conferencia feita pelo general sir H. S. Rawlison, commandante da 2.ª brigada de infanteria, em Aldershot

(Traducção)

(Continuado do n.º 11—1908)

Fallemos agora do ataque.

E' pelas razões acima expostas que as emprezas nocturnas são acceitaveis e por vezes até acolhidas com enthusiasmo pelos atacantes. A escuridão protege-os do

effeito do fogo inimigo, e se as suas disposições forem acertadas, os seus preparativos completos, e as precauções para haver segredo adequadas, teem bastantes probabilidades de cahirem inesperadamente sobre o inimigo, e de colherem todos os beneficios da surpreza.

Será bom distinguir as differentes fórmas de ataques nocturnos, e proponho-me a fazel-o sob os tres aspectos seguintes:

1.°—Ataques nocturnos cujo fim é bater-se com o inimigo durante a noite.

2.°—Ataques ao despontar do dia, que são planeados com o fim de combater a luz da aurora.

3.°—Ataques ao cahir da noite.

Os primeiros são geralmente, póde até dizer-se invariavelmente, limitados ao ataque de logares importantes mesmo no campo de batalha, como por exemplo San-Kwai-Seki-San, em 11 de outubro de 1904, durante a batalha de Shaho, ou Shu-Ihan-Pó durante a batalha de Lyang-Yang, e que se decidem pelo combate á bayoneta. Em geral estes ataques resultam do insuccesso em se conquistar uma determinada posição durante o dia, devido á superioridade do fogo que os defensores poderam concentrar sobre os atacantes; todavia, tambem se podem fazer por outras razões urgentes, como por exemplo poupar tempo, ou quando a situação tactica é excepcionalmente favoravel, como em Noisseville, no fim da batalha Colombey Nouilly, em julho de 1870.

Um official japonez conversando com um dos nossos addidos, e discutindo sobre ataques nocturnos, disse: «Nós detestamos os ataques nocturnos; nunca se deviam fazer, excepto quando é absolutamente necessario tomar uma posição e quando isso se não póde fazer de dia. Os ataques nocturnos só são uteis para tomar posições inexpugnaveis.»

Isto torna o caso bem claro.

Acceitar deliberadamente os muitos riscos que acompanham um combate renhido com um inimigo no escuro, é um caminho que nenhum commandante seguirá, a menos que o successo não offereça resultados importantes.

Durante toda a guerra da Mandchuria o ataque dos japonezes em San-Kwai-Seki-San é o unico exemplo d'um ataque bem succedido, feito por uma grande

quantidade de tropas, a uma posição seriamente defendida. N'este caso uma divisão completa de 23 batalhões atacou valentemente uma posição que estava inflexivelmente defendida pelos russos, e tomou-a no escuro, entre as 3 e as 4 horas da madrugada.

Em todos os outros ataques nocturnos, em Ta-Chi-Chao, Sho-Shan-Pó, etc., o successo foi o resultado da retirada previa do grosso dos russos, protegidos pela escuridão, que tinham deixado apenas algumas poucas tropas na retaguarda para proteger a retirada.

Em San-Kwai-Seki-San houve opposição valente, porque foram capturados 200 russos na posição e os feridos e mortos do lado dos russos andavam por outros tantos. Os japonezes tiverem perto de 1:000 mortos e feridos.

Uma resenha interessante do ataque d'essa noite encontra-se no 2.º volume do livro de sir Yan Hamilton. Foi feito com a maior força, porque era d'uma importancia capital para os japonezes tomar aquelle ponto, antes de amanhecer, para poderem auxiliar o ataque do 1.º exercito nas faldas de Okasaki-Yama, no dia seguinte.

A noite estava boa, não havia lua, o terreno estava desembaraçado, o objectivo podia desenhar-se no horizonte, a distancia a percorrer era curta, 4 a 5:000 jardas, e todos os preparativos para calcular o tempo, conservar o contacto, manter-se na fórma, etc., tinham sido cuidadosamente estudados. Não havia, portanto, factores adversos com quem contender, além d'um inimigo resoluto e valente.

N'estas condições, uma operação d'estas pode, sem duvida, ser repetida, mas é para considerar se é prudente empregar uma força de 23 batalhões n'uma operação nocturna d'esta natureza. Da maneira como as coisas correram, só 6 ou 7 batalhões tomaram parte no combate, nem mesmo as segunda e terceira linhas se poderiam ter utilisado sem grave risco de conflicto com os proprios amigos, apesar de todos os japonezes usarem grandes casacos com uma tira branca no braço esquerdo.

E' impossivel fallar em geral no tocante á utilidade de ataques nocturnos como estes. O principal caracteristico que elles todos teem, é que pertencem á infanteria e só á infanteria. As outras armas não podem to-

mar parte n'elles, de fórma que uma força que tem uma grande quantidade de artilheria, difficilmente sacrificaria esta vantagem, para ir fazer um ataque nocturno, a não ser em circumstancias muito excepcionaes.

Pertence ao general commandante julgar se as condições variaveis de tactica, tempo, terreno e moral, justificam uma empreza que envolve sempre um enorme risco.

Ha provavelmente occasiões em que um ataque semelhante deve ser feito, ou para confirmar uma victoria, ou para cobrir uma retirada, ou ainda para tomar um logar que não possa ser tomado de dia. Mas cada um d'estes casos tem de ser estudado segundo as conveniencias especiaes.

(Continúa)

Historia da Infanteria Portugueza

INTRODUCÇÃO

(Continuado do n.º 9 — 1903)

A Infanteria dos romanos

I

A acção militar de Roma sobre os povos da Peninsula

E' profunda e patentea-se em traços evidentes e indeleveis a influencia da civilisação romana na nossa constituição social, no que um erudito escriptor chama a historia do povo. Effectivamente n'essa civilisação se encontram nitidamente delineadas as origens do *municipio* portuguez, a instituição popular por excellencia. Não lhe são extranhas em absoluto as *condições das pessôas* taes como as vêmos já no seculo XII, depois da famosa elabo-

ração social dos wizigodos, como que interrompida pelos arabes e continuada depois da reacção neo-gothica. (1)

O *municipio* foi a mais preciosa, a mais vivificante semente lançada pelas mãos romanas nos sulcos abertos com o gladio conquistador dos seus indomaveis e insignes generaes. Da lingua romana derivou tambem a lingua portugueza. Foi, porém, menos accentuada, radical e duradoura, a sua acção nas instituições militares da Peninsula hespanica, e principalmente na sua infanteria, do que havia sido a dos carthaginezes. Quando estes vieram á Peninsula, a infanteria peninsular estava ainda como que embrionaria, tinha mais que aprender; prosépra depois, organisa-se como a dos invasores, funde-se mesmo com ella. Milhares de peninsulares faziam parte da infanteria punica. A lucta na Iberia é que ensinou e compelliu os romanos a aperfeiçoarem-se militarmente, a modificarem o armamento e a tactica da legião. Adopta a espada de dois gumes da infanteria lusitana. No tempo de Augusto, tinham os peões lusos tal nomeada que aquelle soberano os reputava a melhor gente de guerra dos seus dominios. Mandava-os de guarnição para as provincias mais remotas e menos seguras. No Egypto teve aquelle imperante uma força de infanteria lusitana para o conter em respeito. A 4.ª cohorte da legião XII, no anno 70, e que figurara na conquista da Capadocia, onde muito se distinguiu, era formada por bracharenses.

Foi menos duradoura porque a influencia carthagineza prolonga-se depois de realisada a conquista, por todo o tempo que dura essa maravilhosa lucta entre punicos e romanos e depois mesmo entre os naturaes e Roma. Depois de expulsos os carthaginezes, até Julio Cesar, n'essa epopeia gloriosa dos lusitanos, celtiberos, etc., contra Roma, era ainda como que o braço carthaginez que armava o dos peninsulares, A fusão social, occasionada pela afinidade de raça, determinava a completa assimillação das instituições militares n'esse periodo de lucta.

Depois da queda do imperio romano, com a invasão dos barbaros, perdia-se quasi tudo o que das instituições militares de Roma havia ficado na Peninsula. Resuscitavam depois a sua organica, a sua tactica, o seu systema de recrutamento, etc., etc., não só para a Iberia mas

(1) Antonio Ennes — *Historia de Portugal* — Introducção, pag. 9.

para a Europa, para o mundo. A legião morria, mas ficava a sua obra collossal, grandiosa, maior, incomparavelmente maior como elemento civilisador. O legionario assentava o seu lar onde montava a sua caserna; ahi constituia familia e criava raizes profundas, fundando uma nova patria, menos como soldado do que como operario, e a essa patria adoptiva consagrava toda a sua infatigavel actividade e proficuo trabalho, toda a sua intelligencia.

O que começava por ser um simples acampamento, ou o nucleo d'uma colonia militar, ia-se transformando a pouco e pouco n'uma cidade populosa. Estabelecia relações commerciaes com as outras colonias, fomentava e desenvolvia as industrias locaes; activava as obras publicas; dava incremento á exploração dos minerios, e abria escolas com professores gregos e latinos.

«E os burgos primitivos encerrados nos lindes estreitos de muros construidos de pedra solta, tendo por habitações casotas humildes, com tecto de colmo ou de telha simples, circulares ou quadradas, como as da nossa estancia de Briteiros, com uma entrada unica, e a estructura mais rudimentar, transformavam-se no decurso dos tempos, em acropoles magnificas, com muralhas soberbas como as de Tarragona, Evora e Beja; com aquedutos como os de Segovia e Condeixa-a-Velha; templos como os de Evora e Merida; palacios como os de Augusto em Tarragona; pontos como os de Alcantara e de Chaves; theatros como os de Sagunto, Cabeza del Grejo e Lisboa; caldas como as de Aragão, da Galiza, do nosso Minho; tudo isto como que formando uma moldura rendilhada e caprichosa, com os requintes mais delicados da arte, para conter o quadro pitoresco dos costumes peninsulares transformados pelo influxo poderoso dos do Lacio, já influenciado pelo seu lado pelos primores da Grecia.

De tudo isto foi instrumento e garantia o legionario romano, e a primeira cellula foi a colonia militar». (1)

II

A Legião — Suas transformações

A arte da guerra attingiu com os romanos um elevado grau de perfeição. Na historia militar d'este povo, e

(1) Christovam Ayres — *Historia do Exercito Portuguez* — V. 1.º pag. 357.

especialmente no da sua infanteria, veremos desenharem-se com uma palpitante verdade dois periodos perfeitamente distinctos: o primeiro abrange a epocha brilhantissima das conquistas; o segundo o da decadencia, consequencia fatal da desmoralização dos costumes, dando causa ao esphacelamento do grandioso imperio ás mãos dos barbaros.

No primeiro periodo em que só o cidadão romano tinha o nobre previlegio de defender a sua patria, a disciplina era inexoravel. Prova-o bem o facto de Manlio Torquato mandar decapitar seu proprio filho, na frente do exercito reunido, só porque contra as ordens em vigôr, acceitava o combate singular que lhe fôra proposto por um chefe latino.

As transformações porque passou a legião constituem a prova da inteira affinidade do estado social de Roma com a sua organisação militar. (1) As suas tendencias conquistadoras exigiam militarmente uma organica com solidos alicerces na constituição politica.

Quando Romulo fundou a *cidade*, foi toda a população livre dividida em trinta curias, ou agrupamentos de determinado numero de familias, dez dos quaes constituiam uma tribu. Cada uma das curias era obrigada a apresentar cem homens validos para a guerra, que serviam gratuitamente, armando-se, equipando se e até alimentado-se á sua custa. Além d'estes contingentes destinados a formarem as tropas d'infanteria, devia tambem cada tribu apresentar uma centena (centuria) de cavalleiros. O conjunto d'estas forças denominava-se legião, a qual se compunha de trez mil infantes e trezentos soldados de cavallaria. Mantendo a antiga forma dorica, era constituida a legião por uma massa de 6 a 8 filas de profundidade em que os homens mais ricos, isto é, os melhor armados, formavam as primeiras filas: formação falangica. (2)

---

(1) As pricipaes phases porque passou a legião de Romulo a Cesar e a Adriano foram: 1.ª a legião de Romulo; 2.ª a legião de Tullio; 3.ª a legião de Camillo; 4.ª a primeira legião formada de manipulos, descripta por Tito Livio; 5.ª a segunda legião formada de manipulos descripta por Polybio; 6.ª a legião de Mario, em pleno desenvolvimento da formação em cohortes; 7.ª a segunda forma cohortal ou legião de Cesar; 8.ª a terceira forma cohortal ou de Adriano.

(2) Delphim d'Ameida—*Antiguidades romanas.*

O incessante acrescimento do circulo das conquistas romanas determinou, como consequencia logica, a necessidade de augmentar o seu exercito. Além d'isso, as expedições guerreiras cada vez mais longinquas, demoradas e dispendiosas, portanto, tornavam onerosos em demasia os encargos — eguaes para todos, apesar da desegualdade de riqueza — para a maior parte dos cidadãos. Procurou-se prover de remedio a esta situação.

O penultimo rei de Roma, na sua reforma de caracter militar, mas d'um grande alcance para as instituições civis, respeitando a tradição, mantem a separação entre a nobreza e a plebe, divide, porem, esta em seis classes, admittindo ao serviço militar as cinco primeiras e excluindo apenas a sexta, constituido pelos *proletarii* e os *capite censi*, só em pequena escala encarregada de serviços infimos. (1)

Cada classe tinha um armamento differente, em harmonia com os recursos dos que os usavam. As centurias da primeira classe tinham por armas defensivas o capacete, a rodella, a couraça e escarcellas, tudo de bronze;

(1) As primeiras cinco classes denominavam-se dos peões *(pedites)* por isso que n'ellas se recrutava a infanteria; subdividiam-se em centurias, unidade politica e militar, com a differença, porem, que não eram constituidas do mesmo modo. A centuria militar compunha-se sempre de 100 individuos, como o proprio nome indica, mas o numero da centuria politica variava e alterava-se conforme a riqueza dos cidadãos; as dos mais abastados eram sempre menos numerosas.

A primeira classe dividia-se em 80 centurias, as tres seguintes em 20 cada uma, e a ultima em 30. Formavam ainda uma centuria os que não pertenciam a nenhuma classe, como os *proletarii*, ou que tinham censo inferior ao minimo que era exigido, e os *capite-censi* destituidos de bens de fortuna: faziam tambem parte d'esta centuria *infra classem*, os *libertini* e os operarios e officiaes mechanicos que pela sua profissão eram considerados como improprios para o serviço militar. Exceptuavam-se d'esta exclusão do exercito, pelos especiaes serviços que podiam prestar-lhe, embora não fossem combatentes, os que trabalhavam em metaes e os carpinteiros, que formavam duas curias á parte das constituidas pelas classes, e os musicos *(tubicines et cornicines)* que formavam tambem duas curias nas condições das antecedentes. Subdividiam-se ainda as classes em velhos e moços (*seniores* e *juniores*) constituindo uns e outros curias separados em cada classe. Diziam se *juniores* os que tinham desde 17 até 45 annos, e *seniores* os de 45 até 60 annos, limite da edade, para o serviço militar. Os primeiros faziam sempre parte das tropas expedicionarias; aos segundos pertencia o serviço de guarnição. — *D. Almeida* — Idem.

e por armas offensivas o dardo, a lança e a espada. Os soldados da segunda classe não tinham couraça e usavam escudo em vez de rodella. Os da terceira não tinham escarcellas. Á quarta classe, sem armas defensivas, só era permittido usar a lança e o virote (*viretum*), ou dardo de arremesso. A quinta classe tinha por unica arma a funda, de que os peões se serviam para atirar pedras.

Outras centurias, pertencentes a uma ordem superior (*praerogativae*) forneciam a cavallaria do exercito.

Como anteriormente, continua para a infanteria o serviço a ser gratuito, assim como o equipamento e a administração em campanha. (1)

O recruta só depois d'um exame minucioso era recebido nas fileiras; e no decurso do seu noviciado militar recebia uma educação especial, em que o jogo d'armas, os exercicios corporaes, e os trabalhos de fortificação, constituiam parte integrante. Empregavam-se methodica e intelligentemente todos os meios para tornar o legionario sobrio, robusto e infatigavel. Um simples facto mostra a severidade com que era educado o infante romano: para o habituar ás longas marchas e robustecer-lhe as pernas, as suas alpargatas (*caligae*) eram pesadissimas, porque a parte em que assentava o pé era de chumbo.

A legião deixa de ser, pela reforma operada por Tullio, apenas constituida pelos patricios e seus clientes, para se transformar n'uma instituição caracteristicamente popular, na qual aquelles entravam em menor numero.

Com o advento da republica, conservam-se as mesmas bases da organisação militar, que depois se modificam e ampliam de maneira a tornar-se cada vez mais importante o elemento plebeu na força legionaria, impondo até uma nova tactica.

*

A instituição do soldo, decretado pelo senado já em pleno regimen republicano (406), produzia na plebe um effeito maravilhoso, reconciliando-a até com a aristocracia. (2)

---

(1) Só os cavalleiros recebiam, ao entrarem nas fileiras, uma determinada quantia para compra de cavallo, sendo-lhes tambem dada uma gratificação annual para ferragens.

(2) O soldo não era pago nem por dia, nem por mez, mas integralmente por uma campanha de seis mezes ou de um anno.

Depois de estabelecido o estipendio militar, operavam-se novas modificações na milicia romana, alterando a sua organica, o armamento e a tactica.

A primeira forma da legião — phalangica — foi alterada por Camillo. Por muito densa e pesada, não se amoldava ao genio aventureiro de Roma. A verdadeira legião, a manipular, que respirava mobilidade, foi instituida pelo celebre dictador que repelliu os Gaulezes. Conservando a antiga profundidade, subdividiu a legião em pequenas unidades tacticas — *manipulos* — dispostas n'uma linha, guardando entre si intervallos eguaes á frente. Mais tarde constituiram-se companhias (*ordines*), cada uma das quaes tinha sessenta soldados, dois centuriões e um porta bandeira. Esta organisação esteve em uso até ás guerras punicas (390-264).

A segunda forma manipular apparece nas luctas com a famosa Carthago. Não existe uma capital differença na legião manipular descripta por Tito Livio, da que nos apresenta Polybio.

A legião era formada por tres linhas, divididas cada uma em dez manipulos ou pelotões, constituidos por dez homens em profundidade. A sua frente total era pouco mais ou menos de 496 metros, calculando que cada soldado occupava em largura $0^{m},44$, e que o intervallo entre cada dois camaradas contiguos era de $1^{m},71$ (6 pés romanos).

A primeira linha era formada pelos hastarios, a segunda pelos principes e a terceira pelos triarios. Os manipulos estavam separados em cada linha por uma distancia egual á sua frente e dispostos em xadrez, correspondendo os d'uma linha aos intervallos varios dos da linha precedente. (1)

O effectivo dos manipulos dos hastarios e principes era de 120 homens, e, dos triarios de 60 apenas. Os velites, infanteria ligeira, constituida pelos soldados mais novos, formavam 10 manipulos como os dos hastarios e os dos principes. Constituiam a classe inferior da legião.

---

(1) Formação manipular da legião em ordem de batalha:

Hastarios — 10 fileiras e 12 filas
Principes — 10 fileiras e 12 filas
Triarios — 10 fileiras e 6 filas

Na retaguarda de cada manipulo da linha dos hastarios formavam, em duas fileiras, quarenta velites.

J. Gil
Tenente-coronel de infanteria

GUERRA PENINSULAR

Conferencia realisada em 21 de junho, no Regimento d'infanteria n.º 14, pelo tenente ajudante, sr. Numa Pompilio da Silva

(*Conclusão*)

Quer nas batalhas de Roliça e Vimeiro, em 1808; nas da Corunha e Talavera em 1809; na do Bussaco em 1810; nas de Fuentes e Albuera em 1811; na do Salamanca em 1812; Victoria e Pyrineus em 1813 e nas de Orthez e Toulouse em 1814; — ou seja nos Cercos de Badajoz em 1811, Burgos em 1812 e em tantos outros combates e movimentos desferidos, em todos ha muito que notar, admirar e aprender

Referir-me-hei, porem, mais especialmente, á batalha do Bussaco em 27 de setembro de 1810 e ao bloqueio de Pamplona em 28 de Julho de 1813, escolhendo-as de preferencia ás restantes, a primeira porque representa uma acção das mais poderosas e decisivas nos destinos do nosso paiz; — e a segunda, visto ter sido n'ella que principalmente se salientou a bravura do 14, cuja instituição data de 1807, ficando fazendo parte da brigada do Algarve, alcançando por bastantes vezes louvores em extremo lisongeiros, não só como collectividade, mas tambem na pessoa d'alguns officiaes e praças de pret, alguns dos quaes mereceram dos poderes superiores gloriosas promoções por distincção.

E ainda que mais distincta e salientemente elle mereça nota especial n'esse combate, é certo comtudo que a sua acção heroica se fez sentir em variadissimos recontros, entre os quaes citarei o Sitio d'Olivença em 9 d'abril de 1811; a defeza d'Albuera, sendo louvado pelo commandante em chefe; o sitio de Badajoz; a retirada de Burgos, em 1813; a batalha da Victoria, tão nociva aos Francezes; a de Nivelle; o combate de Sauveterre e a batalha d'Orthez, em 1814; e ainda no combate do Lu-

miar e no Cerco d'Almeida; — e em tantos outros recontros aonde soube revelar traços de valor que o impuzeram e impõem ao respeito de todos.

*

Bussaco.

A grande batalha que tomou perante a historia este nome, travou-se na madrugada de 27 de setembro de 1810, achando-se já na vespera todo o exercito alliado, isto é, portuguez e inglez, postado nas eminencias da Serra.

Eram extremamente importantes as posições occupadas: devendo por certo o assalto ou escalada, caso tentados, darem logar a confusões deploraveis e a faltas de ligação em extremo prejudiciaes.

O exercito francez, cuja guarda avançada chegava ás alturas de Santa Comba Dão no dia 21, fez retirar sobre Mortagua a brigada d'infanteria portugueza, que occupava esta posição, e tomou as posições convenientes na imminencia d'um ataque sério e proximo, achando-se n'ellas desenvolvido em 26.

Por seu turno o nosso exercito, alliado ao inglez, occupava as posições dominantes da serra.

Iniciado o ataque em 27 de manhã pelos francezes, desferiu-se dentro em pouco uma lucta que por vezes chegou a ser terrivel!

Era porem tempo de começar a serie de vinganças que os inglezes e sobretudo nós, tinhamos a tirar d'essa Nação que tanto mal nos causou, offendendo-nos por vezes bem affrontosamente!

A aura de Napoleão tinha de começar a operar o movimento declinatorio.

A' investida cheia de bravura dos francezes, correspondia porem a defeza extremamente heroica dos alliados.

Os esforços inauditos para avassalar e tomar as posições foram inuteis.

Centenas de vidas se perderam n'esta lucta, tendo por fim os francezes de recuar, perdendo cerca de 4:500 homens, numero avultado em relação ao nosso — 1:200.

Attingia o exercito francez a cifra de 65:900 homens, formando tres corpos de exercito sob os commandos de Reynier, Ney e Junot.

O alliado orçava por 50:000.

Na guerra peninsular os rasgos de valor contam-se em grande numero.

E se, sob pena de sermos injustos, temos de apontar os nossos alliados inglezes como auctores d'um grande numero d'elles, é certo porem, que a legitima e maior gloria nos pertence, porquanto os inglezes combatiam, mercenarios que eram, com o fito até certo ponto na gloria — é certo, mas sem sacrificios de interesse nacional, sacrificios que nós tinhamos em excesso e animados unicamente pela justa defeza dos nossos lares, das nossas familias, da nossa patria, emfim!

Sem sobras de modestia, que n'este ponto seria talvez criminosa, — devemos dizer isso, e não posso deixar de relembrar, ao citar tanta abnegação da nossa parte, uma phrase apontada por muitos historiadores, proferida durante uma phase da guerra peninsular.

Quando o nosso exercito, cheio de fadiga e de fome, pedia pela bocca dos seus chefes ás auctoridades inglezas qualquer alimento que os ajudasse a combater e terminar a refrega — e ellas lh'o negaram cheias d'um egoismo deploravel, — os nossos valentes companheiros d'então, responderam cheios d'uma grande altivez patriotica: «brigaremos sem pão!»

Soldados! Estas singellas palavras, proferidas em occasião de tanta desdita, immortalisaram de per si aquelles que as pronunciaram, sendo sufficientes para por ellas se aquilatar o seu valor, se os factos posteriores não viessem confirmal-o e corroboral-o!

—Infanteria 14, se não tomou tambem parte activa na batalha do Bussaco, esteve comtudo lá e alguns serviços desempenhou, merecendo do general inglez a que estava subordinado, as mais lisongeiras referencias, communicadas na respectiva ordem do dia.

*

Pamplona.

Em Pamplona, na acção de 28 de julho, de 1813, tomou parte muito activa, infanteria 14, como já se disse, e é talvez n'este recontro que mais se salienta pela sua grande dedicação á causa patriotica, o que lhe valeu do general Beresford palavras de admiração pela sua bravura incomparavel, sendo commandado pelo brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, ferido por essa occasião.

*

Nas diversas acções da guerra peninsular apparecem-nos figuras eminentes e d'um verdadeiro destaque que se impõem ao nosso respeito.

E entre ellas algumas ha que podiam ter obtido, como outras, os louros correspondentes aos esforços da sua valentia e apenas receberam como premio a palma desditosa do infortunio e por vezes do massacre.

Tendo inquestionavel jus, pelo seu provado brio e trabalho, a manifestações amistosas e de respeito, sulcaram uma vida sempre cheia d'amarguras e desgostos, a que não eram alheias injustas e affrontosas recriminações.

Alguns houve mesmo que, levando toda uma existencia na defeza briosa da sua patria, morreram por ella, não varados por balas ou lanças inimigas, no campo da batalha — com uma morte que deve ser feliz e venturosa pelo sublime sacrificio que a motivou, mas, crudelissimo destino! — trucidados pelos seus irmãos, filhos da mesma patria, que fanatisados por ideias demolidoras dos principios austeros que tanto eram precisos n'aquella época, malsinados por concertos nocivos e desorientados, — commetteram, por certo inconscientemente, barbaridades que, só n'essa mesma inconsciencia podem encontrar qualquer attenuante.

E d'essas figuras a que me refiro, duplamente heroes perante a historia, destaca-se-nos o perfil sereno e valoroso do Tenente General Bernardim Freire d'Andrade.

Ainda os historiadores mais circumspectos tecem elogios á sua memoria, lamentando todos a sua morte desditosa, producto d'um fanatismo preverso e d'uma indisciplina condemnavel.

E já que n'este ponto da minha conferencia eu vos fallei em disciplina, devo repetir-vos que só com ella poderão avigorar-se os principios que podem servir d'alicerce a uma boa organisação social.

Só com ella, bem dominante, bem mantida e bem firme, poderá qualquer nação conservar o prestigio que lhe adveio das luctas do passado.

E só com ella poderemos continuar a affirmar bem, perante o mundo, o poder da nossa raça, o valor do nosso orgulho, o direito á nossa independencia.

E ai do nosso valor, da nossa força, do nosso poderio, da nossa propria autonomia, no dia em que a disciplina iniciasse um periodo de fraqueza ou de desanimo!

O official de quem vos venho fallando, tendo recebido ordem para se dirigir ao Minho aonde devia tomar o commando das forças de defeza da referida provincia e da de Traz-os-Montes, para ali seguiu effectivamente em 28 de janeiro de 1809. Soult estava já em quasi permanente ameaça. Beresford ficou com cerca de 10.000 homens entre o Mondego e o Tejo.

Havia uma evidente e séria difficuldade no soccorro á cidade do Porto. Muito poucas forças se encontravam em condições de o poder prestar e a anarchia campeava infrene, trazendo consigo o seu immoralissimo cortejo de prejuizos e injustiças.

As classes que mais deviam em face da sua sagrada missão, pugnar pela defeza do bem e da ordem que tanto se tornava mister em occasiões tão melindrosas, eram por vezes as que mais incitavam o povo á desobediencia, cimentando entre elle a desconfiança e a vil intriga.

Foi n'este estado de coisas que o illustre general a quem me refiro, assim como o general Silveira, foram encontrar as provincias, cuja defeza lhes fôra commettida.

Deixando d'analysar especificadamente todas as peripecias que acompanharam os movimentos empregados pelo general Bernardim Freire no desempenho da sua missão, o que de per si só, constituiria por certo assumpto para uma vasta conferencia, direi apenas que o mesmo general, infeliz como foi no resultado do seu plano, teve seguramente causas importantes e extranhas á sua vontade que lhe fizeram perder a confiança do povo, taes como a incerteza d'alguns movimentos inimigos, consequencia da receptação da correspondencia; a demora na execução de movimentos por elle ordenados, e como predominante certamente, a reluctancia no cumprimento d'algumas das suas determinações, que a historia aponta como tendentes a beneficiar e defender o paiz; — todas verdadeiramente patrioticas e que foram mal e injustamente interpretadas.

Alem d'isso era saliente a desproporção extraordinaria entre as suas forças e as adversas, accrescendo ainda estarem as primeiras cheias d'anarchia e de desordem,

Basta notar que aos 24:000 homens de Soult, Bernardim apenas podia oppôr, no inicio, 700 praças, approximadamente, do 21, 600 do 6 e do 18,—sem os seus officiaes superiores, 160 de artilharia 4, com poucas peças, 1 batalhão d'infantaria 9 e oito regimentos de milicias, mal, ou melhor, pessimamente organisados!!

Mas, apesar d'estas causas ainda o valente general, porque

o era entre os primeiros, desenvolveu uma iniciativa elogiosamente apreciada por historiadores conscienciosos.

Foi este general que teve uma vida sem macula, independente e livre como poucos, pois nunca curvou o cerviz ao jugo francez, nem conspurcou ignominiosamente a sua farda ao serviço inimigo, como desgraçadamente aconteceu com outros; este general, modelar na honra e no brio, chegou a ser tido como traidor á sua patria, que tanto amára sempre e pela qual se tinha sériamente sacrificado!

E uma populaça desenfreada e inconsciente, deixando-se arrastar por causas deleterias e injustas, commetteu a barbaridade inaudita de trucidar desapiedadamente este homem!

Eis, praças do meu regimento, aonde póde conduzir-nos a indisciplina, causa primaria d'esta morte, assim como d'outras, não poucas, de valentes militares — mortes que nos deshonraram perante a nossa consciencia e perante a nossa dignidade patriotica!

Ainda bem que a briosa familia do infeliz general soube obter — sabe Deus com que custo — a rehabilitação completa do seu morto estremecido, sendo assim, que um conselho de guerra, propositadamente nomeado, deu á sua veneranda memoria, a consideração merecida, purificando-lhe a honra e dignificando-lhe as suas dragonas de valente General.

Soldados!

Aprendei n'estes exemplos da historia, e oxalá fructifique bem na vossa alma a vida d'esse valente General, cujo retrato d'oravante vem honrar as salas do quartel do nosso regimento; o seu proceder heroico, e até o seu fim infeliz e desditoso, pelas causas que o motivaram, ponto primacial como já disse de toda a desordem da sociedade.

A sua ex.ª o sr. Coronel Commandante do Regimento, alma de verdadeiro artista e que, por mais d'uma vez tem affirmado em obras valiosas, traços bem firmes d'uma investigação paciente e conscienciosa, ou pelos recursos sublimes do seu pincel, ou pela persuasão dos seus artigos e obras d'indiscutivel merito, e que tanto teem concorrido para a verdadeira historia das nossas campanhas e sobretudo da Guerra Peninsular, enriquecendo assim e por varias formas os nossos muzeus e as nossas bibliothecas; aos meus illustres e briosos camaradas pela paciencia com que ouviram as minhas palavras, falhas certamente de brilho oratorio que seria mister a um assumpto para nós tão querido e palpitante; e ainda a todas as restantes pessoas que me honraram com a sua attenção: o meu profundo agradecimento.

Praças do 14:

Quer-me parecer que não poderá haver dia mais venturoso e feliz para um povo, do que aquelle em que a historia lhe recorda o valor dos seus irmãos no passado.

E por isso o dia de hoje será para todo o povo portuguez — e salientemente para a classe militar — de justificada alegria e orgulho.

Sim!

Alegria por se recordarem as scenas d'enthusiasmo com que os nossos irmãos sabiam conquistar os louros da victoria e morrer em prol da sua patria; orgulho, porque é licito poder e

dever esse sentimento n'este caso albergar-se nas nossas almas, pelas heroicidades d'aquella epocha.

E convenço-me de que nem um só dos meus camaradas e outras pessoas que me estão ouvindo, deixam de sentir-se commovidos n'este momento da sua existencia.

A quem foi licito já assistir no dia 27 de setembro, na capella do Encarnadouro, na serra do Bussaco, aonde se desferiu essa batalha a que ha pouco me referi, á commemoração d'essa data gloriosa, não poude por certo deixar de sentir na sua alma uma commoção sincera e grande!

Ali tudo respira ainda os feitos que nos encheram de gloria; tudo relembra os mais insignificantes detalhes d'essa horrorosa carnificina em que collaboramos obrigados pelo despotismo d'um povo, que, por ser grande, esqueceu não ser licito offender os pequenos no territorio, embora grandes no sentimento do amor pela patria!

Tudo ali condensa uma das glorias que nos immortalizaram perante o mundo.

Ali, n'aquelle recinto sagrado, cercado d'essa matta formosissima aonde as plantas se espreguiçam, risonhas e lindas, por entre os fios prateados da agua limpida e cristalina, e onde a vegetação, luxuriante e bella, dá consolador allivio á nossa alma de sentimentalistas, ali tudo é grande! Alli, n'esse morro gigante, senhor das serranias, tudo nos extasia e nos deslumbra!

Ali ainda, junto ao modesto mas glorioso obelisco que attesta até muito longe a nossa victoria e nos dá conta — entre 1808 e 1814, de 6 bloqueios, 12 defezas, 14 cercos, 18 assaltos, 215 combates e 15 batalhas, tudo nos empolga e arrebata!

E nos momentos em que, avigorados pela Fé, elevamos a Deus o nosso pensamento agradecido, — ali, n'aquelle logar, vasto repositorio de reliquias conquistadas á custa de centenas de sacrificios, sentimos por momentos aflorar as lagrimas aos nossos olhos, n'uma inebriação de goso e d'amor pelo passado!

Depois, espraiando a vista por todas as eminencias que numerosas se desdobram até muito longe, a nossa imaginação concentra ainda os feitos dos heroicos companheiros d'armas de 1810, e manda-lhes, na brisa perfumada pelas florinhas silvestres que agradecidas sorriem, na recordação dos justos movimentos do exercito alliado, o sentimento da nossa admiração e da nossa ternura!

Praças do 14!

Não esqueçaes quanto devemos á memoria d'esse punhado d'heroes de que hoje temos tractado!

Nem um só momento deixai d'albergar no vosso coração ingenuo e bom, o sentimento de grande admiração que a elles votamos!

Esforçae-vos por vos tornardes grandes perante o mundo e perante a historia, e se algum dia fraquejasse em vós, o que não creio, — essa energia que tem sido e ha-de continuar a ser sempre o apanagio da nossa dignidade, então, ide á historia e compulsae essas paginas que nos fazem chorar, ide aos museus e vêde os emblemas gloriosos que alli attestam esse passado venturoso; — ide por fim a esses locaes aonde se desferiram os nossos mais importantes movimentos guerreiros, — e recebei d'uns e d'outros d'esses padrões, fortaleza para a lucta, valor

para a peleja, coragem para a continuação da vossa vida pundonorosa.

Praças do meu regimento!

Deixando por um pouco o nosso passado e reportando-nos ao presente, quantas epopeias de heroismo se teem desferido tambem, alem, muito ao longe, n'esses climas mortiferos da Africa e Asia!

Quantos tropheus de gloria os nossos teem ali conquistado!

Passado e presente teem sido grandes para o nosso exercito; passado e presente teem sempre affirmado o nosso valor!

O futuro será tambem assim, mercê de Deus, da nossa alma de patriotas, do nosso coração de verdadeiros Portuguezes!

Disse.

NUMA POMPILIO.
Tenente ajudante d'inf. 14.

Secção do extrangeiro

Russia. — *Augmento de soldos.* — Por um *ukase* imperial foi determinada uma nova organisação de tarifas de soldos de forma a melhorar a situação dos officiaes com o fim de principiar a vigorar dia 1 de janeiro do corrente anno. Essa tarifa é a seguinte, expressa em francos:

Alferes: soldo antigo, 1:773; soldo projectado, 2:259; augmento, 645 francos.

Tenentes: soldo antigo, 1:942; soldo projectado, 2:587; augmento, 645 francos.

Capitães de 2.ª classe: soldo antigo, 2:100; soldo projectado, 2:910; augmento, 810 francos.

Capitães de 2.ª classe com 4 annos de posto: — soldo antigo, 2:100; soldo projectado, 3:232; augmento, 810 e mais 322 francos de indeminisação de antiguidade.

Capitães: soldo antigo, 2:429; soldo projectado, 4:363; augmento, 967 e mais 967 francos para alimentação.

Capitães com 4 annos de antiguidade: soldo antigo, 2:429; soldo projectado, 4:685; augmento, 967 e mais 1:289 francos de indeminisação de antiguidade.

Officiaes superiores que não commandem batalhão independente: soldo antigo, 2:914; soldo projectado, 5:977; augmento, 1:290 e mais 1:773 francos para alimentação.

Officiaes superiores com 4 annos de posto não commandando batalhão independente: augmento de soldo, 1:290; indemnisação de antiguidade, 486, soldo projectado, 6:463 francos.

O mesmo projecto prescreve uma subvenção de 594 francos na data da promoção a alferes.

Austria. — *Metralhadoras.* — Em 4 de novembro do anno passado foi determinada a creação de 100 novos destacamentos de metralhadoras no exercito austriaco, devendo no dia 1 de janeiro estarem organisados 55 nos regimentos de infantaria, 6 nos batalhões de caçadores e 1 n'um dos regimentos de caval-

laria (sendo aquelles a 2 metralhadoras e este a 4) e devendo os restantes estar organisados em 1 de fevereiro, sendo 24 nos regimentos de infanteria e 14 nos batalhões de caçadores, todos tambem a 2 metralhadoras.

Em 1 de fevereiro a infanteria do exercito austro-hungaro possuirá 156 destacamentos de metralhadoras, sendo 138 a 2 metralhadoras e 18 a 4 metralhadoras, ou seja um destacamento de metralhadoras em cada regimento de infanteria e batalhão de caçadores.

A cavallaria fica possuindo 4 destacamentos a 4 metralhadoras cada um.

E' facil de comprehender o grande impulso e a alta importancia que se tem dado ás metralhadoras no exercito antro-hungaro, pois que em dezembro de 1907 possuia apenas 19 destacamentos.

Sargentos readmittidos. — Pelo ultimo orçamento do exercito austriaco, os sargentos foram consideravelmente beneficiados nos seus prets, como se vê pela seguinte tabella em que é considerado o vencimento d'um sargento-ajudante. A corôa, vale na nossa moeda, 190 réis.

Depois de 6 annos de serviço: pret antigo, 315; pret actual, 630 corôas.

Depois de 7 annos de serviço: pret antigo, 435; pret actual, 1:590 corôas.

Depois de 8 annos de serviço: pret antigo, 555; pret actual, 1:590 corôas.

Depois de 9 annos de serviço: pret antigo, 675; pret actual, 1:710 corôas.

Depois de 10 annos de serviço: pret antigo, 810; pret actual, 1:845 corôas.

Depois de 11 annos de serviço: pret antigo, 845; pret actual, 1:980 corôas.

Depois de 12 annos de serviço: pret antigo, 1:080; pret actual, 2:115 corôas.

Com estes vencimentos teve-se em vista prender cada vez mais ao regimento os sargentos antigos em vez de irem procurar empregos civis, que nem sempre lhes permittiam uma situação decente e desembaraçada de difficuldades economicas.

Allemanha. — *As promoções no exercito.* — Segundo uma estatistica publicada pela *France Militaire,* baseada no ultimo annuario do exercito allemão, vê-se que os generaes de divisão mais recentemente nomeados foram promovidos a alferes em 1870, tendo cêrca de 60 annos d'edade Os coroneis mais antigos foram promovidos a alferes tambem n'aquelle anno, sendo a grande massa promovida a official, desde 70 a 74.

Nos postos de capitão e subalterno a situação dos officiaes allemães não é melhor. Os capitães mais antigos foram promovidos a este posto em 1897 e a alferes em 1883, o que representa 26 annos de serviço para ascender aos postos superiores.

Os tenentes mais antigos foram promovidos a alferes em 1893, precisando, pois, 16 annos de official, com uma media de 38 annos d'edade, para serem promovidos a capitães. Na artilheria de campanha é, porém, ainda peior, pois que os subalternos d'esta arma serão só promovidos com 20 annos de serviço.

Espada offerecida pelos officiaes de infanteria ao capitão João d'Almeida

Escudo do album contendo os retratos

Busto do capitão João d'Almeida collocado no regimento de infanteria n.

12.º ANNO MARÇO DE 1909 N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A infanteria e o generalato

No ultimo numero fizemos algumas considerações de caracter generico sobre a actual lei de promoção ao quadro do generalato que precisamos continuar. Já indicámos as nefastas consequencias que póde acarretar ao exercito e especialmente á arma a que temos a honra de pertencer, e dissemos que essa lei precisava ser modificada para satisfazer ás necessidades das armas e mesmo, para, na maneira de regular a ascensão ao posto mais elevado da hierarchia militar, não se estabelecer um principio que por ser immoral vá affectar d'uma maneira perniciosa todo o organismo militar.

Essas considerações, porém, precisam ser ainda continuadas e a analyse ao actual estado de coisas é necessario que se faça. O brilho de qualquer instituição não depende sómente do explendor com que os seus differentes membros possam preencher os cargos para que forem nomeados e desempenhar as missões de que forem incumbidos, mas tambem da maneira como lhe é dado ingresso n'esses mesmos cargos. O seu accesso, a legalidade e legitimidade da entrada n'esses postos não pódem deixar de ser attendidas e consideradas.

O principio da legitimidade para ser respeitado e mantido é necessario que não vá offender os direitos de terceiros, porque sendo da mesma fórma legitimos teem egualmente direito ao mesmo respeito. Não é só a lei que dá o prestigio, porque é a justiça que dá a razão, e não é com injustiças que se regula a humanidade e se estabelece o preciso e necessario equilibrio entre as diversas corporações.

E mesmo os que ascendem a um determinado cargo sómente em virtude d'uma disposição legal, não poderão ter a necessaria auctoridade se esse principio fôr injusto, porque esse facto, além da influencia intima que possa ter no proprio individuo, faz com que os que o contemplam e olham de fóra o observem, senão como usurpador, pelo menos como um homem que exerce poderes e usufrue regalias que de facto deveriam pertencer a outro se a lei não fosse injusta. Esta circumstancia applicada a um general tira-lhe toda a auctoridade e prestigio que em tão alto grau precisa ter quem exerce tão elevado cargo.

N'essas condições poderá o nomeado ter grandes predicados pessoaes que o tornem digno do cargo que exerce, mas em todo o caso o brilho das suas estrellas é que não poderá deixar de ser offuscado aos olhos dos que conhecem aquelles que ficaram para traz, prejudicados e preteridos, em virtude d'uma injusta disposição legal, porque não ha sol que mais resplendeça do que os principios da verdade e equidade. E reconhecendo-se que não ha uma justa distribuição de direitos não pode haver o necessario equilibrio entre os individuos e corporações, e, portanto, sob o ponto de vista militar, a disciplina não pode deixar de ser affectada gravemente.

Não, não póde ser, não póde subsistir uma lei que, prejudicando serviços e lesando interesses vae ainda tirar o prestigio áquelles que favorece. O exercito para se manter precisa regular-se por leis mais sérias, menos injustas e mais austeras, porque séria é a missão que desempenha, justo é o fim da sua manutenção e austera é a disciplina que o mantém como base e alicerce fundamental de toda a sua existencia.

E das considerações que não desenvolveremos mais para não aggravar a situação, passemos aos factos, aos algarismos, que fallam com toda a eloquencia. E para isso começaremos por indicar o numero de generaes de divisão e brigada actualmente existentes e armas de que

são provenientes, bem como o numero de coroneis e a distribuição de generaes de brigada pelas differentes armas se em vez de leis injustas e verdadeiramente proteccionistas para determinadas armas se se attendesse simplesmente a um principio rudimentar, mas que é a base de toda a equidade e justiça, que é o principio da proporcionalidade. E tudo isso vae indicado no seguinte quadro:

Armas e serviço	Generaes de divisão	Generaes de brigada	Coroneis	Generaes de brigada que devia haver segundo o principio da proporcionalidade	Observações
E. maior....	0	2	6	1,2	
Engenharia .	2	6	10	2,1	Tem dois generaes de brigada fóra do quadro.
Artilheria..	0	2	15	3,1	
Cavallaria ..	4	6	14	2,9	
Infanteria...	0	7	49	10,4	

Da analyse d'este quadro vêmos que o commando das divisões é apenas apanagio da arma de engenharia e especialmente da de cavallaria. Não se tendo, porém, contradito ainda que a artilheria e a infanteria são as armas essencialmente de combate, não se pode deixar de concluir, sem que isso envolva, comtudo, consideração alguma de ordem pessoal, de que ha no alto commando das unidades do exercito uma importante lacuna que é necessario preencher. Mas esta lacuna, se não se lhe valer por uma lei especial, continuará a subsistir por muito tempo, porque o forte effectivo de generaes de brigada provenientes d'estas mesmas armas, indica que os postos de generaes de divisão continuarão a ser absorvidos por elles.

E se sob o simples ponto de vista da justiça analysarmos o quadro, vêmos que á arma que é representada por 49 coroneis se lhe concedem simplesmente 7 generaes de brigada e nenhum de divisão. E no entretanto as armas que

apenas são representadas por 10 e 14 coroneis, teem cada uma 6 generaes de brigada e mais 6 de divisão, ou seja um total de 18 generaes, o que representa quasi um general por cada coronel. E para se vêr ainda mais frizantemente a flagrante injustiça que se commette, confronte-se o quadro da distribuição segundo o principio da proporcionalidade e vêr-se-ha que em logar de tão larga representação no generalato como hoje teem essas duas armas, deveriam ter simplesmente, a engenharia, 2 generaes de brigada e a cavallaria o maximo, 3.

E passando da justiça ás necessidades do serviço nota-se então que no caso de mobilisação do exercito ficariam muito generaes de brigada provenientes das armas de engenheria e cavallaria sem commando ou sem serviço activo para exercer, ao passo que a infanteria, que é a arma principal do exercito, que é a arma de combate por excellencia, que é a arma com que se alcançam victorias, ficaria com algumas das suas brigadas sem commando!

A nós muito nos custa fazer esta affirmação, porque, se fôr lida no extrangeiro, corremos no risco de não nos acreditarem ou então, o que mais nos penalisaria, ficariam fazendo aquelles que desconhecem o nosso meio um bem fraco juizo do nosso exercito e portanto de todos nós. Conhecemos a seriedade d'estas questões, não ignoramos a importancia que se liga á organisação dos altos commandos nos exercitos extrangeiros, e, portanto, não podemos deixar de evidenciar a repugnancia que nos causa ter de tratar este assumpto de forma a ficar bem patente a desorientação que preside á organisação e constituição do nosso generalato. Acima, porém, d'esses escrupulos deve estar, é necessario que esteja a verdade para, indicado o mal, se fazer desapparecer. E com esse fim, que é sempre nobre e patriotico, nós continuaremos fazendo o nosso estudo e indicando a maneira de se acabar com tão grandes anomalias que vão offender direitos e prejudicar serviços.

(Continua).

Os galões como distinctivo das graduações

Não somos dos que deixam o util pelo agradavel, nem dos que á esthetica sacrificam a logica. Partidarios de um commodissimo systema eclético em que tudo se concilie, não esquecendo nunca a mais sã economia, vimos hoje atirar para a arena dos alvitres — mais um — com vista, principalmente ás commissões de aperfeiçoamento que, ao que se diz, se occupam n'este momento da alteração de alguns artigos do uniforme.

Em principio, somos contrarios a modificações frequentes nos uniformes, que teem o grave contra de brigar com a anémica bolsa do official, nada havendo que attenue em nós o pavor de novas prestações ao alfaiate; nem mesmo a deliciosa antevisão de uns calções amarello-canario e de um dolman *bleu-ciel* ou verde-gaio...

Ha tempo, de passagem na capital, encontrámos, n'uma das voltas da Baixa, tres officiaes do exercito francez. Eram subalternos de infanteria, muito bem postos no seu *pantalon rouge*, com o seu kepi petulante, de pala em riste...

Passando por nós, tiveram a gentileza, aliás proverbial entre officiaes francezes, de nos saudar militarmente antes que nós tivessemos tempo de o fazer em primeiro logar como cumpria a amaveis e hospitaleiros *donos de casa*...

Nós eramos tenente.

Não tinhamos dado mais meia duzia de passos quando fomos abordados por um nosso camarda, capitão, um contemporaneo da escola, que nos diz:

— Ouça lá: O official francez não será obrigado pelos seus regulamentos a cumprimentar os officiaes estrangeiros de patente superior?

— Creio que sim... A nós pelos menos, acabam de nos cumprimentar muito correctamente. Olhe... aquelles tres.

— São os mesmos... Pois a mim, não...

— Talvez não o vissem...

— Viram, viram...

— Olhe, capitão, então é porque tomaram o seu galão largo pela divisa de 1.º sargento...

— Hom'essa!...

— Com certeza... Como sabe, em França, os 1.ºs sargentos teem como distinctivo um galão largo, e tambem usam espada.

— Talvez, talvez... Só se foi isso...

E despedimo-nos.

Ora aqui está a causa primaria d'esta nossa caturrice de hoje.

Não ha logica alguma na distribuição dos nossos galões. Nem logica, nem esthetica...

— O galão de capitão, ouvimos, ha dias, dizer a uma dama muito entendida em questões d'arte — é simplesmente medonho! —

E é, sobretudo quando isolado, soldo áparte...

Como bons portuguezes que somos, temos o maior respeito pelas tradicções «respeitaveis» e não fazemos excepção para o galão largo, que tem sido honrado por muito pulso heroico. Simplesmente o queriamos ver sempre «acompanhado» por amor á esthetica e em nome da logica. Um canhão de dolman comporta bem tres galões largos; com mais forte razão comportará tres galões delgados...

— Ah!!!... Essa é boa!... E ficava então o galão largo para os officiaes superiores?... O major com um, como o 1.º sargento francez!.. *Mons parturiens*...

(*Gesto nosso de quem quer mandar parar um electrico*).

— Já esperavamos essa observação do nosso illustre camarada... Nada d'isso .. D'essa forma havia certamente logica entre os galões dos officiaes superiores, mas não a haveria entre os do capitão e os do major...

Ora a logica é o nosso fraco, ou antes, o nosso forte...

Para evitar delongas:

Alferes — Um galão delgado.

Tenente — Dois.

Capitão — Tres.

Até aqui vae bem: Por cada posto, um galão a mais.

Agora entra em scena o galão largo: Começa a substituição dos galões delgados por largos, a começar pelo que primeiro se venceu, isto é, pelo de cima.

Major — Um largo e dois delgados.

Tenente-coronel — Dois largos e um delgado.

Coronel — Tres largos.

Já não ha mais galões para substituir, nem mais *panno para mangas*, que é como quem diz: «Com esta não os enfadamos mais», porque o que é certo é que o assumpto não mereceria tanto papel.

Janeiro de 1909.

Tenente F.

Regimento d'infanteria 27

Discurso proferido na abertura d'aulas e distribuição de premios em 3 de novembro de 1908, no regimento d'infanteria 27, pelo capitão Candido Gomes

Ex.mo e Rev.mo Sr. (1)
Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador Civil (2)
Ill.mo e Ex.mo Sr. Commandante (3)
Ex.mos Srs. (4)
Meus illustres e prezados cammaradas e amigos

Senhores:

Quiz o meu ex.mo commandante que fosse eu, quem, na qualidade de director da escola d'este regimento, viesse fallar n'esta solemnidade da abertura das respectivas aulas e distribuição dos premios aos alumnos assim galardoados no anno lectivo proximamente findo: fica pois, explicado, e até justificado, porque haja de ser tão invalioso e desprimorado o discurso que ides ouvir, embora me fique a tranquilidade de cá ter vindo por dever do cargo, e antecipadamente confiado na complacencia de tão conspicua assembléa.

Senhores:

N'este seculo, em que o homem parece febrilmente empenhado em esquadrinhar os reconditos mais mysteriosos da natureza, reconstituindo o passado, aclarando o presente, e preconcebendo o futuro; n'este seculo, que é mais do que das luzes porque é de luz, em que tudo se analysa e quasi que synthetisa desde o infinitamente pequeno ao incommensuravel e até á propria vida; n'um seculo tal, em que já não é licito o assombro das descobertas á força da sua frequencia e grandeza—doe, confrange, desespéra e até indigna, saber-se e vêr-se que ha homens, pela

(1) Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal.
(2) Sr. João de Paiva Leite Brandão, 1.º tenente da Armada.
(3) Sr. Joaquim Maria Alves, coronel commandante militar.
(4) Dig.mos Consules, Reitor do Lyceu, Director e Reitor do Seminario, Chefes de Repartições, Reverendos Conegos, etc.

sua ignorancia quasi reconduzidos aos tempos mais remotamente obscuros, não sabendo lêr, nem escrever, nem contar, nem tendo, mesmo d'oitiva, o conhecimento mais rudimentar das cousas e factos da existencia.

Com effeito: quando o homem, tendo estabelecido a sciencia, vae desenvolvendo successivamente as theorias mais admiraveis, umas ampliando, outras restinguindo e algumas derruindo as anteriores, mas avançando sempre, como aconteceu, por exemplo, com a physica mathematica, inspirada na mechanica celeste, á qual succedeu a physica chamada dos principios que, por sua vez, e após um apogeu quasi dogmatico e immutavel, se acha investida pelo anarchismo do radium e pelas conspirações dos raios cathodicos, que pretendem desthronar a indestructibilidade da materia e a conservação das energias — principios estes que promanaram das portentosas cerebrações que foram Lavoisier e Freycinet; quando o homem, perquirindo de si mesmo, descortina que provém d'uma cellula e verifica que não morre logo com a ultima expiração — pois embora o coração não pulse e os pulmões não respirem, os musculos ainda se contrahem, o estomago digere, o figado segrega bilis, e outros orgãos continuam suas funcções metabolicas, as unhas, os cabellos e a barba crescem, e, talvez ainda ouça, por algum tempo, e tendo feito estas descobertas sobre os cadaveres da sua especie, consegue galvanisal-os a ponto de estremecerem e se levantarem, apparentando movimentos de regressão á vida; quando o homem, tendo proclamado o cerebro como o orgão do sentido geral, porque n'elle se concentram todas as actividades e se elabora a transformação surprehendente das sensações em precepções e em consciencia; e reconhece que este cerebro tão maravilhoso não pensa, nem quer, senão em determinadas condições physicas, bastando uma ligeira perturbação circulatoria, uma lesão inapreciavel de estructura, ou uma quantidade infinitesimal d'alcaloide para modificar-lhe, e até abortar-lhe, todos os phenomenos psychicos; quando o homem, prescrutando ávidamente os recessos mais ignotos do seu planeta, sonda e pesquiza as profundidades assombrosas do oceano, — n'algumas das quaes o colossal Himalaya apenas afloraria e n'outras até se submergiria — e defronta ahi a vida animada, com todas as suas caracteristicas de nutrição, respiração, locomoção e reproducção individual, satisfazendo essas organisações singulares ás condições, quasi inconcebiveis, de resistencia a tão altissimas pressões e á escuridão de tão fundas camadas aquaticas — tendo para este ultimo caso annexo aos orgãos visuaes um apparelho especial de projecção luminosa; quando o homem, curioso dos phenomenos intimos da gravitação universal, e talvez cioso dos vôos altaneiros ou gracis da multidão alada, pretende librar-se tambem ás regiões etherias, e vem através dos tempos ensaiando as azas de Icaro, a passarola do padre Gusmão, os globos de Montgolfier, os dirigiveis alongados de Giffard, Tissandier, Renard e Cypriano Jardim, e os aeronaves e aeroplanos de Santos Dumont, Zepplin, Wrigts, Farman e outros, estando em via auspiciosa de resolução do grande problema da navegação nos ares; quando o homem, alargando vistas para os confins assignalados da terra, se abalança cada vez mais a dentro das regiões polares, parecendo prestes a assentar, sobre peanha dos cadaveres de tão benemeri-

tos e já tão avultados exploradores, o pendão de mais um triumpho, que talvez venha revolucionar a nossa theoria planetaria, aliás hoje scientificamente consolidada e tida por immutavel; quando o homem, e principalmente o soldado, sabe que outro homem, graças á energia electrica, em fluxo atravez de fios ou recolhida nas ondulações do ether, póde insuflar o seu pensamento e impôr a sua vontade, accionando d'um modo geral, como se fôra elle proprio, sobre milhares e milhares de homens dessiminados por centenas de leguas, dando-se a execução, por vezes, quasi simultaneamente com a concepção,— como ainda ha pouco occorreu além, com Oyama e Kuropatkine d'aquelle sorvedeiro horrente da Mandchuria; quando o homem, recobrado dos primeiros pasmos, dominou a superstição e investigou, correlacionou e experimentou factos singularmente extranhos ou subrenaturaes, corporisando uns em sciencia com a designação geral de hypnotismo, — como o fizeram, entre outros, o eminente jesuita Kircher e o grande dr. Charcot — e cadastrando outros como verdades irrefragaveis e até concretas a que chamou espiritismo, — como o testificam o celebre physico inglez Crookes e outras summidades scientificas, litterarias e artisticas da actualidade; quando, senhores, tudo isto é certo, desvenecedoramente certo, irrita e indigna que haja homens que não saibam lêr, nem escrever, nem comprehender, as palavras aurifulgentes — civilisação e progresso; doe e confrange que haja homens que não possam lêr, nem escrever, a palavra por excellencia grande, por excellencia resplendente, — essencia de todas as essencias — DEUS.

Por isso, senhores, o dia da abertura d'uma escola, ou d'um curso qualquer, é sempre um dia gratamente festivo que nos enche a alma de satisfação pura e duradoira; e, tambem por isso, se dá a tal festa a solemnidade e o brilhantismo que esta, por amor de vós, hoje aqui reveste.

Senhores:

De pouco servirá que, em parada solemne e vistosa, perfiladas as armas e desfraldada a bandeira nacional, o recruta preste um juramento — aliás sob uma formula para elle pouco comprehensivel — se não se lhe explicar o que é a patria que essa bandeira symbolisa e nas áras de cuja grandeza e prosperidade promette sacrificar-se; e se não se lhe fizer intender e sentir, que elle, recruta, está ali, não por capricho injusto ou por crueldade iniqua que o arrancasse ao conforto do seu lar, mas sim por uma obrigação sacratissima, de que deve ufanar-se, de vir contribuir para a manutenção da integridade e renome da sua nação.

Assim como é forçoso polarisar altamente a força d'atracção n'uma barra de ferro, para que esse ferro se transforme em iman, assim é necessario infiltrar no peito do recruta as mais aquilatadas qualidades de caracter e de coração, para que elle possa ser um bom soldado, na accepção hodierna da palavra.

Ora o soldado não se fórma com a facilidade e a simplicidade com que frequentemente se julga: não está tudo reduzido a vestir-lhe uma farda e a ensinar-lhe uns quantos movimentos d'arma e evoluções tacticas, senão — afóra a sua instrucção technica, actualmente mais lata, mais complexa e mais individual que em passadas eras — tambem em incutir-se-lhe virtudes e

ministrar-se-lhe conhecimentos, com as lições continuas e os exemplos constantes de todos os seus superiores, e, particularmente, dos officiaes, que devem ser o melhor espelho em que o soldado se mire.

O coronel italiano Corsi, tendo escripto: «quem quebra, paga; está bem e é necessario; mas tambem é necessario muitissimo cuidado para ensinar como se faz para não quebrar, demonstrando-se isto constantemente com o exemplo» — quiz significar por palavras admiravelmente singelás como se ha de cuidar da instrucção e da educação do soldado.

A passagem pelas fileiras deve, pois, ser, e effectivamente o é, uma méra etape da vida social, em que se incrementam, em complemento da educação civica, os sentimentos sublimes da honra, do dever e do sacrificio, a ponto que impérem no soldado mesmo quando liberto da acção directa e immediata dos seus chefes; e isso é tanto mais preciso, e tambem tanto mais difficil, quanto é penosamente certo que nos horisontes patrios se esfumam temerosas e adensadas brumas de desagregação e escalavramento social.

Ainda ha pouco li n'uma gazeta uma exhortação ao desrespeito da bandeira nacional, pela supposta razão de que ella é symbolo da monarchia e não da patria!

Custa a crêr que se ponha e diffunda tal doutrina, pois, malafortunadamente, ella não deixará d'encontrar, como a má semente, terreno em que germine, cresça, floresça, e até fructifique.

Como se uma bandeira nacional pudesse representar o principio pequeno de qualquer constituição, ou o interesse, mais pequeno ainda, de qualquer familia governante!

Então, porque na nossa gloriosa bandeira ha uma corôa que allude ao systhemá governativo vigente — aliás mutavel como o scenario da vida — é porque em torno d'ella se agrupa e acolhe o magistrado supremo da nação e a sua familia, essa bandeira deixou de ser portugueza para ser do rei ou da monarchia?!

Então são as instituições e uns quantos individuos que fazem a bandeira, ou é a nação toda — una e livre — que a faz e n'ella consubstancía a sua integridade e a sua gloria?!

Lamentavel confusão esta de vêr pessôas e coisas transitorias onde só está, e deve fulgir, o principio grande e grandioso da vida nacional d'um povo!

Lamentavel .. lamentavel e perigosamente absurda: é como preconisar que os factos sejam absolutistas, constitucionaes, republicanos, socialistas ou anarchistas, em vez de bons ou maus, falsos ou verdadeiros, grandes ou pequenos; é como reputar inquinada ou não fertilisante a agua, pela circumstancia fortuita do respectivo viaducto confinar ou regar terras d'adversarios; é como attribuir á luz a responsabilidade da sombra.

Seria, portanto, necessario que a instrucção publica viesse resolutamente em auxilio da instrucção do soldado — tanto mais que elle se demora agora um tempo muito limitado no activo; e por egual seria necessario que a educação publica viesse em auxilio da educação complementar do soldado.

E quero que a educação e a instrucção venham abraçadas, irmanadas, fundidas, pois, como auctorisadamente diz Herbart,

— a instrucção sem cultura moral, isto é, sem acção sobre o caracter, seria um meio sem fim; do mesmo modo que a cultura moral sem instrucção seria um fim sem meio.

Ora, nós queremos os conhecimentos influenciando sãmente a vontade, como queremos flôres opulentas de matizes e aromas delicados, e como queremos arvores de sombra refrigerante e de fructos bellos, alimentares e saborosos: temos então d'instruir e educar, para que as flôres matizadas do entendimento e os fructos bellos da illustração possam ter o perfume da bondade e a substancia da integridade do caracter e da rectidão da consciencia.

Não julgo sufficiente que se «construa o banco da escola com as madeiras com que se levanta a forca; que da escada por onde sóbe o verdugo se faça escada por onde suba o professor; e que o dinheiro que se gasta com os carrascos para os trazer nédios e robustos seja applicado na compra de livros para educar as creanças» como algures disse o ex.mo bispo titular de Bethesaida; nem intendo, como o muito reverendo conego Pacheco escreveu, a proposito d'aquella passagem, que —«a escola é, de ordinario, um patibulo, onde se trucida a fé e onde morrem os primorosos predicados do coração e as dôces harmonias d'uma consciencia pura. A muita luz cega ás vezes como a muita sombra. Escolas ha muitas, e muitas havia já quando s. ex.ª queria que dos madeiramentos do patibnlo se construissem os bancos escolares — o que não havia, e não ha ainda, e o que não haverá no dia de amanhã, a avaliar pelo dia de hoje, são verdadeiros e legitimos educadores».

Salvo o devido respeito pelo doutissimo bispo e pelo perclaro e afamado conego — ambos fulgentes sóes da tribuna sagrada, e o ultimo muito meu antigo e querido amigo — eu não me conformo com o que as suas palavras possam por ventura ter de exclusivismo doutrinario.

Raro, rarissimo, se póde duplicar a qualidade de bom educador no simples professor. Ha requisitos tão essenciaes, e ao mesmo tempo tão differentes e quasi oppostos para cada um d'elles, que, instruir e educar, se deve desdobrar em duas funcções perfeitamente distinctas, embora d'acção quanto possivel simultanea e convergente.

Por nosso mal, nós portuguezes, estamos miseravelmente falhos d'esta orientação, sendo devéras contristador o nosso analphabetismo a par d'uma dissolvencia moral, a meu vêr ainda mais tremenda do que a ignorancia.

E, senão, attente-se desapaixonadamente na marcha lamentavel dos acontecimentos nacionaes mais proximos, entre os quaes os que se epilogaram tão feroz e aviltantemente no Terreiro do Paço, n'aquella lutuosa tarde de 1 de fevereiro.

Não foi a falta de letras, mas positivamente a falta de caracter e de sentimentos sãos, a determinante d'uma tal tragedia, de que ainda estava virgem a historia e alma patria.

E mais symptomatico que o regicidio foi a ostentosa e arrogante romaria á cova do assassino, e a immediata subcripção publica em prol dos orphãos do criminoso.

Aquillo não foi piedade nem caridade: foi apenas e tão somente a apotheose do crime e sementeira de novos criminosos.

Mandava a piedade que se lastimasse do intimo do coração o desvairamento do homicida, e que as almas mais compassivas e crentes se confrangessem e até elevassem preces pelo que fôra malvado; e pedia a caridade que se acudisse aos orphãos e a sua avó materna, diluindo e afastando o mais possivel, de sobre elles o labéo de tão ignominiosa herança; e, com o pão do corpo se corrigisse nas desditosas creanças o que a lei fatal da hereditariedade por ventura fôsse manifestando; e se consolasse na desolada senhora — já viuva e com a filha morta — a dupla dôr e desesperação da perda do genro e do motivo porque o perdera. Mas, ir ao cemiterio em ar triumphal e soberbo, para dignificar o homicida, e andar pelos jornaes das pseudo-idéas avançadas, e em peditorio particular, a colher dinheiro com que constituir um capital que ponha a familia d'esse homicida em condições mais desafogadas do que as que desfructava, anteriormente ao crime, pelo trabalho até então considerado honesto do seu chefe, é para mim uma profanação, uma affronta, e talvez uma perdição, que, repito, se me affigura mais repulsiva que o proprio crime perpetrado. O regicida foi acorrentado e vencido por uma obsessão de qualquer ordem — politica ou pessoal — a que o seu organismo degenerado de certo ponto em deante não poude resistir; mas ao menos teve a coragem de matar á mão armada, publicamente, de dia e na rua, mostrando que estava matando e contando que tambem ali cahiria morto — era um assassino vulgar, visivel e attingivel, decidido a matar e a morrer; em quanto que os outros são cumplices moralmente intencionaes do crime e, no mesmo campo, fomentadores de novos crimes similares.

Para mim, senhores, a romaria e a subscripção indignam-me e abalam-me tanto como se eu visse o homicida reviver, adquirir a consciencia fria e nitida do acto consumado, caminhar impavido e direito ao Panthéon, tirar o rei e o principe das urnas em que jazem, contemplal-os nos seus aspectos de mortos desfigurados, descobrir-lhes as feridas mortaes, palpal-as, esquadrinhal-as, rir, chasquear da morte, e apontar e desfechar de novo, e placidamente, a carabina certeira sobre aquelles peitos embalsamados.

Por tudo isso, senhores, quero a instrucção abraçada, entrelaçada na educação, incumbindo-se cada parte d'estas missões nobilissimas, — apparentemente duplas e no fundo unas — a individuos ou a entidades provadamente edoneas e competentes.

Os professores primarios allemães, por seu admirabilissimo trabalho de terem instruido e educado, cooperaram, ignorada mas poderosamente, para a estrondosa victoria das armas patrias, quando foi da terrivel guerra de 70 com a França.

Não ha duvida que os soldados prussianos, entrando em Paris como em sua propria casa, graças á leitura da respectiva carta, e tendo deixado após si linhas telegraphicas estabelecidas expeditamente, mas que ainda hoje servem a grandiosa cidade, tinham trazido da escola e do seu lar, para dentro dos quarteis,

aquella força, — que é um thesouro e uma garantia — que brota d'um entendimento alumiado e d'um coração ennobrecido.

Foram o professor primario e a familia que, sobretudo pelo alevantamento da força moral da juventude allemã, mais contribuiram para a derrota esmagadora dos francezes: porque, assim como as armas de fogo não operam sem munições, assim tambem o soldado — portador d'esses elementos de combate — só vence quando tem a razão esclarecida e o coração transbordando sentimentos grandes, e a alma temperada na coragem consciente e afervorada, que foi, é, e será sempre, factor essencial e preponderante na sorte das armas.

(Continúa)

Pistola automatica portugueza

(Continuado do n.º 2 — 1909)

Tendo dado aos leitores da *Revista de Infanteria*, no ultimo numero, uma ideia geral do funccionamento e das condições balisticas da pistola que em breve deve ser distribuida aos officiaes do nosso exercito e cuja recepção se está já effectuando, vamos hoje completal-a com a descripção e as condições necessarias para a carregar e descarregar, bem como a sua montagem e desmontagem.

Carregamento do carregador. Segura-se este com a mão esquerda (fig. 1), ficando a abertura para cima e a ponta para a direita; com o auxilio do pollegar carrega-se no botão serrilhado de forma a que, fazendo descer o elevador se possa com a mão direita introduzir pela abertura e horisontalmente um cartucho. Continuando a fazer descer o elevador vão-se introduzindo por cima e por forma identica os cartuchos até 8.

Para descarregar o carregador, com o pollegar direito fazem-se sahir, puchando pela base os cartuchos, que se juntam na palma da mão.

Introduzir o carregador na pistola. Para isso segura-se a pistola com a mão direita, na posição de fazer fogo, e segurando a lamina com a mão esquerda entre os dedos pollegar e indicador, com a ponta dos projecteis para a frente, introduz-se no alojamento proprio até que o botão de fixação da pistola entre no entalhe correspondente

do carregador, o que se sente por um estalido e ás vezes por um choque ligeiro da mão esquerda contra o proprio punho de pistola.

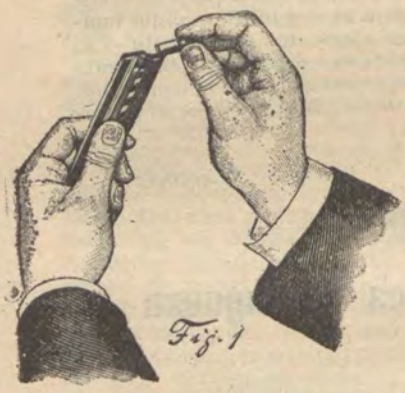


Fig. 1

Fig. 2

Extracção do carregador. Segura-se a pistola com a mão direita (fig. 2) voltando-a um pouco para a esquerda e apoiando o dedo pollegar da mesma mão sobre o botão de fixação; ao mesmo tempo segura-se com a mão esquerda a parte saliente e inferior do carregador. O carregador tambem ás vezes cae pela acção do seu proprio pezo desde que se exerça pressão com o dedo pollegar da mão direita no botão de fixação, mantendo a pistola n'aquella posição.

Carregar a pistola. Segura-se fortemente a pistola com a mão direita pelo punho sobre a parte saliente do machinismo de segurança automatica: alongar o dedo indicador pela parte de fóra da pistola, estando o cano horisontalmente e o ferrolho levemente inclinado para a esquerda. Com a mão esquerda apertar fortemente entre os

Fig. 3

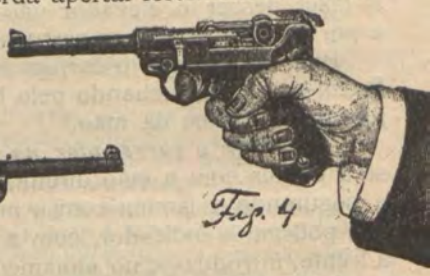


Fig. 4

dedos pollegar e indicador os botões da joelheira e puchal-os com força e bruscamente á retaguarda em linha recta com o eixo do cano. Soltando em seguida a joelheira, ella avança de novo para a posição anterior. No 1.º movimento a joelheira dobrando, traz o ferrolho á retaguarda passando por cima do cartucho superior do carregador. No 2.º, os dedos soltando a joelheira fazem com que o ferrolho por effeito da mola recuperadora desaloje o cartucho do carregador e o introduza na camara que fecha, ao mesmo tempo que deixou armado o percutor, levando o ferrolho na sua frente o cartucho superior, que introduz na camara do cano, ficando assim a pistola carregada e prompta a fazer fogo.

Carregamento tiro a tiro. A pistola tambem se pode carregar sem a lamina-carregador. Para isso segura-se a pistola com a mão direita, e, com a mão esquerda, como na posição anterior, tira-se a joelheira á retaguarda por completo e mantem-se n'esta posição carregando com o dedo indicador (fig. 3) sobre o botão esquerdo; apoia-se em seguida o dedo pollegar contra o olhal da corrediça e o dedo maximo sobre a testa do ferrolho. Estando assim aberto todo o machinismo da obturação, e passando a segurar a pistola com aquelles dedos da mão esquerda e na mesma posição, introduz-se o cartucho na camara com a mão direita, o que é facil de fazer depois d'alguma pratica. Para obter a obturação basta, depois de a empunhar com a mão direita, abandonar a joelheira e tudo volta á posição primitiva, ficando a pistola carregada e prompta a fazer fogo. Este processo é porem pouco recommendavel porque é mais facil carregar a pistola com o auxilio do proprio carregador.

Descarregar a pistola. Tira-se primeiramente o carregador, como já ficou indicado, se estiver collocada no punho da pistola; retira-se em seguida lentamente e com precaução o ferrolho com o auxilio da joelheira, como tambem já ficou indicado, de maneira que o cartucho não salte para cima, mas que caia pelo vasamento do punho para alojamento da lamina-carregador, tendo collocado pela parte inferior a mão esquerda, que o apanhará.

Posição de fogo. A maneira de segurar a pistola no momento de fazer fogo é uma coisa importante. O punho deve-se segurar fortemente com a mão direita (fig. 4), apoiando toda a saliencia posterior mesmo sobre a mão para d'esta fórma se offerecer maior resistencia ao recuo.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(*Continuado do n.º 2—1909*)

6.ª ACÇÃO

Marcha de 13 (assalto ao Damequero)

(*Continuação*)

O acampamento estabeleceu-se, n'uma pequena elevação, onde existiam *cacimbas*, trincheiras imperfeitas, morros de *salalé* e cinco *libatas*, sendo a maior aproveitada ao principio para hospital de sangue.

Ao centro do acampamento e no ponto mais elevado construiu-se um reducto para uma companhia de infanteria e uma secção de artilheria. O trabalho fôra dirigido pelo alferes Mello Vieira, official novo, muito habil, trabalhador e que durante toda a campanha se portou valentemente, que, com o seu habitual bom humor e bella disposição de espirito, percorria nas horas de descanço, as *messes* dos officiaes, contando diversas anedoctas, do seu inexgotavel reportorio ou nos narrava um caso interessante e de sensação, dado no decorrer d'uma acção, o que nos fazia rir e suavisar, em parte, o cansaço e as privações. Bella alma! bello official!

O reducto foi construido pelos sapadores e *landins*, o seu traçado igual ao do Aucongo, porém a face direita, era ligeiramente quebrada, para poder abranger algumas *libatas*.

As unidades continuaram a preparar um maior campo de tiro, a limpar e a profundar as *cacimbas* e as obras do fortim activaram-se.

Em 15, ás 5 horas da manhã, um destacamento composto da companhia de marinha, uma secção Canet, 1.ª europeia e 10.ª de Moçambique, sob o commando do 1.º tenente Sepulveda, marchou para o forte Roçadas, afim de escoltar os carros e lêvar os feridos, devendo no regresso trazer viveres e munições. A' mesma hora o 2.º esquadrão sahiu em direcção opposta, para desviar a attenção do cuamatos, recolhendo ás 9 horas tendo incendiado muitas *libatas*.

Ao meio dia, os auxiliares foram razziar e queimar *libatas*, trazendo gallinhas, porcos, aboboras, muitissima *massambala* e milho; traziam tambem uma velha que depois de se lhe dar comida e diversos presentes, tendo recuperado a serenidade, porque se viu, emfim, livre de perigo, vendo que a não matavamos, contou-nos: «no combate de Mufilo morreu muita gente e ficaram muitissimos feridos; que n'esta acção estava gentio de todo o Ovampo; que a maioria dos conselheiros do soba e dos chefes de guerra eram de opinião que não se continuasse a oppôr resistencia, ao que elle não annuiu, mandando matar alguns que se mostraram contrarios ao seu desejo e plano.»

Parece-me occasião opportuna para relatar uma palestra que tive com o boer Wellem Weuten, que tomou uma parte muita activa na guerra anglo-boer. Perguntei-lhe: «Que conceito faz do nosso soldado? Resposta e palavras textuaes: — *Se os inglezes tivessem soldados como os portuguezes, não lhe tinha custado tanto a vencer os boers.* — Porque diz isso? — *Soldado portuguez só quer agua, comida não precisa, morre um camarada ao lado, nem para elle olha, quer é avançar. Soldado portuguez, bom! bem bom! está ferido continúa a fazer fogo.*

7.ª ACÇÃO

Ataque ao acampamento (15 de setembro)

A's seis horas da tarde, ouvia-se, a distancia, grande alarido. Immediatamente corre-se a tomar os logares na defesa da trincheira.

Meia hora depois rompe fogo vivo sobre o acampamento, a que não se responde, por estarmos entrincheirados, o alvo não ser visivel e pela conveniencia de se poupar munições.

As trincheiras estavam feitas com toda a segurança, permittindo o fogo de pé e perfeitamente acobertos, com

travezes de altura tal, que não havia a recear o fogo de enfiada.

A face da frente estava guarnecida pelo 12, estendendo com quatro passos de intervallo, para poder defender o entrincheiramento da companhia de marinha. A da direita, era guarnecida pela 2.ª europeia, unidade muito reduzida, devido ás baixas por doença, e pelo 1.º esquadrão; defendiam todo o espaço deixado pela 1.ª europeia e 10.ª de *landins*, cujo effectivo era muito superior, por onde se póde concluir que a defesa era insufficiente.

Chegam a 200 metros, fazem fogo por detraz das arvores e em cima d'estas, dos morros de *salalé* e das covas de lobo. O tiroteio augmenta e continua-se a não responder.

Ouve-se distinctamente dizerem: *não teem polvora*, a que outros respondem: *teem muita*.

Os chefes de guerra (*lengas*) animam a segunda linha, os armados de zagaia e *porrinho* (moca). O fogo augmenta. De repente cessa e o incitamento redobra.

Avança! Avança! Mata á zagaia! Avança! Avança!

Chegam a 150 metros, julgou-se a occasião propicia para romper o fogo, feito ao principio, por descargas de companhia e depois por pelotões.

Fugiram, fez-se-lhe fogo até 500 metros e a artilheria lançava as suas granadas a 800 e 900 metros, para os caçar na retirada.

Os gritos de dôr e a vozearia repetia-se por todo o campo de batalha. Este arrojo e temeridade, eram os ultimos arrancos d'um povo vencido e desmoralisado; combatendo mais pelo respeito ao *soba* do que pela convicção da sua força e superioridade numerica.

Depois do combate, ás oito horas da noute, alguns vieram parlamentar para o acampamento, dizendo: *Não avancem mais; Maniputo* (El-Rei) *tem tantas terras, deixe-nos estas, o que devemos nós comermos, nossas mulheres e filhos.* — Ao que respondemos:— «Entreguem-se que serão bem recebidos».

Lamentos d'um povo que perdeu a arrogancia de invencivel e a força moral, e pede compaixão.

Nós é que não podiamos ceder aos rogos, tornava-se necessario desthronar o grande potentado e deixar bem assegurado o nosso poderio e dominio, para mais tarde não nos arrependermos de termos sido complacentes com um povo que desejava trucidar-nos.

Estava finalisada a 7.ª acção.

Nos dias 16 e 17 deram-se os ultimos retoques no fortim, estabeleceram-se as defezas accessorias e limpou-se o terreno em volta.

A's 8 horas e 30 minutos da noute de 16, o commandante da escolta do comboio, annunciou do forte Roçadas para o de Aucongo, a sua sahida, no dia seguinte; acampou e pernoitou ali, transmittindo para o Damequero a sua estada e continuação de marcha.

Em 18, ás 9 horas, chegou o comboio, com um dispositivo de marcha approximadamente igual ao primeiro, não tendo sido atacado.

Escoltavam 45 carros boers, que foram acampar proximo do flanco direito do reducto; sendo os viveres entregues ao incançavel chefe dos serviços administrativos, tenente Domingos Ferreira e as munições ao commandante do trem de combate, alferes Marçal.

Recebidos com franca alegria, fóra o 1.º tenente Sepulveda enthusiasticamente felicitado pelo bom exito de tão perigosa e espinhosa missão; os soldados abraçaram-se e levantaram vivas á Patria, a El-Rei, á marinha e ao exercito.

Os officiaes foram convidados a almoçar na *mess* d'infanteria 12, onde reinou a mais sincera e franca satisfação e camaradagem.

Cumprido o serviço, a escolta foi occupar os seus primitivos logares no entrincheiramento.

Trouxeram tambem correspondencia dos entes queridos e amigos, telegrammas do reino e de diversos pontos d'Africa, que endereçavam palavras de louvor e incitamento, em que a columna, na pessoa do seu commandante, recebia o premio de tanta somma de sacrificios e abnegação. A Patria confessava-se reconhecida e agradecida, e considerava os feitos dos nossos soldados, como mais uma epopeia do povo portuguez.

A correspondencia foi distribuida ás unidades, junto ao quartel general, e para os grupos que ali se encontravam os cuamatos dirigiram alguns tiros.

Tornava-se interessante, vêr os officiaes, assentados n'um barril ou caixote ou debaixo d'uma arvore, com o rosto tisnado pelo sol tropical e de aspecto carregado, avidamente a lerem as cartas d'um pae ou d'uma mãe amantissimos, d'uma esposa dedicada e amada, d'um filho querido, d'um amigo dilecto.

Os soldados nas trincheiras, procediam da mesma

fórma, lendo as cartas dos paes, irmãos, noivas, amigos e visinhos, juntando-se os da mesma terra para trocarem impressões.

Que telas tão sublimes se podiam obter!

No meio do sertão, em guerra aberta, quanto nos suavisa e anima as palavras de resignação e esperança da familia, o pensamento de que as suas orações serão ouvidas.

A crença religiosa ainda é uma mola bem sensivel, que dá coragem nos perigos mais imminentes.

Bem avaliavamos que essas palavras eram escriptas com o coração confrangido, mas eram precisas para que não fraquejassémos e cumprissemos religiosamente o nosso dever de soldado.

O sentimento e brio Patrio ainda não se apagou! Ha mulheres que preferem a morte do filho ou esposo, á sua deshonra no campo da batalha.

N'este mesmo dia, ao anoitecer, passou pelo acampamento um vendaval, que derrubou barracas e palhotas.

O céo começou a escurecer, nuvens carregadas deslisam por cima de nós, desencadeia-se uma tremenda trovoada, d'aquellas que só em Africa se ouvem; faiscas por toda a parte e em noite tão tenebrosa, substituem os projectores, que por indesculpavel imprevidencia não funccionavam por se ter acabado o carboreto.

O inimigo tambem nos seus arraiaes, accendeu fogueiras, que produziam um aspecto soberbo.

As praças no entrincheiramento, serviram-se das tendas abrigos, fazendo uma improvisada capa, atando-a pela cintura e pescoço e por uma simples dobra formavam o capuz.

Foram obrigados a sahirem das trincheiras, por se terem innundado.

A's 11 horas o céo aclarou, a chuva parou, dormindo uns de pé, outros encostados ás arvores ou deitando-se no solo humedecido.

Vida de campanha, que só a pode bem avaliar aquelle que a tenha experimentado.

A 19 nomeou-se a guarnição do forte: — um pelotão de europeus, os doentes e estropiados e outro indigena, uma peça Krupp e uma metralhadora. O commando do forte foi confiado ao capitão de artilheria Luiz Carrilho, que devido ao pequeno effectivo, corria o risco de uma defeza insustentavel. A bandeira ficava confiada á

sua guarda — e estava bem entregue — porque só seria abatida, quando elle e a sua guarnição morressem junto d'ella. Responsabilidades que se tomam, por dever e brio da farda, mas que representam actos de muito valor, que nem sempre são devidamente apreciados.

No mesmo dia a ordem da columna determinava: «que com o mesmo dispositivo, mas com o effectivo mais reduzido, e destacando infanteria 12 um pelotão para a face da esquerda, se avance sobre o objectivo, e mais uma vez recommendava: — alvorada sem toque.»

(Continua)

Tete, 28 — 9 — 908.

F. Pimentel
Cap. d'inf.ª

O heroe dos Dembos

E' a segunda vez que a *Revista d'Infanteria* se occupa do sr. capitão João d'Almeida, nosso illustre e prestimoso camarada. Da primeira vez foi para o felicitar pelos seus triumphos alcançados nos Dembos, n'essa gloriosa campanha que elle tão brava e proficientemente dirigiu, e para nos associarmos ás manifestações de regosijo com que os seus feitos foram recebidos; e agora, que esses echos festivos são passados e que elle se encontra no sul da provincia d'Angola a completar a obra que iniciou, nos vamos tambem referir a elle para descrever a forma como foi recebido e os seus feitos apreciados pelo exercito em geral e pelos nossos camaradas d'arma em especial.

Por iniciativa dos officiaes da escola pratica de infanteria foi nomeada uma commissão encarregada de abrir uma subscripção entre os officiaes da arma para offerecer ao bravo capitão João d'Almeida uma espada de honra.

Sendo este appello generosamente correspondido por todos os officiaes de infanteria, foi encarregada a joalheria Teixeira & C.ª, de Lisboa, de proceder aos desenhos e fabrico, no que se houve d'uma forma primorosa e verdadeiramente artistica. Os punhos da espada são graciosamente formados por palmas e armas gentilicas, ás quaes se enrola a bandeira portugueza, cujas armas são crave-

jadas de rubins. No topo vê-se um soberbo leão, tambem com os olhos cravejados de rubins, defendendo a bandeira. O guarda-mão é formado por este leão e por tres serpentes, que se enroscam e vão ter a uma primorosa aguia que sustenta uma fita em que se lêem os seguintes versos de Camões:

E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

A bainha, toda de prata, tem d'um lado o emblema da infanteria, e do outro um escudo encimado por um dragão. A base é formada por um golfinho. A lamina é da fabrica de Toledo, tendo a seguinte legenda: «Ao heroe dos Dembos».

Esta espada foi entregue ao bravo capitão João d'Almeida na escola pratica de infanteria, em Mafra, no ultimo dia de trabalhos finaes do mez d'agosto, o que constituiu uma festa militar em que ao lado da mais viva alegria e satisfação reinou sempre a mais leal e franca camaradagem. E a essa festa se associaram os officiaes do quadro permanente e todos os que alli se encontravam fazendo serviço ou em tirocinio, os aspirantes, que com a sua jovialidade de rapazes deram á festa a animação, brilho e calor que são proprios das suas edades e de futuros camaradas, e bem assim o ex.^{mo} general director da infanteria e todos os officiaes que constituiam a commissão de aperfeiçoamento da arma e que ali se encontravam.

A entrega foi feita na imponente sala elyptica d'aquella escola e em seguida á distribuição de premios.

Uma mensagem escripta em pergaminho, que estava encerrada em uma linda e artistica pasta de couro e na qual se destacava um escudo feito em prata com o emblema da arma bellamente gravado, foi então lida pelo presidente da commissão, cujo theor é o seguinte:

Ex.^{mo} sr. capitão João d'Almeida, nosso muito illustre e glorioso camarada. — Disse Jomini que «a pressa em prestar justiça ao merito não é uma qualidade commum.»

E' esta uma profunda verdade que muito nos agrada registar n'este momento, feliz para todos nós, em que tratamos de glorificar um camarada illustre, podendo affirmar que, desde o vosso regresso a este querido Portugal, se muitas, mui justas e mui brilhantes teem sido as homenagens que vos teem sido prestadas, nenhuma foi mais expontanea, nenhuma antecedeu o desejo sofrego da nossa alma por esta que só hoje de facto vos podemos prestar.

Foi aqui, n'esta escola que déstes, por assim dizer, os primeiros passos na carreira das armas.

Foi a corporação da escola a primeira que teve a dita de conhecer, e bem, os dotes excepcionaes da vossa intelligencia e do vosso caracter. Sabemos bem que a vossa modestia, egualando o vosso valor, decerto se susceptibilisará, mas vós bem sabeis que «não cabe a lisonja em bocca de soldado».

Está bem gravada ainda na memoria de todos os nossos camaradas que ainda restam da corporação de ha uma duzia de annos a vossa bella camaradagem, a vossa valiosa collaboração como instructor distincto.

A corporação da escola segue sempre com carinhosa attenção os passos d'aquelles que d'ella são afastados pelas contingencias da nossa carreira.

Foi ha quasi tres annos que partistes para as terras d'Africa.

Sempre que vemos partir para longas terras camaradas, sem uma sombra a empanar-lhes o rosto, antes felizes por poderem prestar ao paiz os seus serviços, se a vista se torna impotente perante a distancia que o mar nos interpõe, nunca a saudade nos abandona, nunca deixamos de os seguir carinhosamente com os olhos da alma. E assim: elles vos acompanharam na difficil passagem do Cunene em 29 de agosto de 1906; no combate de 1 de setembro, em que, á frente da 11.ª indigena, evitastes denodadamente que os nossos dragões fossem envolvidos e destroçados pelo gentio aguerrido; durante a perigosa missão ao Cuanhama, ao Cuamato e ao Evale, onde trouxestes a vida em constante risco. Depois, mais tarde, em 1907, atravez da região accidentada e inhospita dos Dembos, rebelde á nossa soberania ha quasi quarenta annos, cuja submissão o governador d'Angola inspiradamente confiou ao vosso valor.

Como deixar de rememorar a lucida intelligencia, o inalteravel sangue frio, a inabalavel coragem, a prompta decisão com que vos houvestes em tão escabrosa missão?

O reconhecimento da traiçoeira região; a marcha de 15, 16 e 17 de outubro atravez de desfiladeiros semeados de perigos, debaixo da fusilaria constante do inimigo?

O combate do dia 20 contra os negros de Cazuangongo, auxiliados pelos das regiões limitrophes, cuja resistencia excedeu a de tropas regulares, fazendo experimentar sensiveis perdas em mortos e feridos á valente columna do vosso commando, um punhado de heroes feitos pelo vosso exemplo, ao qual, para ser bem eloquente, nem faltou o sangue derramado? Apesar de tudo, no dia seguinte, 21 de outubro, a nossa gloriosa bandeira tremulava triumphante na sanzálla de Cazuangongo, a cidadella inimiga!

E assim reconquistastes para a civilisação a importante região dos Dembos!

E' por isso que hoje vos cobrem as bençãos de todos os que amam a sua patria, de todos os que, desvanecidos, veem nos vossos feitos valorosos uma garantia de que poderemos guardar com honra o patrimonio que nos foi legado pelos heroes que regaram com o seu sangue generoso a vastidão immensa do nosso imperio colonial.

E' com verdadeiro orgulho que vemos que seria enorme o contraste entre o passado epico, de refulgentes glorias do nosso

Portugal, patria de heroes que assombraram o mundo, e o mesquinho presente, de inepcia e de cynismo, que nos avilta e nos degrada, se não surgissem de onde em onde caracteres como o vosso, tradições vivas do portuguez antigo, resistindo a todos os contágios virulentos, e todas as suggestões doentias; inalteravel, firme, incorruptivel, immune perante a evolução degenerescente que vem subvertendo pavorosamente a nossa raça.

Felizmente, exemplos como os vossos fructificam uberrimamente e poderemos portanto, nós o exercito, bradar bem alto: «Portugal viverá sempre porque no seu exercito só se sabe morrer com honra, porque não ha um só dos seus elementos, desde o mais elevado ao mais modesto, que não queira ardentemente imitar os seus heroes, um só que, na hora do perigo, chamado a cumprir o seu dever, não estremecesse de vergonha se lhe perpassasse na mente a ideia de que não poderia chamar-vos «camarada», de olhar bem firme e sem que o menor tremor lhe perturbasse a voz».

Permiti-nos, pois, querido «camarada» em nome da corporação d'esta escola e dos camaradas que com tanto enthusiasmo nos acompanharam na nossa idéa vos offereçamos, como preito de sincera, embora modesta homenagem, uma pobre lembrança. Acceitae-a, não pelo que vale, mas pelo que symbolisa.

Que deveriamos offerecer a um verdadeiro soldado? Uma espada: o symbolo da honra, o symbolo do valor.

Queriamos que ella fosse muito rica; mas infelizmente somos poucos e as nossas posses estão bem longe de egualar os nossos desejos.

E, se é certo que d'ella não precisaes como estimulo para novos feitos, será indubitavelmente a garantia do muito que amamos os que honram a nossa querida patria, augmentando o esplendor do seu glorioso nome, e do muito que nos orgulhamos contando-vos no numero dos nossos mais illustres e mais gloriosos camaradas d'arma:

A commissão — (aa) Alfredo Augusto Fernandes, major do estado maior de infanteria; João Vieira Tavares, major de infanteria 21; Antonio Alvares Guedes Vaz, tenente do estado maior de infantaria; Francisco Bernardo do Canto, tenente de infanteria; Casimiro Victor de Sousa Telles, tenente de infanteria.

O ex.mo general, depois de uma breve allocução, collocou a espada á cinta do bravo capitão João d'Almeida, o que foi seguido por uma estrondosa e prolongada salva de palmas acompadas de muitos vivas ao heroe, ao exercito, á infanteria e á Familia Real Portugueza, que foram freneticamente correspondidos por selecta e distincta assistencia em que predominavam gentis senhoras.

O capitão João d'Almeida agradecendo então commovido as freneticas manifestações que acabava de receber, fez um interessante e suggestivo relato da campanha que dirigiu, que devéras agradou e que muito prendeu a attenção do auditorio.

Na tarde d'esse dia realisou-se no vasto refeitorio da

mesma escola um banquete de cerca de 100 talheres e a que presidiu o ex.mo general director da arma, effectuando-se ao *toast* acalorados e patrioticos brindes, em que se salientou, pelo brilho da sua palavra, o nosso illustre camarada e amigo, sr. tenente coronel Adriano Beça.

E assim terminou uma festa da arma tão justa nos seus intentos como ardente nas manifestações que se fizeram.

*

* *

Pelos officiaes do regimento de infanteria 12 foi tambem entregue ao capitão João d'Almeida, na sua ultima visita á Guarda, dias antes de embarcar para Angola, um rico e artistico album que lhe foi offerecido pelos seus camaradas do exercito e que por este meio quizeram manifestar-lhe o seu alto apreço e muita consideração pelos importantes e arriscados serviços por elle prestados.

A iniciativa partiu e foi posta em pratica por uma commissão de officiaes d'infanteria 12, regimento onde o glorioso militar assentou praça e onde serviu muito tempo, que foi dedicadamente secundada por sub-commissões de Lisboa e Porto.

O album, que é artistico e do mais fino gosto que se tem feito em Portugal, está encerrado n'um apropriado estojo interiormente forrado de velludo verde.

A guarnição é toda em prata cinzelada. O desenho que é d'uma concepção finissima, consta d'um leão, baixo relevo, symbolisando a força, lealdade, etc., levantando com as patas da frente o escudo com as quinas portuguezas symbolisando a patria, que estão collocadas sobre uma palma, dispostas no sentido da diagonal.

O mesmo leão calca altivamente com as patas trazeiras um molho d'armas gentilicas elegantemente dispostas.

A parte superior é ornada por uma fita que graciosamente se dobra e vae como que serpenteando a capa d'onde em onde, assentando a todo o comprimento, até ao extremo em que a sua direcção se modifica para vir cahir e ornamentar a face direita até ao meio. Esta fita, toda de prata cinzelada, é entrelaçada com renques de louros, tendo nas dobras bellamente gravadas as differentes datas e nomes dos principaes combates.

No canto inferior do lado direito assenta um escudo redondo onde está primorosamente gravado o seguinte

offerecimento: «Ao capitão João d'Almeida, heroico commandante da columna da operações aos Dembos. — Homenagem dos seus camaradas. — 1908.» As dobras do escudo são alternadas por dois ramos de louros. O album é rematado por 4 fitas do mesmo couro com franja que semelha fiadores das espadas do exercito e servem para fechar. E' rectangular, medindo $0^{m},53$ de comprimento por $0^{m},39$ de largura. Interiormente é forrado de setim de seda branca e abre por uma mensagem que é assignada pela commissão e sub-commissões de Lisboa e Porto e que occupa quatro folhas de pergaminho, grande formato, orladas de filetes dourados, sendo a primeira pagina encimada pelas armas portuguezas.

Em seguida é continuada por numerosas folhas de cartão, ornadas de phantasiosas vinhetas impressas em verde dourado, d'um gosto finissimo, em que estão collocados e dispostos artisticamente milhares de photographias dos officiaes que se associaram a esta homenagem. Estas photographias, pequenas miniaturas, são orladas por traços em verde, tendo na parte inferior escripto a nakim e em bellos caracteres o appelido de cada official. Começa pelos generaes, entre os quaes se veem os conselheiros Pimentel Pinto, Gorjão, Moraes Sarmento, general Craveiro Lopes, etc., e vão seguindo os differentes postos até ao de alferes.

Finalisa por uma lista de nomes de perto de mil officiaes, que auctorisaram a collocação do seu retrato no album e que não foi possivel obtel-o.

A execução d'este trabalho foi confiada á ourivesaria José Rosas, do Porto.

Na sala dos officiaes do regimento de infanteria 12, foi tambem collocado um busto do capitão João d'Almeida, que foi mandado fazer por um grupo dos seus amigos e admiradores, realisando-se n'esse dia no quartel d'aquelle regimento uma imponente festa a que concorreu todo o elemento militar e civil da Guarda.

E por todas estas formas se prestaram ao capitão João d'Almeida as homenagens a que tem jus pelo seu talento e pelo seu saber, pela sua bravura e heroicidade e pelos relevantes serviços que prestou ao paiz e á patria com a pacificação dos Dembos.

Historia da Infanteria Portugueza

INTRODUCÇÃO

(Continuado do n.º 2 — 1909)

A Infanteria dos romanos

II

A Legião — Suas transformações

Os hastarios, principes, triarios e velites, distinguiam-se no modo de combater, pelas armas que usavam e ainda pela edade. Os homens mais novos eram destinados a velites; os immediatos a hastarios; os mais valentes e vigorosos a principes, e os de edade mais avançada a triarios.

Os hastarios e principes eram armados com o pilum, arma de arremesso, formada por uma longa haste de madeira terminada em ponta de ferro; e os triarios usavam lanças e dardos. Uns e outros se serviam, depois da conquista da Hespanha, da espada de dois gumes que usava a infanteria peninsular e que os romanos adoptaram; e como arma defensiva empregavam a couraça, e escudo e o capacete. (1)

Cada manipulo comprehendia duas centurias. Os centuriões commandavam os manipulos, occupando em formatura o logar de chefe de fila do flanco esquerdo.

Quatro d'estas legiões de cinco mil infantes e tresentos cavallos eram recrutadas ao modo ordinario. Reuniam-se-lhe outros tantos soldados recrutados entre os latinos.

A legião combatia combinando a lucta longinqua com a effectuada a pequena distancia. A artilharia legionaria iniciava o ataque abalando a força moral do inimigo. Depois os velites, destacando-se dos manipulos das duas primeiras linhas, dispersavam, e aggrediam o inimigo com flechas, retirando logo para os flancos e retaguarda da legião. Avançando em seguida os hastarios, logo que chegavam junto do inimigo (10 passos de distancia approximadamente) lançavam-lhe o pilum, luctando depois corpo

(1) O escudo que primeiramente tinha a forma redonda, passou depois a ser oblongo.

a corpo e brandindo a espada. A linha dos principes apoiava a dos hastarios. Os triarios ficavam immoveis, com a perna esquerda lançada para a frente, o escudo ao hombro, a lança firmada no chão, como que abrigados por uma sebe de ferro. Se os principes não eram felizes no ataque, retiravam até ao logar dos triarios. (1) Abriam então os triarios as suas fileiras, para n'ellas se acolherem os principes e a infantaria pesada, e logo as tornavam a unir para fechar a passagem: formava-se então um corpo cerrado, tentando toda a legião em massa o esforço suppremo, cahindo sobre o adversario como uma avalanche destruidora. Era terrivel para o inimigo esta investida, especie de retorno offensivo, porque, julgando que tinha apenas de perseguir vencidos, surgia-lhe, repentinamente, um novo exercito ainda maior.

*

Para obviar o inconveniente das linhas com intervallos, Mario, o vencedor dos Cimbros e dos Teutões, pondo em pratica os principios colhidos na experiencia das guerras, substituiu os manipulos por cohortes approximando a sua organisação da da phalange, o que lhe proporcionou a importante vantagem de formar solidos quadrados, pois que tendo o manipulo apenas doze homens de frente, a cohorte apresentava sessenta. Na alternativa da posse do poder, o chefe do partido popular aproveitou a opportunidade para uma reforma militar harmonica com as transformações porque passara a sociedade romana.

O exercito era ao tempo constituido por elementos os mais variados e de todas as proveniencias. Ao legionario faltava já, até aquella grande e cega confiança no seu valor individual que tanto o caracterisava no periodo aureo. Necessario era, portanto, procurar na força do numero o que faltava nas qualidades pessoaes que distinguiram o legionario do manipulo, unidade pequena, é certo, mas que constituia só por si um valioso orgão para a lucta. A cohorte era uma unidade formada por 6 a 8 centurias com a profundidade de 10 filas. Foi esta a primeira forma cohortal. Suprime o armamento hecterogenio e arma todas as legiões com o pilum modificado; forma

(1) Veio d'aqui o proverbio «ir-se chegando aos triarios», quando os negocios corriam mal.

os velites em filas, ficando assim, portanto, uma só especie de infantes e um armamento unico.

Na legião cohortal, em vez de trinta pequenos corpos unidos tacticamente uns aos outros e que não sabiam proteger-se mutuamente, creou Mario dez corpos que tinham em si todos os elementos para a resistencia que um só chefe podia instruir e mover facilmente.

Conservou o combate em filas abertas e por linhas successivas, assim como a passagem das linhas pelos intervallos das filas, mas sem sujeitar a legião ás tres linhas collocadas sempre systematicamente.

Começa então a designar-se o effectivo da infanteria romana pelo numero de cohortes, como actualmente pelo numero de batalhões. A cohorte, como o actual batalhão, era uma unidade tactica independente, cuja collocação e disposição na linha não estava subordinada á das restantes fracções. Qualquer cohorte formava indistinctamente na vanguarda, na retaguarda ou nos flancos; no centro ou na alas; em primeira, em segunda linha ou na reserva. Não existia tambem nenhuma subordinação no respeitante á maneira de collocar os hastarios em relação aos principes e aos triarios.

Constituindo a cohorte uma unidade tactica completa, organisou Mario a legião em duas linhas de cinco cohortes cada uma, separadas por intervallos iguaes á sua frente. A distancia entre as linhas era de 100 metros.

Empregou-se esta formação até ás conquistas de Julio Cesar.

As transformações na tactica legionaria, devidas á iniciativa e ao talento de Mario, nada são com a profundissima revolução que fez no recrutamento do exercito. Para manter o effectivo das legiões tinha-se tornado necessario baixar gradualmente o censo dos cidadãos obrigados ao serviço militar. (1)

Cumpria, pois, custasse o que custasse, prover de remedio seguro não só ás exigencias politicas mas tambem

---

(1) No tempo de Polybio o censo primitivo de 10:000 estava reduzido a 4:000; pouco depois descia a 1:500, assim o refere Aulo-Gellis.

Cicero affirma que na população urbana de Roma se contavam apenas 2:000 proprietarios de terras, tendo alguns cidadãos adquirido prodigiosas riquezas.

ás impreteriveis necessidades da força publica, ou antes da defeza da republica e dos seus já vastos dominios.

O espirito democratico de Mario atacou a momentosa questão a fundo; implantou processos que foram considerados violentos, mas que satisfaziam á suprema aspiração de salvar Roma.

Offereceu aos que outr'ora eram excluidos da carreira das armas uma lucrativa profissão. Nomeado consul em 646, recruta o exercito que devia oppôr-se a Jugurtha, entrando n'elle, contra a lei e as tradições, os que nada possuiam. Até os proletarios foram admittidos.

Haviam já sido introduzidos os mercenarios no exercito romano, constituidos principalmente por gente contratada na Peninsula. Continuou a empregar-se um tal recurso extraordinario em circumstancias urgentes. Desde que, porém, as guerras se multiplicavam, necessario foi lançar mão de outros meios; empregou-se um novo elemento: as tropas auxiliares, recrutadas nas provincias. (1)

Quando suprimiu os velites (tropas ligeiras), confiou a estrangeiros, tirados na mór parte das provincias conquistadas, a missão que aquellas desepenhavam. Se no tempo da republica o numero dos auxiliares era igual por vezes superior ao das legiões, posteriormente augmentou muito mais ainda. (2)

(Continua).

J. Gil

Tenente-coronel de infanteria.

---

(1) Foi depois da guerra social, em que os latinos adquiriram o direito de cidadãos romanos, que desappareceram as tropas alliadas, creando-se com um caracter permanente os auxiliares (auxilia).

Eram tres as cathegorias de auxiliares: estrangeiros ao serviço de Roma, mediante um soldo estipulado entre elles e um general romano; soldados recrutados nas cidades dedicticias; contingentes fornecidos pelas cidades alliadas das provincias, em conformidade com os respectivos tratados de alliança, e finalmente tropas solicitadas ás nações amigas ou por estas offerecidas. *Almeida, Idem.*

(2) A infanteria ligeira de Julio Cesar compunha-se principalmente de estrangeiros. Durante a guerra civil chegou Pompeu a ter no seu exercito além de 7:000 cavalleiros auxiliares, 3:000 archeiros de Creta, de Sparta, do Ponto, da Syria e d'outros povos; assim como duas cohortes de fundibularios de 600 homens cada uma. — Masquelez. Dic. de Dar. et Sag.

Secção do extrangeiro

Metralhadoras. — E' notoriamente conhecido o extraordinario desenvolvimento que as metralhadoras teem tido n'estes ultimos dez annos. Pelas noticias que successivamente teem sido dadas n'esta secção se pode fazer uma ideia da febre de que se teem apoderado todas as nações na sua acquisição, mas para essa ideia ser ainda mais completa forneceremos aos leitores um resumo do numero de metralhadoras de que dispõe cada uma d'ellas e da distribuição e applicação que lhe foi dada.

Allemanha. — Além dos destacamentos de metralhadoras, foi determinada a creação de companhias de 2 metralhadoras Maxim, systema ligeiro, para poderem ser fundidas e empregadas conjunctamente com a infanteria. A orientação allemã consiste em dotar cada regimento de infanteria com uma companhia de metralhadoras, o que se deve conseguir por completo no fim do anno corrente.

Austria-Hungria. — No fim do anno ultimo havia já organisadas 39 companhias de 2 metralhadoras para a infanteria d'*elite*, dois destacamentos de 4 metralhadoras para a cavallaria e mais 11 companhias para as tropas da *landwehr*.

Até ao fim do anno de 1910 continuar-se-ha a organisação das companhias de metralhadoras de forma a dotar com uma todos os regimentos de infanteria e batalhão da *elite* e da *landwehr*. Além d'isso continuarão subsistindo os destacamentos, que serão affectos ás divisões e brigadas de cavallaria independente,

Belgica. — Possue apenas 40 metralhadoras Hotschkiss sobre rodas para a defeza movel das suas fortificações, não tendo porém resolvido ainda coisa alguma sobre a dotação do exercito de companha com metralhadoras.

Dinamarca. — Cada esquadrão de *hussards* dispõe d'uma secção de 2 *armas-metralhadoras* transportadas no proprio selim. Está n'este paiz em projecto a organisação de secções de cyclistas munidos com aquella mesma arma, as quaes serão affectos ás tropas de infanteria.

Estados-Unidos. — Possue desde 1 julho de 1906 e affectas aos regimentos de infanteria e cavallaria 45 secções de 2 metralhadoras Maxim.

França. — Presentemente só os batalhões de caçadores de guarnição na fronteira allemã é que estão armados com metralhadoras, mas o ministerio da guera ordenou já as precisas ordens para que todos os regimentos de infanteria e algumas unidades de cavallaria fossem armadas com metralhadoras dentro de 6 mezes, prazo este que termina antes de junho.

Bulgaria. — Todos os regimentos de infanteria e brigadas de cavallaria teem affecta uma secção de 2 metralhadoras, Só no anno passado adquiria esta pequena nação 144 metralhadoras Maxim, tendo cada um dos seus 36 regimentos de infanteria uma companhia de 4 metralhadoras.

Hespanha. — A nação visinha está estudando presentemente este assumpto com um cuidado especial e espera-se que em breve tome a organisação das metralhadoras um grande desenvolvimento. Possue já 6 grupos de metralhadoras Maxim e Hots-

chkiss, que ultimamente foram divididas por secções affectas ás brigadas de infanteria.

Italia. — Nada ha resolvido n'esta nação sobre este assumpto, mas tem estado em experiencia uma metralhadora de invento nacional, Perino, que vae ser adoptada e largamente distribuida pela infanteria.

Inglaterra. — Cada batalhão de fusileiros e de infanteria montada dispõe d'uma secção de 2 metralhadoras Maxim, sob rodas, e cada regimento de cavallaria de uma metralhadora tambem Maxim.

Japão. — Depois da guerra com a Russia foi resolvido pelo governo japonez adquirir mais 1:500 metralhadoras Hotchkiss aperfeiçoadas para juntar ás 320 metralhadoras que existiam depois da guerra. As companhias de metralhadoras para a infanteria são formadas por 6 metralhadoras, divididas em 3 secções. As que são destinadas á cavallaria constam de 8 metralhadoras, divididas em 2 secções. As de infanteria são áffectas aos regimentos e as de cavallaria ás brigadas.

Montenegro.—Tem encommendadas 12 metralhadoras Maxim.

Russia. — Esta nação possue 1:170 metralhadoras Maxim e comprou ultimamente 2:090 armas-metralhadoras que são grupadas em companhias de 4 metralhadoras e distribuidas pelos regimentos de infanteria, de que fazem parte integrante.

Turquia. — Possue actualmente apenas 15 metralhadoras, mas tem já encommendadas 70 Hotschkiss e 50 Maxim, que serão grupadas em companhias de 8.

Suessia. — Segundo o parecer d'uma commissão cada secção das companhias de infanteria terá 2 armas-metralhadoras, seguindo-se na Noroega orientação identica.

Como se vê, a orientação seguida por todas as nações consiste em distribuir as metrrlhadoras pela cavallaria e principalmente pela infanteria. Apesar d'isso e de entre nós se seguir orientação identica, na nossa Escola do Exercito ainda não se ministra o ensino d'este material aos alumnos de infanteria, porque se reputam as metralhadoras como material d'artilheria!!

Allemanha.—*Peso a transportar pelo soldado.* — Uma circular recente regula os artigos que o soldado deve em campanha transportar na mochila com o fim de diminuir o peso. Em logar de cada soldado transportar um jogo d'escovas, será apenas transportada uma que servirá para 4 homens. Os outros artigos do pequeno equipamento são limitados e os restantes são transportados nas viaturas de companhia. Uma das tres rações de conserva passará a ser transportada pela viatura da cosinha rolante ou por uma quinta viatura de viveres por batalhão nas unidades que ainda não estiverem dotadas com cosinha rolante.

O numero de tendas abrigos será reduzido a 80 por companhia e uma parte da ferramente portatil bem como o material telephonico serão transportados nos carros de munições de companhia. Uma parte de impressos, regulamentos e material de reserva que eram transportados nos carros de bagagens de companhia deixam de se transportar para dar logar ao transporte d'aquelles artigos.

Não é precisamente conhecido o peso de que se aliviou o soldado, mas parece ser consideravel.

12.º ANNO ABRIL DE 1909 N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

O MUSEU DO EXERCITO

Paiz algum que sinta em si um lampejo de vida nacional pode deixar de vibrar intensamente á recordação das glorias do seu passado; mesmo nas horas de maior desalento, quando aquella vida parece prestes a extinguir-se, é ainda essa recordação que, n'um momento evocada, lhe influe nova alma, coragem para a lucta, e lhe abre o caminho, na apparencia cerrado, do porvir.

Quer sejam as trompas vibrantes da conquista que a fama empunhe, quer os alegres clarins da defesa gloriosa, nunca o povo de todo esquece a harmonia d'esses sons que o despertaram em horas de felicidade. Na mais remota aldeia portugueza, ao fim de tantos seculos, o nome lendario de Aljubarrota conserva-se escripto na memoria popular. A epopeia de Camões vive immortal com os seus mais inclitos heroes, o Gama e o Albuquerque e a figura estupenda do Adamastor, na imaginação dos simples e dos ignorantes, entrevista por um nevoeiro de gloria. Do norte ao sul de Portugal se bate as palmas á recordação de 1640, e se a expulsão dos francezes, embora mais recente, não deixou reminiscencias tão enthusiasticas foi porque d'essa epoca terrivel echoou por longo tempo um

brado de miseria e dôr e os cantos de victoria foram espalhando as suas notas mais vivas atravez do paiz extrangeiro, desde as muralhas de Cidade Rodrigo e Badajoz, atravez Salamanca e Victoria, até S. Sebastião e Toulouse.

Mostrar ao Portugal de hoje quanta gloria brotou d'esses soffrimentos do seculo passado, tornar presente ao exercito da actualidade o quanto bem mereceram da patria os soldados que então dignamente por ella combateram, e os humildes mas corajosos paizanos que defendendo tantas vezes, palmo a palmo, a sua terra dos invasores por ella deram fazendas e vidas, é uma grande missão que espiritos levantados tomaram a seu cargo e procuram cumprir conscenciosamente.

Entre as patrioticas propostas apresentadas para esse fim, uma ha que muito deve interessar o exercito, pois a esta corporação incumbe religiosamente a guarda das tradicções heroicas do passado, como a todas as grandes familias a conservação das memorias gloriosas dos seus ascendentes.

E' a da—organisação d'uma exposição no edificio do Museu de Artilheria *(que converia talvez reorganisar)* de reliquias, quadros, retratos, uniformes, bandeiras e quaesquer objectos relacionados com a guerra Peninsular, quer do estado, quer de particulares, ficando os que pertencerem ao estado depois de terminada a exposição, arrumados permanentemente n'uma ou mais salas que se denominarão — salas da guerra da Peninsula.

O Museu de Artilheria, cujo inicio se deve ao barão de Monte Pedral em 1834, e cujo actual explendor nas magnificas salas do edificio pombalino da Fundição de Baixo é permanente demonstração do zelo, intelligencia e dedicação do fallecido general Eduardo Castel-branco, pode dizer-se creação d'este distincto official de artilheria, nomeado em 5 de outubro de 1876 seu director, sendo então capitão, e que durante longos annos se não poupou a esforço e trabalho para que o museu se tornasse um estabelecimento que nos honra aos olhos de nacionaes e extranhos.

Depois da sua morte, o seu successor, o sr. general Alcantara Gomes, d'elle se tem occupado sempre cuidadosamente.

Mas como esta instituição vae longe da collecção de machinas, modelos e objectos curiosos reunidos por Monte

Pedral! O seu nome actual de *Museu de Artilheria*, que deve ser mudado para o de *Museu do Exercito*, apenas póde attribuir-se á sua installação em edificio dependente do commando d'esta arma, porque um museu de artilheria é *essencialmente uma collecção technica d'armas destinada a estudos especiaes.*

Ora, as salas da Fundição de Baixo são mais, muito mais do que isso; tem-se pouco a pouco transformado n'um museu historico.

Todas as armas de que se compõe o nosso exercito tem ali a represental-as tropheus diversos das suas passadas glorias.

Não é só á artilheria que pertence o que ellas encerram, estão lá rôtas bandeiras d'insignias gloriosas que estiveram á frente de bravos regimentos d'infantes, as espadas e veneras que ali se ostentam, os modelos d'uniformes que lá se guardam são d'heroes de todas as armas, e cada dia o civismo dos que sabem sentir o quanto essas recordações historicas importam ao paiz, a devoção das familias que áquelle templo da gloria enviam as reliquias dos valentes que as honram, vae augmentar o precioso thesouro, e agora a consagração centenaria dos tropheus e recordações da guerra peninsular, que a benemerita e illustrada commissão propõe se organise, acabará de fazer das salas da Fundição de Baixo o verdadeiro — Museu do Exercito — que não pertence a uma só illustre arma, mas a todos os soldados portuguezes, á patria inteira.

O museu terá forçosamente de soffrer uma transformação analoga á que se deu em França, onde, o grande pintor militar Meissonier e o erudito general Vanson, conseguiram organisar, reunindo tambem os elementos do museu d'Artilheria e todas as reliquias da historia militar o *Musée de L'armée*, a que a exposição militar retrospectiva de 1900 deu o impulso que a celebração do centenario da guerra peninsular pode dar ao nosso.

O museu militar da França, paiz de ricas tradições guerreiras, é grandiosamente opulento; o illustre pintor militar Edouard Detaille succedeu a Meissonier na sua direcção artistica, e se o dedicado Vanson morreu, os membros da patriotica sociedade da *Sabretache* tem por aquella instituição um zelo incançavel e o seu orgão a excellente publicação *Carnet de la Sabretache* occupa-se da publicação de todos os documentos que esclareçam de qualquer forma a vida militar da França do passado.

Não é só na França que se encontram d'essas dedicações. Eduardo Castel-branco foi um exemplo de que entre nós tambem existem vontades energicas e intelligencias esclarecidas, capazes de se consagrarem a missões onde se não servem comesinhos interesses, mas apenas a honra da patria.

Agora que o Museu d'Artilheria pelo seu desenvolvimento tem forçosamente d'interessar não só os officiaes d'aquella distincta arma, mas todos os que militam sob a bandeira nacional, maior numero de dedicações poderá encontrar ao seu serviço, pois é felizmente grande o numero d'homens illustrados que existem no exercito portuguez e a todos cabe o dever de zelar que a obra magnifica de Castel-branco se alargue, progrida e se torne o nosso mais grandioso monumento de gloria.

A commemoração do centenario deve fazer encontrar muitas reliquias occultas na ignorancia ou na indifferença, reconstituir episodios, recordar nomes, emfim reviver muita fama amortecida no esquecimento.

No presente a paz reina para nós ha muitos annos na Europa, mas a missão do exercito portuguez não cessou nunca de ser effectiva e gloriosa, e cada anno muitos dos seus membros, reatando a tradição do passado longinquo, pelo paiz se sacrificam heroicamente nas regiões affastadas das colonias.

O templo da gloria deve ter para elles sempre abertas as suas portas, para que dos nossos filhos recebam o preito que hoje rendemos aos que antes de nós cumpriram o dever mais alto e nobre, e o cuidado da conservação das reliquias da historia militar deve merecer-nos a todos os que empunhamos uma espada, e aos governos que representam o paiz, uma attenção zelosa.

O Museu do Exercito é forçoso organisar-se em bases que plenamente sustentem o seu intuito e toda a nossa dedicação lhe deve ser consagrada.

Vizeu 15-3-909.

RIBEIRO ARTHUR
Coronel do 14

A infanteria e o generalato

(Continuado do n.º 3—1909)

Dissemos no ultimo numero que a unica base acceitavel para a organisação do nosso generalato devia consistir no principio da proporcionalidade applicada á distribuição de logares d'este quadro pelos coroneis das differentes armas e serviço do estado maior. O ideial de todas as leis de promoções consiste, tanto entre nós, quando se procura fazer leis justas, como nas demais nações extrangeiras, em obter o parallelismo das promoções entre os officiaes das armas. Emquanto as promoções são por armas, esse parallelismo consegue-se por varios processos tendentes a accelerar a promoção na arma atrazada ou a retardal-a nas armas adeantadas, recorrendo-se para isso, como na Allemanha, á promoção *á la suite*, ou ao alargamento ou reducção dos quadros ou a leis parecidas com a nossa actual lei dos *quintos*.

Acabando, porém, no posto de coronel a promoção por armas e tendo todos os officiaes que chegam a esse posto sómente promoção para o quadro do generalato, é evidente, é de simples intuição que só póde haver justiça para todos se os logares d'este quadro lhes forem distribuidos d'uma fórma proporcional. Além d'isso nas leis organicas dos exercitos esse principio é tambem observado porque as armas e as suas unidades entram na composição dos exercitos n'uma certa proporção. E implicitamente observado é tambem esse principio na constituição dos quadros. Havendo, pois, uma certa harmonia em todo

o conjuncto, na composição do quadro commum, como é o do generalato, não se póde deixar de respeitar esse principio. E se assim não fôr a cupula do edificio fica desiquilibrada, e cahindo ella póde arrastar na sua queda o edificio inteiro. E' isso o que nós pretendemos evitar: a cupula já está cheia de engenheiros e cavalleiros e se ella continua a carregar só sobre a face da infanteria, esmagam-na por completo e o edificio virá então todo abaixo.

Voltando novamente ao principio da proporcionalidade devemos dizer que além d'aquellas razões que o aconselham, está já mesmo consignado em lei e expresso d'uma forma muito cathegorica. No preambulo do decreto de 10 de janeiro de 1895 encontra-se o seguinte periodo justificativo da lei que então se promulgou: — *Na divisão dos vinte generaes de brigada procurou-se, quanto possivel, manter a relação que deve existir entre o numero dos generaes e dos coroneis das differentes armas, estabelecendo-se grupos para compensar desegualdades que não se podem evitar, e reservaram-se tres vacaturas para os coroneis mais antigos do exercito, afim de attenuar os effeitos de qualquer circumstancia, que temporaria e casualmente possa dar causa a mais rapido accesso em algumas das differentes armas ou no corpo do estado maior.*

A proporcionalidade está claramente definida na primeira parte d'esse periodo. Infelizmente, porém, esse salutar principio foi lançado por terra na segunda parte do periodo com o estabelecimento dos grupos, que são a causa de todas as desegualdades que se estabeleceram e que hoje estão campeando no nosso exercito, pois que aquella lei, salvo pequenas modificações de redacção, é a mesma que se promulgou em 1899 e que está em vigor com todo o seu cortejo de prejuizos para a arma a que temos a honra de pertencer. E para vermos que o principio da proporcionalidade que se estabeleceu foi falseado com a constituição dos grupos, maximos e minimos, passaremos a transcrever a lei para depois a analysarmos.

Art. 8.º — Os vinte generaes de brigada pertencerão:

1.º — Um ao quadro do serviço do estado maior, um á arma de engenharia, dois á arma de artilharia, dois á arma de cavallaria e sete á arma de infanteria;

2.º — Dois ao grupo formado pelas armas de engenharia e artilharia, dois ao grupo formado pelas armas de cavallaria e infanteria;

3.º — Tres indestinctamente ao quadro do serviço do estado maior ou a qualquer arma.

Pelo n.º 1.º estabelece-se o quadro minimo do generalato, que está, póde-se dizer em absoluto, rigorosamente constituido segundo o principio da proporcionalidade, pois que aquelles numeros não são mais do que a relação que ha entre os coroneis das differentes armas e a somma dos numeros minimos de generaes. Se em logar de vinte generaes de brigada, como existem, houvesse simplesmente 13, os direitos de todas as armas estavam egualmente respeitados embora não estivessem, como succederia na infanteria, todas as suas necessidades de serviço attendidas.

Mas estabelecido o principio da justiça vejamos como a propria lei o deita por terra logo nos n.os 2.º e 3.º do mesmo artigo. A injustiça ressalta logo bem evidente no n.º 2.º, pois que ás armas de engenharia e de artilharia se lhe concede, para um total de 25 coroneis, dois generaes privativos, ao passo que para a cavallaria e infanteria, com um total de 63 coroneis, se lhe concedem sómente outros dois logares, o que faz com que o principio da proporcionalidade soffra de tal forma que não é possivel descrever os seus lamentos. Pode-se descrever a indignação que causa tal atrocidade, pode-se pôr em evidencia a differença de tratamento d'umas e outras armas, pode-se pôr em relevo o amor dedicado a umas e o desprezo e desdem com que são tratadas outras, mas para indicar a injustiça é preferivel apontar simplesmente aquelles numeros porque elles só por si fallam bem eloquentemente.

O n.º 3.º do mesmo artigo apresentando-se com um accentuado ar de santidade não deixa tambem de envolver uma injustiça, injustiça porque destroe o principio preconisado da proporcionalidade, injustiça porque pretendendo favorecer os coroneis que mais annos teem n'este posto não quer dizer que vá favorecer as armas mais atrazadas. Apezar do parallelismo que se procura obter na promoção dos officiaes das differentes armas, officiaes ha, e mesmo cursos tambem, que devido a um conjuncto complexo de circumstancias fortuitas que não se podem prever nem mesmo evitar, conseguem ter em todos ou em alguns dos postos da carreira militar uma promoção muito rapida. Esses officiaes, e no nosso exercito alguns bem conhecidos são, obtiveram os tres galões de coronel ainda novos e muito cedo. Ora esses, que foram bafejados pela sorte ou accaso vão ter ainda um premio na promoção a generaes, porque se não puderem

entrar n'este quadro pelos logares que lhes são privativos entrarão ao abrigo da capa que sobre os hombros lhes lança o n.º 3 em questão. E d'esta sorte, esses felizes que tiveram uma carreira rapida, rapida a continuarão a ter sem que d'ahi resulte beneficio algum para as armas atrazadas, mas resultando, antes pelo contrario, ainda um aggravamento de situação. Acabe se pois com essa capa de santo porque só serve para encobrir uma accentuada injustiça.

E analisados os numeros do artigo 8.º em separado, passemos a analisal-os em conjuncto para vêrmos como desfazem o salutar principio que se estabeleceu. Pelo seguinte quadro, confrontando os numeros maximos a que em virtude dos n.ºs 2.º e 3.º póde ser elevado o numero minimo, bem como o quadro de generaes que devia haver em cada arma, segundo a relação dos respectivos coroneis, vê-se a forma como essa relação é desrespeitada

	N.º de coroneis	Quadro minimo	Quadro maximo	Quadro proporcional que devia haver	Differenças a favor das armas segundo o quadro maximo e o quadro proporcional	Classificação das armas segundo o favor concedido
Estado-Maior	6	1	4	1,2	2,8	4.ª
Engenheria	10	1	6	2,1	4,9	1.ª
Artilheria	15	2	7	3,1	3,9	3.ª
Cavallaria	14	2	7	2,9	4,1	2.ª
Infanteria	49	7	12	10,4	1,6	5.ª

A injustiça está bem patente. O quadro maximo, além de não aproveitar á infanteria, está organisado de fórma tal que nem em promessa se lhe deu um tratamento identico ao que se concedeu ás restantes, pois que á engenharia, por exemplo, concede-lhe um excedente de generaes tão grande como á infanteria, visto poder ter cinco generaes a mais, que é tambem o numero que a infanteria poderia ter se a lei tivesse sido feita de fórma a poder-se-lhe applicar. Se estas duas armas pudessem, pois, compartilhar ao mesmo tempo dos beneficios dos quadros maximos, a engenharia, com os seus 10 coroneis, teria o mesmo beneficio da infanteria, apesar dos seus 49 coro-

neis. E em virtude d'essas differenças de tratamento tanto a engenheria, como a artilheria e cavallaria, continuarão a ter ou uma ou outra os mesmos generaes que a infanteria, apesar das differenças consideraveis do numero de coroneis.

(Continua).

Regimento d'infanteria 27

Discurso proferido na abertura d'aulas e distribuição de premios em 3 de novembro de 1908, no regimento d'infanteria 27, pelo capitão Candido Gomes

(Conclusão)

A recente guerra russo-japoneza, pondo em brilhantissima evidencia, — e muito acima da espectativa universal, — os prodigios obrados pelos soldados japonezes, mostrou como aquelle povo tinha assimilado os mais preconisados meios de guerra europeus; mas patenteou tambem que o *bouchido*, o codigo dos *samouraï* — especie de nobreza analoga á nossa cavallaria da edade média — realisa o milagre de transmudar o cidadão em heroe e este em martyr, dando-se em holocausto pró patria.

Ali, a cultura physica vae sendo acompanhada da cultura moral, a ponto que um simples instructor de gymnastica infantil tem desde logo o maximo empenho e cuidado em reprimir a cólera nos seus discipulos, desenvolvendo n'elles a calma, o sangue frio e a polidez, — a polidez que é praticada por este povo com um requinte não egualado por outro povo levantino, ou talvez mesmo do mundo; e os nínsias consomem o melhor da vida no enriquecimento moral dos seus congregados, incluindo, amalgamando, fundindo as virtudes civicas com as religiosas, levando o respectivo culto á culminancia absoluta d'um verdadeiro e benefico fanatismo.

E, por isso, causava funda impressão no parlamento francez a repetição d'um dito d'um official japonez que, tendo assistido em Chalons a manobras de excellentes baterias dotadas de magnifico material, exclamára: tudo o que acabâmos de vêr é muito interessante; mas olhae: na guerra, ha duas coisas que sobre tudo valem — o moral nas tropas e o caracter nos chefes.

O problema, pois, não é só de luz, é tambem de calor; luz da intelligencia e calor da alma.

Luz sem calor é como viver sem vida; é como um coração pulsante fóra d'um animal que já é morto.

Locke, extrahindo o coração d'um coelho e fazendo-o trabalhar durante algumas horas, suspenso e ao ar livre, com a

mesma energia e regularidade como quando pulsava no util roedor; e mais tarde Ruliabko, mostrando a funccionar o coração d'um homem já fallecido ha mais de dezoito horas, — precisando apenas, um e outro dos celebres experimentadores, d'uma camara á temperatura vulgar e da irrigação nos alludidos orgãos, d'um liquido convenientemente composto — maravilharam, é certo, a sábia assistencia com tão delicadas e importantes experiencias: mas unicamente poderam repetir, no mundo exterior, o mechanismo d'uma funcção animal interna, aliás essencial e primordial á vida; isto é, apenas fizeram uma circulação artificial, talvez physiologica, mas não uma circulação real, não uma circulação vital.

Assim a instrucção sem educação, e vice-versa, nunca produzirá o phenomeno completo da vida social perfeita dos povos.

Por tudo o ponderado, vae-se generalisando e perfectilisando cada vez mais o papel de educador para o official dos exercitos das nações mais cultas.

N'este intuito, creou-se recentemente na França um alargamento do curso propriamente militar, onde se professa physiologia e psycologia, a fim do joven official trazer, para o labor diario dos quarteis, alguns conhecimentos especiaes sobre esta bella e complicada filigrana da estructura material e espiritual do ser humano.

Na Allemanha e no Japão ha já muito que o official se fez bom educador, procurando e aproveitando todos os ensejos para firmar e polimentar o caracter, ao passo que radique no soldado, senão o amor, ao menos a deliberada conformidade com a profissão das armas; e, na Austria-Hungria, tem-se promulgado um conjuncto de medidas no mesmo sentido, seguindo na mesma boa esteira o exercito inglez, apesar da sua organisação tão fundamentalmente differente da dos exercitos europeus.

Entre nós tambem se tem feito alguma coisa, muito mesmo, para seguir a evolução do papel educador do official, devendo-se o mais importante d'esse impulso ao ex.^{mo} Conselheiro de Estado, General Luiz Augusto Pimentel Pinto, durante as suas proveitosas e patrioticas gerencias da pasta da guerra.

E este trabalho de educação, — para que aliás não ha regras pautadas e absolutas, dependendo sobremaneira da capacidade e predilecção official — não é, no fundo, senão puro trabalho de educação civica, porquanto: «as idéas da patria; identidade e mutualismo de interesses individuaes com os nacionaes; — divida de todo o cidadão para com o seu paiz; — necessidade e utilidade das instituições militares; — necessidade da hierarchia e da obdiencia para crear a união dos esforços; — necessidade da iniciativa e da solidariedade; — necessidade da camaradagem, isto é, da ajuda e affeição reciproca; — necessidade da hygiene e da ordem; os sentimentos do patriotismo, respeito aos superiores, mutua estima, honra, abnegação e coragem; e os habitos de trabalho physico e intellectual, de exactidão, de intrepidez, de submissão, de pontualidade, de economia, arranjo e asseio»; — tudo isso que constitue a força do exercito moderno, que é, no fundo, repito, senão a força moral de toda a sociedade culta, a propria força moral civica?

Como é notoriamente sabido, o recruta portuguez, e em particular o madeirense, vem para o seu quartel analphabeto, além de muito descurado de educação moral e civil.

D'aqui resulta logo ser o official arvorado em mestre escola — para o que não estudou, e para cujas funcções não terá vocação, e geralmente não a tem — sendo por grande esforço de boa vontade que possa satisfazer, mesmo imperfeitamente, a esta parte extranha das suas obrigações.

Seria, pois, curial, que nos quarteis se instituissem corpos docentes especialisados para tal ensino, como em tempos o illustre general Palacios propoz ás cortes da visinha Hespanha; mas as condições do erario publico não podiam hombrear com este augmento de despeza, e, por isso, o ex-ministro da guerra, ex.mo Conselheiro Vasconcellos Porto, — a cuja intelligencia, caracter e dedicada iniciativa tanto ficou devendo o exercito, e, consequentemente, o paiz, com a sua passagem pela governação publica — reviveu uma disposição do tempo do fallecido e venerando instituidor das escolas regimentaes, general João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, e dotou as varias unidades com os meios mais urgentemente necessarios ao ensino dos analphabetos — o qual ensino, sob o titulo de «curso de instrucção elementar», tornado obrigatorio, se abre n'este dia.

Tal medida não attingirá, de certo, nem visará mesmo a extinguir o escalracho do analphabetismo — porque os milhares de homens que os quarteis devolvem, algo instruidos, annualmente á classe civil, são uma verdadeira insignificancia a abater nos milhões dos ignorantes —; mas, ao menos, ir-se-ha rebatendo assim o recalcitrantismo nacional á luz do saber, pela propaganda d'esses que, estando já um pouco illuminados, melhor podem comprehender o fructuoso beneficio da instrucção.

E já será este um novo serviço que prestaremos ao paiz, sendo o valor d'elle a propria paga dos trabalhos e canceiras que nos custa.

Na escola d'este regimento professam-se quatro cursos:

Um elementar para analphabetos; um para primeiros cabos; um para segundos sargentos (com dois periodos); e um para primeiros sargentos.

Todas as lições são diarias e de duração média de hora e meia.

O regulamento estabelece premios honorificos, e pecuniarios de duas classes para os alumnos que obtenham médias trimestraes de 15 ou mais valores e distincção ou louvor nos exames finaes. E consigna tambem recompensas para os professores, do curso elementar em casos particulares de aproveitamentos notaveis n'esse curso.

Curso elementar

De 356 recrutas encorporados de novembro do anno findo até julho ultimo, apenas 40 foram despensados da matricula no curso elementar; os restantes 316 foram matriculados, sendo 287 completamente analphabetos e tendo 29 algumas noções muito escassas de leitura.

Dos 316, houve 38 que interromperam a frequencia por varias razões, chegando, portanto, apenas 278 ao fim do anno le-

ctivo. Fizeram exame 45, e tiveram aproveitamento 102. De sorte que a percentagem dos exames foi 14,2 % e a dos com simples aproveitamento foi de 46 %.

Estes homens tiveram, em média, 90 lições, das quaes apenas umas 70 com regularidade e seguimento. Por isso, e attento o estado, sob todos os pontos de vista mais que rudimentar, em que os recrutas entram a porta do quartel, aquelles resultados foram bastante lisongeiros.

Tal aproveitamento deve-se principalmente á applicação do methodo de leitura e escripta de João de Deus, methodo racional, intuitivo, simplicissimo, que obra verdadeiros prodigios quando proficientemente applicado.

Um album contendo as 25 lições oraes da «Cartilha Maternal», «Os Deveres dos Filhos» para leitura corrente, a collecção dos 15 «Cadernos de arte de escripta»— e duzentas horas de applicação consagrada — e ahi está como se transforma um analphabeto e se faz uma creatura sabendo ler, escrever e contar.

Eu gostaria de expôr a vv. ex.as este methodo, pelo qual tenho vivo enthusiasmo, ainda que só fosse para provar que as difficuldades que alguns lhe teem attribuido, são exclusivamente da lingua e não do methodo; mas eu já tenho abusado immenso da vossa benevolencia, e por isso resigno-me a ficar silencioso sobre este ponto.

Regeram o curso elementar os 1.os sargentos Jordão Abel Rodrigues e João Evangelista Gonçalves, e os 2.os sargentos Manuel Angelo d'Agrella e José Olympio dos Ramos.

Curso para primeiros cabos

N'este curso matricularam-se 95 alumnos, interrompendo a frequencia 10. Fizeram exame 84, ficando 51 simplesmente approvados, e 24 com distincção e louvor. Obteve-se 98,5 % de aproveitamento.

Tão elevada percentagem é sobre modo honrosa para o respectivo professor, o perclaro capellão d'este regimento, rev. padre Luiz Alves Martins, e para o seu coadjuctor sargento Julio Caldeira Leal.

Curso para segundos sargentos

Frequentaram este curso 19 alumnos, dos quaes fizeram exame 14, sahindo 8 simplesmente approvados e 6 com distincção e premio de 2.ª classe. Obteve-se 73,6 % de aproveitamento, o que é por egual honroso para os professores—distincto tenente sr Alberto Arthur Sarmento e o referido sr. capellão Alves Martins.

Curso para primeiros sargentos

Este curso foi frequentado por 4 alumnos e todos fizeram exame, sahindo 1 simplesmente approvado e 3 approvados com distincção e premio de 2.ª classe. Obteve-se 100 %.

A regencia esteve confiada ao sr. tenente Sarmento, que mais uma vez se destinguiu com o bello resultado obtido n'este seu curso.

Foram premiados no anno lectivo findo:

No curso de 1.os sargentos:

2.os sargentos:	Fracisco Sardinha	15,3
» »	Julio Albuquerque França.....	15,0
» »	Alberto Senna Mendes	15,5

No curso de 2.os sargentos:

1.os cabos: (hoje 2.º sargento)	Daniel Guimarães.....	15,2
» » » » »	Arthur de Brito Figueiroa	16,7
» » » » »	Vicente F. d'Oliveira Lopes	16,4
» » » » »	Jacintho Sebastião Spinola	17,7
» »	José Zeferino de Mendonça.....	15,1
» »	João Martins de Barros.....	15,0

O regulamentò ainda prescreve que se façam na escola conferencias sobre hygiene e sobre moral, competindo as primeiras aos medicos do corpo e as segundas ao capellão.

Taes conferencias, a que deve assistir o director da escola, revestem uma feição quanto possivel pratica, sendo prelecionadas em linguagem simples, familiar, para que possam ser assimilhadas pelos alumnos dos cursos elementares; e são repisadas e desenvolvidas nas theorias feitas nas casernas.

E assim vão as escolas regimentaes contribuindo para a formação de bons soldados, que o mesmo é que dizer para o aperfeiçoamento e affirmação intellectual e moral dos cidadãos.

E agora resta-me felicitar os premiados, fazendo votos por que sejam sempre tão felizes e merecedores de recompensa como o foram na frequencia e resultados obtidos nos seus cursos.

Recommendo-lhes perseverança no trabalho e constancia nos altos sentimentos que teem de ser o apanagio de todo o militar e, mórmente, quando almeje ascender.

O aphorismo militar, pittoresco mas bem apropriado, «por onde passa um pastor, passa um soldado; e por onde passa um soldado passa um exercito», deve estar sempre nitidamente presente ao vosso espirito, para que o esmorecimento ou o desanimo jámais entrem comvosco.

Não é só aquelle exemplo classico de Demosthenes, que, depois de apupado pela primeira assembléa em que se fez ouvir, em consequencia da sua gaguez desmarcada, leva dez annos de porfiosa lucta contra o seu grave defeito organico, e vence alfim, vindo a dominar com a sua palavra arrebatadora todas as assembleias, e passando atravez da historia como um dos maiores oradores de todos os tempos: ha centenares d'outros que provam eutusiastica e estupendamente até onde pódem ir a perseverança e a constancia que vos aconselho.

Napoleão, retirando da Russia, tendo lá deixado sepultado quasi todo o seu exercito — 500.000 francezes — dizia ao arcebispo de Malinas: «do sublime ao ridiculo não vae mais que um passo. Quem ha que não tenha soffrido revezes? Verdade seja que ninguem os soffreu de tanta monta; mas deviam ser proporcionados á minha fortuna... e demais serão reparados». E voltou com 300.000 homens ao Vistula e fez pagar caras aos russos as suas victorias, ou, antes, as da natureza, porque não tinham sido realmente d'elles russos.

Mas se vos sentis pequenos perante esta constancia do primeiro espirito guerreiro do mundo, que em tão curto lapso de tempo foi simples official, general, consul, imperador e rei, porque á sua constancia se alliava o genio, uma actividade ainda não egualada, e uma confiança tão pasmosa em si mesmo que proferiu aquella phrase que ficou celebre «confiai em mim que eu deixarei o mundo atonito com a efficacia e a rapidez dos meus golpes»; se vos sentis pequenos, attentai na constancia dos defensores de Diu, e particularmente n'aquella figura primacial de Antonio da Silveira que no dizer d'um nosso classico «por toda a parte multiplicava com a sua presença os esforços e as esperanças»; se vos sentis pequenos, attentai na constancia d'aquellas galhardas e varonis princezas da edade média, d'alma de fogo e coração apaixonado, altivas na desgraça e sublimes até ao heroismo, piedosas e simples, que fizeram surgir gerações de guerreiros que abateram as espadas soberbas da nobreza sempre discola e sempre rebelde, e que bordaram os estandartes cujo brilho foi o terror dos agarenos, e ás quaes, pelo encadear logico dos factos e dos tempos, tanto deve a civilisação actual da garbosa Hespanha e a do nosso querido Portugal; se vos sentis pequenos, tornai-vos grandes n'esses grandes exemplos, e em tantos outros que pudéra citar-vos, entre os quaes os feitos immarceciveis e ainda palpitantes das nossas tropas em Marraquene, Coolella, Cunene e Cuamato, onde a perseverança e a constancia do combatente portuguez vincaram mais uma vez na téla incorrosivel da historia a affirmação solemne do direito que ainda temos á consideração universal.

Persisti pois, no trabalho, sendo sempre disciplinados e disciplinadores — no sentido modernamente consagrado a estas palavras — que o futuro vos conservará dias felizes.

Egualmente felicito os srs. professores por terem logrado vêr seus esforços tão laureadamente coroados; e aproveito a occasião para lhes agradecer publicamente a zelosa e intelligente cooperação a que devo, quasi por absoluto, a paz de consciencia em que estou quanto ao desempenho d'este meu cargo de director da escola do 27.

Finalmente resta-me agradecer a penhorante benevolencia com que tenho sido ouvido.

A V. Ex.ª Rev.ma, apraz-me fazer agradecimento muito especial, com a confissão publica e sincera da minha mais perduravel gratidão pelos beneficios e immerecida consideração que V. Ex.ª Rev.ma sempre se tem dignado prodigalizar-me; gratidão que guardo com a mais subida veneração pelas excelsas qualidades de V. Ex.ª Rev.ma, as quaes poderei synthetisar dizendo justificavelmente que V. Ex.ª Rev.ma tem as suas obras ajustadas ás suas palavras.

Digne-se, pois, V. Ex.ª Rev.ma de acceitar a respeitosa e sentida homenagem da minha mais devotada veneração e gratidão.

A V. Ex.ª, Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador Civil, tambem meus agradecimentos, com o preito da minha sympathia e consideração, não só inspiradas na camaradagem das nossas carreiras e

na cotada reputação pessoal e profissional que V. Ex.ª já desfructa, como tambem pelo cunho da gravidade lhana, interesse e acerto indubitaveis com que V. Ex.ª tem gerido este nosso districto.

A V. Ex.ª, meu illustre commandante, mais uma vez o preito do meu acatamento e do meu coração agradecido, pelas finezas, tanta benevolencia e tão immerecida estima com que sempre me tem querido honrar.

A V. Ex.ªs, aos meus illustres camaradas e amigos, e a todos, em geral, o meu reconhecimento, com as minhas desculpas pela pobreza d'esta oração que

finaliso.

Musicos e instrumentos musicos

Chamamos a attenção do sr. Ministro da guerra para a necessidade instante de se transformar o instrumental distribuido ás bandas militares.

Proteger a industria nacional é um dever de todo o bom patriota, mas a que os industriaes devem parallelamente corresponder aperfeiçoando e melhorando progressivamente a sua industria.

Os instrumentos musicos que a industria nacional fornece ás bandas militares são de má qualidade, de som aspero e desagradavel, deterioram-se com facilidade e demandam um grande exforço e fadiga da parte dos executantes das bandas.

Realisando o estado uma importante economia tinha melhor instrumental e facilitava a procura de musicos nas bandas militares, onde começam a faltar, sobretudo quem toque cornetim.

Os bombos allemães, pequenos e leves, teem incomparavelmente melhor e mais quantidade de som do que essas *abantesmas* que constituem o grande martyrio nas marchas dos que são condemnados a arrastar semelhantes trambolhos.

Se a industria nacional estaciona, não acompanha o progresso realisado nos instrumentos musicos usados, ha muito tempo, nas bandas militares allemãs, francezas, italianas, etc., etc., o exercito não deve soffrer as consequencias d'esse desleixo, d'essa incuria, e andemos nós para diante.

Mande S. Ex.ª o Ministro da guerra vir do estrangeiro um instrumental escolhido para fornecer ás bandas regimentaes da guarnição de Lisboa, e depois exija á industria nacional que fabrique assim, e se não fabricar, mande fornecer a todo o exercito instrumentos musicos allemães ou italianos.

Verá S. Ex.ª que a economia a realisar é grande, e os resultados na pratica serão dignos do maior applauso.

Quem estaciona morre, e se a industria nacional não progride a culpa não é decerto do Ministerio da Guerra.

*

* *

Para um outro assumpto desejamos tambem chamar a attenção de S. Ex.ª, que é o que se refere propriamente aos musicos. A melhoria da sua situação é uma coisa que se impõe, pois que ha 44 annos que esta classe de servidores não é devidamente attendida.

E uma das primeiras coisas a fazer, e é ella bem simples, é a que se refere á gratificação, que deve ser concedida não só aos que compuzerem o quartetto, mas tambem aos musicos de 2.ª classe quando os substituirem. Seria um estimulo e ao mesmo tempo uma recompensa. E outro tanto se deve fazer quando o contramestre substituir o mestre, pois que justo é dar-lhe n'este caso a gratificação que a estes corresponde.

Onde porém uma reforma radical se faz sentir é na lei que regula os seus vencimentos de pret, visto ainda hoje perceberem os vencimentos que lhes foram estipulados em 1864. Tendo-se melhorado d'então para cá todas as mais classes do exercito, commetteu-se sem duvida uma grande falta para estes servidores não attendendo á sua precaria situação.

E esta mesma falta se tem commettido tambem nas leis de reformas para praças de pret que d'então para cá se teem publicado. Os musicos devem usufruir na reforma as mesmas garantias concedidas aos sargentos, isto é, a reforma no posto immediato quando contem 10 annos de classe e 30 de bom e effectivo serviço.

E fazendo-se tudo isso apenas se praticará, sem dispendio de maior, um verdadeiro acto de justiça, o que aliás é bem necessario fazer-se porque os musicos nos corpos estão faltando cada vez mais.

Educação physica do soldado

Justificar a importancia dos exercicios physicos no exercito é já uma verdade de tal forma reconhecida, é uma banalidade tantas vezes repetida, que dispensa quaesquer argumentos em seu favor.

O exercito, para bem desempenhar a sua alta missão, que o obriga a tantos esforços e sacrificios, precisa ser constituido por homens fortes, valentes e robustos.

Preparar no exercito verdadeiros exemplares da raça humana, garantir ao soldado a saude, a robustez e a resistencia, equivale a valorisar o exercito e a propria nação. Dar ao soldado a resistencia ás marchas, que tanta importancia tem para o bom exito d'uma campanha, como ainda ha pouco provaram os japonezes; preparar as pernas dos infantes por meio de exercicios que concorram para o seu desenvolvimento; tornal-o insensivel ás fadigas das marchas que sempre exerceram uma consideravel influencia sobre o estado physico e moral das tropas, tudo isto constitue um importante problema militar que poderá ser resolvido por meio da educação physica.

Se percorrermos a historia das nações, vemos que estas marcam o seu apogeu exactamente na epoca em que os exercicios physicos têem o seu maior desenvolvimento. Na antiguidade, a Grecia e Roma, com os seus jogos olympicos e as suas pugnas athleticas, mostram-nos o periodo das suas conquistas, das suas hostes invenciveis, e do engrandecimento do seu imperio. Modernamente, entre as nações civilisadas, destacam-se pelo seu poderio e grandeza aquellas onde a pratica dos sports constitue a principal predilecção do seu povo. Assim, a Inglaterra, os Estados-Unidos da America, a Allemanha e a França apre-

sentam-se-nos com toda a sua grandeza, exuberantes de força e de riqueza. O resurgimento da pequena Suecia, que ha cem annos era decadente e alcoolisada, apparece-nos agora fulgurando brilhantemente entre as nações civilisadas, dando-nos ainda ha pouco o maior exemplo de educação civica d'uma nação. Para este resultado muito concorreu o methodo de Ling, hoje já universalmente conhecido.

Este methodo de espirito scientifico, baseado na Anatomia, Physiologia, e na Mechanica dos movimentos musculares, orienta perfeitamente na maneira de se promover ao robustecimento do corpo por uma forma racional, consciente, progressiva e esthetica.

A gymnastica de Ling é muito recommendavel ao soldado, devendo ministrar-se-lhe esta instrucção após a sua encorporação nas unidades, por muito bem o preparar para exercicios de maior esforço.

Ella vae desenvolver harmonicamente todas as partes do corpo, beneficia a funcção de respiração, augmentando o seu poder respiratorio, fortalecendo os pulmões, desenvolvendo a caixa thoraxica, o que é de summa importancia para a hygiene do individuo, por evitar a surménage, a congestão pulmonar e o esforço cardiaco nos exercicios intensos, a que por vezes o soldado se vê obrigado.

A gymnastica sueca dando ao soldado uma melhor attitude e uma posição mais correcta, desentorpecendo-o, e dando-lhe mais flexibilidade, deve ser executada pelos recrutas com toda a regularidade.

No segundo mez de instrucção, depois d'um treinamento especial de movimentos de gymnastica, e conjunctamente com esta, executar-se-hão os exercicios de applicação; como as corridas de velocidade e de resistencia, saltos (em altura, em largura e á vara), luctas de tracção, lançamentos de pesos que, desenvolvendo a força muscular, criam a agilidade e destreza. Os exercicios applicados são baseados nos mesmos principios e com os mesmos effeitos physiologicos dos de gymnastica, mas obrigam a um esforço superior.

Para complemento d'estes exercicios temos os *jogos*.

Os jogos pela sua maneira de ser ao ar livre, pelo seu espirito recreativo e educativo, pelos seus movimentos naturaes, simples e instructivos e pelos seus resultados physiologicos são considerados como indespensaveis para a educação physica.

Os jogos têem a propriedade de simultaneamente accionarem um grande numero de musculos, taes como, os do tronco, thorax, abdomen, emfim, todas as partes constituintes da complicada machina humana. O seu carecteristico é, portanto, de *generalisar* o trabalho; isto é, dividil-o por um grande numero de musculos de fórma que cada um tenha a sua quota-parte, e entre em actividade sem grande despeza de esforço muscular. E' a divisão do trabalho. Confrontando os jogos com a gymnastica vê-se que esta, tendendo a concentrar o esforço sobre um grupo de musculos isoladamente, é mais propria que os jogos para produzirem *effeitos locaes*. Os jogos provocando movimentos que se generalisam a todo o corpo, fraccionando trabalho por todos os musculos são considerados, debaixo do ponto de vista physiologico, como produzindo *effeitos geraes*. Estes effeitos beneficiam todos os orgãos, sem excepção, activam todas as funcções, e estendem a sua acção até aos mais intimos actos da nutrição. Portanto, os jogos ao ar livre são excellentes e muito preconisados para o desenvolvimento physico. Estando já entre nós auctorisado superiormente o jogo do foot-ball, para as praças se recrearem nas horas livres de serviço, aproveito a occasião para dar umas ligeiras indicações sobre este bello e hygienico sport.

O foot-ball é um jogo essencialmente educativo e disciplinador por subordinar os jogadores a determinadas leis, pela obediencia exacta ao *referee* (juiz do campo) que dirige o jogo, sentenceia as penalidades aos infractores e conserva a ordem. Todas as vezes que provoque um silvo de apito, todos os jogadores param, e acatam, sem o mais leve protesto, as decisões do *referee*.

O espirito do jogador está constantemente em actividade, afim de cooperar na sua équipe, com intelligencia e habilidade; para acompanhar os movimentos tacticos do jogo, resistindo ás avançadas adversas, apoiando e impulsionando o seu ataque; emfim, tendo em vista que, no seu trabalho, para ter exito, é necessario consciencia e opportunidade, requerendo, por isso, uma attenção constante, a fim de aproveitar com felicidade o momento opportuno para a sua intervenção.

Como exercicio physico é excellente, provocando deslocamentos rapidos e energicos, recreando os jogadores, ao mesmo tempo que os torna mais activos, desembaraçados, vigorosos e ageis.

A abnegação, a coragem, o espirito de collectividade e a disciplina têem de manifestar-se abertamente, em lucta franca, n'este jogo, pelo que muito contribuirá para a educação, formação do caracter, e levantamento das boas qualidades que ao soldado se exige.

O jogo tem grandes vantagens, mas tambem alguns inconvenientes quando se não attendam certas prescripções, que são indespensaveis observar, concernentes á disciplina e á hygiene.

José E. Moreira Salles
Tenente de infantería 1

A reducção do tempo de serviço

Ainda hontem o nosso recruta, o atarantado *bleu*, entrou na caserna e já hoje se ensaia em todas as escolas de que falam os nossos regulamentos tacticos.

Por uma associação de ideias, occore-me n'este momento o tempo de serviço no exercito activo e as falsas theorias da restricção cada vez maior do tempo de incorporação.

Langlois, n'um livro intitulado *Questions militaires de l'actualité*, protestava contra esse facto e parece-me que mais uma vez o sabio artilheiro e general ia pelo lado da razão.

E' preciso comprehender que a forma actual de fazer a guerra não permitte que o soldado venha cumprir o seu dever de cidadão no tempo restrictamente necessario para se lhe ensinar unicamente a manejar uma espingarda. Já lá vae o tempo dos velhos soldados encanecidos na caserna e fazendo da farda um modo de vida; já passou de moda a velha tactica de taboleiro, o avanço da infanteria de baioneta armada, em formações cerradas, como nos ataques dos russos aos entrincheiramentos de Plewna.

Agora que o serviço militar é obrigatorio e que o exercito é a nação armada, a permanencia nas fileiras reduziu-se para que o maior numero de cidadãos possa receber esta instrucção.

Mas não exaggeremos e pensemos no seguinte theorema: Se por um lado tem sido reduzida a instrucção de manejo de arma e de tactica de taboleiro e ontros serviços, por outro tam-

bem as instituições militares, producto da marcha evolutiva dos exercitos, exigem outros attributos fundamentaes e que estejam em harmonia com a sua estructura progressiva e moderna.

Basta citar: a educação do soldado e o seu papel na guerra.

Ha muito e muito que ensinar, pois que a educação militar para o soldado é o complemento da sua educação civica.

Não se comprehende um cidadão, com direito a este nome, sem esta ultima qualidade, sem a noção exacta dos seus direitos e dos seus deveres, do mesmo modo não se forma um verdadeiro soldado, sem que o seu moral esteja perfeitamente adaptado ao meio, sem que a sua educação militar esteja racionalmente ultimada. E então no nosso paiz, onde a escola é um mytho e em que a ignorancia é a santa padroeira d'esta boa gente meridional, tem o regimento de ser a verdadeira escola, desde as noções mais rudimentares até ás que retocam definitivamente o cidadão, tornado militar.

Ha noções que a escola primaria deveria dar, como a dos deveres de cada um, principio sem o qual não é possivel a disciplina social.

Mas da theoria á pratica, meu Deus, que distancia desesperadora!...

Que difficuldade e que tempo não é preciso para fazer comprehender os deveres d'um meio mais restricto e mais inflexivel a gente que não sabe as suas obrigações geraes e fundamentaes?

Que trabalho não é necessario para deixar bem impresso no cerebro d'esses homens a ideia de Patria, concepção demasiado lata para os seus espiritos pouco dados ás syntheses abstractas?

Que paciencia não se tem de armazenar para se conseguir explicar a esses embrionarios cidadãos a significação da bandeira, ensinar-lhes a conhecer as suas côres queridas, quando a maior parte das vezes elles só conhecem o estandarte flamante de alguma filarmonica aldeã?

Quem conhece os bastidores da vida de quartel comprehende bem que estas palavras não são o explanar d'um pessimismo morbido, mas unicamente o desfiar d'uma verdade cruel!

Olhando o assumpto por outro prisma, vê-se que a guerra moderna modificou as suas bases e torna-se cada vez mais difficil, por exemplo, o papel do soldado de infanteria, que combate muitas vezes longe dos seus chefes, na ordem extensa.

Ha uma diversidade grande de casos na tactica applicada e só treinando o soldado na resolução d'esses problemas se poderá conseguir formar elementos de valor real.

O avanço fila por fila, em grupos, por fracções, a acção relativamente isolada de cada homem que precisa saber bem o seu papel no combate, para resistir a esse esgotamento dissolvente de energias corporaes e moraes, é obra d'uma solida preparação na paz, d'uma intensiva instrucção durante o tempo de incorporação e de pratica repetida e progressiva nos corpos do exercito.

Modernamente pensa-se na paz em tudo quanto é possivel prever e n'uma batalha actual não ha decerto muitas occasiões de dizer como Desaix, em Marengo, olhando o campo da lucta, em que a victoria parecia voltar as costas aos francezes:

«— Sim, a batalha está perdida; mas são apenas 3 horas, temos ainda tempo de ganhar outra!».

O avanço tactico d'uma infanteria não é cousa que se improvise no combate!

O abrigar d'uma linha de atiradores ou d'uma fracção na marcha para a frente não é obra de inspiração momentanea para as parcellas d'esse agrupamento de tropas. Ha uma grande differença entre o *abrigar* e *esconder*, porque certamente o que se deseja é manobrar fóra das vistas do inimigo, mas podendo no momento dado fazer-se uso da acção do fogo. E leva muito tempo esta instrucção, que para qualquer *mirone* parece d'uma facilidade pueril.

Ha casos curiosos: assim, por exemplo, nos primeiros exercicios vêem-se soldados procurar abrigos detraz d'uma arvore estreitissima, incapaz de abrigar ninguem, fazendo lembrar alguem que fosse resguardar a pelle ameaçada atraz d'uma folha de papel almasso...

Outros *escondem-se* conscienciosamente e a efficacia do fogo d'esses atiradores só poderia ser experimentada contra as nuvens que correm ligeiras no céu... Todo o official sabe o trabalho insano que dá o avanço d'uma fracção na ordem extensa, a qual, apesar de todas as recommmendações avança a descoberto, sem preoccupações, galhardamente.

E então no momento do combate é preciso vêr a sua psycologia propria, a tensão nervosa dos combatentes, a pouca clareza do raciocinio n'esses transes emocionantes.

A carreira de tiro pode formar um bom atirador e isso é já um coefficiente de valor. Mas ella só por si não constitue a escola de instrucção do soldado.

Faça-se com que o soldado tenha uma instrucção cuidada, methodica e util de tiro, mas nem por isso se deixe de pensar que isso só não satisfaz aos fins que se têem em vista e é apenas uma parte d'esse *todo*, que se chama a instrucção nas fileiras, apenas um corolario d'esse theorema, que tem o nome de vida militar.

Claro é que isto se estende para um paiz que queira ter um exercito moderno, capaz de honrosamente se bater pela Patria.

A guerra actual é uma sciencia, e conforme os seus principios, o seu modo de combater, o seu espirito complicado, assim tambem se tem de evolucionar firmemente e com consciencia. Para ensinar o soldado a fazer *apresentar arma* com uma fatidica pancadinha na bandoleira e dar-lhe umas tinturas de tiro e umas theorias incomprehensiveis, para isso sim, podem então reduzir o tempo de serviço até ao inverosimil.

Mas não me parece que seja esse o methodo de formar soldados, mas simplesmente elementos que, no futuro, serão improficuos, apesar de toda a sua dedicação e de toda a sua coragem!

E, se esse facto se der, de quem é a culpa?

RAUL DE SAMPAIO SATURIO PIRES.
Alferes de infanteria 9

A proposito da revisão do regulamento disciplinar

Quando, ha tempos, nos dispuzemos a relatar factos da nossa observação, os quaes, de certo modo, poderiam concorrer para enfraquecimento da disciplina, nenhumas referencias fizemos ao regulamento disciplinar em vigor porque isso não interessava ao caso de que tratámos. Hoje tambem as não fariamos porque uma tal dissertação de certo exige uma somma de conhecimentos que não possuimos; mas, desde que uma commissão foi encarregada de revêr esse regulamento, e tendo em consideração affirmações feitas n'esta «Revista», mais de uma vez, ácerca de determinado modo de vêr com relação ás questões disciplinares, que serão sempre a nossa maior preoccupação, porque é na disciplina que reside a verdadeira força do nosso exercito, parece-nos coherente aproveitar o ensejo, dizendo qualquer cousa ácerca de alguns artigos do regulamento em questão, com cuja doutrina não estamos de accordo.

E' hoje convicção de grande maioria dos nossos casos camaradas de que o rigor, em certo grau, não gera no espirito do inferior o sentimento da subordinação. Pelo contrario: — elle enerva, produz mal estar, faz perder a confiança nos proprios merecimentos, havendo sempre *medo*, que é fatalista, e por isso mesmo faz, muitas vezes, com que o verdadeiro cumprimento do dever se não consiga.

Que a verdadeira disciplina se mantem pela educação e pelo estimulo não soffre a menor contestação o que não quer dizer que seja dispensada a repressão, mas a esta deve presidir um criterio muito ponderado, pondo de

parte rigorismos que de nada servem. E quanto ao effeito das penas, não pode elle ser avaliado pelo resultado das punições como hoje acontece, mas pela *qualidade* das infracções.

A humanidade é versatil, e não sendo possivel estabelecer uma bitola que regule a punição correspondente a uma dada infracção, a qual seria punida de tantos modos diversos quantos fossem os chefes a quem fosse submettida, como acceitar que de determinada pena resulte, rigorosamente, determinado effeito, se esse rigor se não pode dar na apreciação da infracção para effeito da applicação do castigo?

Conclue-se, portanto, que só o *motivo* deve ser levado em conta.

Se a prizão correccional inhibe de promoção e readmissão, nós não o acceitamos, na forma taxativa como o determina o artigo 42.º, por só admittir a intervenção de um individuo que pode exaggerar, não vêr bem no momento, ou deixar-se apaixonar. Se apenas se tratar de readmissão, as estações superiores, attendendo á *qualidade* e outras circumstancias, deferirão; mas pelo que respeita á promoção já isso não pode acontecer porque ella só se pode dar dentro da lei que expressamente diz que não póde ter logar.

Parece-nos, pois, que deveria dar-se outra redacção ao referido artigo, tirando-lhe a forma rigida, submettendo em ultima analyse, qualquer caso ao conselho superior de promoções, tratando-se de algum 1.º sargento. Se se tratar de 2.º sargento o jury teria a faculdade de votar a admissão ou exclusão de qualquer candidato nas circumstancias do referido artigo, sendo modificado convenientemente o artigo 11.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito, mas de modo que a depreciação, no caso de prisão correcional, seja o que actualmente é para a prisão disciplinar, e já não é pouco.

E' obvio que a redacção do artigo 44.º deve ser tambem modificada, não nos repugnando acceitar que qualquer candidato não deva ser promovido no triennio em que soffreu prizão correcional, ou disciplinar por mais de 15 dias, ou ainda detenção por mais de 30.

Não se imagine que nós, com tal modo de vêr, queremos que se legisle de modo a tolerar quem não possue as necessarias condições de adaptação ao meio; nada d'isso. Nós queremos, pelo contrario, que se despeça do

serviço, sem piedade, quem, por rebeldia de caracter e má comprehensão das leis de subordinação, pode comprometter o bom nome do exercito; mas isso que se faça com justificado motivo e não ao sabor do capricho desorientado de quem quer que seja, como actualmente póde acontecer.

Estamos certos que das disposições dos artigos acima citados resultam iniquidades que muito contrariam o prestigio da instituição militar. Vejamos este exemplo:

Ha annos, no refeitorio d'um dos corpos da capital, dois sargentos travaram se de razões, passando a vias de facto. O caso teve publicidade, d'ahi a necessidade, segundo a nossa convicção, de se proceder um pouco mais rigorosamente, tendo um dos deliquentes sido punido com dois dias de prizão correcional, e, mais tarde, como consequencia da referida punição, collocado no regimento em que tambem serviamos, provando a breve trecho que o que se dera não fôra mais do que discussão um pouco acalorada, que um criterio juvenil deixava ir mais longe, sem que isso affectasse as qualidades militares que eram as melhores que se póde exigir; — Rapaz novo, correcto, cumpridor, era o que se costuma chamar com propriedade, um bom sargento, a quem não faltavam requesitos para ascender a outros postos.

Todavia, esse rapaz, com uma simples nota no seu registo disciplinar, estava completamente *inutilisado!* Quando muito seria conservado no exercito usufruindo uma situação de favor, nada conforme com a dignidade da profissão militar. Não pode ser!

Tambem não estamos de accordo com a doutrina dos artigos 72.º e 73.º que estabeleceu a competencia disciplinar dos capitães e subalternos. Ha corpos onde o subalterno de inspecção ao quartel não tem competencia disciplinar, e outros em que, por coherencia, a tem.

E' verdade que o artigo 72.º falla em capitão, mas isso será devido a que, em antigos regulamentos, o serviço d'inspecção era exclusivo do capitão, e hoje não acontece assim. Em todo o caso nós não admittimos dualismo em questões tão melindrosas. O direito de punir é uma prerogativa tão necessaria aos capitães como aos subalternos, desde que desempenhem o mesmo serviço; o contrario constitue uma excepção que pode maguar.

Se o subalterno tem competencia disciplinar igual á do capitão e nas mesmas condições — commando de

companhia, destacamento ou diligencia — porque a não ha de ter estando d'inspecção ao quartel? Não se comprehende.

Resta-nos fazer algumas considerações ácerca do artigo 144.º, cuja doutrina se nos affigura tambem algo incoherente. Segundo este artigo, as notas averbadas, inferiores á prizão correcional, ficam de nullo effeito se o militar que as tiver soffrido fôr condecorado com a medalha de valor militar por actos posteriores á imposição das referidas penas. E porque não ha-de acontecer o mesmo aos agraciados com a Ordem da Torre Espada, que é uma recompensa por serviços identicos, mas de mais alta significação? E' certo que a Torre Esgada, quando dada a praças de pret, está inherente uma outra recompensa de ordem pecuniaria; mas não se trata de praças de pret, trata-se de militares. E é preciso tambem ter-se em vista que o valor militar traz comsigo, n'um grande numero de casos, outras condecorações de que se estava privado, por isso é, ás vezes, muito mais ambicionada.

Não é, pois, justo que se dê á medalha de valor militar prerogativas que não teem a Torre Espada; e se mais alguma cousa se der a esta é isso á custa do serviço prestado, muito maior ou mais significativo n'este caso.

Segundo o § 1.º do referido artigo serão annuladas, para *effeito moral*, as penas disciplinares, inferiores á prizão disciplinar, dez annos depois de applicadas, quando o militar que as soffreu não tiver, no referido lapso de tempo, commettido qualquer infracção. Francamente, confessamos que não sabemos o que o legislador teve em vista com o tal *effeito moral*.

No fim de dez annos de perseverante bom comportamento, porque recusar uma amnistia completa a pequenos deliquentes, se qualquer facto politico a pode conceder, embora sem o menor effeito moral para a disciplina, por ser do dominio do acaso?

No fim de contas tal disposição que, parece, alli foi mettida para arremedo de outra, muito mais altruista, contida no regulamento de 1893, uma das melhoras obras do illustre estadista, sr. conselheiro Pimentel Pinto, acha-se de certo modo, revogada por disposições posteriores que attribuem exemplar comportamento ás praças em taes condições. O regulamento para a concessão da medalha de comportamento exemplar, concede a medalha de co-

bre a qualquer praça com 10 annos de serviço sem nota nos seus registos, embora as tenha anteriormente. Para nós, e no caso sujeito, não ha meio termo:—Ou a praça tem exemplar comportamento ou não tem.

O § 2.º do artigo 144.º do regulamento disciplinar diz que não; o regulamento para a concessão da medalha militar, diz que sim, porque permitte ostentar o respectivo emblema, e este é que em nosso parecer tem razão.

Tambem o artigo 11.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito attribue exemplar comportamento á praça que durante os dez ultimos annos não tenha soffrido qualquer punição. N'estas condições é muito mais logico que as notas desappareçam. Em boa verdade chega a ser deshumano fazer com que alguem arraste toda a sua vida com o peso de pequenas faltas, sem que isso traga qualquer proveito para a disciplina, bem pelo contrario. Se qualquer militar, uma vez punido por uma leve infracção, souber que, depois de um periodo mais ou menos longo de exemplar comportamento, essa pequena nota desapparecerá, redobrará de esforço para não cahir em novo erro. Se, pelo contrario, essa esperança não existir, o interesse no bom comportamento revestirá a forma natural, sem qualquer esforço, porque falta — a Esperança.

6—2.º—909. *F. S.*

UM NOVO INVENTO

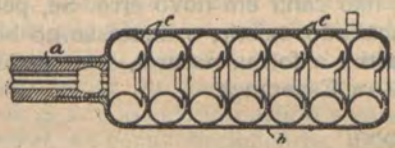
Depois da polvora sem fumo, que causou uma perfeita revolução nos processos tacticos, tem-se tambem procurado inventar uma polvora que não produza clarão, no que se tem feito accentuados progressos. E ao mesmo tempo que d'essa tarefa se teem encarregado os chimicos, os inventores mechanicos por seu lado teem tambem procurado conseguir um apparelho que, collocado na bocca da arma ou da peça, evite o som, que ouvindo-se, principalmente o das peças, como é bem sabido, a grandes distancias, vae por vezes denunciar só por si a posição occupada. Evitado o fumo e o clarão, resta sómente, pois,

evitar a detonação para na guerra tudo serem surprezas e para a tactica soffrer nos seus processos transformações radicaes e profundas.

Os esforços que primeiramente foram empregados n'este sentido são devidos ao coronel do exercito francez Humbert, cujo apparelho por elle inventado descrevemos no n.º 12, de 1902, da *Revista de Infanteria*. Este invento não era pratico, porém, por demandar um tubo muito comprido e por isso não se generalisou.

Agora cabe a vez a um filho do inventor da metralhadora Maxim, que com aquelle fim imaginou um instrumento já mais pequeno e pratico, a que deu nome de *silencioso* e que passamos a descrever.

O *silencioso Maxim* é constituido por um tubo (*b*) de metal (figura junta) com 18 centimetros de comprimento por 5 de diametro, pesando cerca de 250 grammas. Tanto o peso, porém, como as dimensões, variam, como é intuitivo, segundo a arma a que se applicar, sendo aquelles numeros referidos os do invento destinado a uma espingarda de guerra ordinaria.



Para o utilisar colloca-se na extremidade do cano (*a*). A parte central do tubo fica livre e tem uma largura um pouco superior ao diametro da bala empregada, tendo interiormente uma série de camaras especiaes (*c*) com o perfil d'um caracol. Quando a bala atravessa o tubo, os gazes sob a alta pressão que a impellem e acompanham, devido á sua expansão tendem a entrar n'essas cavidades com aquelle perfil, onde se podem desenvolver em liberdade. A propria fórma das camaras obriga os gazes a formarem turbilhões que se vão amortecendo succesivamente uns aos outros e d'uma fórma gradual. E depois da sua energia ou força de expansão ter desapparecido quasi que inteiramente é que se escampam para fóra com uma velocidade muito reduzida, sendo portanto o som muito attenuado.

Mas além d'aquella razão, outra ha que influe para que o som seja tambem attenuado. Os gazes da polvora vão arrefecendo notavelmente á medida que vão percor-

rendo em turbilhões as differentes camaras, diminuindo portanto de volume e attenuando a sua força d'expansão.

O principio em que é baseado este apparelho reside na força centrifuga. O gaz da explosão, sendo lançado pelas camaras em perfeitos turbilhões, não pode sahir livremente nem bruscamente, não podendo portanto provocar uma detonação forte e violenta. O apparelho interiormente, e devido á disposição e perfil das camaras, tem a fórma d'uma turbina invertida ou fixa, que, em virtude da sua propria disposição, em logar de ser ella que se desloca, obriga, pelo contrario, os gazes a uma velocidade de rotação verdadeiramente vertiginosa. A força viva dos gazes consome-se pois em trabalho interior, em voltas e turbilhões, e não sahindo senão depois de ter perdido uma grande parte da sua energia não produzem o choque energico, o *golpe de martello gazozo*, que origina a detonação.

E assim se consegue evitar o som, o que é de alta importancia sob o ponto de vista tactico.

BIBLIOGRAPHIA

A Nação Armada, pelo capitão de infanteria, *Julio d'Oliveira.*

A Nação Armada é um livro que o nosso camarada, sr. capitão Julio d'Oliveira, publicou recentemente e em que apresenta umas novas bases para a organisação do exercito, de forma a dar-lhe a feição do exercito miliciano dos suissos.

Para justificar o plano que preconisa, faz o nosso camarada um estudo desenvolvido das nossas instituições militares entrando em considerações diversas.

O primeiro capitulo descreve a nossa situação militar, pondo em relevo as evoluções porque tem passado e indicando, segundo o seu entender, as condições a que deve satisfazer para de futuro.

No segundo capitulo faz um estudo comparativo dos systemas d'organica militar, e, indicando o que se tem feito entre nós, mostra as vantagens e inconvenientes dos exercitos permanentes e dos exercitos milicianos.

O terceiro capitulo é dedicado ás remissões, sorteio e taxa militar, e no quarto faz um estudo critico da maneira como o systema vigente funcciona entre nós, critica que é completada no capitulo seguinte.

A educação e instrucção militar dos soldados são tratadas nos capitulos sexto e setimo, pondo em confronto o que se faz a este respeito no systema vigente com o que se deve fazer no sys-

tema que propõe, o que completa no capitulo que se segue, que trata da instrucção militar auxiliar.

Os capitulos nono e decimo versam a formação e instrucção dos quadros para o exercito miliciano, apontando n'este ultimo as unidades que devia haver em cada arma.

O decimo primeiro trata das condições administrativas ou financeiras, apontando algumas economias que se podiam fazer, como a supressão do Codigo Militar.

No ultimo capitulo é versada com desenvolvimento a questão do recrutamento, instrucção e promoção dos quadros, fazendo um estudo critico dos systemas vigentes e indicando quaes as condições de promoção a que os officiaes devem satisfazer para de futuro.

Ao nosso illustre camarada muitos agradecimentos pela gentileza da sua offerta.

Historia do batalhão de caçadores n.º 3, pelo commandante do mesmo batalhão, *Albano Mendes da Fonseca*, tenente coronel de infanteria.

E' um pequeno e elegante folheto, envolvido por uma artistica capa tendo desenhada, a côres, a bandeira nacional.

O pensamento, aliás, original e sympathico, do nosso querido amigo, o sr. tenente coronel Albano da Fonseca, dedicado aos recrutas do batalhão que por uma fórma verdadeiramente superior e sentida commanda, merece registo especial.

A historia d'aquelle glorioso batalhão está escripta despretenciosamente, mas em obediencia rigorosa á verdade dos factos, indicando chronologicamente todos os combates e campanhas em que entrou e phases por que tem passado.

Este folheto elegantissimo foi offerecido a todos os individuos do regimento no dia da ratificação do juramento dos recrutas, e ficará como lembrança indelevel da bandeira nacional e das glorias d'aquella unidade do exercito em que as praças de caçadores n.º 3 agora servem.

Felicitando o nosso illustre amigo por este seu trabalho, e pela sua feliz ideia, agradecemos a offerta dos exemplares com que nos brindou.

Secção do extrangeiro

França. = *Dotação de metralhadoras.* — Já dissemos em numeros anteriores d'esta *Revista* que o ministro da guerra francez resolveu dotar todos os regimentos de infanteria e de caçadores com secções de quatro metralhadoras e que estas secções já estavam organizadas nos corpos que guarnecem a fronteira allemã, por onde se começou a distribuição. Segundo informa a *France Militaire* o mesmo ministro fez saber em uma circular que a distribuição por todos os regimentos se faria nos 2.º e 3.º trimestres do anno corrente.

Em tempo de paz, cada batalhão de caçadores não alpino e cada regimento de infanteria terão para esse fim 4 cavallos, que ficarão pertencendo a essas mesmas unidades e os quaes serão fornecidos pelos corpos montados de cavallaria ou artilheria ou pelo deposito de remonta.

E n'esta conformidade se pediam n'aquella circular varios esclarecimentos a estes corpos montados e aos de infanteria sobre o seu alojamento.

Com relação ao pessoal tambem foram tomadas medidas importantes e em harmonia com a proxima distribuição que se vae fazer, devendo os officiaes e sargentos que pelos corpos forem nomeados serem mandados para o campo de Chalons a fim de receberem a instrucção especial da metralhadora n'um periodo de 12 dias.

Por cada regimento será nomeado um capitão, um tenente e um sargento readmittido. Estas nomeações, recommenda uma circular especial, deverão recahir nos officiaes e sargentos que tenham de permanecer por muito tempo nos regimentos, que tenham excellentes qualidades de vivacidade, golpe de vista seguro, e avaliação rapida das distancias.

Italia.=*Distribuição de metralhadoras aos corpos de infanteria.*—No ultimo numero dissemos que em Italia se estava procedendo ás experiencias d'uma metralhadora de invento nacional, Perino, e que se tinha em vista dotar todas as unidades de infanteria com este novo armamento.

Esse projecto já foi convertido em realidade. A metralhadora Perino deu bons resultados, sendo approvada pela commissão technica e pelo ministerio da guerra, e resolvido que em cada regimento de infanteria houvesse uma secção de 4 d'estas metralhadoras, cujas distribuição se vae já principiar a fazer.

Ferramenta portatil. — Na Italia foi ultimamente adoptada uma serra desmontavel em substituição da serra articulada até agora em uso. Cada companhia de infanteria italiana dispõe da seguinte ferramenta portatil: 80 pás e 13 machados-picaretas. Além d'isso cada regimento tem tambem uma secção especial de sapadores que transportam uma ferramenta do genero da de parque, assim composta: 48 pás, 24 picaretas, 32 machados e 12 serras, transportando-se ainda mais em viaturas apropriadas 126 ferramentas diversas.

Austria-Hungria. = *Distribuição de metralhadoras.* — A partir de 1 de fevereiro proximo passado, o exercito austro-hungaro devia possuir, segundo informação do *Zeit*, os seguintes destacamentos de metralhadoras: 202 destacamentos nos corpos de infanteria, a duas metralhadoras, ou seja um destacamento affecto a cada regimento de infanteria; 11 destacamentos nos batalhões de caçadores, a 4 metralhadoras, ou seja um por cada batalhão; e 5 destacamentos de cavallaria, a 4 metralhadoras cada um.

O total dos destacamentos, é pois, de 218 e o numero de metralhadoras distribuidas é de 468.

De todas as nações que teem os regimentos de infanteria dotados com metralhadoras, é a Austria-Hungria a que accusa uma menor percentagem, pois que tanto a França como a Italia

dentro de poucos mezes terão todos os regimentos d'esta arma dotados com 4 metralhadoras; a Allemanha, que foi a primeira a seguir esta orientação, tem 6 metralhadoras por cada regimento.

A Austria-Hungria, tendo os seus regimentos a 2 metralhadoras fica em manifesta inferioridade em relação áquellas nações. A guerra da Mandchuria mostrou mesmo que a distribuição de 2 metralhadoras por cada batalhão de infanteria, era a mais util e a que melhores resultados deve dar na pratica.

Casamento dos officiaes. — Um novo regulamento acaba de ser publicado sobre o casamento dos officiaes. A proporção dos officiaes a quem é permittido o casamento é ligeiramente augmentada. Segundo ella podem casar agora metade dos officiaes do estado maior e das armas combatentes, o que d'antes só era permittido a um quarto, e dois terços dos officiaes não combatentes, o que anteriormente era só concedida á metade.

O *dote* está calculado da seguinte forma: alferes 60:000 corôas; tenentes 50:000; capitão do estado maior 60:000; capitão das armas 40:000; major do estado maior 50:000; major das armas 30:000; e tenentes coroneis do estado maior 50:000.

D'antes era depositado na caixa de depositos do ministerio da guerra e hoje pode ser convertido em valores nominaes.

Aos coroneis e tenentes coroneis das armas é-lhes permittido o casamento independentemente de dote e para os officiaes com menos de 30 annos deve ser augmentado de 50 por cento.

Telephones de campanha. — E' bem conhecida a maneira como está sendo encarada a importante questão da ligação das armas em combate, e especialmente entre a infanteria e a artilheria, que não podem combater proficuamente se não conjugarem os seus esforços. Este assumpto tem-se procurado resolver por diversas formas, socorrendo-se quasi sempre ao emprego de signaleiros especiaes ou ao auxilio de telephonia.

A Austria-Hungria tinha umas secções de telephonistas distribuidos pela artilheria e segundo lemos na *United service magazine* vão ser tambem creados na infanteria, dotando cada regimento com uma secção de telephonistas militares.

As secções serão compostas por 4 soldados, que transportarão nm equipamento muito ligeiro de microphones mettidos em pequenas caixas e uma certa quantidade de fio. E por esta forma todas as unidades estarão em communicação entre si e especialmente com os quarteis generaes.

O telephone é mais recommendavel do que o telegrapho por não exigir uma instrucção especial para transmittir e ler os despachos e é d'emprego muito mais efficaz do que os signaleiros, porque estes, além de precisarem tambem uma instrucção especial muito cuidada, nem sempre podem ser empregados, e muito especialmente em combate. Na Austria liga-se grande importancia á creação de secções de telephonistas nos corpos de infanteria.

12.º ANNO MAIO DE 1909 N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A infanteria e o generalato mediante as propostas da guerra

Os esforços que a *Revista de Infanteria* tem empregado para fazer prevalecer os direitos da nossa arma são por certo bem conhecidos dos nossos camaradas. As questões palpitantes, e especialmente aquellas que visam directamente a infanteria, sempre aqui foram tratadas com um carinho e desvelo especial e com o desassombro necessario para que a verdade se esclareça e a justiça, que nos assiste, não deixe de nos ser feita.

E n'esta ordem de idéas, e sem qualquer intuito reservado de ferir pessoas ou provocar susceptibilidades, vinhamos tratando com um esforço bem accentuado a questão do generalato, procurando pôr em evidencia a monstruosidade da lei em vigor e as injustiças que ella acarretava para a nossa arma. Era uma cruzada em que depositavamos a maxima confiança porque não se nos contestavam os defeitos da lei que apontavamos e porque acreditavamos na justiça dos homens.

Quando, porém, nós, sinceros e crentes, nos julgavamos ás portas da Jerusalem desejada, uma difficuldade se nos depara no nosso caminho, que já vinha sendo longo, que desvaneceu as justificadas esperanças que alimentavamos. E esta difficuldade foi-nos creada pelas propostas da guerra que no mez passado foram apresentadas no parlamento, onde a questão do generalato, em logar de ser tratada com a equidade e justiça que todos esperavam, é, antes pelo contrario, aggravada d'uma forma sensivel. Por este processo podem vencer-nos, mas convencer-nos é que não é facil, e, portanto, com a mesma isenção nós continuaremos luctando, luctando sempre até que um dia se faça á arma a que temos a honra de pertencer a justiça a que tem direito.

No ultimo numero não podemos fazer qualquer referencia ás propostas da guerra pelo facto da *Revista de Infanteria* já estar impressa quando ellas foram tornadas publicas. Mas hoje vamos cumprir esse dever, porque para nós isso representa mesmo um imperioso dever a que não nos podemos furtar, entrando na sua analyse, que continuaremos denodadamente, até conseguirmos que a verdade triumphe.

No ultimo numero d'esta *Revista*, e portanto quando ainda não conheciamos o theor das propostas, escreviamos os periodos que passamos a transcrever:

«O n.º 3.º do mesmo artigo (1) apresentando-se com um accentuado ar de santidade não deixa tambem de envolver uma injustiça, injustiça porque destroe o principio preconisado da proporcionalidade, injustiça porque pretendendo favorecer os coroneis que mais annos teem n'este posto não quer dizer que vá favorecer as armas mais atrazadas. Apezar do parallelimo que se procura obter na promoção dos officiaes das differentes armas, officiaes ha, e mesmo cursos tambem, que devido a um conjuncto complexo de circumstancias fortuitas que não se podem prever nem mesmo evitar, conseguem ter em todos ou em alguns dos postos da carreira militar uma promoção muito rapida. Esses officiaes, e no nosso exer-

(1) Artigo 8.º do decreto de 1899 que trata da constituição do generalato, prescrevendo-se no seu n.º 3.º que tres logares de generaes de brigada pertencerão indistinctamente ao serviço do estado maior ou a qualquer arma.

cito alguns bem conhecidos são, obtiveram os tres galões de coronel ainda novos e muito cedo. Ora esses, que foram bafejados pela sorte ou acaso vão ter ainda um premio na promoção a generaes, porque se não puderem entrar n'este quadro pelos logares que lhes são privativos, entrarão ao abrigo da capa que sobre os hombros lhes lança o n.º 3.º em questão. E d'esta sorte, esses felizes que tiveram uma carreira rapida, rapida a continuarão a ter sem que d'ahi resulte beneficio algum para as armas atrazadas, mas resultando, antes pelo contrario, ainda um aggravamento de situação. Acabe-se pois com essa capa de santo porque só serve para encobrir uma accentuada injustiça.»

E de facto assim é, pois que a circumstancia d'um official permanecer muitos annos no posto de coronel não quer dizer que esteja atrazado na sua carreira militar. Esse principio só seria salutar em absoluto se houvesse uma lei invariavel e fixa que regulasse a promoção dos officiaes de todas as armas d'uma forma verdadeiramente parallela. Mas este parallelismo em logar de ser mantido no posto de coronel, é ainda aggravado com a lei dos *quintos* por poder accelarar a promoção a este posto dos officiaes extranhos á infanteria. E desde que este aggravamento se dê, as vagas fluctuantes não pertencerão nunca á infanteria. Emquanto, pois, n'aquella lei não existir o principio de dar aos coroneis mais antigos n'este posto um determinado numero de logares no generalato ha de ser sempre injusto e immoral.

Pela lei em vigor eram concedidos aos coroneis mais antigos 3 logares no quadro do generalato, o que fazia com que o estado maior e a engenheria em logar de 1 general de brigada podessem ter respectivamente 4 e 6, e que a artilheria e cavallaria, em logar de 2, podessem ter cada uma d'ellas 7, o que fazia desapparecer o principio da proporcionalidade a que rigorosamente se attendeu na constituição do quadro minimo, que é a unica base acceitavel por ser a unica justa e equitativa, visto ser a unica que a todos dá iguaes direitos.

Ora pelas propostas da guerra no mez passado apresentadas ao parlamento esse numero 3, que tão perniciosos effeitos já trazia na constituição do quadro do generalato, passa a ser, contra a espectativa nossa e de toda a gente, elevada a 5. E em virtude d'esta injustificavel

disposição ha de chegar o estado maior a ter 6 generaes de brigada em logar de 1, como lhe marca o quadro minimo, ou seja um general por cada coronel, pois que é tambem de 6 o numero de coroneis. A engenheria, em logar de 1, como tambem lhe marca o quadro minimo, pode chegar a ter 8 generaes de brigada, que com 2 de divisão, que já hoje tem, prefaz 10 generaes, que é tambem o numero de coroneis que esta arma possue. A artilheria pode chegar a ter 9 generaes em vez de 2 e outro tanto succede á cavallaria, que com os 4 generaes de divisão que hoje tem, se pode elevar a 13 generaes, faltando apenas 1 para haver tambem na cavallaria tantos generaes como coroneis.

E se estas hypotheses não se podem dar simultaneamente, basta que se dê n'uma das armas, e em algumas não falta muito para isso, para que todas as mais se sintam lesadas, aggravadas e offendidas. E haverá porventura alguem que possa advogar um principio d'esta natureza, que vae lançar a anarchia no exercito? E haverá porventura alguem que approve uma lei d'estas desde que lhe conheça os injustos effeitos e as perniciosas consequencias? Não, não pode ser, porque isso seria uma affronta, não só a nós que temos andado a defender a sã doutrina, mas tambem ao proprio exercito porque esse principio só representa a negação dos direitos de cada um. Não, não pode ser, porque era promulgar para a infanteria uma lei *prohibitiva* para a promoção a general.

E se da justiça passarmos ao campo pratico das coisas, á sua verdadeira razão de ser, ás necessidades do serviço, não poderemos então tirar tambem conclusões mais favoraveis. Pela reorganisação do exercito projectada, a arma de infanteria passa a constituir 10 brigadas. Pois apezar de se remodelar no mesmo diploma a constituição organica da arma e a constituição do generalato, ainda se deixa a infanteria com a falta de 3 generaes para commandar as suas brigadas, que é um absurdo de tal natureza, que só pode ter justificação no firme proposito de aggravar a rainha das batalhas, a arma principal do exercito, a arma cuja decadencia, como ultimamente ficou demonstrado no parlamento francez, marca não só a decadencia de todo o exercito, mas tambem a decadencia das nações militares.

E sob o ponto de vista economico tambem não comprehendemos a razão porque não se dá á infanteria pelo

menos (como nós somos pouco exigentes!) os 10 generaes necessarios para as suas brigadas, por que os *soi-disant* brigadeiros percebendo já a gratificação dos generaes de brigada, a substituição dos seus galões de coronel pelas duas estrellas de general apenas acarretaria uma pequena despeza com o augmento dos seus soldos.

Porque razão não se faz pois justiça á arma de infanteria e porque não se lhe dão os officiaes necessarios para as suas exigencias de serviço? Evidentemente porque ha o firme proposito de não se fazer.

Mas as propostas da guerra ainda precisam ser encaradas por um outro aspecto. Emquanto ao estado maior se augmenta mais 1 coronel e 4 capitães; emquanto á engenheria se augmenta mais dois capitães; emquanto á artilheria se augmentam 2 tenentes coroneis, 7 majores e 9 capitães; emquanto á arma de cavallaria se augmentam 3 majores; á arma de infanteria augmentam-se 4 tenentes coroneis, mas reduzem-se, em compensação, 7 majores, o que não é compensado nem pelo augmento de capitães, nem pelo augmento de 1 tenente n'um quadro que é illimitado e ao qual se ascende por diuturnidade.

E por hoje finalisaremos por aqui as nossas considerações.

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora (1)

Este trabalho comprehende as seguintes partes:

I — A guerra pode aprender-se fazendo-a ou estudando-a; a nação armada e o quadro de officiaes;

II — A instrucção, factor primordial do progresso nos exercitos. A Prussia depois de Iena, o Japão na actualidade;

III — A evolução constante dos exercitos é uma lei abso-

(1) Conferencia proferida no regimento de infanteria 2 em outubro findo.

luta. Em todas as épocas se constata que os grandes capitães, além dos seus dotes naturaes, possuiam uma sólida instrucção;

IV — A preparação dos quadros. — Essencia do trabalho do official;

V — Na preparação do official de infanteria a instrucção tactica sobreleva a todas as outras;

VI — A educação militar:

a) Partes essenciaes da educação militar;

b) A diversidade de elementos que o serviço obrigatorio leva ás fileiras;

c) O capitão e os subalternos;

d) O primeiro segredo do commando é o conhecimento do homem;

e) Saber punir;

f) O commando ideal;

g) Saber commandar;

VII — As forças moraes para a guerra;

VIII — Considerações finaes.

I

A guerra pode aprender-se fazendo-a ou estudando-a, a nação armada e o quadro de officiaes

A guerra é uma lei fatal que domina a humanidade, diz Martial d'Estoc no seu notavel livro *Le genie de la guerre;* poder-se-ha civilisal-a, mas não é do poder de nenhuma vontade humana o supprimil-a. A guerra, dizia o philosopho Hegel, é necessaria pela força das coisas; é indispensavel ao saneamento moral dos povos, é a condição do progresso na historia.

A guerra é hoje considerada uma sciencia positiva com leis e processos bem definidos, claramente postos e proficientemente demonstrados.

O raciocinio e o calculo entram nas suas combinações, que visam á utilisação judiciosa, ao perfeito emprego de todos os elementos disponiveis, conjugando-os habilmente para o objectivo final dos exercitos — o combate.

Para bem fazer a guerra torna-se mister possuir conhecimentos militares profundos, que só um trabalho persistente, um estudo serio e bem orientado permitte adquirir.

Na phrase conceituosa do general Ambert, a guerra pode aprender-se de duas maneiras — fazendo-a ou estu-

dando-a; — mas as campanhas de nossos dias, pela sua caracteristica rapidez e pela complexidade de elementos que põem em acção, não permittem já os largos periodos de aprendizagem que as guerras dos seculos passados facultavam, mercê do relativo atrazo das sciencias, das artes e das industrias, substituido hoje pelos notaveis progressos que, mais accentuadamente nos ultimos sessenta annos, a civilisação nos tem assegurado em todos os ramos da actividade humana.

A pratica do serviço, favorecida por um espirito de observação apurada, podia bastar outr'ora com as antigas armas, com meios simples, effectivos minimos, frentes pouco extensas e formações compactas. O que se exigia então da parte do official era a decisão, a energia, a bravura, ou, mais propriamente, as qualidades naturaes.

Hoje, porem, serviços mais complexos e processos mais delicados teem augmentado sobremaneira as difficuldades da missão do official.

Não basta que elle commande com energia e decisão; faz-se mister que dirija com tino, com discernimento, com habilidade, o que demanda um accrescimo de saber e de trabalho intelligente, que deixam a perder de vista as praticas simples, mas rotineiras dos tempos passados.

É indispensavel que nos compenetremos todos da grande verdade que encerra este principio, apanagio dos fortes organismos militares: *O saber constitue hoje a dignidade e a verdadeira força do commando.*

Desde que abraça a profissão das armas, o official contrahe para com o estado a obrigação moral de exercer o commando não como uma rotina, mas como uma sciencia especial, que deve conhecer a fundo, e tanto melhor quanto mais elevado fôr o seu gráu na hierarchia militar.

O official n'essas condições, diz o general Pedoya, acceita pelo facto do seu ingresso no exercito a obrigação de obedecer a todos os regulamentos que regem a instituição militar, não tendo o direito de escolher as prescripções ás quaes dará ou recusará a sua obediencia.

O official moderno precisa acompanhar de perto os progressos realisados na arte militar, na parte que mais directamente lhe interessar, segundo a sua arma ou serviço especial, para se mantêr sempre a par d'esses progressos, visto que só d'essa forma poderá supprir a sua falta de experiencia da guerra.

Nas diversas profissões mechanicas ou industriaes, as

experiencias podem repetir-se, podem multiplicar-se á vontade, sem perigo algum, sem outro inconveniente alem do derivado d'um accrescimo de despeza, em geral retribuitiva, por assegurar o aperfeiçoamento constante d'uma arte ou d'uma industria.

Na profissão das armas, ao contrario, as verdadeiras experiencias são raras, mas sempre assignaladas pelo derramamento de sangue generoso e pela perda de vidas preciosas.

Os erros commettidos na guerra assumem, por vezes, uma gravidade extrema, porque alem de todos os grandes sacrificios de vidas e dinheiro, se põe em risco a integridade do territorio, ou a propria autonomia da patria.

D'aqui se infere a impreterivel necessidade de dotar o exercito com officiaes que tenham a consciencia da sua missão, a nitida comprehensão da sua responsabilidade na guerra.

É bem conhecido o velho aphorismo militar: «Os bons quadros fazem os bons exercitos».

Como diz um notavel escriptor allemão, *Von der Goltz*, hoje, mais do que nos tempos passados, é preciso que o corpo de officiaes constitua uma verdadeira aristocracia, não a aristocracia do sangue, mas uma aristocracia intellectual e moral.

Depois da adopção do serviço militar obrigatorio, a missão do official tornou-se mais difficil e complexa.

Em outras épocas, em que os exercitos eram compostos de soldados profissionaes que envelheciam nas fileiras, o papel do official era relativamente facil: incutir o espirito militar e mantêr as tradições de corpo, no que era efficazmente auxiliado pelos quadros inferiores, que se conservavam no serviço activo até completar o tempo indispensavel para obterem a sua reforma.

A grande permanencia do soldado no serviço dava logar a contingentes annuaes diminutos, que simplificavam muito a tarefa dos quadros.

Hoje as condições são muito diversas, mudando por completo a feição dos exercitos.

O serviço obrigatorio, acceito por todas as nações cultas determinou a elevação dos effectivos a proporções collossaes, parecendo que as fatalidades historicas nos levam a reproduzir as guerras de ha 1:500 annos, imprimindo aos conflictos armados o caracter das invasões barbaras,

lançando umas contra as outras outras, não simples exercitos, mas nações armadas.

Foi o que começou já a presenciar-se na invasão prussiana de 1870, na invasão russa de 1877 e na invasão japoneza de 1904.

Para vêr como a noção de exercito se confunde hoje com a de nação armada basta repetir as palavras do conde de Caprivi, ex-chanceller do imperio allemão, proferidas em 1890 no Reichstag. Diz elle:

«Se a guerra rebentar, nenhum cidadão capaz de manejar uma arma ficará em sua casa.»

Com effectivos tão numerosos, como os que constituem os exercitos contemporaneos, a tarefa mais difficil para os governos, a parte mais delicada a tratar, é a criação d'esse nervo motor que dá vida á nação armada, isto é, a organisação do corpo de officiaes.

Eis a razão porque em todos os exercitos se trata hoje com especial cuidado da constituição e selecção d'um quadro de officiaes que dê a segura garantia de que, tanto na paz como guerra, o commando será exercido com intelligencia e sciencia.

II

A instrucção, factor primordial do progresso nos exercitos. A Prussia depois de Iena; o Japão na actualidade

A guerra pode aprender-se estudando-a, dizia judiciosamente o general Ambert.

Esta asserção do esclarecido militar, relativamente a uma das formas de aprender a guerra, comprova-se facilmente com factos convincentes colligidos na historia militar de todos os tempos.

Dois exemplos frizantes nos occorrem desde logo: a Prussia depois de 1806 e o Japão na actualidade.

No principio do seculo XIX, a Prussia persistindo systematicamente em conservar a tactica linear de Frederico II, sem attender ás transformações operadas nos processos de combate da infanteria franceza, veio a expiar cruelmente o seu erro, derivado d'um espirito essencialmente conservador perante a evolução que em assumptos militares se ia realisando do outro lado do Rheno.

Os seus exercitos foram anniquilados nas batalhas de

Iena e de Auerstaedt, feridas no mesmo dia, e a Prussia teve de acceitar as duras imposições do vencedor, que visavam ao seu desmantellamento n'um periodo de tempo mais ou menos curto.

Pelo tratado de Tilsitt, esta nação era obrigada a reduzir o seu exercito permanente ao effectivo de 42:000 homens.

N'este transe angustioso, verdadeiramente critico, a Prussia teve um homem eminente, um espirito superior que com rara habilidade soube parar o golpe que á sua nacionalidade era vibrado por Napoleão I.

O ministro da guerra, general de Scharnhorst, um organisador de élite, conseguiu, pelo seu engenho, illudir o cumprimento da humilhante clausula do tratado de Tilsitt.

De accordo com outro grande ministro, Stein, fez adoptar o vivificante principio da nação armada, organisando as reservas que, em caso de guerra, viriam reforçar as tropas em activo serviço.

A Prussia não manteve sob as armas mais do que os 42:000 homens fixados pelo tratado de Tilsitt, mas estes eram renovados nas fileiras em curtos periodos de tempo, considerados como sufficientes para se ministrar por uma forma intensiva a instrucção profissional a toda a população valida para o serviço militar.

As previdentes disposições adoptadas por aquelles dois eminentes homens de estado foram coroadas de completo exito, mercê da preparação do espirito publico, da corrente de opinião estabelecida pelo grande philosopho Hegel, que dirigindo o movimento intellectual da Prussia exerceu uma influencia preponderante para a regeneração do seu paiz (1).

A Prussia viu engrossar d'anno para anno o numero de reservistas aptos a entrar em campanha; e foram esses combatentes que, sob o commando do energico e tenaz Blucher, vieram a vibrar o golpe de misericordia na gloriosa epopeia napoleonica, que teve o seu epilogo sangrento na memoravel jornada de Waterloo.

Animada por estes successos, a Prussia persistiu no aperfeiçoamento progressivo das suas instituições militares.

---

(1) Hegel considerava como uma illusão o sonho d'uma paz universal e perpetua preconisada por Kant no seculo XVII.

Reconhecendo a falta de conveniente preparação do commando superior, Scharnhorst havia instituido em 1810 a Escola Geral de Guerra, que mais tarde se converteu na Academia de guerra de Berlim.

O habil ministro deu desde logo uma feição racional e pratica ao ensino professado n'essa academia.

Em logar de basear o estudo da arte militar em principios rigidos, em regras precisas, que frequentes vezes induziam em erro falseando as idéas, preferiu-se insistir no estudo aprofundado das campanhas, procurando desenvolver a intelligencia, o espirito de analyse e o discernimento dos officiaes pelo estudo de casos concretos, pela discussão de factos precisos, de decisões tomadas por generaes illustres em circumstancias nitidamente definidas.

Ao celebre general Clausewitz, que no estado maior prussiano havia feito as campanhas de 1812 a 1815, coube como director da Escola a grande gloria de imprimir a mais salutar orientação ao primeiro estabelecimento militar da Prussia.

Foi este insigne professor que, pelos seus notaveis escriptos e mui especialmente pela sua *Theoria da grande guerra,* exerceu a mais poderosa influencia sobre a educação militar dos officiaes no seculo passado e, consequentemente, sobre os altos destinos da Prussia.

Clausewitz soube penetrar o systema de guerra do maior capitão dos tempos modernos; do estudo conscienciosо das suas campanhas deduziu o sabio professor o grande principio napoleonico assim enunciado: «No começo d'uma guerra, não ter outro objectivo senão a grande batalha; outra regra senão a convergencia de todos os esforços, de todas as energias e de todas as intelligencias para o choque principal; outra habilidade senão a que consiste em tornar decisiva esta batalha, vibrando no adversario golpes sobre golpes, sem descanso, sem treguas até o submetter á sua vontade, até o deixar reduzido a uma impotencia absoluta.»

Posta em relevo por Clausewitz esta concepção napoleonica da guerra, interpretada rigorosamente e commentada pela Academia de Berlim, serviu de base aos methodos de guerra applicados pelos prussianos em 1866 contra a Austria e em 1870 contra a França.

Hoje a Allemanha é um dos mais poderosos e florescentes imperios do mundo e a situação preponderante que exerce na politica internacional deve-a innegavelmente ao

seu exercito, que tem sido o verdadeiro motor, a grande alavanca do seu progresso, o principal esteio da sua habil diplomacia, da sua industria crescente e do seu importantissimo commercio.

Esta transformação extraordinaria d'um povo vencido, quasi anniquilado por Napoleão I, n'um poderoso imperio, realisada em menos de 70 annos, deve-se ao esforço gigantesco de duas gerações de trabalhadores incansaveis, á direcção habil de homens de estado eminentes e ao estudo perseverante dos officiaes prussianos, animados d'um raro espirito de abnegação civica e de acrisolado patriotismo.

Depois de Stein e Scharuhorst, Bismarck e Moltke concorreram no mais alto gráo para o engrandecimento moral e material da Prussia, lançando os fundamentos da moderna constituição do imperio germanico.

Moltke exerceu durante muitos annos um logar preponderante no estado maior prussiano, que preparou com mão de mestre para os brilhantes successos de 1870, concorrendo efficazmente para se conseguir a *unidade de doutrina* em todo o exercito allemão.

Foi elle o inventor do jogo da guerra, meio engenhoso de exercitar os officiaes nas difficeis combinações da guerra.

Desenvolver na carta uma manobra de dupla acção em condições de tempo e de espaço analogos ás d'uma operação real era na verdade uma vantagem apreciavel para a preparação de officiaes para as funcções do alto commando.

A resolução de problemas na carta, os exercicios de tactica applicada para as pequenas unidades, os exercicios de quadros, o jogo da guerra e as grandes manobras são os meios a que principalmente recorrem os allemães para desenvolver as aptidões militares do seu corpo de officiaes.

Durante meio seculo de paz os prussianos prepararam-se cuidadosamente para a guerra e do resultado d'essa preparação fallam eloquentemente os successos por elles obtidos nas campanhas de 1866 e 1870.

Na primeira os prussianos levaram de vencida os austriacos, que tenham a experiencia das guerras de 1848, 1849 e 1859.

Na segunda os prussianos triumpharam dos francezes, que tinham a larga experiencia de guerras coloniaes con-

tinuas, da guerra da Crimeia (1853-56), da campanha de Italia em 1859 e da expedição do Mexico (1862-67).

Em ambas aquellas grandes guerras, as armas prussianas obtiveram triumphos assigdados, victorias decisivas, provando á evidencia mais uma vez que o trabalho profissional aturado, o estudo persistente do tempo de paz pode supprir a falta de experiencia da guerra, sobrelevando até essa experiencia quando um dos exercitos belligerantes não sabe tirar proveitoso ensinamento da lição que os successos da guerra lhe proporcionaram.

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.

Pistola automatica portugueza

(Continuado do n.º 3 — 1909)

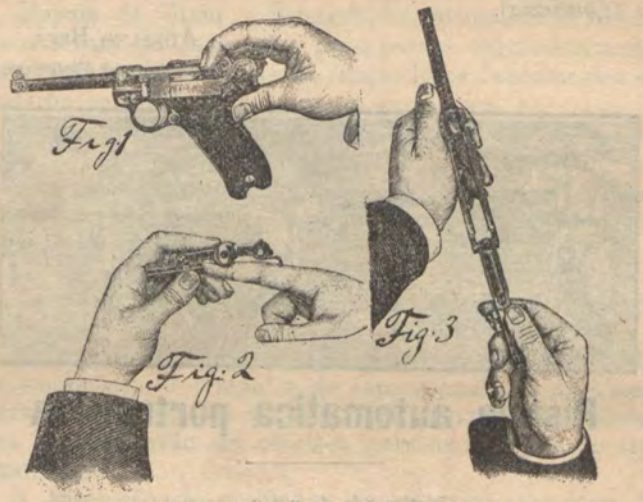
Enumeradas as operações de carregar e descarregar a pistola, vamos hoje indicar, para completar os esclarecimentos que promettemos fornecer aos leitores da *Revista d'Infanteria*, a sua desmontagem e montagem.

Separar as partes moveis da parte fixa. Tirando-se primeiramente o carregador com a mão direita, puxa-se o ferrolho á retaguarda, no sentido do eixo da pistola, apoiando o dedo pollegar (fig. 1) na parte recurvada, o dedo indicador no botão esquerdo da joelheira e o maximo no botão direito, de forma a que chegue até á curva e sustentando-o n'esta posição.

Em seguida, com o pollegar da mão esquerda, voltar em direcção ao braço o botão serrilhado do fecho e, dei-

xar o ferrolho escorregar docemente para a frente para desimpedir a placa do fecho deixando ao mesmo tempo o cano da arma escorregar para a frente com a culatra e a parte movel do ferrolho, depois do que se faz a separação das duas partes.

Separar o ferrolho da culatra. Colloca-se o ferrolho mediamente apoiado sobre a extremidade anterior do gatilho, retira-se em seguida a peça de ligação, levanta-se a joelheira, puxando-a pelos seus botões serrilhados e tira-se em seguida o ferrolho.



Extracção do ejector. Com a mão esquerda sustenta-se o cano com a parte da culatra fendida e com a unha do dedo pollegar, levanta-se a extremidade posterior do ejector até que a sua parte circular seja collocada sobre a borda do seu proprio alojamento, e com o dedo indicador acompanha-se este movimento até saltar fóra, tendo porem o cuidado de não empregar força na separação d'estas peças.

Extracção do percutor. — Sustenta-se o ferrolho com a mão esquerda (fig. 2) deixando livre a joelheira. Com a ponta do dedo indicador da mão direita fazer forte pressão sobre a parte inferior do ferrolho até impellir a mola do percutor. Voltando-o em seguida para a esquerda, re-

tira-se a sua extremidade do alojamento proprio e cedendo lentamente á acção da mola do percutor, deixar escorregar a peça inferior para fóra do seu alojamento, tirando-se depois o percutor e a sua mola.

Montagem

A operação da montagem das differentes peças da pistola faz-se pela ordem inversa da desmontagem, como passamos a indicar.

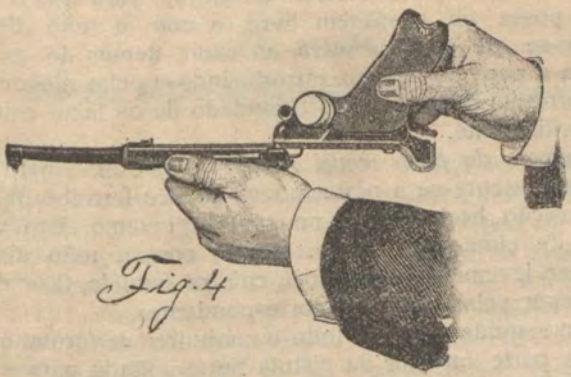


Fig. 4

Fig. 5

Collocar o percutor no ferrolho. Colloca-se primeiramente o percutor e a sua mola no alojamento proprio do ferrolho. Comprimindo então a mola, introduz-se o compressor de sorte que a sua ponta entre no alojamento respectivo, procedendo para isso como já ficou indicado (fig. 2) para a operação da extracção. Depois volta-se o compressor para a direita até que o dente entre pela ranhura aberta no interior do ferrolho e que continuando a rodar pela parte exterior se encontre na posição vertical, o que é muito importante a observar.

Collocação do ejector. Collocado por cima dos encalhes respectivos da culatra, introduz-se no alojamento proprio, fazendo leve pressão sobre as extremidades, operação que deve ser feita empregando sempre a menor força possivel.

Reunião do ferrolho e culatra fendida. Collocando a culatra e o ferrolho conforme indica a fig. 3, deve-se sustentar a culatra de baixo para cima e á altura dos olhos, introduzindo lentamente nas ranhuras longitudinaes as bordas lateraes do ferrolho. Para isso e depois de devidamente collocadas, apoia-se o dedo indicador da mão esquerda sobre a parte anterior do gatilho para que o ferrolho possa ter passagem livre, e com a mão direita impelle-se até ir d'encontro ao cano, depois do que se colloca a peça de ligação, introduzindo-a pelos alojamentos correspondentes, tendo o cuidado de os fazer coincidir devidamente.

Ligação da parte movel á parte fixa. Com a mão esquerda sustenta-se a parte movel, cano e ferrolho (fig. 4) em posição horisontal e no sentido inverso, isto é, a parte de cima para baixo. Depois com a mão direita apoia-se levemente o punho á culatra fendida, fazendo-a escorregar pelas ranhuras correspondentes.

Em seguida volta-se todo o conjuncto de forma a que toda a parte superior da pistola fique voltada para a esquerda (fig. 5) para impedir que caia a peça de ligação, e leva-se de novo o cano com o ferrolho para a frente até que se prenda nas garras da mola para d'esta forma se produzir a sua ligação com o ferrolho, o que é essencial.

E terminada d'esta fórma a montagem da pistola é indispensavel haver a certeza do seu bom funcionamento, para o que se deve trazer o ferrolho algumas vezes á retaguarda, deixando-o ir depois á sua primitiva posição.

Se o ferrolho executar o movimento d'avanço só pela acção da mola, está a montagem bem feita.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 3—1909)

8.ª ACÇÃO

Marcha de 20 de setembro e renhido ataque no Aluendo

Ao romper da aurora do dia 20 de setembro, a columna deixava o Damequero, onde a extenuada e resumida guarnição do forte, que tinha por dever a defesa do padrão das quinas, apenas recebera para levantar as quebrantadas forças escassos e não variados generos, alimentando todavia a esperança de que seriam soccorridos a tempo e que poderiam tudo supportar com resignação e valor, para honra da farda que lhe cobria o peito e onde palpitavam corações e corria sangue de verdadeiros portuguezes.

Tambem abandonavamos esta posição, sem gratas recordações, pois alem dos renhidos combates, passamos privações, sendo-nos reduzidas, as já insufficientes refeições, a um pouco de arroz sem tempero.

Esta falta, fôra originada pela demora do comboio, devido a difficuldades que houve em obter carros e *spans* (juntas de bois).

A columna ia reduzindo cada vez mais o effectivo, pelas baixas dos mortos, feridos, doenças e guarnições deixadas nos dois fortins.

N'esta acção tomou parte o 1.º esquadrão que havia ficado no Aucongo e mais 300 auxiliares do Humbe, vindos com o comboio; não tinham feito parte da columna desde o principio das operações, por estarem convictos da nossa derrota; quantos d'estes não teriam auxiliado os cuamatos, mas vendo-os de vencida, acharam prudente estarem do nosso lado. Tambem no preto selvagem ha os dois terriveis males — *egoismo e conveniencias*. Fi-

zeram a sua apresentação, simulando o fogo em diversas posições, ataques á *zagaia*, entoando canticos de guerra, dando grandes pulos, acocorando-se, batendo as palmas e deitando-se os maiores (fidalgos), em signal de humilhação, respeito e obediencia.

Para a segunda refeição foi distribuido um bocado de carne cosida (tóra) e duas bolachas.

Esta ração nas campanhas de Africa, não é conveniente, porque a carne, no fim de duas horas de bornal, fica completamente fermentada.

Iniciada a marcha, encontrára-se pouco tempo depois, muitas *libatas*, que foram queimadas pelos auxiliares, dirigindo o serviço o capitão de cavallaria Montez, por ter sido exonerado de commandante do grupo de esquadrões, os quaes por evolucionarem separadamente ficaram os respectivos commandantes com a iniciativa propria.

Marchava-se por uma matta, pouco espessa, que levou 50 minutos a atravessar, para se entrar n'uma *chana*, coberta de *capin* molhado pelas ultimas chuvas, muito povoada de *libatas*, junto das quaes existiam extensos *arimbos*, defendidos em todo o seu perimetro por abatizes de espinheiros. Os auxiliares lançavam-lhe fogo, mas era difficil incendial-os, por estarem humedecidos. O comboio retardava a marcha do quadrado, pela difficuldade que os carros tinham em caminhar no terreno arenoso e movediço.

Chegados á *chana* o inimigo bate a *cua* e rompe o fogo sobre a face da esquerda á distancia de 60 metros, abrigando-se com as paliçadas das *cubatas*, arvores e morros de *salalé*, generalisando-se em volta de todo o quadrado, sendo as faces mais atacadas as acima mencionadas e a da retaguarda.

O quadrado avança sempre ovante, parando unicamente para responder ao tiroteio, com descargas de pelotões.

O fogo dos cuamatos, já não tinha aquelle vigor dos combates e marchas anteriores, onde a fuzilaria de milhares de combatentes era constante, cruzando-se as balas em todas as direcções, nem estes eram tantos, estavam reduzidos a pouco mais d'um terço.

A's dez horas e meia, tinham-se percorrido oito kilometros, o calor escaldava, um sol ardentissimo, que vulgarmente apparece e se segue ás trovoadas e chuvas de Africa.

Recebemos ordem de acamparmos n'uma pequena elevação, o Aluendo; a artilheria Erhardt para lá dirige as suas certeiras pontarias e a face da frente varre o matagal com descargas; tomada a posição, ficava uma *chana* na direita e outra na retaguarda, e matto cerrado na frente e esquerda; caso singular, nunca estas duas ultimas faces acamparam, que não ficassem junto á orla de um bosque, fatigando consideravelmente as unidades que as constituiam, não só pelo rigor de serviço de vigilancia, como tambem por terem de preparar campo de tiro.

Durante o trabalho do entrincheiramento, a face da esquerda, unidades: companhia de guerra (commandante capitão Schiappa); 14.ª indigena (capitão Ramos da Silva), um pelotão d'infanteria 12 e outro da 2.ª europeia, bateria Canet e metralhadoras (2.º tenente da armada Silva Nunes), tiveram de sustentar um rijo combate, por o inimigo os ter atacado violentamente.

Todas as unidades destacaram para a frente os melhores atiradores, excepto as faces acima referidas, que mandaram metade da sua força.

O commandante das metralhadoras, foi um official que no decurso de todas as acções, soube tirar optimo partido das Nordenfelds, cinco canos, espalhando com boas pontarias os projecteis em diversos pontos, especialmente para onde se sentia vozearia, um grupo de cuamatos, ou para cima da copa d'uma arvore, d'onde os melhores caçadores nos alvejavam.

Official dedicado, captivando a estima dos seus subordinados e essencialmente desprendido da vida.

Este bravo official, sob o pezo doloroso do seu enorme martyrio, ferido pela crua morte da esposa idolatrada e de um filho adorado, que era tambem o seu enleio e enlevo, soube cumprir o seu dever.

Procurou a morte em todos os combates, mas não o conseguiu!

Terminado o trabalho toda a columna se abrigou.

Saíram os auxiliares para incendiarem as libatas, defendidas por paliçadas de pau ferro (muthiati); trazendo mantimentos, leitões, gallinhas, etc.; porém ao chegarem ao acampamento, teve-se de responder ao activo fogo do inimigo, durante tres horas, declinando gradualmente e finalisando ás 5.

Terminava a 8.ª acção

*

N'este combate tivemos a lamentar mais a morte de um official, o tenente de cavallaria Gonçalves Prats, que morreu instantaneamente, quando fallava com o seu camarada alferes de cavallaria Vendeirinho, a quem a mesma bala que fendeu o craneo ao seu infeliz camarada lhe atravessava o chapeu. Na ambulancia mais 11 feridos.

Ficou sepultado com dois dos seus companheiros de armas, junto a uma arvore, onde se gravou um pequeno signal, e assim iamos assignalando as passagens sangrentas de tão renhidos combates, até que o paiz ficasse avassallado e o nosso dominio assegurado.

Calipalula havia prevenido Roçadas que no Aluendo seria difficil encontrar agua, as cacimbas ficavam mais adiante, mas como a distancia a percorrer fosse grande, resolveu acampar ali.

Abriram-se profundissimas cacimbas, não sendo possivel encontrar-se agua; passámos horrivel sêde, com um calor de escaldar, tendo na 2.ª refeição chouriço e uma bolacha e na 3.ª carne de vacca que as praças assavam em palhas, junto ás trincheiras. O nosso soldado supportava tudo com a maxima resignação, principalmente por vêr ao seu lado os officiaes compartilharem das mesmas privações.

Os mantimentos trazidos pelos auxiliares das libatas, eram-lhe distribuidos; obtendo alimentação no proprio local dos combates, evitando o seu transporte.

A esta acção assistiu o soba do cuamato pequeno, Chietaquelo e os seus conselheiros, a quem teve de confessar que a guerra estava perdida e que os brancos não deixariam de avançar emquanto não tomassem a embala. A sua gente de guerra deserta todos os dias; os auxiliares do Cuanhama retiraram, roubando armas, gado, mulheres e creanças, e o soba Nande, já lhe pedia uma indemnisação das armas deixadas de apresentar pelos guerreiros e o pagamento de todas as vidas (cada morte é paga a razão de 5 a 10 bois). Estava portanto abatido o seu poderio e arrogancia de invencivel.

Por um lado a guerra dos brancos, por outro a imposição do seu fiel alliado — desthronado, pobre e abandonado do seu povo, estava perdido.

9.ª ACÇÃO

Tomada das cacimbas da Inhoca á bayoneta

Na madrugada seguinte, levantou-se o acampamento e proseguimos na direcção sudeste, deixando a de S.

Todos marchavam resolutos e anciosos de alcançar a embala, que segundo informações do guia, ficava a duas étapes, e as mattas por onde deviamos seguir, eram pouco espessas, entrecortadas de pequenas chanas, com algumas arvores isoladas. Marchavamos quando muito, ha apenas 30 minutos, o gentio bate a cua, principiando um ataque envolvente, approximando-se muito das faces do quadrado e fazendo optimas pontarias.

A marcha regulava-se pelas duas peças Erhardt, que seguiam no centro da face da frente, ao commandante das quaes Calipalula indicava continuas mudanças de direcção, bem difficeis de executar, aliás. Os atiradores inimigos acompanhavam o quadrado, deslocando-se de arvore para arvore ou morro de salalé ou cubata, sendo n'este deslocamento que se tornavam visiveis.

Durante a marcha encontraram-se grandes cacimbas, com bôa agua, n'uma d'ellas se deu de beber aos cavallos e muares dos esquadrões, emquanto se procedia ao concerto d'um carro carregado de munições.

N'esta paragem os cuamatos atacaram vigorosamente a retaguarda, que sustentou o ataque com todo o brilho e valor.

Continuaram os avanços, parando-se unicamente para responder ao tiroteio, para as metralhadoras alvejarem grupos inimigos e a artilheria lançar as granadas para o interior das cubatas, defendidas por paliçadas de pau ferro a pique. Os auxiliares sempre que podiam, iam incendial-as, ficando á retaguarda as povoações em chammas.

As 9 horas e 30 minutos tendo-se percorrido oito kilometros, Calipalula previne o commandante da columna que debaixo do arvoredo que nos fica na frente, estão as *cacimbas* da *Inhóca*.

A 500 metros o inimigo inicia fogo vivo, defendendo a todo o transe as *cacimbas;* o quadrado faz alto, a face da frente responde por descargas, a artilheria Erhardt metralha o bosque; continuam os avanços; o fogo não cessa; chegados a 200 metros, o capitão Pimentel recebe ordem directa do commandante da columna — *tome as cacimbas*

á bayoneta — immediatamente manda cessar o fogo por pelotões e dá a voz: companhia — *preparar* — e varre com duas descargas o ponto a occupar; acto continuo manda armar bayoneta e *carregar*. Infanteria 12 com toda a impetuosidade, toma as *cacimbas* e chegados ao cume d'um pequeno monticulo, manda alto e dá mais duas descargas, lançando-se novamente na perseguição, apezar do inimigo continuar a atacar-nos na retirada, parando-se sómente, quando se julgou conveniente não nos internarmos no matto. Esta carga foi secundada pela marinha e os cuamatos foram perseguidos pelos auxiliares no mattagal. (1)

Bella e brilhante carga, onde o nosso soldado tem mais uma vez occasião de provar o seu arrojo e valentia.

As praças de infanteria 12, mostravam-se radiantes, e bem o podiam estar, porque em Macuvi e na Inhoca, conjunctamente com a marinha, colheram os louros e a palma da campanha.

O proprio commandante da columna não póde deixar de patentear o apreço em que tinha as referidas companhias, com o seguinte telegramma, enviado ao ministerio da marinha: — *Tomamos as cacimbas da Inhoca á bayoneta. As companhias expedicionarias teem-se portado com muito valor.*

Recebeu-se ordem de acampar, ficando as *cacimbas* ao centro; o entrincheiramento foi difficil de executar, devido á dureza do terreno, ficando o parapeito só com um renque de saccos e de altura de dois d'estes sobrepostos.

*

As *cacimbas* em numero de oito, a que se podia dar o nome de pequenas lagoas, tinham agua em abundancia e limpida; n'este pequeno bosque o sóba passava a epocha calmosa, o que era na verdade uma boa e acertada resolução porque o sitio era ventilado, muito arborisado, com arvores desenvolvidas e copadas e onde o calor não se

(1) Tendo lido em diversos jornaes, na *Illustração Portugueza* e n'um livro publicado no Porto—*A campanha de Africa*— que as *cacimbas da Inhoca* haviam sido tomadas pela companhia de marinha — desminto formalmente tal asserção — infanteria 12 é que as tomou, sendo secundada pela marinha. A comproval-o existem photographias.

fazia sentir, com *bagres* para pescar, sendo alguns apanhados pelos soldados, munidos de anzol, o que causou uma certa surpreza visto haver quem trouxesse apparelhos de pesca, para um paiz onde se dizia não haver agua. A 500 metros do acampamento, havia outras *cacimbas* não inferiores a estas.

Estou convencido que o posto do Damequero, será para ali transferido, já porque o local offerece maiores commodidades, já por ficar mais central.

N'esta acção perdemos mais um official, o alferes da companhia de guerra Augusto Maria, um sargento e sete feridos. Heroicos camaradas, quando nós a dois passos do objectivo, tão ardentemente desejado, não poderam compartilhar da alegria que sentimos ao vêr coroado de bom exito, tanta somma de sacrificios e de abnegação!

Para os lados do S., a grande distancia, divisavam-se enormes rolos de fumo; o guia informa ser provavel a *embala* do tio do soba a arder.

Ás oito horas da noite foi disparado um tiro de arma propria para a caça do elephante — *verdadeiros bacamartes* — produzindo um estrondo semelhante ao tiro d'uma peça, e acto continuo disseram-nos: *a guerra está terminada, podem avançar, a terra é vossa.*

Esta promessa não nos tranquilisou, pelo contrario, a vigilancia tornou-se mais rigorosa, com pretos são necessarias todas as reservas, pois os estratagemas ardilosos são vulgarissimos.

Fizeram-se varias conjecturas sobre a tomada da *embala*, sendo a maioria de opinião, que o soba tendo concentradas as forças no ultimo reducto, o combate seria alli sangrento e renhido. Por outro lado havia tambem quem receasse da lealdade do guia Calipalula e aventasse que este indicava o caminho para a retirada ser mais perigosa e difficil e se os comboios não foram atacados, isso foi para se obter maior confiança. Eu pela minha parte considerei sempre o guia como um despeitado, que procurava fazer triumphar o seu ideal — o ser soba — e presumi um violento combate proximo da *embala*. Mas fosse o que fosse, succedesse o que succedesse, todos estavam dispostos a verter o seu sangue e empregar todos os esforços para o symbolo da nossa Patria ser levantado no Mogogo (embala do soba), desthronando tão terrivel e insubmisso potentado e vingar a morte dos nossos queridos mortos da campanha de 904, as affrontas feitas ao

nosso poderio e soberania, e que o orgulho da nossa raça ficasse bem assignalado.

A ordem da columna mandava o avanço sobre a embala ao romper da manhã do dia seguinte.

Tete, 13 — 10 — 908.

(Continua)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.ª

Granada para armas portateis

E' bem conhecido o grande emprego que os japonezes fizeram das granadas lançadas á mão na campanha da Mandchuria. Os extraordinarios successos que com ellas obtiveram no cerco de Port-Arthur e nos multiplos assaltos que effectuaram aos entrincheiramentos russos durante o decorrer da campanha, chamaram a attenção para este meio especial de combater.

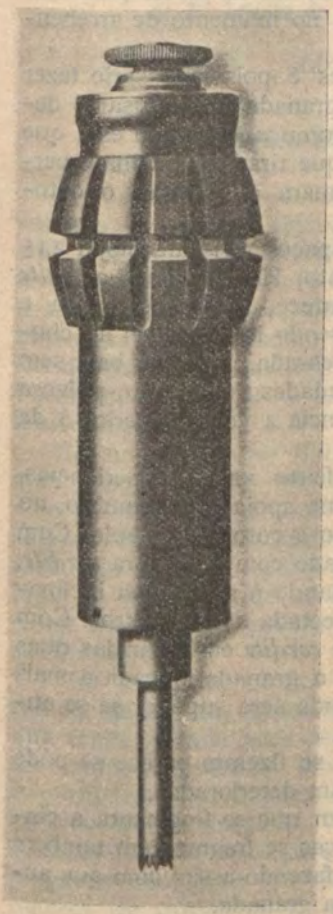
As granadas de mão, comtudo, sendo lançadas sómente com a força muscular, não podem ter uma larga applicação por originarem um grande esforço e especialmente por não poderem ser arremessadas a grandes distancias.

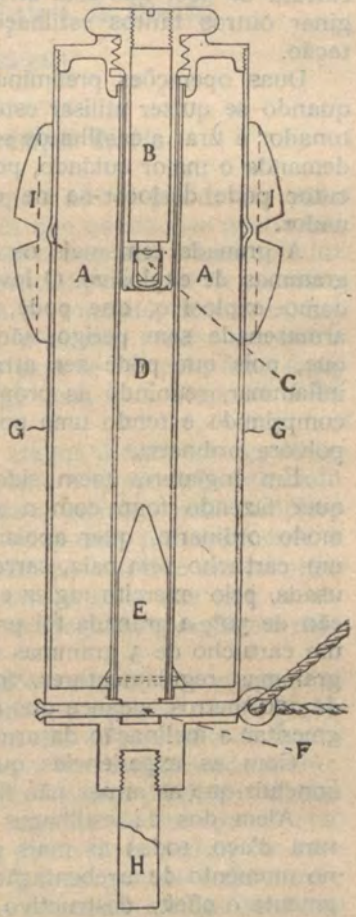
O inventor inglez Hale encarregou-se, porem, de resolver o problema o que conseguiu dando á granada uma forma especial e collocando-lhe na parte posterior uma vareta para poder ser arremessada pelo soldado com o auxilio da propria arma.

Para isso introduz-se a vareta da granada no cano e disparando a arma com um simples cartucho de exercicio e uma determinada inclinação, é o sufficiente para ser arremessada a uma distancia superior a 200 metros.

A granada consiste em um tubo de latão muito forte com $0^{m},140$ de comprimento e com um pezo total de 680 grammas quando carregado, compondo-se de um envolucro exterior *(G)*; de um detonador *(B)* que é aparafusado para se poder collocar com facilidade, pois que, para maior segurança, se deve collocar sómente quando se quer empregar a granada; de um martello e bigorna *(C)* que permitte accionar o detonador; de uma cavidade vasia interior *(D)* que desempenha o papel de alojamento do

percutor; de um percutor *(E)* que é mantido na posição em que o indica a figura por meio d'uns fios de cobre para evitar que vá bater no martello a bigorna do detonador quando a granada fôr no ar e antes de bater em





superficie consistente; de uma cavilha de segurança *(F)* munida de uma azelha de cordel para se poder tirar quando se quizer utilisar a granada, pois que emquanto estiver assim collocada a granada não rebentará porque o percutor não pode ir d'encontro ao detonador; de uma vareta d'aço *(H)* de $0^{m},250$ de comprimento, que deve ter um

diametro igual ao calibre da arma para se poder ajustar bem, a qual actua como cauda directriz e contrapezo de granada emquanto esta fôr no ar, permittindo-lhe um deslocamento equilibrado: e consta finalmente de uma cintura de aço, que está dividida em 24 partes para originar outros tantos estilhaços no momento de arrebentação.

Duas operações preliminares é pois necessario fazer quando se quizer utilisar esta granada: aparafusar o detonador e tirar a cavilha de segurança, operação esta que demanda o maior cuidado, porque tirada a cavilha o percutor póde deslocar-se na camara e accionar o detonador.

A granada tem mais os espaços (A) para alojar 115 grammas de explosivo. O inventor Hale emprega a *tonite* como explosivo, que pode, parece, ser transportada e armazenada sem perigo, não sendo inflammavel ao choque, pois que póde ser atravessada por uma bala sem inflammar, reunindo as propriedades do algodão-polvora comprimido e tendo uma potencia 4 vezes superior á da polvora ordinaria.

Em Inglaterra teem sido feitas varias experiencias, quer fazendo fogo com a arma apoiada ao hombro, ao modo ordinario, quer apoiando a coronha no solo. Com um cartucho sem bala, carregado com a polvora *cordite*, usada pelo exercito inglez e dando á arma uma inclinação de 30°, a granada foi projectada a 150 metros. Com um cartucho de 3 grammas de *cordite* em logar das duas grammas regulamentares, foi a granada lançada a mais de 200 metros, alcance que ainda será superior se se augmentar a inclinação da arma.

Com as experiencias que se fizeram parece se póde concluir que as armas não ficam deterioradas.

Alem dos 24 estilhaços em que se fragmenta a cintura d'aço, todas as mais peças se fragmentam tambem no momento de arrebentação, fazendo assim com que augmente o effeito destructivo da granada.

O grande angulo de inclinação com que é necessario fazer fogo, originando uma trajectoria muito curva, faz com que a efficacia dos actuaes entrincheiramentos seja muito reduzida. A pontaria é facil de corrigir, por se vêr a granada em todo o seu trajecto.

Este grande conjuncto de circumstancias certamente lhe dará uma grande applicação na guerra futura.

Operações de noite

(Conclusão)

Conferencia feita pelo general sir H. S. Rawlison, commandante da 2.ª brigada de infanteria, em Aldershot

(Traducção)

Ataques ao romper do dia

Até certo ponto os ataques ao romper do dia estão sujeitos ás mesmas objecções que os ataques nocturnos, com a differença essencial que o combate é feito com luz e não ás escuras. O que é essencial para se obter successo é reunir as tropas em fórma de combate, dentro da distancia de tiro do inimigo, no momento preciso em que a luz da aurora seja sufficiente para se vêr para fazer fogo. Portanto, o calcular o tempo para esta empreza é da maior importancia.

Se se quizer tirar d'um ataque d'estes um resultado completo, é preciso não só que o tempo seja calculado com precisão mas tambem que se guarde o mais completo segredo. N'estes dois factores se resume, principalmente, a razão do successo, porque dão ao atacante em primeiro logar a vantagem de atravessar a zona que está ao alcance do fogo sem perdas, e em seguida a vantagem moral da surpreza.

Mas ainda ha outras razões a favor dos ataques ao romper da aurora, especialmente no decorrer d'uma acção que tenha durado mais de um dia. A extensão da frente do campo de batalha moderno tem augmentado muito. A obrigação de reforçar algum ponto particular d'essa enorme frente necessita da marcha de reforços d'uma distancia consideravel para o ponto onde pódem ser empregados com mais proveito. Effectivamente estes movimentos de tropas de dia são arriscados porque seremos descobertos pelo inimigo quasi com certeza. D'aqui a vantagem de se fazer estas distribuições sob a acção protectora da escuridão, e se tem de se tirar proveito completo d'este augmento de forças, a surpreza d'um ataque ao romper da aurora fará um explendido preludio ás operações que se hão-de seguir.

Von Der Goltz diz: «Muitos exemplos das campanhas

de Frederico e Napoleão provam que as marchas nocturnas bem organisadas são possiveis sem nenhum effeito mau para as tropas. Pouco antes da batalha as marchas nocturnas pódem ser de grande utilidade facilitando-nos a collocação de grandes massas em posição perto do inimigo antes do ataque».

Por estas razões o ataque ao romper da aurora, quero dizer, o avanço para o ataque no momento em que haja luz bastante para se vêr para fazer fogo, tem ganho popularidade nas condições do combate moderno.

Requer todavia a mais cuidadosa preparação previa, deve ser effectuado pelas tropas de melhor qualidade, bem praticas em exercicios nocturnos, guiadas e commandadas por officiaes bem conhecedores de todos os detalhes importantes, porque d'isso é que invariavelmente depende o successo. Porque o mais pequeno descuido, erro de direcção, demora na marcha, ou emfim outro qualquer motivo póde facilmente fazer perder toda a empreza.

Já fiz referencia á precisão notavel que pódem attingir tropas acostumadas a exercicios nocturnos. E' necessario repetir isto, mas é ainda mais necessario que a auctoridade de quem depende o commando, o calcular o tempo, o desenvolvimento das forças na escuridão, seja mestre consumado n'esta arte, em que a pericia só póde ser a resultante da pratica e da experiencia.

Ha innumeros exemplos na historia tanto de successo como de insuccesso. Não tenho tempo para os analysar, mas em todos elles ha a notar um elemento que se não póde calcular. E' o elemento da sorte que entra sempre em todas ou quasi todas as operações militares, e muito especialmente n'aquellas que se fazem durante as horas da escuridão.

Ataques ao crepusculo

Os ataques ao crepusculo quasi não são operações nocturnas. São de facto unicamente a confirmação das operações que se pódem fazer de dia, e têem muitas das desvantagens dos ataques nocturnos, sem terem a vantagem da surpreza.

Alguns dizem que no caso de falhar a tomada de uma posição de dia, póde-se aproveitar a luz fraca do crepusculo para fazer novo assalto.

Isto é até certo ponto verdade, e em certas circumstancias essa opportunidade póde ser favoravel, mas o

ataque não póde continuar de noite n'um terreno desconhecido, e portanto, o fim d'estas emprezas tem de ser limitado a uma acção muito pequena, como por exemplo a tomada de determinadas posições no campo de batalha, com o fim de as preparar para a defeza durante a noite, e de se servirem d'ellas no dia seguinte como d'um eixo para outras operações. Houve exemplos d'estes ataques em Lyang-Yang e em Mukden, mas só foram bem succedidos em parte.

Antes de terminar talvez faça bem em referir-me a certas invenções modernas que facilitam o trabalho nocturno e que, talvez, no futuro ainda venham a ter maior utilidade.

O *wagon electrico* permittiu ás columnas, marchando de noite, estarem em communicação constante, e facilitou muito o trabalho de conseguir um ataque simultaneo de duas ou mais columnas marchando para o mesmo ponto por caminhos diversos. Não é impossivel melhorar mais isto, adoptando-lhe um apparelho Poulsen de telephone sem fios, por meio do qual as columnas possam estar em communicação constante durante a marcha sem o perigo de lhes quebrarem o fio á retaguarda.

Ha tambem a *Search light* (holophote) que tem o seu logar em todos os trabalhos nocturnos. Não é geralmente sabido que o avanço dos boers para o ataque de Wagon hill, foi muito auxiliado pelas suas duas *search-lights*. Estas lanternas são especialmente uteis, não tanto para illuminar a area que se tem de percorrer, como para mostrar e objectivo, e assim auxiliam os atacantes a manter as pontarias. Se se pódem utilisar tambem com a artilheria, para fazer o fogo incidir em certos pontos da posição do inimigo antes do ataque ao romper da aurora, é um assumpto que deixo á consideração de artilheiros praticos, mas parece-me que ha grande possibilidade de exito, e portanto julgo dignas de serem estudadas e experimentadas.

Sei que n'este discurso tratei assumptos que darão logar a polemicas no futuro. Vou portanto concluir, recapitulando summariamente os pontos que tentei explicar, talvez com bastante infelicidade:

1.º — O perigo de empregar tropas mal instruidas, e a importante necessidade de fazer exercicios nocturnos constantes, mesmo que haja o melhor material.

2.º — O notavel estado de perfeição a que pódem levar-se as tropas, sendo cuidadosamente instruidas.

3.º — A bayoneta deve ser a arma de ataque de noite; não se deve permittir fogo algum.

4.º — A habilidade para commandar uma columna só se adquire com a pratica e a experiencia.

5.º — Todo o cuidado é pouco para conseguir que se conserve bem o contacto entre diversas unidades.

6.º — O reconhecimento previo do caminho a seguir de noite é muito vantajoso e diminue os riscos.

7.º — A importancia capital de calcular o tempo com certeza e precisão.

8.º — O estado do tempo e a natureza do terreno determinam muitas vezes a victoria ou a derrota.

9.º — Na defeza o trabalho nocturno limita-se ás guardas avançadas e a contra ataques locaes.

10.º — O ataque de noite é muito arriscado e raras vezes offerece resultados importantes ou decisivos.

11.º — O ataque ao romper da aurora tem muito que o recommende, mas o successo depende da disciplina das tropas e da precisão e efficacia dos preparativos dos chefes.

12.º — O ataque ao cahir da noite tem muitas desvantagens, e raras vezes se faz.

BIBLIOGRAPHIA

O general Silveira, por *Adriano Beça*, tenente coronel de infanteria.

O nosso prezado amigo, sr. tenente coronel Adriano Beça, que é um distincto collaborador da *Revista de Infanteria* e um escriptor laureado e de reputação feita, acaba de publicar uma monographia sobre o general Silveira, onde os primores do seu estylo, as suas qualidades de observador e as suas faculdades de investigação mais uma vez se evidenciaram. No seu estudo, detalhado e desenvolvido, descrevendo o perfil moral do celebre general transmontano e heroico defensor da ponte de Amarante, faz uma precisa e clara narração da marcha das operações militares que se executaram durante a guerra peninsular, mostrando profundos conhecimentos da historia militar d'essa epocha. E acompanhando sempre o general Silveira nas homericas luctas que então se feriram e em que elle por vezes desempenhou uma parte activa e decisiva á frente das tropas portuguezas que commandava, consegue o nosso prezado amigo, sr. tenente coronel Beça, evidenciar por uma forma nitida o valor

d'esse general que tão mal apreciado tem sido. E rehabilitando esse bravo portuguez mostrando o seu valor e ao mesmo tempo a forma como os inglezes, por vezes, offuscavam os nossos officiaes que ao seu lado combatiam, fornece um largo subsidio historico para a justa apreciação d'essa memoravel guerra, pois que rehabilitando o general Silveira, rehabilita tambem o exercito portuguez. E' pois um duplo serviço que prestou o nosso illustre camarada, a quem cordealmente felicitamos, agradecendo-lhe a sua penhorante offerta.

Discurso pronunciado no acto da ratificação do juramento de bandeira no 3.º batalhão de infanteria n.º 20, pelo aspirante a official, *P. Almeida d'Eça.*

O nosso camarada, sr. Almeida d'Eça, sendo convidado a fazer uma allocução aos recrutas do seu batalhão no acto de ratificarem o seu juramento, teve occasião de fazer um patriotico e sugestivo discurso onde exaltou as nobres qualidades do soldado portuguez e a sua dedicação á Patria e ao Rei, mostrando apreciaveis dotes oratorios. Impresso depois e dedicado aos officiaes d'aquelle batalhão, fômos nós honrados com um exemplar, que muito agradecemos.

Secção do extrangeiro

Allemanha. = *Projectil para armas portateis.* — O engenheiro allemão Puff, de Spandau, inventou recentemente um projectil cuja ideia inicial visa a augmentar a parte da superficie do projectil em que actua a pressão dos gazes produzidos pela deflagração da polvora augmentando para isso o diametro da parte postèrior do projectil por meio d'uma especie de cinta semelhante á dos projecteis da artilheria, ou por meio d'um rebordo ou dilatação da parte cylindrica e tornar as estrias mais profundas na origem e dar-lhes uma profundidade progressivamente decrescente até á bocca da arma, a fim de diminuir a resistencia produzida pelo achatamento d'essa dilatação ou da cintura, e de collocar o projectil nas condições normaes do trajecto no ar.

O projectil é do typo ordinario, composto de uma ogiva ponteaguda e de uma parte cylindrica, revestido com uma camisa de aço ou cupro-nickel, e tendo na parte cylindrica um resalto annular que se obtem comprimindo o projectil no sentido longitudinal n'um apparelho apropriado.

Nas experiencias que se fizeram obtiveram-se os resultados seguintes:

Com um projectil de 12gr,7 de peso e uma carga de 3gr,8 de polvora sem fumo, a velocidade inicial media foi de 862m,7 e a pressão media foi 3:057,6 atmospheras.

A bala allemã *S*, com um peso de 10gr e uma carga de projecção de 3gr,20 dá uma velocidade media de 850m.

Em resumo, com uma carga de polvora um pouco mais forte e um projectil sensivelmente mais pesado, obtem-se uma velocidade inicial maior e uma pressão mais fraca na camara da arma.

Os resultados praticos foram os seguintes: a 200m, a bala Puff atravessou uma placa de aço de 5mm de espessura (escudos das peças da artilheria allemã), fazendo um orificio cylindrico absolutamente nitido, sem rebarbas, emquanto que a bala *S* sómente atravessou a chapa a 150m. Esta ultima a 160 e 175m apenas produziu depressões de cerca de 5mm de profundidade, emquanto que com o novo projectil, a 275m, embora a perfuração não fôsse completa, a ogiva conseguiu ainda atravessar a chapa.

Hespanha. = *Lei do recrutamento.* — O actual ministro da guerra do reino visinho apresentou no mez passado ao parlamento do seu paiz uma nova lei de recrutamento. Pelo projecto em questão pretende-se implantar em Hespanha o serviço militar obrigatorio, cuja duração, em logar de 12 annos passará a ser de 18, os quaes se dividirão pela seguinte forma: no serviço activo, 3 annos; na primeira reserva, 5 annos; na 2.ª reserva, 6 annos, e no exercito territorial, 4 annos. Os soldados dos 3 annos de serviço effectivo poderão ser licenceados depois de um anno de serviço activo se possuirem uma instrucção militar sufficiente. Os reservistas pertencentes á 1.ª reserva farão um periodo de instrucção de um mez, todos os annos; os da 2.ª reserva um periodo de 15 dias, tambem cada anno. Na mesma lei estipula-se que estes serviços auxiliares passem a ser desempenhados por militares reformados.

França. = *Deserção e insubordinação.* — As estatisticas publicadas ultimamente pelas repartições da justiça do exercito francez teem alarmado a opinião publica com as revelações e conclusões que permittem tirar do seu confronto. Em 1907 foram julgados pelos conselhos de guerra d'aquella nação 10:899 militares, sendo 1:787 por deserção e 3:689 por insubordinação, ou seja um total de 5:476 militares julgados por aquelles dois crimes, o que excede a metade dos julgamentos realisados.

A repartição central da justiça do exercito francez, fazendo em um longo relatorio a analyse d'um estado de coisas tão alarmante, chegou á conclusão de que um tão elevado numero de crimes d'aquella natureza, era especialmente devido á campanha anti-militarista que n'aquelle paiz se tem feito nos ultimos annos e ás successivas amnistias que teem sido concedidas.

Quando foi posta em vigor a amnistia de 12 de julho de 1906 existiam em condições d'ella se aproveitarem 12:783 desertores 49:985 insubordinados, cifras estas que no fim do anno de 1907 se elevaram com mais 3:400 desertores e 6:000 insubordinados.

Deduzidos os individuos que d'aquella lei se aproveitaram ao terminar o anno de 1908 a cifra dos desertores ainda se elevava a 12:338 e a dos insubordinados a 44:017, o que representa para as instituições militares francezas um accentuado desprestigio e uma falta consideravel nos seus já reduzidos effectivos.

12.º ANNO JUNHO DE 1909 N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A infanteria e o generalato

(Continuado do n.º 5 — 1909)

Continua sem solução a questão do generalato, e por isso, fechado o parenthesis que as propostas de guerra apresentadas ao parlamento no mez de março vieram abrir na analyse que a este respeito iamos fazendo, vamos novamente encetal-a, porque o assumpto é vasto e envolve um aspecto quasi que de vida ou de morte para a infanteria. E' uma questão imperiosa que precisa ser resolvida, é uma questão capital para a nossa arma, é mesmo uma questão de brio e decoro que a todos nós interessa, e, portanto, pela nossa parte, não deixaremos de contribuir com o nosso modesto auxilio e não nos furtaremos ao dever de chamar a attenção de todos para este assumpto. A infanteria, conforme está constituida, é um corpo sem cabeça, é um corpo acephalo, e quem é infante de coração, quem tem pela sua arma o amor e a dedicação que merece a *arma principal* do exercito, não póde ficar silencioso perante tão grande anormalidade.

As brigadas da nossa arma, as 12 brigadas que a constituem, continuam, com excepção de uma, a não ser commandadas por generaes em virtude da lei que os tira á arma onde são necessarios, para os dar ás mais armas, onde não são precisos. Esta misera e deprimente situação

é mesmo bem frizada n'alguns mappas de mobilisação, elaborados nos quarteis generaes. O recurso aos *brigadeiros* é apenas um remedio, mas um mau remedio, que só serve para pôr em evidencia a falta de generaes da arma.

E se por esse lado o recurso dos brigadeiros não remedeia cousa alguma, a sua applicação traz então prejuizos para elles proprios, em especial e particular, e em geral para toda a arma, cujas consequencias é necessario que não passem despercebidas. Para elles, para os brigadeiros, traz o inconveniente de os fazer estiolar n'esse posto, e para a arma traz então o inconveniente de fazer com que não possa ter ella representantes entre os generaes de divisão, pois que emquanto os coroneis de infanteria vão sendo mondados no posto de brigadeiro pelo limite d'edade, os coroneis das outras armas, não tendo de passar por esse posto *ficticio* e inventado sómente para a nossa arma, teem logo ingresso no generalato, passam logo a ser mais antigos e, portanto, as vagas de generaes de divisão só por elles, os coroneis das outras armas, é que podem ser occupadas.

A infanteria nunca mais torna a ter generaes de divisão. A analyse das leis actuaes e a experiencia do que já está succedendo levam a esta conclusão. A *lei dos quintos* accelerando a promoção dos coroneis das outras armas, a constituição do actual generalato com o invento dos minimos para nós e dos maximos para os outros, e ainda o recurso dos brigadeiros como um posto que se estabeleceu a mais para os coroneis de infanteria poderem ascender a generaes, representam para a nossa arma umas condições de tal forma desvantajosas que se póde dizer que a suprema aspiração que os nossos coroneis podem ter é a de chegar a brigadeiro.

E a prova d'esta asserção está já hoje bem patente, pois que tendo no momento presente 11 coroneis n'essas condições e tendo quasi todos 60 annos, serão attingidos pelo limite d'edade antes de porem sobre os hombros as dragonas de general de brigada. E os que porventura lá cheguem não poderão ser promovidos a generaes de divisão, porque passados 3 annos, que é a differença de limites, serão então attingidos antes de collocarem as 3 estrellas, pois que n'esse curto praso de tempo não podem ser promovidos ao mais alto grau da hierarchia. Isso ficará sendo sómente previlegio dos officiaes das outras armas, porque não perdendo tempo no posto de briga-

deiro, serão generaes de brigada mais antigos e portanto serão elles os unicos promovidos a generaes de divisão. A suprema aspiração dos officiaes de infanteria consiste, pois, em attingir o posto de brigadeiro, ou seja general pintado de coronel.

E os que tiverem duvidas lancem mão do *almanach*, que falla com toda a eloquencia, porque lá se encontrarão as cifras necessarias para mostrar que alguns coroneis que actualmente estão commandando brigada não passarão d'esse posto, e, se por ventura, ainda chegarem a ser promovidos a generaes, serão em breve attingidos pelo limite d'edade. Além d'isso, alguns d'esses coroneis estão ha já mais de 4 annos estacionados n'esse simulado posto. E se o *posto de brigadeiro* não tivesse sido inventado só para a infanteria, contariam elles já esse tempo como generaes de brigada, teriam o seu logar definido na escala do generalato, não seriam attingidos pelo limite d'edade dos coroneis e teriam muitos d'elles ingresso no quadro dos generaes de divisão. E o que se diz dos actuaes coroneis que já commandam brigada, com maioria de razão se applica aos que lhes são mais modernos, porque a situação tende a aggravar-se para de futuro. Assim, n'este estado de coisas, os coroneis estiolam n'esse posto ambiguo e a arma fica sem generaes que a commandem e representem.

Mas esta situação é que não se pode manter. A infanteria ainda não accordou, verdade é, do somno lethargico em que tem vivido longos annos. Mas ella é a arma mais numerosa, é a arma principal do exercito, que conta com uma pleiade de officiaes intelligentes, brilhantes e distinctos, que não se podem conformar com injustiças que tanto prejudicam, que tanto offendem e tanto humilham.

Mas se os officiaes da nossa arma não se podem conformar com esta situação, porque mata as suas legitimas aspirações, offende os seus brios e a sua propria dignidade profissional, quem preside aos destinos do exercito, quem tem por obrigação repôr as coisas no seu verdadeiro pé, não póde tambem descurar estes assumptos. E se o actual titular da pasta da guerra, a quem n'este momento prestamos a nossa sincera homenagem, puzer a sua profunda intelligencia e os seus vastos conhecimentos ao lado d'esta causa, prestará um grande serviço ao exercito e ao seu paiz, porque fará desapparecer a origem de muito desalento e a causa de muitas perturbações.

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora

(Continuado do n.º 5 — 1909)

III

A evolução constante dos exercitos é uma lei absoluta. Em todas as épochas se constata que os grandes capitães, além dos seus dotes naturaes, possuiam uma solida instrucção

Segundo M. Lavisse, a evolução constante dos exercitos é uma lei absoluta.

A transformação dos costumes e das condições politicas envolve necessariamente a transformação dos costumes e das condições militares.

Sendo continua a evolução da sociedade, é intuitivo que o exercito deve acompanhar parallelamente esta evolução, soffrendo as incessantes modificações exigidas pela sua adaptação progressiva ao meio social ambiente.

Mercê do seu grande senso pratico, os allemães comprehenderam perfeitamente esta necessidade e d'ahi a causa primordial da sua superioridade como potencia militar.

Não obstante as suas victorias de 1866 e 1870, a Allemanha não conserva intactas as instituições militares que tão poderosamente contribuiram para os seus brilhantes successos nos campos de batalha da Europa, não hesitando proclamar officialmente a necessidade e a permanencia d'esta evolução militar.

No relatorio justificativo que precede um projecto de

lei ha poucos annos submettido ao parlamento allemão depararam-se os seguintes suggestivos periodos: «As modificações na organisação e o aperfeiçoamento nas formações são para um exercito o indicio d'um organismo que se fortifica e se completa.

Toda a delonga n'esta evolução conduz fatalmente á decadencia e ao desastre.»

A mesma ordem de ideias se encontra expendida no excellente relatorio sobre o orçamento da guerra apresentado ás camaras francezas para o exercicio de 1907, em que o illustre relator mr. de Messimy, deputado ao departamento do Sena, se exprime em uma das suas passagens nos seguintes termos:

«Só uma reforma profunda de toda a nossa organisação militar póde permittir, sem novos encargos, que se introduzam na machina actual as modificações e os aperfeiçoamentos necessarios; como todo o organismo que quer viver, que deve estar sempre apto a exercer plenamente a sua funcção, a desempenhar o seu papel, o exercito não deve cristallisar n'uma fórma immutavel, mas, ao contrario, soffrer uma continua evolução.»

Sendo condição essencial de vida dos organismos militares, a evolução affecta sempre a remodelação das instituições organicas, o progresso das formações tacticas e o aperfeiçoamento dos processos da educação militar das tropas.

A curta duração das guerras modernas exige que o official se prepare convenientemente pelo trabalho e pelo estudo durante a paz.

E o trabalho cerebral dos officiaes novos deve manter-se em constante actividade desde que sahem das escolas, porque é n'essas edades que as faculdades intellectuaes estão em plena exuberancia de laboração e lhes permittem assimilar conhecimentos, que mais tarde, nos postos superiores, lhes servirão de grande utilidade, de reconhecido proveito.

E' intuitivo que poucos espiritos são dotados de capacidade privilegiada permittindo-lhes adquirir a sciencia completa da guerra na primeira metade da sua existencia; mas tambem não devemos acreditar que esses grandes generaes, que pelas scintillantes fulgurações do seu genio deixaram nome na historia do mundo, não precisassem estudos, não trabalhassem com afinco para applicar as poderosas faculdades de que eram dotados.

Por certo estas faculdades facilitaram em proporções extraordinarias o trabalho de assimilação produzido; em alguns annos, estes homens adquiriram conhecimentos tão numerosos e tão completos, que se tornaria necessaria uma vida inteira, mesmo a espiritos muito bem dotados, para adquirir unicamente uma parte d'elles.

Mas, a historia constata que todos os grandes homens se entregavam devotadamente ao trabalho da sua especialidade; a lenda dos generaes espontaneos, que se revelam nos momentos criticos ou se improvisam nas revoluções é fundamentalmente illusoria, enganadora; é uma creação perigosa e fallaz de espiritos falsos, que não resiste ás logicas conclusões d'uma analyse rigorosa.

Foi por um trabalho persistente, tenaz, que se formou o genio dos grandes capitães.

«Eu trabalho sempre», dizia Napoleão I; e, na realidade, o seu espirito conservado sempre n'uma grande tensão estudava constantemente as ideias que germinavam no seu privilegiado cerebro.

Hoche, Jourdan, Pichegru, Desaix, Suchet e Davout, além de outros generaes que brilharam nas guerras da revolução franceza e nas do consulado e do imperio, haviam assimilado na sua mocidade ou nos postos subalternos conhecimentos muito superiores ás necessidades profissionaes d'um tenente ou d'um capitão de qualquer arma.

A historia mostra-nos que no agitado periodo da primeira republica franceza, desde 1792 a 1799, se succederam á testa dos exercitos republicanos 106 generaes em chefe.

Mas, exceptuada essa pequena pleiade de generaes brilhantes, que todos nós admiramos, quantos não sossobraram por carencia d'uma preparação conveniente, por falta de conhecimentos, que só o estudo proporciona?

Seria facil determinar o avultado numero dos fallidos, d'aquelles que não poderam aguentar o pesado fardo das responsabilidades do commando perante as contingencias da guerra.

E entre esses grandes homens de acção, que deixaram o seu nome vinculado a illustres feitos de guerra, entre esses heroes, que se chamaram Ney, Murat, Lannes, Junot e outros muitos, que a natureza dotara de invejaveis predicados proprios dos homens de guerra, não se haveria encontrado um general perfeito, completo, se elles possuissem tambem esta faculdade de assimilação e de dis-

cernimento, que só se adquire pelo habito da meditação de casos concretos, esta acuidade de intuição que resulta de comparações multiplas e reflectidas?

Quem é que, medianamente lido em assumptos de historia militar, desconhece os graves embaraços que esses generaes sem estudo, sem sciencia, embora dotados de superiores qualidades naturaes, levantaram a Napoleão em jornadas memoraveis?

Quem não conhece os erros de Murat em Ulm e Hollabrünn, os de Junot na Russia e os de Ney e Grouchy em Watterloo?

Comparemos a estes generaes illustres os seus collegas, não menos illustres, porém, mais instruidos, como o foram Soult, Davout, Suchet, Gouvion de Saint-Cyr, e julguemos segundo os resultados das operações em que intervieram ou que superiormente dirigiram.

E' evidente que, nas conjuncturas graves, o homem instruido é quem prevalece.

Se quizermos fazer remontar as nossas investigações historicas até á mais remota antiguidade, viremos no conhecimento de que Alexandre, o grande, se elevou pelo estudo, pelo trabalho sob a direcção de Aristoteles, um dos maiores espiritos que o mundo produziu; Thucidydes e Xenophonte explicam-nos com que cuidados Cyro foi industriado em todos os detalhes da sciencia da guerra; e Polybio mostra-nos a desenvolvida instrucção que foi ministrada a Annibal, ainda creança.

Cesar trabalhou persistentemente durante annos successivos, preparando-se por um conhecimento profundo das coisas militares para o alto papel que desempenhou na historia de Roma.

Nos tempos modernos Gustavo Adolpho, Turenne e Frederico II tornaram-se eminentes como generaes pela notavel preparação e pela solida instrucção que chegaram a adquirir.

Napoleão aos 26 annos tinha já estudado, annotado e commentado todas as campanhas desde Cyro até Frederico II. Até áquella edade poucas occasiões se lhe proporcionaram de praticar a guerra, mas dotado d'uma grande capacidade de trabalho e d'uma extraordinaria intelligencia breve assimilou, depurando-os no seu espirito, os principios da arte da guerra que haviam dado a victoria áquelles grandes capitães.

Soccorremo-nos d'esta ligeira digressão de caracter

historico para tornar mais palpavel que se aos grandes homens de guerra o trabalho intellectual assiduo lhes foi indispensavel, mais o é a nós, que não possuimos nem as suas excepcionaes faculdades, nem a sua espantosa facilidade de assimilação.

Todos precisamos de estudar, cada um na esphera da sua actividade profissional, porque a lenda de que se nasce general fez o seu tempo.

Já o archiduque Carlos dizia nos seus *Principios de estrategia:*

«Este adagio, tão repisado em nossos dias, de que se nasce general e que não ha necessidade de estudar para o ser, é um dos numerosos erros do nosso seculo, um d'estes logares communs que a presumpção e a indolencia empregam para se dispensarem dos esforços que levam á perfectibilidade.»

IV

A preparação dos quadros. Essencia do trabalho do official

D'uma maneira generica, o trabalho attinente a desenvolver e a formar o espirito do official abrangeria a quasi totalidade dos conhecimentos humanos.

E' intuitivo que só uma intelligencia privilegiada, ou particularmente bem dotada, poderá assimilar uma tal variedade de conhecimentos nos curtos lapsos de tempo que a pratica do serviço regimental deixa livres para o trabalho especulativo do official.

Uma desenvolvida cultura scientifica e historica encetada nas escolas e proseguida nas horas de remanso da vida do quartel constituiria na realidade uma reserva, ou um precioso fundo de conhecimentos, que permittiria tornar o trabalho do official verdadeiramente fecundo e proficuo para a instituição militar.

Mas para a grande maioria dos officiaes dispondo de uma apreciavel cultura intellectual bastará assimilar na sua essencia a massa principal de conhecimentos, sem se perder nos detalhes, o que seria inutil e por vezes prejudicial á sua missão; o official usaria assim da faculdade de utilisar esses conhecimentos na parte, porventura, applicavel para o exercicio da sua profissão, sem ter necessidade de os estudar a fundo.

O official do exercito não pode ser um repositorio vivo de conhecimentos, alguns dos quaes sem applicação real na carreira das armas.

O seu trabalho profissional deverá visar principalmente a desenvolver a intelligencia, a exercitar as suas faculdades analyticas, de fórma a poder examinar e julgar rapidamente as questões, formando uma opinião segura e sempre pessoal sobre tudo o que se relaciona com a sciencia da guerra.

E' evidente que para se conseguir este desenvolvimento das faculdades analyticas, de molde a tornal-as proveitosas nas applicações militares, se faz mister que o official se entregue a um estudo paciente e consciencioso de factos historicos, que nos sirvam de lição e ensinamento, se exercite em procurar a solução de casos concretos relacionados com as coisas da guerra, e se consagre especialmente á resolução de problemas tacticos, tanto na carta como no terreno.

Sempre que uma intelligente direcção se faz sentir, os exercicios de quadros, a resolução de problemas na carta e as grandes manobras são d'uma utilidade capital na educação e preparação dos officiaes.

Para tornar o estudo verdadeiramente proficuo, convem banir d'elle tudo o que não tenha utilidade real na guerra, orientando as iniciativas e a actividade profissional dos diversos graus da hierarchia militar na observancia de certos principios, que podem servir de guia a todos os graduados na determinação do trabalho que mais particularmente os deve interessar para o cabal desempenho da sua missão.

Segundo esses principios, todo o official deveria:

1.º — Conhecer a fundo tudo o que directamente respeitar á especialidade da sua arma, ás funcções do seu posto e ainda ás do immediato;

2.º — Possuir uma noção theorica perfeitamente nitida do funccionamento de todas as engrenagens em que elle actua dentro do sua arma;

3.º — Ter noções genericas variadas sobre as outras armas, sobre os serviços geraes do exercito, de forma que o funccionamento d'estas armas e serviços lhes não seja absolutamente estranho ou desconhecido;

4.º — Conhecer por uma forma generica os processos tacticos do inimigo provavel e os recursos ou meios de guerra de que poderá dispôr.

5.º — Estudar o homem, seu subordinado, e em geral a psychologia das tropas, como instrumento principal do combate.

— N'esta ordem de ideias, a educação profissional do official durante os postos subalternos deveria incidir ou basear-se especialmente no estudo da tactica e dos serviços de campanha, descendo aos detalhes tão precisos para a instrucção do soldado.

A tactica deve ser estudada nas suas relações com a topographia, com o tiro e com a fortificação, o que implicitamente envolve a resolução de problemas na carta e no terreno, a direcção dos fogos e a fortificação do campo de batalha.

Um conhecimento, ainda que generico, do funccionamento das outras armas no combate impõe-se a todos os officiaes para se conseguir a indispensavel concordancia nos esforços communs e o perfeito concerto das armas nas condições tacticas do commando superior.

E' pela topographia que se chega ao conhecimento, á apreciação, ao emprego judicioso do terreno. E' um dos ramos essenciaes da sciencia das armas, devendo, por isso, merecer toda a attenção dos novos officiaes que, desde os primeiros annos do seu noviciado militar se vão habituando a apreciar rapidamente o terreno sob o ponto de vista do seu valor tactico e dos effeitos do tiro.

Mais tarde, desde que se attinge o posto de capitão, o official deve ter desenvolvido os seus conhecimentos de forma a comprehender perfeitamente as combinações das grandes unidades, em cujo funccionamento tem o seu papel a desempenhar.

Faz-se mister que o seu espirito se eleve acima dos detalhes de execução da unidade que commanda, e abranja todo o theatro da acção n'um raio bastante extenso para dirigir a sua tropa no sentido dos esforços geraes.

Não basta saber dirigir bem uma companhia ou um batalhão.

Estas unidades, em regra, não operam isoladamente, são solidarios com as unidades proximas, fazem parte d'um todo organico, devendo subordinar os seus movimentos á acção de conjuncto.

Torna-se indispensavel, pois, que os commandantes d'estas unidades conheçam, pelo menos, o mecanismo da divisão a que pertencem, os seus recursos, a sua força, os seus meios de acção e os seus processos de combate.

Sem estes conhecimentos não poderão concorrer esclarecida e efficazmente para o *desideratum* da tarefa commum.

Por outro lado sabemos que na fixação das regras e dos principios tacticos applicaveis ás diversas unidades não se pode proceder senão por via da synthese.

Assim a escola do soldado deve considerar-se como uma resultante do modo d'acção da companhia; a escola de companhia do modo de acção do batalhão, e a escola do batalhão ser tambem o corollario do modo de acção das unidades mais fortes.

D'ahi deriva a impreterivel necessidade de todos os officiaes, mui especialmente desde que se commanda companhia, conhecerem o funccionamento em combate das unidades superiores da sua arma, afim de mais concatenada e intelligentemente dirigirem a instrucção da unidade que commandam.

As considerações que antecedem não visam o marcar limites ao estudo, á sciencia de cada um, o que seria contrasenso inadmissivel; procuram demonstrar apenas qual é o minimo de conhecimentos rasoavelmente admittido, qual a preparação que se deve exigir aos diversos gráus da hierarchia militar para se conseguir o regular funccionamento d'este grande machinismo, denominado exercito.

Lá o diz bem claramente o coronel Maillard:

«Quem quizer desempenhar bem o seu papel deve conhecer toda a peça. A ideia de conjuncto da batalha deve ser difundida, sufficientemente conhecida, porque todos nós sômos chamados a tomar parte n'ella.»

Pelo seu lado, o general Moltke dizia:

«E' indispensavel que cada actor conheça o seu papel, porque no theatro da guerra não haverá ponto ou inspirador».

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.

Historia da Infanteria Portugueza

INTRODUCÇÃO

(Continuado do n.º 3 — 1909)

A Infanteria dos romanos

II

A Legião — Suas transformações

A segunda forma cohortal deveu-se ao vencedor das Galias. O primeiro general que teve Roma e um dos mais aprimorados e brilhantes talentos militares que tem existido, organisou a legião em tres linhas, sendo a primeira de quatro cohortes e cada uma das restantes de tres.

A terceira linha constituia a reserva, que servia, consoante as necessidades, para conter os ataques de flanco, reunindo, em massa, atraz d'uma das alas, as cohortes que a compunham.

Reappareciam mais tarde estas duas organisações tacticas: a de Mario na ordem de batalha de Frederico II e a de Cesar nas disposições tomadas por Napoleão I em Austerlitz.

A epocha de Cesar assignala o apogeu da tactica romana, que vae depois em vertiginosa decadencia desde Augusto até Adriano. Surge então a terceira forma cohortal e a segunda forma phalangista. A primeira reduzia a profundidade da cohorte a 8 homens, restringiam-se tambem successivamente os intervallos e as distancias, voltando pouco a pouco a legião ao seu ponto de partida. A segunda collocava as cohortes estendidas por toda a frente de combate, reduzindo a phalange, pela heterogeneidade do armamento, á impotencia. A organisação em cohortes termina o periodo brilhante da legião e da his-

toria militar dos romanos. Apparecem então as machinas, em grande numero, nos exercitos.

As transformações porque passou a legião, permittem-nos estabelecer frisante parallelo entre a marcha dos progressos da tactica na antiguidade classica e nos tempos modernos.

Effectivamente encontra-se de novo a forma phalangica no seculo XVI, no periodo da renascencia; a organisação manipular reapparece no inicio do seculo XVII, com a ordem de batalha de Mauricio de Nassau; a primeira forma cohortal, revive, como já dissimos, no seculo XVIII com a tactica linear de Frederico II, e no seculo XIX, Bonaparte, o grande genio dos campos de batalha, e a sua escola, applicavam a segunda forma cohortal.

III

As reformas de Augusto — O exercito permanente — Voluntarios Promoções

Taes foram as modificações da legião, com a qual Roma submetteu quasi todo o mundo então conhecido.

E' tradicional o valor e a resistencia da infanteria de Scipião, Cesar e Octavio. E' só quando, eivada pela corrupção geral do tempo dos imperadores, esta se indisciplina e desorganisa, que o exercito romano, que contava pouca cavallaria, perde a sua antiga virilidade e não tem já o poder sufficiente para se oppôr ao choque formidavel, terrivel, dos povos barbaros, que começavam a invadir o imperio, o qual foi sepultado com toda a sciencia militar — que havia de resurgir depois, já o dissemos — no cahos produzido pela emigração d'essas hordas selvagens, que irromperam impetuosamente da Europa e da Asia.

Á medida que se dilatava a area das conquistas, mais urgente se tornava lançar mão dos auxiliares, que prestaram serviços relevantes a Roma. Difficil se tornava reparar e supprir as perdas das continuas guerras com os soldados idos da mãe patria. A' Italia era absolutamente impossivel, não só, por carencia de gente, fornecer avultados contingentes, mas tambem, pelo atrazo dos meios de transporte, fazel-os chegar opportuna e promptamente aonde eram reclamados, como providenciaes reforços.

Sempre que se patenteava a urgencia de organisar

novas tropas, não se conformando tal organica com um recrutamento regular, ordenavam os generaes o recrutamento em massa (*tumultus*) de todos os homens validos, cidadãos, alliados e provinciaes, devendo estas tropas extraordinarias ser licenciadas logo que cessasse o perigo que determinara a medida de excepção.

Os tribunos militares eram nomeados, parte pelos consules e parte pelo povo, nos comicios curiatos; todos os das quatro primeiras legiões deviam ser de eleição popular. Os tribunos legionarios nomeavam os vinte primeiros decuriões, e estes nomeavam outros tantos para as ultimas fileiras: o centurião de cada cohorte nomeava dois porta bandeiras.

No cyclo de Augusto, periodo aureo da litteratura, das sciencias e artes, epoca florescente da industria e da agricultura, opera-se uma transformação radical na organisação militar de Roma, creando o exercito permanente. Encerram-se as portas ao templo de Yano — pronuncio auspicioso de paz e affirmação de que não pretendia dilatar-se o periodo das conquistas; mas não esqueceu o espirito esclarecido do primeiro imperador que era forçoso pôr a Italia, a Gallia, a Grecia e a Macedonia ao abrigo das invasões dos barbaros. Para isso necessario era, por um lado, dominar o curso do Danubio e, por outro, ir á propria Germania atacar as diversas tribus estacionadas junto da margem direita do Rheno.

Em todas estas emprezas militares conseguiram os romanos alcançar importantes victorias, excepto n'uma d'ellas.

Eram aniquilladas na floresta de Teutoburgo as tres legiões de Varo.

A derrota das armas romanas na Germania era ao mesmo tempo uma macula na gloria militar de Roma, que poucas vezes tinha visto as suas aguias abatidas ante o inimigo, e uma fatidica advertencia, como que a designar o ponto aonde despontava o verdadeiro perigo para a integridade do imperio.

*

A reforma de Augusto, imposta pelas circumstancias de occasião, havia sido longamente preparada pela introducção de novos elementos no exercito romano.

Os *capite censi*, alistados por Mario na legião, constituiam pouco a pouco o elemento primordeal do exercito

Assim devia ser. Com a longa permanencia nos acampamentos muito affectados eram os legitimos interesses dos proprietarios, emquanto que os proletarios consideravam a conservação nas fileiras como o meio mais seguro de prover á sua subsistencia, constituindo para elles um relativo bem estar; uma fortuna. Demoravam-se, por isso, muitos annos no serviço, e, quando se effectuava um licenceamento, apparecia sempre um grande numero de voluntarios para preencher as vagaturas. Cessa, pouco a pouco, o costume de se decretar annualmente a formação de novos exercitos, resultante do licenceamento d'uma parte dos soldados; esse expediente regular foi-se convertendo em medida extraordinaria, o que deu ás legiões uma feição de quasi permanencia.

A' incorporação dos *capite censi* succedeu a dos libertos, formando estes corpos especiaes. Logo que aos povos de Italia foi concedido o previlegio de cidadãos romanos, passam as legiões a ser constituidas com cidadãos e auxiliares (*auxilia*) em logar de alliados (*socii*), fornecidos pelas provincias ou pelas nações amigas, formando tambem corpos distinctos a ellas adstrictos. Ainda uma outra circumstancia permittiu restringir o effectivo do exercito, tornando menos necessarios os recrutamentos forçados. «Desde que se alargara o dominio romano haviam-se dividido as provincias em duas cathegorias: uma das que se achavam completamente pacificadas, e que por conseguinte apenas exigiam, para a manutenção da ordem, de um limitado numero de tropas legionarias, ou de auxiliares, ou apenas uma cohorte auxiliar *(provinciae inermes)*; outras, e estas eram ordinariamente as provincias consulares, ou porque ainda se mostrassem insubmissas e resistissem ao poder romano, ou por se acharem situadas nas fronteiras, tornando-se, por isso, base de operações militares contra os povos visinhos, reclamavam forças mais consideraveis. Estabelecido o dominio e assegurada a ordem nas provincias revoltadas, passavam as legiões para onde se carecia de maior numero de forças; e d'este modo, pelo qual se facilitou a divisão que o primeiro imperador fez das provincias, tornaram-se como que permanentes as tropas de occupação». (1)

Foi, pois, obedecendo aos principios impostos pelas

(1) D. Almeida. — *Idem, Idem.*

transformações sociaes e politicas, iniciadas desde longa data, que o primeiro imperador constituia o exercito permanente. Alterou tambem a forma do recrutamento, sendo sempre ordenado pelo imperador.

*

Era importante o numero de voluntarios, sahidos das classes menos abastadas, que constantemente se alistavam nas legiões, ou porque não tinham modo de vida, ou por falta de recursos. A profissão das armas assegurava-lhes um estipendio regular durante o tempo de serviço, (1) e, terminando este, importantes garantias. (2) Muitos d'elles salientavam-se pelas suas pessimas qualidades moraes, pouco proprias para a carreira das armas, constituindo um fermento de indisciplina e desmoralisação, e ainda outros pouco se recommendavam pelos seus dotes de resistencia physica. Os ricos, e mesmo alguns de poucos haveres, procuravam todos os meios de se exihimirem ás fadigas e ao risco da ardua profissão militar. A mutilação dos dedos para evitar o serviço das armas constituia um expediente com tanta frequencia empregado, durante o imperio, que foram decretadas penas severissimas para castigo d'um tal crime. (3)

---

(1) 225 dinheiros annualmente, sendo elevados a 300 por Domiciano.

(2) O estado fornecia-lhes um traço de terra com casa e alguns escravos para a cultura, alem de varias isenções e previlegios que a lei concedia aos veteranos, taes como:

1.º — Isenção do imposto pessoal, quer para elles só, quer para elles, suas mulheres e filhos, segundo o tempo de serviço. Esta isenção não era estensiva aos impostos sobre as terras que possuiam.

2.º — Liberdade de escolherem domicilio aonde lhes conviesse. Deve-se notar que não era licito, então, segundo o direito commum do tempo, usar d'uma faculdade tão natural ao homem, depois de haver satisfeito aos encargos do domicilio originario, especialmente o decorianato.

3.º — Davam-se-lhes muitas terras vagas, que eram isentas de imposto, e para facultar a sua cultura fornecia o estado gados, uma ou duas juntas de bois, cincoenta ou cem moios de sementes e até dinheiro.

4.º — Isenção dos encargos locaes tanto civis como pessoaes.

5.º — Se seguissem o commercio, eram isentos de contribuição industrial, dos direitos da alfandega e de portagem e do imposto de feiras e mercados. (Serrigny).

(3) Dion Cassió mencionando a impressão que fizera em Augusto a derrota de Varo e as providencias que adoptou, conta

Refere Suetonio: «Que Tiberio procurou libertar dos ergastulos da Italia não só os viajantes de que os ricos proprietarios se apoderavam, segundo era voz publica, mas tambem os que alli se refugiavam para escapar ao serviço das armas».

Soffre constantes modificações o processo de recrutar o soldado romano. São admittidos na legião os individuos que posto não fossem escravos eram todavia de condição servil, como por exemplo: os clientes e os cultivadores adstrictos ao solo. A invencivel repugnancia, por parte dos habitantes de Roma e da Italia, em fazerem parte da força publica, levou alguns imperadores a obrigarem a alistar os escravos, concedendo-lhes primeiramente a liberdade, visto que só de cidadãos podiam ser formadas as legiões, illudindo assim a lei, nunca derrogada, que os excluia da força armada. E precisamente porque os escravos eram excluidos do exercito é que, por vezes, os homens livres desciam ao aviltamento de se tornarem escravos só para evitarem servir e defender a patria. Era a degeneração moral da raça. Por ultimo, estatuiu-se o serviço militar obrigatorio, que a uns era imposto como encargo real e a outros, em numero muito limitado, como encargo pessoal (1).

Na lista dos contingentes que deviam ser fornecidos pelas diversas localidades acrescentava-se sempre um certo

---

que o imperador punia severamente os que, tendo a idade propria se não alistaram no exercito que preparava. Mandou confiscar os bens e dar a nota de infamia, por meio da sorte, á quinta parte de todos os que ainda não tinham 35 annos e á decima parte dos que eram mais velhos. E como ainda assim muitos não obedecessem á ordem do soberano, condemnou alguns á morte. *Tito Livio*, — L. VI cap. XXV.

(1) Ao ultimo estavam sómente sujeitos os filhos dos veteranos aptos para o serviço das armas e os dos militares estabelecidos nas fronteiras, em terras dadas pelo estado, protegidas por castellos ou pequenos fortes. Supportavam o encargo real os membros de diversas classes, cada um segundo a sua riqueza e posição social; os chefes de curia; os decuriões; os funccionarios imperiaes sob as ordens dos governadores e magistrados judiciarios e, finalmente, os sacerdotes pagãos. Todos estes deviam fornecer um certo numero de homens para o exercito. Os proprietarios não incluidos em alguma d'aquellas classes contribuiam com um numero de recrutas proporcional ao valor das suas terras; mas se este não chegava ao minimo designado na lei, reuniam-se uns poucos, até perfazerem aquella somma e pagavam o tributo militar. (Cod. de Theodosio).

numero de supranumerarios, para supprir as faltas, sendo obrigados a exercicios militares, ainda que não encorporados. Era a 2.ª reserva. No recrutamento commettiam-se grandes arbitrariedades e injustiças.

Eram de tres especies as baixas do serviço: *Missio honesta*, concedida aos que terminavam o seu tempo de serviço; *causaria*, aos que eram obrigados a retirar-se antes de terminado o tempo, por qualquer causa legitima: ferida ou doença; e *inhonesta*, a separação e exauctoração motivada por factos indignos.

Os commandos eram exercidos por uma ordem especial creada pelo primeiro imperador (*Equites equo publico*). Só quem pertencia a esta classe podia obter qualquer patente militar, desde os logares mais elevados até aos mais subalternos.

*

Desde o principio do seculo III que começaram a concorrer aos differentes postos os simples soldados voluntarios ou recrutados, que tivessem longo tempo de serviço, bom comportamento, e que se tivessem distinguido por actos de bravura. N'este caso, desde que obtinham o primeiro posto, ficavam pertencendo á ordem equestre, quando se reformavam, ou mesmo em activo serviço quando chegavam a postos mais elevados.

«Antigos militares que tinham assentado praça como soldados, diz Friedlander, e que chegavam por promoção até ao centurianato, obtinham na reforma 400:000 cestercios e a dignidade equestre; mas o cavalleiro hereditario, principalmente o que se glorificava d'uma longa serie de antepassados, que haviam pertencido á mesma ordem, olhava desdenhosamente para os soldados de fortuna e para todos os que se haviam elevado áquella posição pelas protecções ou pelo merito.

«Em geral quem servia no exercito para fazer carreira, por meio de promoção, obtinha a dignidade equestre quando chegava a tribuno de legião, patente esta que muitas vezes era conferida como um posto perfeitamente titular, para facilitar a elevação social da pessoa que se queria tornar distincta. Os descendentes das antigas familias de nobreza equestre, depois de haverem passado no exercito por uma serie de postos subalternos, eram nomeados para os logares superiores da administração das finanças imperiaes, tanto em Roma como nas provin-

cias, onde exerciam o cargo de recebedores dos direitos do fisco, com amplissimos poderes e o titulo de procuradores; algumas vezes chegavam a ser chefes supremos de toda a administração provincial. O bastão de marechal d'esta carreira eram as altas perfeituras, o governo civil e militar de Roma e a vice-realesa do Egypto.»

«O individuo com certas habilitações que assentava praça como simples soldado, terminava ordinariamente a sua carreira no centurianato, quando não tinha a fortuna, um pouco mais rara, de obter o tribunato d'uma legião ou a perfeitura d'uma ala de cavallaria; quasi nunca subia mais. No entanto, mesmo os homens do terceiro estado conseguiram algumas vezes, á força de protecção e com boas recommendações, entrar no exercito como centuriões, posição já bastante considerada, e por consiguinte muito pretendida. D'ahi podiam ir subindo gradualmente, em fortuna, com merito ou protecção, até á dignidade senatorial, felicidade que era rarissima nos primeiros dois seculos do imperio; mas, pelo menos, podia entrar na ordem equestre, e até chegar, como já observamos, ás mais altas posições accessiveis aos cavalleiros.»

(*Continua*).

J. Gil
Tenente-coronel de infanteria.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(*Continuado do n.º 5—1909*)

10.ª ACÇÃO

Tomada da embala do Magogo (Naloeque)

A's 4^{h} e 30^{m} da madrugada, o quartel general da columna transmittia aos commandantes das unidades, por intermedio dos officiaes do seu estado maior, ordem para se levantar o acampamento e se activar os preparativos de marcha: — os artilheiros atrelam as muares aos armões e carretas e põem os projecteis em condições de serem rapidamente utilisados; a cavallaria apparelha os seus

bellos e resistentes cavallos; a infanteria compõe o equipamento e cada commandante de pelotão verifica se as praças levam o municiamento determinado; os auxiliares do comboio de viveres carregam os carros; o pessoal do trem de combate certifica-se onde ficam as diversas munições, a fim dos carros marcharem por uma certa ordem e evitarem-se confusões; o serviço de saude arruma e encaixota os medicamentos, pensos e apparelhos, e nomeia e indica aos maqueiros qual a face do quadrado em que prestam auxilio.

Ouve-se no acampamento o reboliço proprio de forças que se preparam para marcharem em campo hostil e tomarem as precauções de quem espera um combate terrivel, sanguinolento e mortifero com um povo aguerrido e valente, que empregará os ultimos esforços, defendendo o seu paiz e as suas crenças, queimando o ultimo cartucho dentro do reducto do seu chefe e lançando-se no ultimo arranco á arma branca, em lucta de desespero, a qual deveriamos supportar, empregando todos os esforços para a victoria ficar do nosso lado.

A's seis horas todas as fracções tinham tomado os seus logares no quadrado; e apezar de estarmos convictos que muitos haviam de morrer n'uma lucta tambem de desespero e combateriamos com desegualdade, pois deveria estar concentrado na embala todo o Ovampo, ninguem tremia ou vacillava, sómente se ambicionava derrotar por uma vez os rebeldes, vingarmos as victimas dos dois massacres, ainda mesmo com sacrificio de preciosas vidas.

A' referida hora o quadrado iniciava a marcha por uma extensa facha de terreno coberta de capim e ladeada de matto; continuavam a dar-nos a direcção duas peças da bateria Erhardt; em breve deixamos esta verdadeira estrada para entrarmos n'uma chana com dois kilometros de comprimento por 1:500 metros de largura, atapetada de capim que nos cobria e no angulo direito da chana ardiam duas libatas, a que os proprios habitantes deitaram fogo.

A's nove horas o calor abrazava, as tropas iam-se sentindo fatigadas e presumiam não chegarem n'este dia á embala, pois o guia havia dito que o maximo da Inhoca ao Magogo eram quatro kilometros e tinham-se percorrido já oito.

Durante o nosso trajecto o inimigo não dava signal

de si, o que nos levava a crêr ter-se concentrado na embala.

Calipalula informa o commandante: — o inimigo deve estar a 1:800 metros da embala e ahi empregará todos os esforços para se oppôr á sua tomada.

Chegados á distancia designada deparámos com grandes *libatas* situadas n'uma pequena ondulação do terreno e conforme nos disse o guia havia ali nascido e sido creado o soba Chiataquesso e actualmente vivia n'uma d'ellas a mãe e nas outras os fidalgos da côrte do *sobado*.

Não se encontrando a resistencia esperada, Calipalula justificou-se, dizendo ser provavel não haver combate, mas que deveriam estar perto.

Continuámos a avançar e a 1:700 metros recebeu-se ordem de fazermos alto. O guia indica a Roçadas: — no meio d'aquelle arvoredo, onde estão as palmeiras, fica a *embala*.

O commandante da bateria recebe ordem de a bater, tomando para ponto de referencia uma frondosa arvore que ficava no centro d'ella.

O tenente Esteves manda carregar as duas peças do centro da face da frente, observa com o binoculo o ponto a bater, calcula a distancia, desce da montada e vae verificar a pontaria a 1:700 metros. Bombardeia a embala em direcções differentes, produzindo as granadas enorme estrondo, não nos respondendo nem com fogo, nem se ouviu o menor rumor ou gritaria.

Havendo uma pequena matta na nossa frente os sapadores abrem caminho e continua-se o avanço; a 700 metros distinguia-se a palissada de muthiati que circumdava toda a *embala* e o quadrado faz novamente alto.

A mesma artilheria bate mais uma vez a *embala* e a do angulo esquerdo metralha um bosque, que fica a pouca distancia e flanco direito d'ella, onde existem *cacimbas* iguaes ás da Inhoca.

Avança-se; a 500 metros a face da frente varre com descargas a *embala* e o bosque.

As companhias de marinha, infanteria 12, de guerra e 1.ª europeia, formando estas duas ultimas unidades colchetes defensivos, recebem ordem de á distancia de 150 metros tomarem de assalto a embala, mas a 1.ª europeia principiou a carga a 400 metros, o que muito fatigou as praças.

O 2.º esquadrão, pelo flanco direito, carrega tambem

e explora todo o perimetro da embala, e, encontrando a porta, entra na mesma.

A infanteria lança-se á palissada, derruba-a em alguns pontos com difficuldade; outros trepam por ella; reformam-se immediatamente as unidades e avança-se até ao centro da embala, que deve ter approximadamente 800 a 900 metros de diametro.

Todas as conjecturas tinham caido pela base, pois que em logar de uma tenaz resistencia encontrou-se um montão de cinzas; quasi todas as dependencias da *embala* haviam ardido, encontrando-se nos escombros carros, culatras e sabres das armas Kropatschek e Snider, espadas, lanças, revolveres, cornetas, cartuchame, fôrmas para balas, forjas, colheres de derreter chumbo, etc., sendo parte d'estes objectos triste espolio do desastre de 1904.

Duas versões correram sobre o incendio, contadas por uma velha fidalga que havia sido mulher de tres sobas; a primeira fôra que o proprio sóba lhe mandara deitar fogo, a segunda pela gente contraria á guerra, aproveitando a sua ausencia no Aluendo; a primeira é mais acceitavel, visto não ser crivel que nenhum preto tivesse a ousadia de o fazer, devido ao respeito e ao feitiço que a *embala* lhe inspirava e ao receio do cruel castigo que lhe seria inflingido. Disse mais que a guerra estava terminada, por ser impossivel combater com tão «maluco e terrivel branco, que nascia da terra», motivado por terem augmentado os auxiliares indigenas e o intervallo entre as filas ser maior; e se soubesse que os brancos eram tão bons, devido á sua importancia, teria procurado evitar a guerra.

Estava terminada a nossa missão, alcançára-se o objectivo; o poderio e arrogancia do sóba e gentio estavam abatidos; o massacre do conde de Almoster e de 1904, vingados á custa de privações, sacrificios e vidas, tudo supportado com resignação, satisfação e orgulho, por termos engrandecido com mais um facto glorioso a historia d'um reinado e de havermos concorrido para levantarmos o brio e a honra da nossa nacionalidade; lamentamos, porém, que um facto traiçoeiro e cobarde, devido á má e desvairada politica, offuscasse, em parte, o brilho das nossas armas valorosas em comparação com a força numerica e derrotas soffridas pela Allemanha, combatendo com povos da mesma raça e igualmente armados.

Quando analysava os escombros do incendio encontrava-se a meu lado o guia Calipalula e bem claramente

deu a transperecer o arrependimento por ter atraiçoado os da sua raça e o seu paiz unicamente para se vingar de o não terem nomeado sóba; sentia-se humilhado por tão alta traição e de certo o seu pesar e remorso devia ser grande, e sentia o temor proprio de pretos supersticiosos, por se encontrar na embala, que desde creança considerava como um logar de respeito e obediencia.

As forças que se encontravam dentro da *embala* receberam ordem de se reunirem á columna e de acampar junto ás *cacimbas* do bosque, por se reconhecer ser imprudente ficar-se dentro do cercado.

Durante a noute d'este dia a chuva cahiu torrencialmente e como se não haviam construido os abrigos tivemos de a aguentar; a commodidade foi supprida pela defeza do entrincheiramento.

Roçadas mostrou vontade de mandar um telegramma para o reino, narrando o resultado da campanha, mas tornava-se necessario aos seus portadores atravessarem a região ha pouco batida e só com risco da propria vida se podia conseguir, mas sem a menor relutancia tres officiaes em serviço no quartel general se offereceram exponteamente para o levarem á base de operações; o capitão Montez, tenente Lurignan e alferes Costa, da arma de cavallaria, indo acompanhados de quatro ordenanças. Este acto de temeridade collocou estes officiaes, já bem conhecidos na columna pelo seu arrojo, valor e valentia, no plano mais louvavel e brioso que se póde ambicionar.

No dia seguinte o 2.º esquadrão foi explorar o terreno em volta da embala, affastando-se por forma a não se ouvirem os toques de clarim, o que muito cuidado estava dando ao commandante da columna; em seu auxilio marchou a companhia de marinha, não o encontrando, recolhendo as duas unidades com pouca differença uma da outra, sem que houvesse novidade, tendo comtudo o esquadrão queimado muitas *libatas*.

A ordem de 23 determinava que um destacamento, sob commando do capitão Pimentel e composto de infanteria 12, 1.ª de Moçambique, uma secção da bateria Canet, 1.º esquadrão e dos auxiliares, marchasse na madrugada do dia immediato para o forte Roçadas, a fim de se evacuarem os feridos e doentes, devendo no regresso trazer munições e viveres.

A mesma ordem nomeava o capitão Patacho commandante superior do Cunene e ordenava-lhe a construc-

ção d'um forte para uma bateria de artilheria, um pelotão de cavallaria e tres companhias d'infanteria, no proprio local da embala.

Ao governo pedia-se para que sua Alteza o Principe Real permittisse que ao forte fôsse dado o nome de *D. Luiz de Bragança,* nome que actualmente tem.

A 25 de setembro fazia precisamente tres annos que as nossas tropas haviam sido batidas pelas hostes negras e no mesmo dia Sua Magestade El-Rei e a Patria tinham conhecimento da victoria alcançada pelos nossos bravos soldados e na embala arvorava-se o pendão das quinas, ao som da marcha de continencia e do troar da artilheria e o chefe do estado maior lia a allocução do theor seguinte:

Marinheiros e soldados da columna!

Ha tres annos muitos dos nossos camaradas cairam, como heroes, mortos pelos Cuamatos nas proximidades do vau do Pembe; ha tres annos tambem que a defeza começou da nossa parte e não tem cessado. No anno findo hasteou-se pela primeira vez a bandeira portugueza nas terras de Cuamato e então, no momento da inauguração do forte, disse eu que essa bandeira, symbolo da Patria, deveriamos em breve transportal-a ao interior do Ovampo portuguez e marcar com ella os limites dos nossos direitos legaes. Assim se fez, e a vós, valentes soldados, coube a honra do desaggravo do desastre de 1904 e a implantação do nosso dominio n'esta região.

A bandeira das quinas, sempre gloriosa atravez dos seculos, esteve por um momento em luto, mas ergue hoje a fronte altiva, devido ao vosso heroismo, á vossa constancia, á vossa valentia.

Em Mufilo a 27 de agosto; em Aucongo nos dias 28 e 29 d'esse mez e em 2 e 4 de setembro, na celebre marcha para o Damequero em 13 de setembro, sob um fogo de seis horas; nos renhidos ataques dos dias 15 e 20; e finalmente na carga á bayoneta nas Inhocas, em 21, portaste-vos com tal serenidade, ardor e valentia, se não excedestes, igualastes pelo menos o heroismo portuguez das epochas gloriosas das conquistas da Asia e Africa.

Officiaes e soldados!

Cumpriste tambem o vosso dever, que a Patria vos contempla admirada e vos receberá agradecida. Quando

entrardes nós vossos quarteis, quando regressardes ás vossas aldeias, valentes marinheiros e soldados, deveis fazel-o de cabeça erguida; os vossos camaradas, os vossos paes, mães, irmãos, noivos, amigos e visinhos, verão em vós o typo épico do soldado lusitano, o primeiro soldado do mundo.

Não me esqueço dos vossos companheiros de armas mortos e feridos, não. Se em mim julgastes alguma vez perceber a indifferença, enganaste-vos. Sentia a magoa como vós, mas não a mostrava para não semear em vossos corações o desanimo. Lembrae-vos que é sobre as ossadas e sobre as dôres dos martyres que as nações levantam a sua fronte cheia de vida e orgulho.

Escolhendo o dia de hoje para inaugurar a nossa occupação no territorio do Cuamato, quiz assim prestar homenagem a El-Rei, como chefe supremo do exercito, e tornar publica a minha gratidão pelos vossos serviços.

Viva a bandeira das Quinas!
Viva El-Rei e a Patria!
Viva o Exercito e a Armada!
Viva a Columna de 1907!
Viva a Provincia de Angola toda integra!
Vivam!

Barué 12 — 11 — 908.

(Continua)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.ª

INSTRUCÇÃO MILITAR PREPARATORIA

E O

TIRO NACIONAL

Varias teem sido as tentativas, quer officiaes, quer de caracter particular, que no nosso paiz se teem feito para desenvolver entre a classe civil e a juventude das escolas a instrucção militar preparatoria.

No ultimo diploma official em que esse assumpto foi tratado, decreto de 27 de julho de 1907, promettia-se um regulamento onde o assumpto fôsse tratado com to-

dos os detalhes e de fórma a fomentar e dar o maximo impulso a esse ramo d'instrucção.

Para isso foi nomeada uma commissão composta de distinctos camaradas nossos, de alguns professores dos lyceus, escolas industriaes e normaes, que se desempenhou d'essa missão d'uma fórma digna de todo o elogio.

Tanto o regulamento como o relatorio que o precede foram distribuidos pelos membros do conselho superior de instrucção publica e como tivemos a boa sorte de terem chegado ao nosso conhecimento e como ali e sem caracter reservado se trata um assumpto de alta importancia para o interesse da defeza nacional, vamos fornecer aos leitores da *Revista de Infanteria* os topicos principaes do relatorio e respectivo regulamento.

O relatorio é do theor seguinte:

A instrucção militar preparatoria adquiriu, depois dos ultimos successos militares alcançados pelo Japão, uma importancia tão capital, que bem se póde dizer que, durante o corrente anno, é este o assumpto que mais tem preoccupado os differentes paizes.

Em todos os exercitos, onde se procura estabelecer o serviço militar a curto praso, ha a preoccupação, não só de instruir mas tambem de educar o soldado.

Na propria França, depois que se implantou o serviço de dois annos, ainda não se extinguiu o echo das encarniçadas discussões travadas ácerca dos inconvenientes da reducção do serviço militar, por não se ter logo procurado empregar os meios que supprissem a falta de educação militar, como consequencia d'esta reducção.

E' n'esta ordem de idéas que todas as attenções dos differentes paizes, onde se produz este facto, se têem dirigido para a Suissa, onde se encontra o typo de um exercito de milicias, e para a Roumania onde se encontra o typo de um exercito semi-permanente.

O general Langlois, depois de ter assistido ás penultimas manobras do exercito suisso, onde estavam representados os differentes paizes pelos seus mais illustres officiaes, transmittiu a todo o mundo militar impressões, que não deixam duvida alguma ácerca das vantagens resultantes da instrucção militar preparatoria.

Segundo a opinião d'este illustre general, a instrucção militar preparatoria conseguiu educar o povo suisso, de fórma a dispor hoje de um exercito, que muito particularmente fere a attenção, pelo alevantado grau da sua disciplina, pela boa vontade geral e pelo sentimento do dever, que ali se nota tão profundamente enraisado. Isto nota-se não só entre o simples soldado, como tambem em todos os graus, ainda os mais elevados; em todas as armas e em todas as situações o amor da patria está profundamente radicado nos corações, desenvolvendo-se na escola, desde a mais tenra infancia, o patriotismo, que é a base sobre que assenta toda a organisação militar suissa.

Sem este, todo o systema seria derruido immediatamente.

O anti-militarismo, que é o inimigo que mais se tem a temer no serviço militar, é reprimido e combatido vigorosamente na Suissa, sem que seja preciso empregar outras armas, para o aniquilar por completo, do que a alta comprehensão dos deveres civicos e patrioticos de um povo que presa a sua independencia.

Esta instrucção militar intensiva só se consegue com uma poderosa energia de execução, o que tem permittido ao povo suisso supportar sem recriminações as consequencias penosas de uma instrucção militar tão continuada.

Foi com uma tenacissima energia de execução que se conseguiu que os graduados nem sequer se atrevam hoje a pensar em subtrahir-se ás suas obrigações, que são muito complexas para os individuos occupando posições civis, que lhe dão meios de vida e os absorve quasi por completo nos variados ramos da industria, do commercio, da magistratura, etc., e que se vêem forçados a abandonar as suas profissões, durante os periodos em que são convocados para o serviço militar.

A mocidade suissa entra no exercito já bem preparada pela sua educação anterior para receber proficua e rapidamente a instrucção militar. O soldado suisso já vae educado e disciplinado quando chega á caserna, e ahi o que se faz é aprimorar-lhe a instrucção e familiarisal-o com os diversos ramos do serviço militar.

Desde 1874, que uma lei impõe a todo o mancebo suisso a obrigação de seguir, depois da idade de dez annos, cursos de gymnastica, professados por instructores que receberam a instrucção necessaria nas escolas normaes dos cantões e na sua passagem pelos regimentos. Por outro lado, a mesma lei prescreve que o ensino da gymnastica continue a ser obrigatorio para os adultos, ainda depois da sua sahida das escolas, até á sua encorporação no exercito, sendo tambem obrigatoria dos 18 aos 20 annos a pratica de tiro ao alvo.

Estes mesmos principios foram consignados na reforma militar que, depois de larga discussão technica e parlamentar, acaba de ser approvada pelo *referendum* popular.

A Allemanha conseguiu dominar o analphabetismo com uma tenacidade de execução digna tambem de ser registada como modelo, visto que creou penalidades, ainda hoje vigentes, para serem applicadas aos individuos que se recusassem a mandar os seus filhos ás escolas.

Como a organisação militar de um povo se prende com a sua constituição social, comprehende-se, pois, que o exercito allemão tenha attingido o grau de perfeição que hoje lhe é reconhecido.

Devemos todavia confessar que na Allemanha não existe a instrucção militar preparatoria, mas devemos attender que este facto é supprido pela educação civica, tão esmeradamente cuidada entre este povo.

*

Os successos militares do Japão foram tão consideraveis e imprevistos, que revelaram á Europa mais alguma cousa de que uma cuidada preparação para a guerra, moldada em processos materiaes mais ou menos conhecidos.

Tão brilhantes victorias encontraram a sua justificação em poderosos factores de ordem moral.

Em todas as escolas publicas e particulares, a par da educação civica, ministra-se a instrucção militar com o caracter obrigatorio.

Vêem-se marchar creanças de 6 e 7 annos de idade debaixo de fórma, conduzidos por um professor e porta-bandeira, percorrendo alguns kilometros para se exercitarem nas manobras militares.

N'outras escolas mais adiantadas iniciam-se os alumnos no manejo das armas, no serviço de campanha e nas noções mais importantes da arte da guerra.

Durante a permanencia dos alumnos nas escolas, fazem-lhes os professores varias prelecções ácerca do papel do exercito, sobre o valor individual do soldado, sobre os deveres militares de todo o bom cidadão e sobre os meritos dos grandes generaes japonezes.

No mez de agosto do anno passado, segundo uma noticia publicada na *France Militaire*, 670 alumnos do Kio-Gigiku, que é uma das escolas particulares mais importantes de Tokio, executaram n'uma aldeia, situada a pequena distancia d'esta cidade, manobras militares, nas quaes tomaram parte alguns officiaes.

(Continúa)

SUBSCRIPÇÃO

Donativos recebidos até 9 de maio de 1909, pela commissão organisadora d'uma subscripção a favor da familia do fallecido major do quadro de reserva Alfredo Carlos Peixoto, que ficou em precarias circumstancias:

Regimento d'artilheria n.º 3, 3$000 réis; grupos de artilheria de guarnição n.º 1, 2$300; n.º 5, 2$500; n.º 6, 5$000; regimento de cavallaria n.º 8, 4$500; regimentos de infanteria n.º 1, 3$200; n.º 3, 1$500; n.º 5, 3$485; n.º 6, 2$000; n.º 8, 5$010; n.º 11, 5$000; n.º 14, 1$200; n.º 16, 15$300; n.º 17 (3.º batalhão) 3$500; n.º 22, 3$800; n.º 23, 5$000; batalhões de caçadores n.º 1, 5$000; n.º 2, 3$560; n.º 5, 6$100; Districtos de recrutamento e reserva n.º 5, 1$300; n.º 15, 1$500; n.º 16, 2$500; n.º 20, 3$800; n.º 22, 1$900; n.º 23, 2$000; Agencia militar, 5$000; Arsenal do Exercito, 8$200; Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, 3$200; Real Collegio Militar, 11$300; Companhia de saude, 1$500; Deposito disciplinar, 1$500; Deposito de praças do Ultramar, 1$700; Escola Pratica de Artilheria, 5$300; Escola Pratica de Infanteria, 6$000; Manutenção militar, 2$700; tenente Victorino Guimarães, 1$000; amigos do finado (anonymos) 5$000. Total, 146$355 réis.

A commissão: *Jose Bernardo Ferreira*, capitão d'inf. 5; *José Castanheira Nunes*, capitão d'inf. 16; *Garcia de Moraes*, capitão-medico; *Joaquim Pereira Cardoso*, tenente d'inf. 16, e *Julio José Domingues*, alferes d'inf. 16.

BIBLIOGRAPHIA

Marchas e combates de noite, por *Jayme Ramalho*, tenente-ajudante d'infanteria n.º 27.

O nosso camarada e amigo, sr. tenente Jayme Ramalho, escreveu um livro intitulado *Marchas e combates de noite*, que bem merece a designação de tratado, quer pelo desenvolvimento com que o assumpto é versado, que occupa 450 paginas em grande formato, quer pelo methodo e concisão com que o assumoto é exposto, quer pela boa apropriação que faz dos exemplares historicos, quer finalmente pela sua coordenação e criterio. E', pode-se dizer, o tratado mais completo que se conhece sobre o assumpto, preenchendo por isso o sr. Jayme Ramalho uma lacuna importante, porque evidentemente ás marchas e aos combates de noite está-lhes reservada uma larga applicação futura e, entre nós, não ha muito escripto a este respeito.

A primeira parte é destinada ás marchas de noite e ahi se discute, estuda e aprecia a sua necessidade, as suas vantagens e inconvenientes, prescrevendo-se ao mesmo tempo as regras fundamentaes, e que de todos devem ser conhecidas, para a sua execução. A defficiencia dos nossos regulamentos tacticos a este respeito é ali bem compensada.

A segunda parte é dedicada aos combates de noite e com identico desenvolvimento se estudam em todos os seus aspectos, necessidade, vantagens e inconvenientes, sua execução no ataque e na defeza, bem como a proporção e os serviços que as differentes armas podem prestar.

O livro do nosso illustre camarada é, portanto, um livro de estudo e estudo tanto mais necessario quanto é certo que os nossos regulamentos tacticos ainda não tratam estes assumptos com o necessario desenvolvimento. Os nossos camaradas que quizerem supprir esta falta encontram no livro do sr. Jayme Ramalho os elementos para o fazer com vantagem.

Ao nosso camarada e amigo as nossas felicitações pelo seu valioso e util trabalho e os nossos agradecimentos pela captivante gentileza da sua offerta.

A batalha da Asseiceira, por *F. Sá Chaves*, capitão de cavallaria.

O nosso illustre camarada, sr. Sá Chaves, intelligente e incansavel escriptor, acaba de enriquecer a bibliographia militar com mais uma interessante publicação, em que descreve aquella celebre batalha que effeitos tão decivos teve nas luctas liberaes do seculo passado. E com isso o sr. Sá Chaves prestou um valioso serviço porque ainda não havia d'ella um relato desenvolvido. Tendo consultado as dispersas fontes historicas e percorrido o proprio local, o nosso illustre camarada e amigo, descreve com um estylo impressivo as phases d'essa batalha e por uma forma concisa consegue fazer a sua reconstituição, a que um consideravel numero de gravuras dá um valor especial. Felicitando o nosso camarada, agradecemos penhorados a sua valiosa offerta.

Secção do extrangeiro

Italia. = *Equipamento e uniforme novos.* — No fim do anno ultimo começou-se em Italia a fazer a distribuição do novo equipamento por meio do qual se pretende resolver o problema do aligeiramento do infante, diminuindo o pezo d'alguns artigos e dando-lhe uma distribuição mais racional por todas as partes do corpo.

O soldado em campanha usa um collete de lã, o que lhe permitte dispensar nos acantonamentos a sua fardeta, quando fizer calor ou quando estiver molhada. Cada companhia leva tambem um certo numero de sapatos, genero alpercata, que são transportados pelos soldados a quem não é distribuida ferramenta portatil.

Para distribuir convenientemente o peso do equipamento pelas differentes partes do corpo, dividem-se em duas partes: os artigos estrictamente necessarios para marchar, viver e combater, são alojados na mochileta *pauvre-sac*, que se apoia sobre os hombros, e os restantes objectos são transportados no bornal, que se apoia sobre os rins.

A antiga mochila pezava 14k,310, ao passo que a mochileta actual peza 8k,250. O bornal era rigido e com uma suspensão pouco commoda, ferindo os soldados nas costas. A mochila era muito larga e impedia os movimentos do soldado na fileira. Estes inconvenientes desappareceram com o novo equipamento.

As primeiras mochiletas foram fabricadas com pele de cabra para aproveitar um grande *stock*, mas as restantes serão feitas com um tecido impremeavel de côr cinzenta.

O cantil, que ainda é de madeira em vez de aluminio, fixa-se ao cinturão do lado esquerdo. As cartucheiras são mais ligeiras e maleaveis. A bayoneta é transportada do lado direito. A marmita, em vez de ser enegrecida, é mettida dentro d'um sacco de tella, evitando se assim os reflexos do sol. Os supportes da tenda-abrigo são ligados por uma virola movel.

O pezo dos diversos artigos do antigo e do novo equipamento são os seguintes:

Equipamento antigo		Equipamento moderno	
Mochila completa	14,310	Mochila completa.....	8,250
Bornal	1,155	Bornal.....	2,100
Cantil.....	1,170	Cantil.....	1,085
2 cartucheiras com 72 cartuchos.....	2,770	2 cartucheiras com 90 cartuchos.....	2,970
Total kilos.....	19,405	Total kilos... ..	14,405

O uniforme do exercito italiano soffreu tambem algumas transformações e especialmente na côr dos pannos empregados na sua confecção. Ha já dois annos que se andavam a fazer experiencias com as tropas da guarnição de Roma, que finalisaram com as experiencias que no mesmo sentido se fizeram nas grandes manobras que se realisaram no verão passado.

O uniforme adoptado para campanha, que se faz notar pela simplicidade, tem a côr verde-escura, a qual substitue a côr azul-carregada do dolman e o verde-claro da calça. As experiencias mostraram que aquella côr era a que se tornava menos visiv l nas condições ordinarias dos campos de batalha d'aquelle paiz. De todos os artigos foi o capote e o barrete que soffreram maiores alterações.

A adopção d'este uniforme não se faz ao mesmo tempo em todo o exercito para se poder aproveitar o grande *stock* existente das fôrmas antigas. Por emquanto estão apenas uniformisados com este uniforme algumas companhias das tropas alpinas e está-se fazendo a distribuição das novas fôrmas apenas por duas divisões.

Os officiaes terão em campanha o mesmo uniforme dos soldados, com excepção dos carabineiros, commissariado, contabilidade, reformados e veteranos. Actualmente os officiaes italianos teem 4 uniformes, que são: 1.º — o grande uniforme, que não soffreu alteração; 2.º — o uniforme de marcha, com a côr agora adoptada; 3.º — O uniforme ordinario ou de passeio que tam-

bem não soffreu alteração; 4.º — O pequeno uniforme, que é, segundo os casos, ou o verde escuro ou o actual. O novo uniforme só é obrigatorio para os officiaes quando o fôr para os soldados.

Austria-Hungria. = *Cosinhas rolantes.*—Segundo informa o «Pester Lloyd», as cosinhas rolantes que estavam em experiencias foram approvadas e que o ministerio da guerra determinou já a sua adopção. Cada companhia, esquadrão ou bateria do exercito commum e das duas *landwehrs* receberão uma cosinha rolante. As unidades que forem especialmente destinadas ao serviço de montanha receberão tambem uma cosinha que em vez de ser transportada em viatura sel-o-ha a dorso de cavallos.

Hespanha. = *Um novo projectil.* — No paiz vizinho, estão-se fazendo presentemente experiencias com uma bala ponteaguda, que parece ser identica á bala D franceza e á bala S allemã. O cartucho é carregado com polvora sem fumo, produzindo a velocidade inicial de 860 metros, em vez de 660 como tem a que actualmente está em uso no exercito hespanhol. As experiencias demonstraram, segundo informa *The united service magazine*, que a nova bala ponteaguda atravessa os escudos da peça Canet á distancia de 400 metros.

Estados-Unidos. = *Metralhadoras.* — O exercito dos Estados Unidos foi um dos primeiros a estar dotado com metralhadoras, que já na campanha de Cuba empregaram com resultado contra o exercito hespanhol. Nos regimentos de infanteria que estão providos com este armamento, ha distribuidas duas metralhadoras Maxim, que são guarnecidas cada uma d'ellas por um cabo e 9 soldados, tendo um 1.º sargento e 1 official por commandante. Nos ultimos relatorios annuaes dos generaes commandantes dos departamentos pede-se não só que este armamento seja generalisado por todos os corpos, mas tambem que o numero de metralhadoras por corpo seja augmentado, pedindo alguns que esse numero seja elevado a 6 com uma guarnição de 90 homens.

França. = *Metralhadoras.* — Como já os nossos leitores estão informados, a infanteria do exercito francez é dotada este anno com secções de metralhadoras, distribuidas por todos os regimentos e batalhões de caçadores, cuja distribuição deve estar concluida no fim do terceiro trimestre do corrente anno. O ministerio da guerra, em uma circular recente, determinou que no presente anno d'instrucção cada metralhadora fôsse dotada com 10:000 cartuchos d'exercicio e outros 10:000 cartuchos com bala para dispender nas carreiras e campos de tiro com a instrucção do respectivo pessoal. Estes numeros de cartuchos, segundo informa a *France Militaire*, ainda não são reputados sufficientes.

O ministerio da guerra francez determinou tambem o uso de distinctivos especiaes para o pessoal das secções de metralhadoras, que são de ouro para os sargentos e de lã para os soldados, tendo os apontadores um distinctivo especial em forma de granada.

12.º ANNO JULHO DE 1909 N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora

(Continuado do n.º 6 — 1909)

V

Na preparação do official de infanteria a instrucção tactica sobreleva a todas as outras

Na vida social d'um povo todos os conhecimentos são uteis, mas em cada profissão a prioridade na acquisição de reconhecimentos especiaes, proprios ao mister, impõe-se d'uma maneira absoluta.

A guerra de 1870 evidenciou grandes lacunas, consideraveis defficiencias na preparação tactica dos quadros do exercito francez e uma incapacidade flagrante do alto commando.

Ao passo que, durante a paz, os officiaes francezes procuravam adquirir uma instrucção variada, embora ás vezes superficial, os allemães restringiam, em regra, os seus estudos ás questões essencialmente militares, que procuravam conhecer a fundo, comquanto se mostrassem ignorantes sobre muitas outras questões, que não lhes interessavam directamente.

Eis d'uma maneira generica, as caracteristicas que, mais ou menos attenuadas, se manteem ainda nos dois exercitos rivaes.

Nos paizes que primam pela excellencia das suas ins-

tituições militares, e accentuadamente na Allemanha, pronuncia-se desde ha bastantes annos uma decidida tendencia para os estudos tacticos, para a sciencia dos detalhes, para as applicações precisas.

As altas concepções são o apanagio de certas naturezas privilegiadas, ao passo que a sciencia dos detalhes pertence a todos.

Os allemães cultivam cuidadosamente os estudes organicos e a tactica.

Em identica orientação teem seguido os japonezes.

O mesmo não succedeu, porém, na Russia, que, mantendo-se nos seus moldes essencialmente conservadores, se mostrou um pouco refractaria aos progressos da sciencia militar, não tendo acompanhado de perto a evolução tactica que se ia accentuando nos paizes da Europa Occidental.

O general Kouropatkine, na ordem em que se despedia dos officiaes do exercito da Mandchuria, assignala bem as causas principaes dos desastres soffrido pelas armas russas.

Entre essas causas, o general Bonnal considera como a mais grave *a insufficiencia da preparação tactica das tropas*.

A preparação tactica d'um exercito presuppõe que a *unidade de doutrina* haja préviamente penetrado todos os orgãos de commando.

Para ser completa essa preparação exige da parte de todos os officiaes um trabalho persistente, quer no gabinete, quer em terrenos variados.

As tropas que possuirem uma solido instrucção tactica affrontam com mais segurança e firmeza os perigos d'uma campanha, porque o sentimento do seu valor os leva a crêr que, em caso algum, estarão desprevenidos sob o commando dos bons chefes que os preparam para a guerra.

O official precisa acompanhar a evolução que se vae operando na tactica de combate para se manter sempre a par dos progressos realisados e inspirar ás tropas a indispensavel confiança.

Deve conhecer as novas theorias que regem o combate moderno, a acção preponderante do fogo, que facilita o movimento das tropas no campo de batalha e prepara a manobra assegurando o successo decisivo ; deve compenetrar-se de que as marchas das densas linhas de atiradores na esphera do fogo não pódem executar-se já por

fracções constituidas á voz do commando, mas por pequenos grupos, ou mesmo por homens isolados, quer marchando ao passo ordinario, quer na cadencia de carreira, ou ainda rastejando.

O soldado carece de certa independencia no combate, e essa independencia só lhe póde ser deferida quando possua a necessaria instrucção, porque as exigencias da guerra moderna impõem que elle se condusa com conhecimento de causa, aproveitando o terreno, escolhendo os seus objectivos e executando o fogo, sempre em ligação com os seus camaradas, tendendo todos para o fim commum, que lhes houver sido designado.

Da mesma forma na conducta das reservas durante o combate faz-se mister que a passagem d'um abrigo a outro se execute por homens isolados.

E' de reconhecida conveniencia que o official faça uma ideia nitida da importancia das tres armas nas batalhas da actualidade e, sob esse ponto de vista, a guerra russo-japoneza proporcionou ensinamentos dignos de ponderação.

O papel preponderante pertence indiscutivelmente á infanteria: é sobre ella que incide quasi todo o peso do combate.

E' a infanteria que vibra ao inimigo o golpe principal e supporta para este effeito perdas collossaes, que attingem por vezes a destruição quasi completa de unidades inteiras.

A artilheria é um importante auxiliar da infanteria, ainda que as perdas occasionadas pelos seus projecteis sejam muito mais fracas que as produzidas pelas balas da infanteria.

As perdas soffridas pela artilheria attingiram durante a ultima campanha uma percentagem pequena relativamente á infanteria.

O papel da cavallaria no dominio da tactica parece estar bastante reduzido, affirmando o general Martynov, do estado maior russo, que na campanha russo-japoneza não se produziu uma unica carga de cavallaria no decurso de qualquer combate ou batalha.

Apenas o *raid* do general Michtchenko conseguiu uns resultados parciaes sem influencia sensivel na marcha das operações.

Accentuou-se, porém, a importancia da infanteria montada, que está destinada a exercer um notavel papel nas guerras futuras, em vista da sua grande mobilidade lhe

permittir operar sobre os flancos e retaguarda do inimigo.

Continúa, pois, *a* infanteria a ser a arma principal dos exercitos, a unica que, pelo seu gráu de resistencia, póde supportar o esforço de todas as armas combinadas.

Quer na offensiva, quer na defensiva, logo que entra no raio de tiro do canhão inimigo torna-se-lhe forçoso soffrer a acção dos projecteis de artilheria; apenas apparece nas zonas que marcam o alcance extremo da infanteria inimiga tem de sujeitar-se á acção mortifera da fusilaria; e, emfim, quer esteja em movimento, quer em estação, carece de precavêr-se contra as surprezas da cavallaria, que aproveitará as suas faltas para tentar envolvel-a ou dissiminal-a.

Todas as armas, como é obvio, tem a sua participação maior ou menor nos trabalhos da paz e nos successos da guerra; do seu funcionamento, influencia, ou acção preponderante no combate é que, porém, se deve inferir o grau de importancia relativa de cada arma, tanto na paz, como na guerra.

São os escriptores classicos da primeira potencia militar do mundo, a Allemanha, são os officiaes que mais larga experiencia teem da guerra moderna, que proclamam bem alto a preponderancia da infanteria, da arma por excellencia, no campo de batalha.

A infanteria é ao mesmo tempo o *agente principal* do combate e o *ponto de apoio* de todos os outros agentes postos em acção.

Eis o motivo porque um distinctissimo official e abalisado escriptor militar, o general do grande estado maior allemão, Von Scherff, inscreveu em uma das suas obras mais notaveis os seguintes principios:

Que a infanteria foi, é e deve continuar a ser a arma principal, a unica capaz de exercer sobre a tactica uma acção de direcção, e, por consequencia:

2.° — Que a tactica de infanteria exerce sempre uma influencia decisiva sobre as outras armas, dependendo a a tactica de conjuncto ou tactica combinada da maneira como é empregada a infanteria no combate.

Desde que nos exercitos existe uma coordernação tactica, é o modo de acção da infanteria no combate que imprime a este o caracter proprio á epocha, caracter a que as armas auxiliares ficaram sempre subordinadas.

Considerada a arma proeminente da guerra, a infante-

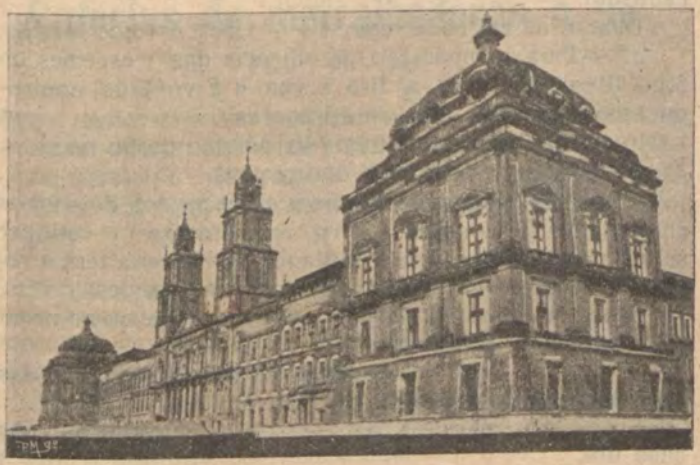
ria póde combater só em todos os terrenos e em todas as circumstancias e, comquanto a cooperação das armas *auxiliares* torne mais facil e decisivo o successo, aquellas armas teem de se amoldar ao impulso regulador da primeira.

São estas as ideias que teem curso nas grandes potencias europeias que, como a Allemanha, marcham hoje na vanguarda dos progressos militares.

Se a infanteria exerce sobre a tactica uma acção de direcção a que as outras armas teem de ficar subordinadas, é intuitivo, é evidente que n'uma preparação desenvolvida e completa do official de infanteria, a instrucção tactica deve occupar o primeiro logar, sobrelevando em importancia todos os outros ramos da instrucção technica ou profissional.

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.



ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA

A gravura que antecede estas palavras representa a fachada principal do monumental edificio onde está alojada a Escola Pratica da nossa arma.

Temos os olhos e o coração presos n'essa Escola, e hoje mais do que nunca, porque se a ella nos prende um

grande sentimento de solidariedade da arma, liga-nos tambem velha e inalteravel amizade ao seu illustre commandante, que é um ornamento do exercito e uma das maiores esperanças da infanteria.

Os nossos deveres profissionaes arrastam-nos, no presente anno, para uma assidua frequencia na nossa Escola Pratica, e isso impõe-nos o grato dever de relatar n'estas paginas tudo o que de interessante alli se realisar.

No mez que findou e durante ainda os mezes de julho e agosto houve e continuará havendo experiencias de fogos collectivos de combate contra formações de infanteria, cavallaria e artilheria.

São ao todo 9 as experiencias.

1.ª, 2.ª e 3.ª — Destinadas a apreciar o grau de vulnerabilidade das formações da companhia.

Força que executa o fogo — 2 pelotões a 80 homens cada um.

Distancias em cada exercicio — 1:000 e 1:400 metros.

4.ª — Para comparação da efficacia das 3 especies de fogo (descargas, tiro a tiro á voz, e á vontade) empregadas contra uma linha de atiradores.

Força que executa o fogo — 1 pelotão de 80 homens.

Distancias — 800, 700 e 600 metros.

5.ª — Destinada a comparar a efficacia dos dois fogos empregados (á vontade e vivo, regulamentar) e verificar se em presença dos seus resultados a infanteria terá a receiar a carga de cavallaria nas circumstancias designadas.

Força que executa o fogo — uma secção de 40 homens.

Distancia — 400 metros.

6.ª e 7.ª — Para comparação da vulnerabilidade das duas especies de artilheria (K. e T. R.).

Força que realisa o fogo — 2 pelotões de 80 homens cada um.

Distancia — 1:000 metros.

8.ª — (Metralhadoras). Para apreciar o effeito do fogo sobre uma companhia em marcha para o combate (1.ª linha: 2 pelotões de costado; 2.ª linha: 1 pelotão em apoio 400 metros á retaguarda).

Força que executa o fogo — 1 secção de metralhadoras.

Distancia — 1:400 metros.

9.ª — (Metralhadoras). Para apreciar o effeito do fogo sobre a infanteria executando a carga (40 alvos moveis

figurando a carga d'uma secção de infanteria na ultima phase de combate, no percurso de 100 metros).

Força — uma secção de metralhadoras.

Distancia — 300 metros.

No fim d'estas experiencias informaremos os nossos camaradas das lições a colligir dos resultados obtidos.

A nossa *Revista* tem a maior satisfação em dar larga referencia dos trabalhos executados na Escola Pratica da arma.

Assim o temos sempre declarado.

BASES PARA A ORGANISAÇÃO

DAS NOSSAS

Baterias de metralhadoras a pé

Algumas considerações sobre o material em uso — Modificações que deve soffrer — Maneira de effectuar o transporte — Indicação das cargas; sua distribuição — Recrutamento do pessoal — Composição da unidade — Gado para tiro e tracção — Remonta do gado para os officiaes

O material com que estão armadas as companhias de metralhadoras é improprio para o serviço que tem a desempenhar nas differentes situações tacticas em que se torne necessaria a sua intervenção.

A's metralhadoras, além das suas qualidades balisticas, condições primordiaes, exige-se-lhes a maxima mobilidade e muito pouca visibilidade.

Por falta da precisa mobilidade, constituirão um tropeço impossivel de empregar no momento requerido; a sua muita visibilidade torna-as proprias a serem presas preciosas da artilheria inimiga ou das baterias congeneres adversas.

Ora, qualquer dos requisitos apontados faltam por completo ás nossas metralhadoras.

Não fallamos das qualidades balisticas da machina; segundo o relatorio official e do resultado das provas a que a Maxim foi submettida na Austria, que a não ado-

ptou por apresentar, em compensação com a Schwarzlose (adoptada), menor numero de peças e molas; são de primeira ordem.

Limitamos as nossas considerações: ao modo de transporte da machina e sua ligação ao tripé; apparelho de elevação e dispersão; tripé; escudo; alimentador; caixa da mola recuperadora; punho duplo; fitas carregadoras; organisação das companhias, etc.

Quasi todas as potencias europeias, e entre as da America e da Asia, o Japão, dispoem de metralhadoras cujo systema (machina) differe; comtudo, existe uma communidade de ideias sobre a maneira de transporte, que se realisa em muares de baste, á excepção, é claro, de nós e da Inglaterra, onde fizemos a sua acquisição, que conservamos o transporte sobre rodado, completamente banido nos outros exercitos.

A Allemanha conserva o rodado unicamente para as baterias que acompanham a cavallaria, mas ainda assim, não é identico ao nosso; adopta o *galloping carriage;* a metralhadora (machina) vae montada n'um trenó.

E' de crêr que esta potencia siga mais tarde o exemplo das outras, qual o de ser identico transporte das metralhadoras a dorso de solipedes, quer ellas se destinem a acompanhar a infanteria ou a cavallaria, com a differença, porém, do pessoal destinado a estas ultimas, ser todo montado, e portanto mais numeroso pelas suas proprias exigencias.

E' esta a tendencia predominante na grande maioria dos exercitos europeus; o proprio Japão, depois da guerra da Mandchuria, modificou o seu material para realisar o transporte a dorso, quer dizer, unificação do material, bastante simples e ligeiro, para acompanhar a infanteria ou a cavallaria, havendo para esta ultima sómente o augmento em homens e cavallos.

E' certo que a nota *b* do quadro 15 da 1.ª parte do regulamento de mobilisação do exercito de campanha indica que a metralhadora (machina, escudo e tripé) seja transportado á mão durante o combate, pelos serventes, prescripção esta muito aceitavel, mas que deverá ser inexequivel em combate, pela simples razão de que o conjuncto d'aquellas tres partes, com o accrescimo de 3,5 litros de agua, representa um pezo de 83,5 kg., e não constituindo o seu todo um corpo homogeneo e symetrico, não póde aquelle pezo ser distribuido egualmente

pelos quatro homens, havendo alguns, especialmente os que marcharem na frente, mesmo em terreno plano, que acarretarão sobre si, pelo menos, mais um terço do pezo total que os restantes. Além d'esta circumstancia, ainda ha a attender que a marcha dos quatro homens não póde ser rapida e desembaraçada, por terem de transportar um conjuncto de peças em que ha grande desequilibrio, especialmente para o lado onde se acha o escudo.

Poder-se-ha objectar, apesar da citada nota não entrar em mais explicações, que um dos homens deva transportar a metralhadora (machina) e os outros trez as restantes peças. Ainda assim não é facil a manobra, porquanto a machina não se monta e desmonta facilmente de sobre o tripé, resultando ainda o inconveniente de um só homem ter de transportar sobre si 30,5 kg. e os outros trez os 49,5 kg. restantes, com uma distribuição muito desegual.

Eliminado o escudo, cujo poder defensivo é mais illusorio que real (em todos os exercitos que possuem metralhadoras já foi imposta a sua suppressão por inutil), aligeiravamos aquelle conjuncto de tres corpos de uns 20 kg., dos quaes 13 kg. são relativos ao escudo e os restantes ás peças indispensaveis para o seu apoio e verticalisação, o que realmente é importante.

Da eliminação d'estas peças: forquilhas do escudo, cauda da forquilha e pião (envolvendo implicitamente a substituição do tripé por um supporte articulado ou de cremalheira), adviriam, além do aligeiramento já indicado para a metralhadora (machina), as vantagens seguintes:

Abaixamento do centro de gravidade do systema e portanto maior estabilidade, especialmente em terreno de declive descendente;

A altura de joelheira, actualmente de $0^{m},80$, passando a ser aquella que se pretendesse, pela adopção do novo supporte, faria diminuir consideravelmente as condições de visibilidade da metralhadora e permittiria que esta se adaptasse melhor a abrigos de toda a natureza, e quando houvesse necessidade de construil-os, a remoção de terras seria evidentemente menor;

Facilitaria a modificação a introduzir nos machinismos de elevação e direcção, de fórma a metralhadora (machina) poder augmentar o angulo de tiro, quer acima quer abaixo da horizontal e a operar uma rotação completa de 360^{o}.

Especialmente as ultimas vantagens em relação ao tiro não são de molde a desprezar-se.

O tripé, desde que se opére a modificação nos machinismos de elevação e direcção, tem de ser substituido por um supporte articulado ou de cremalheira e modificado o pezo de fórma a baixar o numero de kilos, que actualmente é de 40, para 20, o maximo.

O alimentador, caixa da mola recuperadora e punho duplo, peças estas fabricadas de bronze, que além da muita visibilidade pelo seu brilho, são muito mais pezadas que o aço e deverão ser substituidas por este metal.

Não podendo ser substituido o fundo anterior do refrigerante por outro metal não oxidavel e que não apresente brilho, convém que seja encoberto com uma delgada chapa d'aço oxidada, com a competente montagem para a passagem do montante (1) do recuperador.

As fitas carregadoras, continuando em uso as actuaes, devem ter um traço vermelho em cada série de 25 cartuchos para facilitar a contraprova da rapidez do tiro e do consumo de munições, ou o que será talvez melhor, conterem só este numero de alojamentos.

As actuaes fitas prestam-se á modificação, não sendo preciso em nada alterar os cunhetes cujo comprimento é sufficiente para a fita ficar disposta em todo o seu comprimento.

Adoptando a fita com alojamentos para 25 cartuchos em logar de 250, a contagem dos tiros por séries seria rapida, completa e segura, e, inutilisada uma fita, o que é facil, devido a molhas successivas ou ás mordeduras occasionadas pelos impulsores serrilhados, mais rapidamente se faria a sua substituição por outra para 25 cartuchos do que uma para 250, como as actuaes.

Quando se realisasse durante o combate uma mudança de posição com o intuito de proseguimento no fogo, menos embaraços resultariam para a manobra no caso da fita comportar os 25 cartuchos, por ser desnecessario tiral-a do alimentador para depois a repôr no seu logar (esta operação nem sempre se realisará pela precipitação como se executa a manobra, succedendo que a fita, a dos 250 cartuchos, irá arrastando-se pelo terreno, de encontro a todos os obstaculos que a possam deteriorar), bas-

(1) Parece que antes se lhe deveria chamar «do reforçador».

tará que os seus extremos fiquem dispostos sobre a machina.

Para que o fogo continuo se realise com toda a regularidade, é conveniente que a machina disponha de uma peça que mantenha abaixado o fecho de segurança; a suppressão d'esta operação para o apontador allivial-o-ha das suas multiplas funcções, especialmente quando execute o tiro em dispersão.

Abrantes — Maio de 1909.

(*Continúa*).

MINEIRO D'ALMEIDA
Cap. de caç. 1.

GUERRA PENINSULAR

Conferencia realisada em 16 de fevereiro de 1909 no regimento d'infanteria n.º 14

Cem annos foram passados sobre acontecimentos que, se bem que nos trouxeram, em parte, as glorias d'uma campanha, terminada pela convenção de Cintra com a evacuação de Portugal pelas tropas de Junot, trouxeram-nos, tambem, é certo, mas em maior quantidade, males inconcebiveis, difficilmente realizaveis, como foram os horrores d'uma devastação, a paralização do movimento commercial, a desorganisação do exercito, a perda total dos thesouros publicos, já grandemente abalados com a fuga da côrte para o Brazil, emfim, a ruina completa da nação.

Uma das clausulas d'essa convenção era que os generaes poderiam transportar comsigo todos os seus haveres, clausula esta, verdadeiramente escandalosa e deprimente para nós, pois que sanccionava os roubos dos invasores que eram consideraveis, deixando assim os thesouros completamente esgotados e grande parte das familias na maior miseria.

O que não fariam os soldados francezes, quando os proprios officiaes os incitavam e lhes davam o exemplo?

Que roubos, que violencias, que infamias não foram commettidas?

Junot levou em dinheiro perto de oitenta contos, joias de grande valor e muitas preciosidades, sendo uma d'ellas a celebre Biblia dos Jeronymos.

Os negociadores inglezes não tiveram a menor contemplação com os interesses d'este pobre paiz, que os recebera como amigos e alliados e no qual se intrometteram com o pretexto de baterem um inimigo commum.

Tantas forças dispendidas, tanto sangue vertido, tantas vidas acabadas, ao lado de alliados que respeitavam tão sómente as suas conveniencias, acobardados pelo receio de que Napoleão viesse, em pessoa, acudir ás suas tropas derrotadas!

Se por um lado sahiam uns dominadores, outros, por assim dizer, nos ficavam, que consideravam Portugal como terra conquistada, não sem o protesto d'alguns valentes portuguezes, entre os quaes o general Bernardim Freire, um martyr, bravo em sua dedicação, cuja memoria foi já honrada n'este quartel.

Mas, não era para admirar; a Inglaterra obrava sempre, segundo os seus interesses, como já o tinha feito, quando, estando á porta a primeira invasão, aconselhára o principe regente a fugir para o Brazil, afim de que Napoleão o não obrigasse a servir a sua politica e para desenvolver no Brázil o commercio britannico.

Abandonava-nos então á nossa decadencia e só comparecia com as suas tropas, quando reconhecia em Portugal um paiz com elementos vantajosos para combater Napoleão.

A' sombra da protecção britannica, faziam os soldados inglezes os maiores roubos, vexavam os habitantes e nos aboletamentos commettiam-se os maiores desacatos; porém, o povo com tudo se contentava, pois que odiava os francezes, e considerava, apesar de tudo, os inglezes como indispensaveis para a sua liberdade.

Os inglezes tomavam, pois, conta das principaes praças de guerra e formava-se um governo a que chamavam nacional, embora presidido por Dalrymple.

Tal era o estado do paiz, após a primeira invasão!

* * *

Portugal tinha sido evacuado, é certo, mas na Hespanha abundavam as tropas francezas, o que dava logar a receios d'uma nova invasão.

Era, pois, indispensavel e urgente reorganizar o exercito e para chefes propozeram-se os mais aptos officiaes.

Foi nomeado commandante em chefe do exercito do norte o general Bernardim Freire d'Andrade e, como officiaes ás ordens, os generaes Francisco da Silveira, Nuno Freire d'Andrade e Manuel Pinto Bacellar.

Commandou o exercito do sul o marquez d'Olhão e, como general das armas da côrte e provincia da Extremadura, D. Antonio Soares de Noronha.

Em 9 de dezembro de 1808 publicou-se um decreto ordenando que todos os habitantes pegassem em armas. Em 11 de dezembro um novo decreto determina que todos os homens, sem excepção de pessoas ou classe, adquirissem uma espingarda ou pique, com ponta de ferro de doze ou treze palmos de comprido e as mais armas que as suas posses lhes permittissem. Ordenou-se que todas as povoações se fortificassem e formaram-se em Lisboa 16 legiões de milicianos, compostas de 70:000 homens.

Havia, na verdade, motivos e receios bastantes para tudo isto.

Poderia por acaso, o mais ambicioso dos homens, o vencedor de Marengo, Austerlitz, Iena, Wagran, o vencedor da Europa, o despotico Napoleão, perante quem tudo e todos haviam necessariamente de curvar-se, renunciar a dois povos em decadencia, que tanto dinheiro e tantas vidas lhe haviam já custado?!

E a coadjuvação da Inglaterra não havia de ser punida?

Exasperado, pois, com os insuccessos obtidos em Hespanha e Portugal, e tendo realisado com a Russia o tratado de Erfurt, em setembro de 1808, esperançado em que este tratado não deixaria que a paz fosse alterada no norte da Europa, resolve vir, pessoalmente, vingar os desastres soffridos, lançando na Peninsula mais de duzentos mil homens, as melhores tropas de toda a França, as que tinham figurado nas campanhas da revolução e do imperio, as que tinham vencido na Allemanha, no Egypto, na Italia e na Russia, as admiraveis tropas amestradas em dezoito annos de guerras continuas.

A Inglaterra, porém, não fica inerte, e vem cooperar com os hespanhoes na expulsão dos francezes da peninsula hispanica.

*

John Moore, que então se encontrava em Portugal, recebe ordem terminante de abandonar este paiz e marchar com os seus vinte mil homens para a Corunha, onde se lhe juntaria David Baird com um corpo d'exercito de quinze mil soldados.

O general hespanhol La Romana, que se encontrava na Fionia combatendo ao lado dos francezes contra a Suecia, sabendo d'este levantamento geral da Peninsula contra Napoleão, embarca secretamente a bordo d'uma esquadra ingleza e apresenta-se com dez mil homens.

Apesar de tudo, a sorte foi adversa aos hespanhoes e, logo no principio da campanha, o marechal Lefebre bateu em Durango, no valle da Byscaia, o exercito da esquerda commandado pelo general Blake.

Em seguida, Napoleão, por audaciosos planos, consegue ganhar as victorias de Gamonal, Espinosa, Tudela, onde operavam as divisões de Blake, Palafox e Castaños e segue contra Madrid, que se entrega depois de pequena resistencia, preparando-se depois para marchar contra os inglezes, planeando cortal-os da fronteira portugueza e envolvel-os por tal fórma que não pudessem escapar-lhe; o marechal Soult, no entretanto, acabaria por dispersar da Galliza as tropas de La Romana.

Porem, aquelle plano chegou ao conhecimento do general Moore quando seguia por Valladolid, em soccorro de Madrid,

movimento este que suspendeu, dirigindo-se por Toro e Zamora, afim de concentrar as suas forças em Maiorga, onde esperaria o movimento de Soult sobre Leon, de maneira que este general, julgando surprehender ali as tropas de La Romana, fosse por elle atacado. Mas Soult não marchava sobre Leon, e Moore resolveu atacal-o na posição de Carriou, para o que deslocou a sua linha d'operações para o norte, sobre a estrada de Benavento a Carriou.

Napoleão tudo advinhára ; e ordenando a Soult que recuasse deante dos inglezes, emquanto Ney obliquava á direita, ameaçou o seu flanco direito, depois de atravessar o Cuadarrama no meio d'uma tempestade immensa.

Moore vendo então o perigo em que se achava envolvido, quando chegou a Sahagun, retirou precipitadamente para a Corunha, desorganisando-se-lhe por completo o exercito que difficultosamente conseguiu embarcar na esquadra que o esperava, depois d'um combate com as tropas do marechal Soult, onde morreu John Moore.

O embarque foi feito na maior desordem possivel, abandonando grande parte do material. Desde a retirada perderam os inglezes 4:033 homens, 6:083 espingardas, 707 sabres, grande numero de tendas, etc.

Termina assim o preludio da campanha de 1809.

*

Os grandes homens, porem, são os mais susceptiveis de grandes erros, e tanto maiores quão elevadas são as concepções em que se entranham.

Napoleão julgava já assegurada a posse da Hespanha pelos movimentos realisados e pela força moral de que as suas tropas se achavam possuidas. Julgando, pois, desnecessaria a sua presença, d'elle que era a alma do seu exercito, que era o moto principal d'aquella grande machina montada na Peninsula, afim de cravar bem fundo, nos mais elevados cumes, nos pincaros das fortalezas de Hespanha e Portugal, as suas aguias triumphantes, partiu deixando na Peninsula 300:000 homens e um plano d'invasão.

Vejamos, pois, qual o plano de campanha para a conquista do sul da Peninsula.

*

Era indispensavel refazer as forças do soldado e reparar os estragos feitos no material; por isso Napoleão quiz conceder ás suas tropas algum tempo de repouso, para que se lançassem depois no meio dia da Peninsula, acabando a sua conquista de Lisboa a Cadiz e de Cadiz a Valencia

Soult, com as divisões Merle, Mermet, Delaborde, Heudelet, os dragões de Lorge e Lahoussaye, e a cavallaria ligeira de Franceschi, constituindo dezasete regimentos d'infanteria e dez de cavallaria, com um parque de cincoenta e oito boccas de fogo, formava um corpo d'exercito, cuja força nominal chegava a 46:000 homens. Calculava Napoleão que désse 36:000 combatentes effectivos; porem, por causa dos feridos e doentes, e em virtude dos grandes destacamentos, foi impossivel reunir mais de 24:000.

Devia Soult, com este corpo d'exercito, depois de descançar na Galliza das fadigas da guerra, passar o Minho em Tuy, seguir por Braga ao Douro, tomar o Porto e marchar em seguida contra Lisboa.

O marechal Ney, com as legiões Marchand e Maurice Mathieu, ao todo 33:000 homens, mas que não davam mais de 16:000 combatentes, estacionaria na Galliza, estabelecendo as communicações com o corpo d'exercito do marechal Soult.

Emquanto Soult invadisse Portugal, o marechal Victor, com as divisões Villatte, Ruffin e Lapisse, constituindo o 1.º corpo, e com 12 regimentos de cavallaria, affastar-se-hia de Madrid, fazendo um movimento de Talavera para Merida e do Tejo para o Guadiana, afim de obter na Extremadura e Andaluzia uma marcha que correspondesse á de Soult em Portugal. Quando soubesse da entrada d'este marechal em Lisboa, seguiria em direcção a Sevilha, onde se lhe juntaria, sendo necessario, uma divisão d'aquelle marechal.

O rei José, commandante em chefe das tropas, tendo por chefe d'estado maior o general Jourdan, com as divisões Dessolle e Sebastiani, a divisão polaca Valence, os dragões de Milhaud e algumas brigadas de cavallaria ligeira, ao todo 50:000 homens, que poderiam dar uns 36:000 uteis, devia conter Madrid e prover a todos os casos imprevistos.

O corpo d'exercito do general Junot, de 30:000 homens, 16:000 combatentes, que acabava de levantar o sitio de Saragoça, estacionaria no Aragão e vigiaria essa provincia.

O marechal Mortier, com 18:000 dos seus 25:000 homens de força effectiva, conservar-se-hia nos Pyreneus, entre Saragoça e Tudela, para marchar, ou para o sul da Hespanha, ou para o Rheno, em virtude da guerra d'Allemanha.

O general Saint-Cyr devia com 40:000 homens acabar a conquista da Catalunha.

O norte da Hespanha, formando a linha d'operações do exercito francez, foi confiado a tropas de cavallaria, e em Burgos, S. Sebastião, Bilbao, Pamplona e Santander, estacionavam grande numero de corpos que ficavam commandandos pelos generaes Kellermann e Bounet, na Castella e Byscaia.

Eis aqui as importantes operações a effectuar por 300:000 homens que, (calculava Napoleão), ainda mesmo que fossem reduzidos a 200:000, seriam sufficientes para subjugar a Peninsula, se Napoleão tem continuado á testa das suas tropas.

O rei José era dotado de boa indole, mas não tinha actividade nem vigor, qualidades indispensaveis para o commando, faltando-lhe, alem d'isso, a experiencia da guerra.

O marechal Jourdan, seu chefe d'estado maior, homem digno e prudente, não tinha caído no agrado de Napoleão. Como seria, pois, que os generaes, habituados a obedecer só a Napoleão, haviam de obedecer a um irmão, que elle mesmo dizia não nascera para as armas e a um marechal velho, que o mesmo imperador despretigiava e a quem negava talento?

Alem de tudo isto a guerra da Hespanha, que tanto dinheiro e tantas vidas tinha custado, dava logar a despezas consideraveis. Como poderiam os thesouros do imperio fazer face a essas despezas, não contando com as da guerra da Austria?

Era mister que os soldados fossem vestidos e armados, era

preciso organisal-os, provel-os de material e mantel-os. Resolveu-se, pois, que o exercito fosse sustentado á custa do paiz que occupava. Realisou-se o que era de prevêr: lançaram-se impostos, confiscaram-se bens, apprehenderam-se gados e procedeu-se á ceifa prematura dos trigos.

(*Continua*).

Isacc Bastos
Alferes d'infanteria n.º 14

Historia da Infanteria Portugueza

INTRODUCÇÃO

(*Continuado do n.º 6 — 1909*)

A Infanteria dos romanos

IV

As reformas de Constantino — A decadencia militar de Roma

Constantino o *Magno* modificou tambem as instituições militares, e separou o serviço do exercito da administração civil. Substituiu a guarda pretoriana por uma guarda pessoal do soberano. O novo corpo de *elite* era composto de infanteria e cavallaria, e tinha por especial missão escoltar o principe e acompanhal-o nas guerras, expedições e viagens. Recrutada entre os centuriões, tinha vencimentos superiores aos de qualquer outro corpo, e gosava ainda de muitos previlegios especiaes. Era mais importante que a guarda *palatina*, composta de 3:500 homens e dividida em differentes corpos, destinada a guarnecer o palacio e vivendas imperiaes.

As guardas pessoal e palatina constituiam as duas primeiras divisões do exercito. Exerciam a seriissima missão de manterem a ordem e garantirem a segurança interna. Para defender o territorio contra as invasões dos barbaros, havia uma terceira divisão, inferior em graduação e vantagens áquellas duas. Estacionava nas fronteiras, nas margens dos rios limites do imperio e guarnecia as fortificações.

Constantino augmentou o numero das legiões, reduzindo-lhe o effectivo. Foi no seu tempo que a legião — corpo de infanteria — começou a ter a denominação de

numeri, muito embora, e até mesmo em documentos officiaes se encontrem com a de *legiones*. A cavallaria tambem passou a constituir unidades separadas, com commandos especiaes. Posteriormente foram organisadas divisões, formadas por tropas de ambas as armas, sob o commando d'um *magister*.

Debaixo da auctoridade immediata dos mestres estavam os condes das dioceses, ou governadores militares de um grupo de provincias.

Na Hespanha havia um conde, tendo sob o seu commando diversos regimentos, ou *numeri*.

Os immediatos em dignidade aos condes eram os duques, que ordinariamente exerciam commandos na fronteira, tendo ás suas ordens os *prefecti* dos *castra* e os *praepositi* dos soldados nos confins militares. (1) Cada legião era dividida em dez cohortes, commandadas por tribunos; as cohortes subdividiam-se em centurias, commandadas por decuriões, que tinham diversas graduações conforme o numero de homens que commandavam. (2)

*

O processo de recrutar as tropas não soffreu modificação sensivel. Exigia-se aos recrutas a necessaria robustez.

Aos proprietarios era vedada a entrada nas fileiras, para não poderem exhimir-se a servir cargos publicos, deveras onerosos, como por exemplo: membros da curia na administração municipal. Chega n'este periodo, ao seu auge, o inqualificavel abuso, já anteriormente estabelecido, das remissões a dinheiro, que depois de tantos seculos vemos ainda hoje implantado em nações cultas e em exercitos de tão nobres tradições como o nosso, o que cons-

---

(1) Havia condes e duques de tres graus, e os condes *menores* e *inferiores* não estavam superiores aos duques. Os duques eram frequentemente collocados no commando das tropas das fronteiras, expostas aos ataques dos barbaros; esta circumstancia, em virtude da qual tinham muitas occasiões de entrarem em campanha, alcançando prestigio e gloria, junta com a diversidade dos graus, explica como na Edade Media o titulo de duque se tornou superior ao de conde. *(Serrigny)*.

(2) O mais graduado era o *primipilus*, que tinha ás suas ordens 400 soldados, e o menor o *centenarius*, que apenas commandava uma centuria. Os ultimos na escala eram os *decanos*, commandantes d'uma pequena força.

titue uma das mais poderosas causas da decadencia do exercito portuguez. Representa elle a negação absoluta do serviço militar pessoal e obrigatorio, unico principio admissivel, e que todos os estados que se presam estabeleceram, tendo como indispensavel complemento a adopção da taxa militar. E' que, como muito bem diz um dos espiritos mais cultos do nosso exercito, «o ouro trazido aos cofres publicos pelos premios da remissão, tem deslumbrado os mais claros espiritos, ao vel-o transformado em material de guerra de difficil acquisição por qualquer outro processo».

O preço das remissões variava em Roma de 20 a 30 aureos (1), e era cobrado por agentes especiaes. A tão injusto, vexatorio e anti-patriotico preceito foi devida, em parte, a decadencia militar do imperio. A principio concedia-se só a remissão em circumstancias especiaes, ou em determinadas regiões cujos habitantes eram considerados como menos aptos para o arduo mester de soldado. Depois introduziu-se e cresceu o abuso, á proporção que os imperadores mais apreciavam o dinheiro do que soldados. Deslumbradora, mas bem perigosa illusão. Contratavam os seus soldados entre os barbaros mais habituados ao serviço das armas. Constituiam a principio os corpos distinctos das legiões, para depois, pouco a pouco, passarem a formar a sua quasi totalidade, até, por ultimo, serem os unicos componentes d'ella.

Desde então deixou Roma de ser a nação armada, como fôra no tempo da republica. Decahe militarmente, até vir, n'um periodo bem proximo, o seu aniquilamento. A infanteria mal recrutada perde o seu valor; as armas defensivas são postas de parte porque os romanos já lhe não podiam aturar o peso; as armas de jacto, que permittiam combater de longe, são preferidas ás espadas e lanças; e para acabar de perder a legião, tirando-lhe a sua mais preciosa qualidade (a mobilidade) incorporam-lhe *carrobalistas* e *onagros*, pezadas machinas de guerra, algumas das quaes exigiam até vinte serventes para as manobrar. Era de prever.

No derradeiro seculo do imperio, os altos funccionarios e as pessoas distinctas, eram isentas do tributo de

(1) O aureo equivalia a 3$235 réis da nossa moeda. Valia 26 denarios de prata ou 100 sestercios.

sangue; devendo notar-se que este previlegio não era extensivo aos simples titulares de qualquer dignidade. Gosavam da mesma isenção os professores e medicos de Roma.

V

Os fornecimentos á infanteria — Acampamentos — A fortificação

Uma parte do soldo era pago em generos que o estado exigia dos contribuintes, por um imposto especial. (1)

Recebiam tambem lenha e fardamento, e as tropas montadas, forragens. A cobrança dos generos alimenticios fazia-se tres vezes por anno, sendo arrecadados nos armazens publicos das provincias, e d'ali transportados para os depositos que havia nos logares fortificados das fronteiras.

Como medida perventiva de segurança publica, o estado reservava para si o privilegio da fabricação de armas. Elle é que as fornecia aos legionarios gratuitamente. Era avultado o numero dos arsenaes.

Em todo o imperio existiam 35, sendo 15 no do oriente e 20 no do occidente. Nem em todos se fabricavam as mesmas armas. Os contribuintes é que tinham a obrigação de fornecer a materia prima para o fabrico: madeira, couro e varios metaes.

Os habitantes das povoações onde passavam as tropas eram obrigadas a fornecer-lhes alojamento, prescrevendo a lei regras sobre os aboletamentos.

O soldado da infanteria romana levava, além das armas, provisões para quinze dias e estacas para intrincheirar o seu acampamento.

*

Os acampamentos romanos, no tempo da republica, consistiam n'um rectangulo de 400:000 varas de superficie, extensão considerada como indispensavel para se resalvar e manter a boa hygiene, que elles nunca esqueciam. As tendas eram dispostas em fileiras, dentro do rectangulo, perpendicularmente á frente do acampa-

(1) Estava indicada na lei a quantidade e qualidade dos generos a distribuir, que eram: bolacha (bucellatum) especie de pão de embarque, cosido para durar muito tempo, vinho, azeite, toucinho e capado.

mento. Duas largas ruas parallelas cortavam perpendicularmente os flancos. No eixo do acampamento ficava a tenda do consul. Soffreram os acampamentos modificações na sua disposição, no tempo dos imperadores, pois que sendo então o exercito romano constituido não só de cidadãos e aliados, mas tambem de mercenarios (barbaros assoldadados) foi necessario tomar disposições tendentes a garantir a segurança do exercito, sendo uma d'ellas a collocação das legiões ao longo das trincheiras, isto é no logar de maior perigo.

Empregaram os romanos um especial cuidado em entrincheirar os seus acampamentos, rodeando-os de um fosso de dimensões variaveis e d'um parapeito formado pelas terras da escavação e reforçados com estacas. O fosso só tinha tres pés de profundidade nos campos de transito; n'aquelles, porém, em que deviam permanecer mais tempo, chegava muitas vezes a ter nove pés, e desesete de largo. No alto das escarpas enterravam-se as estacas enterlaçando-as por meio dos seus ramos.

*

A necessidade da defesa compelliu o povo romano, desde o alvorecer da sua existencia social, a entregar-se com entranhado amor, com devotado interesse, á fortificação. Começa no fragil e singello muro e respectivo fosso, que circumdam as sete colinas da Roma incipiente, e vae, n'um crescendo sempre notavel ás imponentes e grandiosas muralhas que, ao depois, defendiam as fronteiras do collossal imperio (1) e as cidades conquistadas; as fortificações do Danubio, do Euphrates e da Numidia; as magestosas muralhas de Terragona, de Merida, de Beja, de Evora, de Condeixa a Velha, cuja grandiosidade é ainda hoje attestada por trechos que se erguem altivos e impavidos.

Eram a obra do legionario, como tambem a elle se deviam tantissimos outros monumentos e estradas, aqueductos, pontes, que se levantam ainda por todo esse mundo, como documentos palpitantes da acção civilisadora do grande povo romano, que imprime á tactica da infanteria, á fortificação e em todos os varios ramos da arte militar

(1) Taes como os *limes* transrhenanos, forte muralha que ia da embocadura de Lahu até Khéleim, sobre o Danubio. (Chystovão Ayres — Historia da Civilisação Militar).

um vigoroso impulso, um sensivel progresso. Tão valioso e proficuo elle foi que a arte militar dos romanos devia depois, na Renascença, constituir a base da moderna arte da guerra.

A poliorcetica, e o emprego das machinas de guerra, mereceu uma profunda attenção a este povo conquistador. Na guerra numantina, estabelece Scipião frente á gloriosa cidade que tão sublime resistencia — ainda até hoje não igualada — offereceu ao poderoso inimigo, uma linha de circumvalação e outra de contravalação, o que dá uma idéa da importancia d'este sitio.

Mais tarde, a perfeição da arte substituiu o ataque brusco, escalada ou bloqueio, por um systema em que as linhas de entrincheiramento foram reforçadas por torres de madeira que permittiam o emprego de armas de arremesso. Estas torres moveis, debaixo de cuja protecção avançavam os sitiadores, *o ariete*, o *tonelon* e a *grua;* a *catapulta*, a *balista*, o *onagro* e o *escorpião*, etc., constituiram outras tantas machinas de que se serviram os romanos, cada vez mais perfeitas, ou antes aperfeiçoando-se successivamente, desde as guerras punicas até á invasão dos barbaros.

Muitas d'estas armas e engenhos foram conhecidos pelos peninsulares e postos em pratica na Peninsula, não só durante as guerras punicas, senão depois na guerra da independencia e na guerra civil romana, aqui travada. Tinha a infantaria peninsular, a arma principal — visto que tambem na Hespanha se empregava a cavallaria — o seu armamento especial, na epocha em que apparecem em scena primeiro os carthaginezes e depois os romanos: e, se ao fazerem parte da legião, adoptaram a organica e a tactica dos conquistadores, conservavam comtudo muitas vezes o seu uniforme e armamento quando, como auxiliares os acompanharam, e ainda sempre que, constituindo corpos especiaes, como succedeu com os fundibularios, desempenhavam uma determinada missão, servindo de infanteria ligeira.

(*Continua*). J. Gil

Tenente-coronel de infanteria

INSTRUCÇÃO MILITAR PREPARATORIA

E O

TIRO NACIONAL

(Continuado no n.º 6)

Na França, por intermedio das suas publicações militares, pede-se de ha muito o estabelecimento da instrucção militar nas escolas primarias, e assim ainda ha pouco se lia n'uma obra de reconhecido merito o seguinte:

«A primeira cousa a fazer será conseguir-se que em cada escola primaria se consagrem algumas horas por semana a exercicios de gymnastica, de destreza e de esgrima. Devia-se tornar obrigatorios em todos os estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria, publicos ou particulares, os exercicios physicos.

«Nas cidades e villas poder-se-hiam encontrar monitores militares, nas aldeias alguns individuos reservistas poderiam auxiliar esta importante missão.

«A par d'estes exercicios, que constituiram d'alguma maneira o fundamento da instrucção militar preparatoria para a mocidade, conviria tambem inicial-a nos exercicios de tiro, como se faz na Suissa».

A França, pela lei de 24 de março de 1905, creou a instrucção de tiro nas escolas secundarias e normaes, e pela circular de 19 de fevereiro de 1907, o ministro da guerra, em seguida aos trabalhos realisados por uma commissão inter-ministerial, adoptou os meios de se ministrar com garantia a instrucção de tiro n'aquellas escolas e auctorisou a instituição de sociedades de tiro escolar.

A França possue, alem d'isso, sociedades de tiro, de gymnastica e de levantamentos topographicos puramente civis, as sociedades de tiro do exercito territorial e as sociedades de tiro mixtas, e ainda sociedades de tiro para se ministrar a instrucção com bôccas de fogo.

Alem d'estas, fundaram-se ultimamente em França sociedades de instrucção militar preparatoria, destinadas exclusivamente a exercicios de marchas e manobras de conjuncto.

*

Ainda a proposito da divulgação da instrucção militar nas escolas, devemos citar o que se passa na Roumania.

Em 22 de maio de 1905, por occasião da grande revista annual, um official apresentou ao rei algumas centenas de creanças pertencentes ás escolas ruraes, ás quaes aquelle official tinha sido auctorisado a ministrar alguns elementos de instrucção militar, a titulo de experiencia. O resultado colhido foi tal, que deu logar á promulgação de uma lei que tornou obrigatoria a instrucção militar em todas as escolas primarias, secundarias e profissionaes. Esta lei foi votada por acclamação pelos senadores e deputados da Roumania. Notavel exemplo de patriotismo, em que as bandeiras partidarias se abateram perante os superiores interesses da defeza nacional!

Creou-se um corpo especial de instructores militares escolares, sob a dependencia do ministerio de instrucção publica, excepto no concernente ao commando e disciplina, sendo a sua missão dar instrucção theorica e pratica a todos os alumnos das escolas publicas e particulares. Esta instrucção consta de exercicios praticos, conhecimentos theoricos e pratica de tiro ao alvo.

O chefe do corpo de instructores militares é um official superior de infanteria, com o titulo de inspector militar geral das escolas publicas e particulares da Roumania, tendo auctoridade sobre todo o pessoal de serviço, e dirigindo a instrucção conforme um programma previamente elaborado. Aquelle chefe tem sob as suas ordens: 1 capitão adjunto, 5 capitães chefes de regiões escolares, 38 capitães ou tenentes chefes de districto, 120 sargentos sub-chefes de districto, 1 official de administração, 1 official thesoureiro e 1 inspector escolar civil. Apesar d'esta dotação de pessoal, que é fixa, ser numerosa, se as necessidades de serviço o exigirem, póde ainda ser augmentada. Cada escola primaria urbana ou rural e cada escola profissional, situada n'uma communa rural, tem um instructor militar, que se recruta entre os soldados que pertencem ao serviço do exercito semi-permanente.

Quanto ás escolas secundarias e profissionaes das communas urbanas, o ministro da guerra destaca dos corpos de infanteria o pessoal necessario para ministrar a instrucção.

As escolas particulares são obrigadas a contractar um instructor militar ou civil, que possua um certificado de capacidade nas condições fixadas pelo regulamento de applicação.

As creanças educadas particularmente pelas suas familias são tambem obrigadas ao exame de instrucção militar preparatoria.

Todo o pessoal destinado á instrucção militar preparatoria se recruta na infanteria.

Vê-se que na Roumania a instrucção militar preparatoria está merecendo aos poderes publicos maiores cuidados do que dentro da propria Suissa.

Um outro estado balkanico, a Bulgaria, concedeu uma reducção de tempo de serviço aos mancebos que tenham adquirido anteriormente ao alistamento um certo grau de instrucção.

*

Da analyse dos factos que se passam nos paizes que citámos, conclue-se que a educação da juventude nos deveres militares constitue um corollario da reducção do tempo de serviço. Entre nós, a instituição d'esta medida trará tres vantagens que se podem considerar immediatas:

a) Preparar o espirito popular para o serviço pessoal e obrigatorio;

b) Permittir a futura adoptação de qualquer systema de organisação militar com serviço de curta duração, o que terá como resultado o accrescimo do numero de cidadãos, que n'um momento dado se transformem em combatentes aptos, sem perturbação dos diversos ramos de actividade social;

c) Abolir por completo a reluctancia que possa existir pelo serviço militar, integrando todas as forças vivas no ideal da nação em armas.

A commissão, tendo em vista adaptar ás exigencias do nosso meio social os principios definidos na orientação geral do decreto de 27 de junho, e usando das faculdades que lhe foram concedidas pela portaria que a nomeou, procurou desempenhar-se da sua missão, tão rapidamente quanto lhe impunham as circumstancias de momento, em vista do grande numero de offertas de terrenos destinados á construcção de carreiras de tiro, feitas á 1.ª direcção da secretaria da guerra por varias corporações officiaes, e bem assim do desejo manifestado por diversos institutos particulares de ensino secundario para o estabelecimento da instrucção militar preparatoria.

Pela doutrina expressa no decreto, notou a commissão que a affluencia dos serviços referentes ao tiro nacional augmentaria consideravelmente na 1.ª direcção da secretaria da guerra, trazendo á 2.ª repartição um excesso de serviço que seria difficil, senão impossivel attender, com o seu actual pessoal.

Tornava-se, com effeito, indispensavel a existencia de um delegado do ministerio da guerra, para ser enviado a qualquer ponto do paiz, afim de proceder ao exame e estudo dos terrenos destinados a carreiras de tiro, serviço este que não poderia ser desempenhado por qualquer outro official, a quem estivessem incumbidos outros serviços.

Foram estas rasões que imperaram no espirito da commissão, para que fôsse creado junto da 1.ª direcção o logar destinado a um official superior de infanteria, com as attribuições que vão expressas no regulamento.

Para se aproveitarem o mais possivel todas as offertas de terrenos, entendeu-se que seria conveniente estabelecer limites minimos de extensão e largura para as faxas de terrenos destinados ás carreiras; por isso se estabeleceram os limites de 300 metros de extensão por 10 metros de largura.

Como, porém, n'estas carreiras, pela sua curta extensão, não se póde executar completamente o tiro estipulado no regulamento de tiro para as armas portateis, resolveu a commissão que esta falta fôsse supprida pela mudança de alvo.

Havendo toda a vantagem em que se multiplique o numero das carreiras, onde se possa diffundir a pratica de tiro e instrucção militar preparatoria, concedeu-se ás sociedades de tiro a fa-

culdade de possuirem carreiras de sua propriedade nas condições que vão indicadas no regulamento.

No quadro do pessoal das carreiras indicado no decreto, julgou a commissão ser conveniente addicionar mais dois soldados por carreira, especialmente encarregados do serviço de vigilancia nos flancos das mesmas carreiras, durante as sessões de tiro, o que se torna indispensavel para evitar sinistros.

Mereceu á commissão particular cuidado a nomeação de pessoal idoneo para as carreiras de tiro, e por isso estipulou as condições de preferencia para cada classe de individuos que deverão compôr o quadro das carreiras.

Attendendo a que muitas vezes os directores das carreiras terão a effectuar despezas imprevistas, creou-se o fundo permanente de 5$ooo réis, destinado a occorrer a essas despezas.

Com o fim de facilitar o mais possivel o acto da matricula dos mancebos nas carreiras de tiro, e para se prover á reparação, conservação e guarda das carreiras, julgou-se conveniente que alli permaneçam o sargento e dois soldados fóra da epocha destinada á instrucção.

No antigo regulamento de tiro nacional existiam tabellas especiaes, destinadas á execução do tiro da classe civil, differentes das que eram usadas no exercito; parece-nos, porém, mais conveniente adoptar condições de tiro civil analogas á do tiro para as tropas de infanteria. Os atiradores civis, que adquiram as vantagens que lhes são concedidas por decreto de 27 de junho, entram nas fileiras com as classificações de atiradores, que adquirem antes do alistamento; rasão esta que mais vem reforçar a opinião da commissão, para que fôssem estabelecidas para os individuos da classe civil as condições de tiro das tropas de infanteria.

Até agora, com os regulamentos em vigor, só muito excepcionalmente as praças da 1.ª e 2.ª reservas poderiam executar o tiro, depois de se acharem n'esta situação. Por isso julgou a commissão remediar este inconveniente, facilitando ás referidas praças os meios de continuarem a exercitar-se na pratica do tiro.

Entre as praças da 2.ª reserva sem instrucção, tornava-se necessario diffundir, tanto quanto possivel, a instrucção militar preparatoria e a pratica do tiro, por isso a commissão tambem resolveu estimulal-as por todos os meios possiveis, chamando ás carreiras estas praças, para lá prestarem as provas exigidas no regulamento.

As vantagens que adveem para o paiz em diffundir a instrucção por todas as classes dos reservistas, são obvias, e por isso não nos deteremos em apresental-as.

Entre os estimulos que a commissão entendeu adoptar e para despertar o gosto pela pratica do tiro, apresentou-se-lhe não só como mais util, proficuo e economico como tambem mais conforme com o que se achava estabelecido, o abono gratuito de munições necessarias para a execução das diversas tabellas de tiro.

Actualmente estava estipulado que cada atirador recebesse annualmente 60 cartuchos, que em geral eram consumidos por fórma a não offerecer garantia alguma para o estado.

Assim, era vulgar vêr nas carreiras os atiradores executarem o tiro tumultuariamente, até completo consumo da dotação

annual, embora convictos de que não podiam já obter a classificação precisa para a passagem de classe.

D'aqui resultava um aggravamento de despeza, perfeitamente inutil para o estado. A pratica tem indicado que raros são os atiradores que necessitam consumir a dotação dos cartuchos destinados a cada classe, quando tenham recebido uma instrucção preliminar de tiro bastante cuidada, e sigam methodicamente a execução das sessões das tabellas das diversas classes.

Por esta rasão deliberou a commissão substituir a dotação fixa de 60 cartuchos pela necessaria para a execução do tiro das diversas tabellas, por ser esta a maneira mais economica e que maior numero de garantias póde offerecer ao paiz.

Para os concursos de tiro, julgâmos necessaria a divisão dos grupos, conforme vão expressos no regulamento, a fim de evitar que varios atiradores não avançassem propositadamente na execução do tiro da classe immediatamente superior áquella em que se achavam classificados, por assim terem maior numero de probabilidades em alcançar premios nos concursos em que tomavam parte. Por isso impedimos aos atiradores premiados em annos anteriores em varios grupos poderem concorrer no anno seguinte com os da classe em que já foram premiados.

Era vulgar, e muito especialmente em Lisboa, encontrar-se nas carreiras atiradores nas condições que deixamos expostas.

Outro assumpto mereceu a attenção da commissão, e esse consistiu em não permittir a accumulação dos premios aos atiradores das diversas classes, dentro da respectiva classe, pois concursos houve em que um mesmo atirador, por uma unica classificação obtida no concurso, alcançava tres e mais premios, o que de certo não servia de incentivo a outros atiradores, que muitas vezes, mercê de uma pequenissima differença de pontos, não eram contemplados como seria de justiça. Pelos motivos expostos, achamos que haveria toda a conveniencia, sob o ponto de vista da propaganda em favor do tiro nacional, contemplar o maior numero de atiradores que fôsse possivel.

Julgou tambem a commissão ser de grande utilidade, para a propaganda do tiro nacional, fazer representar o maior numero possivel de classes sociaes nos jurys dos concursos de tiro e de gymnastica das escolas; motivo por que a commissão entendeu dever dar representação em todos os jurys ao commercio, industria, sociedades de tiro, instrucção publica, conjunctamente com os representantes do exercito.

(Continúa)

TABELLA DE UNIFORMES

Ha sempre umas certas hesitações, no tocante a uniforme, quando um grupo de officiaes de differentes unidades tem de concorrer a qualquer acto official.

E comprehende-se essas hesitações.

A questão apresentada sobre a designação generica de *uniforme*, offerece um corpo de douctrina que anda esparça em differentes diplomas.

Essa douctrina é mesmo susceptivel de differentes interpretações.

E, comtudo, facilimo era estabelecer uma tabella de uniformes, numerados de 1 a 6, e designar qual o serviço ou acto official que devia ser desempenhado com tal ou tal numero da tabella.

A Escola Pratica de Infanteria adoptou, para seu uso interno, a tabella que vamos publicar, e que pedimos se generalise a toda a arma, designando-se para cada numero correspondentemente os casos em que tal uniforme deve ser usado.

E' uma cousa simples, mas é um bom serviço que se presta á arma.

Uniforme n.º 1:

Barrete, penacho de pennas, dolman de panno com alamares, charlateiras, calça de panno, botins lisos (de vitella ou de polimento), banda, espada com fiador de cordão de ouro, luvas brancas (camurça ou pellica), insignias

completas das condecorações, esporas de mola (para officiaes montados).

N.º 2:

Barrete, penacho de lã, dolman de panno com alamares, charlateiras, calção de panno, botas altas, banda, espada com fiador de cordão de ouro, luvas brancas, bandoleira, insignias completas das condecorações, esporas de correia (para officiaes montados).

N.º 3:

Barrete, dolman de flanella, calça de panno ou de cotim (conforme a estação), botins lisos, espada com fiador, luvas cinzentas, fivellas das condecorações, esporas de mola (para officiaes montados).

N.º 4:

Barrete com capa de cotim, dolman de flanella, calção (da estação), botas altas, espada com fiador, luvas cinzentas, bandoleira, fivellas das condecorações, esporas de correia (para officiaes montados).

N.º 5:

Barrete com capa de cotim, dolman de cotim, calção de cotim, botas altas, espada com fiador, luvas cinzentas, bandoleira ou equipamento de marcha, esporas de correia (para officiaes montados).

N.º 6:

Barrete com capa de cotim ou barrete de aquartelamento m/902, dolman de cotim, calça de cotim, botins lisos, bandoleira.

BIBLIOGRAPHIA

Palestras nos regimentos, por *José Aurelio Dias Ferreira Machado*, capitão de infanteria n.º 10.

O nosso illustre camarada, sr. capitão Ferreira Machado, publicou em volume duas conferencias que fez no regimento a que pertence.

Na primeira, sobre psychologia criminal, que é um thema

raras vezes tratado entre nós, o seu illustrado auctor, apoiando-se nas theorias dos modernos psychiatras, revela na sua conferencia um profundo conhecimento d'essa sciencia positiva, e condensa em poucas palavras as regras fundamentaes da psychiatria que de todo o official devem ser conhecidas para com são criterio poder observar, estudar e conhecer os soldados que tem de educar e disciplinar.

As causas do crime, os estigmas, os caracteres psychicos, as variadas manifestações das doenças mentaes, a classificação dos criminosos e a responsabilidade que se lhe deve exigir são assumptos tratados com perfeito conhecimento e expostos com a necessaria clareza para poderem ser por todos comprehendidos. E o valor do estudo e da observação do seu auctor são então applicados a tres casos succedidos no seu regimento que bem denotam a sua vantagem e utilidade.

A segunda conferencia, sobre instrucção e educação do soldado, foi reconhecida pelas estações superiores como trabalho de merito scientifico-militar, e que mereceu ao seu auctor um louvor em Ordem do Exercito. A instrucção relativa ao tiro, avaliação de distancias, exercicios de combate, serviço de campanha, marchas, fortificação, educação physica e educação moral, são assumptos tratados em conformidade com os regulamentos respectivos e segundo as doutrinas dos mestres que teem versado essas especialidades, sendo tudo porém feito de uma forma util e pratica e exposto com muito methodo e clareza.

Por todos os titulos é pois o livro do nosso distincto camarada e amigo bem merecedor de ser lido e meditado por todos os officiaes, porque todos encontram n'elle ensinamentos de valia.

Ao sr. capitão Ferreira Machado as nossas felicitações e os nossos agradecimentos pela sua offerta.

Allocução, por *José Victorino de Sousa Albuquerque*, major de infanteria n.º 16.

A *Allocução* a que nos vamos referir foi pronunciada no regimento de infanteria n.º 16 pelo nosso querido amigo e presado camada, sr. major Albuquerque, no acto da inauguração do retrato de S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel, e a qual publicou em folheto com que nos distinguiu e honrou.

Em linhuagem vernacula e sentida dirige-se o seu auctor aos seus camaradas e com phrases repassadas de sentimento passa em revista toda essa serie de lastimosos acontecimentos que no anno passado se deram, refere-se aos factos que mais assignalaram o reinado do primeiro rei D. Manuel, e descrevendo em seguida as causas da dissolução social que levam os povos á decadencia, faz o panegyrico do nosso joven Rei, o Senhor D. Manuel II, d'uma forma cheia de verdade e justiça, fazendo votos ardentes para que o seu reinado seja tão prospero e venturoso como foi o do seu antepassado ao seculo XVI.

E por esta forma o nosso amigo e distincto camarada, sr. major Albuquerque, deu um bello exemplo que muito o honra e pelo que muito o felicitamos.

Secção do extrangeiro

Brazil. — O exercito brazileiro, cuja corporação de officiaes é das mais distinctas, atravessa n'este momento uma transformação completa, começando a pôr-se em pratica a organisação de 4 de janeiro do anno passado, sobre a base do serviço militar obrigatorio e pessoal.

Para nós, portuguezes, que nos sentimos ligados ao Brazil pelos laços de sangue e da mais carinhosa amisade, não podemos deixar de sentir grande satisfação e prazer ao vêrmos progredir e avançar um exercito, onde se falla a nossa lingua, e cujas tradições guerreiras se prendem e se ligam ás nossas tradições.

A *Revista de Infanteria* deseja não só prestar um publico testemunho do mais vivo agradecimento ao distincto camarada do exercito brazileiro, o sr. capitão Flavindo Ramos, pela offerta gentil de numerosas e interessantissimas publicações militares d'aquelle exercito, e com que tanto e tanto enriquecemos a nossa bibliotheca, mas ainda mais, protestar o seu reconhecimento pelos trabalhos que nos estão promettidos, para n'estas paginas levarmos aos nossos regimentos um conhecimento completo d'aquelle florescente exercito e marinha.

Estreitar as relações intellectuaes e de amizade entre os exercitos dos dois povos irmãos é grata empreza com que muito nos honramos.

E certos estamos que d'essas relações mutuas todos nós lucraremos, porque ha sempre que aprender no vasto campo da sciencia e das suas applicações praticas, seja a arena a Europa ou seja a America.

Vamos hoje apresentar aqui a organisação actual do exercito brazileiro, no tocante a armas, extratando passagens da amabilissima carta do sr. capitão Ramos.

A infanteria brazileira compõe-se de 15 regimentos a 3 batalhões; 12 batalhões de caçadores; 13 companhias de caçadores; 5 companhias e 12 secções de metralhadoras (cada companhia tem 3 secções de metralhadoras e cada secção tem 3 metralhadoras).

Artilheria:—5 regimentos montados; 3 grupos de artilheria a cavallo; 2 grupos de artilheria de montanha; 5 baterias de obuzes; 3 batalhões de artilheria de posição a 6 baterias; 6 batalhões de artilheria de posição a duas baterias; 6 baterias independentes.

Cavallaria: — 9 regimentos a 4 esquadrões; 3 regimentos independentes a 4 esquadrões; 5 regimentos para o serviço das brigadas de infanteria a 2 esquadrões; 5 pelotões de estafetas e

exploradores das brigadas de infanteria; 7 pelotões de estafetas para as outras armas; 5 esquadrões do trem.

Engenharia:—5 batalhões a 4 companhias; 17 pelotões (sapadores da praça).

Para o proximo numero daremos uma desenvolvida noticia da reorganisação e plano de estudos da Escola de Estado Maior.

Allemanha. = *Metralhadora aligeirada.* — Na exposição de construcções navaes que no anno passado se realisou em Berlim, a casa *Deutsche Wattenfabrik-gesellschaft* apresentou uma metralhadora do modelo experimentado nas companhias de metralhadoras da infanteria allemã.

A particularidade d'este modelo consiste na repartição das differentes peças pelos tres serventes para o seu transporte no combate. O apontador transporta a metralhadora, um dos serventes transporta o tripé e o outro tres caixas de cartuchos. A metralhadora, do systema Maxim, é de aço enegrecido, sendo o seu pezo de 16,5 kg. O tripé é munido d'um supporte girante e os seus ramos são em dobradiça; dobrado, toma o aspecto d'um peixe, com $0^{m},60$. Cada caixa de cartuchos contem uma fita carregada com 250.

Os tres serventes transportam aquellas differentes peças dentro d'um quadro de madeira sustentado por correias, o que lhe permitte collocal-o ás costas como a mochila, indo a metralhadora, com o cano para cima, e o tripé no sentido vertical, e as tres caixas de cartuchos umas sobre as outras. A metralhadora com a agua e o quadro peza 20 kilos, sendo o servente que a transportar, o apontador, o mais alliviado, e o que transporta os cartuchos o mais sobrecarregado.

Esta metralhadora tinha mais como aperfeiçoamento de detalhe uma alça optica, systema Zeiss, que é uma luneta de prismas de dupla reflexão.

Instrucção preparatoria. — A reducção do tempo de serviço a 2 annos nas fileiras da infanteria trouxe como consequencia a necessidade de difundir a instrucção preparatoria pela juventude allemã. Para isso e sob o patronato das auctoridades militares teem-se organisado em todo o imperio muitas associações de instrucção militar preparatoria. A associação de Berlim reuniu do dia 2 de maio todos os associados, com os quaes se constituiram 5 companhias de infanteria, 2 companhias de marinheiros e 2 destacamentos de infermeiros, que, sob a assistencia do ministro da guerra, o general von Einem, representantes do Imperador e varias outras auctoridades, executaram diversos exercicios tacticos, que foram muito apreciados. No fim dos exercicios o ministro da guerra pronunciou um discurso em que manifestou o seu agrado pelos exercicios que tinham executado aquellas jovens e improvisadas tropas.

Roumania. = *Reorganisação da escola de tiro da infanteria.* — Segundo lemos no *Journal of the Royal United Service Institution*, acaba de ser reorganisada a escola de tiro de infanteria da Roumania. O pessoal que lhe é affecto consta de pessoal permanente, pessoal eventual, um destacamento cujo effectivo é fixado annualmente, officiaes e sargentos alumnos e d'uma commissão d'experiencias.

Durante os mezes de abril a novembro ministram-se na escola os seguintes cursos: um curso normal para sargentos e outro especial, um curso normal para subalternos, um curso de instrucção de campanha para officiaes e eventualmente um curso de experiencias.

O curso normal para sargentos dura 4 mezes e a elle concorrem os sargentos que pretendam readmittir-se no serviço, e o curso especial dura tres mezes e a elle concorrem os candidatos a officiaes de reserva e os alumnos das escolas de infanteria e cavallaria.

Ao curso normal para subalternos concorrem, desde 1 de abril a 15 de julho, os alferes mais modernos da infanteria, cavallaria e sapadores (engenheria), e desde 16 de julho a 1 de agosto, os tenentes d'aquellas armas que contem 5 annos de posto e os capitães mais modernos que por ventura não tenham transitado pela escola.

O curso de campanha para officiaes dura 5 dias e a elle concorre um official de cada regimento de infanteria, cavallaria e engenheria.

Os cursos teem uma parte theorica e outra pratica, comprehendendo para os subalternos um estudo especial de mechanica, metallurgia, balistica, topographia, trabalhos de campanha, estudo dos regulamentos de tiro, incluindo os dos exercitos estrangeiros, deveres do official director do fogo, transporte e abastecimento de munições, avaliação de distancias, meios de ligação, educação do soldado, hygiene e tactica das tres armas.

Como principio todos os sargentos precisam fazer o curso privativo para serem readmittidos e todos os officiaes devem passar pelo menos duas vezes pela escola.

China. = *Fabrica d'armas.* — A China, como temos accentuado por vezes n'esta secção, tem nos ultimos annos procurado reorganisar por completo o seu exercito, o que é devido não só ao influxo dos officiaes japonezes, que o estão dirigindo e commandando, mas tambem aos muitos officiaes que a propria China tem mandado alistar nos exercitos europeus.

Ultimamente o principe Kei, que no grande imperio exerce as funcções de ministro da guerra, apresentou um projecto da creação d'um orgão encarregado da direcção e vigilancia da fabrica d'armas para todo o exercito.

Actualmente a China é quasi que inteiramente tributaria do estrangeiro para a compra d'armas, pois que os seus arsenaes ainda não estão em condições de producção sufficiente em numero e qualidade.

No projecto do principe Kei destinam-se porem 10 milhões de *taels* para os melhoramentos a introduzir nos arsenaes de Shanghai e Houpé. Estes estabelecimentos serão subtrahidos á auctoridade dos vice-reis provinciaes, ficando directamente dependentes do governo central.

Se este plano fôr levado a cabo, tornará a China completamente independente do extrangeiro com relação á compra de armamento, o que tendo grande importancia sob o ponto de vista commercial, economico e militar, permitte concluir que se um dia se realisa, não poderá dizer-se que o *perigo amarello* não seja uma realidade.

12.º ANNO AGOSTO DE 1909 N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

Questões vitaes da infanteria

(Continuado do n.º 2—1908)

III

A reorganisação do exercito e o generalato — O quadro do generalato por armas — Confrontos desoladores

Entre as questões vitaes da arma de infanteria, figura no primeiro plano, a má constituição do quadro do generalato, que tem sido ventilada na imprensa diaria e nas columnas d'esta «Revista» por uma fórma tal, que sobre isso não deixa duvida alguma, ainda mesmo no espirito de quem não queira apreciar com a devida imparcialidade o successivo conjuncto dos algarismos, que se tem apresentado e que, como já dissémos, fallam mais alto e penetram mais a fundo do que a mais delicada argumentação.

Interrompemos as considerações iniciadas no anno passado, com o titulo que encima este artigo, para proseguirmos quando julgassemos chegado o momento opportuno. D'então para cá, a «Revista de Infanteria» com a sua tenacidade habitual, que costuma revelar, quando se propõe tratar dos mais sagrados interesses da arma e do exercito, e com a mais louvavel imparcialidade, tem continuado a analysar a desoladora situação em que se encontra o quadro do generalato.

Pouco mais poderemos accrescentar ao que já se tem dito d'esta importante questão vital, mas desde que o nobre titular da pasta da guerra fez communicar ao exercito, que apresentaria ao parlamento a reorganisação da força armada, tal como foi elaborada no *Supremo Conselho de Defeza Nacional*, parece-nos que é chegada a occasião propicia de continuarmos a mostrar, como não satisfaz a condição alguma das indicadas pelos tratadistas e das consolidadas pelo bom senso, o que militarmente entre nós se procura chamar um quadro.

Não vamos analysar as causas proximas e remotas que levaram o quadro do generalato á situação actual, as quaes poderiam ser encaradas como recriminações que não são permittidas, e ainda que pudessemos, não lucrariamos nada para a nossa causa, em apresental-as e discutil-as. Proseguiremos sempre, dentro da analyse dos algarismos e dos principios geraes apontados pelos mestres, cuja opinião se respeita em toda a parte.

Já a estatistica nos disse e não é ocioso repetirmos, que os officiaes de infanteria, que attingiram durante estes ultimos 40 annos o posto dé general de brigada, esperaram em media 38,5 annos, desde que sahiram da Escola do Exercito, ao passo que houve uma arma, a engenheria, onde os officiaes esperaram em media, no mesmo periodo, 30 annos, para conquistarem as estrellas do generalato.

Suppondo que era admissivel ir buscar para justificação d'esta supremacia, a difficuldade do curso, e que se contava a origem pela base 17 da reforma de 1899; ainda mesmo assim, notava-se para a arma de engenheria a media de 29 annos e para a infanteria 33,5 annos. Isto é, pela lei em vigor, que estabelece as vagas fluctuantes, a arma que conseguiu pelos artificios conhecidos de nós todos, accelerar a promoção até coronel, tem sobre a infanteria, que não pode aproveitar este beneficio, a extraordinaria vantagem de attingir mais cedo, nada menos do que 4,5 annos, o posto de general de brigada, se tomarmos para origem da contagem da carreira do official a base de tenente, ou 8,5 annos, se referirmos essa origem á data da sahida da Escola do Exercito. E' este o resultado que nos traz a antiguidade do posto de coronel, em vez de ser contada d'uma outra mais rasoavel origem commum.

Era aquella porta falsa que a tal base 17 queria en-

taipar, mas... como já dissémos, desejamos evitar que se diga que vimos fazer retaliações e por isso vamos ao assumpto.

*

Em qualquer trabalho d'organisação militar deve o legislador preoccupar-se com a determinação dos quadros do tempo de paz e dos quadros do tempo de guerra. Entre nós tem havido a falsa orientação de se desprezar a relação que deve existir entre o pé de paz e o de guerra. D'aqui tem resultado, nas varias organisações do exercito, uma correspondencia imperfeita do quadro para o seu destino.

Segundo lemos ha pouco tempo n'um magnifico livro de Fastrez intitulado «*Ce que l'armée peut être pour la nation*», vimos mais uma vez confirmar-se o principio de ha muito definido, de que «o exercito é um agrupamento social de que se deve obter o maximo rendimento.» Não se admitte hoje um exercito que não sirva de orgão de protecção e de defeza para a nação que o mantém à custa de sacrificios enormes e que não seja considerado como um orgão gerador da força social e economica. E' claro que este maximo rendimento só se obtem na selecção escrupulosa dos quadros, que constituem toda a alma do exercito, a inspiração que deve communicar a todos os outros orgãos a impulsão e a vida.

Não se pode hoje conceber a ideia d'um exercito digno d'este nome, quando não possua quadros d'officiaes que consagrem ao seu paiz toda a sua existencia, as faculdades physicas, intellectuaes e moraes, não por um maior ou menor numero d'annos, mas por toda a vida, n'um sacrificio absolutamente desinteressado. Mas, para se poder exigir este sacrificio, é necessario que a instituição militar seja não só adaptavel ás exigencias da guerra, mas tambem á condição da natureza humana. Uma corporação d'officiaes constitue em geral uma *élite* intellectual, — ou se não é, deve-se fazer com que o seja — e impulsionada pelas vibrações do coração.

E' por isso que os legisladores devem convencer-se de que na sua passagem pela pasta da guerra, estão em fóco, perante uma collectividade, que, talvez como nenhuma outra, reune um conjuncto mais harmonico de elementos d'apreciação imparcial das suas obras.

N'esses elementos d'apreciação, não ha uma opinião

discordante ácêrca da necessidade inadiavel que ha em se cuidar na defeza nacional e de dar satisfação aos sagrados interesses do paiz, que tem o direito incontestavel de possuir um bom exercito, assim como os legisladores, seus mandatarios, teem o dever de lh'o dar.

Em qualquer organisação que venha a ser presente ao parlamento, não se pode deixar de attender á creação dos quadros, em harmonia com o numero de unidades organicas que se estabelecerem. Parece-nos, e, como nós, julgamos que pensam todos, que não se deve persistir no erro de se crearem unidades, para as quaes não haja o numero preciso de quadros.

Assim, no quadro do generalato, deve adoptar-se a solução radical de se evitar que continuem havendo **7 generaes de infanteria** para **commandar 12 brigadas** d'esta arma; como tambem se deve adoptar uma disposição legislativa, para se evitar que a arma de infanteria continue a perder a esperança de não vir a contar no seu quadro um unico general de divisão!

Suppondo que o parlamento approva e acceita a proposta que faz passar de 12 a 10 as brigadas d'infanteria, o que ninguem pode comprehender é a maneira como estas **10 brigadas hão-de ser commandadas por 7 generaes**; pois dizem os mestres que: «é necessario que o quadro seja mantido completo, não no interesse dos individuos que d'elle fazem parte, mas no do Estado, do paiz, que deve ter sempre a sua defeza garantida».

O problema não se pode achar resolvido com a creação dos coroneis brigadeiros, que devem constituir, quando muito, uma situação transitoria e nunca uma situação normal, como está acontecendo actualmente, em que ha apenas um unico general de infanteria no commando de brigada.

Para a primeira condição d'existencia d'uma unidade qualquer, é necessario que seja verdadeiramente commandada e que o chefe seja revestido d'um grau correspondente á sua posição, isto é, *superior ao de todos os militares que fazem parte da unidade que fica debaixo das suas ordens.*

Tambem constitue um principio assente em materia d'organica:

«O commando em grau egual é mau em todos os graus da hierarchia militar e sobretudo nos que se referem ás grandes unidades superiores.»

Considerada a questão do commando das brigadas pelos coroneis tirocinados, sob o ponto de vista economico, tambem não se pode justificar, pois que percebem a gratificação d'exercicio, que pouco differe da do general de brigada.

*

Um outro ponto tambem importante a que tem de se attender n'uma futura organisação é que os officiaes generaes não se devem empregar durante um longo periodo em serviços burocraticos. O official general é empregado de preferencia no commando; toda a escola que faça no aperfeiçoamento do commando é pouca, para as altas responsabilidades que sobre elle incidem, na conducta e na vida de tantos milhares de homens, que hão de marchar a deter a marcha invasora do inimigo. E' tambem uma opinião assente, que o periodo da guerra deve ser considerado como normal nas questões militares.

Dizem tambem os mestres que «não se deve preparar ás altas cathegorias dos officiaes generaes uma situação que os conduza a renunciar durante muitos annos ao exercicio do commando directo, o que pode comprometter a sua educação militar e preparação para a guerra. Essa educação deve ser dirigida com o fim da guerra e é precisamente por isso, que se não deve deixar perder aos chefes o habito do commando, que lhes é indispensavel no campo de batalha.»

A actual organisação da secretaria da guerra concorre em grande parte para a anniquilação das aptidões para o commando. Tudo se remediava, se nas differentes direcções das armas fossem collocados officiaes generaes do quadro da reserva, os quaes na mobilisação continuam desempenhando serviços, que devem já ser conhecidos por aquelles durante o periodo da paz.

A nosso vêr constitue um erro imperdoavel, o affastamento dos officiaes generaes dos serviços do commando, para aqui se empregarem coroneis tirocinados. Este facto é contrario a todas as regras e dá margem, como se sabe, ao affastamento dos officiaes generaes dos serviços de preparação para a guerra, onde devem estar collocados de preferencia a qualquer outra commissão.

N'um paiz de tão minguado numero de quadros, deve-se empregar nos serviços burocraticos officiaes do quadro de reserva, para os educar na missão que terão de ir

desempenhar na mobilisação, quando os officiaes do activo venham a encorporar-se nas unidades, para as quaes não chegam no pé de guerra.

Como se vê, o quadro do generalato, entre nós, precisa ser adaptado ás condições dos serviços que devem desempenhar e ás condições do numero.

Com respeito ao numero, o problema não terá uma solução honesta, — releve-se-nos o termo — emquanto não se fizer a distribuição do generalato por armas, independentemente das vagas fluctuantes.

As vagas fluctuantes teem de acabar no quadro dos generaes de brigada. A arma de infanteria tem sido, durante um longo periodo, a victima do systema adoptado para compensar armas atrazadas. Segundo nos consta, e é corrente entre os officiaes de infanteria, deseja-se estabelecer uma corrente d'opinião, de fórma que o parlamento saiba que a rainha das batalhas no exercito portuguez deseja, e com justificadissimos motivos, que em qualquer organisação do exercito se faça uma distribuição do generalato por armas, de fórma que acabem as vagas fluctuantes, que são a sombra negra d'esta arma. Todo o infante que ouve fallar em vagas fluctuantes, produz-lhe o mesmo effeito que mostrar a Satanaz uma cruz.

E' este um dos mais ardentes desejos manifestados, com todo o fundamento, pela arma, e o legislador deverá talvez meditar por um instante e verá que não ha motivo algum para ir irrital-a, — porque uma contrariedade systematica irrita, faz quebrar todas as boas vontades e paralysa as maiores energias — não se querendo attender uma aspiração tão rasoavel. A nosso vêr o quadro dos 20 generaes de brigada devia estar distribuido da seguinte fórma:

2 para o estado maior
2 para a engenheria
3 para a artilheria
3 para a cavallaria
10 para a infanteria.

Este numero é determinado proporcionalmente aos coroneis que devem existir n'uma rasoavel distribuição d'este grau e em harmonia com as exigencias dos serviços do tempo de guerra.

As vagas fluctuantes no quadro dos generaes de brigada devem ser absolutamente eliminadas. Sobre esse

ponto não se offerece a mais ligeira duvida. A arma de infanteria será sempre uma victima d'essa terrivel insistencia.

Os generaes de divisão devem estar distribuidos tambem por armas e da seguinte fórma:

1 para o estado maior
1 para a engenheria
1 para a artilheria
1 para a cavallaria
2 para a infanteria.

Como o numero de generaes de divisão se deve elevar a 8, poder-se-hia deixar além d'aquelles minimos para cada arma, 2 vagas de generaes de divisão, para serem preenchidas pelos generaes de brigada mais antigos de cada arma ou serviço e haver d'esta fórma uma compensação para os officiaes mais atrazados na promoção.

Esta distribuição do quadro do generalato parece-nos que seria a mais justa e pela qual, segundo nos parece, se interessa a arma de infanteria.

Esse desejo deverá ser attendido, tanto mais que elle é o mais conforme aos interesses do paiz.

O que não pode continuar a subsistir é a lei actual, que produz uma distribuição no quadro do generalato, tal como a seguinte:

Estado maior — 2 generaes de brigada
Engenheria — 3 generaes de brigada e 3 de divisão
Artilheria — 2 generaes de brigada
Cavallaria — 6 generaes de brigada e 4 de dlvisão
Infanteria — **7 generaes de brigada.**

Confrontem-se estes algarismos e veja-se se pode haver situação mais desoladora para a arma de infanteria e se não lhe assiste toda a razão em manifestar o seu desejo por todas as fórmas licitas, para se pôr cobro a um desequilibrio de tal natureza.

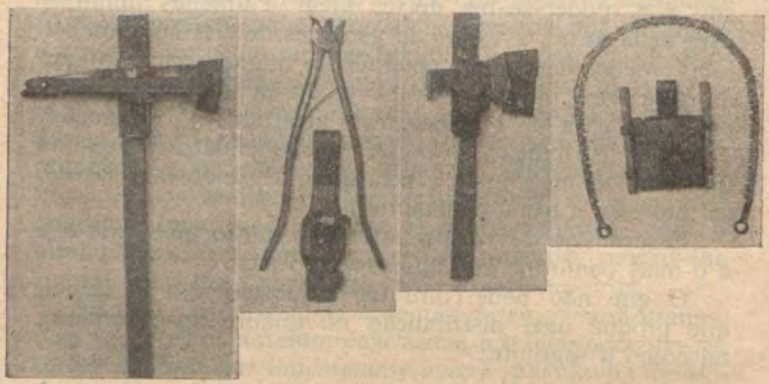
O sr. ministro da guerra será certamente o primeiro a comprehender que esta situação é realmente insustentavel, e que se torna urgente apresentar ao parlamento qualquer projecto de lei orientado n'um firme proposito de acabar com estas anomalias.

Não sabemos qual foi a orientação seguida no Supremo Conselho de Defeza Nacional na distribuição do

quadro do generalato, mas o que se sabe com certeza, é que a arma de infanteria teve a desdita de se encontrar affastado das sessões do Supremo Conselho um dos seus mais illustres representantes, por motivos que não desejamos, nem nos cumpre trazer a publico.

Na organisação que o sr. ministro da guerra vae apresentar ao parlamento, não collaborou nenhum official de infanteria. Não teve a nossa arma quem velasse pelos seus interesses, e por isso cumpre a todos, ainda mesmo a nós, seu humilde representante, advogarmos as suas causas mais justas e sagradas.

JACS.



NECESSIDADE DE REMODELAR O «MANUAL DO SAPADOR D'INFANTERIA»

A ordem do exercito n.º 7, de 29 de maio do corrente anno, manda pôr em execução na nossa arma a ferramenta portatil, a que esta «Revista» já se referiu em dois artigos.

N'essa occasião mostrámos aos nossos camaradas as photographias das ferramentas de terraplenagem e de destruição que fazem parte da collecção agora mandada pôr em execução.

Torna-se, portanto, urgente que o sr. ministro da guerra mande nomear uma commissão para proceder á remodelação do actual «Manual do Sapador».

Entre nós nada ha escripto sobre o trabalho com a

ferramenta portatil. A commissão que teve a seu cargo o estudo d'essa ferramenta, elaborou apenas umas instrucções provisorias para serem seguidas nos corpos aonde se effectuaram as experiencias.

Agora, porém, que a ferramenta portatil está officialmente approvada e que, naturalmente, muito em breve estará distribuida ás tropas da nossa arma, é indispensavel que se regulamente não só a dotação por companhia, como a maneira de abrir as trincheiras debaixo de fogo, fazendo uso d'essa ferramenta.

Os typos regulamentares das nossas trincheiras estão hoje muito antiquados. Os seus relevos são excessivamente elevados, e basta isso para sem hesitação deverem ser postas de parte. Os abrigos para atiradores, com as suas inseparaveis orelhas, tambem estão a pedir reforma.

Com a ferramenta portatil o trabalho deverá principiar sempre pela abertura de pequenas covas, que servirão para abrigar atiradores isolados, ligando-as depois, se fôr necessario, de forma a obter uma linha de trincheira-abrigo.

Nada temos entre nós que sirva para abrigo das metralhadoras e respectivas guarnições, o que sem duvida é indispensavel e urgente regulamentar.

Por tudo o que deixamos dito se nos afigura de grande urgencia a remodelação do «Manual do Sapador».

Sabemos que a commissão que procedeu ao estudo da ferramenta portatil frisou no seu relatorio a necessidade que acima apontamos, e até apresenta umas bases que poderiam, com vantagem, ser aproveitadas por qualquer commissão que para esse fim fôsse nomeada.

Com a adopção da ferramenta portatil não dispensa a nossa arma a existencia dos seus pelotões de sapadores. A nosso vêr, esses pelotões continuam a ser muito necessarios e proveitosos.

A sua constituição devia ser no pé de paz igual á do pé de guerra.

As praças que fizessem parte do pelotão deviam de preferencia ser escolhidas entre os homens que soubessem ler e escrever e que tivessem qualquer officio, tal como o de carpinteiro, pedreiro, serralheiro, etc., ou que tivessem exercido qualquer profissão, como a de barqueiro, vallador, operario de caminhos de ferro, etc.

A instrucção devia ser bastante intensa, não se distrahindo d'ella praça alguma durante o periodo da ins-

trucção especial, parecendo-nos até que se deveriam crear varios premios, que seriam conferidos ás praças que o commandante do pelotão achasse dignos de recompensa.

Com uma instrucção cuidada poder-se-hia com facilidade preparar homens que podiam ser empregados como guias ou chefes de trabalho, durante a execução dos entrincheiramentos improvisados, obtendo tambem bons trabalhadores na preparação de todo o material de fachinagem e revestimento, na construcção e destruição das defezas accessorias, na execução dos abrigos de bivaque e acampamento, no lançamento de pequenas pontes, manejo de explosivos, etc.

Não é nosso intuito apresentar aqui as bases para a remodelação do «Manual do Sapador», mas unicamente lembrar a necessidade que ha para que ella se faça sem perda de tempo.

T.

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora

(Continuado do n.º 6 — 1909)

VI

A educação militar

Em todas as épochas, desde que os estados manteem sob as armas forças regularmente constituidas, a educação militar das tropas tem sido a verdadeira pedra de toque por onde se afere o valor dos exercitos permanentes.

A educação militar consagra o culto de todas as virtudes civicas e guerreiras, despertando no soldado os sentimentos patrioticos e as nobres dedicações, avigorando as qualidades de caracter, d'onde promanam as forças moraes, consideradas hoje os factores mais poderosos do successo na guerra.

a) **Partes essenciaes da educação militar.**

Na educação militar das tropas ha a considerar quatro partes essenciaes:

A educação moral;
A educação intellectual;
A educação physica;
A educação profissional.

A primeira visando a desenvolver a força moral do soldado, tem uma importancia preponderante e constitue a base de toda a educação militar.

Avivando os sentimentos da honra, de abnegação e de altruismo, cultiva as qualidades innatas do soldado, encaminhando-as para o bem, de molde a fortalecer a disciplina e a desenvolver o espirito de iniciativa, a decisão, a energia, a perseverança e a tenacidade. Os ensinamentos da educação moral devem sobretudo resultar da pratica de todos os dias.

Os officiaes e os graduados dos quadros inferiores devem aproveitar, para dar esta educação, todas as occasiões que se lhes proporcionem; convém mesmo que seja continuada durante todo o curso da educação intellectual, da educação physica e da instrucção profissional. — Estas deverão ser dirigidas sempre de fórma a concorrer efficazmente para a educação moral, evitando qualquer contradição com os preceitos d'ella.

O exemplo constitue o mais poderoso meio da educação moral, convindo accentuar-se que um dos mais solidos fundamentos da força moral reside na affeição, na estima e na confiança reciprocas dos chefes e dos subordinados, e emfim, na confiança em si proprio, que resulta d'uma educação militar completa.

— A *educação intellectual* deverá proporcionar a todos os militares os conhecimentos geraes que lhes são necessarios em vista da preparação da guerra. Aos illetrados ensinar-se-ha a ler e a escrever, de fórma a restituir aos campos, á agricultura, trabalhadores activos e instruidos.

A educação intellectual do simples soldado não póde constituir o objecto de lições especiaes; em vista do reduzido tempo de serviço activo essa educação resultará naturalmente da instrucção profissional.

As praças encontram nas escolas regimentaes o meio de augmentar a sua instrucção.

Os commandantes dos corpos representam um papel importante como propulsores de toda a instrucção, visto que o regimento é hoje uma verdadeira escola. Devem promover cuidadosamente o aperfeiçoamento incessante

dos officiaes, animando-os nos seus estudos, facilitando os seus trabalhos, despertando estimulos bem cabidos e proporcionando-lhes as condignas recompensas.

A *educação physica* tem por fim dar ao homem a força physica, isto é, desenvolver o corpo em vista da preparação da guerra.

A civilisação favorece em extremo o desenvolvimento do espirito, tudo a expensas do corpo, dizia Napoleão I no principio do seculo passado.

O melhor elemento de correcção a este desequilibrio organico encontra-se naturalmente na educação physica, que assegura o funccionamento normal de todo o organismo.

O meio por excellencia da educação physica é a gymnastica, considerada como arte de desenvolver harmonicamente os orgãos, de tornar o homem senhor de seus movimentos, augmentando a sua agilidade, a sua força e a sua resistencia á fadiga.

O ensino de gymnastica no exercito tem de ser ministrado segundo uma gradação racional e progressiva, começando pelos movimentos rudimentares prescriptos pelos manuaes da especialidade, passando em seguida á gymnastica de desenvolvimento com o emprego de apparelhos apropriados e terminando pela gymnastica applicada, especialmente pelas escaladas a muros e transposição, em corrida, dos obstaculos dispostos n'uma pista convenientemente estabelecida.

Executando gradual e methodicamente estes exercicios e não descurando os mais elementares preceitos da hygiene, o soldado conseguirá augmentar o vigor e a resistencia physica aos trabalhos da guerra.

A força physica gera naturalmente a confiança em si proprio, que é um dos primeiros elementos da força moral.

A confiança em si proprio, diz o general Lewal, é a certeza de possuir os recursos necessarios para se tirar de qualquer difficuldade superveniente.

Esta segurança amplifica as outras qualidades, ao passo que a desconfiança as deprime.

A *educação profissional* tem por fim ensinar aos militares tudo o que elles devem saber em vista da sua preparação para a guerra.

Abrange, por consequencia, todos os regulamentos militares, alguns dos quaes são communs a todas as armas. O essencial para a infanteria, que é a massa do exercito, é o tiro, a tactica elementar, a utilisação do terreno,

o serviço de segurança, o treinamento de marcha e o desenvolvimento das forças moraes.

O ensino pelo methodo applicado é o unico que se deve empregar para o desenvolvimento da instrucção tactica dos officiaes. O estudo do combate deve occupar o primeiro logar n'este ensino, porque em toda a operação militar se faz mister considerar a eventualidade do combate: o combate é a rasão de ser da guerra.

O exercicio tactico de acção simples deve constituir a primeira phase da instrucção tactica dos officiaes.

A proficuidade do ensino resultará principalmente da habilidade e competencia do instructor, que póde fazer variar n'uma progressão racional os themas, de fórma a considerar os casos que mais geralmente se apresentam na guerra.

Mais tarde, quando os officiaes estiverem familiarisados com estes exercicios, dividem-se em dois partidos, que actuam um contra o outro. — O director determinando a posição inicial dos partidos, só intervirá para fixar e transmittir as informações e decidir os pontos duvidosos. O seu ensino reserva-se para a critica final da operação.

Na parte relativa ás praças de pret a instrucção profissional deve revestir uma feição simples, clara e methodica, tendo por texto os respectivos regulamentos.

O educador por excellencia do soldado é o official, porque só elle possue o tacto e a instrucção precisa para exercer esse mister.

O official procurará pôr os seus conhecimentos ao alcance do soldado, recorrendo a prelecções ou a conversas familiares entrecortadas de contos militares apropriados e de leituras bem escolhidas.

Em tempo de paz, o official educa e dá o verdadeiro tom ao exercito. E' a elle que principalmente compete manter o credito da instituição militar.

Na phrase conceituosa de André Gavet, as corporações de officiaes são verdadeiros fócos de vida e de moralidade do exercito.

E' o valor moral d'estes fócos que constitue a força do exercito.

O official, diz elle, é o mestre exemplar e auctorisado do dever civico da guerra.

Não ha missão mais bella que a do official.

Não ha auctoridade mais evidentemente legitima e

incontestavel do que a sua; não a ha mais altamente moral.

Desde o ingresso dos recrutas nas fileiras, o official deve, sem enfraquecer a sua auctoridade, adoptar processos de educação de que sejam banidos todos os rigores inuteis ou excessivos, afim de tirar o caracter rude e desagradavel ao ensino militar.

Por esta fórma grangear-se-ha dos subordinados a estima e a dedicação, que são os laços mais poderosos da disciplina militar.

Ainda não ha muitos annos que Camillo Pelletan, ministro da marinha do gabinete francez, se exprimia n'uma circular, que se tornou celebre, nos seguintes termos:

«A preparação para a guerra é a unica rasão de ser da nossa classe. Chegada a hora do combate, quando d'um lado houver todas as probabilidades da morte e do outro as punições disciplinares, que valerá a auctoridade do chefe se não tiver adquirido sobre os seus subordinados outro ascendente, alem do que possa dar-lhe o temor das repressões de que dispõe?

«Para que o official leve ao fogo os seus soldados não basta que seja temido; é indispensavel que tenha ganho a sua confiança, a sua affeição.

«A historia de todas as guerras prova que, com os homens da nossa raça, tão generosa e tão valente, se póde d'elles obter todos os sacrificios e todas as coragens, uma vez que o official se tenha feito respeitar e amar.

«E' a primeira condição da victoria; é, pois, o primeiro dever do official.»

O mesmo pensamento de alta moralidade se encontra na circular expedida em 31 d'agosto de 1905, por mr. Berteaux, ministro da guerra francez. Eis como elle se expressa: «Certamente não dá prova de zelo, de actividade e de vigilancia quem inflige numerosas punições; este procedimento é muitas vezes a prova do contrario, porque aquelle que castiga muito não soube prevenir as faltas.

Convem retardar o mais possivel o momento de applicar uma primeira punição. O primeiro castigo tem muitas vezes uma influencia consideravel sobre a maneira de servir, podendo gerar no recruta o desanimo e o desleixo, se ella é infligida antes d'este estar familiarisado com os seus deveres e sem fazer uma ideia exacta das exigencias da disciplina.»

Como se vê, as prescripções consignadas nas duas circulares de que transcrevemos alguns periodos, revelam uma orientação intelligente, respirando um ar de justiça e de humanidade, que muito convem seguir e fazer entrar nas nossas normas de educação militar.

b) A diversidade de elementos que o serviço obrigatorio leva ás fileiras

Para que a educação das tropas seja verdadeiramente proficua faz-se mister que o official educador se inspire das tendencias proprias de cada um dos elementos diversos que as constituem.

Podem classificar-se em tres cathegorias esses elementos: o camponez, o operario da cidade e as classes liberaes.

O camponez ama a sua terra; é geralmente de indole paciente, de natureza robusta, obstinada, sobria e laboriosa.

A sua imaginação trabalha morosamente, mas a sua comprehensão, em geral lenta, permitte-lhe fixar melhor, não os esquecendo, os detalhes do que se lhe ensina.

Pelas suas qualidades e pelos seus defeitos, o camponez forma no exercito a massa que sabe ser resistente á fadiga, stoica nas privações, calma no fogo, firme no seu posto de honra, mas um pouco pezada e sem iniciativa propria.

O operario é um producto da civilisação; nascido na corrupção das cidades é vicioso, indisciplinado, fallador, vaidoso e amigo das suas commodidades.

O seu sangue é menos puro, a sua saude mais precaria, mas, em compensação, é mais activo, o seu espirito mais vivo e o seu temperamento mais nervoso.

Menos docil á disciplina, é, todavia, mais animado, mais enthusiasta.

O operario é no exercito o elemento das resoluções repentinas, o homem das dedicações espontaneas, o soldado de recurso n'uma hora critica, mas, em contraposição, é menos resistente ás fadigas, mais sensivel ás privações, mais propenso a censurar os seus chefes.

A vivacidade propria do seu caracter põe uma nota alegre, animadora na monotonia dos acampamentos, nos transes de mais dura provação.

Estimula pelo ardôr, que lhe é peculiar, os seus camaradas do campo, os quaes, por seu turno, o ajudam e animam pelo seu exemplo de resignação passiva.

O terceiro elemento é fornecido pelas classes instruidas da nação: aristocracia, commercio e artes liberaes. Mas este elemento sómente se encontra em forte proporção nos exercitos que teem por base o serviço obrigatorio pessoal, sem substituições, nem remissões.

E' n'essas classes que se encontram as intelligencias exercitadas, os individuos que actuam com conhecimento de causa, as dedicações raciocinadas, os sentimentos desenvolvidos pela educação, os homens que teem a defender, alem da sua patria, os seus interesses, a sua fortuna, a sua situação.

Conhecem elles a grandeza da sua missão, apreciam melhor os perigos e medem bem o alcance do seu sacrificio, mas defendem tambem a propria causa, sendo ainda animados pela esperança da gloria.

Em resumo, as qualidades e os defeitos que caracterisam as tres cathegorias de elementos constitutivos do exercito podem exprimir-se singelamente da seguinte forma: no camponez predomina o espirito paciente, no operario o ardor, o enthusiasmo, nas classes liberaes a intelligencia, e a reflexão.

Estas qualidades combinadas constituem uma força respeitavel e consistente; pelo seu contacto, cada elemento communica aos outros os seus predicados, attenuando os seus defeitos, sempre que uma impulsão constante seja dada pela auctoridade para reprimir este e desenvolver aquelles.

E' este, como se vê, um dos problemas em cuja solução tem de exercer-se com mais tino e discernimento a missão do official educador.

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.

MODIFICAÇÕES A INTRODUZIR NA TACTICA DE INFANTERIA

Segundo os relatorios dos commandantes de corpos do II Exercito da Mandchuria

Em seguida á campanha da Mandchuria, o estado maior do 2.º exercito pediu aos commandantes de corpos relatorios sobre quaesquer modificações a introduzir na tactica de infanteria, conforme as lições da campanha.

Foi o tenente-coronel do estado maior russo Tovaritshew o encarregado da compilação d'esses documentos

Esse trabalho, que tem pois um caracter official, e que constitue um documento precioso, por isso que vem d'officiaes que fizeram aquella campanha, refere-se, como é natural, a todas as armas. O commandante Painvin, da secção technica de infanteria do ministerio da guerra francez, traduz na «Revue d'Infanterie» a parte que se refere á infanteria. A versão d'esse artigo para portuguez parece-nos dever interessar sobremaneira os nossos camaradas, constituindo a sua vulgarisação o unico merito do nosso trabalho.

Os traductores.

Operações da infanteria: a manobra, o fogo da infanteria e a sua importancia, conforme a experiencia da ultima guerra

Os principios em que assenta o combate, não mudaram; os methodos, porém, são novos, na maioria dos casos.

A physionomia do combate moderno é a seguinte:

1.º — Dispositivo do adversario perfeitamente occulto.

2.º — Por consequencia — e isto em toda a duração do combate — a necessidade de reconhecer com cuidado o inimigo; conducta analoga da parte d'este ultimo.

3.º — Concentração das forças em conformidade com as informações dadas pelos reconhecimentos.

4.º — Desenvolvimento d'um certo numero de baterias do atacante, ficando em reserva uma parte da artilheria.

5.º — Provocação do fogo de artilheria por meio da marcha d'avanço da infanteria.

6.º — Duello da artilheria.

7.º — Reconhecimento definitivo do inimigo e da posição por elle occupada.

8.º — Grupamento das forças destinadas a executar o assalto, segundo os resultados d'este reconhecimento.

9.º — Marcha offensiva da infanteria, quando tenha enfraquecido o fogo da artilheria de defeza.

10.º — Travessia da zona batida pelo fogo da artilheria de defeza, tanto quanto possivel a coberto e sob a protecção das proprias baterias.

11.º — Posse do terreno conquistado, por meio de posições intermedias entrincheiradas.

12.º — Ataque sob o fogo de infanteria. Accumulação progressiva das tropas nas dobras de terreno, detraz de obstaculos e outros abrigos.

13.º — Assalto.

1.º — *Operações da infanteria:*

A manobra é um dos principaes elementos do combate. Deve ser precedida d'um largo reconhecimento feito na frente e nos flancos. Este reconhecimento é primeiramente feito a distancia pela cavallaria e depois, quando se chegue ao alcance efficaz da artilheria inimiga, por esclarecedores a pé, avançando a coberto. Todas as praças devem ser exercitadas no serviço de reconhecimento.

O reconhecimento deve ser executado por todas as unidades, inclusivé a companhia, cada uma operando nos limites do papel que lhe haja sido distribuido.

Os orgãos de reconhecimento devem sempre estar adstrictos ás suas respectivas unidades.

Em muitos casos, durante a ultima guerra, bastantes unidades se encontraram inopinadamente sob a acção do fogo da infanteria; não teria assim succedido se a marcha offensiva houvesse sido precedido por um cuidadoso reconhecimento.

O reconhecimento tem por fim descobrir o dispositivo das tropas inimigas e determinar o seu ponto mais fraco.

Uma vez obtido este *desideratum* dever-se-ha executar uma «demonstração», para desviar d'este ponto fraco as forças e a attenção do inimigo

Até agora tem-se supposto não poderem destacamentos de fraco effectivo executar simultaneamente um ataque demonstrativo e um movimento envolvente ou torneante. Pois esta dupla missão, confiada mesmo a pequenas unidades, foi sempre desempenhada com successo. E' bom orientar as tropas n'este sentido.

Logo desde os primeiros dias da instrucção o official deve habituar-se a manobrar com a sua unidade. Um official assim instruido, tornar-se-ha um chefe sabendo não só commandar mas tambem dirigir a sua tropa.

Quando se tenha conseguido distrahir a attenção do inimigo do ponto escolhido para o ataque por meio de «demonstrações» e concentrado em frente d'este ponto as forças principaes — todas as tropas disponiveis — executar-se-ha o ataque decisivo com a firme resolução de vencer, custe o que custar, sem se olhar a perdas, elevadas que ellas sejam, e empenhando, se tanto fôr preciso, o ultimo batalhão da reserva.

Para habituar as tropas a assim proceder, é indispensavel dispôr as manobras em tempo de paz, de modo que todas as acções, mesmo as mais simples, sejam *combates de encontro*. Não se deverá designar com antecedencia o partido que permanecerá na defensiva e aquelle que ha-de tomar a offensiva.

As posições iniciaes dos dois partidos devem estar tão affastadas uma da outra, como na realidade, com a applicação dos respectivos serviços de segurança, reconhecimento, etc.

Formações de combate na offensiva:

E' preciso exercitar as tropas em passar directamente da columna de marcha para a formação de combate, sem previa concentração.

O desenvolvimento para combate executa-se fóra da acção da artilheria (approximadamente 5 kilometros), visto ser hoje em dia impossivel manobrar sob o fogo d'esta arma.

Não basta dispôr os elementos da formação de combate ao abrigo dos projecteis: a artilheria moderna está, com effeito, habilitada a atirar sobre alvos invisiveis e a propria infanteria começa a executar com successo o tiro indirecto ou sobre zonas.

Não se deverão vêr columnas mesmo a distancias correspondentes ao alcance maximo das boccas de fogo. Dever-se-hão desenvolver em tempo opportuno. E' forçoso que o terreno onde se haja de operar a marcha offensiva seja, tanto quanto possivel, limpo dos esclarecedores inimigos.

Os esclarecedores amigos terão por missão reconhecer e estudar este terreno, transmittindo as suas informações á auctoridade superior. Só em presença d'ellas esta poderá dar as suas instrucções para a offensiva.

— Fóra da zona de fogo da infanteria, a marcha de avanço dever-se-ha executar, na medida do possivel, a coberto. N'esta phase todas as formações se poderão adoptar, comtanto que não sejam expostas a perdas produzidas pela artilheria adversa e estejam desenfiadas das vistas dos esclarecedores inimigos.

Taes formações poderão ser:

N'uma fileira (algumas vezes por filas abertas), por pelotões ou secções, visto ser difficil dirigir uma companhia inteira em ordem extensa.

Os pelotões ou secções poderão ser escalonados. Se marcharem na retaguarda uns dos outros, a distancia que os separa deve ser approximadamente de 300 passos, afim de não serem attingidos pelo mesmo projectil. As secções poderão progredir em zig zag, utilisando, para se dissimular, as ruas das localidades, os fossos, as orlas dos bosques, etc. Os espaços descobertos poderão ser franqueados por grupos, homem por homem, etc. A marcha deverá ser feita em ordinario.

— Na zona do fogo de infanteria (1:500 a 2:000 passos), a marcha de avanço effectua-se por lanços, homem por homem, por dois homens, ou por pequenos grupos e, quando seja possivel, por secções ou pelotões inteiros d'um abrigo para outro.

Antes de cada lanço o commandante de cada esquadrão deve previamente graduar a olça para a nova distancia, antes de se pôr em marcha: este processo offerece garantias sobre a exactidão da alça empregada.

Os pelotões ou secções concentrar-se-hão á retaguarda dos abrigos que encontrem.

Não se deverá impedir ás unidades as accumulações á retaguarda dos abrigos, porque o essencial é o approximar-se o mais possivel do inimigo, sem ser visto.

O avanço poder-se-ha executar, rastejando, dobrado para a frente, em passo ordinario ou em accelerado.

Para tornar a acção do commando mais facil é vantajoso dividir a linha de atiradores em grupos.

E procedendo como atraz fica expendido é que o atacante consegue approximar-se o mais possivel do defensor.

Durante a campanha da Mandchuria, em muitas circumstancias o atacante, em vista do fogo violento, levou um dia inteiro para executar um avanço de algumas centenas de passos. Por seu lado o defensor executando um contra-ataque (em geral durante a noite) esforçava-se em reconquistar este terreno perdido.

Este caracteristico de batalha moderna obriga o atacante a assegurar a posse do terreno conquistado passo a passo. D'onde a necessidade para as reservas da companhia e do batalhão irem construindo entrincheiramentos com um perfil ligeiro em todas as posições vantajosas que encontrem.

O numero de posições intermedias varia segundo as circumstancias.

Segundo o antigo regulamento (russo) a ultima posição devia estar situada a uma distancia de 300 a 400 passos do defensor. Ella é hoje, porém, muito grande, porque as tropas, mesmo as

melhores, se forem expostas a um fogo violento, para atravessar d'um lanço um espaço de terreno tão largo, depressa estarão extenuadas. A ultima posição de tiro deve pois estar muito mais proxima do defensor, por exemplo no proprio sitio onde começa a linha de defezas accessorias.

A reserva do batalhão deve encontrar-se a uma distancia tal das unidades da 1.ª linha, que tenha a possibilidade de se approximar d'esta em tempo opportuno para a apoiar. Em todos os terrenos esta distancia deve ser avaliada não *em passos ou metros* mas *em minutos*. A ultima guerra demonstrou sufficientemente tal necessidade. Mais d'uma vez se teve de abandonar uma posição, porque a reserva estabelecida por exemplo na base d'uma collina, levava duas ou tres horas para ganhar a distancia que a separava da linha da fogo e chegava demasiado tarde.

E' indispensavel que a reserva possa prestar o seu apoio ás unidades da primeira linha dentro de 20 ou 30 minutos.

Entrando na zona do fogo efficaz da infanteria a reserva deve deslocar-se, empregando tambem o processo de «accumulação» na retaguarda dos abrigos.

Durante as evoluções é de toda a necessidade que os unidades, os chefes e a artilheria estejam ligados pelo telephone, que deve e pode ser empregado o mais largamente possivel, de preferencia aos signaes.

A signalisação semaphorica é boa, exigindo porém muito tempo.

O numero de signaes não deve ser elevado, bastando os de avançar, retirar, marchar para os flancos, etc.

Os toques de corneta são absolutamente inuteis e alguns como o «de preparar para a carga», até nocivos.

A carta, a bussola e o binoculo devem ser empregados em larga escala. Em Mukden muitos destacamentos se perderam por não saberem orientar-se.

Deve attender-se ao equipamento da infanteria. O dos russos era de excessivo pezo, contribuindo para as manobras serem lentas e morosas a ponto de muitas unidades por esse motivo chegarem tarde aos pontos designados.

(Continua)

SATURIO PIRES E GONÇALVES AMARO
Tenentes.

CONCURSO LITTERARIO

No cumprimento da tarefa que a «Revista de Infanteria» se impoz de procurar fomentar e desenvolver a instrucção militar em todas as classes do exercito, abriu no anno passado um concurso litterario para sargentos, analogo ao que já anteriormente tinha sido organisado para officiaes. N'essa occasião dissemos que o nosso exercito contava com uma pleiade de sargentos instruidos,

OS CONCORRENTES CONTEMPLADOS

Mario da Costa Vasconcellos
2.º sargento d'infanteria 23

Annibal Augusto
1.º sargento de caçadores 3

Antonio Evaristo da Silva Cruz
1.º sargento d'infanteria 11

Antonio Maria
1.º sargento d'artilheria 4

intelligentes e dedicados pela causa que abraçam, e de facto o numero de concorrentes que appareceu mostra bem quanto aquellas palavras são verdadeiras, pois que é de 17 o numero de *aide-memoires* apresentadas ao concurso, como já foi dito no n.º 11 — Novembro — 1908.

Sendo os *aide-memoires* entregues a uma commissão de tres officiaes superiores da nossa arma, os ex.mos srs. tenente-coronel André Joaquim de Bastos, commandante do batalhão de caçadores 2 da Rainha; tenente-coronel Adriano Accacio de Madureira Beça, chefe da 1.ª repartição da direcção geral da nossa arma; e Julio Angelo Borges Cabral, major do batalhão de caçadores 2 da Rainha, officiaes bem conhecidos no nosso meio militar, e tão distinctos pelo seu saber e illustração como nobres pelo seu caracter, emittiram o seu parecer, que passamos a transcrever:

Aos vinte e trez dias do mez de maio de 1909, reuniram-se os officiaes abaixo assignados, constituidos em commissão, e que na «Revista de Infanteria» n.º 12, de dezembro de 1908, foram nomeados para apreciar os *aide-memoires* apresentados em vista do concurso aberto na mesma «Revista», n.º 4, de abril do mesmo anno.

Tendo lido attentamente os trabalhos apresentados em numero de dezesete (17), e comparando-os devidamente, são de opinião que o *aide-memoire* mais completo e methodico é o que foi apresentado sob o numero *222*, e pelo que o classificam em primeiro logar, seguindo-se lhe por sua ordem os que foram apresentados sob os numeros *0,009805*, *136* e *33 y*, que não são completos, e que portanto não julgam em circumstancias de serem premiados, considerando comtudo os auctores dignos de louvor, porque os seus trabalhos ainda assim revelam estudo e dedicação.

Os restantes dá-os a commissão como postos fóra do concurso, por os julgar insufficientes.

Lisboa, 23 de maio de 1909.

André Joaquim de Bastos
Tenente-coronel de caç. 2

Adriano Accacio de Madureira Beça
Tenente-coronel d'infanteria

Julio Angelo Borges Cabral
Major de caçadores da Rainha.

Passando-se em seguida á abertura dos 4 enveloppes que acompanhavam os *aide-memoires* com aquelles numeros, verificou-se que o de n.º 222 pertencia ao 2.º sargento Mario da Costa Vasconcellos, que na occasião estava no ultramar e que presentemente pertence ao regimento de infanteria n.º 23; o de n.º 0,009805 que pertencia ao 1.º sargento do batalhão de caçadores n.º 3, Annibal Augusto; o de n.º 136 que pertencia ao 1.º sargento do regimento de infanteria n.º 11, Antonio Evaristo da Silva Cruz; e finalmente que o de n.º 33 y pertencia ao 1.º sargento do regimento de artilheria n.º 4, Antonio Maria.

Coube, pois, o primeiro premio, premio pecuniario de 30$000 réis, ao 2.º sargento Mario da Costa Vasconcellos, e sendo a illustre commissão de parecer que as restantes eram dignas de louvor, assim o tornamos publico para que esses dedicados e intelligentes trabalhadores como taes sejam reconhecidos pelos seus camaradas, pelos seus chefes e estações officiaes. E desejando nós patentear bem a muita consideração em que a «Revista de Infanteria» tem esses tão justos como merecidos louvores, nas suas columnas inclue os retratos dos auctores dos *aide-memoires* que alcançaram essa distincção.

Aos nossos illustres camaradas da commissão e prezados amigos, que com toda a imparcialidade e competencia nos auxiliaram n'esta tarefa, os nossos sinceros agradecimentos.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

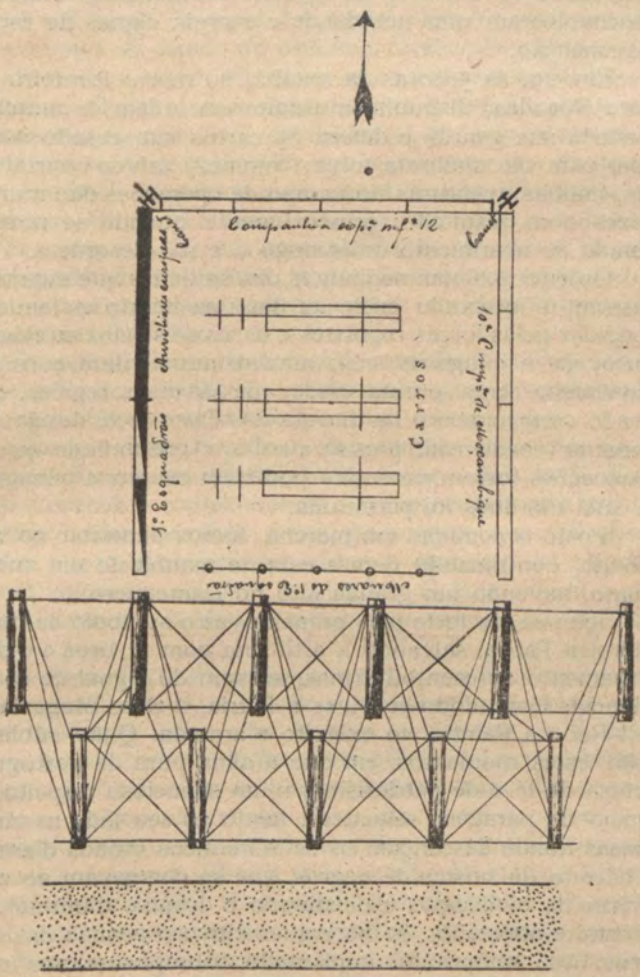
(Continuado do n.º 6—1909)

O destacamento foi acampar e pernoitar n'esse dia junto á rede de arame farpado do forte Damequero, tomando as tropas o dispositivo indicado na fig. 5; aqui tivemos conhecimento de nenhum perigo terem corrido os officiaes portadores de telegrammas ao forte Roçadas, por estar montada a linha telegraphica entre os dois fortes.

Ao alvorecer do dia seguinte levantou-se o acampamento e seguimos para a base de operações, tendo-se

percorrido 52 kilometros em 26 horas, descançando-se 13 no forte Damequero e Ancongo, notando que se escoltavam 45 carros boers.

Logo que cheguei ao ponto de destino, ordenei ao tenente Teixeira Pinto, commandante dos auxiliares e do



Fg.ª 5

F.te do Ancongo

comboio, que marchasse para o Humbe, aprehendesse todos os carros boers e *spans*, e os fizesse seguir para o forte Roçadas; ao alferes da administração militar Tristão, encarregado do deposito, que mandasse carregar os carros com viveres e munições, devendo estas ser entregues pelo commandante superior do Cunene; os alludidos officiaes desenvolveram uma actividade e energia dignas de especial menção.

Em 29, ás 5 horas da manhã, no morro fronteiro ao forte Roçadas, dispunha a escolta em ordem de marcha, tendo á sua guarda e defeza 85 carros, um pesado comboio para tão diminuta força; commetti talvez imprudencia, mas as aventuras no campo de operações dão muitas vezes bom resultado, principalmente quando se nota o estado de abatimento do inimigo e a sua desordem.

Ordenei aos commandantes das unidades que augmentassem o intervallo entre as filas; as munições iam defendidas pelas forças regulares e os viveres pelos auxiliares europeus e indigenas, cujo numero augmentara consideravelmente com pretos vindos de diversas regiões, que tendo conhecimento da derrota dos Cuamatos, desejavam mostrar obediencia, prestar auxilio, e presumindo que as povoações fossem razziadas, poderiam exercer a pilhagem, a qual não lhes foi permittida.

Posto o comboio em marcha, fômos pernoitar no Ancongo, continuando depois esta na manhã do dia immediato, havendo um grande alto no Damequero.

Içou-se no forte pela primeira vez o symbolo da nossa heroica Patria, salvando a artilheria com 21 tiros e o destacamento apresentou armas, ao som do signal de continencia, levantando-se vivas á Patria, a Suas Magestades El-Rei e a Rainha, ao exercito e armada. Quão sublimes são estes momentos, em que a alma pura de portuguez, cheia de fé e de patriotismo, n'um silencioso respeito, no meio de paragens selvaticas, tendo ao seu lado as covas razas aonde descançam os seus heroicos irmãos d'armas, rodeada de hostes de negros, que se chamavam ao convivio da civilisação e obediencia e debaixo d'um sol tisnante e abrazador, se vê erguer altivo o pendão das quinas, que sempre foi implantado triumphante nos mais remotos confins do mundo. Bellos! Sublimes tempos! Então a perfida politica não humilhava as nossas gloriosas tradições, e dia a dia se inscrevia com brilho uma pagina vehementemente sublime na nossa historia.

N'este mesmo dia acampamos perto do Alluendo, e ao dispôr o destacamento em quadrado, fui prevenido pelos meus camaradas capitão de cavallaria Montez e tenente Lusignan, que grupos de Cuamatos armados nos rodèavam. Respondi-lhes que tinhamos forças e munições sufficientes para os bater.

A's 8 horas da noite dei signal para o acampamento da columna da estada do comboio, recebendo o entendido.

Durante a marcha ordenei aos auxiliares a queima de todas as libatas que encontrassem, e affastando-se 2 a 4 kilometros de cada lado da columna, cumpriram a ordem, vendo-se á retaguarda elevados e negros rolos de fumo.

Abasteci os postos com mantimentos, chegando ao Cuamato Pequeno no dia 1 de outubro pelas 5 horas da tarde, com 78 carros, com satisfação de todos, já pelo bom resultado da missão, já porque tendo a ração reduzida, viam abundancia de generos e recebiam correspondencia das familias.

O commandante da columna recebeu numerosos telegrammas de felicitações, destacando-se o do presidente do conselho e ministro da guerra:

Commandante Roçadas. Mossamedes. Aucongo. Cuamato. — Em nome El-Rei, Paiz, governo felicita V. Ex.ª seus intrepidos companheiros d'armas, com maior enthusiasmo, pelos heroicos feitos praticados, que nos unem todos á admiração, reconhecimento sentimos do coração perda valorosos officiaes e soldados. O Paiz saberá cumprir seus deveres. Abraço com maxima saudação. (a) *João Franco.*

Commandante da columna expedicionaria. Mossamedes. Aucongo. Cuamato. — Envio os mais enthusiasticos votos pelo brilhante exito, tão heroica campanha, a V. Ex.ª como bravo commandante e aos officiaes e praças toda a columna, felicitando-os pelas glorias alcançadas para a historia militar do nosso Paiz. Em nome do exercito e armada congratulo-me com os valentes companheiros de armas, coragem e denodo teem sabido defender e honrar a bandeira nacional, A' memoria dos mortos no seu posto de honra mais sentida homenagem. (a) *Ministro da guerra.*

Notei que o acampamento da columna se havia mudado para o forte D. Luiz de Bragança, em construcção pouco adeantada, devido á sua grandeza e a remoção de terras ser difficil, o terreno estar muito calcado, pois que a residencia do soba alli existia ha muitos seculos, e ha-

ver grossas raizes de arvores a cortar, por terem derrubado a enorme e resistente palliçada.

Durante a nossa ausencia nenhuma occorrencia se déra, a não ser numerosas queimas de libatas, pelo 2.º esquadrão.

Divisão do paiz do Cuamato — População e sua distribuição pelo territorio — Auctoridades indigenas — Allianças — Incursões, costumes, etc.

Divisão do paiz do Cuamato. — O paiz divide-se em duas *regiões* ou *tribus* — Cuamato Pequeno, tendo por soba Chiétaquelo, com residencia na embala Mogogo; Cuamato Grande, soba Chaulo e residencia Naloéqué.

Esta divisão provinha da grande extensão do paiz e de antiquissimas dissidencias de successão.

A primeira d'estas tribus é a mais aguerrida, armada, rica e dispondo de bons atiradores; a segunda mais numerosa, mas não predominando tanto estas qualidades.

População. — Não se pode por emquanto precisar a população do paiz, comtudo, é o mais habitado de todo o Ovampo portuguez. Os pretos não fórmam grandes povoações; o soba vivia na embala com as suas mulheres e escravos e perto d'esta habitavam, em libatas, a familia e pessoal da sua côrte; o gentio reune-se em familias, vivendo em cubatas cercadas por pau ferro a pique (palliçadas), dando-se ao seu conjuncto o nome de *libata;* procuram de preferencia os sitios escondidos entre o matto, onde haja agua (*cacimbas*), e o terreno seja proprio para os *arimbos.*

Auctoridades indigenas. — Cada libata tem o seu chefe, fidalgo, succedendo-lhe o sobrinho mais velho, que não tenha lesão ou deformidade (1); um grupo de libatas obedece a um *sékulo,* escolhido entre os chefes mais poderosos, ricos, e que possuam maior numero de pessoas.

Todos obedecem ao soba, que é eleito pelo povo entre os sobrinhos, ou nos chefes de prestigio e preponderancia; é absoluto, a sua vontade é religiosamente cumprida e só consulta a côrte em casos muito excepcionaes. A menor contrariedade d'um vassallo seria o sufficiente para o mandar matar, e á familia.

(1) O argumento apresentado para a successão é o seguinte: o filho da minha irmã é meu sobrinho, os meus filhos podem deixar de o ser.

Alliança. — As duas tribus apesar de viverem independentes e as relações entre os povos não serem as mais cordeaes, estabeleceram o pacto de se auxiliarem mutuamente em caso de guerra, quer fôsse com os brancos ou outras tribus, por temerem principalmente o Cuanhama.

Costumes. — Vivem no estado quasi barbaro, usando quatro tiras de pelles, duas na frente e duas á retaguarda. A sua alimentação reduz-se a farinha de milho (*pirão*), massambala, massango, feijão frade, aboboras, raizes de hervas, caça, e de algum boi que morre por desastre ou doença.

As mulheres são consideradas muito inferiores aos homens e só comem depois d'estes se terem servido. Os paes tratam os filhos com carinho e estes são amamentados até aos 5 e 7 annos.

Religião. — Não crêem em nenhuma divindade; tudo o que existe e possa succeder é *feiticio*; a morte nunca é natural, foi um espirito mau e perdido que matou a pessoa. O casamento é feito por meio de contracto entre as familias ou por simples vontade dos conjuges, mas n'este caso não é valido; podem ter as mulheres que desejarem, geralmente *gentio*, duas a dez, e *fidalgos*, dez a quarenta.

Agricultura. — Não cultivam em larga escala o sufficiente para se alimentarem; as mulheres, além de todo o serviço domestico, são quem trabalha nos *arimbos*; os homens preparam estes, cortando as arvores e arbustos, de resto constroem as libatas e dedicam-se á caça e pilhagem.

Justiça. — Todos os crimes e questões são resolvidas pelas auctoridades indigenas; as penalidades consistem no pagamento de bois e creanças á pessoa ou familia que venceu o pleito; quando se suscitam duvidas ou um ponto não está claro na discussão da causa (*endaca*), é esclarecido pelo feiticeiro (geralmente o *quimbanda*, cirurgião), quem adivinha o ponto obscuro.

Gados. — A região é rica em gado, dando-se ali admiravelmente, devido ás boas pastagens. E' digno de reparo o bom estado e bella apparencia do gado bovino, havendo innumeraveis rebanhos.

O gado caprino, lanigero e suino tambem alli se dá muito bem, existindo em grande quantidade.

Caça. — E' numerosa, encontrando-se facilmente ga-

zellas, coelhos, lebres, gallinhas de matto, perdizes, rolas, etc.

Organisação militar. — Cada libata tem um *chefe militar* e um *tambor*, batuqueiro, e cada sékulo um lenga, chefe de guerra.

Em tempo de guerra, todos os homens validos pegam em armas, reunem-se em logar previamente determinado, sob o commando dos lengas, que são montados, e recebem ordens do soba por intermedio dos fidalgos da côrte, tambem montados em bellos e velozes cavallos.

Tactica. — Combatem na ordem dispersa, aproveitando sabiamente todos os abrigos, e seguem os movimentos envolventes.

Armamento. — Cada preto compra a sua arma e munições, cuidando de tudo com esmero; poderiam servir de espelho a muitos soldados europeus.

Na embala, o soba concentrava as reservas de armamento e munições compradas com o tributo pago pelo povo.

O armamento é de diversos systemas, mas os mais usuaes são: Martini, Kropatscheck, Snider e 303, com as respectivas munições, sendo algumas com bala explosiva; para a lucta corpo a corpo servem-se da zagaia, machados e porrinhos (móca).

Exercicios militares. — Simulam ataques em presença dos chefes e exercitam-se no tiro ao alvo, no arremesso da flecha e no jogo da zagaia; não desconhecem a graduação da alça até 700 metros, ensinada no acto da compra da arma pelos commerciantes, bem como o seu funccionamento, e por ex-soldados d'outras regiões.

Exercicios physicos. — Exercitam-se nas corridas de resistencia, saltos de obstaculos e dança, sendo d'uma agilidade pasmosa.

Incursões. — Sahiam todos os annos, nos mezes de agosto e setembro, em columnas de dois a tres mil pretos, a razziar outras tribus, roubando bois, mulheres e creanças, que ficavam tidos como escravos, e só as restituiam com o pagamento de bois, armas e mantimentos.

O ideal predominante dos Cuamatos e Cuanhamas é possuirem um cavallo, uma arma e munições, e só para as adquirirem é que estabelecem relações com os *funantes* (commerciantes no matto), vendendo estes cada arma por dez bois e um maço de cartuchos por cada bezerro, ou seja 300$000 a 400$000 réis e 6$000 a 9$000 réis,

quando, sem pagar direitos, poder-lhe-hão custar 20$000 e 300 réis; reputo o negocio vantajoso e convidativo.

O contrabando é introduzido pelo planalto de Caconda, Huilla e Benguella, por allemães, portuguezes e boers; emquanto o governo não castigar severamente estes bandidos, as guerras na provincia de Angola não deixarão de existir. Não é só preciso castigar o preto julgado insubmisso e rebelde, torna-se tambem necessario conhecer as causas da sua origem; e o negocio não pára, pois consta-me, e com visos de verdade, que pouco tempo depois da campanha dos Cuamatos, seguiram para o Cuanhama carros com munições. Não virá longe o dia em que o paiz do Cuanhama ou pertencerá á Allemanha, ou sacrificio de vidas e dinheiro nos ha-de custar.

Mas adeante, vejam com olhos de vêr e tenham coragem para reprimirem estes abusos, que deprimem a Provincia, não a deixam progredir e lhe consomem os parcos rendimentos e dotações; tem ella á sua frente Paiva Couceiro, valente, energico e illustre governador, e estou crente que tal estado deverá cessar, bastando-lhe o apoio da metropole.

*

A columna continuava a reduzir-se consideravelmente, por se terem guarnecido os fortes, pelas baixas dos mortos e feridos e por augmentarem os doentes, com febres e incommodos intestinaes; as enfermarias do forte Roçadas estavam repletas, apesar de terem evacuado muitos para o hospital do Lubango e Mossamedes.

Desprezando-se estes ponderosos motivos, o commandante da columna entendeu, e muito bem, que o paiz não ficaria completamente pacificado, sem se bater o Cuamato Grande, tanto mais que tratando-se os prisioneiros de guerra e feridos com toda a hospitalidade, e dando-lhes a liberdade para irem dizer aos seus irmãos, que desejavamos a paz, e se elles se apresentassem seriam bem tratados, dando-lhes bandeiras brancas para serem reconhecidos; além d'isto, parlamentando-se com elles, durante a noute, dando-se-lhes salutares conselhos, sendo a sua resposta ou um improperio ou que o não faziam por lhe querermos roubar as mulheres, filhos e bois.

Por estas razões, a ordem da columna do dia 3 d'outubro, determinava: 1.º, ámanhã ao alvorecer, a columna

siga com marcha de avanço sobre a embala do Cuamato Grande; 2.º, dispositivo da formatura o habitual; 3.º, a bateria Erhardt collocará duas peças ao centro da face da frente e uma em cada flanco, a da Canet procederá da mesma fórma na retaguarda; a companhia de marinha destaca um pelotão para a face esquerda, e a expedicionaria um para a mesma face e outro para a retaguarda; 4.º, o 1.º esquadrão marcha para o forte Damequero e protege a montagem da linha telegraphica; 5.º, de guarnição ao forte D. Luiz de Bragança fica a 14.ª companhia indigena, os doentes, uma peça Krupp e os auxiliares dos carros, sob o commando do capitão d'infanteria Mario de Sousa Dias; 6.º, com a columna seguem sete carros, cinco para viveres, um para munições e outro para doentes.

Tete, 1 — 12 — 908.

(Continua) F. PIMENTEL
Cap. d'inf.ª

Continuação da subscripção a favor da familia do fallecido major do quadro da reserva Alfredo Carlos Peixoto, que ficou em precarias circumstancias:

Transporte do n.º 6, 146$355; grupo d'artilheria de guarnição n.º 2, 1$700; Regimentos d'infanteria n.º 2, 1$600; n.º 3, 5$600; do ex.mo sr. Alberto Fernando Peixoto e Cunha, commandante do D. R. R. n.º 7, 1$000; districto de recrutamento e reserva n.º 21, 1$000. Somma, 157$255.

Lisboa, 10 de junho de 1909.—A commissão: *José Bernardo Ferreira*, cap. do D. R. R. n.º 5; *José Castanheira Nunes*, cap. d'inf. 16; *Garcia de Moraes*, cap. medico d'inf. 16; *Joaquim Pereira Cardoso*, ten. d'inf. 16; *Julio José Domingues*, alf. d'inf. 16.

Secção do extrangeiro

Allemanha. = *Augmento de soldo.* — O governo imperial allemão apresentou ha poucos mezes ao parlamento um projecto de lei tendente a augmentar o vencimento dos tenentes e capitães. A commissão de fazenda, a quem foi entregue o projecto, pretendeu augmentar ainda os vencimentos projectados, mas reconhecendo que um pequeno augmento elevava o excesso de despezas em mais de 1 milhão de marcos, desistiu do seu intento e adoptou o projecto governamental.

Segundo este projecto os capitães modernos ficam com o vencimento de 3:400 marcos (o marco vale sensivelmente 225 réis da nossa moeda), ao quarto anno de posto passam a ter 4:600 e ao oitavo 5:100 marcos.

Os vencimentos estipulados para os oito primeiros annos do posto de capitão são os mesmos que vigoram presentemente, não havendo, portanto, augmento, que apenas é concedido depois dos oito annos. Esta medida não é bem acceite, porque sendo a media das promoções ao posto de capitão aos 38 annos, aos 45 annos de edade ainda recebe o capitão allemão 4:500 marcos.

Para os tenentes foi adoptada a seguinte escala: vencimento inicial de 1:500 marcos, e de 3 em 3 annos um augmento de 200 marcos, de sorte que ao cabo de 13 annos de serviço o vencimento será de 2:400 marcos. Os vencimentos d'esta classe ficam tambem sensivelmente os mesmos, mas a sua distribuição é que porém é differente. Os tenentes que comtudo tiverem certos estudos serão *avantajados* de fórma a anteciparem de dois annos os augmentos triannuaes.

O projecto ministerial augmentava de 50 % as indemnisações de renda de casa para todos os officiaes. A commissão parlamentar reduziu este augmento a um terço, mas por fim accordou-se que o augmento fôsse de 45 %, de sorte que um capitão que recebia 900 marcos, passará a receber 1:300.

Estas medidas estão porém pendentes ainda não só da approvação do parlamento, mas tambem da reforma financeira do imperio, que tem sido uma questão muito debatida.

Cursos de tiro.—Na escola de tiro de infanteria realisar-se-hão este anno os seguintes cursos: Dois cursos de infanteria, da duração de 10 dias, a que assistirão 68 tenentes coroneis ou majores das tropas a pé, e mais um curso, tambem de informação, com a mesma duração, a que assistirão 30 coroneis ou tenentes coroneis das tropas a pé e mais 26 majores de cavallaria.

Cinco cursos de instrucção de 20 dias, sendo 4 para 240 capitães e 120 tenentes das tropas apeadas e o quinto para 46 capitães e 40 tenentes de cavallaria.

Além d'isso organisar-se-hão cursos de 4 semanas na escola de Spandau e nos campos de instrucção de Munster e de Neuhammer, a que concorrerão 420 sargentos de infanteria e 120 de cavallaria.

Distribuição de chá.—O ministro da guerra allemão determinou ultimamente que se fizessem grandes distribuições de chá ás tropas para substituir o café e a cerveja, pois que aquella bebida, além de ser mais refrigerante, não augmenta tanto a sêde como estas duas ultimas. Nas proximas manobras sómente se distribuirá chá ás tropas que n'ellas tomarem parte.

Hollanda.=*Companhias de cyclistas*,—Na Hollanda foram ultimamente creadas duas companhias de velocipedistas, cuja composição é a seguinte: 1 capitão, commandante, 2 tenentes, 2 primeiros sargentos, 6 segundos sargentos, 2 sargentos artifices, 12 cabos, 1 enfermeiro e 125 soldados. Cada companhia disporá de 146 bycicletes, 2 motocycletes e 2 automoveis, sendo as bycicletes dos officiaes sua propriedade. Dos 125 soldados dois são

destinados ás motocycletes e dois aos automoveis. Estas companhias tomarão já parte nas grandes manobras que este anno se realisam.

Instrucção militar preparatoria.—A Hollanda conta pouco mais de 500 sociedades de tiro, o que é importante para um paiz de 5 milhões e meio de habitantes. Os seus associados, instruidos no tiro e tactica, poderão já offerecer um reforço importante ao exercito activo em caso de mobilisação. Para que a instrucção da tactica e tiro se desenvolva a par da educação e espirito militar, que são coisas indispensaveis a todo aquelle que pretender fazer uso d'uma arma em campanha, o ministro da guerra auctorisou os membros d'essas sociedades a fazerem um periodo de serviço, que não poderá ser superior a 6 semanas, nos corpos do exercito activo. Este periodo de instrucção não os dispensa porém de qualquer prestação de serviço militar futuro. Não recebem vencimento algum, podendo porém aproveitarem-se do rancho, e dormir na caserna, e podem escolher á sua vontade o regimento e a companhia em que desejam servir. Os que já tiverem sido militares podem alistar-se como cabos e sargentos para serem admittidos depois ao exame respectivo, que fica sendo valido para os serviços de reserva.

Suissa.=*Sociedades de tiro.*—Para fomentar o mais possivel entre a classe civil o gosto pelo tiro, a Convenção subvencionou sempre as respectivas sociedades, o que fez com que tomassem um bem notorio desenvolvimento.

Esse subsidio era de dois francos por cada atirador que completava a instrucção que a lei exigia.

Como o gosto pelo tiro está radicado no povo suisso, foi ordenado que os individuos a quem anteriormente se impunha a obrigação de tomar parte n'esses exercicios, como são os reservistas, passassem agora a pertencer á sociedade de tiro da localidade em que estão domiciliados.

Por uma determinação recente, para as sociedades receberem aquelle subsidio, não basta que os differentes individuos completem a instrucção da tabella de tiro, pois que precisam ser socios effectivos. Para verificar que os subsidios sómente são concedidos quando os atiradores satisfazem a estas condições, foram nomeadas commissões cantonaes, geralmente compostas de officiaes.

O numero de sociedades de tiro tem augmentado d'uma fórma consideravel, o que é facil de julgar comparando a situação respectiva em 1892 e 1908.

	Em 1892	Em 1908
Numero de sociedades de tiro	2:947	3:856
Numero de associados.....	117:925	227:741
Socios que completaram a instrucção	78:659	170:984

Em face d'estas cifras vê-se que emquanto o exercito gastou em 1908 cêrca de 6 milhões de cartuchos na instrucção do tiro, os membros das differentes sociedades no mesmo periodo de tempo consumiram cêrca de 25 milhões.

12.º ANNO SETEMBRO DE 1909 N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A questão do generalato

I

Alea jacta est.

A arma de infanteria sente-se deprimida, amesquinhada na momentosa questão do generalato, e o seu legitimo pundonor leva-a a persistir conscientemente nas suas fundamentadas reclamações, até que lhe seja feita a justiça a que tem incontestavel direito.

Se ha causa mais profundamente moral, que se imponha á consideração dos poderes publicos, se ha reparação mais reconhecidamente justa, que se deva á arma de infanteria, é, sem duvida alguma, a revogação immediata d'esse conjuncto de disposições abstrusas, irritantes e odiosas, que parece haverem sido adrède forjadas para reduzir a uma parcella minima, insignificantissima, a representação da infanteria no quadro do generalato portuguez.

Perante uma injustiça tão palpavel, que todos reconhecem no fôro intimo da sua consciencia, mas que ninguem cura de reparar n'esta tristissima e caracteristica phase do predominio absorvente do utilitarismo da época, faz-se mistér que a arma lesada, não só na defesa dos seus mais sagrados direitos, mas ainda no interesse

do exercito inteiro, persista firme e systematicamente em demonstrar a legitimidade das suas reclamações até que os altos poderes do estado se compenetrem da indeclinavel necessidade de dar remedio a este mal estar latente derivado da vigencia d'uma lei defeituosa, que todo o espiricto recto e imparcial condemna, como attentatoria dos lidimos principios da equidade e do espirito de justiça, que deve presidir á racional distribuição dos altos postos da hierarchia militar pelas diversas armas e serviços do nosso exercito.

A synthese dos defeitos da lei resalta immediatamente do simples exame de factos concretos, que, sobre a constituição do generalato portuguez, se apresentam á nossa apreciação.

No momento actual os 26 generaes que figuram no quadro activo proveem: 10 da cavallaria, 7 da infanteria, 4 da engenheria, 3 da artilheria e 2 do serviço do estado maior.

Em presença d'estes numeros occorre desde logo fazer as seguintes perguntas:

1.ª — Sendo a massa principal do exercito constituida por tropas de infanteria, como se explica que essa arma tenha actualmente no quadro do generalato uma representação equivalente a pouco mais de $\frac{1}{4}$ do numero de generaes existentes na actividade do serviço?

2.ª — Havendo seis divisões militares, cuja força é na sua quasi totalidade composta de infanteria, como se justifica que, em contradição com os principios organicos em que se deve basear uma racional constituição da força publica, decorram annos successivos sem que no respectivo quadro figure um general de divisão, oriundo da arma de infanteria, para o commando effectivo d'uma d'essas grandes unidades?

3.ª — Estabelecendo a lei organica do exercito portuguez 12 brigadas de infanteria, como se explica que só uma esteja effectivamente commandada por um general de brigada, recorrendo-se a onze coroneis da arma para o commando interino das restantes?

4.ª — Não evidencia de per si só este facto a necessidade absoluta, impreterivel, de augmentar o numero de generaes de brigada de infanteria para que estas unidades tenham os legitimos commandantes que os principios d'uma sã organica lhes prescrevem?

5.ª — E não se reconhece implicitamente que aquelles

coroneis, senão na totalidade, pelo menos no seu maior numero, estão sendo injustamente lesados, porque tendo indiscutivel direito de occupar esses commandos como generaes de brigada e de ganhar a consequente antiguidade para generaes de divisão, são systematicamente arredados d'esse alto posto, ao qual, por um conjuncto de disposições obnoxias e de combinações cabalisticas, só poderão ascender aquelles a quem uma *original* contagem de tempo como official e a *originalissima* lei dos quintos, conjugadas com o *peregrino* systema das vagas fluctuantes, desbravam o terreno ou aplanam o caminho até ao apice da carreira militar, até ao mais elevado posto do exercito?

Poder-se-ha dar a estas perguntas claras e simples na sua essencia uma resposta satisfactoria, sem contrariar as inflexiveis deducções da logica e os racionaes principios da organica militar?

Respondam-nos, se o podem fazer, os defensores do actual systema de promoção dos coroneis, que dão ingresso no quadro do generalato.

Os factos n'ellas accusados não representarão verdadeiras anomalias de organica militar, incongruencias inadmissiveis na regular constituição d'um exercito, não evidenciarão por forma clara, imperativa, a urgencia absoluta de refundir as leis reguladoras da promoção ao generalato, estabelecendo-se em principios mais equitativos, mais humanos e mais conformes com as necessidades da defesa do paiz?

Basta attentar na flagrante desegualdade de representação das armas no quadro do generalato, na falta de proporcionalidade que desde 1895 se vem constatando, para todos se compenetrarem da indispensabilidade de medidas tendentes a remediar o mal, que affecta principalmente a arma de infanteria.

Esta arma que representa a grande força do exercito, *la marée humaine* do campo de batalha, tem sómente 7 generaes para um quadro de 26!

E' um grande corpo com uma cabeça pequenissima, similhando um organismo microcephalo, de que a arma não pode deixar de resentir-se nas suas diversas manifestações de actividade profissional.

Em contraposição, a engenheria, cuja força no exercito é representada por $\frac{1}{40}$ da infanteria, figura hoje com

quatro generaes, dois de brigada e dois de divisão, havendo em diversas epochas attingido a totalidade de 6 generaes, depois da reducção decretada em 1895.

Se o actual numero de generaes provenientes da engenharia fosse tomado como base de referencia ou termo de comparação entre as diversas armas, e observada a proporcionalidade com os quadros ou com os effectivos da infanteria, deveria esta arma ser representada hoje por 40 generaes, pelo menos!

Eis o resultado a que nos conduziria a incongruencia da lei de 1895.

A cavallaria é que na presente conjunctura bate o *record* da velocidade na conquista de logares no quadro do generalato: 4 generaes de divisão e 6 de brigada, ao todo 10 generaes, tantos como os regimentos da arma!

Assim, ao passo que na cavallaria e na engenheria se constata uma superabundancia de generaes que os serviços geraes do exercito não comportam, nem a especialidade das armas justifica, a infanteria continua a vegetar no nosso meio militar como planta exotica, enfermiça, esquecida por uns, amesquinhada por outros e ludibriada por todos.

A lei organica do exercito attribue-lhe 12 brigadas, cujos commandantes natos devem ser generaes de brigada; mas a cerebrina idéia das vagas fluctuantes, levada a um exaggero, que faz desesperar os prejudicados, não tem permittido que a arma base do exercito ultrapasse o minimo de 7 generaes de brigada!

E' o que se observa ininterrompidamente no nosso exercito ha trese annos, isto é, desde que entrou em plena vigencia o decreto com força de lei de 10 janeiro de 1895, alterando a composição do generalato fixado pelo decreto de 31 d'outubro de 1884.

O quadro I demonstra á evidencia a situação verdadeiramente desoladora a que ficou reduzida a infanteria depois da publicação do decreto de 1895.

Quadro I

Designação numerica dos generaes de brigada e de divisão por armas desde 1885 a 1909

Annos	Generaes de brigada de						Generaes de divisão de					
	Inf.ª	Cav.ª	Art.ª	Eng.	E. M.	Total	Inf.ª	Cav.ª	Art.ª	Eng.	E. M.	Total
1885	11	4	3	5	1	24	5	1	2	1	–	9
1886	11	4	4	4	1	24	6	–	2	1	–	9
1887	12	4	4	3	1	24	6	–	2	–	1	9
1888	11	4	3	5	1	24	7	–	2	–	–	9
1889	11	4	3	5	1	24	7	–	2	–	–	9
1890	14	3	4	2	1	24	4	2	2	1	–	9
1891	14	3	4	2	1	24	4	2	2	1	–	9
1892	14	3	4	2	1	24	3	2	2	2	–	9
1893	13	3	5	2	1	24	3	2	2	2	–	9
1894	11	4	6	2	1	24	4	1	2	2	–	9
1895	11	3	4	1	1	20	1	2	1	2	–	6
1896	9	3	6	1	1	20	–	2	2	1	1	6
1897	7	4	7	1	1	20	–	3	3	–	–	6
1898	7	5	6	1	1	20	–	3	3	–	–	6
1899	7	5	6	1	1	20	–	3	3	–	–	6
1900	7	5	5	2	1	20	1	2	3	–	–	6
1901	7	5	4	3	1	20	2	1	3	–	–	6
1902	7	6	4	3	1	20	3	–	3	–	–	6
1903	7	6	3	3	1	20	2	1	3	–	–	6
1904	7	6	3	3	1	20	2	1	3	–	–	6
1905	7	5	3	4	1	20	1	3	2	–	–	6
1906	7	5	3	4	1	20	–	3	2	1	–	6
1907	7	5	3	4	1	20	–	3	2	1	–	6
1908	7	5	2	4	2	20	–	3	2	1	–	6
1909	7	6	3	2	2	20	–	4	–	2	–	6

A simples inspecção d'este quadro mostra-nos:

1.º — Que durante a vigencia do decreto de 31 d'outubro de 1884 se manteve uma relativa proporcionalidade entre as diversas armas na promoção ao generalato, compensando-se ligeiras desegualdades que, por vezes, se notavam no quadro dos generaes de brigada de algumas armas pela maior ou menor representação que essas armas tinham no quadro dos generaes de divisão;

2.º — Que essa proporcionalidade desappareceu por completo desde que entrou em vigor o decreto de 10 de janeiro de 1895, accentuando-se desegualdades flagrantes que se torna indispensavel fazer sanar pela remodelação dos diplomas organicos que as determinam;

3.º — Que a infanteria teve desde 1884 até 1895 uma representação condigna no quadro do generalato, variando

de onze a quatorze o numero dos seus generaes de brigada e de tres a sete o numero dos seus generaes de divisão;

4.º — Que desde 1896 a representação d'esta arma no generalato decahiu rapidamente, notando-se dois periodos de quatro annos em que não teve um unico general de divisão e parallelamente um periodo de 13 annos seguidos em que o numero dos seus generaes de brigada ficou reduzido a 7, sua representação actual;

5.º — Que em contraposição augmentou desproporcionadamente a participação das outras armas nas vagas do generalato, de forma que em 1897 a artilheria tinha 7 generaes de brigada e 3 de divisão, e a cavallaria em 1909 seis generaes de brigada e quatro de divisão, ao passo que a infanteria, apesar de comprehender os $\frac{4}{5}$ do exercito, continua a ostentar a mesquinha representação de 7 generaes de brigada;

6.º — Que resalta immediatamente á vista a grande disparidade numerica entre os generaes de brigada de infanteria e de cavallaria nos dois periodos demarcados pelas leis de 1884 e de 1895; emquanto que no primeiro periodo os generaes de cavallaria variavam entre $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{3}$ dos da infanteria, no segundo periodo augmentaram consideravelmente, sendo hoje em numero quasi egual ao da infanteria;

7.º — Que de todos os confrontos que se possam fazer entre os numeros consignados no quadro I resulta que a infanteria fica sempre n'uma situação de accentuada inferioridade relativa, comparativamente com as outras armas, depois da publicação do decreto de 10 de janeiro de 1895, que precisa, indiscutivelmente, ser revisto e modificado para fazer cessar as flagrantes injustiças a que a sua applicação dá logar.

A principal causa das desegualdades evidenciadas entre os quadros de 1884 e de 1895 encontra-se no augmento injustificado do numero das vagas fluctuantes.

Assim, ao passo que em 1884 para um quadro de 24 generaes de brigada se fixava em quatro o numero das vagas fluctuantes, em 1895 para um quadro de 20 generaes de brigada, reservaram-se sete vagas para as fluctuantes.

O relatorio que precedia o decreto n.º 7 de 10 de janeiro de 1895 pretendia justificar o augmento de vagas

fluctuantes pela necessidade de corrigir ou compensar desegualdades, que não se podiam evitar.

A correcção obtida por tal medida está bem patente no quadro n.º 1.

A infanteria desceu immediatamente de 14 generaes ao minimo de 7, que lhe fixaram a capricho, não conseguindo ainda ultrapassal-o nos 13 annos já decorridos depois da lei promulgada entrar em plena execução.

Em contraposição, armas de quadros reduzidos teem ostentado no mesmo periodo de tempo, um numero de generaes de brigada quasi egual ao de infanteria, com a grande vantagem de terem sempre maior representação do que a infanteria no quadro dos generaes de divisão.

Pois, não obstante ser bem conhecido o estado de verdadeira penuria a que o systema das vagas fluctuantes reduziu a infanteria, uma nova proposta de lei apresentada ao parlamento em 17 de março do corrente anno elevava de sete a nove o numero de vagas fluctuantes para um quadro de 22 generaes de brigada!

Augmentava-se de dois o numero de generaes de brigada, não para minorar a tristissima situação da infanteria, mas para continuar a compensar as desegualdades existentes, que redundam todas em detrimento da arma base do exercito.

Se tal disposição não é um sarcasmo dirigido á arma de infanteria, parece-o.

Em taes condições a infanteria ficará suffocada n'este meio para ella deleterio, n'este ambiente irrespiravel que se lhe cria.

E' a asphixia da arma, é a morte de todas as aspirações dos officiaes de infanteria, que vêem dia a dia cerrar-se cada vez mais a porta que lhes dá ingresso ao generalato, ao passo que se abre desproporcionadamente aos coroneis das outras armas.

Com este inconsiderado procedimento ninguem attenta que um golpe tão cruelmente vibrado á arma mais numerosa, á *rainha das batalhas*, terá uma repercussão de effeitos deploraveis no valor real do exercito.

A carreira militar, nobilitada por tantos capitães illustres, que honraram as paginas da historia com a synthese dos seus feitos épicos, deveria, em these, constituir para quem a segue uma série ininterrompida de actos cavalheirosos, de sacrificios espontaneos e de abnegação es-

toica pela patria, pelo rei e pelas instituições que regem o paiz.

Mas como o homem nasce já com qualidades ingenitas que o impellem para o bem ou para o mal, aquelles requisitos parecem na pratica uma verdadeira utopia, e o altruismo, na sua plena accepção, não pode ter uma applicação completa no exercito, como a não pode ter em classe alguma da sociedade.

Sem uma esperança fagueira que anime e estimule o official na sua ardua tarefa de todos os dias, n'essa lucta incruenta de todas as horas e de todos os instantes; sem um raio de luz vivificante que illumine a aurora do seu futuro militar; sem um incentivo poderoso e energico que o incite na pratica de todas as virtudes guerreiras e na ostentação das mais recommendaveis qualidades civicas, — o official não pode proseguir com todo o vigor da sua seiva exuberante, com toda a força da sua dedicação espontanea, o trabalho profissional, esse labutar incessante, que faz do cidadão um soldado e do soldado um heroe, cheio de fé, de civismo e de abnegação, sempre nobre, sempre firme e sempre prestes a derramar o seu sangue na defesa da terra que o viu nascer.

O official que vê preteridas as suas legitimas aspirações d'um accesso regular aos postos immediatos esmorece, desalenta-se, caminha de desanimo em desanimo, de desillusão em desillusão, a energia entibia-se-lhe, a vontade fallece-lhe e, a breve trecho, a descrença no futuro invade-lhe completamente o espirito, e a actividade physica deixa-se dominar pela indolencia, pela passividade da materia.

E' ocioso accentuar mais nitidamente os effeitos perniciosissimos que para o nosso organismo militar derivam da decadencia, do abastardamento da infanteria.

Estão elles no espirito de todos os que vêem claramente a relacionação intima entre a causa e o effeito, entre o fim e os meios, sabendo tirar dos successos occorrentes as verdadeiras e fataes conclusões.

E' um erro e erro grave descurar, amesquinhar a infanteria; ao abaixamento do seu nivel moral e intellectual corresponderá a declinação rapida do valor do exercito, como organismo social, porque, em summa, na phrase consagrada d'um escriptor militar francez a infanteria *c'est l'armée*, e o espirito do exercito, segundo uma noção genuinamente prussiana, reside no

seu corpo de officiaes, cuja grande maioria pertence áquella arma.

Foi Ruchell, o notavel psychologo militar allemão que, na sua concisão synthetica, emittiu tão suggestivo e judicioso conceito.

Se o valor, a solidez constitutiva de um organismo militar é funcção do seu corpo de officiaes, facil será inferir as consequencias que para o nosso exercito advirão do amesquinhamento da sua arma principal.

A decadencia da infanteria arrastará, inevitavelmente, a do exercito inteiro.

MODIFICAÇÕES A INTRODUZIR NA TACTICA DE INFANTERIA

Segundo os relatorios dos commandantes de corpos do II Exercito da Mandchuria

(Continuado do n.º 8 — 1909)

2.º — *Utilisação e entrincheiramento do terreno.* — A instrucção individual deve ser mais cuidada do que nunca. Hoje em dia em que a marcha de avanço se faz exclusivamente na ordem extensa, o que obriga a deixar-se o atirador entregue a si proprio, e não permitte o dar-se-lhe indicações, *é indispensavel que o infante saiba utilisar os menores accidentes do terreno*, as ravinas, os pequenos montes de terra, etc.

Não se chegará a este resultado senão dando, desde o tempo de paz, uma solida instrucção individual ás tropas.

Da justa preoccupação em diminuir as perdas causadas pelo fogo nasceu a idéa de obrigar o soldado a abrigar-se, cavando elle proprio o seu abrigo. Para este fim, preciso se torna dotar cada homem com uma ferramenta portatil, *que será para elle o completamento da espingarda.*

O entrincheiramento individual e a organisação defensiva dos accidentes do terreno foram d'um emprego frequente durante a ultima guerra.

E' indispensavel habituar o infante a cavar na posição de deitado.

Na defensiva construiam-se linhas continuas de abrigos e de obras de campanha. Esta maneira de proceder implicava uma ideia defensiva-passiva. Se se pretende a offensiva, então estas linhas continuas de entrincheiramentos, cuja construcção representa o dispendio de muito tempo e trabalho, são inuteis. Bastará organisar defensivamente uma série de pontos de apoio ligados entre si pelo fogo. Uma linha de defeza assim constituida, permitte manobrar na sua retaguarda, com o fim de se executar um contra-ataque.

Convem dar mais profundidade aos entrincheiramentos defensivos.

Ha vantagem em empregar o abrigo individual mesmo no ataque. Em cada alto as unidades da primeira linha cavam na posição deitada pequenos abrigos, que serão aproveitados pelas tropas, que marchem na retaguarda.

A pá Linnemann (usada pelos russos) não é má, mas entorta-se nos terrenos gelados. E' bom, pois, que cada companhia possua, independentemente das suas pás, algumas picaretas solidas (1). O estojo da pá foi reconhecido, como absolutamente inutil.

3.º — *O fogo da infanteria.* — Dados os progressos do armamento moderno, o fogo da infanteria tem, no combate, uma importancia enorme, *para não dizer decisiva.* Por consequencia é evidente que é preciso aperfeiçoar o mais possivel o desembaraço dos atiradores desde o tempo de paz. Não sendo, senão em casos excepcionaes, visiveis os objectivos, é de toda a necessidade exercitar a infantaria no *tiro sobre zonas.*

De todas as especies de fogos é o *por descargas* que teve a preferencia dos officiaes de infanteria.

Como regra o *fogo por descargas* deve ser empregado nos combates defensivos, tanto de dia como de noite, convindo o *tiro individual* para as operações offensivas.

O *fogo vivo,* judiciosamente dirigido ás pequenas e medias distancias, produz uma forte impressão moral e inflinge ao inimigo perdas elevadas.

A's grandes distancias o fogo é absolutamente inefficaz. Na Mandchuria as linhas de atiradores não começavam a soffrer de um modo sensivel senão a partir de 800 a 1:000 passos.

O defensor que executa fogos ás grandes distancias prejudica-se a si proprio, porque revela ao inimigo o dispositivo das suas proprias tropas. Os japonezes procuravam frequentemente provocar os fogos ás grandes distancias.

Todavia os atiradores escolhidos devem abrir fogo individual sobre os exploradores inimigos, mesmo ás grandes distancias (a 1:600 passos e mais).

A's grandes distancias é sobre todos preferivel o *fogo por descargas.* A's pequenas e medias distancias ha ensejo de empregar, mesmo durante a noite, o tiro individual e o fogo vivo.

Em geral, durante a noite, não se deve atirar senão quando o objectivo esteja tão perto que se torne bem visivel, ainda mesmo que seja obrigado a approximar-se a 30 ou 50 passos. O fogo vivo é o recommendado em taes casos.

Os terriveis effeitos do fogo moderno tornarão cada vez mais frequentes os ataques de noite E', portanto, preciso estudar a fundo a questão do tiro de noite executado ao abrigo das obras de campanha, o tiro sobre apoio nos fortes, o estabelecimento de lanternas de côres a distancias conhecidas, etc.

4.º — *As cargas de bayoneta.* — Com a efficacia do fogo de infanteria moderno é difficil admittir que se possa atacar á bayo-

---

(1) A pá Theriaga, approvada pela commissão do estudo e escolha da ferramenta portatil, parece-nos dever satisfazer amplamente.

Os traductores.

neta um adversario não enfraquecido. Se este ultimo deixar approximar o atacante será provavelmente com o fim de o crivar de fogo a curta distancia.

A execução de uma carga de bayoneta durante a noite exige um reconhecimento minucioso do ponto de ataque, tanto durante o dia, como durante a noite, reconhecimento esse que deve ser feito não sómente pelos officiaes mas tambem por praças, que servirão de guias aos seus camaradas e lhes inspirarão confiança quanto ao resultado da operação.

D'um modo geral é preciso exercitar muito seriamente as tropas nas operações de noite, visto as cargas de bayoneta só serem possiveis durante a noite.

Em vista do exposto e do facto de que as tropas, estando habituadas desde o tempo de paz a terminar o combate por uma carga de bayoneta, terão bastante força moral para não se deixar assustar pelos simples effeitos do fogo, é de desejar que se inculque ás tropas a ideia de que o valor da bayoneta, por mais exaggerado que seja, é predominante.

A bayoneta será sempre o symbolo da offensiva, unico meio capaz de conduzir á victoria.

5.º — *As metralhadoras.* — O valor das metralhadoras é consideravel.

A batalha moderna desenrola-se lentamente e consiste n'uma lucta, tendo por fim a conquista de todos os pontos de apoio do adversario. Por consequencia, logo que se haja conseguido a conquista d'um d'estes pontos, é preciso transformal-o n'uma cratera vomitando nuvens de balas. A metralhadora presta em taes casos serviços incomparaveis.

O fogo da metralhadora é tão poderoso e a sua rasança actual tão grande que nem se deve pensar em franquear a descoberto um espaço batido pelos seus projecteis: unicamente se poderá caminhar rastejando e homem por homem.

A's grandes distancias a precisão do tiro das metralhadoras é relativamente fraca.

A's distancias de 800 a 400 passos, as metralhadoras regulam o seu tiro com uma exactidão assombrosa e produzem effeitos terriveis sobre linhas de atiradores.

Em 24 fevereiro e 9 de março de 1905, na aldeia de Sautaitsé, as 3.ª e 4.ª companhias de 57.º de infanteria de Modline foram literalmente destruidas pelo fogo das metralhadoras japonezas, ao executarem uma carga de bayoneta.

A impressão que produz o tiro das metralhadoras é enorme. O ruido caracteristico que fazem atirando muitas vezes, basta para deprimir a infanteria inimiga.

E' para desejar, porém, que ellas sejam aligeiradas, para poderem ser transportadas a braços.

A organisação das companhias russas de metralhadoras não deu resultados satisfactorios. Devem ser affectas á infanteria, fazer parte integrante d'esta arma e não constituir baterias de artilharia.

As companhias devem ser adstrictas aos regimentos e, durante o combate, fraccionadas em secções.

Quando a infantaria se lance ao assalto, deve arrastar comsigo as metralhadoras, afim de poder defender depois, energicamente, a posição conquistada.

A insufficiencia do numero de metralhadoras de que os russos dispunham, teve uma repercussão sensivel nas suas tropas durante todo o periodo das operações de Mukden.

6.º — *As posições.* — Em posições ou sectores de posição organisados defensivamente, com antecedencia, e tendo uma frente muito extensa, não deve haver uma simples linha de obras de campanha.

E' indispensavel haver ainda á retaguarda da frente duas ou tres linhas entrincheiradas, distantes, pelo menos, de 5 kilometros entre si (como os japonezes no Cha-Ho em janeiro 1905). Em taes casos o inimigo, mesmo que tenha conseguido romper a 1.ª linha, não ficará possuindo, por esse facto, uma vantagem decisiva, por o defensor não ficar constrangido á evacuação immediata de toda a frente (Mukden).

Todavia a 1.ª linha, ou mais exactamente, a posição em que assente toda a resistencia da defeza, deve ser muito forte, afim de que todos os esforços do atacante se venham quebrar d'encontro a ella.

Portanto, se fôr muito limitado o numero de braços de que disponha, dever se-ha primeiramente organisar a 1.ª linha, e, sómente, quando esta esteja terminada completamente, é que se deverão fortificar os pontos de apoio e construir os entrincheiramentos das linhas seguintes.

Claro está que, se houver tempo e se se dispozer do numero de trabalhadores sufficientes, poder-se-ha simultaneamente organisar defensivamente todas as linhas.

Em todos os casos, todavia, é preferivel dispôr d'uma unica linha de defeza em cada posição. Durante a ultima guerra, quando os russos dispunham de muitas linhas de defeza, succedia muitas vezes que não se resistia até ao fim na primeira, por se contar com a segunda, e por fim era-lhes impossivel manter-se nas outras.

As posições, ou sejam defendidas por pequenos destacamentos ou por um exercito, devem comprehender uma serie de apoios dispostos de modo a poderem, na maioria, apoiar-se pelo fogo.

Não se torna necessario organisar linhas continuas, porque então a defesa tomaria um caracter passivo. De resto, se o adversario conseguir romper taes linhas, o defensor terá o seu moral abalado e não disporá de forças sufficientes para repelir o atacante e para executar um contra ataque.

Como na guerra moderna as operações consistem geralmente em movimentos torneantes ou envolventes, preciso se torna, logo que se organise defensivamente uma posição, constituir nos seus flancos sectores escalonados que a reserva occupe, logo que um movimento d'esses se desenhe por parte do adversario. E' preferivel recorrer a esses sectores escalonados a proteger os flancos com colchetes defensivos. As vantagens dos sectores escalonados são faceis de comprehender.

Entre os grandes defeitos inherentes ás obras fechadas (reductos), um ha que convem citar : a existencia de uma unica sahida. Durante a ultima guerra este inconveniente fez-se especialmente sentir ao serem as tropas forçadas a evacuar a obra occupada (por exemplo, a evacuação do reducto da aldeia de Gontsiatsé pelo 3.º batalhão do 57.º d'infanteria de Modline : os homens tiveram de sahir um a um e esperar a reunião de todo e

batalhão n'um terreno completamente desprovido de abrigos). Logo que estes reductos são descobertos pelo inimigo, bem depressa se veem destruidos pelos fogos concentrados da sua artilheria, soffrendo as guarnições fortes perdas se as não fizerem sahir antes do assalto para occupar os orgãos de flanqueamento, servindo de reductos.

Toda a posição organisada defensivamente deve ser dividida em sectores. As reservas de regimento devem occupar os proprios sectores de combate dos seus regimentos.

Augmenta-se assim a potencia da defeza. Todas as obras de campanha devem ser ligadas pelo telephone, havendo todo o interesse em dotar todos os corpos de tropa com taes apparelhos e respectivos fios.

Durante toda a campanha houve o maior cuidado em mascarar as obras de fortificação do campo de batalha.

Uma bateria bem abrigada tem uma enorme potencia, ao passo que estabelecida a descoberto bem depressa se verá reduzida ao silencio. Esta observação se applica igualmente ás obras de infanteria.

E' conveniente n'este ponto acentuar que a direcção da organisação defensiva de uma posição deve ser confiada aos officiaes de estado maior que conhecem igualmente a situação estrategica e a situação tactica. Aos officiaes de engenharia ficará reservada a parte do trabalho puramente technica.

E' para desejar que as companhias de engenharia estejam sob as ordens directas dos commandantes de divisão para serem empregadas segundo o criterio d'estes.

As defezas accessorias tem um enorme valor. As melhores são, sem duvida alguma, as redes de fios de ferro, sobretudo quando o arame é farpado.

Quanto ás covas de lobo são difficeis e levam tempo a construir, não constituindo mais do que um obstaculo insignificante e podendo alem d'isso servir muitas vezes de abrigo a um inimigo audacioso.

Quaes são os typos de obras de campanha que se devem escolher e como se devem adaptar ao terreno? A este respeito é impossivel fixar regras Bastará saber construir obras de differentes typos. *E' indispensavel familiarisar a infanteria desde o tempo de paz com as formas e propriedades das obras de campanha, bem como com os processos a empregar para as occupar e defender.*

Na guerra moderna é de toda a necessidade *que as tropas organisem defensivamente as posições logo que sejam occupadas.*

Do tempo e dos meios de que se dispõe dependerão os processos a empregar para entrincheirar as posições.

A experiencia mostrou que no inverno e com o solo da Mandchuria os trabalhos de terraplenagem apresentavam enormes difficuldades. A pá não era bastante forte.

Se se dispõe de pouco tempo é preferivel contentarmo-nos com entrincheiramentos simples, cujo traçado se adapte á defesa dos obstaculos naturaes — casas, aldeias, etc.

Um entrincheiramento com perfil simples e grande profundidade satisfaz plenamente. Ainda melhor será abrir trincheiras sem parapeito.

Um entrincheiramento d'este genero é difficil de notar visto

de longe, mesmo com um bom binoculo; como é estreito e longo obriga o inimigo a disseminar os seus fogos. *Todo o soldado deve aprender desde os primeiros dias de instrucção a cavar trincheiras d'este typo.*

(Continua)

SATURIO PIRES E GONÇALVES AMARO
Tenentes.

BASES PARA A ORGANISAÇÃO

DAS NOSSAS

Baterias de metralhadoras a pé

(Continuado do n.º 7—1909)

Estabelecidos os topicos principaes sobre as modificações a introduzir na metralhadora, resta ainda mostrar, além de muitos outros inconvenientes inherentes ao nosso systema, que, com o actual material é impossivel conseguir-se qualquer desiderato, vindo em reforço da nossa humilde opinião o que a tal respeito já se acha implantado nos outros exercitos.

No entanto, não deixarei de citar um exemplo, o mais favoravel, para bem patentear que é inadmissivel a adopção sobre o rodado, impondo-se fatalmente o transporte a dorso, cuja realisação vae seguidamente indicada.

A nota *b*, a que já me reportei, consigna que as metralhadoras logo que entrem em combate, abandonam o rodado. Imperioso se torna saber como ellas deverão de novo encontral-o, o que não me parece de facil realisação.

Analysemos, pois, a melhor das hypotheses.

Os quatro homens avançando com a metralhadora, desmontada do rodado, a tomar posição, distanciam-se do rodado e do carro de munições.

A' medida que o combate fôr progredindo e se torne necessaria a occupação de novas posições, irá augmen-

tando successivamente a distancia entre um e outros, e não podendo, na quasi totalidade dos casos, os carros de munições acompanhar os deslocamentos da metralhadora, o rodado será abandonado, para em primeiro logar se dever attender ás munições que hão-de abastecer a metralhadora, por intermedio do escalão de reserva; e em segundo logar, os carros de munições quando tenham probabilidade de se aproximar da metralhadora, cuidarão mais de si e do fim a attingir, do que do rodado, cujo transporte, a effectuar-se, seria desmontado sobre o carro de munições, o que acarretaria para este um accrescimo de mais 63 kg., além dos 559,150 kg. que lhe competem; entrando n'elles os pesos do cano de reserva, machina de carregar fitas e a agua contida no respectivo deposito com torneira.

Para o transporte a dorso importa que haja a maior independencia entre o tripé e a metralhadora (machina) afim de que a montagem e desmontagem se faça com a maior rapidez possivel.

Sem a realisação das modificações apontadas o nosso material não se presta, desde já, á transformação indicada.

Suppondo que a ideia expendida é realisavel, passo a indicar a maneira de effectuar o transporte. Assim uma muar transportará a metralhadora (machina), agua, caixa para ferramenta, lata para untura, deposito d'agua, dois cunhetes com fitas carregadoras e respectivo municiamento, um supporte e o cano de reserva; a outra, seis cunhetes (podem servir os actuaes) com as fitas carregadoras e respectivo municiamento; a terceira, outros seis cunhetes; finalmente, o carro de munições tirado por duas muares, arreiadas á alemtejana, constituindo o escalão de reserva para cada secção.

Impossivel se torna fixar *à priori* a carga total a transportar por cada uma das muares e carro de munições, comtudo, apenas como estudo estimativo, poder-se-ha computar para a primeira um peso correspondente a 128,690 kg., para a segunda e terceira, a cada uma respectivamente, 126,840 kg., e para as duas muares, carro de munições, sendo de madeira e transportando 25 cunhetes, 695,240 kg.

Carga a transportar pela primeira muar

N.º de artigos	Designações	Pesos provaveis
1	Metralhadora (machina) sem agua, modificada ..	22,360
	Agua 3,5 litros	4,000
1	Caixa para ferramenta	7,500
1	Lata para untura	0,450
1	Deposito de agua	1,310
3	Cunhetes com fitas carregadoras e respectivos cartuchos (cada 18,890 kg.)	56,670
1	Supporte, incluindo os apparelhos de pontaria ...	20,000
1	Cano de reserva	2,900
	Baste	13,500
	Somma	128,690

Carga a transportar pela segunda muar

N.º de artigos	Designações	Pesos provaveis
6	Cunhetes com fitas carregadoras (cada 18,890 kg.).	113,340
	Baste	13,500
	Somma	126,840

Carga a transportar pela terceira muar

N.º de artigos	Designações	Pesos provaveis
6	Identica á da segunda muar	126,840

Carga a transportar pelo carro de munições tirado a duas muares

N.º de artigos	Designações		Pesos provaveis
1	Carro de munições (actual sem cartuchos)		360,000
15	Fitas	a 1,070 16,050	
15	Cunhetes	a 4,500 67,500	
	Agua	4,000	
1	Deposito de agua	1,310	
1	Caixa de ferramenta	7,500	
1	Lata de untura	0,450	
1	Cano de reserva	2,900	
1	Pá	2,600	
1	Picareta (Supprimidos por inuteis)	3,800	
1	Machado (Supprimidos por inuteis)	2,700	
2	Cordas para tracção (Supprimidos por inuteis)	2,200	111,010
	Deduzindo, fica		248,990
	Se o carro em logar de ser montado em aço fôr confeccionado em madeira, differença de pesos.		35,000
	Fica		213,990
22	Cunhetes com fitas carregadoras, cartuchos (cada 18,890)		415,580
1	Machina para carregar fitas		9,000
	Somma (*a*)		638,570

Differença entre o actual transporte e o proposto

Cada secção:

Necessita em pé de paz de mais duas muares, que actualmente (*A*):

(*A*) O actual carro de munições em que vae engatada n'uma das clavijas a metralhadora, com o seu municiamento completo, representa uma carga que não póde ser tirada por uma muar, e então bem póde dizer-se não dever necessitar das duas acima apontadas.

A carga é representada pelos artigos cujos pesos vão descriminados pela seguinte fórma:

Metralhadora (machina) vasia)	26,750
Agua	4,000
Tripé com rodado e escudo	117,500
Carro de munições (completo)	360,000
Cano de reserva	2,900
Machina de carregar fitas	9,000
7:500 cartuchos a 24g,5 cada um	183,750
Somma	703,900

Necessita em pé de guerra de mais duas muares para o transporte de cartuchos, porque das 6 que lhe attribue o quadro n.º 15 do R. M. E. C., uma parelha de tiro é destinada ao carro de munições, que transporta maior numero de cunhetes, como se vê do seguinte calculo:

Carro de munições tirado a duas muares

1 carro de munições (completo). Nota (*A*)	703,900
1 carro de munições com 22 cunhetes (*a*)	638,570
Differença	65,330
que póde ser preenchido pelo transporte de mais tres cunhetes (cada 18,890 kg.)	56,070
Diff.ª p.ª menos a transportar pelas duas muares	8,660

Assim o carro de munições virá a transportar não 22 cunhetes, mas 25, que addicionados aos 30 conduzidos pelas 6 muares de cada secção, representa um total de 55 cunhetes ou sejam 27:500 cartuchos por secção.

O municiamento correspondente a cada companhia passa a ser de 82:500 cartuchos.

E' incontestavel que a transformação a introduzir no material arrasta consequentemente a uma despeza cuja verba é desde já impossivel de fixar, comtudo, parece-me que bem valerá a pena arrostar com este sacrificio para melhorar o existente do que conserval-o tal qual como está, sem corresponder ao fim que se tem em vista, não evitando que se deixe de dispender permanentemente talvez uma mais avultada verba, do que com o que se propõe, e assim poderiamos ter realmente um material com as condições requeridas, para em momento opportuno prestar valioso concurso e não evidenciar bem a sua inutilidade perante aquelles que julgando terem á mão um poderoso auxiliar no combate, o vejam fracassar na hora amarga das desillusões ou na espectativa sorridente do seu triumpho.

*

A constituição das nossas companhias de metralhadoras, englobadas nos corpos de caçadores, só encontra justificação por não ter sido decretada em pé de paz a sua organisação, que, por emquanto, sendo de ordem ministerial, não podia affastar-se do estabelecido no decreto de 24 de dezembro de 1901. Mas desde que o Regulamento de mobilisação do exercito em campanha estatue

em varios quadros a composição de baterias de metralhadoras, é de prevêr que n'um futuro mais ou menos proximo, caso queiramos ter companhias devidamente organisadas (pessoal completo e instruido na sua especialidade), vejamos em pé de paz as companhias de metralhadoras com organisação independente, isto é, consideradas como unidades autonomas, embora grupadas, unicamente para attender ás necessidades de aquartelamentos e egualmente visar ao menor dispendio na parte administrativa.

Essa autonomia é indispensavel para o preenchimento do fim que se tem em vista, pois d'outra fórma todo o trabalho produzido para instruir e adextrar o pessoal e o gado será esteril, a despeito das melhores vontades, que fatalmente succumbirão perante multiplas e variadas contrariedades. A unidade considerada independente, tratando a valer do seu serviço privativo e do da sua especialidade, poderá então apresentar homens aptos a trabalhar conscientemente com uma machina que, apesar de todos os aperfeiçoamentos industriaes, é ainda pelo menos bastante delicada.

Emquanto a unidade estiver enquadrada tactica e administrativamente como ao presente, nunca se conseguirá obter o desiderato apontado por as necessidades do serviço dos batalhões de caçadores assim o exigirem, necessidade tanto mais imperiosa quanto menor fôr o effectivo a encorporar annualmente, aggravado ainda pelas remissões do serviço activo.

O pessoal das baterias de metralhadoras, com excepção, é claro, dos officiaes, será fornecido pelas unidades de infanteria e caçadores, constituitivas da divisão em que aquellas estiverem enquadradas, devendo os soldados a ellas destinadas satisfazerem ás seguintes condições:

a) Saber ler, escrever e contar, pelo menos;

b) Ter uma determinada altura e robustez;

c) Classificação de atirador especial, para o preenchimento das vagas de apontador;

d) Ter algum dos officios de serralheiro, ferreiro, carpinteiro, selleiro, correeiro, albardeiro, ou habituado a tratar de solipedes, para o preenchimento das vagas de conductor.

Os sargentos, cabos e soldados, só deixarão de pertencer ao effectivo das baterias por imposição de serviço no ultramar ou promoção (caso não houvesse vacatura),

e nos demais casos previstos na legislação geral, ficando excluidos dos convites para o preenchimento de vagas para a guarda municipal, serviços auxiliares, etc.

Os 2.os sargentos e cabos com a classificação de atiradores especiaes seriam escolhidos de entre os mais modernos em cada classe ou no 1.º periodo de readmissão, com bom comportamento militar e determinada robustez.

Para fixar e facilitar o recrutamento das praças de pret, de fórma a ellas adquirirem mais gosto pelo novo serviço, e como compensação a maior trabalho, deveria arbitrar-se-lhes uma gratificação de 20 réis diarios.

As companhias de metralhadoras, além da sua conservação autonoma, devem ser organisadas a tres secções, cujo pessoal, gado e material, seria o fixado no mappa seguinte:

Bateria de metralhadoras a pé

	Pé de paz				Pé de guerra					
	Homens		Solipedes		Homens		Solipedes			
	Officiaes	Praças	De sella	De bagagem	Officiaes	Praças	De sella	De bagagem	De tiro	De 2 rodas
Capitão	1	–	1	–	1	1	1	–	–	–
Subalternos	3	–	3	–	3	3	3	–	–	–
1.º sargento	–	1	1	–	–	1	1	–	–	–
2.os sargentos	–	6	–	–	–	6	–	–	–	–
Apontadores: 1.os cabos	–	6	–	–	–	6	–	–	–	–
Apontadores: 2.os cabos ou soldados (a)	–	6	–	–	–	6	–	–	–	–
Serventes: 1.os cabos	–	6	–	–	–	6	–	–	–	–
Serventes: Soldados	–	6	–	–	–	6	–	–	–	–
Municiadores, soldados	–	–	–	–	–	12	–	–	–	–
Conductores	–	12	–	–	–	22	–	18	–	–
Corneteiro	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–
Espingardeiro-serralheiro	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–
Ferrador	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–
Metralhadoras, 6	–	–	–	12	–	–	–	–	–	–
Carros de munições, 3	–	–	–	–	–	–	–	–	6	3
Carros de bagagem e viveres	–	–	–	–	–	–	–	–	2	1
Reserva de pessoal e gado	–	(b) 9	–	2	–	14	–	3	–	–
Somma	4	55	5	14	4	86	5	21	–	–
Total	59		19		90		26			4

(a) Até ao numero maximo de 3.
(b) N'este numero estão incluidos os impedidos dos officiaes.

Tanto os muares para o transporte a dorso como os destinados ao tiro, devem os primeiros satisfazer ás condições dos que são remontados para a artilheria de montanha e os segundos para a companhia de equipagens.

Os cavallos destinados aos officiaes das baterias de metralhadoras devem ser-lhes fornecidos em condições analogas aos demais officiaes montados de infanteria.

Abrantes, Maio de 1909.

MINEIRO D'ALMEIDA
Cap. de caç. 1.

GUERRA PENINSULAR

Conferencia realisada em 16 de fevereiro de 1909 no regimento d'infanteria n.º 14

(*Continuado do n.º 6 — 1909*)

Todos estes acontecimentos, que eram a causa, deviam necessariamente produzir o seu effeito, e os hespanhoes, que odiavam de morte os francezes, foram levados ao desespero e, apesar de abatidos por tantos revezes e desastres, recobraram animo, continuando sempre a Junta, reunida em Sevilha, a alimentar os furores do povo, excitando e chamando ás armas os povos de Valencia, Murcia, Andaluzia e Extremadura.

O general La Romana, que seguia a retirada dos inglezes, conservava-se na fronteira portugueza, nas proximidades do Minho. Aqui, como na Galliza, reinava viva agitação; Ballesteros dirigia a insurreição nas Asturias; Vivés na Catalunha; Gregorio la Cuesta manobrava na Extremadura e Cartojal operava na Mancha; por toda a parte, emfim, havia bandos armados, occultos nas montanhas e desfiladeiros, que esperavam e assaltavam os comboios de feridos e de munições.

Se Napoleão era o mais ambicioso dos homens, a Inglaterra era a mais vingativa das nações e não deixaria perder, por certo, esta occasião que a guerra da Austria lhe offerecia, para pagar as affrontas recebidas.

Projectava não só mandar uma nova expedição á Peninsula, mas tambem organisar uma outra ás costas da França, Hollanda e Belgica, que Napoleão tinha deixado abandonadas, afim de destruir as suas poderosas armadas.

Das tropas inglezas que tinham combatido durante a primeira invasão, ficara uma parte nas proximidades de Lisboa, sob o commando do general Cradock. Essas tropas deviam ser reforçadas com outras vindas de Gibraltar e d'Inglaterra.

A regencia do paiz, prevendo o ataque de Soult, tratou de se aperceber para a defeza e de reorganisar o exercito.

Como não houvesse general portuguez que inspirasse plena confiança, pediu-se a Inglaterra um commandante em chefe e o gabinete britanico mandou para esse fim o marechal Beresford, homem recto e disciplinador, que adoptou algumas providencias para melhorar o exercito e introduziu no quadro muitos officiaes britannicos.

De toda a parte vinham homens auxiliar os inglezes, recebendo a sua instrucção militar, mostrando bem o desejo que tinham de ser uteis á sua patria e a paixão com que o faziam.

O enthusiasmo revolucionario dos portuguezes era enorme e tudo se devia esperar d'elles.

O general Sherbrook, que estava perto de Cadiz, recebeu ordem para levar a sua expedição para Lisboa, onde chegou a 12 de março, conjunctamente com Makenzie, que tambem recebera ordem para retirar de Cadiz. As tropas inglezas attingiram então 14:000 homens. Beresford dispunha de 10 a 12:000.

Ao norte do Mondego, Trant commandava o corpo academico; em Traz-os-Montes, Silveira commandava 3:000 homens; Wilson tinha sobre o Agueda 3:000 soldados; o general Victoria tinha na Beira 2 batalhões e o general hespanhol La Romana estava em Monterey com 8:000 soldados, estabelecendo a ligação com o general Silveira. Bernardim Freire d'Andrade commandava as tropas do Minho e devia impedir a entrada do inimigo por este rio.

O seu estado maior era constituido por: Custodio José Gomes Villas Boas, como quartel mestre general, mais tarde substituido por se ter tornado suspeito; Ayres Pinto de Sousa, como ajudante general; D. João Correia de Sá, Gonçalo Barba Alardo e João Malheiro d'Abreu, como ajudantes de campo; João Nogueira Gandara, como secretario.

As forças eram constituidas por: um batalhão d'infanteria n.º 9 e um batalhão d'infanteria n.º 21, na força de 684 homens; 600 praças dos regimentos d'infanteria n.ºs 6 e 18; o 2.º batalhão da Leal Legião; 160 praças d'artilheria n.º 4, com 14 peças, sendo 8 de calibre 6 e 6 de calibre 3; 8 regimentos de melicias, mas d'estes só o de Villa do Conde estava regularmente armado.

Não havia nem um só official d'engenheria.

A tão escassos e inefficazes recursos juntava-se tambem a indisciplina de que estavam eivados os corpos de ordenanças, que os governadores do reino tinham mandado pegar em armas e que os tornavam mais prejudiciaes do que uteis. Nos contingentes d'infanteria n.ºs 9 e 18 não havia officiaes superiores.

Apesar de tantas difficuldades, desenvolveu Bernardim Freire a energia que pôde, já collocando as suas tropas onde mais vantajosas lhe pareciam, já buscando defender a fronteira da provincia, a que o Minho servia de trincheira.

Vejamos, agora, quaes os intentos de Soult.

A 28 de janeiro, estando em Mellid, ordenava a Lahoussaye que mandasse a sua cavallaria sobre Ribadavia e Salvaterra, procurando saber o que fôra feito das tropas de La Romana, explorar o terreno até ao rio Minho e informar-se dos meios de passagem d'este rio; o general Mermet devia ficar com a sua divisão no Ferrol para cobrir a retaguarda, emquanto ali não

chegasse o marechal Ney. O general Delaborde deixaria a Corunha e iria para Santiago de Compostella. A divisão de Merle, que estava em Betanzos, marcharia tambem para Santiago.

A divisão ligeira de Franceschi occuparia Tuy, explorando tambem o rio Minho.

As tropas concentrariam-se assim em Santiago sem incidente de maior.

O general Franceschi, em virtude dos reconhecimentos feitos, communicou a Soult que o Minho podia ser transposto nas proximidades de Tuy, pelo que o marechal deu as ordens necessarias para o avanço do exercito e no fim de dois dias de marcha chegava a essa cidade.

N'esse mesmo dia, 10 de fevereiro, dirigiu-se á Guardia, pequeno povo hespanhol com um porto de mar situado na respectiva costa, separado da foz do Minho pelo monte de Santa Tecla, afim de vêr a maneira de transportar os barcos que ali havia, pois os portuguezes haviam retirado os seus para a margem esquerda.

Como o rio levasse uma forte corrente, que tinha engrossado com as aguas da chuva, era temerario de mais fazer ir os barcos ao longo da costa e entrar com elles a foz do Minho, havendo ainda a recear o fogo dos fortes da Insua e de Caminha; por isso resolveram-se os francezes a transportar por terra os barcos que na Guardia lhes foi impossivel encontrar, apesar da difficuldade da operação, pois foi necessario empregar juntas de bois e depois tóros de madeira e pol-os a nado n'um pequeno rio, a que no paiz se chama o Tamega e que vem desaguar no Minho, em frente da povoação de Seixas. Esses barcos eram uns 25 e poderiam transportar 300 homens.

Foi organisada a flotilha que devia transportar as primeiras companhias, sendo o general Thomieres o director do serviço. O embarque realisou-se pelas 10 horas da noite, de 15 para 16 de fevereiro, na ponte do Tamega na occasião da maré cheia, escolhendo-se para ponto de desembarque, na margem esquerda do rio Minho e terras de Portugal, a praia do Camarido, situada entre os fortes d'Areia e o da Insua, junto a Caminha.

As tropas portuguezas de Bernardim Freire occupavam a margem esquerda do rio, desde a Insua até Melgaço. O quartel general estava em Gofei, proximo de Valença, a meio da linha de defeza.

Em Caminha estava o batalhão d'infanteria n.º 21, sob o commando do tenente-coronel José Joaquim Champalimaud, um dos mais destemidos e melhores officiaes do exercito portuguez, que tinha chegado áquella villa pelas 4 ½ da tarde do dia 15 de fevereiro e que, apenas ali entrou, se entendeu logo com o governador respectivo e tratou de reforçar com infanteria os 3 postos que estavam no areal do Camarido, collocando tambem uma peça de calibre 6 e outra ligeira no sitio d'Areia Grossa; os outros soldados do batalhão acudiriam ao primeiro signal de rufo no Terreiro do Chafariz.

Os portuguezes, vendo estes preparativos e excitados pelo odio aos francezes, todos se haviam levantado, animados pelos fidalgos e padres.

Em todos os campanarios tocavam a rebate e corriam para todos os lados bandos d'homens, mulheres e creanças até, con-

duzidos pelos padres de crucifixo na mão e por fidalgos que empunhavam as suas velhas espadas.

Ao largarem da ponte do Tamega, os barcos dos francezes separaram-se, e só tres, onde havia melhores remeiros, conseguiram o ponto de desembarque. O refluxo da maré havia começado; os remadores faziam os maiores esforços por causa da força da corrente que os retardava consideravelmente.

Na madrugada de 16, os portuguezes, percebendo as intenções do inimigo, começaram por lhes descarregar em cima um vivo fogo de fuzilaria, a que se seguiu o das peças d'Areia Grossa e da Insua.

Um dos barcos foi mettido a pique por uma bala d'artilheria; outro despedaçou-se sobre uns rochedos e outros retrocederam para a margem direita do Minho, temendo não só a cheia, mas tambem a resistencia dos portuguezes.

Os francezes dos tres barcos que chegaram á margem esquerda refugiaram-se na matta do Camarido.

Ao primeiro tiro d'artilheria, os soldados d'infanteria n.º 21 correram ao Terreiro do Chafariz, d'onde foram dirigidos para os pontos convenientes.

Já dia claro, alguns soldados, auxiliados por muitos paizanos e até por mulheres armadas de foices roçadouras e forcados, cercaram e bateram a matta do Camarido, aprisionando 39 francezes, entre elles um capitão e 4 sargentos.

Todos os esforços dos francezes eram destinados a tomar as duas peças d'artilheria, mascarando assim o verdadeiro ataque que devia ser dirigido contra Villa Nova de Cerveira e que se realisaria pelo meio dia de 16. Mas ainda aqui foram infelizes e todas as sua tentativas foram inutilisadas pelo fogo do forte da Novelle e da bateria da Motta.

O povo acudia com o mais vivo enthusiasmo a auxiliar os soldados, e como a artilheria do forte Gaião respondesse á nossa, alguns conductores dos nossos barcos, fazendo um movimento torneante, abordaram o forte pela parte de cima e puzeram em fuga os francezes; continuando o ataque com meia duzia de barcos, foram tomar os que o inimigo depois abandonou, e os trouxeram para Villa Nova de Cerveira em numero de dezenove. No mesmo dia, 3 rapazes de Valença, foram encravar um morteiro que os francezes pretendiam assestar sobre a praça.

Este facto, este grandissimo feito que hoje se commemora, 16 de fevereiro de 1809, é uma pagina de valor no livro da nossa Patria, é uma façanha executada com denodo, digna entre as mais dignas de serem mencionadas na historia da provincia do Minho e que ficará eternamente gravada na alma do seu povo.

N'esta façanha se vê como um punhado d'heroes, pequeno no numero mas grande em suas crenças, nos rasgos do seu heroismo, com o coração a trasbordar n'um mixto de amor patrio e de odio aos francezes, consegue pôr em debandada um corpo d'exercito de vinte e quatro mil homens, obrigando-o a penosissimas marchas atravez as montanhas, para ir atravessar em Orense o rio que não pudera transpôr em frente de Caminha, entregando-o assim aos impetos d'uma plebe fanatica de duas nações que, por tanto tempo inimigas, estendiam agora as mãos d'uma e d'outra margem do Minho, promettendo resistir juntos á invasão estrangeira.

A maneira como as nossas tropas se portaram deu logar a uma importante promoção por distincção, que Beresford fez publicar em Thomar, na ordem do dia 17 de abril de 1809.

Entre outros foi promovido a coronel graduado o tenente-coronel d'infanteria 21, José Joaquim Champalimaud. Este illustre official nasceu em S. Miguel de Fontoura. concelho de Valença, em 1771. Seguindo a carreira militar, serviu primeiro na marinha e depois no exercito; fez honrosamente a infeliz campanha de 1801. até que em 1807, quando Junot entrou em Portugal, deu a sua demissão para não servir o estrangeiro; quando rebentou a revolução contra os francezes voltou ao serviço no posto de major, que tinha quando se demittiu, sendo logo promovido a tenente-coronel; depois da heroica defeza em que hoje tenho fallado e em que elle foi o factor principal, tomou mais tarde parte na celebre batalha do Bussaco, commandando uma brigada composta dos regimentos d'infanteria n.os 9 e 21; foi governador da praça de Valença (1812), sendo promovido a marechal de campo em 1815. Quando morreu, em 1825, era governador da praça d'Elvas.

Salvé, pois, povo d'heroes, de grandes feitos cheio! Salvé, valentes soldados d'infanteria n.º 21, bravos entre os mais bravos, que com o vosso sangue regastes as sementes d'alguns dos louros que cingem a fronte d'este velho Portugal!

A vós pertenceu a parte culminante, a parte principal d'esta campanha, que se chama de 1809.

Se não fosseis vós, o que seria d'este pobre povo assolado por vinte e quatro mil homens, sedentos de sangue e de gloria, providos dos melhores materiaes?!

Quebrastes-lhes, como vidros, os seus primeiros impetos; fizestes muito e assim cumpristes o vosso dever, contribuindo para a gloria final.

Mas, se vós fosteis dignos e valentes, não menos valente e digna foi a mão que vos guiou, o vosso illustre commandante Champalimaud, que com a sua incrivel actividade, tão de prompto reforçou os pontos principaes do areal do seu commando, que com a sua vasta intelligencia tão sabiamente vos dirigiu, que foi emfim o braço em que vos appoiastes em tão brilhante como ardua empreza.

Justo é pois, que o vosso retrato, bravo Champalimaud, devido á iniciativa do nossó mui digno e illustre commandante, executado por um tão genial artista como é Columbano Bordallo Pinheiro, um dos primeiros entre os pintores da Peninsula, occupe um logar dos mais importantes entre aquelles que tão soberanamente honraram o nome da nossa Patria, entre aquelles que nos dizem, quando os contemplamos, heroicidade, dignidade e fidelidade.

Honra, pois, a vós que, como portuguez d'alma e sentimentos, não quizestes ser um soldado mercenario durante a campanha de 1808.

Gloria a vós, heroico defensor do Minho.

16 de fevereiro de 1909.

Isaac Bastos
Alferes d'infanteria 14.

Regulamento de campanha japonez

A livraria Berger-Levrault & C.ª, de Paris, editou o *Regulamento sobre o serviço em campanha do exercito japonez*, approvado por decreto imperial de 14 d'outubro de 1907 e que foi traduzido para a lingua franceza pelo coronel Corvisart, que durante annos foi addido á embaixada do seu paiz, no Japão.

E' um livro altamente curioso e interessante, porque além de ser feito, como diz o decreto imperial, *sobre a experiencia dos ultimos annos e da recente guerra*, que foi essa guerra da Mandchuria em que o exercito japonez tanto se celebrisou, está redigido com uma clareza e precisão e um tão rigoroso methodo, que se impõe a todos aquelles que se dedicam a este genero d'estudos.

A orientação que presidiu á sua laboração o proprio decreto que o approva a define. «N'este regulamento, diz o decreto, procurou-se deixar toda a latitude possivel na applicação das regras ou principios que n'elle se prescrevem, afim de permittir a todos o poderem desenvolver as suas faculdades e tomarem as medidas de execução convenientes, adaptando-se o melhor possivel ás circumstancias, quaesquer que ellas sejam.»

Os principios geraes que passamos a transcrever por nos parecerem devéras interessantes, constituem um perfeito cathecismo que por todos os militares deve ser lido, meditado e frequentes vezes lembrado. Tudo o que n'elle se encontra é substancioso e util.

Principios geraes

O exercito tem por objectivo o combate. Por consequencia, tudo que lhe diz respeito deve ser regulado com esse fim.

Em tempo de guerra os serviços militares são d'uma grande diversidade. E' por isso que se crearam orgãos variados, a cada um dos quaes incumbe um papel especial. Aquelles cuja missão consiste em assegurar o funccionamento d'estes diversos serviços, isto é, os officiaes de cada um d'estes meios d'acção, consagrarão toda a sua attenção ao desempenho das suas funcções respectivas. Para cumprirem com o seu dever d'uma maneira satisfactoria, terão de proceder com plena independencia e com resolução, sem contar com a assistencia de terceiro.

A cooperação harmonica do conjuncto d'um exercito

não póde ser garantida sem que todos aquelles que dirigem os seus orgãos, grandes ou pequenos, não envidem todos os esforços n'este sentido.

Ha pessoas que não desempenhando os seus deveres d'uma maneira satisfactoria, procuram tornar os regulamentos responsaveis. No entretanto o valor das regras depende da maneira como ellas são applicadas e esta applicação depende da personalidade do executante. Portanto, em todos os graus da hierarchia, todos teem que cumprir com os seus deveres, sob a sua propria responsabilidade, conformando ás circumstancias a applicação apropriada das disposições regulamentares. Bem entendido ninguem se deverá affastar, sem razões poderosas, das regras traçadas, e por outro lado, todos deverão evitar conformar-se cegamente a estas ultimas, pondo em risco assim de compromettter o successo pratico.

Os officiaes e soldados devem estar animados do sentimento da honra, sem a qual não ha espirito marcial. Ella exalta a coragem de cada um, torna-os precavidos contra os desfallecimentos e permitte-lhes conservar a serenidade e o sangue-frio mesmo quando a sua vida está em perigo. Ella inspirará sempre os militares em qualquer grau da hierarchia em que estejam collocados. Firmemente resolvidos a exaltar o renome do exercito no seu conjuncto, os subordinados se dedicarão completamente aos seus superiores e estes aos seus inferiores.

A existencia d'um exercito repousa sobre a sua disciplina e a sua sorte depende incontestavelmente do estado d'esta. Por mais activos e emprehendedores que sejam os seus orgãos, por mais instruidos e habeis que sejam os officiaes e soldados, não se deverão jámais affastar da mais estricta observancia da disciplina militar. O exercito inteiro estará sempre compenetrado d'este principio, testemunhando a mais escrupulosa obediencia aos superiores e ás suas ordens.

Para attingir este fim é indispensavel que a educação militar seja objecto dos maiores cuidados, que uma regularidade absoluta seja mantida no funccionamento de toda a engrenagem e que o commando não ordene senão ordens cuidadosamente concebidas.

Com o fim de assegurar esta ultima prescripção deve-se sempre considerar, antes de dar uma ordem, se o destinatario estará á altura de a executar, afim de nunca correr no perigo de exigir d'elle o que não é capaz de

fazer. E, logo que a ordem seja dada, é necessario assegurar a completa e estricta execução.

Mas não basta emittir ordens correctamente e vigiar pela sua execução. E' necessario tambem attender á maneira como ellas são dadas, pois que não se podem esperar resultados favoraveis se essas ordens não estiverem adaptadas ás exigencias das circumstancias presentes e em relação com os meios dos distinatarios; em uma palavra, se são realmente precisas. Estas condições variam naturalmente, como succede com as circumstancias. Não ha formula que possa ser ensinada e cada um deve procurar augmentar cada dia pelo estudo e pela experiencia a sua habilidade a este respeito.

Em principio, uma ordem deve ser estrictamente obedecida. Entretanto, a execução na maior parte dos casos exige iniciativa. A obediencia e a iniciativa podem parecer diametralmente oppostas. Não o são no entretanto em nada na realidade. Não se póde calcular as mudanças supervenientes no decurso do combate e casos se podem apresentar em que a situação do inimigo, indicada nas ordens, tenha soffrido uma modificação total ou parcial. N'este caso, é possivel que uma occasião favoravel se escape se se appella para a auctoridade que emittiu a ordem para ter novas instrucções. Competirá, pois, ao destinatario escolher sob a sua propria auctoridade a maneira mais conveniente para attingir o fim para que tendem as ordens recebidas e proceder com iniciativa, opportunidade e decisão. Adaptar-se-ha assim ás circumstancias existentes, completando as ordens recebidas, conformando-se em tudo com o seu espirito.

A restricta execução d'uma ordem é a consequencia natural, emquanto que as modificações devidas á iniciativa do executante não são senão um expediente. Por isso não se deverá recorrer a elle sem uma razão especial, em caso de circumstancias extraordinarias.

Ha duas coisas que devem evitar antes de tudo os chefes militares: a inacção e a hesitação. Proceder resolutamente, mesmo d'uma maneira errada, vale mais do que ficar na inacção e irresolução. Estas não podem deixar, com effeito, de collocar as tropas n'uma situação mais perigosa do que a execução errada d'um movimento.

No decurso da instrucção dever-se-ha naturalmente proceder do simples ao complexo. Entretanto, um principio mais importante a observar consiste em ter as tropas

sempre promptas a combater. Por consequencia, n'estas diversas phases da instrucção procurar-se-ha dar sempre a preferencia a tudo o que se refere directamente ao combate.

A instrucção militar deve tender para dois fins: aprender a servir-se com habilidade dos meios de combate e dar audacia. Assim, cada um compenetrado da sua propria força, na qual terá uma inteira confiança, estará cheio de intrepidez.

Para o soldado, o importante é o judicioso emprego das suas armas. Exige uma habilidade que só com uma incessante pratica poderá ser obtida, porque, na guerra, o perigo e os horrores do combate diminuem fatalmente a habilidade adquirida em tempo de paz, e só poderá mostrar-se á altura das circumstancias o soldado tão perfeitamente exercitado, que as suas mãos obedeçam expontaneamente, sem nenhum esforço, ao commando do seu cerebro.

Os officiaes e sargentos são não sómente os chefes dos seus soldados, mas tambem os seus educadores. Devem, por consequencia, vigiar com attenção os seus proprios actos e dar sempre o melhor exemplo. Póde-se observar que a influencia d'um tal exemplo sobre o conjuncto d'um exercito é muito accentuado, particularmente nas circumstancias criticas do combate. E' n'este momento sobretudo que é importante, afim de não deixar enfraquecer a confiança dos seus soldados, que os chefes não devem perder a calma e a tranquillidade de que terão tido sempre cuidado de mostrar nos momentos ordinarios.

E' uma necessidade que o soldado esteja em condições de supportar as privações e as fadigas e de as vencer. Preparar-se-ha, nas manobras, para esse fim, porque a experiencia adquirida augmenta consideravelmente a confiança em si mesmo e o espirito de iniciativa.

Nas grandes manobras d'outomno procurar-se-ha representar tanto quanto possivel as condições reaes do combate. Mas ha elementos que não se podem mostrar: o perigo e o aterrador espectaculo da batalha, o inimigo real animado da vontade de ganhar a victoria. E no entretanto é necessario que se tenham em conta estes factores e que fiquem sempre presentes no espirito, sem o que as grandes manobras perderão inteiramente a sua utilidade.

Posto que não se possa reproduzir em tempo de paz nem o inimigo real, nem o perigo, nem o horror do combate, ha no entretanto um meio de os conformar com a guerra. Consiste em ficar fiel ao seu dever, de fazer tender todos os seus esforços a bater-se o melhor possivel pelo seu Soberano, pelo seu paiz e sem apego á propria vida. Em duas palavras, o valor real d'um exercito depende do seu espirito marcial. E o que é o espirito marcial? E' o *yamato damaskii* (as antigas tradições cavalleirescas dos japonezes, o sentimento caracteristico que os leva ao sacrificio), é o *buspido* (os principios da lealdade e da honra a que, segundo as tradições, devem obedecer os guerreiros). Na verdade, é o dever do soldado em se inspirar n'estes principios que o estimularão, lhe darão toda a consciencia da sua responsabilidade e o levarão, em todas as circumstancias, a proceder o melhor possivel, mesmo com perigo de vida.

Secção do extrangeiro

Hespanha. — A guerra de Marrocos. — A «Revista de Infanteria» acompanha com a mais viva sympathia a nação visinha e irmã n'este transe doloroso da sua historia contemporanea.

Sente, com profundo pezar, que mão criminosa e anti-patriotica quizesse aproveitar o momento em que o nobre e valoroso exercito hespanhol estivesse a braços com uma guerra inesperada, mas que se liga á honra da nação, para semear a revolta, a anarchia e a desordem na florescente, formosa e rica cidade de Barcelona.

Mas a Hespanha, sempre fidalga, encontrou, dentro das suas proprias energias, força bastante para triumphar dos inimigos internos e externos da nação.

O grande, o incomparavel sentimento do amor da patria uniu todos os hespanhoes n'um esforço masculo, e a ordem interna está restabelecida, e o triumpho sobre esse povo selvagem, que é uma vergonha ás portas da Europa, será tambem um facto.

E' certo que *Marrocos* apparece sempre no horisonte da vida europeia como uma ameaça terrivel, como um grande pesadello, talvez, até, como um phantasma branco que leva na mão o facho com que ha-de desencadear uma grande guerra europeia.

A historia de nossos dias está povoada de negras e ameaçadoras étapes, com que, a pretexto de Marrocos, se pretendeu incendiar a Europa.

O que acontecerá agora não sabemos.

O que se sabe, o que se conhece bem, é a linguagem da imprensa allemã e austriaca que não nos deixa ficar tranquillos deante da gravidade dos acontecimentos de Melilla.

Conhece-se todo o esforço, sinceramente patriotico, do general Liñares, quando ministro da guerra da nação visinha em 1904, para levantar o exercito hespanhol á altura da situação politico-internacional da patria hespanhola.

Mas, nem a rotina, nem uma série de circumstancias que não veem para aqui, onde figura em primeiro plano a questão financeira, deixaram que pudesse a reorganisação do exercito hespanhol attingir o seu natural desenvolvimento.

E é surprehendida a Hespanha com uma guerra n'estas circumstancias infelizes.

O heroismo, a bravura do soldado hespanhol no campo de batalha tem excedido toda a espectativa.

Os officiaes teem sido varados pelas balas dos riffenhos á frente das suas unidades, tendo sido notavel a desproporção das suas baixas, o que mostra a dedicação e desprendimento da vida com que esses nossos camaradas se jogam ao honroso, embora duro, cumprimento do dever.

Entre os officiaes mortos gloriosamente no campo de batalha figura o tenente-coronel de infanteria, D. José Ibáñez Marin, fundador da «Revista Técnica de Infanteria y Caballeria» e collaborador de «El Mundo Militar».

Official de alto valor, espirito esclarecido e com grandes faculdades de trabalho, o tenente-coronel Ibáñez Marin occupava um logar notavel entre a intellectualidade do exercito hespanhol. Escriptor aprimorado, apostolo esforçado na campanha patriotica do engrandecimento do seu exercito, sabia attrahir ao seu affecto todos que d'elle se acercavam, pela bondade do seu coração, pela elevação do seu caracter e pela scintillação do seu espirito.

Grande orador, nunca se apagará em Hespanha o echo das suas notaveis conferencias, no Ateneo, Sociedad Geográfica, e no Centro del Ejercito y de la Armada.

Morrendo em sacrificio da patria, na pujança da sua vida, deu mais um nobre exemplo, ajustando sempre as suas obras ás suas palavras.

O elogio mais sentido que se póde fazer do chefe que o exercito hespanhol perdeu, e foi nosso confrade n'este sacerdocio da imprensa, resume-se n'este facto bem simples, mas extraordinariamente eloquente: — quando o corpo inanimado de Ibáñez Marin baixava á sepultura nas terras ardentes do Riffe, os seus soldados, que elle estimava como seus filhos, beijaram-lhe a fronte.

Honra e gloria ao heroe.

A' imprensa militar hespanhola, n'esta confraternidade de nação amiga e irmã, a expressão sincera do nosso profundo sentimento.

Italia.—A crise das promoções. — No exercito italiano, assim como na maior parte dos exercitos europeus, tem-se feito sentir d'uma fórma bem accentuada a crise das promoções.

Presentemente, é necessario, em Italia, 17 annos no posto de official para alcançar o posto de capitão, tanto na infanteria

como na artilheria. No corpo de veterinarios e da administração militar a situação é ainda mais desfavoravel, pois que são necessarios 18 a 20 annos para deixar de ser subalterno.

Este estado de coisas tem repercussão nos postos superiores. Com effeito, para obter o posto de major na artilheria e infanteria são necessarios 28 a 29 annos de official.

Ora, esta situação não só é má para os officiaes, mas tambem para os interesses do exercito e do paiz, visto difficultar o recrutamento de officiaes para de futuro e não permittir aproveitar nos postos superiores as energias dos quadros.

O governo italiano tem procurado fazer desapparecer todos esses inconvenientes e difficuldades, e ultimamente o ministro da guerra, general Spingardi, apresentou ao parlamento, n'esse sentido, uma proposta de lei, cujas bases geraes são as seguintes:

Art. 1.º — Os tenentes de infanteria, cavallaria, artilheria, engenheria, administração militar e do corpo de veterinarios, serão promovidos a capitães, mesmo que não existam vagas n'este posto, desde que tenham completado 15 annos de official e sob a condição de terem sido reconhecidos aptos para promoção e não terem soffrido punição alguma.

Art. 2.º — Os capitães de infanteria, cavallaria, artilheria, engenheria e corpo de veterinarios, serão promovidos a major, mesmo que não existam vagas n'este posto, quando tenham completado 27 annos de official, satisfazendo ás condições de promoção e não tendo tido punição alguma.

Art. 3.º — O excedente de officiaes que se produzir eventualmente nos postos de capitão e major, será compensado por um mesmo numero de vagas nos quadros de officiaes subalternos.

Art. 4.º — Logo que seja posta em execução a presente lei, para attenuar as despezas com o excedente de officiaes n'aquelles dois postos, será permittido ao governo collocar, na situação de inactividade especial, um numero correspondente de officiaes dos postos em que se accentuar o excesso, ou dos postos immediatamente superiores.

Art. 5.º — Os officiaes na situação de inactividade especial vencerão tres quintos do seu soldo, sendo-lhes contado o tempo passado n'esta situação como de serviço effectivo, sob o ponto de vista da antiguidade, promoção e reforma.

Art. 6.º — Os officiaes de todos os postos (com excepção dos tenentes e alferes) que pela primeira vez não tenham satisfeito ás provas para a promoção por antiguidade e que não tenham as condições d'edade e de serviço necessario para poderem ser collocados na situação de reserva ou reforma, ser-lhes-ha concedido a seu pedido uma licença provisoria, sendo admittidos nos serviços auxiliares á medida que forem satisfazendo ás condições requeridas.

Art. 7.º — A presente lei entrará em vigor no dia 1 de julho de 1909. Comtudo, se a esta data os officiaes a quem pertença promoção ainda não tiverem satisfeito ás provas que a lei exige, o decreto de promoção poderá ser retardado, mas os vencimentos serão referidos áquella data.

Art. 8.º — As despezas previstas para assegurar a execução da presente lei são calculadas em 560:090 liras, que deverão ser incluidas no orçamento de 1909-1910.

12.º ANNO OUTUBRO DE 1909 N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A questão do generalato

II

A apreciação dos factos concretos accusados pelo exame do quadro I evidenciou-nos desegualdades flagrantes, verdadeiras anomalias que, de per si só, condemnam o actual processo de recrutamento dos generaes do exercito portuguez.

Passando das consequencias aos principios, dos effeitos ás causas, da constatação dos numeros, que traduzem as incongruencias praticamente evidenciadas, á analyse comparativa dos diplomas de lei que teem determinado o desequilibrio existente entre as diversas armas representadas no generalato, vemos que desde a organisação de 1884 até á proposta de lei apresentada em março do corrente anno ao parlamento, tem sido successivamente aggravada a situação da infanteria no quadro do generalato.

A simples inspecção dos quadros II, III e IV comprovam por forma concludente esta asserção.

Quadro II

Maximo e minimo dos generaes de brigada de cada arma, segundo a organisação de 1884

Armas e serviços	Numero de coroneis do quadro	Numero de generaes de brigada que lhe correspondem			
		Minimo fixado	Vagas fluctuantes		Maximo realisavel
			De grupo	Geraes	
Infanteria	49	11	1		14
Cavallaria	14	3			6
Artilheria	15	3		2	6
Engenheria . . .	10	2	1		5
Estado Maior . . .	6	1			4

Quadro III

Maximo e minimo dos generaes de brigada de cada arma, segundo o decreto de 10 de janeiro de 1895

Armas e serviços	Numero de coroneis do quadro	Numero de generaes de brigada que lhe correspondem			
		Minimo fixado	Vagas fluctuantes		Maximo realisavel
			De grupo	Geraes	
Infanteria	49	7	2		12
Cavallaria	14	2			7
Artilheria	15	2	2	3	7
Engenheria . . .	10	1			6
Estado Maior . . .	6	1			4

Quadro IV

Maximo e minimo dos generaes de brigada, segundo a proposta parlamentar de 1909

Armas e serviços	Numero de coroneis do quadro	Numero de generaes de brigada que lhe correspondem			
		Minimo fixado	Vagas fluctuantes		Maximo realisavel
			De grupo	Geraes	
Infanteria	49	7	2		14
Cavallaria	14	2			9
Artilheria . . .	15	2	2	5	9
Engenheria . . .	10	1			8
Estado Maior . . .	7	1			6

A organisação de 1884 estabelecendo as vagas fluctuantes fêl-o por uma forma racional e equitativa, só depois de haver fixado a cada arma o minimo julgado indispensavel para os serviços que lhe eram privativos.

N'esse diploma respeitam-se os direitos de todos, não se procurando accelerar o movimento ascencional d'uma arma á custa das outras.

A grande commissão de 19 membros, nomeada por Fontes Pereira de Mello para elaborar o projecto de reorganisação do exercito, sob a presidencia do Visconde de S. Januario, procedeu com são criterio, com verdadeira imparcialidade e espirito de justiça.

A arma de infanteria era dotada com os generaes precisos para o commando effectivo das suas 8 brigadas e da inspecção geral de infanteria, ficando dois disponiveis para o exercicio de commissões diversas, como a direcção do Real Collegio Militar e outras.

Basta fazer o confronto dos minimos fixados á infanteria em 1884 com os estabelecidos pela legislação em vigor, para se evidenciar a incongruencia das disposições legaes que regulam o assumpto.

Em 1884, em uma organisação em que a infanteria era representada por 8 brigadas activas, fixava-se racionalmente a esta arma o minimo de 11 generaes.

Segundo a legislação vigente, para as 12 brigadas de infanteria e direcção da arma estabelece-se o minimo de

7 generaes, minimo que ainda não conseguiu ser excedido depois de entrar em plena execução o decreto de 10 de janeiro de 1895!

Poderá haver contrasenso mais flagrante, anomalia organica mais nitidamente caracterisada?

Respondam-nos os defensores da *peregrina* ideia de se elevar desaforadamente o numero de vagas fluctuantes, que só favorecem os bafejados da sorte, em detrimento dos serviços geraes do exercito.

Pela organisação de 1884 o numero de generaes de brigada era fixado em 24.

O decreto de 10 de janeiro de 1895 reduziu de 24 a 20 o numero dos generaes de brigada.

O córte de 4 generaes incidiu totalmente na arma de infanteria, cujo minimo passou de 11 a 7!

Porque se procedeu d'uma forma tão descaroavel e injusta com a arma principal, com a arma base dos exercitos?

Haveria alguma justificação plausivel para tão caprichoso arbitrio?

Cremos sinceramente que não.

Poder-se-ia, talvez, allegar capaciosamente que os minimos arbitrados em 1884 á cavallaria, á artilheria e á engenharia foram tambem reduzidos d'uma unidade.

Foram redusidos, não ha duvida, mas para cavillosamente augmentar essas unidades ao numero de vagas fluctuantes, com a plena certeza de que ellas reverteriam novamente a favor d'aquellas armas.

Mascarou-se por esta forma o golpe mortal vibrado á infanteria, que d'uma assentada perdia quatro vagas de general, simulando-se com uma sophistica disposição de lei a reducção *apparente* d'um general nas armas de cavallaria, de artilheria e de engenharia.

Se o engenhoso expediente na sua transparente subtileza não assume as proporções d'uma verdadeira mystificação, esperamos nos digam como devemos classificar tão habilidoso processo da *pretendida correcção* das desegualdades a que se refere o relatorio justificativo do decreto n.º 7 de 10 de janeiro de 1895!

Como ironia pungente dardejada á infanteria, cahida em desgraça na questão do generalato, ainda não vimos melhor!

Em 1884 podia justificar-se a creação das quatro vagas fluctuantes, destinadas a corrigir as desegualdades de

promoção porque a antiguidade do official se contava unicamente da data em que se fazia a primeira promoção n'essa classe.

Não havia subtilezas, nem ardis preconcebidos nas disposições da lei, e, portanto, tambem não havia receios de que essas disposições podessem na sua applicação redundar em beneficio d'umas armas com prejuizo de outras.

Não podem, nem devem, em boa rasão, continuar a subsistir as vagas fluctuantes na época actual em que a antiguidade relativa dos officiaes das diversas armas se conta desde o posto de tenente, ao qual, por uma singular aberração da lei organica de 12 de junho de 1901, só ascendem os alferes de cavallaria e infanteria tres annos mais tarde que os de artilheria e quatro annos mais tarde que os de engenharia, que completarem os respectivos cursos da escola do exercito no mesmo anno lectivo.

Esse avanço de 3 annos, a favor dos artilheiros, e de 4 annos a favor dos engenheiros, estabelece um grande desequilibrio, em que a arma de infanteria é altamente prejudicada, porque dado mesmo o caso que n'uma determinada época a promoção se accelerasse na infanteria de forma a compensar quaesquer atrazos, surgiria logo o correctivo estabelecido a favor das outras armas, que alem de tão extraordinario avanço conseguiram deixar a infanteria acorrentada ás cerebrinas disposições do artigo 45.º da mesma lei, isto é, á peregrina invenção dos quintos, que assegura a promoção ao posto de coronel a um numero de tenentes coroneis equivalente á quinta parte do numero de coroneis de cada arma, logo que seja promovido áquelle posto um official de infanteria mais moderno no posto de tenente!

Por esta *originalissima* innovação conseguiu-se que as armas de artilheria e engenharia mantivessem sobre a infanteria respectivamente o avanço de 3 e de 4 annos no momento do accesso ao posto de coronel, o que lhes garante de futuro a boa colheita de todas as vagas fluctuantes geraes, que agora se procura augmentar escandalosa e arbitrariamente, sem que o natural decôro e deferencia a guardar de arma para arma possa conter já a onda de ambições que a tudo se antepõe e tudo quer subverter n'este tristissimo desabar dos sãos principios e das boas normas, que deviam servir de base moral ás nossas instituições militares.

E é n'estas condições que se chama á infanteria a arma reguladora das promoções?!

Pungente ironia, cruel sarcasmo!

*
* *

Mas, demoremos por instantes a nossa attenção sobre os quadros II, III e IV, apreciemos mais detidamente a caprichosa organisação dos grupos, sobre que incide a illogica distribuição das vagas fluctuantes.

A existencia d'estas vagas, que tem conseguido levar ao auge do desespero os coroneis de infanteria, os quaes teem já 11 annos de posto e 39 de official, constatou-se:

Em 1884 na proporção de 4 para 24, ou seja $\frac{1}{6}$.

Em 1895 na proporção de 7 para 20, ou seja $\frac{1}{3}$ approximadamente.

Pela proposta de 1909 na proporção de 9 para 22, ou seja $\frac{1}{2}$ approximadamente.

A creação das 4 vagas fluctuantes pela organisação de 1884 não provocou reparos sensiveis, porque, alem da proporção estabelecida parecer rasoavel, todas as armas eram collocadas no mesmo pé de egualdade na concorrencia ás duas vagas geraes, visto que ainda não existiam as subtilezas da nova contagem do tempo de serviço desde o posto de tenente, nem a *originalissima* descoberta da promoção dos *quintos*, consagrada pela lei de 12 de junho de 1901.

O decreto com força de lei de 10 de janeiro de 1895, ao mesmo tempo que reduzira o numero de generaes de brigada de 24 a 20 augmentara o numero de vagas fluctuantes de 4 a 7; a conjugação d'essas duas disposições deu em resultado elevar ao dobro a proporção existente entre as vagas fixas e fluctuantes o numero d'essas ultimas que até então era represetado por $\frac{1}{6}$ da totalidade de vagas de general de brigada, passou a ser $\frac{1}{3}$ da mesma totalidade, o que é visivelmente injusto e attentatorio dos principios da equidade, aggravando-se perniciosamente para as armas geraes os effeitos d'esse decreto, depois da promulgação da supracitada lei de 12 de junho de 1901.

A proposta apresentada ao parlamento em 17 de março do corrente anno, para se elevar a nove o numero das vagas fluctuantes é d'um arrojo que espanta ainda os menos crentes na seriedade dos nossos legisladores;

é um verdadeiro cumulo que revela a ausencia completa da noção do espirito de equidade que deve presidir a questões melindrosas, como foram sempre as de promoções.

Por certo o bom senso das commissões de guerra das duas camaras a relegarão ao logar destinado aos papeis inuteis, como merece.

Examinemos, porem, os quadros que antecedem estas linhas e dos quaes se deduz:

Organisação de 1884

Minimos fixados		Grupos	Vagas fluctuantes	
Infanteria.....	11	14.....	1	d'onde:
Cavallaria.....	3			$\frac{6}{1} = \frac{14}{x}$
Artilheria.....	3	6.....	1	$x = 2{,}33$
Engenharia ...	2			
Estado-Maior..	1			

A expressão arithemetica $\frac{6}{1} = \frac{14}{x}$ mostra-nos que para existir egualdade na distribuição das vagas fluctuantes devia ser attribuida ao grupo de infanteria e cavallaria a quantidade 2,33, valor de x.

D'onde se conclue que já em 1884 a distribuição das vagas fluctuantes foi feita por uma forma defeituosa, o que, todavia, não dava logar a injustiças sensiveis.

Decreto de 1895

Minimos fixados		Grupos	Vagas fluctuantes	
Infanteria.....	7	9.....	2	d'onde:
Cavallaria.....	2			$\frac{3}{2} = \frac{9}{y}$
Artilheria.....	2	3.....	2	$y = 6$
Engenharia ...	1			

A expressão $\frac{3}{2} = \frac{9}{x}$ prova-nos que para se manter uma correlação mathematica na distribuição das vagas fluctuantes, deveria ser dada ao grupo da infanteria e cavallaria a quantidade 6, valor de y.

Ao mesmo resultado chegariamos calculando o numero de vagas fluctuantes de grupo fixadas á infanteria e cavallaria pela proposta parlamentar de 1909.

D'onde se conclue que as armas geraes teem sido gradual e successivamente prejudicadas por todos os

modos e feitios. Se pela organisação de 1884, o grupo de cavallaria e infanteria tinha nas vagas fluctuantes uma participação equivalente a menos de metade das vagas arbitradas ao grupo das armas especiaes e do serviço do estado maior, pela lei de 1895 e proposta de 1909 fica aquelle grupo proporcionalmente reduzido a um terço das vagas destinadas ao grupo de engenheria e artilheria.

E' esta, indiscutivelmente, uma flagrante injustiça feita ás armas de infanteria e cavallaria; desde que se adoptou o odioso processo das vagas fluctuantes, deveria observar-se a mais rigorosa proporcionalidade na distribuição d'essas vagas pelos grupos de armas, attendendo á sua constituição numerica, que é desegual, não devendo, por tanto, ser egual a representação dos dois grupos na partilha das vagas, o que reduz o grupo de infanteria e cavallaria á triste condição de só receber a terça parte dos beneficios dispensados ás armas especiaes. E isto sómente no que respeita ás vagas fluctuantes de grupo, porque as vagas fluctuantes geraes serão de futuro exclusivamente aproveitadas pela engenharia, pela artilheria e pelo estado maior.

Em resumo, pelo conjuncto das obnoxias disposições que regem o accesso ao quadro do generalato portuguez, a arma de infanteria sente-se gravemente prejudicada;

1.° Pelo cavilloso artificio das vagas fluctuantes, que em 13 annos successivos teem reduzido aquella arma á mesquinha representação de 7 generaes para o commando de 12 brigadas, chegando hoje á deploravel situação de nenhuma d'essas brigadas estar commandada por um general!

2.° — Pela contagem da antiguidade do official a partir do posto de tenente, segundo as prescripções da lei de 12 de junho de 1901, que, sem justificação plausivel, assegura um avanço de 4 annos aos engenheiros e de 3 annos aos artilheiros, relativamente aos seus camaradas das armas geraes, quando a differença de gratificações e a facilidade em obterem melhores commissões de serviço publico deveriam ser as unicas e naturaes compensações á maior duração dos cursos.

3.° — Pela disposição do artigo 45.° da mesma lei, que estabelece a denominada *promoção dos quintos*, a qual traz como consequencia futura a exclusão das armas de infanteria e cavallaria da partilha das vagas fluctuantes geraes.

Urge pois, impõe-se mesmo como providencia inadiavel, impreterivel, a revisão immediata de todos os diplomas que regulam a promoção ao generalato, banindo de vez as vagas fluctuantes, de sua natureza odiosas e injustificaveis, verdadeira causa de rivalidades nascentes e da viva irritação produzida na arma de infanteria, que as abomina pelas flagrantes e irreparaveis injustiças a que teem dado logar.

Faça-se uma distribuição racional e equitativa das vagas pelas diversas armas, attendendo ás necessidades de serviço, pondo de parte as subtilezas e os artificios habilidosos, que viciam o actual systema de promoções, e ver-se-ha em breve desapparecer este mal estar latente, este descontentamento profundo da arma base dos exercitos, terminando de vez esta situação verdadeiramente anomala de não haver disponivel actualmente um unico general de infanteria para commandar uma das 12 brigadas d'aquella arma!!

Continuaremos.

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora

(*Continuado do n.º 8—1909*)

c) O capitão e os subalternos.

Na companhia, o capitão deve ter por collaboradores dedicados os subalternos, de quem será o inspirador e o guia, porque se faz mister que só a sua impulsão domine, afim de evitar esforços divergentes que lançam a perturbação nos espiritos. O capitão deverá abster-se de impôr caprichosa ou despoticamente as suas ideias; ao contrario, procurará fazel-as acceitar pelo espirito dos subalternos, deverá incutil-as pela persuasão com perfeito conhecimento de causa, que penetre a intelligencia de quem o escuta.

Este reflexo das ideias do capitão, nos seus subalternos primeiro, e por meio d'estes nos outros escalões em ordem descendente da hierarchia militar, irá diffundir-se no conjuncto da companhia para a illuminar com uma mesma luz.

A vida d'esta pequena unidade será assim alimentada em todas as suas ramificações pelo mesmo pensamento director.

Para o regular funccionamento de todos os serviços e para a marcha progressiva da instrucção, a communhão de ideias dos subalternos com o seu commandante de companhia é primordial.

O capitão assegural-a-ha por uma auctoridade comprovada, por uma benevolencia attrahente e por uma condescendencia constante em ouvir as ideias proprias dos seus officiaes, procurando com certo tacto demonstrar-lhes os inconvenientes, se d'essas ideias não poder auferir-se qualquer utilidade para o trabalho profissional.

Por seu turno, os subalternos acabarão por convencer-se de que a sua mocidade, por mais instruida que seja não póde ser experimentada, devendo acceitar com deferencia as decisões do seu chefe, cujos serviços o impõem ao respeito e o affirmam como auctoridade esclarecida.

Esta cohesão indispensavel entre os officiaes da companhia cimentar-se-ha assim sem attritos e a unidade de vistas, a concordancia de vontades multiplicará as suas forças no trabalho commum.

Por identica forma procederão os subalternos com os officiaes inferiores e estes com os cabos.

E assim se conseguirá que o commando seja *uno* e a companhia mereça verdadeiramente o nome de unidade.

Depois de haver dado a impulsão reguladora, cabe ao capitão o estricto dever de em tudo dar o exemplo.

As palavras não impressionam o espirito dos subordinados senão quando são corroboradas pelo exemplo.

Mas sempre que este não falte, as palavras do official são d'um effeito salutar extraordinario, pois que o exemplo é um dos mais poderosos meios de acção de que dispõem os chefes.

d) O primeiro segredo do commando é o conhecimento do homem.

O official é essencialmente um instructor e um educador, excepcionalmente um guerreiro.

Para bem desempenhar a sua missão, uma das preoccupações preponderantes do educador consiste em adquirir o conhecimento perfeito dos elementos que lhe cumpre instruir e dirigir.

Na ardua tarefa do official moderno deve comprehender-se o estudo do homem, seu instrumento de combate.

Os habitos, os costumes, as opiniões, as crenças, os caracteres distinctivos das populações que fornecem a materia prima para o combate devem constituir outros tantos objectos sobre que a investigação do official, o seu estudo sob o ponto de vista psycho-sociologico deve especialmente incidir.

Em um notavel estudo sociologico recentemente publicado a proposito da educação das tropas, Paul Simon, illustre official da artilheria franceza, demonstra proficientemente com argumentos bem deduzidos que a regulamentação da tactica de combate só pode ser baseada sobre o conhecimento scientifico do homem, isto é, sobre o estudo da physiologia, da psychologia e da sociologia.

«Ás modificações periodicamente introduzidas nos processos tacticos, diz elle, são impostas pela evolução incessante dos dois factores do combate, os homens e as armas.

A sciencia tactica tem, pois, duas bases necessarias: a sciencia dos homens e a sciencia das armas. Estas duas sciencias devem formar o fundo da instrucção dos officiaes.

Em geral os officiaes estudam muito as armas, o seu emprego, os seus effeitos; mas estudam pouco ou absolutamente nada o coração humano e a psychologia das tropas.

Ficam, pois, preparados pela sua educação intellectual a attribuir aos factores materiaes ou balisticos, na solução dos problemas tacticos, uma influencia preponderante e a desprezar mais ou menos completamente os factores psychicos ou moraes.

E' esta orientação erronea que se torna indispensavel fazer mudar.

Em boa logica, o estudo do homem, das tropas, dos factores psychicos do combate — vontade, coragem e medo, disciplina, sangue frio e nervosismo, contagio das emoções, imaginação pessimista ou optimista — deveria occupar na educação intellectual dos officiaes um logar notavelmente maior que o das armas, da balistica e do tiro.

Ora, é exactamente o inverso que tem logar.»

O primeiro segredo do commando é o conhecimento do homem.

Só esse conhecimento permitte que a justiça seja conscienciosamente administrada e que o commando se exerça com maior prestigio e auctoridade.

Penetrar o caracter do recruta, observar-lhe os habitos, descobrir-lhe as inclinações, as tendencias e os instin-

ctos, corresponde a adquirir elementos poderosos, indicações precisas, pelas quaes o chefe escolherá os meios mais apropriados ou conducentes á sua educação militar.

E' o conhecimento de todos estes elementos que nos indicará as vias mais seguras para despertar a affeição dos subordinados, porque convem não esquecer que a *maior força* do chefe provem do amôr dos seus soldados.

No serviço militar as menores exigencias parecem exorbitantes a quem não trabalha senão forçado pelo jugo d'uma disciplina tyrannica, ao passo que as maiores fadigas são faceis de supportar com um chefe que possue o amor dos soldados.

Trabalha-se sempre de boa vontade com aquelles a quem se estima.

E a affeição dos subordinados é facil de adquirir pela benevolencia que se lhes dispensa, pelo interesse que o chefe manifesta pelo seu bem estar e ainda pelas palavras de incitamento e louvor que se lhes dirige no desempenho de qualquer serviço.

Designado a proposito, pelo seu nome, deante de seus camaradas, um soldado mostra-se altivo de ser conhecido e escolhido pelo seu chefe, sobretudo tratando-se d'uma missão de confiança.

Por mais ardua que seja essa missão póde confiar-se que elle a executará com desvelado interesse e certo amor proprio, porque não é já o n.º... tal que foi designado, foi elle, elle só, que o capitão se dignou escolher.

Envaidece-se pela honra do serviço e fica vivamente reconhecido para com o official que o nomeou, a elle e não a outro.

Um episodio, de entre muitos identicos, fere bem a nota, dá uma ideia nitida do estimulo que uma phrase incitadora faz despertar no animo do soldado.

Na Italia, tornou-se necessario recorrer, em certa occasião, a um pequeno destacamento de tropa de linha para dar caçada a um temivel bandoleiro, que com a sua quadrilha espalhava o terror na região que infestava.

Uma força de vinte homens escolhidos foi requisitada para esse fim.

O tenente nomeado para a commandar, dirigiu se á sua companhia e expôz a missão que lhe fôra commettida, convidando os soldados que voluntariamente o quizessem acompanhar, afim de na proxima noite se preparar uma emboscada aos bandidos.

Ninguem respondeu ao convite, tal era o terror que infundia o famigerado bandido.

Sem se desconcertar com tão significativo silencio, o tenente interpellou vivamente um dos soldados n'estes termos:

—Então, Labadie, serás tu um dos que me acompanham, hein! tu o habil atirador? Se fôr precisa uma bala certeira, serás tu o escolhido para a enviar.

—Por certo, meu tenente, respondeu o soldado todo envaidecido pelo cumprimento sobre a sua destreza no tiro.

O official dirigiu-se por egual fórma a outros soldados, tocando-os a cada qual no seu ponto fraco, estimulando-os pela importancia que mostrou dar á sua aptidão especial.

O exemplo foi contagioso; momentos depois o tenente tinha os vinte homens precisos e teria a companhia inteira, se necessario fôsse.

Para conseguir este resultado bastou ao official conhecer bem o caracter, as qualidades e as aptidões dos soldados da sua companhia.

e) Saber punir.

Uma das partes mais delicadas da educação militar é a que se refere ás questões de disciplina.

Saber punir é um dom que nem todos os chefes possuem.

Para applicar com justiça um castigo é indispensavel ter tacto, justeza de apreciação, um caracter calmo junto a um criterio bem ponderado.

Em presença d'uma infracção a punir, o chefe deve procurar reprimir os seus nervos, não se deixando arrastar pela colera, a pronunciar logo o seu *veredictum,* afim de se dar tempo de reflectir, pesando as consequencias da falta, examinando as circumstancias que a attenuam, e de estudar o caracter bem como a maneira habitual de servir do infractor.

O interesse da disciplina exige que se castiguem as faltas bem caracterisadas, ao passo que bastará recorrer a uma advertencia, a uma admoestação benevola para reprimir aquellas que proveem d'um erro passageiro, d'uma negligencia momentanea.

O abuso das punições é detestavel, levaria bem depressa a transviar os melhores soldados; o excesso contrario, que consiste em nunca punir, é tambem deplora-

vel, porque as praças devem estar convencidas de que não podem infringir qualquer das obrigações do serviço sem incorrer n'um castigo.

A verdadeira sabedoria na applicação das punições consiste em achar o justo meio termo, distinguindo os casos em que se torna preciso castigar d'aquelles em que a indulgencia é permittida.

Para chegar a este resultado bastará descobrir a intenção que levou a praça a faltar ao seu dever; umas vezes essa falta é devida a ignorancia, outras vezes é o desleixo ou a má vontade que a determinam.

A gravidade da falta reside na intenção que a occasionou.

Nenhuma falta deverá ficar impune, por mais leve que pareça, se a má vontade do infractor estiver bem evidenciada, porque não ha falta leve quando a intenção é má.

Ao contrario, dever-se-ha ser indulgente com o descuido involuntario, com a inaptidão natural, que são a causa de muitas faltas, porque, n'este caso, o que ha a corrigir são os defeitos do homem e não as suas faltas militares.

E' sobre esses desfavorecidos da natureza que o trabalho do official educador deve principalmente incidir.

Convem ser ponderado na applicação das penas disciplinares, porque uma punição injustamente applicada póde fazer transviar para sempre um bom soldado, levando-o á indisciplina e a perverter-se como homem.

O direito de punir é, pois, a parte mais delicada do commando; só uma mão experimentada o póde exercer com segurança e firmeza.

f) O commando ideal

Nas coisas militares, como em tudo o que é humano, a perfeição é um ideal e o progresso o meio de o attingir.

Theoricamente o ideal existe; praticamente a sua realisação é impossivel.

O progresso consiste em ir diminuindo incessantemente a distancia que separa a execução pratica do ideal.

Toda a creação, innovação ou modificação só affecta o caracter d'um progresso indiscutivel quando constitue mais uma approximação para o ideal, isto é, quando representa o desenvolvimento racional ou a consequencia logica de principios fundamentaes.

No caso concreto e restricto da vida normal de corpo, do serviço regimental, a perfeição a attingir seria o commando ideal,—isto é, uma collaboração intelligente e dedicada de todos, segundo os diversos graus da hierarchia, no dever profissional, no dever do exercito, sob a responsabilidade moral e legal d'este dever.

O chefe que quizer, senão realisar, pelo menos tender para o commando ideal, precisa compenetrar-se d'este dever—*synthese de todos os seus deveres militares*—, exercendo sobre si mesmo o esforço necessario para se lhe devotar inteiramente.

A força de vontade indispensavel a este effeito nascerá da consciencia intima d'este dever, que nos obriga a desenvolver diariamente a energia moral precisa para o cumprir e fazer cumprir em todos os graus da corporação regimental.

As outras qualidades de commando—energia, sangue frio, espirito de sequencia, etc., derivam da propria preoccupação moral e dos actos repetidos de vontade persistente que d'elle resultam.

Emfim, a auctoridade do chefe assenta principalmente na comprehensão e acceitação do dever commum pelos seus subordinados.

Esta auctoridade fica assegurada plenamente se o chefe se houver compenetrado por tal fórma d'esse dever, que elle proprio, pelos seus actos, o possa personificar aos olhos de todos.

Para saber commandar é indispensavel aprender primeiro a obedecer.

Esta proposição corresponde ao incisivo conceito de Frederico II:

Quem obedecer não soube quando soldado, mandar não saberá quando chefe.

Este conceito traduz um principio verdadeiro, porque o commando e a obediencia representam para bem dizer as duas faces d'uma mesma funcção.

Que se compenetrem d'esta grande verdade os officiaes novos, que pelo seu brio e pelo seu enthusiasmo militar devem propôr-se a realisar no futuro o typo do verdadeiro commandante de tropas.

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.

ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA

(1908 — 1909)

Os trabalhos finaes d'esta Escola, a que tivemos o prazer de assistir, vieram mais uma vez demonstrar quão sincero é o desejo de todos os nossos camaradas do seu quadro permanente, em patentear á infanteria a utilidade do seu esforço durante o periodo de instrucção, o que manifesta nitidamente a grandeza da dedicação e do mais entranhado desvello pelos progressos e pelo bom nome da nossa arma.

Não é possivel apresentarem-se provas tão brilhantes, execuções tão perfeitas, sem que o methodo de ensino deixasse de ser guiado pelo mais elevado criterio, impulsionado pelo mais honesto desejo de bem servir a causa magna da instrucção das tropas.

Registamos esse facto com verdadeira satisfação, e, n'estas palavras, bem despretenciosas mas bem sentidas, queremos apenas consignar os nossos applausos ao digno e illustrado commandante da Escola e a todos os officiaes, que bem merecem da arma.

No dia 24 de agosto pela manhã tiveram logar as provas de gymnastica e o concurso de gymnastica para aspirantes, 1.os sargentos e soldados.

Os instructores foram os srs. tenentes Garcia Gomes e Torres.

Brilhante prova.

Não sabemos, nem podemos especialisar, tão completo foi este certamen, em que se evidenciou a importancia que a gymnastica vae tendo entre nós, como avigoramento da raça e escola de desenvolvimento de energia, de agilidade, de disciplina e de coragem.

Se a gymnastica de exercicios livres feita por 240 praças nos encantou, não menor foi a impressão de agrado pelo pelotão de 36 praças, armadas e equipadas, subindo ao portico, atravessando-o, descendo-o e transpondo a pista de serios obstaculos para terminar pela escalada ao muro.

Os saltos entre barras, a subida da viga, os extraordinarios saltos em largura (3 escadotes) os saltos em altura, que chegaram a attingir 1m,65, tudo isto deixou na assistencia uma funda impressão de agrado que se desdorda no mais sincero applauso.

Cumpre-nos registar aqui, e isso fazemos com muito prazer, os nomes dos aspirantes, 1.os sargentos e praças que obtiveram premio n'este notavel concurso:

1.º premio: aspirante de infanteria n.º 2, Francisco Alberto dos Santos Lara;

2.º premio: aspirante de infantaria n.º 12, Eduardo dos Santos Guerra;

1.º premio para sargentos: 1.º sargento de infanteria n.º 21, João Antunes Videira;

2.º premio: 1.º sargento do Deposito de Praças do Ultramar, Joaquim Cavalleiro.

1.º premio para soldados: soldado n.º 58 da 3.ª do 1.º de infantaria n.º 6, Americo Coelho Relvas.

2.º premio: soldado n.º 13 da 3.ª do 2.º de infanteria n.º 4, Antonio Madeira.

*

N'esse mesmo dia, de tarde, houve provas de equição por aspirantes e velocipedia por aspirantes e soldados.

Instructores, tenentes Algés, de cavallaria, Garcia Gomes e Torres.

A prova no picadeiro da Escola constituiu para nós uma verdadeira surpreza, pois o desembaraço e firmeza

a cavallo dos aspirantes em todos os exercicios, mas sobretudo na brilhante serie de saltos, revelam uma alta competencia do instructor, um excellente methodo de ensino e uma notavel aptidão nos officiaes do futuro, o o que constitue uma grande esperança para o exercito, garantindo um bom desempenho da ardua missão do official em campanha, em todas as condições.

Em face d'esta prova pareceu-nos que estavamos n'uma Escola de Cavallaria.

Admiravel.

A prova de velocipedia não foi menos brilhante e os dois dignos intructores, que são officiaes de grande merito e dedicadissimos até á paixão pela causa da instrucção, devem ter encontrado no applauso geral aos trabalhos apresentados a maior satisfação e reconforto para as suas consciencias.

*

No dia 25 de manhã houve o concurso de tiro.

O director da instrucção de tiro é o sr. capitão Santa Clara, cuja alta competencia é sobejamente conhecida em todo o exercito.

Os progressos já realisados na carreira de tiro da Escola são assignalados, e sabemos que o illustre director propoz differentes melhoramentos e a acquisição de material moderno, propostas estas que estamos convencidos terão a plena e urgente approvação superior, o que fará transformar a carreira de tiro da Escola em um instrumento de ensino verdadeiramente á altura da arma.

A «Revista de Infanteria» não pode nem deve abandonar este assumpto, que se reserva para versar em occasião opportuna.

Em artigo especial trataremos tambem dos fogos collectivos, e por agora nos limitamos a consignar os premiados entre os atiradores especiaes.

1.º premio: aspirante de infanteria 14, José de Mello Ponces de Carvalho.

2.º premio: aspirante de caçadores n.º 2, Antonio Soares de Andréa Ferreira.

1.º premio: 1.º sargento do Deposito de Praças do Ultramar, Joaquim Cavalleiro.

2.º premio: 2.º sargento, Manuel Antonio Vaz Osorio Junior, de infanteria n.º 13;

1.º premio: soldado de infanteria 17, João Pedro Melro;
2.º premio: soldado d'infantaria 4, Antonio Branco.
3.º premio: soldado de infantaria 5, José Alves Gamboa;
4.º premio: soldado de infanteria 18, José Pereira da Costa:
5.º premio: soldado de infanteria 22, Manuel Antonio Leitão;
6.º premio: soldado de infanteria 11, Antonio da Silva Curado.
7.º premio: soldado de infanteria 19, Eurico Coutinho.

*

No mesmo dia, á uma hora da tarde, teve logar a prova de tactica, com a presença de Sua Magestade El-Rei.

O instructor da companhia, sr. capitão Abreu, apresentou-a a trabalhar em tactica abstracta e de flexibilidade por uma fórma tão correcta e notavelmente perfeita, que podemos affirmar, sem receio de contradicta, que tropas do nosso temperamento meridional não poderão nunca exceder o que vimos na Escola.

Simplesmente admiravel.

Grande foi a impressão produzida em toda a assistencia quando se viu manobrar a companhia sem os seus quadros, unicamente a signaes feitos pelo seu illustre commandante.

Repetimos, não é possivel fazer-se melhor, e n'isto vae o maior elogio ao sr. capitão Abreu, que é um official de grandes aptidões e recursos.

*

El-Rei visitou depois os trabalhos de terraplenagem feitos pelos sapadores da Escola sob a direcção do sr. tenente Telles.

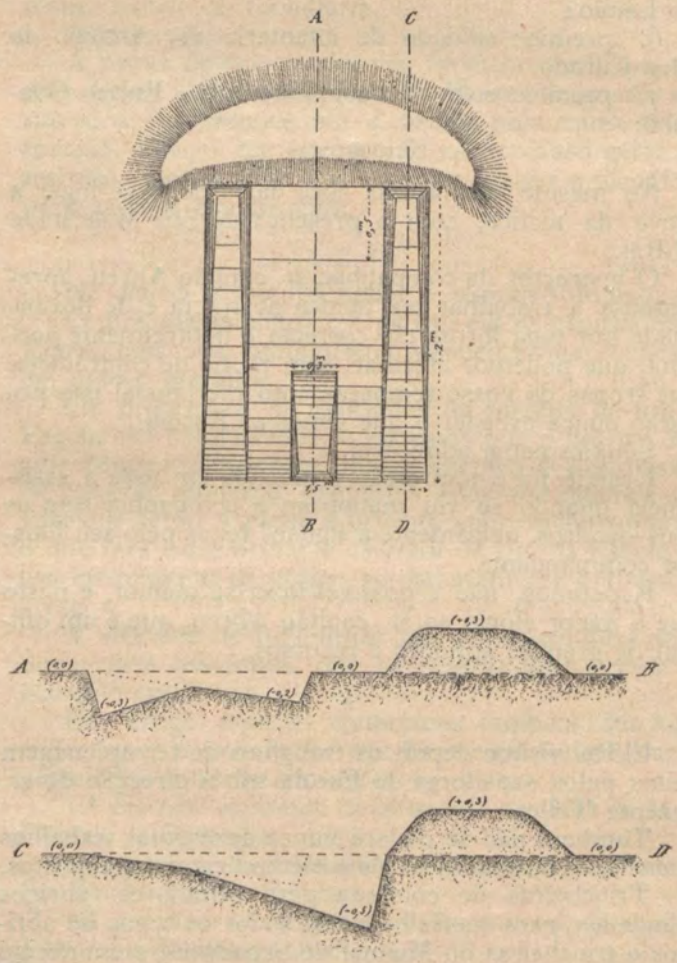
Tambem não se poderá nunca apresentar trabalhos mais bem acabados e mais methodicamente expostos.

Trincheiras de combate para atiradores, abrigos blindados para metralhadoras, todos os typos de abrigos e trincheiras do Manual de Sapadores, e um abrigo para metralhadora e respectiva guarnição aberto com ferramenta portatil e inventado pelo distincto comman-

dante da Escola, o nosso querido amigo tenente-coronel Pinto da Rocha, e cuja gravura acompanha estas palavras. (1)

Trabalhos de acampamento muito variados e muito completos.

Abrigo para metralhadora
em experiencia na escola pratica de infantaria



(1) Este abrigo é construido com a pá Theriaga, em 7 minutos.

Tudo muito bem feito.

Pena é que os sapadores dos nossos regimentos não concorram em larga escala á nossa Escola Pratica, porque, se tal acontecesse, como deve acontecer, maior desenvolvimento teriam os trabalhos de terraplenagem e mais intensa teria sido a instrucção.

Todavia, devemos registar que se fizeram na Escola muitos trabalhos com ferramenta portatil que eram inutilisados ao finalisarem os exercicios.

*

Houve n'esse mesmo dia uma partida de Foot-Ball por dois grupos de soldados, ensinados pelo sr. alferes Eça, do curso de aperfeiçoamento.

Deve notar-se que estes soldados desconheciam por completo o exercicio, e, comtudo, o jogo correu com a maior correcção e dextreza, o que muito agradou.

O Foot-Ball tende a generalisar-se no exercito, o que merece grandes applausos, porque é um exercicio que faz desenvolver muito a agilidade e o golpe de vista, sendo ao mesmo tempo um grande estimulo para a disciplina.

*

No ultimo dia, 26, houve as provas de esgrima, com assaltos de florete e sabre.

Excellente.

O professor, sr. Pedro de Oliveira, deve ter ficado satisfeitissimo pelas brilhantes provas, principalmente dos officiaes do curso de aperfeiçoamento.

Falta-nos o espaço para podermos dar uma noticia desenvolvida d'estes exercicios, que foram muito admirados e muito applaudidos e que honram a Escola e o professor.

No concurso para aspirantes ganhou o 1.° premio o sr. Alberto Pedro de Sá e Mello, de infanteria 2, e o 2.° premio o sr. Herminio Rebello, de infanteria 12.

El-Rei teve palavras de grande elogio e incitamento para o illustre commandante da Escola e todos os officiaes e praças.

Essas palavras, que foram da maior justiça, accentuou-as El-Rei no seu brilhante e notavel brinde, no banquete que os officiaes da Escola lhe offereceram no ultimo dia dos trabalhos finaes.

Conservarão sempre todos no coração e na memoria essas palavras do Augusto Chefe do Estado, tão sinceramente pronunciadas, e que bem exprimem a pureza das nobres intenções de El-Rei, que só procura o engrandecimento do exercito e a prosperidade e a felicidade da Patria.

INSTABILIDADE DAS LEIS

Escolas para praças de pret

Um dos males de que mais enferma o nosso organismo militar é a instabilidade das leis. E' fecundissima a imaginação dos nossos organisadores, não ha duvida, mas a verdade é que quando se annuncia qualquer reorganisação a espectativa é quasi sempre de bem pronunciado pessimismo.

E' que uma tal fluctuação de ideia só prejudica a instituição militar, e a prova temol-a todos bem patente.

Para os que não partilham tal modo de ver, e esses são a maioria dos nossos camaradas, não ha boa vontade que resista. Cremos mesmo que todas as reformas dos ultimos tempos ficaram sem ser estudadas no campo da pratica, porque ninguem se dispoz a fazel-o, certos da inutilidade de tal trabalho, posto que só ahi se pudesse reconhecer se tal reorganisação era ou não viavel consoante os interesses do exercito e do paiz.

Os progressos militares, embora notaveis, não estão em harmonia com a actividade dispendida, e a culpa é d'esta constante mudança de scenario.

A nossa legislação é um caos; e pelo que respeita á parte administrativa o mal encontra-se muito mais aggravado, sendo difficil saber o que está em vigor.

Já n'esta *Revista* (1) nós pedimos para que se codificasse toda a nossa legislação militar, mas, mau grado, os nossos rogos não foram ouvidos, embora isso seja

(1) Novembro de 1906.

absolutamente necessario. E' certo que alguns assumptos de administração teem o seu regulamento, o que parece contentar alguns; mas a verdade é que, se isso podesse satisfazer, lá estão, por outro lado, milhares de circulares e algumas portarias, dispersas pelas O. E. que se encarregam de confundir tudo, ...mesmo a titulo de esclarecer duvidas, que é a formula consagrada. De modo que não é raro alguem observar a outrem que se occupa, no momento, de consultar algum d'esses regulamentos: ...—Mas não haverá alguma disposição posterior que altere isso?—O interpellado olha o interpellante e, duvidoso, arruma o cartapacio, proferindo—... Curar por informações...

Isto é assim. E, todavia, a codificação que nós pedimos afigura-se-nos relativamente facil, por isso ainda esperamos que ella se faça, simplificando quanto possivel, depois do que é mister que o assumpto repouse.

*

O assumpto — escolas para as praças de pret — merece-nos subida importancia naturalmente por ser ahi que tivemos origem, d'onde, seja dito sem immodestia, trouxemos os conhecimentos que nos habilitaram a cumprir com o nosso dever em todas as situações em que o official se pode encontrar, o que não quer dizer que nos bastem os conhecimentos ahi adquiridos. Referimo-nos ao alicerce da obra que todos podem edificar com alguma boa vontade.

Antes de 1879 pode dizer-se que o assumpto não estava assente em bases acceitaveis, sendo muito omisso tudo quanto existia. A partir d'aquella epocha é que começou a ligar-se mais seria importancia á instrucção litteraria das praças de pret, surgindo o primeiro regulamento das escolas, em termos, referendado pelo prestigioso general João C. d'Abreu e Sousa, cujos effeitos produzidos foram de uma utilidade incontestavel. São d'essa escola um bom nucleo de officiaes que nas ultimas campanhas e outros serviços do ultramar mostraram saber honrar os seus galões.

Mas a evolução impoz a reforma em harmonia com os progressos da instituição militar, d'ahi a reorganisação de 25 de outubro de 1893, decerto a melhor obra do illustre general sr. conselheiro P. Pinto, pela intenção que reveste, que melhor fôra que ainda existisse.

Infelizmente não durou muito o famoso regulamento que garantia aos sargentos uma instrucção apropriada com a qual tinham margem para, na pratica, depois de promovidos a officiaes, se não distanciarem muito dos seus camaradas com o curso da arma. E' certo, porém, que tudo quanto se allegou tres annos depois não justificou, em nosso modesto parecer, a substituição d'esse regulamento por outro em que os conhecimentos dos sargentos eram notavelmente diminuidos, embora se attribuisse... *grande folego* (parece ironia!) aos que quizessem ascender a official! Mas como o regulamento de 1896 já não existe não temos que discutil-o, e se nos referimos a elle foi para registar uma phase porque passaram as escolas para as praças de pret.

Em 1906 avançou-se alguma coisa, mas talvez valesse a pena ter-se antes retrogradado até ao regulamento de 1893, unico que acceitamos com as alterações impostas pela experiencia. Ainda assim, o que existe, toleral-o-iamos, dado o nosso feitio algo conservador, senão fosse o decreto de 7 de maio do anno findo, que reputamos altamente inconveniente para os interesses do exercito, o qual não pode ter justificação de especie alguma, sendo extraordinariamente pueris as considerações que o precedem.

Então o *espirito de corporação* enfraquece porque um 2.º sargento foi promovido a 1.º para outro corpo? E porque não enfraquece quando se dá, em identicas condições, a promoção de outros militares? Não percebemos, com franqueza.

O segundo considerando tambem não justifica coisa alguma, salvo melhor modo de ver, porquanto o systema do concurso geral combinado com a garantia concedida pelo § 3.º do artigo 31.º do decreto de 14-11-901 não podia paralizar o accesso de um modo extraordinario desde que os 2.os sargentos que estivessem nas condições do referido §, sendo promovidos a 1.os, entrassem no effectivo como se fossem supranumerarios, suppondo que vinham do ultramar já 1.os sargentos, o que se nos afigura logico, estabelecendo-se a relação indicada no § unico do artigo 4.º (referencia do artigo 7.º) do regulamento de 20 de setembro de 1906, em futuras vacaturas. E' obvio que a incorporação d'esses 2.os sargentos, depois do regresso do ultramar, deveria ser feito equitativamente.

Mas para nós melhor fôra que taes 2.os sargentos não existissem, porque não acceitamos a imposição tal qual se faz, por isso ser altamente prejudicial ao recrutamento dos quadros inferiores e porque não é absolutamentamente indispensavel, como já aqui demonstramos (1).

Depois das considerações até agora feitas parece-nos poder concluir-se que tal estado de coisas não pode continuar. A promoção a 1.º sargento, que define o futuro de um individuo, pela qual se luta herculeamente, não pode estar á mercê da trica provinciana que se mobilisa quando ha alguma vaga.

Tivemos de passar por essa phase e sabemos bem quantos desgostos e desalentos ella nos custou, sendo nós um debil arbusto completamente desabrigado.

E isso acontece tambem com o regulamento de 1906 que apenas obvia ao inconveniente da má distribuição das vagas, o que foi, diga-se a verdade, um grande serviço; mas o mal que resulta do exame ser feito nos corpos subsiste, favorecendo commentarios altamente prejudiciaes á disciplina, obliterando o verdadeiro sentimento militar; produzindo, emfim, isso que nós chamaremos com um pouco mais de propriedade, — enfraquecimento do espirito de corporação.

Impõe-se, pois, uma revisão sobre o assumpto e n'esta ordem de ideias vamos expor a nossa modesta opinião.

— Em 1896 allegou-se, para derrubar o regulamento do sr. Conselheiro P. Pinto, como razão de peso, que a frequencia da escola central obrigou a afastar das fileiras um numero consideravel de sargentos. Ora esta allegação poderia ser acatada se os sargentos que não estivessem em Mafra estivessem nos corpos a que pertencem. Mas, como entre nós, elles estão em toda a parte menos onde devem estar, melhor seria que estivessem na escola pratica onde se instruiriam com proveito manifesto para si e para a collectividade.

Segundos os calculos, no anno lectivo 94-95, a frequencia na escola central foi de 113 sargentos; em 95-96, 80, ou sejam por regimento, menos do 4 no 1.º anno, e menos do 3 no 2.º approximadamente.

---

(1) Recrutamento dos sargentos para o ultramar. — *Revista d'infanteria*. Outubro de 1907.

Mas já algum notou que haja um grande numero de sargentos, coisa até anormal, com licença registada para estudos? E o que fazem estes? A que se destinam? E' positivo que pretendam ser uteis ao exercito? Não se sabe. Quem pode prescindir do vencimento, tambem podia ter deixado as divizas em favor dos que teem aspirações mais modestas, estudando por outra forma.

Foi por isto que nós não acceitamos taes allegações. Em todo o caso vamos transigir um pouco para que as modestas considerações que costumamos fazer n'esta *Revista* não soffram agora de inexiquibilade, para isso as não faziamos, porque não costumamos escrever por simples prurido.

A estructura geral do actual regulamento das escolas, da promoção aos postos inferiores, não soffre grande alteração com o nosso modesto alvitre, visto que o mal que nós pretendiamos atacar reside na promoção a 1.º sargento, que nós não acceitamos tal como se faz, pelas razões já expostas.

Os cursos da escola regimental deviam ser: — Curso de habilitação para 1.os cabos; — Curso de habilitação para 2.os sargentos; — Curso preparatorio para 1.os sargentos. — E curso preparatorio para 1.º sargento ou de escola central, sendo este regido na Escola pratica d'infanteria.

Na revisão dos programmas, que será bom fazer, deve attender-se á distribuição das materias de modo que o sargento fique tendo uma instrucção regular, tanto geral como profissional. O francez deve ser, definitivamente, incluido no programma do curso preparatorio para 1.º sargento, porque o systema que existe actualmente, em quasi todos os corpos, não satisfaz a não ser com uma feição essencialmente pratica.

A promoção até 2.º sargento faz-se nos corpos, como no actual regulamento; a 1.º sargento, é feita pelo ministerio da guerra, recaindo no 2.º sargento habilitado com o curso da escola central, a quem pertença a promoção, segundo a escala organisada por ordem de merito dos individuos habilitados com o referido curso.

Parece-nos um pouco exagerada a depreciação que soffre o comportamento das praças, em conformidade com o artigo 11.º do regulamento actual, com a qual

concordamos, é verdade, como meio de selecção, mas de modo que o merito não soffra uma concorrencia que possa parecer desleal, tendo tambem em vista que o jury deve ter a faculdade de votar a exclusão de qualquer candidato cujo comportamento não seja bom em razão da qualidade de quaesquer notas averbados no registo disciplinar.

Para a admissão na escola central devem ser aproveitadas todas as provas de capacidade que o individuo tenha dado durante toda a carreira militar, que é a melhor forma de fazer selecção.

As vagas de 1.º sargento existentes no ultramar serão prehenchidas pelos 2.os sargentos do exercito do reino — conforme os casos — a quem, segundo uma escala organisada, com os 2.os sargentos que se offereceram, tendo por base a media dos valores obtidos — no curso de habilitação para 1.º sargento, e ainda os do comportamento, pertença a promoção, sendo preferidos, em egualdade de circumstancias, os mais antigos no de 2.º sargento. Claro que estes 1.os sargentos devem, quando regressem ao reino, matricular-se no curso da escola central, sem o qual não podem ascender aos postos superiores.

Este processo não traz prejuizos para ninguem, nem para o serviço, e não vae de encontro a quaesquer disposições sobre promoção das praças de pret. E' pois, uma solução como qualquer outra.

Os 2.os sargentos que forem servir no ultramar nos termos do § 3.º do artigo 31.º do decreto de 14-11-901, habilitando-se com o curso preparatorio para 1.º sargento no 1.º anno lectivo após o regresso do ultramar, como foi permittido, nada soffrem nas suas regalias desde que sejam preferidos para a matricula na escola central e, depois de feito o curso, promovidos a 1.º sargento na primeira vagatura, independentemente da altura que occuparem na escala.

Um ponto sobre que será necessario fazer convergir a maxima attenção é o que disser respeito ás preferencias para a matricula na escola central para que a promoção a 1.º sargento venha a recair em quem mais garantias offereça. Quanto a nós essas preferencias deveriam ser indicadas pela seguinte forma. — 1.ª Ter servido no ultramar por imposição de serviço, como 2.º sargento — não tendo perdido direito a essa garantia;

— 2.ª Ser o melhor classificado segundo a media dos axames — do curso de habilitação para 2.º sargento, do concurso para este posto, e do curso de habilitação para 1.º sargento; — 3.ª O que tiver o grau da Torre-Espada, as medalhas de valor militar ou de bons serviços; — 4.ª Ter maior numero de valores na avaliação do comportamento; — 5.ª Ser mais antigo no posto de 2.º sargento; 6.ª, 7.ª e 8.ª como a 5.ª, 7.ª e 8.ª do regulamento actual.

Dando por findas estas modestas considerações, resta-nos declarar que todos as fariam mais proficientemente, mas nenhum com mais honesta intenção de ser util á instituição militar.

F. S.

Uniformes das tropas europeias em serviço no Ultramar

Quando escrevemos o artigo que, com o mesmo titulo, vem a pag. 340 da «Revista de Infanteria», n.º 11 de 1908, praticámos um erro de memoria que pedimos licença para rectificar. E só agóra o fazemos porque ainda não tinhamos dado por elle.

Assim, affirmámos ali que ninguem mais tinha ainda tratado do mesmo assumpto, o que é menos verdade, por que na «Revista de Infanteria» n.º 3, de 1907, elle foi proficientemente tratado pelo sr. capitão David Rodrigues, o que ignorávamos, como Sua Ex.ª bem comprehendeu e por isso certamente nos desculpou.

Por isso pedimos licença para, sobre o assumpto, fazermos mais algumas considerações.

E' Sua Ex.ª de opinião de que as praças de pret devem ter dois uniformes: «o de kaki para campanha e um outro para passeio», mas, attendendo ao pouco uso que no ultramar se pode fazer do fato de panno, devido ao elevado da temperatura, parece-nos que o inconveniente apontado, de as praças andarem nas cidades, em passeio, com o uniforme de kaki, não é grande desde que esse uniforme seja feito de bom kaki, como os que Sua Ex.ª havia de ter visto em Lourenço Marques e eu vi tanto na Costa Oriental d'Africa como na Colonia ingleza de

Hong-Kong—e os inglezes são homens praticos—a não ser que se adopte o mesmo panno de que são feitos os uniformes das praças da Companhia de Moçambique, se não estamos em erro. E, porque me parece que este panno se não pode adquirir na industria nacional, é que julgo preferivel que as praças tragam o que lhe foi distribuido para servirem no exercito do reino, realisando-se com isso uma consideravel economia e prestando-se ao mesmo tempo um valioso serviço á classe dos sargentos, que é a mais prejudicada.

Senão vejamos. O sargento farda-se, no geral, por conta propria, e é obvio que quando foi chamado para o Ultramar estava fardado, com o que havia dispendido o melhor de 40$000 réis. Chegou ao deposito de P. do U. e foi-lhe distribuido e lançado em c|c um fardamento que não usa, pelo menos voluntariamente, seja qual fôr a região a que se destine, com excepção de Macau, mas ficou debitado por 50 e tantos mil réis, que é obrigado a pagar por descontos de 3$000 réis mensaes.

Desfez-se do fardamento que tinha quando foi chamado, porque se lhe estragava durante a commissão.

Voltou ao exercito do reino e teve que se fardar de novo, o que quer dizer que em dois annos soffreram as pobrissimas finanças d'este humilde servidor do Estado uns formidaveis rombos cujo calafêto lhe custou 150$000 a 180$000 réis.

Além d'isso dissemos já tambem que o plano de uniformes em vigor para o Ultramar nos parece immensamente prejudicial ás finanças coloniaes e sem nenhuma utilidade pratica.

Alguns dados mais para corroborar tal asserção. Em 7 de fevereiro p. p. embarcaram de regresso ao reino 108 praças de pret; pois 55 d'essas praças ficaram com o debito de 1:437$141 réis, o que dá uma media de 26$129 réis por praça, e se as 53 restantes eram credores é porque se conservavam na colonia mais de 4 annos. Crêmos que nas outras colonias o prejuizo é maior porque o numero dos que ficam em novas commissões ha-de ser menor.

Do contingente que rendeu aquelle foram collocados em uma das unidades da provincia 48 cabos, soldados e corneteiros com o debito de 3:187$524 réis, o que dá uma média de 66$008 réis por praça, havendo-as com debitos superiores a 180$000 réis. Pois não traziam o

necessario, porque a todas foi preciso distribuir lençoes e fronhas e fardamentos de kaki, porque os que haviam recebido no deposito de P. do U. eram pessimamente feitos, mal adaptados aos corpos, produzindo mau aspecto. O mesmo se pode dizer, sem erro, do fardamento de panno e calçado.

Por tudo o que fica dito, pedimos a Sua Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar que mande estudar o assumpto, introduzindo no actual plano de uniformes as modificações que a pratica aconselha, com o que Sua Ex.ª prestaria um valioso serviço ás colonias e ao exercito Colonial, especialmente á classe dos sargentos.

J. G. R.

BIBLIOGRAPHIA

Episodios da guerra peninsular.—Acção de Puebla de Senabria, por *Ribeiro Arthur*, coronel de infanteria.

O nosso presado amigo, illustrado collaborador e distincto commandante de infanteria n.º 14, sr. coronel Ribeiro Arthur, tão conhecido no nosso meio militar pelos seus trabalhos artisticos e litterarios, publicou um folheto sobre a acção de Puebla de Senabria, que com tão feliz exito foi levada a cabo pelo marechal Silveira. E' um valioso subsidio para a historia da guerra peninsular, cujo centenario se está festejando com tanto ardor patriotico por todo o paiz. O trabalho do sr. coronel Ribeiro Arthur, perfeito, completo e esmerado, como são todos os trabalhos devidos á sua penna ou ao seu pincel, tem toda a opportunidade. Os estudiosos encontrarão n'elle subsidios de valor, porque, alem d'uma nitida exposição dos acontecimentos, encontrarão toda a correspondencia official que se relaciona com o assumpto e bem assim uma curiosa carta inedita do tenente Sonnaz, que era subalterno do 3.º batalhão suisso que na acção da Puebla foi aprisionado pelas tropas de Silveira, e que, com um saber especial e na propria lingua em que foi escripta, narra os acontecimentos por uma fórma muito precisa.

Ao nosso presado amigo e distincto camarada as nossas felicitações e os nossos agradecimentos.

Secção do extrangeiro

Allemanha.—Condemnações impostas pelos tribunaes militares em 1908.—Dos 14:493 militares que foram submettidos a julgamento, 12:797 foram condemnados, 1:597 admoestados e 127 absolvidos. As penas impostas foram as seguintes: 11 de 5 ou mais annos de reclusão; 22 de 2 a 5 annos de reclusão; 5:339 de prisão; 97 de detenção em praça de guerra; 2:588 de prisão correccional; 2:087 de prisão disciplinar; 281 de detenção e 2:199 de multa.

Além d'isso, 111 d'estas punições envolveram a perda dos direitos civis; 68 envolveram a expulsão do exercito; 680 degredo e 1:583 a baixa de posto.

Os delictos classificam-se da seguinte fórma: 3:036 de insubordinação; 561 de deserção; 34 de mutilação voluntaria; 633 de abuso de auctoridade; 28 de extravio ou inutilisação de artigos militares; 16 de reclamações feitas fóra das regras disciplinares e 1:441 de roubos e furtos.

Para um exercito tão numeroso como é o allemão, estas cifras mostram bem quão arreigado está o espirito militar no povo d'aquella grande nação. Tanto as deserções como o extravio de artigos militares são em numero extraordinariamente limitado.

Aligeiramento do soldado de infanteria. — Algumas noticias temos dado n'esta secção tendentes a mostrar como na Allemanha se procura aliviar o equipamento do soldado de infanteria. Hoje vamos reunil-as e completal-as para melhor elucidar o assumpto.

Além de se adoptar uma mochila mais leve e de se ter feito outro tanto com relação ao capote, muitos dos artigos, especialmente do pequeno equipamento, foram mesmo supprimidos ou consideravelmente restringidos. As escovas, por exemplo, foram restringidas a uma para 4 homens.

A tendencia, porém, consiste em transportar um grande numero de artigos nas viaturas de companhia. E n'esta ordem de ideias os soldados não transportam todas as ferramentas portateis, nem todos os pannos das tendas-abrigos.

Para não augmentar porém o numero de viaturas de companhia, reduziu-se consideravelmente o numero de artigos de uniforme e equipamento de reserva que eram transportados por

estas. E nos espaços assim obtidos pode-se transportar 100 capotes e 100 tendas abrigos, ou 100 mochiletas completas, ou 115 ferramentas, ou 5:000 cartuchos.

Em virtude da adopção das cosinhas rolantes, cada soldado em vez de transportar rações de reserva para 3 dias, passará a transportar sómente rações para 2 dias, indo as restantes nas cosinhas. O conjuncto d'estas medidas alivia o soldado consideravelmente.

Quando se fará entre nós qualquer cousa n'este sentido?

Effeitos da bala ponteaguda.—Por um telegramma de Berlim para a *France Militaire* vê-se que a revista allemã «Medicina Militar» affirma que depois de varios estudos sobre corpos humanos e de animaes dos effeitos da bala S, bala ponteaguda allemã, se chegou á conclusão de que as feridas causadas por estes projecteis são muito grandes. O menor obstaculo ou resistencia basta para fazer desviar a bala S, tomando ella em seguida dentro do corpo a posição horisontal, de maneira que depois de ter penetrado fazendo um pequeno orificio, a bala chega a maior parte das vezes a causar estragos extraordinarios.

França.—Deterioração do armamento da infanteria.—Em virtnde das inspecções feitas em alguns corpos de infanteria, reconheceu-se que muitas armas em uso se encontram já bastante deterioradas em consequencia do muito serviço que teem supportado. Os calibres estão já muito alargados, o que affecta extraordinariamente a justeza da arma, pois que as inspecções mostraram que havia calibres superiores a 8^{mm},008, quando as experiencias balisticas teem demonstrado que com calibres que ultrapassem aquella tolerancia se prejudica extraordinariamente a justeza da arma.

Para evitar esses inconvenientes o ministro da guerra francez ordenou uma inspecção a todos os corpos de infanteria, activos e de reserva, devendo as armas ser classificadas pela seguinte fórma: *a) armas muito boas*, as que não tiverem algum defeito; *b) boas*, as que exigirem reparações superficiaes; *c) usadas*, as que exijam substituição de peças; e finalmente *a pôr fóra do serviço* as que apresentarem engrandecimentos exagerados de calibre, devendo estas ser recolhidas em deposito.

Indemnisação de entrada em campanha.—Para satisfazer ás primeiras necessidades que exigem os preparativos para a entrada em campanha existe em França uma indemnisação especial ligeiramente variavel, conforme o theatro d'operações, e que consta do seguinte: tenentes, de 400 a 500 francos; capitães, 600 a 700; majores, de 800 a 1:000; tenentes corneis, 1:000 a 1:200; coroneis, 1:200 a 1:800 e generaes de 4:000 a 12:000.

Na Allemanha estas indemnisações são mais modestas e constam do seguinte: tenentes, 250 francos; capitães, 375; majores, 625; coroneis, 1:250; generaes, 2:250.

A Austria e a Italia consignam verbas sensivelmente eguaes e a Inglaterra e Estados Unidos accentuadamente superiores ás allemãs.

12.º ANNO NOVEMBRO DE 1909 N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A questão do generalato

III

O quadro do generalato portuguez e a distribuição dos commandos das grandes unidades, que a organisação militar estabelece, offerece-nos hoje um espectaculo curioso, unico, sem precedentes nos annaes do nosso exercito e cremos que sem exemplo conhecido em exercito algum do mundo civilisado.

Mercê d'um conjuncto de disposições verdadeiramente illogicas, viciosas e suspeitas de favoritismo, encontramo-nos hoje em presença do estranho caso de estar preenchido o quadro official do generalato e de não haver disponivel um unico general para o commando de qualquer das 12 brigadas de infanteria!

Quatro das seis divisões estão commandadas por generaes de brigada; das 14 brigadas creadas pela nossa organisação militar só as duas de cavallaria teem os seus commandantes natos; as 12 de infanteria estão commandadas por coroneis, alguns dos quaes fazem falta para o commando dos regimentos da arma!

E no emtanto, o quadro do generalato comprehende 7 generaes de divisão e 20 de brigada.

Como explicar, pois, esta estranha anomalia de estar preenchido o numero de generaes fixados pelo respectivo quadro e de não haver generaes para o com-

mando sequer de uma ou de duas brigadas de infanteria, as de Lisboa, por exemplo?!

Reproduzir-se-ha em o nosso paiz o defeito de que, em parte, enferma o exercito francez, defeito tão proficientemente descripto no capitulo que sobre o alto commando enceta o primoroso relatorio sobre o orçamento da guerra em 1907, elaborado por Messimy, illustre deputado pelo departamento do Sena, quando accentua o luxo, a superfluidade de commissões technicas que se multiplicam por tal forma, que só conseguem retardar a marcha dos trabalhos uteis e impedir a adopção das soluções originaes e vigorosas?

Eis como se exprime o distincto parlamentar francez no seu notavel trabalho:

«De facto um dos fins essenciaes das commissões permanentes, o unico mesmo para a maior parte d'ellas, consiste em proporcionar situações e guarnições escolhidas a generaes em excesso, para os quaes já não ha commandos, a despeito do que os poderes publicos não se teem cohibido de augmentar ainda o numero dos generaes, alem de todas as necessidades do tempo de paz e mesmo do tempo de guerra.

«O unico emprego de sete generaes de divisão e de seis generaes de brigada consiste em serem membros de commissões permanentes; estes generaes não teem outra occupação, senão a de irem, a intervallos mais ou menos espaçados, sentar-se em volta d'uma meza para darem parecer sobre trabalhos conscienciosamente preparados por officiaes novos; durante algumas semanas, ou alguns mezes, estes trabalhos servirão de alimento á *verborrheia*, pela qual a commissão deve justificar a utilidade da sua existencia. Depois d'esta *étape*, aquelles trabalhos irão sepultar-se com milhares de outros nos archivos inexplorados e inexploraveis do ministerio da guerra!»

Se o illustre relator do orçamento da guerra em França pudesse ser encarregado de identico trabalho no exercito portuguez, decerto não constataria a superabundancia de generaes que a organisação franceza comporta no serviço activo, isto é 330, sendo 110 de divisão e 220 de brigada.

Encontraria, porventura, alem da insufficiencia numerica dos generaes para os diversos serviços do exer-

cito, uma imperfeita distribuição de cargos para o bom desempenho d'esses serviços.

E' possivel que tambem por cá notasse o mesmo luxo e superfluidade de commissões, reproduzindo nos seus trabalhos uma ordem de factos identicos áquelles que o perspicaz relator deixou magistralmente descriptos nas linhas que do seu relatorio transcrevemos.

Uma differença, porem, encontraria.

E' que em França a exuberancia de commissões provem do excesso de generaes, que os commandos não podem comportar, ao passo que em Portugal parece haver officiaes generaes que não se resolvem a trocar as doçuras das commissões pelas agruras do commando.

D'ahi o facto verdadeiramento anormal de estarem 4 divisões commandadas por generaes de brigada e as 12 brigadas de infantaria commandadas por coroneis da arma.

Anomalias d'este quilate é que Mr. de Messimy não constatou, nem jámais constatará na França, onde ha a febre de desdobrar commandos, de inventar logares para se augmentar o numero de generaes do quadro activo, não podendo sequer admittir-se a hypothese de que, como no nosso paiz, decorressem annos e annos successivos sem que se houvessem adoptado as providencias indispensaveis para dar commandantes genuinos, authenticos, ás suas brigadas de infanteria.

Só em Portugal para lustre da arma e credito da instituição militar é que se evidenciam, conservam e eternisam contrasensos organicos d'esta força!

*

As reclamações que a *Revista de Infanteria,* como orgão da arma principal do exercito, vem de ha muito fazendo perante os poderes publicos sobre o abandono a que systhematicamente se tem votado a solução do instante problema do generalato, que se faz mister resolver sem mais delongas para se sanarem de vez as flagrantes injustiças e desegualdades sufficientemente conhecidas e exhuberantemente provadas, encontram echo n'um illustre confrade da imprensa militar, a *Revista de Artilharia,* que no seu n.º 61, em um judicioso artigo intitulado — *Os quadros do generalato* — abunda

nas ideias por nós expendidas, deixando consignada a opinião de que a arma de infanteria não deve ter menos de 11 generaes de brigada, na hypothese de serem reduzidas a 10 as 12 brigadas existentes.

Reconhece a *Revista de Artilheria* que tanto a organisação actual, como a proposta apresentada ao parlamento em março, ultimo, estão mui longe de satisfazer ás necessidades, não só por o numero de logares reservados a cada arma se manter desproporcional ao numero de officiaes que em cada uma d'ellas pode ascender ao generalato, como tambem por não haver nos limites minimos estabelecidos o numero sufficiente de generaes para as exigencias imprescindiveis de cada arma, e mui especialmente *porque o modo de se preencherem as vagas chamadas fluctuantes, ou compensadoras, mais aggrava por vezes o desparallelismo da promoção, em vez de restabelecer o justo equilibrio, como se pretende.*

Manifestam-se, com a actual lei, flagrantes desigualdades na promoção, que, em geral, prejudicam, em dadas occasiões, umas armas em beneficio de outras, resultando da sua applicação o serem quasi sempre os logares de generaes de divisão preenchidos, não pelos officiaes de maior antiguidade, mas por aquelles que mais cedo alcançaram os galões de coronel.

E' o que succede actualmente, pois dos 6 generaes de divisão existentes, 2 são provenientes de engenheria e 4 de cavallaria.

Se o acaso, ou qualquer outra circumstancia, promove a coroneis officiaes já adeantados na promoção, é claro que as vagas fluctuantes vão, em geral, caber a esses officiaes, visto começarem a contar a sua antiguidade para generaes de brigada desde que obtiveram a promoção a coronel.

Com razão, pois, se queixa a Revista de Infanteria, *visto ser, sem duvida, a arma que representa, a que mais prejudicada tem sido pelos effeitos da lei.*

Folgamos immenso em lêr as judiciosas considerações do distincto official que firma o artigo da *Revista de Artilheria,* de que transcrevemos os periodos anteriores.

Abrangem ellas um ponto escabroso, em que, por melindre, não haviamos tocado até hoje.

Mas, n'uma questão de tanta magnitude, como é a

da constituição do generalato, a que se prendem os interesses do exercito inteiro, é indispensavel que se accentuem bem nitidamente todas as imperfeições, todas as subtilezas cavillosas da lei para as expungir d'ella ou não as tolerar n'uma futura reorganisação do quadro do generalato.

E é n'essa ordem de ideias que a *Revista de Artilheria* mui sensatamente diz que da *applicação da actual lei resulta serem quasi sempre preenchidos os logares de general de divisão, não por officiaes de maior antiguidade, mas por aquelles que mais cedo alcançaram os galões de coronel.*

E em outro periodo referindo-se á flagrante injustiça a que, na promoção, teem dado logar as vagas fluctuantes, deixa consignada a opinião de que *para o preenchimento d'essas vagas, a antiguidade não deveria ser a de coronel; deveria ir procurar-se ao posto de tenente depois de feitas as convenientes correcções.*

E, na realidade, a base tomada para o preenchimento das vagas fluctuantes, é na sua essencia viciosa.

Todos conhecem a pratica seguida até hoje e todos condemnam no fôro da sua consciencia os expedientes mais ou menos engenhosos empregados para accelerar a promoção em algumas armas ou quadros, havendo-se até designado pittorescamente como *promoções artificiaes* as realisadas por taes processos.

A promoção artificial presuppõe, como é obvio, o emprego d'um certo artificio, e, todos comprehendem que n'um meio viciosamente educado, como é o nosso, em que todas as facilidades se permittem e auctorisam, o artificio se reduz apenas a conseguir que sejam requisitados para simuladas commissões de serviço nos diversos ministerios os coroneis que pela sua sahida temporaria do ministerio da guerra dão logar a outras tantas promoções ao posto de coronel, com a *enormissima* vantagem de principiarem desde logo a contar a antiguidade para o posto de general de brigada e consequentemente para o de divisão

E' evidente que o emprego de processos tão deploraveis ha-de forçosamente produzir os maiores desequilibrios na promoção das diversas armas, a qual por essa forma se vae convertendo n'uma verdadeira loteria em que a infantaria só tem sido contemplada com bilhetes brancos.

Comprehende-se perfeitamente que 4 ou 6 promoções n'uma arma de quadro reduzido equivalem, pelo menos, a 20 ou 30 na arma de infanteria, o que tem capital influencia para o futuro ingresso no quadro do generalato.

E é por essa forma que se explica o estranho caso de se encontrarem no Almanach do Exercito generaes de engenharia, que ascenderam a este posto apenas com 30 annos de official, ao passo que se depara com antigos coroneis de infanteria que tendo proximamente 40 annos de serviço como official, ainda não preveem nem divisam nas brumas da sua *hibernação* forçada o almejado dia em que conseguirão pôr as dragonas de general!

Como se vê, o quadro é deveras animador; o assumpto é fertil em surprezas de toda a ordem, revelladoras de habilidosas artimanhas, de expedientes curiosissimos postos em pratica durante annos successivos, em detrimento, quasi exclusivo, da infanteria.

A esse amontoado de disposições illogicas e estravagantes que regulam o accesso ao generalato, vem ainda, por vezes, juntar-se o emprego abusivo de condemnaveis processos de obter promoções artificiaes.

A conjuncção de todos esses meios de accelerar o accesso reduziram a arma de infanteria á ultima extremidade, como o prova o significativo facto de ha 13 annos só ter 7 generaes de brigada, não conseguindo ainda exceder o minimo fixado pela lei de 1895.

D'ahi a perturbação originada nos diversos serviços pelas indispensaveis deslocações do pessoal de graduação inferior, que é chamado a exercer funcções do grau immediatamente superior, perturbação que é ainda aggravada pelo profundo descontentamento que reina na classe dos coroneis de infanteria, cujos direitos ao accesso não teem sido devidamente acautellados contra esses *jogos malabares* artificiosamente introduzidos nas nossas normas de promoção, viciando os salutares principios da organisação de 1884, que muito conviria respeitar.

Faz-se mister, pois, que providencias immediatas venham pôr termo a este cahotico estado da nossa legislação militar, purificando-a dos deleterios enxertos, que produziram a crise actual.

Ou se volta pura e simplesmente á organisação do

quadro do generalato de 1884, baseado em principios racionaes e justos, ou, nos processos de promoção a general, se expungem de vez as vagas fluctuantes, hoje odiosas e profundamente odiadas pelas revoltantes injustiças a que tem dado logar, verdadeiro pomo de discordia entre as diversas armas, que, por todas as considerações, muito convem não deixar aggravar.

O dilema salvador está posto.

Oxalá os poderes publicos meditem ponderadamente as suas proposições e resolvam a momentosa questão do generalato por uma forma mais humana e equitativa do que a actual, que tão vivos protestos e clamores tem levantado na imprensa e nos circulos militares de todo o paiz.

São estes os votos da grande maioria dos officiaes do nosso exercito.

Considerações sobre o tiro da infanteria

Ao escolher este assumpto para thema do presente estudo que pensei fazer objecto d'uma conferencia regimental, moveu-me o desejo, que sempre me tem acompanhado na minha vida d'official, de confessar aos meus camaradas a minha incompetencia e quasi absoluta inanidade em que ficaria, se um dia tivesse de resolver sobre o campo de batalha os mais elementares problemas de tiro que entram no quadro das attribuições dos officiaes subalternos e capitães, e tal confissão seria ridiculamente descabida se tivesse um interesse unicamente pessoal e não se generalisasse, devido á falta de preparação no campo pratico, á maioria dos officiaes da arma.

E assim é, sciencia eminentemente experimental, a da direcção e conducta do tiro, requer os ensinamentos colhidos nos campos de tiro, ou nos campos de batalha, e talvez antes n'aquelles do que n'estes, por isso que os testemunhos de officiaes tendo feito a guerra, referem-se a casos particulares por elles observados, e diversos para cada um, assim como diversas terão sido

as situações de combate em que os registaram, ao passo que as deducções tiradas das experiencias dos polygonos revestem um caracter rigorosamente mathematico, que associado á observação dos factores physicos e psychicos em que se encontram duas tropas adversas, e confrontadas com a experiencia da guerra, permittem assentar em leis seguras que guiem o official na resolução dos problemas de tiro que lhe serão commettidos em campanha. Ora é justamente um e outro elemento d'estudo que quasi por completo fazem falta a todos os officiaes da nossa arma, e, assim, ao passo que em todos os exercitos estrangeiros, e sem ser necessario ir mais longe, em Hespanha, cursos de tiro, em que predomina o estudo da conducta dos fogos collectivos, funccionam regularmente, com obrigatoriedade de frequencia que se extende aos propios officiaes generaes, entre nós succede, como a quem escreve estas linhas que attingiu o posto de capitão, com dois tirocinios na escola pratica da arma onde existe o unico campo de tiro privativo da infanteria, não tendo ali recebido a minima preparação sobre a direcção e commando dos fogos collectivos.

De duas vezes que ahi fômos, com intervallo de 14 annos, assistimos á determinação da velocidade inicial e das cotas do ponto médio d'um grupamento, áparte umas pequenas experiencias de determinação de % e vulnerabilidade de formações. O certo é que até hoje nunca tivemos occasião de commandar sequer um exercicio de tiro de combate collectivo, em que a intelligencia tivesse de operar para determinar os differentes dados que o compõe, nem tão pouco na meditação dos erros proprios commettidos.

Exercicios de quadros, tendo por objecto principal o estudo d'um problema de tiro, em nenhum até hoje tomámos parte. Em resumo, o que temos feito, porque assim temos sido educados no exemplo alheio, é dar automaticamente as vozes de apontar e fogo, determinar sem maior consciencia de exactidão a alça a empregar e finalmente regular o consumo das munições, tendo tão sómente em vista fazer com que a successão regular das descargas, ou o crepitar da fuzilaria dêem ao quadro um effeito de sonoridade agradavel, e que esse effeito se conserve até final.

Por isso, n'uma quasi absoluta fallencia de ideias

proprias, o que vae lêr-se representa tão sómente um resumo dos escriptos de nomes de reputação universal, que tão brilhantemente se tem affirmado em materia de tiro.

Reproduziremos pois as suas doutrinas (1).

Divideremos o presente estudo nas seguintes partes:

1.º — Importancia e exame da questão; como deverá ser apreciada.

2.º — Estudo de cada uma das seguintes perguntas que um chefe, commandando o fogo, formulará a si mesmo: *a*) Quantos cartuchos deverão consumir-se para ter probabilidades d'obter a destruição de um quarto a metade do effectivo sobre que atiro? *b*) Que alça deverei empregar? *c*) Que especie de fogo deverei empregar? *d*) Qual o ponto a visar? *e*) Quando deverei abrir fogo? *f*) Que formação deverá adoptar a força do meu commando? *g*) Que posição occuparei na previsão do apparecimento do inimigo n'uma determinada direcção?

1.º — Exame e importancia do assumpto. — O regulamento d'exercicios da infanteria allemã, diz no seu n.º 264:

A infantaria é a arma principal; quando combinada com a artilheria domina o adversario pelo seu fogo. Só ella póde vencer a ultima resistencia do inimigo. Cabe-lhe o principal papel nas batalhas e acarreta com os maiores sacrificios, por isso lhe deve pertencer tambem a maior gloria.

E no n.º 200:

«O chefe deve procurar quanto possivel conservar na sua mão a direcção e o emprego dos fogos». O nosso regulamento tactico (E. C. n.ºs 182 e 183) diz: «O principal meio d'acção da infanteria é o fogo». «Que a judiciosa direcção do fogo, isto é, a sua boa

(1) Principaes obras consultadas: «Étude sur le fusil, modèle 1886», pelo general Lamiraux; «Le tir em terrain incliné, ses effets matériels, et les consequences tactiques», pelo general Philibert; «De la conduite des feux dans les exercices des combats de l'infanterie», pelo commandante Veynante; «De la resolution des problemes de tir sur le champ de bataille», pelo lieutenant de Mondeil, «Manuel pratique des tirs collectifs», pelo capitaine belge Collon; «Tirs de combats individuels e collectifs», pelo general Le Joindre; o nosso regulamento de tiro e o allemão: R. d'exercicios da infanteria allemã.

adaptação á distancia, á forma do terreno, ás circumstancias tacticas do objectivo, constituem um factor tanto ou mais valioso do que a aptidão individual do atirador em o executar.»

O commandante Vonderscherr expressa-se assim: «A efficacia do tiro collectivo depende tanto do saber profissional de quem o commanda, como da dextresa dos que o executam»; e o general Lamiraux «que é necessario que os officiaes encarregados da direcção do fogo da infanteria, se convençam que muito embora disponham de bons atiradores, e d'armas de fogo as mais aperfeiçoadas, produzirão sempre poucos resultados, se não souberem servir-se d'esses instrumentos».

O coronel Von Lichtern, commandante da escola de tiro bavara, diz: «para a infanteria, o tiro é a tactica, e a tactica é o tiro»; e Collon no seu Estudo sobre o tiro da infanteria formula a seguinte pergunta:

«A tactica da infanteria não vem a ser a arte de empregar o seu fogo, a sua espingarda?

O emprego do fogo, a arte de se preservar d'elle, é em resumo a propria essencia da tactica.

E uma multidão de citações semelhantes se poderiam fazer em appoio d'esta doutrina. Mas se ha unanimidade quasi completa relativamente á importancia que convem ligar ás questões de tiro, já não succede o mesmo no que diz respeito ás suas applicações. Uns preconisam o tiro ás grandes distancias, outros consideram-no como puramente inefficaz, um grande numero convencem-se da impossibilidade de resolver as questões relativas ao terreno, outros emfim não sonham senão na balistica e vêem sempre a possibilidade de fazer intervir as combinações theoricas na resolução dos problemas de tiro, e finalmente, e é este o maior numero, ha-os que pela apprehensão do desconhecido, acham preferivel deixar tudo ao arbitrario, convencidos que para a resolução de qualquer problema de tiro se lhes exige a consulta d'um formulario trigonometrico. E escudam se estes na opinião d'alguns escriptores que felizmente vão cedendo terreno, e que procuraram fazer escola, affirmando que o aperfeiçoamento crescente das armas de fogo, e uma cuidadosa instrucção individual de tiro, em nada influem nos resultados efficazes, em presença do elemento homem, sempre impressionavel, e talvez agora mais do que no passado, pela

qualidade de recrutamento, annulando por esta forma aquelles factores. Alguns até vão ao ponto de compararem os resultados que se obterão no campo de batalha aos que se obteriam n'um polygono fazendo atirar por uma noite bastante escura, sem apreciação exacta da distancia, sobre alvos que se distinguissem confusamente; e d'aqui quererem concluir a inutilidade dos estudos sobre o tiro.

A' frente d'essa escola enfileira-se o commandante Dégot, que na sua obra «O tiro no tempo de paz e no tempo de guerra», classifica de vã a sciencia do tiro, mas contradicção flagrante, fundando a efficacia dos fogos na guerra, sobre a instrucção pratica dos atiradores e dos chefes, quando formula as principaes conclusões que dão aos fogos de guerra o seu maximo de rendimento, o que estabelece senão a sciencia de tiro? Ora não é assim, actualmente; o principio da preponderancia do fogo é indiscutivel, todos os esforços devem tender para o augmentar; isto exige um conhecimento completo das propriedades do terreno e das qualidades balisticas da arma, e por consequencia dos effeitos da rasança em terreno horisontal, como sobre as encostas e algumas vezes quaes os processos a empregar nos fogos mergulhantes, sobre obras de fortificação.

Com effeito, o grau de instrucção individual não é já o factor principal na guerra porque não se póde contar com um tiro certeiro no combate; é necessario suppril-o pelo fogo collectivo que permitte substituir espingardas, atirando isoladamente por grupos d'espingardas, facilitando a direcção e concentração dos fogos que é impossivel obter no tiro individual. O tiro individual é não sómente menos mortifero que o tiro collectivo, mas produz certamente um effeito moral bem menos consideravel. Não está na mão de ninguem conseguir que na guerra o homem atire melhor do que no passado porque o homem será sempre sujeito ás mesmas emoções e depressões moraes sobre o campo de batalha, qualquer que seja a sua destreza adquirida nas carreiras e campos de tiro. Mas podem obter-se melhores resultados instruindo tambem melhor os officiaes encarregados de dirigir o fogo. Ora, ha debaixo d'este ponto de vista um trabalho completo por fazer, entre nós.

A instrucção do tiro individual do soldado, posto que não se tenha entrado no verdadeiro tiro de preparação para a guerra, o tiro individual de combate, vae sendo feita ha uns annos a esta parte, pelo augmento do numero de carreiras de tiro, melhor ou peior, áparte uns methodos defeituosos que não são da culpa dos regulamentos que bem recommendam a pratica quasi quotodiana, tanto dos exercicios preliminares, como da pratica do tiro ao alvo, que se deve exercer ininterruptamente durante todo o tempo de serviço militar, mas tratar da critica d'esses processos seria affastar-nos do objecto do presente estudo. Porem, pelo que respeita á instrucção do official debaixo do ponto de vista da direcção do fogo póde-se dizer que é quasi nulla. Ninguem se preoccupa com esta questão capital, ou seja por causa da rotina ou porque haja medo de abordar taes assumptos.

Dá-se uma especie de satisfação á instrucção de tiro dos officiaes quando se insere nos programmas a pratica do tiro de espingarda como se tratasse de formar um soldado. Esquece-se que a missão do official, nunca será desempenhar o papel de atirador. Admittil-o seria condemnar a razão da sua propria existencia. Em todo o caso a falta não deve ser imputada aos nossos officiaes, porque se não se sabe dirigir o fogo, é porque não se tem encaminhado a sua instrucção n'este sentido, nem tão pouco lhes temos facultado os meios de o aprender.

A direcção do fogo não é uma operação tão simples como se poderá imaginar; pelo contrario, comporta problemas bastante complexos, como adiante o veremos, mas que devem e podem resolver-se instinctivamente pelo habito.

E' necessario saber manejar os feixes das trajectorias das espingardas do pelotão e da companhia para poder applical-os ao terreno, e conhecer os effeitos que podem produzir sobre as diversas formações, e principalmente saber bem apreciar as distancias, o que, como se expressa o regulamento allemão citado, n.º 202, constitue a base da boa direcção do fogo.

Ao mesmo tempo é preciso não esquecer que se está debaixo do fogo inimigo e conseguintemente saber quaes as formações que haverá a adoptar.

A direcção do fogo exige, pois, experiencia, sa-

ber e decisão, e sobretudo serenidade, methodo e golpe de vista para apreciar os diversos objectivos e avaliar as distancias, um conhecimento completo das propriedades do terreno, sua forma e relevo, e a que não pode deixar de se ajuntar o estudo do tiro debaixo do ponto de vista psychologico pela interpretação judiciosa das experiencias do polygono, pelo exame das acções de guerra, e pelo conhecimento do coração humano, associando no calculo os factores moraes aos elementos materiaes, tão estreitamente ligados estão entre si. E convem notar que os investigadores da sciencia do tiro já não deixam nas experiencias dos polygonos de entrar nas suas deducções com este elemento imprescindivel, até onde é possivel leval-o, e assim victoriosamente contrabatem os defensores da theoria do acaso, do indeterminavel que fazem depender todo o rendimento da espingarda, unicamente do maior ou menor consumo de munições.

Como se vê, considerada em toda a sua extensão, a sciencia do tiro, é muito vasta, e como o diz o commandante Veynante, tão necessaria ao official de infanteria como ao d'artilheria, para lhe permittir fazer um bom uso da espingarda. Diz ainda o mesmo official, que a direcção do fogo no campo de batalha, é mais difficil para o official de infanteria do que para o official d'artilheria, porque este ultimo não está sujeito a ser lançado no ardor da lucta, no mesmo grau que o official de infanteria. Este chegará muitas vezes á lucta corpo a corpo, emquanto que aquelle, mais affastado, poderá conservar melhor o sangue frio e a serenidade necessarias para a direcção do fogo das suas peças, até mesmo na ultima phase do combate.

Alem d'isso, o official d'artilheria, uma vez estabelecido em posição, não tem de que se occupar mais do que da direcção do fogo da sua bateria, emquanto que o official de infanteria tem ainda o dever e a preoccupação constante (e não é pequena responsabilidade, desconhecida para os artilheiros), de dirigir os seus homens de forma a subtrahil-os ao fogo do adversario.

(Continúa).

EDUARDO CORREIA.
Cap. de caç. 6.

SARGENTOS PROMOVIDOS NO ULTRAMAR

Muito se tem fallado ácerca do decreto de 14 de novembro de 1901, mas ainda se não tratou uma questão que reputamos importante, que é a que diz respeito ás promoções aos postos inferiores nas guarnições ultramarinas.

A ultima reorganisação militar do ultramar parece que revogava todas as leis anteriores, e decerto, do que velho era, pouco ficou. Estabeleceu ella que as vagas de 1.os e 2.os sargentos das guarnições ultramarinas fossem preenchidas: 1.º por concurso entre as praças já ali em serviço; 2.º por transferencia do reino com o posto de accesso; 3.º por imposição de serviço aos mais modernos.

A 1.ª condição é, sem duvida, justissima, não só sob o ponto de vista economico mas tambem pelos conhecimentos que já possuem dos differentes serviços as praças que ali se acham. Ora, o legislador não offereceu vantagens identicas a estes como dera aos que fossem servir nos termos das 2.ª e 3.ª condições. A' simples vista parece que a admissão ao concurso só devia abranger os que estivessem nas condições de serem promovidos no exercito da metropole e portanto o bom comportamento para os 1.os cabos, e mais o 2.º curso das escolas regimentaes para os 2.os sargentos, eram indispensaveis. Era assim que entendiam camaradas nossos, oppondo-se em algumas provincias á admissão de candidatos que não reunissem aquelles predicados. Como não abundassem praças que satisfizessem áquellas condições, o *Boletim Militar do Ultramar* determinava mais tarde que os exames fossem feitos segundo o regulamento de 1866, mas não disse logo as condições em que ficavam os promovidos, caso pretendessem regressar ao reino. Pela lettra do decreto parece que devia ser logo que terminassem as commissões a que se achavam obrigados, mas não Deveriam ter um anno de serviço no posto, sendo fóra de duvida que lhe vinha a ser applicada a lei antiga. Effectivamente e por ordem da Secretaria da Guerra, expedia a 1.ª divisão militar, em 11 de junho de 1907, a circular n.º 17 D, que mandava suscitar as instrucções do decreto de 31 de dezembro de 1887 (*Ordem do Exercito* n.º 2 de 1888).

Antes de entrar na apreciação de tal decreto diremos que, dada a abundancia de sargentos que satisfazem as exigencias do concurso do reino, não vêmos razão de se admittirem concorrentes sem o curso da classe. Alguem disse que a instruc-

ção é tão necessaria como o pão para a bocca, e com effeito mal se comprehende que o futuro official — visto que a promoção a 1.º sargento é o primeiro degrau para o accesso — desconheça uns rudimentos de grammatica, historia, geographia, hygiene e tantas outras materias que constituem o curso de 1.º sargento.

Ainda mais: em algumas partes exige-se-lhes o levantamento de terrenos, itinerarios, etc. Como pode o official desempenhar-se d'este papel, sem o qual se sujeitam a não receberem o subsidio de marcha, se lhe não perguntaram, nem ensinaram o que é topographia?

Não devemos reparar só que este sargento sabe responder por companhia, é um bom amanuense, etc., etc. Hoje já não é o tempo em que bastava saber ler, porque o capitão podia ser fidalgo. E' necessario muito mais. Como 1.º sargento ainda se tolera que se ignorem muitos assumptos uteis, mas como official o seu papel é differente. O convivio é outro, em qualquer parte que se encontre, mal parecendo que dê uma triste ideia de si. Torna-se reparado do elemento civil se elle mostrar desconhecer o que não é puramente militar. Eis porque é nossa opinião que se não admitta a concurso quem não estiver nas mesmissimas condições exigidas no exercito do reino.

Alem d'isso, o 1.º sargento no ultramar, n'uma companhia independente e ás vezes completamente isolada, carece de instrucção, porque d'um momento para outro adoece o commandante da companhia, e tendo os subalternos fóra da séde, vê-se obrigado a assumir aquelle cargo, embora em curto espaço, e se não vê alguma coisa, como se costuma dizer, não se olha se tem ou não razão de desconhecer certos assumptos. A ignorancia constitue uma falta, e não é admissivel.

Não queremos dizer que não se encontrem aqui e acolá sargentos bastante instruidos, apezar de não possuirem o curso, e façam na maioria das vezes melhor figura do que os que o teem, mas não são muitos e esses quasi sempre andam afastados das unidades. Os serviços que competem ao 1.º sargento no ultramar são muitos. E' necessario que nos convençamos que ali se trabalha muito mais do que cá.

A complexidade de assumptos, que aqui se não deparam, as ordens constantes que as estações competentes dimanam, a vastissima area de acção, exigem, alem da actividade, muita somma de esforços e saber. E comtudo aos promovidos lá poucas garantias se offerecem. Aos de cá dá-se-lhes o posto immediato, conta-se-lhe a antiguidade do posto desde a promoção e servem apenas os 2 annos, o que raramente succede aos que lá são promovidos. Objectar-se-ha que os exames são facilimos, que brevemente alcançam o galão, etc., etc. Isto tudo cáe pela base.

Os exames, sendo escriptos, offerecem maiores difficuldades. Para outros é mais difficil do que cá. Não é raro acontecer concorrerem rapazes que já cá deram as provas, alguns dos quaes constam da lista dos approvados annualmente para servirem no ultramar, e são reprovados, ao passo que outros sem curso nem pratica do serviço são os promovidos.

O que é para lamentar é a ida d'aquelles, que, sem vantagem alguma e quando cá podiam ter sido promovidos, se arriscam a dar um passo que só os pode prejudicar e tanto mais que

dos offerecidos no posto immediato não os promovem, apezar do exame feito, se pela altura lhes tocasse, achando-se no reino pelo facto de se desligarem d'este exercito.

Assim, em 1907 esgotou-se a lista dos offerecidos; 2.os sargentos modernos foram em 1.os, e se alguns não tivessem ido mezes antes no mesmo posto, tinham a vantagem de ir pouco depois no immediato. Por tal motivo, e apezar da economia dos transportes, porque já lá se achavam, não os promovem.

Dura lex, sed lex, dirão alguns.

Nós continuamos a affirmar que quem não serve para cá tambem não serve para lá, e por isso não nos cançaremos de pedir que se admittam aos concursos apenas os que no reino o seriam egualmente.

E os exames, porque não devem ser a mesma coisa? Ha alguma razão que justifique a adopção d'um programma de ha mais de 40 annos? Não vêmos. Geralmente em todas as sédes dos districtos ha unidades e officiaes competentes para um jury; porque não hão-de utilisar-se?

Voltemos aos que vão no mesmo posto e que satisfaziam ás condições de promoção no exercito do reino, suppondo que por um acaso da sorte foram promovidos. O que lhes acontece? Se teem já mais de metade da commissão decorrida, teem de pedir outra, porque uma das condições para ter ingresso no reino n'aquelle posto — que ainda assim fica tremido — é ter um anno de serviço n'elle.

Mas o peor ainda é a antiguidade, que quanto mais se demorar em ter ingresso no reino tanto mais tempo perde.

Se ao menos se consentisse que fizessem novo exame, já não diremos seguidamente ao outro, mas logo que completassem um anno de serviço no posto, comprehendia-se. Se se obrigassem a dar duas ou tres commissões, mas que não tirassem a antiguidade, embora fizessem o exame logo que chegassem ao reino, se não se permittisse que lá o fizessem, tambem se admittia, mas dizer-se que um individuo dá esses annos todos, agarrado a uma meza, e quando Deus quer sem auxiliares, cheio de febres, e vir para o reino, perdendo tempo na viagem, o de licença da junta, etc., e não ter os mesmos direitos é que não é justo.

E' duro que se não dêem vantagens a individuos em condições e tal qual como os que vão do reino, quando o serviço nada deixa a desejar do d'estes. Os que teem lucrado são apenas os que adquiriram dois postos, que tarde cá alcançariam muitos d'elles!

Para elles o decreto de 1887 é benefico, applicado aos outros é lastimoso. A applicação d'esta lei não devia ter effeito para os que já estivessem promovidos á data da circular de 17 de junho de 1907. Muitos ali se encontravam na boa fé de que tinham garantidos os seus postos, quando afinal, pouco antes d'essa data, começava aquella lei a interpretar-se differentemente, como adiante demonstraremos. E' para estes, que são em pequeno numero, que pedimos se conte a antiguidade desde que foram promovidos, quando tivessem o curso da classe.

E' triste que fossem illudidos ao terem-se offerecido para o ultramar, julgando que, no caso de alcançarem a promoção, teriam o seu posto garantido, quando assim não succedeu. E todas

as demoras que teem, ainda involuntariamente, lhes dá prejuizo, vendo promover diariamente praças que vão ficar mais antigas, sendo subordinadas de vespera, e que teem de reconhecer como legitimos superiores. Isto é uma injustiça que precisa ser reparada por ir prejudicar quem não tem culpa alguma. Desde que um sargento foi julgado apto para o serviço do exercito do reino até ao dia do exame é quasi sempre uma demora de 20 dias. E n'este espaço pode haver bastantes promoções nos differentes corpos, que mais o fazem demorar na promoção aos restantes postos.

Por ultimo, permittam-nos que discordemos da nova maneira de interpretar o decreto de 31 de dezembro de 1887. Quer-nos parecer que a parte em que diz: *e o que fôr exigivel no exercito do reino* não é bem o exame (concurso) a que se submetteu agora, ou por outra, não se deve applicar aos promovidos depois do decreto de 14 de novembro de 1901. Este manda abrir concurso, e portanto o exame, melhor ou peor, fez-se.

Aquella clausula só pode e deve admittir-se para os antigos, que uma simples ordem ou portaria os mudava de posto, e isto crêmos que, não ha muitos annos, se deixou de praticar em uma possessão nossa. Foram talvez esses que desprestigiaram os outros, e d'ahi o lerem a lei differentemente. Ora, o que nos não parece justo é que todos sejam avaliados pela mesma fórma. O auctor da lei decerto teve em vista visar aquelles; por isso pedimos que seja regulado este assumpto.

Se n'outros tempos, que não vão longe, eram promovidos sem curso nem concurso, hoje pelo menos este existe, e em tal caso o curso da classe é que devia regular a antiguidade, como d'antes. E para corroborarmos a nossa affirmativa vejam-se os almanachs de 1.os sargentos do exercito (embora não officiaes) anteriores a 1906, e nas diversas referencias que alguns teem, lêmos: «é 1.º sargento desde tantos de tal», mas só se lhe conta a antiguidade desde tal dia em que fez ou completou o 2.º curso das escolas regimentaes. Ainda mais: percorram-se as revistas militares até áquelle anno e nas respostas ás differentes consultas não vêmos uma — uma só — que nos diga que as praças que lá adquiriram postos tenham de fazer qualquer exame que não seja o do curso da classe, quando tenham um anno de serviço no posto e bom comportamento.

Pois pode comprehender-se que só 20 annos depois d'uma lei ser decretada se reconheça que deve ser entendida de outra fórma porque sempre foi? Não pode ser. E a prova mais frisante de que sempre assim se procedeu é que ainda ha pouco se deu um caso assaz curioso: n'um regimento achava-se um 1.º sargento que havia mais de 3 annos tinha regressado do ultramar, e n'essa occasião — tal era o uso — exigiram-lhe o 2.º curso, apenas, porque tinha sido promovido sem elle, e desde que o fez contaram-lhe a antiguidade; notou-se, porém, depois que tinha esquecido a moderna formalidade e é avisado para fazer exame em tal dia; conjunctamente foi tambem submettido outro, vindo do ultramar recentemente, mas este á data da promoção já tinha o alludido curso e contava mais de 3 annos de posto, tendo respondido por uma companhia independente no ultramar todo o tempo de 1.º sargento que lá esteve.

Agora perguntamos: é justo que ao 1.º se conte a antiguidade desde o dia em que fez o 2.º curso e ao 2.º, que já o possuia, se conte só desde que fez o ultimo exame? Crêmos que não. Com que direito pode o 1.º ser promovido 4, 5 ou mais annos a sargento ajudante antes do outro? As habilitações comprovadas em eguaes exames não eram as mesmas? O facto d'aquelle ter vindo mais cedo para o reino nada justifica, logo que foram companheiros de exame e se lhes applica a mesma lei. A collocação na escala de accesso ou deve datar para os dois do dia do exame, já que deram as provas juntas, ou não pode distar muito um do outro, visto que as datas das habilitações anteriores que os egualavam pouco distavam.

Foi decerto um lapso que houve da parte do auctor da circular, faltando-lhe com o seguinte: «esta circular só tem effeito para *os promovidos de hoje em diante, continuando a vigorar para os que já estão a maneira como se tem procedido desde a data da lei*». Nada mais justo.

Y.

Historia da Infanteria Portugueza

(*Continuado do n.º 7 — 1909*)

Roma na Peninsula Iberica

I

A lucta entre Carthaginezes e Romanos

Ao entrarem os romanos pela primeiaa vez na Peninsula encontraram as duas grandes raças, iberos e celtas, mesclados e tambem fundida com ellas a familia punica, conservando-se comtudo n'um ou n'outro ponto, como nos euskaros, nucleos da antiga isempção e exclusivismo de raça. Tendo os carthaginezes expulsado os gregos e phenicios do seu florescente dominio commercial desde Malaga até Cadiz, assenhorearam-se de todas as costas do Mediterraneo. Fundas afinidades ethnicas por um lado e o receio do inimigo commum por outro, transformaram o peninsular n'um formidavel instrumento da gente de Carthago, ambiciosa e ousada. Expulsar pois os carthaginezes da Iberia constituiu desde os primeiros tempos a suprema aspiração dos romanos. Bem sabiam elles que o poderoso rival representava um forte obstaculo á sua expansão e á romanisação da Peninsula.

Annibal, a cabeça dirigente das hostes punicas e que tantas vezes as conduzira á gloria e ao triumpho, acha-

va-se na Italia, e a sua influencia não podia fazer sentir-se de tão longe. Asdrubal, que ficára na Iberia, era um chefe de somenos recursos para dirigir a lucta contra os romanos. Muito inferiores á elle eram ainda os restantes caudilhos da republica africana. A occasião era propicia. Roma envia á Peninsula os Scipiões (1).

A Cneu sorria a principio a fortuna. Publio opéra uma infructifera diversão contra Annibal e é batido em Tessino. Hannon é vencido nos Pyrineus e os povos da Catalunha tornam-se alliados de Roma; alliados se tornam depois os famosos celtibéros, raça de valentes, que se deixavam offuscar pelo prestigio das armas romanas. A esquadra romana derrota a dos carthaginezes na embocadura do Ebro.

Engrossadas as fileiras dos novos dominadores pelas crescentes adhesões dos peninsulares, Cneu punha olhos cubiçosos na Betica; mas pela primeira vez surge em frente do nascente collosso a independencia iberica, representada por Mandonio. Este, á testa dos ilergetes de que era chefe, e ligado intimamente com Asdrubal, obriga os romanos a recolherem-se ao norte do Ebro, embora obtivessem vantagens na lucta. Asdrubal é violentado pelos celtibéros a retirar para a Betica.

O momento era critico, a lucta devia ser encarniçada. Emquanto Carthago envia valioso auxilio a Asdrubal determinando-lhe que levasse á Italia forças que fizessem ali pender a balança para o lado de Carthago e coagissem depois os romanos a abandonar a Peninsula, mandam estes Publio Scipião como governador da Hespanha, com 8:000 homens e uma poderosa esquadra. Reunidas as suas forças ás de Cneu, marcham os dois contra Sagunto, que lhe abre as suas portas (2). A liberdade concedida aos prisioneiros hespanhoes encontrados em Sagunto, tornava mais brilhante o prestigio romano e conquistáva abertamente para os Scipiões a sympathia dos peninsulares.

Ferira-se a batalha de Cannas, chegando a fama de Annibal, aos nimbos da gloria; mas na Hespanha continuam a triumphar as armas romanas. Asdrubal é nova-

(1) Publio Cornelio Scipião e seu irmão Cneu.

(2) Acedux, nobre Saguntino, afeiçoado aos romanos, foi que entregou Sagunto.

mente derrotado e Mayon que viera auxilia-lo com 12:000 peões e 1:500 cavallos é batido proximo da Andujar.

Novos e numerosos reforços são trazidos por Massinissa á gente de Carthago.

Formam-se dois exercitos. Commanda o segundo um outro Asdrubal, filho de Giscão. Uma infeliz e menos acertada inspiração leva os romanos a separarem-se para combaterem ao mesmo tempo os dois exercitos. Cneu, abandonado pelos celtibéros, é batido e morto; igual sorte teve Publio.

Assim acabaram, bem ingloriamente, os Scipiões, os primeiros dominadores romanos na Peninsula.

*
* *

Era o anno 212 antes de Christo. Perdida a posse do Ebro, sem chefes que os dirigissem, desimadas as legiões, elegem os guerreiros do Lacio, Lucio Marcio tribuno das legiões de Cneu, para os commandar. Consegue este, á custa d'um louvavel esforço, levantar os brios legionarios alcançando lusidas victorias contra Magon e Asdrubal Barca; mas o senado achando ousada a investidura feita pelos soldados, substituia-o por Claudio Nero, que não conseguiu brilhar.

Entra na liça o *Grande Scipião*. «Publio deixára um filho, que tinha então 25 annos, mas que desde muito novo dera mostras de tino e de valor. Acompanhára seu pae em Tessino, onde lhe salvára a vida; e depois da derrota de Cannas impedia, com o seu conselho e prestigio, que jovens patricios, tremendo pelos destinos da patria, abandonassem a Italia. Descendente dos Graccos, discipulo do honrado Marcello, tinha a consagração geral da sympathia e do respeito, mais talvez pelas qualidades pessoaes de preponderancia e de tino politico, do que pela reputação militar. Foi elle o escolhido para vir á Hespanha (208), na qualidade de proconsul, reparar os damnos e continuar as conquistas.» (1)

Chega á Peninsula com 11:000 soldados, põe cerco a Carthagena, capital punica; toma-a e encontra dentro

(1) *Christovam Ayres*—Historia do Exercito Portuguez. T. 1, pag. 298 e 299.

dos seus muros despojos valiosos (1). E' o primeiro triumpho que conta o vencedor de Zama. Attribuem-se-lhes por esta occasião actos de superior criterio e subida magnanimidade, que lhe grangearam a admiração dos peninsulares e muito valiosas e prestantes adhesões (2).

Continua a fortuna a bafejal-o em victorias successivas: Vence Barcino na Betica, Magon e Hannon na Celtibéria e Asdrubal Giscão em Silpia, junto a Cadiz.

Adormecendo sobre os virentes louros da victoria, não cuida, como lhe cumpria, de evitar que reforços punicos fossem levados á Italia. Asdrubal consegue, seguindo o curso de Betis, transpôr perfeitamente a seguro, os Pyreneus, sem ser apercebido pelos romanos; entra na Gallia e procura juntar-se a Annibal em Narni. Depois de transpôr o Metauro é derrotado por Nero, bisneto de Appio Claudio, e a sua cabeça rolava aos pés das guardas avançadas de Annibal, na Appulia.

Entretanto trabalha Scipião para dominar a Betica, e, dproveitando-se da vil traição de Massinissa, que abanaonava a sua antiga alliada, consegue expulsar os carthaginezes de Cadiz, seu ultimo reducto na Peninsula.

Doze annos antes desembarcava Cneu na costa oriental com os primeiros legionarios.

(*Continua*).

J. GIL
Tenente-coronel de infanteria.

---

(1) Não só thesouros e armas guardava a metropole carthagineza, mas refens de hespanhoes, entre elles alguns muito illustres. Entre os captivos estava a mulher de Mandonio e os filhos de Indibil, os conhecidos cabecilhas celtibéros.—*Montefaucon*, T. 1.

(2) Como em Sagunto, eram os refens postos em liberdade com as maiores considerações e deferencias. Foi n'esta occasião que se deu o facto, memorado pelos escriptores e immortalisado no chamado *escudo de Scipião*, que em 1656 se encontrou junto ao Rhodano, perto de Avinhão, e que é, além de mais um curioso documento para se conhecerem os trajos e armas dos peninsulares n'aquella epocha. Entre os prisioneiros estava uma formosa hespanhola que os legionarios vieram apresentar a Scipião e que a qualquer outro triumphador menos habil e com menor alcance de vistas, acordaria appetites e sentimentos menos nobres. Scipião indagou das circumstancias em que a donzella se encontrava e veiu ao conhecimento de que era a noiva d'um principe indigena, por nome Aluizio, apaixonadissimo por ella; e mandando-o chamar á sua presença lhe restituiu o querido thesouro. *Christovam Ayres*. Historia do Exercito Portuguez. — T. 1, pag. 300 e 301.

PELA INSTRUCÇÃO

Não falta quem, sobre o assumpto, tenha apresentado alvitres, mas a verdade é que nem por isso se está mais adiantado no caminho da solução mais acceitavel, ao que nos parece. Quando se aproxima a epoca propria, ou seja ahi pelas proximidades de novembro, são frequentes, entre camaradas, perguntas d'estas: — Já sabem se nomeiam pessoal para ministrar a instrucção de recruta, ou se esta é por companhias?

Claro que isto é filho da instabilidade de idéias sobre o assumpto, o que é um grande mal, visto ser d'aquelles cuja solução tem de assentar em bases fixas, ponderadamente estudadas, para que não soffra nos resultados que é necessario obter.

A instrucção por companhias, systema tão brilhantemente defendido pela fina flôr dos nossos escriptores militares, não conseguiu estabelecer-se com raizes profundas, mercê da constante falta de effectivos. E, todavia, tal processo é o unico que dispensa larga argumentação para se justificar.

O capitão é o responsavel pela instrucção e disciplina da sua companhia, diz o regulamento geral para o serviço dos corpos. E' este que exerce o commando em todas as situações, sendo o primeiro a corrigir desmandos por meio de uma prudente acção disciplinar. Logico é, pois, que primeiro lhe cabe instruir, porque ahi é que está a base da disciplina. Corrigir, usando da competencia disciplinar, sem primeiro ter indicado o caminho do cumprimento do dever, não faz sentido nem é concorde com o verdadeiro espirito militar.

Mas, infelizmente, nós somos contra tal processo de instrucção em razão da flagrante observação dos factos.

No periodo anterior, no regimento em que serviamos,

ministrou-se a instrucção por companhias, e quem escreve estas linhas tinha então a responsabilidade do commando d'uma d'essas unidades, tendo apenas para o coadjuvar o 1.º sargento, constantemente distraido com a *papelada*, e um cabo, que tambem não fazia grandes paragens na companhia por causa dos variadissimos serviços de escala que ninguem procura reduzir. Os demais commandantes de companhia não estavam em melhores condições. E' evidente, pois, que, com tão minguado numero de graduados, é absolutamente impossivel instruir convenientemente uma companhia.

Mas se nós somos, de certo modo, contra a instrucção por companhias, tambem discordamos da doutrina da circular de 23 de outubro de 1907, que julgamos assás retrograda desde que a nomeação de um pessoal, como se fez n'aquelle anno, adquirisse fóros de coisa legislada.

Convém, portanto, fixar idéias.

Se os poderes superiores vierem a convencer-se de que a missão de um exercito é, durante a paz, preparar-se para as eventualidades de uma guerra, de que Deus nos livre, e de que, consequentemente, os differentes graduados devem permanecer nos logares a que pertencem, que são o seu regimento e a sua companhia, então não ha que discutir, porque a instrucção deve ser dada n'esta ultima unidade. Isto é, a instrucção deve assim ser ministrada sempre que na companhia possam manter-se, absolutamente disponiveis, pelo menos — 1 official, dois sargentos e tres ou quatro cabos, admittindo que é regular o contingente a instruir. E' licito, porém, confessar que nenhuma esperança temos de que isso aconteça, por isso somos de parecer que se deve adoptar o systema — instrucção por batalhões — em conformidade com o § 1.º do artigo 4.º do regulamento de 9 de novembro de 1899, e com o artigo 5.º das instrucções de 22 de dezembro de 1900. Só assim teremos o soldado em contacto com os superiores da sua companhia, desde que encetam a carreira militar, o que se nos afigura de interesse capital sob o ponto de vista educativo.

E' obvio que a instrucção na caserna, pela sua natureza especial, deve sempre ser dada pelo commandante da companhia, o qual, em regra, não delegará esse encargo.

A educação militar, sufficientemente recommendada

em todos os regulamentos, deve preoccupar effectiva e seriamente os capitães, pela sua intima relação com a disciplina. Nós somos muito exigentes n'este ponto, por isso não admira que algumas vezes nos não tenha satisfeito o que temos observado. Quereriamos que essa instrucção, sem prejuizo das materias que constituem o respectivo programma, revestisse, por vezes, uma fórma vaga, aproveitando-se, como incidente, pequenos casos do dia, faltas de disciplina, etc.; pontos sobre que o official dissertaria em termos comprehensiveis para a intelligencia inculta do nosso recruta. D'este modo conseguiriamos que o novo soldado se interessasse pela instrucção e tomasse gosto pelas coisas da vida militar, o que, francamente, para nós é algo duvidoso que tenha acontecido. Emfim, cremos que educando se disporá melhor o espirito para receber a instrucção militar propriamente dita, tendo tambem preparado um cidadão para resistir melhor á acção deleteria dos tempos que vão correndo em que a sociedade portugueza, obliterando os nobres sentimentos de uma raça que encheu o mundo com a sua historia, parece despenhar-se no pélago da indignidade, offerecendo ás gentes um attestado de degenerescencia com o mais affrontoso desrespeito por aquelles portuguezes antigos que tiveram na honra e no dever civico a mais sacrosanta religião.

Não ha duvida que a missão do official se difficulta. Mercê de uma evolução, que mais nos parece retrograda no sentido morigerador, a *materia prima* que fornece o elemento principal de nosso exercito é hoje de peior qualidade. Se não fosse o pouco tempo que o soldado se demora nas fileiras do exercito activo, a pouco frequente accumulação de grandes contingentes, combinado com o facto de estar já arreigado no espirito de muitos dos nossos camaradas o principio de que antes de punir é necessario ensinar, a percentagem da delinquencia seria hoje, quer-nos parecer, muito superior á de ha 20 annos, por exemplo. Conclue-se, pois, que, quanto maior empenho houver na educação militar, mais facil se tornará a nossa missão em geral, pela maior facilidade de manter integra a disciplina.

Nós somos um apaixonado pelas questões disciplinares, como mais de uma vez temos mostrado n'esta *Revista*, por isso a nossa admiração pelo modelar exercito japonez chegou ao auge quando, ha dias, lemos a transcripção

dos *principios geraes* do seu moderno regulamento de campanha, em que á disciplina se liga toda a importancia.

«*A existencia de um exercito repousa sobre a sua disciplina e a sua sorte depende incontestavelmeute do estado d'esta*».

Estas palavras, arrancadas ao artigo que esta *Revista* publicou no n.º 9, valem só por si um tratado e dão a medida da justiça com que é apreciado tão glorioso exercito, em cujo exemplo muito temos todos que aprender, e são para nós mais um estimulo para seguirmos no caminho encetado — pugnar pela disciplina, tomando por base a educação militar e o bom exemplo.

A' instrucção pratica tambem se não dá a orientação mais conveniente, porque além da de recruta pouco mais se ministra nos corpos onde os effectivos são sempre minguados. D'esta fórma o soldado não póde ficar sufficientemente instruido, sendo tambem os quadros altamente prejudicados, porque, salvo melhor modo de vêr, não é, simplesmente, com muita leitura que se adquirem os indispensaveis conhecimentos profissionaes, sendo, a nosso ver, os exercicios de quadros fraca attenuante para tão grande mal. Se nós dissermos que uma grande maioria dos nossos camaradas dos corpos da provincia nunca tomou parte n'um exercicio de batalhão, dizemos simplesmente a verdade. Isto é absolutamente inacceitavel.

Decerto que nós entendemos que a questão economica obriga a limitar os effectivos; mas não haverá meio de, pelo menos, em 20 ou 30 dias em cada anno, se reunir todo o effectivo regimental para a realisação de uma serie de exercicios que abranjam toda a instrucção militar? Crêmos bem que sim.

Tambem nos parece que ha immerecida preferencia pela instrucção de ordem abstracta com prejuizo da applicada ao terreno, unica verdadeiramente aproveitavel. E egualmente se nota que se liga muito pouca importancia aos exercicios de marcha (passeios militares) em que, ao mesmo tempo, se deve ensinar a nomenclatura do terreno que o soldado precisa conhecer. Estes exercicios são muito vantajosos e podem fazer-se com qualquer effectivo. E' preciso que se saiba que o nosso soldado no geral, não sabe marchar, o que mal se comprehende: — *A victoria está nas pernas do soldado*, diz um conhecido aphorismo militar.

Convem, tambem, chamar a attenção, muito especialmente, para a difficientissima instrucção do tiro, que deve ser, ninguem o contestará, o objectivo principal da instrucção do nosso soldado, visto que sem ella não sabe tirar partido da sua arma, reduzindo-se, assim, a uma coisa pouco menos de inutil. Não ha duvida que a instrucção que se ministra no primeiro periodo — e outra não temos visto ministrar — não póde satisfazer, n'uma epocha em que muito se falla na conveniencia de tal instrucção que só se adquire razoalvelmente depois de consumir bastantes cartuchos. É, pois, indispensavel que o soldado assista, pelo menos, a dois periodos de instrucção de tiro, um em cada anno de serviço effectivo, como, de resto, se acha determinado no respectivo regulamento.

Tratando-se da instrucção, parece-nos que não serão descabidas algumas considerações sobre a concessão de licenças registadas com referencia á conservação dos effectivos. Segundo o que está legislado parece que as praças se deveriam conservar presentes no regimento durante o 1.º anno do alistamento, sendo-lhes concedida licença registada no 2.º. Se assim acontecesse já não seria mau, mas a verdade é que esse preceito é frequentemente alterado, sendo licenciadas todas, do 1.º ou 2.º anno, para ficar apenas o effectivo indicado pela secretaria da guerra.

N'estas condições parecia-nos mais coherente que o soldado se conservasse *effectivo* até aos 6 mezes de praça passando d'ahi em diante a gosar licença registada por escala (a licença registada não é uma recompensa visto resultar de uma necessidade orçamental) para que todos façam o mesmo serviço, tenham a mesma instrucção e gosem o mesmo beneficio, visto a sua recusa não poder ser considerada castigo. E' mesmo conveniente que o soldado, de vez em quando, apareça pelo regimento para se não esquecer antes de tempo; devendo haver, em cada anno, um periodo de 30 dias em que se reuna todo o effectivo regimental, sendo 20 destinados a exercicios de companhia e batalhão, de modo a cumprir-se o respectivo regulamento tactico, e 10 á pratica de tiro ao alvo.

Mas para tudo isto ser um pouco mais aproveitavel seria conveniente reduzir ao minimo todo o serviço de escala, designadamente o de guarnição que não só absorve grande parte do effectivo como paralisa quasi toda a actividade pela sua acção enervadora. Conjunctamente

é mister que os quadros não sejam distraidos do regimento sob todos os pretextos. Se alguem se dispuzesse a proceder a um inquerito nas diversas repartições encontraria lá, *alapardada*, muita gente que lá não pertence, e verificar-se-ia sem difficuldade que os respectivos quadros poderiam ser substituidos com vantagem por sargentos reformados, a titulo de pequena remuneração facilmente justificavel.

Faça-se isto e terá melhorado consideravelmente a instrucção militar, unica razão de ser de um exercito em tempo de paz.

F. S.

Conclusão da subscripção a favor da familia do fallecido major do quadro de reserva Alfredo Carlos Peixoto

Transporte do n.º 8 d'esta *Revista*, 157$255; recebido do sr. Antonio Esperança, 500. Total, 157$755.

Lisboa, 2 de agosto de 1909.—A commissão: *José Bernardo Ferreira*, cap. do D. R. R. n.º 5; *José Castanheira Nunes*, cap. d'inf. 16; *Garcia de Moraes*, cap. medico d'inf. 16; *Joaquim Pereira Cardoso*, ten. d'inf. 16; *Julio José Domingues*, alf. d'inf. 16.

Recebemos do sr. José Castanheira Nunes a quantia de cento e cincoenta e sete mil setecentos e cincoenta e cinco réis, importancia d'uma subscripção aberta entre os camaradas do nosso fallecido pae, o major reformado Alfredo Carlos Peixoto. Rs. 157$755.

Lisboa, 2 de agosto de 1909. — *Guilhermina da Encarnação Vasconcellos Coutinho Peixoto*, *Izabel Maria dos Anjos Peixoto*. (Estampilha do imposto do sello de 50 réis).

NOTA. — No recibo não figura a assignatura da viuva por ter tambem fallecido.

BIBLIOGRAPHIA

A Educação Physica, pelo tenente de infanteria n.º 1, *José Eduardo Moreira Salles*.

O nosso camarada e amigo, o sr. tenente Salles, encarou de frente o grande problema da regeneração da nossa raça, organisando um admiravel livrinho consagrado ás Escolas Primarias do nosso paiz, e destinado ao avigoramento da mocidade das mesmas Escolas, como garantia para a robustez, saude e energia dos homens do futuro.

Bello livro.

Claro, simples, e tão methodicamente organisado que, todo o professor de instrucção primaria, pode transformar-se, com o auxilio deste livrinho, num habil professor de gymnastica.

O futuro de Portugal não está apenas na diffusão das Escolas Primarias pelo paiz. Não.

E' mister que cada Escola seja ao mesmo tempo uma colmeia abençoada onde haja o culto da educação civica, infiltrando-se na alma das creanças os grandes sentimentos do amor da patria e da familia, da honra e do dever, do trabalho e da virtude, preparando-as para saberem sempre, em todas as situações da vida, honrar a bandeira da nossa nacionalidade, que é o symbolo augusto da grande familia portugueza, e o pharol que nos aponta o caminho da missão historica que tem de cumprir ainda o Portugal maior.

Mas, para que a acção moral da Escola seja perenne de beneficios para a sociedade, impõe-se, como de capital importancia, o influxo da gymnastica infantil como elemento propulsor da saude, da força, da energia e da coragem, que são os grandes alicerces da formação do caracter.

Bem haja, portanto, aquelle que, neste labutar incessante da vida, lança vistas largas para a Escola Primaria, e, com o seu estudo, com o seu trabalho, com a sua experiencia, fornece elementos poderosos para que a educação physica da creança acompanhe a sua educação moral, para que um dia a patri-confiante possa receber todo o influxo da vitalidade e do caraa cter de seus filhos.

Mens sana in corpore sano é o aphorismo já bem antigo, e que exprime a eterna verdade de que a saude do corpo é a base do vigor do espirito.

O livrinho, cuja offerta e delicada dedicatoria muito agradecemos, está rica e profusamente illustrado com excellentes photo-gravuras, impresso em optimo papel, constituindo todo elle aquillo que se pode chamar uma edição de luxo, mas ao mesmo tempo ao alcance de todas as bolsas.

O livrinho é dedicado ao illustre commandante do regimento de infanteria n.º 1, o sr. coronel Sousa Marques, que, com a generosidade do seu coração, nobreza do seu caracter e os seus grandes dotes de commando, sabe captar a amisade e o respeito dos seus subordinados, que nelle encontram um modelo palpitante das grandes virtudes militares, o que muito nos apraz registar aqui.

Ao nosso camarada e amigo, o sr. tenente Salles, as nossas mais sinceras felicitações, fazendo votos para que tão util livrinho seja mandado adoptar desde já nas Escolas Primarias como um bem para o futuro da população infantil das mesmas Escolas.

Allocução, proferida na commemoração do centenario da batalha de Talavera, no regimento de infanteria 14, em 27 de julho de 1909, pelo capitão sr. Stretcht de Vasconcellos.

Este nosso distincto collaborador e velho amigo, camaradas que fomos do mesmo regimento e cuja memoria tão grata é ao gosso espirito, acaba de enriquecer a litteratura militar portunueza com um bello folheto onde reproduziu o notavel discurso

patriotico com que, em infanteria n.º 14, se festejou essa data gloriosa de 27 de julho de 1809.

«São da mais alta significação civica, diz o sr. capitão Stretcht, e do maximo alcance educativo do espirito dos povos, estas festas, nas quaes se volta perante os olhos espantados dos contemporaneos a pagina luminosa da historia dos grandes feitos dos nossos antepassados».

E é, sobretudo, pela lição historica que traduz, que o centenario da Guerra Peninsular tem encontrado echo sympathico por todo o paiz, onde, em vibrações enthusiasticas de amor por este rincão da patria, e de gratidão pelo heroismo dos que o souberam defender, as populações das aldeias, em confraternidade com o palpitar do coração do exercito, teem erguido hymnos que ficarão gravados na Historia como a mais lidima manifestação do sentir e do quer do povo portuguez livre, e prompto sempre para luctar e morrer pela sua liberdade.

O bello discurso do sr. capitão Stretcht é mais uma manifestação da nossa affirmativa, e fica no meio da nossa litteratura militar como um monumento, cheio de grandes lições e de altos conceitos.

Felicitando o auctor, agradecemos muito especialmente as palavras amigas com que se dignou honrar-nos com a sua offerta.

Règlement sur les exercicies de la cavallerie allemande du 3 avril 1909.

Editada pela livraria militar franceza Berger-Leurault et C.e, de Paris, foi publicado o regulamento d'exercicios da cavallaria allemã e que o general P. Silvestre, commandante da 3.ª brigada de dragões se tinha encarregado de traduzir para a lingua franceza.

O regulamento está dividido em 4 partes em que se trata com todo o desenvolvimento da instrucção a cavallo, instrucção a pé, combate e parada e honras militares. Na parte dedicada ao combate, que é sem contestação a mais interessante e para a qual chamamos a attenção de todos os nossos camaradas, especialisando os officiaes de cavallaria, descreve com muitos detalhes o combate a cavallo e a pé, e, indicando a fórma como a cavallaria deve combater contra a cavallaria, a infanteria e a artilheria, indica tambem como deve ser feito o combate contra as metralhadoras e como as deve empregar.

Este regulamento é precedido pelo decreto que o approva e no qual o Imperador prohibe fazer-lhe qualquer alteração ou restringir a latitude deixada para a sua applicação ou para a instrucção, deixando porém ao ministro da guerra a faculdade de lhe introduzir quaesquer modificações comtanto que não vão d'encontro aos principios n'elle estabelecidos.

A' livraria Berger-Leurault os nossos agradecimentos.

Secção do extrangeiro

Brazil. = Continuam da parte do exercito brazileiro os mais evidentes symptomas d'uma grande ancia de progresso, sendo já notaveis os melhoramentos introduzidos.

O governo brazileiro acaba de nomear um grupo de 20 camaradas nossos d'aquelle exercito para servirem no exercito allemão.

A inspecção do serviço d'estes officiaes fica a cargo do sr. general Dionysio de Cerqueira, que por esse motivo vae fixar a sua residencia na Allemanha.

Allemanha. = *Officiaes de reserva.* — O exercito prussiano, segundo um estudo recente feito pela *Militär Zeitung*, dispõe actualmente de 16:077 officiaes da reserva, repartidos pela seguinte fórma:

Infanteria da guarda 651, infanteria de linha 7:189, caçadores 392 e metralhadoras 38; cavallaria da guarda 172, cavallaria de linha 2:049; artilheria de campanha 3:191, artilheria a pé 547; sapadores 427, caminhos de ferro 338, telegraphistas 178, aerostação 4, automobilistas 51 e trem 850.

Todos estes officiaes são subalternos e capitães, com excepção de 2 na infanteria e 3 na cavallaria, que são officiaes superiores.

Alem d'isso, o exercito da Saxonia dispõe de 1:457 officiaes de reserva; do Wurtemberg 808 e da Baviera 2:154, o que dá para o exercito allemão um total de 20:492 officiaes de reserva.

Mas alem d'estes ha mais os officiaes da landwehr, contando o exercito da Prussia com 8:135, o da Saxonia com 854, o do Wurtemberg com 501 e o da Baviera com 1:068, o que perfaz 10:558.

Entre as duas classes dispõe a Allemanha de 31:050 officiaes, alem dos do exercito activo.

Soldo dos officiaes e sargentos. — N'esta mesma secção do n.º 8 da *Revista de Infanteria*, do corrente anno, demos a noti-

cia de que o governo imperial allemão tinha apresentado ao parlamento uma proposta de lei tendente a augmentar os soldos dos officiaes. N'aquelle mesmo numero dissemos as alterações que essa proposta tinha soffrido na commissão de fazenda do imperio e indicámos tambem as boas vontades e difficuldades que tinham surgido.

Agora, porém, que o assumpto foi resolvido, podemos indicar as verbas que foram votadas. São as seguintes:

Alferes e tenentes de 1 a 3 annos de posto, 1:875 francos; de 4 a 6 annos de posto, 2:125; de 7 a 9 annos, 2:375; de 10 a 12 annos, 2:625; e com mais de 13 annos, 3:000 francos.

Capitães de 1 a 4 annos de posto, 4:250 francos; de 5 a 8 annos 5:750 e com mais de 9 annos, 6:375 francos.

Majores e tenentes coroneis, 8:190 francos.

Coroneis, 10:965 francos.

Generaes de brigada, 18:825 francos.

Generaes de divisão, 16:942 francos.

Como se póde vêr pelo confronto das cifras propostas e das votadas, foram aquellas ainda consideravelmente augmentadas. Na Allemanha procura-se evidentemente collocar os officiaes fóra de difficuldades pecuniarias. O augmento de soldo por annos de posto póde porém não se alcançar quando os officiaes, quer no serviço quer fóra d'elle, não se tornarem credores de tal beneficio.

Alem dos soldos indicados, os subalternos e capitães percebem mais uma indemnisação para alojamento, que para aquelles varia entre 375 a 712,5 francos e para estes entre 900 a 1:625 francos, que é regulada segundo a importancia das guarnições.

Os sargentos passam a perceber os vencimentos seguintes:

Segundo sargento com menos de 5 annos e meio de serviço 378 francos, e com tempo superior 594 francos.

Primeiros sargentos (vice-feldwevel) e 2.os sargentos com mais de 9 annos de serviço, 706,5 francos.

Sargento ajudante (feldwevel) 931,5 francos.

Sanatorio para officiaes. — Com a assistencia do imperador e da imperatriz realisou-se no passado mez de agosto a inauguração do sanatorio para officiaes estabelecido em Falkenstein.

Este estabelecimento é destinado aos officiaes de terra e mar para n'elle gozarem as licenças da junta de saude concedidas por doenças adquiridas nos paizes tropicaes, podendo alojar com todo o conforto 50 officiaes. A ideia da creação d'este sanatorio é devida ao proprio imperador e foi construido por subscripção publica, ficando os encargos futuros á custa do ministerio da guerra.

França.= *Ferramenta portatil.* — Por differentes vezes nos temos referido a este assumpto, tendo mostrado as experiencias que em França se teem feito e o cuidado que lhe tem sido dispensado. Segundo uma disposição recente do ministerio da guerra francez, todas as companhias de infanteria do exercito activo, de reserva e territorial passarão a dispôr de 185 ferra-

mentas portateis, a saber: 80 pás, 80 picaretas do systema do major Senrre, 8 machados, 12 maços, 4 thesouras e 1 serra.

Todo este material irá sendo successivamente distribuido pelos corpos á medida e segundo os creditos para isso votados pelo parlamento, devendo os pedidos ser feitos segundo os fundos para isso disponiveis.

Não podemos deixar de chamar, n'este momento, e a proposito, a attenção do sr. Ministro da Guerra, que tão sollicito se tem mostrado em manter o exercito no alto conceito em que elle deve ser tido, para o facto lastimavel de até hoje não se ter feito, aos nossos regimentos de infanteria, a distribuição da ferramenta portatil já officialmente approvada em ordem do exercito.

Ninguem desconhece que o soldado em campanha carece hoje tanto da espingarda como da pá ou da picareta.

Retardar a distribuição d'estas ferramentas é retardar a instrucção das tropas e parallelamente diminuir-lhe e apoucar-lhe o seu valor na guerra.

O sr. Ministro da Guerra não deve consentir isto.

Hollanda. = *Grandes manobras.* — O pequeno exercito hollandez, pequeno como o nosso, teve este anno manobras divisionarias e grandes manobras de exercito. Aquellas tiveram logar de 15 a 18 de setembro, seguindo-se depois as manobras de corpo de exercito, que terminaram a 22.

As divisões que este anno entraram nos exercicios foram as 2.ª e 4.ª. A 2.ª era constituida, além do respectivo estado maior, por 3 regimentos de infanteria a 4 batalhões, uma companhia de cyclistas, um regimento de hussards a 4 esquadrões, um regimento de artilheria de campanha a 4 baterias, 2 baterias de artilheria a cavallo, uma companhia de sapadores, um pelotão de telegraphistas, um deposito veterinario, um destacamento de ordenanças a cavallo, trem e ambulancias.

A 4.ª divisão tinha a mesma composição, com as modificações seguintes:

O regimento de artilheria era de 6 baterias e tinha mais um grupo de obuzes moveis, uma secção de metralhadoras e uma secção de pontoneiros.

As companhias de cyclistas e o grupo de obuzes foram este anno empregados pela primeira vez na Hollanda.

Apezar d'estas manobras terem a importancia que naturalmente se deprehende, a imprensa militar hollandeza ainda se lastima que não tivessem sido empregados balões, projectores electricos, automoveis para abastecimentos e cosinhas rolantes.

12.º ANNO DEZEMBRO DE 1909 N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A questão do generalato

IV

Tiveram écho em diversos orgãos da imprensa diaria e nos jornaes da especialidade as fundamentadas e justissimas reclamações por nós formuladas nas paginas d'esta *Revista*, que sendo sinceramente devotada á defesa dos direitos e interesses da arma de infanteria, não podia decorosamente deixar de protestar contra o estranho processo de recrutamento de generaes, seguido depois de 1895, que nos conduziu á deploravel situação nitidamente descripta nos tres artigos anteriormente publicados sobre o assumpto que se debate. Tão sensatas e bem cabidas acharam as considerações sobre esta momentosa questão, tão revoltantes e iniquos julgam, nos seus effeitos, esse processo de recrutamento pelas flagrantes injustiças a que vae dando logar, que todos esses nossos collegas da imprensa nos teem dispensado phrases de verdadeiro applauso e de caloroso incitamento pela nossa campanha de reivindicação dos direitos da arma de infanteria a uma representação mais racional e justa no quadro do generalato portuguez.

Entre essas demonstrações de espontanea adhesão aos esforços envidados pela *Revista de Infanteria*, entre as manifestações de solidariedade no *desideratum* que procuramos realisar, tem uma excepcional e alta significação o artigo publicado na *Revista Militar*, n.º 9 do corrente anno, não só pelas ideias que expende, mas ainda pela conhecida auctoridade militar que, com as suas iniciaes, o firma.

A' *Revista Militar* o nosso indelevel reconhecimento pela amabilidade das suas phrases animadoras, que importam a favôr da questão que se debate um apoio moral de effeitos incalculaveis.

*

Callaram tambem nas regiões officiaes as considerações por nós expendidas, que, em parte, foram julgadas dignas de transcripção em orgãos da imprensa militar e em jornaes noticiosos de publicação diaria; e assim é que em alguns d'estes jornaes lêmos que o sr. ministro da guerra tenciona apresentar ás camaras na proxima sessão legislativa diversas propostas de lei, entre as quaes uma attinente a extinguir de vez as vagas fluctuantes, de si odiosas, fazendo uma distribuição mais racional e equitativa pelas diversas armas e serviços dos 20 generaes de brigada, que a legislação actual estabelece.

Segundo essa proposta pertenceriam á infanteria 11 generaes de brigada, á cavallaria 3, á artilheria 2, á engenheria 2 e ao estado maior 2.

Esta distribuição dos generaes de brigada, baseando-se em principios da mais sã justiça e imparcialidade, mostra claramente as boas disposições do illustre titular da pasta da guerra em attender as fundamentadas reclamações da arma de infanteria.

E' digno de todo o louvor o nobre ministro, sr. Elvas Cardeira, em procurar dar prompto remedio a uma questão que está preoccupando sériamente os officiaes d'esta arma, cujos direitos a uma equitativa participação nas vagas do generalato não teem sido devidamente respeitados desde 1895, acautellando-os das habilidosas mystificações a que se presta a *machiavelica tombola* das vagas fluctuantes.

Vibrando o golpe de misericordia n'estas vagas, cuja existencia nada justifica, servindo só para despertar ambições insoffridas com o emprego de meios na verdade

pouco edificantes; expungindo da nossa legislação esse acervo de disposições illogicas e estravagantes, que regulam o accesso ao generalato, o illustre ministro da guerra presta, por esse acto de justiça, um relevante serviço ao exercito, bem merecendo da arma de infanteria um côro unisono de saudações por haver extirpado pela raiz esse mal estar latente, germen de possiveis rivalidades e antagonismos, que muito convem arredar da instituição militar.

Custa a conceber como n'um organismo social moderno se mantem uma disposição de lei reconhecidamente absurda, que todo o espirito imparcial condemna como attentatoria dos lidimos principios da moral e da justiça.

Em rigorosa analyse, as vagas fluctuantes são o producto espurio d'um meio vicioso e decadente, que tudo abastarda e tudo contamina, ameaçando subverter n'esta derrocada dos sãos principios todas as bôas normas que serviam de base moral ás nossas instituições militares.

Essa desastrada creação das vagas fluctuantes, que hoje está sendo já uma causa de animosidade entre camaradas, poderá tornar-se ámanhã uma fonte perenne de funêdas dissidencias entre armas, se uma acção previdente e immediata não vier pôr termo a um estado de cousas verdadeiramente insustentavel.

*

Se o bom senso e o espirito de equidade presidissem á conscienciosa elaboração das leis, decerto se procuraria arredar de todas as remodelações organicas a ideia preconcebida de favorecer umas armas em detrimento de outras; decerto os diplomas officiaes não conteriam disposições cavillosas, que déssem azo ao emprego dos odiosos artificios, que todo o exercito tem contemplado com espanto nos ultimos quinze annos para maior edificação do indigena e dos estranhos.

Bastaria que, em logar de gastarem o tempo a architectar habilidosos processos de ascender rapidamente aos altos postos, esses espiritos irrequietos, que tanto concorreram para a actual crise do generalato, lançassem olhos de vêr para o que se passa em instituições similares do estrangeiro.

E não era preciso ir muito longe, por essa Europa fóra, para encontrar um exemplo digno de seguir-se.

Aqui, ao pé da porta, a visinha Hespanha tem o problema do generalato resolvido por forma que para nós devia constituir preciosa e edificante lição.

Embora se encontre hoje bastante excedido, o quadro do estado maior general hespanhol está fixado em 175 generaes para o serviço activo, sendo 2 capitães generaes, 25 tenentes generaes, 50 generaes de divisão e 100 de brigada.

A distribuição faz-se por uma forma racional, isenta dos escolhos, subtilezas e disposições bysantinas que enredam a legislação portugueza.

Assim, em cada 48 vagas de general de brigada 24 pertencem exclusivamente á infanteria, 8 á cavallaria, 6 á artilheria, 3 á engenheria, 3 ao estado maior e 4 á guarda civil, carabineiros e alabardeiros.

Não existe lá sequer a sombra de vagas fluctuantes; essa infeliz invenção só floresce n'este jardim da Europa á beira mar plantado, na phrase poetica de Thomaz Ribeiro, e é planta tão viçosa e ridente no nosso paiz, tão adaptavel ao nosso meio moral, que lá figura ainda na camara dos deputados, esperando a sancção parlamentar, uma proposta de lei apresentada em 17 de março, ultimo, tendente a augmentar de duas o numero das vagas fluctuantes, que por esta forma seriam elevadas a 9, isto é, proximamente a metade do numero total de logares de general de brigada!

Verdadeiramente pasmoso!!

Se uma proposta d'esta natureza apparecesse no parlamento hespanhol teria irremediavelmente a sorte dos revolucionarios de Barcelona: era fusilada, sem appellação nem aggravo.

No nosso paiz fica ainda para segunda leitura.

As disposições reguladoras do accesso ao generalato no exercito hespanhol são perfeitamente racionaes, logicas e justas.

Não ha na lei alçapões ou encruzilhadas que permittam fazer desapparecer momentaneamente da escala alguns coroneis para dar logar á promoção artificial de outros, bafejados por uma protecção excessiva.

Essas bellezas de organisação só se deparam em Portugal, que parece ter o monopolio de todas as incongruencias e contrasensos organicos.

Só no nosso paiz se admira o estranho phenomeno de haver uma arma cuja relação numerica com a infan-

teria varia de $\frac{1}{20}$ a $\frac{1}{6}$, segundo Fornells y Melgar, apresentar actualmente no quadro activo dez officiaes generaes, ao passo que a infanteria com toda a sua imponencia de quadros e effectivos não tem folego para ultrapassar em annos successivos a mesquinha cifra de 7 generaes de brigada, sem um unico de divisão!

E' admiravel, na verdade.

Em prodigios d'esta natureza não cedemos o logar a ninguem; Portugal vae sempre na vanguarda.

*

Os numeros que traduzem a distribuição das vagas de generaes de brigada pelas diversas armas no exercito hespanhol são eloquentes e deviam constituir lição fecunda, proveitosa, para os legisladores portuguezes.

Esses numeros estabelecem a relação ou a proporcionalidade mantida constantemente entre as diversas armas.

Assim, por cada grupo de 48 vagas pertencem:

A' infanteria	24
A' cavallaria	8
A' artilheria	6
A' engenheria	3
Ao estado maior	3
A' guarda civil, carabineiros e alabardeiros	4

A proporcionalidade inalteravelmente seguida no exercito hespanhol dá em resultado que, na partilha das vagas, as diversas armas e serviços teem sempre a mesma quota parte, isto é:

A infanteria tem sempre	$\frac{1}{2}$
A cavallaria, idem	$\frac{1}{6}$
A artilheria, idem	$\frac{1}{8}$
A engenheria, idem	$\frac{1}{16}$
O estado maior, idem	$\frac{1}{16}$
A guarda civil, carabineiros e alabardeiros, idem	$\frac{1}{12}$

Se confrontarmos estas relações, que traduzem a participação de cada arma no quadro do generalato do exercito hespanhol, com identicas relações no exercito portuguez, não chegamos a deduzir uma lei racional e logica a que estas se subordinem; ao contrario, presenciamos uma variabilidade caprichosa de numeros, que, de anno para anno, dá os mais extravagantes e phantasticos resultados.

A rapida inspecção do quadro I (n.º 9 da *Revista*) mostra-nos que depois de entrar em plena vigencia o decreto de 10 de janeiro de 1895 só a infanteria conservou o mesmo numero de generaes de brigada, isto é 7, que é o seu minimo fixado a capricho, sem attenção pela legitima representação da arma em face dos principios organicos, nem consideração pelos serviços que lhe são inherentes.

Ao contrario, a cavallaria passou logo por todas as cambiantes permitidas pela *cerebrina* disposição das vagas fluctuantes: subiu de 3 a 4 e seguidamente a 5 e 6 generaes de brigada, que é o seu numero actual, com a respeitavel vantagem de ter ainda 4 generaes de divisão.

A artilheria seguiu em sentido inverso da cavallaria; veio descendo de 7 a 6, 5, 4, 3, 2 generaes de brigada, manifestando-se no corrente anno tendencia para um movimento ascencional, por isso que de 2 passou já a 3 generaes.

A engenheria, depois da lei de 1895, veio subindo de 1 a 2, 3, 4 generaes, numero que conservou durante quatro annos, mostrando presentemente tendencia para declinar no numero de generaes de brigada, com a compensação de haver conquistado já dois logares de general de divisão, luxo que a infanteria não disfructa ha 4 annos.

Esta instabilidade no numero de generaes, esta fluctuação constante de vagas, que hoje pertencem á cavallaria, amanhã á artilheria e no dia immediato á engenheria é a causa fundamental da grande e nociva perturbação que de ha annos se vem notando nos serviços do generalato.

A logica aconselha e as leis da organica prescrevem que os quadros sejam fixados segundo as necessidades do serviço; quando não se seguem essas prescripções, sobreveem, alem da anarchia dos serviços, as situações anormaes, incongruentes, como é essa de não haver ne-

nhum general de brigada disponivel para o commando de uma das 12 brigadas de infanteria.

E' missão do legislador sanccionar leis que, nos seus resultados praticos, não affectem o caracter d'uma verdadeira barafunda.

Ora toda a lei estabelecida pelo homem não adquire a estabilidade, não inspira o respeito sem satisfazer a condição de se approximar mais ou menos das leis da natureza, inabalaveis e immutaveis; é n'estas condições que d'ellas se compenetram todos e que se executam, sem perturbações nem desordem nos seus effeitos.

A lei hespanhola prescrevendo no quadro do generalato numeros fixos, inalteraveis, para a representação das diversas armas, não tem originado situações anomalas, nem provocado vivas reclamações, como succede no nosso paiz.

E' sensata, equitativa nas suas disposições, corresponde ás necessidades do serviço e por isso é acatada e respeitada, como o são as leis da natureza.

Oxalá se podesse transplantar para Portugal.

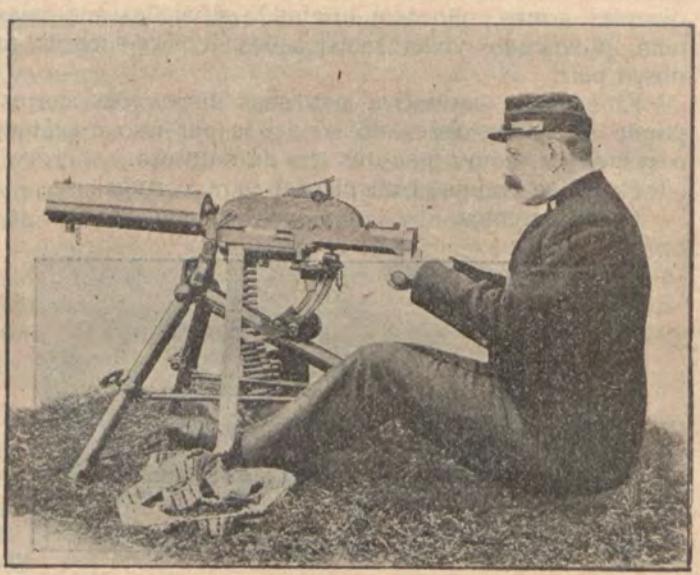
Continuaremos.

MODERNAS METRALHADORAS

Todas as variadas fórmas de transporte d'estas armas se vão pouco e pouco reduzindo a um: — o transporte a dorso de solipedes.

Os relatorios dos officiaes que as commandaram na recente guerra russo-japoneza, tanto d'uma como d'outra nação, sendo concordes no mesmo systema de transporte,

o adoptaram. A Austria, que ainda recentemente tinha um grupo de metralhadoras adjuncto ao 12.º regimento de hussares, transportadas em carros, passa a fazer o seu transporte a dorso de cavallos. A França, que só as tinha distribuidas aos caçadores alpinos, está-as distribuindo aos corpos de infanteria, transportando-as a dorso. A Hespanha, que as não tinha, acaba de adquiril-as e distribuil-as aos corpos de infanteria, sendo tambem transportadas a dorso. E a Allemanha, que no presente anno augmentou collossalmente os grupos de metralhadoras a 6, transportadas em carros, creou as novas secções de metralhadoras, para os corpos de caçadores e infanteria, transportando-as tambem a dorso.



Metralhadora Schwarzlose (Modelo de 1907)

E' claro que, por esta fórma de transporte, é superior a mobilidade e sobretudo a facilidade de se occuparem posições difficeis, que outros meios de transporte tornavam impossiveis de attingir.

Sendo porém as metralhadoras até ha pouco bastante pezadas, o que até certo ponto difficultava o transporte a dorso (com excepção dos modelos já antigos de 18 kilos usados pelos suissos de guarnição nos fortes de

S. Gothard e S. Maurice) alguns constructores de taes engenhos modificaram-nos e um modelo novo, póde dizer-se, appareceu.

Os modelos modificados são a Hotschkiss (recentemente adoptada na França e na Hespanha) e a Maxim, na Allemanha; modelo novo é o austriaco Schwarzloze, typo definitivo do modelo creado em 1903.

Os seus pezos são respectivamente de 21, 16,5 e 18 kilos contra 27 que pezavam os modelos antigos das duas primeiras.

Metralhadora Maxim (Modelo de 1909)

A Hotschkiss foi aligeirada no cano, no piston e na culatra e, sobretudo, na sua caixa; tem como novidade uma muito mais facil substituição do cano, que nos anteriores modelos era extremamente difficil. Conseguiram diminuir-lhe cêrca de 7 kilogrammas ao pezo. O tripé é o antigo, typo de charneira.

A Maxim que pezava cêrca de 27 kilos (como a nossa) foi reduzida a 16,5 kilos! São 10,5 kilos de menos em pezo. E' hoje a mais leve e, certamente, d'aqui só se poderá passar para a chamada espingarda automatica, pois certamente quem fez uma tal reducção é porque não po-

dia ir mais longe. O systema em nada foi alterado, a não ser em pequenos detalhes que melhor garantem o bom funccionamento.

E não se cingiu á metralhadora a reducção do pezo. O reparo de trenó, que ficou tambem para a infanteria allemã e se diz melhorado, desceu de 52 a 30 kilos! Isto é: uma metralhadora Maxim com o seu reparo que ha pouco ainda pezava 79 kilos, o que já é, com o baste, uma carga regular para um solipede, passou hoje a pezar 46,5 kilos, o que permitte, para completar aquella carga, o transporte de mais 1:500 cartuchos!

São estes os $^{m}/1909$ das metralhadoras e reparos allemães.

A metralhadora Schwarzloze $^{m}/1907$, adquirida na Austria, que assim fica com trez typos, a Skoda, a Maxim e a Schwarzloze, é a mesma que em 1903 foi apresentada pelo proprio inventor á commissão portugueza, com ligeiras alterações, sendo a principal no mechanismo de alimentação, que parece ser bom, mas unicamente applicavel a cartuchos de rebordo saliente.

Em razão da fórma porque ali é conseguido o automatismo (como na Skoda) pela pressão dos gazes sobre a culatra, por intermedio do fundo da caixa do cartucho (cano fixo), estes projectam-se na caixa do mechanismo, aquecendo enormemente as peças proximas e tornando-se necessária uma lubrificação automatica, conseguida por meio de um deposito de oleo e uma minuscula bomba collocada na tampa da caixa da culatra, que a cada tiro lança algumas gotas sobre a entrada da camara e testa da culatra.

E' demorada e pouco facil a montagem da culatra, a qual, não se extrahindo com cuidado, póde demorar bastante a sua remontagem.

O cano é muito curto e leve, relativo aos da Hotschkiss e Maxim.

O reparo de tripé telescopico é muito leve (16 kilos) e rigido. A sua base é, porém, muito pequena, o que prejudicará a estabilidade da metralhadora.

Permitte o tiro nas tres posições: sentado, de joelhos e deitado.

V. Bugalho
Capitão.

O official nos exercitos modernos

A sua preparação e a sua missão educadora

(*Continuado do n.º 10—1909*)

g) Saber commandar.

A arte de commandar é mais uma questão de educação do que de instrucção.

Não se adquire senão pelo esforço pessoal voluntario.

O commando, diz André Gavet, não se ensina como a historia, a geographia, as mathematicas.

E' uma faculdade moral que existe em certo grau, em alguns chefes, que falta em outros, que se póde desenvolver em si proprio por uma educação pessoal voluntaria, á força de persistencia.

E' a concepção clara e attrahente do caracter moral da nossa funcção que nos faz officiaes, quando a nossa alma é bastante grande para o ideal e o coração bastante largo para a abnegação.

Sempre que a *acção do commando* é pura nos seus designios, estrictamente dirigida para o dever militar, inspira uma confiança absoluta e impõe-se a todos com uma auctoridade capaz de exigir os maiores sacrificios.

E' principalmente o espirito de dedicação e de abnegação pessoal do chefe que constitue a condição moral da auctoridade da sua *acção de commando*.

Emquanto os subordinados virem o chefe penetrado do sentimento do dever militar, seguil-o-hão cegamente, como se a bandeira fôsse por elle conduzida.

Ao contrario, desde que transpareça a suspeita de que elle seja capaz de dirigir as operações e de dispôr da vida dos seus soldados no interesse da sua am-

bição pessoal, a sua auctoridade enfraquece sensivelmente, por haver perdido a base moral em que assentava.

No exercicio do commando, o principal valor d'um chefe reside no seu *caracter moral*.

A intelligencia, o caracter, a dedicação e o sentimento do dever constituem o fundo moral necessario para poder tornar-se um chefe militar.

Estudar cada um a sua funcção no meio militar, comprehender que o exercicio d'essa funcção é um dever, cumprir escrupulosa e devotadamente esse dever sacrificando-lhe paixões e interesses pessoaes, proceder com energia, rectidão e lealdade em todas as questões do serviço,—é o unico meio seguro de realisar o typo do chefe militar austero, revestido d'uma força moral incomparavel, força que se exercerá materialmente sem resistencias, sem attritos, sem difficuldades.

O chefe que reuna as condições acima enumeradas poderá ainda alargar a esphera de respeito que em torno d'elle espontaneamente se cria, poderá augmentar o seu prestigio e o amor que os subordinados lhe devotam, facilitando assim a acção do commando, se a par do seu zelo em attender ás necessidades materiaes do soldado na parte relativa a alojamento, alimentação, vestuario e ao seu tratamento hospitalar,—aproveitar todos os ensejos favoraveis para despertar estimulos legitimos, premiando não só o merito, mas o bom comportamento, louvando o zelo e a actividade no desempenho dos diversos serviços e procedendo sempre de fórma a convencer os subordinados do interesse e da solicitude que em tudo lhes dispensa.

Essas particularidades são antes funcção do tacto, do criterio de cada um, do que attributo do saber.

Assim, por exemplo, o capitão entregará pelas suas mãos ao recruta a espingarda que lhe fôr destinada; reconhecerá debaixo de fórma os graduados recentemente promovidos para a companhia, apresentando-lhes as praças que constituem a sua secção ou esquadra; no regresso d'um exercicio de tiro ao alvo terá o cuidado de collocar na testa da companhia os melhores atiradores, affirmando por esta fórma a superioridade do seu valor; terminado um exercicio sobre o serviço de campanha e na frente da companhia formada referir-se-ha com louvor ás praças que mais solicita e intelligentemente desempenharam o serviço ou que maiores provas da sua aptidão revelaram.

Estas pequenas praticas, na apparencia insignificantes, teem um grande alcance na educação moral das tropas, porque se fixam por fórma duradoura no espirito do soldado, que não póde ser indifferente a actos que sobremaneira o lisongeiam e elevam perante os seus camaradas.

Por outro lado o official dará prova do seu tacto se perdoar mais facilmente aos inferiores um movimento de mau humor, ou de altivez susceptivel, do que uma deslealdade qualquer, uma capitulação de consciencia ou uma falta de probidade.

Poderá desculpar-se um passo errado, mas nunca os actos de fraqueza.

Em summa, póde concluir-se que o commando sendo uma missão sobremaneira difficil, se tornará para os officiaes de *élite* uma tarefa simples, cheia de nobreza e de lealdade.

VII

As forças moraes para a guerra

N'um interessante estudo recentemente publicado pelo general Bernard, commandante do 19.º corpo do exercito francez, accentua-se nitidamente, demonstra-se por uma fórma magistral a importancia decisiva que n'um organismo militar teem as denominadas *forças moraes para a guerra*, justamente consideradas as bases, os elementos essenciaes da potencia das nações independentes.

Estas forças moraes são numerosas e variaveis com as raças, mas podem agrupar-se em duas cathegorias distinctas:

a) *As forças naturaes;*
b) *As forças adquiridas.*

As primeiras são particulares á raça e inconscientes; são forças atavicas, que se traduzem pelo amor proprio, pelo ardor no trabalho, pelo genio aventuroso, pelo desejo de se distinguir e pelo amor da gloria.

As segundas são o resultado da educação durante o periodo do crescimento do homem e no decurso do serviço militar; são forças que, em maior ou menor gráu podemos desenvolver.

1.º — *Sob o influxo da educação no seio da familia e na escola;*

2.º — *Sob a influencia da educação no meio militar.*

A educação no seio da familia e da escola desenvolve o amor da patria e a altivez das origens.

A educação no meio militar faz nascer o espirito do corpo, a subordinação e a disciplina comprehendendo o espirito de camaradagem no combate.

Mas, os esforços do official educador não se tornarão verdadeiramente proficuos, se elle não estiver animado da *convicção da guerra,* de que deverá fazer possuir os seus subordinados.

A miragem d'uma paz indefinida com que sonham philosophos utopistas, os partidarios do desarmamento, os anti-militaristas, emfim, ha-de ceder logar ao convencimento geral de que a guerra, velha como o mundo, só com o mundo acabará.

A formação inicial das sociedades realisou-se pela guerra e para a guerra.

Os progressos da civilisação creando necessidades novas e excitando novos appetites originam com frequencia os conflictos de interesse de que a guerra é a consequencia natural.

Como esperar que estes conflictos se resolvam por meios pacificos entre as nações quando estas augmentam dia a dia os seus exercitos e aperfeiçoam os seus armamentos?

Não foi a Russia compellida á guerra com o Japão no momento em que o czar Nicolau animado das ideias do desarmamento geral era o principal propugnador do congresso da paz em Haya?

Emquanto as paixões dominarem os homens e os interesses dividirem os estados, o espectro da guerra ha-de pairar sobre a fragil humanidade.

A historia, que é a mestra da vida, mostra-nos que em todas as épochas a constituição e a transformação dos estados teem sido quasi sempre realisadas pela guerra e para a guerra.

Como diz o general Bernard, a guerra faz parte d'estes acontecimentos que o homem não póde evitar, mas que deve prevêr, para os soffrer nas melhores condições possiveis.

Esta convicção da guerra todos a devem possuir, comquanto se encontre mais intensiva ou anime mais fortemente o chefe militar, seja qual fôr a sua graduação. Constitue uma das forças moraes mais poderosas para a guerra.

Que seria, na verdade, a missão do official, na sua essencia mais moral do que material, se não estivesse possuido da convicção profunda de que essa missão é vital para o paiz, porque a guerra virá fatalmente, devendo considerar-se inevitavel n'um periodo de tempo mais ou menos afastado?

No complexo organismo dos estados modernos, nenhuma missão é mais importante do que a do official do exercito, nenhuma é mais vasta e exige mais estudo e trabalho pessoal para ser bem exercida, cabalmente desempenhada.

O official será pois, o verdadeiro agente insuflador das forças moraes para a guerra, será elle que pelo seu exemplo, pelos seus esforços, pela sua abnegação fará despertar no coração do soldado os sentimentos que consagram e vivificam estas forças.

*

A importancia das forças moraes para a guerra, tão notavelmente accentuada por Bernard, evidenciou-se em larga escala na recente guerra russo-japoneza.

Os russos confiados, por um lado nos elevados effectivos que a vastidão do imperio moscovita lhes proporcionava, e por outro lado na sua força physica, na sua grande estatura, desdenhavam dos japonezes, que supponham poder vencer com facilidade.

Educados na velha escola de Souvaroff, impregnados até á medulla dos ossos do culto da bayoneta que Dragomiroff, com o mysticismo proprio da raça slava, fazia exaltar além de limites rasoavelmente admissiveis, os russos soffreram uma completa desillusão na lucta do Extremo Oriente.

Os seus desdenhosos adversarios, os nippons, possuiam todas as qualidades materiaes e todas as virtudes civicas, que são o attributo d'um grande povo.

No Japão, o patriotismo, sob a fórma d'um respeito religioso pelos antepassados e de dedicação absoluta por uma monarchia quasi divinisada, é apresentado como o fundamento universal e eterno da moral.

Desde a escola primaria, o japonez aprende que o seu paiz é superior a todos os paizes do mundo e que a sua historia é o modelo da moral em todos os tempos.

Mais tarde, os livros, os jornaes, o theatro, a vida

publica em toda a sua expansão tendem a desenvolver na alma da nação um patriotismo exaltado.

Mercê d'este espirito de disciplina insuflado desde a infancia, a preparação do soldado japonez exige apenas algumas semanas e assim se explica a rapidez com que os reservistas puderam supprir as numerosas baixas produzidas nos exercitos de operações pelas hecatombes de Port-Arthur, de Liao-Yang e de Moukden.

(Continua).

ADRIANO BEÇA
Tenente-coronel d'infanteria.

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 8—1909)

Apesar de se terem activado os trabalhos do forte D. Luiz de Bragança, não foi possivel concluil-o; a sua construcção demandava mais tempo, para se poder considerar em condições de defesa e segurança. Mas sendo necessario ultimar as operações, porque as baixas no pessoal augmentavam d'uma forma assustadora e as primeiras chuvas, que nos haviam já encharcado, promettiam prolongar-se, Roçadas resolveu avançar sobre o Cuamato Grande, deixando a defesa do forte confiada ao capitão Mario Dias, que não obstante ter sido ferido no combate de Mufilo e de fórma a dar-nos serios cuidados, nunca abandonara a sua companhia, que tão heroicamente soubera conduzir em todos os combates. Agora era obrigado a defender, com ella e alguns soldados europeus, doentes e estropiados, a Bandeira da Patria arvorada n'um forte em que duas das suas faces estavam nas primeiras phases de construcção, e situado no coração d'um paiz, dias antes conquistado palmo a palmo, á custa de sacrificios e de vidas; a sua guarnição quando muito chegaria para a defesa d'uma face. Era isto uma verdadeira temeridade, mas Mario Dias não fez a maior objecção.

A quanto obriga a hombridade e brio da farda que se enverga!

—Foste um bravo e lamento que a tua dedicação, va-

lentia e sacrificios fossem esquecidos; não enfraqueças, nunca deixes de prestar a tua valiosa cooperação em prol da nossa querida Patria e do novo Rei, a consciencia do cumprimento do dever é o maior galardão a que se póde aspirar.

11.ª ACÇÃO

Tomada da embala do Cuamato grande (Nabeque)

Em 4, ás cinco horas da manhã, rompia a minguada columna a marcha em direcção á embala do Cuamato Grande; muitos iam no cumprimento do dever e por desejarem tomar parte em todas as acções, pois que o seu estado de saude a tanto não chegava. Mas era preciso mais um appello ás depauperadas forças e ninguem deixava de o fazer, avançando sempre altivos, de boa vontade, no desejo unico de sermos uteis a nossa Patria.

Antes de partirmos, novamente foi recommendado, não ser permittido incendiar-se as *libatas*, nem romper o fogo sem ordem expressa; o commandante da columna presumia uma occupação pacifica, e como desejava nomear soba da região o guia Calipalula, recompensando-lhe assim condignamente os seus serviços, não queria a devastação do territorio, para mais facilmente se conseguir a submissão do gentio ao novo chefe, vendo que fôra por sua intervenção que se poupavam vidas e bens.

Internou-se a columna n'um mattagal, em direcção S., tendo os sapadores de abrir caminho; seguiu-se depois por um terreno mais aberto, onde havia grandes *imbondeiros*, piteiras, figueiras bravas e *arimbos* circumdados por abatizes de espinheiros, deparando-se frequentemente com pequenas *cacimbas* e lagoas.

A columna continuava a avançar, e como o comboio era pequeno e se haviam escolhido os melhores bois para as spans, a marcha foi forçada, desejosos todos de terminar a missão, custasse o que custasse. Ao longo do caminho viam-se as *libatas* queimadas pelo 2.º esquadrão, e podemos avaliar quanto se tinha afastado, temeridades proprias do valente e destemido tenente Martins de Lima.

Marchava-se seguramente á uma hora, sem termos avistado o inimigo e sem que nos fosse disparado um unico tiro. Chegados a um descampado, Calipalula conferecia com uns pretos do Cuamato Grande, que se haviam refugiado no Humbe, por serem contrarios á guerra e se reuniram á columna na vinda do ultimo comboio, e

acto continuo foi prevenir Roçadas, que, aproximadamente a 500 metros, ao transpôr-se umas frondosas arvores situadas n'uma pequena elevação de terreno, onde havia tambem cacimbas, era o limite dos dois cuamatos. Até ali, como nos dissera, não seria provavel hostilisarem-nos, mas, ao passar-se a linha divisoria, deveria principiar o fogo.

A face da frente e retaguarda que marchavam por pelotões de costado, receberam ordem para metterem em linha com dois passos de intervallo e a cavallaria de se apear; formado o quadrado, continuou-se a avançar, e pouco tempo depois veêm-se grupos de pretos tomando posição por detraz das arvores, morros de salalé e a guarnecer as palliçadas d'umas *libatas* que ficavam a 700 metros.

O quadrado faz alto na raia dos cuamatos, esperando o commandante da columna que desistissem de nos atacar, pedissem paz e se apresentassem; permaneceu-se por algum tempo assim, e não mostrando os cuamatos qualquer signal por onde se deduzisse que desejavam parlamentar, ou apparecessem em grupos, dando saltos e deitando-se no chão, demonstração de entrega e submissão, proseguiu-se a manobra e immediatamente um chuveiro de balas cae sobre a columna, visando principalmente a face da frente, mas como havia ordem de se não dar fogo sem sêr ordenado, caminhou-se sempre sem se responder; algumas praças e cavallos são postos fóra do combate e então ouve-se o clarim de ordenança ao quartel general tocar a fogo; a columna faz alto, bate-se o inimigo com descargas de pelotões e a bateria Erhardt lança algumas granadas sobre as libatas, cahindo precisamente no ponto visado, obrigando os pretos a abandonal-as, com bem sensiveis perdas; continua-se a avançar, deixando intactas as povoações indigenas; entra-se n'uma pequena chana ladeada de espinheiros e matto, o inimigo generalisa tambem o fogo sobre as faces lateraes do quadrado; retiram por lanços, sem deixarem de dirigir um fogo vivo; as faces lateraes, devido á distancia que se achavam do matto, 40 e 100 metros, são atacadas quasi á queima roupa, pois o inimigo se aproxima da orla. A muita disciplina que sempre imperou em toda a columna, evitou que os nossos bravos soldados se precipitassem sobre os pretos, pois atacados de tão perto, notava-se-lhes o desejo bem frisante de carregarem sobre elles á arma branca; seria pro-

vavel n'esta occasião tirar-se partido d'uma boa carga de bayoneta e pôr o inimigo em debandada, mas, como o preto no mattagal corre da mesma fórma como n'um descampado, era imprudente qualquer praça lançar-se na preseguição porque podia cahir em alguma embuscada em poder do inimigo. Não obstante todas as recomendações e cuidados do pessoal graduado, o soldado de infanteria 12, n.º 16, Joaquim Lino, que em todos os combates se havia salientado pela sua coragem, bom atirador e prompto a desempenhar os serviços mais arduos e arriscados, não se conteve, sae do seu pelotão e corre para o matto, com o fim de apanhar uma arma e cartuchos d'um preto que tinha morto, e é cercado, constrangendo o commandante do pelotão a internar-se no mattagal, repellindo o inimigo e obrigando-o a entrar na forma.

Andados nove kilometros, chegámos a uma vasta chana, coberta de capim rasteiro e sem uma unica arvore; o guia previne que ao fundo da chana, junto d'umas copadas arvores e palmeiras, fica a embala do soba; com o binoculo somente se viam as arvores; o inimigo afrouxa o fogo e mais um kilometro andado cessa por completo.

A 700 metros da *embala* a columna faz alto, a bateria Erhardt lança as suas granadas para a *embala*, de que se divisa a paliçada; continua-se a avançar, e a 500 metros o quadrado pára, a face da frente dá tres descargas. Prosegue-se a marcha; a 1.ª companhia europeia e a de guerra formam, com a marinha e infanteria 12, um colchete offensivo, o esquadrão monta a cavallo, a 100 metros o clarim do quartel general dá o toque de carga, repetindo-o todos os corneteiros da columna, e com impetuosidade se toma a *embala* de assalto, não havendo resistencia da parte do inimigo. Os commandantes das unidades reformam estas e esperam que lhe designem o local do acampamento, para procederem ao entrincheiramento.

Mais 5 dos nossos companheiros de armas encontraram a morte n'esta acção e ficaram feridos 17, sendo alguns gravemente.

Termina a 11.ª e ultima acção.

*

O acampamento estabeleceu-se no *arimbo*, que era rodeado, bem como a *embala*, por abatises de espinhei-

ros. O entrincheiramento continuou a ser feito com saccos de areia, terminando o trabalho á uma hora da tarde, e d'esta vez todas as faces tinham vasto campo de tiro.

Proximo e dentro do acampamento haviam cacimbas com peixes (bagres), dando agua em abundancia e de regular qualidade, e podendo-se confeccionar o rancho durante os dias que ali permanecemos.

A ambulancia ficava á sombra d'uma frondosa arvore, onde os facultativos procediam á amputação d'uma perna e d'um braço, o que em regra equivalia a morte certa, devido á falta de recursos e ao meio em que eram feitas as operações, originando infecções e complicações fataes a collocação d'um penso ou curativo d'um ferimento, além do avultado numero de doentes, com febres e inflammações intestinaes, e para completar o triste e real quadro jaziam já 6 dos nossos companheiros, cobertos com pannos tendas. Um horror!

Mas continuemos a nossa narrativa: no fim d'um curto repouso, os mais curiosos foram vêr a *embala*, muito maior que a de Mogogo, circumdada por uma paliçada de muthiati, dividida interiormente em compartimentos defendidos tambem por paliçadas com corredores estreitissimos e tortuosos; a entrada para os alojamentos fazia-se por pequenas aberturas nas divisorias, dando só ingresso a uma pessoa de cada vez, de cocoras ou rastejando, um verdadeiro labyrinto, onde difficilmente se entra e sáe pelo mesmo sitio. A entrada principal, de dimensões maiores, era destinada aos cavallos, tendo por porta grossos troncos de arvores, nos quaes praticavam na parte superior aberturas que permittiam girar sobre um roliço pau ferro, assente em dois supportes. Nas divisorias notavam-se rastos de sangue e que tinham sido abandonadas ha pouco tempo, por as cosinhas terem lume e comida recentemente feita, percebendo-se tambem nas cavallariças que os cavallos sairam pouco antes da tomada da *embala*.

Soube dias depois que o *sóba* se havia embededado, ao vêr a sua gente em debandada, e desejava ser morto na sua propria casa. Mas os fidalgos da sua côrte, ao vêr que nos approximavamos, obrigaram-n'o a montar a cavallo, e assim se explica o grupo de cavalleiros que alguem viu sair da *embala*, quando se deram as descargas a 700 metros.

Além de diversos utensilios domesticos, como panellas

de barro, pratos e colheres de madeira, cabaças, pilões, enormes *quimbundos* de mantimentos, verdadeiros celleiros, etc., encontraram-se tambem armas e carabinas Kropatscheck, Snyder, Martini e de outros modelos, culatras, canos, sabres, espadas, rewolvers, cornetas, equipamentos, cofre de munições, sellas e sellins, fardamentos, etc., tristes despojos do massacre do conde de Almoster, do desastre de 1904 e da retirada dos auxiliares em 1906. Mas já era sufficiente e bem doloroso que nós em retiradas precipitadas e derrotas soffridas lhe tivessemos deixado tão farta colheita, quanto mais vêrmos a seu lado caixas com polvora, barras de chumbo, apetrechos para fazerem as balas e carregarem os cartuchos, munições, etc.; e para que não ficassem duvidas de que haviam sido degenerados portuguezes, levados sómente pela ganancia de *fabulosos lucros*, que lh'as tinham vendido, bem visiveis tinham as marcas: *Companhia de Mossamedes — Benguella*. Simplesmente vergonhoso, mas real e verdadeiro.

(Continua)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.ª

Tete, 4—1—909.

Munições da infanteria

Ha já tempo que sabiamos que na visinha Hespanha se estudava a nova munição com a bala ponteaguda que, como se vê, se vae generalisando... Hoje podemos dizer que é de presumir estar para breve a sua adopção, com 850 a 900 metros de velocidade inicial.

No n.º 1 d'esta *Revista*, de 1906, a seguir á adopção definitiva das novas munições, bala ponteaguda, pela França a *D*, e pela Allemanha a *S*, tratamos do assumpto, sentindo que, podendo nós portuguezes estar armados e municiados melhor do que qualquer outro paiz, o estivessemos no momento já peor que a Allemanha que, com a sua nova munição, fez com que a sua espingarda de calibre $7^{mm},9$ supplantasse todas as de $6^{mm},5$, unicamente pela adopção d'essa munição. E isto não foi por culpa nossa, da infanteria, mas, exactamente e unicamente por não ter ella tratado sempre esse assumpto.

Façamos aqui um pouco de historia.

Quando se fundou a nossa *Revista*, um dos seus redactores fundadores, o nosso querido amigo David Augusto Rodrigues, então alferes, hoje já bem conhecido no nosso exercito e na nossa arma em especial, iniciou os seus trabalhos com uma série de artigos sob o titulo: «A evolução tactica em face dos progressos da balistica e do armamento».

Estes artigos muito substanciosos revelavam uma orientação nova na analyse de assumptos militares tão importantes. No fundo, condemnava a rotina que, com a pequena convicção do nosso saber profissional especial, por estudos mal dirigidos e programmas longos, ultra-theoricos e balofos, faz estacar a cada passo o official, na analyse que não seja muito superficial, de qualquer assumpto, e mais ainda na resolução a dar a qualquer problema de caracter pratico.

E na verdade a rotina, consequencia da nossa falta de convicções e, tambem, da pouca perseverança no estudo, e ainda, se quizerem, do empastamento das materias estudadas para alcançar-se o diploma de official, muito vastas e dispensaveis umas, muito superficiaes e restrictas outras, mas todas estudadas ou só por livros ou em fracos modelos, a rotina é, sobretudo, a causa da estagnação e marasmo da vida portugueza em todas as suas manifestações. O conservantismo, em tudo, mas especialmente em cousas militares, é mais do que um erro, chega mesmo a ser um crime. O mêdo da novidade é enorme, e por isso se vae conservando tudo na mesma.

Estariamos ainda armados com velha artilheria, com velhas espingardas, e sem metralhadoras, se um gesto energico de um ministro nos não désse isso tudo, que tanta falta fazia ao paiz. Bastou para isso um homem querer. Abençoado gesto.

Com respeito á nossa arma, porém, não poude completar o seu programma, dotando-a com munições em quantidade e qualidade, como era e é indispensavel que se faça urgentemente.

Mas antes que se faça, torna-se necessario determinar positivamente qual deve ser a munição, estudando-se conscienciosamente, em estudo comparado, a qual se deve dar preferencia, se á bala ogival se á de ponta, que, como se sabe, está hoje generalisada na Europa.

Em 1904 a commissão de infanteria, em Berlim, es-

tudava a carga a empregar na munição para a nova arma quando lhe foi apresentada uma nova bala, que, em summarias experiencias, se manifestou de uma notavel superioridade á antiga ogival.

Este facto levou a commissão a participar para o ministerio da guerra o que tinha visto. O ministro mandou que a commissão fizesse, por si, experiencias com o novo projectil, missão de que se desempenhou e cujo resultado enviou para Lisboa. As experiencias deviam ser feitas de fórma que as pressões fossem comprehendidas entre 3.000 e 3.200 kilogrametros por centimetro quadrado, e comprehenderam, ainda que com pequeno consumo de cartuchos, por haver pressa, o bastante para se fazer ideia da munição em si, como: velocidade das balas a differentes distancias; dispersão; penetrações em diversos meios; determinação de ordenadas, todas as consequentes, etc.

A sua superioridade balistica incontestavel e evidente mostra-se no artigo de 1905 citado.

Devemos aqui dizer que, quando em Lisboa constou que se faziam experiencias com uma munição a que se attribuia uma velocidade de 800 a 900 metros, appareceu, na *Revista de Artilheria* de novembro de 1904, um artigo do distincto e illustrado official d'artilheria do nosso exercito, o sr. tenente Frederico Simas, que combatia a adopção da bala, sem demoradas experiencias, por trez motivos: 1.º, porque uma maior justeza importaria um maior rigor de pontaria; 2.º, porque o recuo seria muito exagerado em face dos das outras espingardas em uso; 3.º, porque a duração dos canos seria curta e eram de receiar rebentamentos.

Outro distincto official da nossa arma, o sr. tenente João de Vasconcellos, n'esta mesma *Revista*, no n.º 1 de 1905, mostrou tambem o seu parecer contrario á grande rigidez de trajectoria que uma velocidade de 800 a 900^{m} traria.

Nada mais vimos nas publicações militares do paiz que de certo modo fizessem reparos á adopção de uma nova munição.

Foi talvez pelo primeiro artigo, que á commissão de balistica de então foi commettido o encargo de fazer experiencias com a munição nova, talvez para que, em segunda instancia se resolvesse qual a munição a adoptar.

Estas experiencias levaram mezes e ignoramos em

absoluto do que constaram, conhecendo d'ellas apenas o resultado: a rejeição da bala ponteaguda.

E' necessario accentuar que foram mandados aggregar á commissão de balistica dois dos officiaes de infanteria que na Allemanha já tinham assistido a experiencias com a nova munição. Estes officiaes compareceram a todas as sessões para que foram avisados, mas a certa altura das experiencias deixaram de ser chamados a contribuir com o seu trabalho e conhecimentos para o resultado final. Assim, tendo feito parte da commissão, desde certa epocha deixaram de ser chamados a collaborar, e certamente desconheceram o relatorio, que não assignaram.

Parece que o relatorio elaborado pela commissão de balistica deveria ser visto pela commissão de officiaes de infanteria que assistiram ás experiencias em Berlim, não só pela consideração que essa commissão deveria merecer, mas, e principalmente, para se justificar perante as conclusões a que chegára a commissão de balistica, que pelos resultados — rejeição da bala de ponta — parece ter sido contraria á sua adopção, por motivos que á mais arguta vista escapasse.

Durante os trabalhos da commissão de balistica deram-se factos que é necessario se conheçam.

A commissão de infanteria havia feito as experiencias summarias em Berlim, com a espingarda de cano (*A*) (chamemos-lhe assim) que era o cano com que se havia determinado o modelo da espingarda já acceite pela fabrica e pelo ministerio da guerra. Houve porém reparos em Lisboa, exigindo-se que a camara do cano servisse para balas ogivaes e balas de ponta indistinctamente, quando, sendo as balas de fórma differente, a camara para uma não devia ser a mesma da outra.

Feita esta observação, a fabrica mandou sem observações e immediatamente, canos (*B*) para a bala de ponta e, passados dias, canos (*C*) com camara para as duas balas indistinctamente!

Feitas as experiencias pela commissão de balistica e rejeitada a bala ponteaguda, foi, comtudo, adoptado não o cano *A*, com camara para a ogival, não o cano *B*, com camara para a de ponta, mas o cano *C* para as duas, isto é, o peor, tanto para uma como para outra. O cano *C*, com camara mais curta, eleva, com a polvora Barreto, de 400 kilogrametros por centimetro quadrado, as pressões,

relativamente ao cano *A* com a mesma carga e a mesma polvora.

Foram estes os resultados a que se chegou, não contando com o que se deu com as metralhadoras na sua recepção na carreira de tiro de Lisboa.

Hoje a bala de ponta está adoptada em quasi todos os exercitos da Europa, como já dissemos, devendo, em breve, ser adoptada pela nossa visinha Hespanha.

Estes são os factos aos quaes não fazemos o menor commentario.

INSTRUCÇÃO MILITAR PREPARATORIA

E O

TIRO NACIONAL

(Continuado do n.º 7 — 1909)

Pelas rasões adduzidas no principio d'este relatorio, mostra-se as vantagens que resulta de se considerar a escola primaria como ponto inicial da instrucção militar preparatoria, e apresentamos o exemplo frisante do Japão como modelo de instrucção militar obrigatoria nas escolas primarias. Intimamente compenetrada das vantagens e alcance que poderão resultar, não só para as instituições militares como para a educação physica e avigoramento da nossa raça, com a adopção da pratica methodica e obrigatoria da gymnastica conjugada com a instrucção militar preparatoria, resolveu por isso a commissão implantal-a nas nossas escolas primarias, com o carácter obrigatorio, e nos outros estabelecimentos de instrucção secundaria e profissional a pratica obrigatoria da gymnastica e facultativa a da instrucção militar preparatoria.

Parecerá talvez estranhavel que a commissão não propozesse como obrigatoria a instrucção militar nas escolas secundarias e profissiouaes; mas, para de momento não passar-

mos repidamente por uma transformação radical na organisação d'esses estabelecimentos de ensino, preferimos deixar ao criterio e patriotismo dos paes dos alumnos a frequencia d'esse tão importante ramo de instrucção, para garantia das quaes apenas podemos apresentar como estimulo as facilidades que o estado offerece aos alumnos dos lyceus e escolas profissionaes, para poderem usufrir as vantagens que lhes concede o decreto.

Teve a commissão sempre na mente o despertar desde a mais tenra idade o gosto pela pratica do tiro, e seriam os seus desejos estabelecel-o desde as escolas primarias, com o caracter de tiro reduzido, se não fosse a extraordinaria despeza a fazer de momento com a acquisição de armas e mais material preciso para a sua execução.

Por este motivo, não se abandonando por completo a idéa, propoz a commissão a pratica do tiro reduzido para os alumnos dos lyceus, escolas profissionaes e collegios particulares, menores de 15 annos que se matriculem voluntariamente na instucção militar preparatoria.

Um dos assumptos que tambem mereceu a attenção da commissão foi o estabelecimento do contacto, quasi permanente, entre os alumnos das escolas primarias com todos aquelles que haviam comprehendido os seus deveres civicos de bons cidadãos, concorrendo ás carreiras para praticarem o tiro e receberem a instrucção militar. E para que esse contacto se estabelecesse com maior realce e solemnidade, conjugámos a realisação dos concursos de tiro com os concursos escolares de gymnastica.

Os programmas estabelecidos pela commissão, e que vão publicados nos annexos ao regulamento, são de tal fórma graduados que, desde o programma elementarissimo da escola primaria até ao programma adoptado para os alumnos dos lyceus e escolas profissionaes maiores de 15 annos, se reconhece pela simples leitura, que a commissão sempre teve em vista alcançar resultados exequiveis e reaes, pela pratica constante e gradual da instucção militar preparatoria.

Resolveu tambem a commissão aproveitar como elementos auxiliares da instrucção militar preparatoria, os alumnos militares dos lyceus para desempenharem as funcções de monitores, por lhe parecer que serão elles um excellente elemento de propaganda entre os alumnos civis dos lyceus.

As vantangens que resultam da applicação da doutrina do decreto serão tanto maiores quanto mais tenaz e perseverante for a sua fiel execução.

Para isso, torna-se necessario que todos quantos tenham a seu cargo a direcção dos serviços que se prendem com este importante ramo de educação nacional, se compenetrem do util e valioso serviço que prestam á sua patria, orientando a nossa mocidade das escolas na sã comprehensão dos seus deveres civicos e patrioticos.

Os brilhantes resultados adquiridos com a matricula obrigatoria no curso elementar de instrucção, de todos os mancebos encorporados no exercito no anno ultimo, foram tão visiveis e palpaveis, que levaram a commissão a convencer-se de que, se fossem conjugadas as vantagens dadas pelo decreto de 27 de junho com a campanha contra o analphabetismo, poder-se-hia conseguir maior estimulo entre os cidadãos, para augmentar a

frequencia nas escolas primarias, bem como proporcionar o incentivo de ainda maior aproveitamento nos cursos elementares regidos nos corpos do exercito.

Eis porque as vantagens concedidas foram graduadas em harmonia com a orientação exposta.

Para que a mocidade das escolas não continue divorciada das instituições militares, procurou a commissão aproveitar todos os ensejos favoraveis para despertar no coração das creanças os sentimentos de amor patrio, pela sua approximação do elemento militar, nas occasiões de maiores solemnidades; assim se propoz a assistencia obrigatoria das escolas primarias na cerimonia do juramento de bandeira e a sua representação n'outras festas militares.

*

Para facilitar as relações entre a 1.ª direcção da secretaria da guerra e as sociedades de tiro, julgou a commissão ser conveniente concentrar na união dos atiradores civis portuguezes as suas relações com aquella repartição.

Como é da maior conveniencia fazer divulgar pela população civil e pelos reservistas do exercito as vantagens concedidas pelo regulamento de instrução militar preparatoria e tiro nacional, julgamos de toda a conveniencia que essa propaganda seja não só feita pelas sociedades de tiro, como ainda por intermedio das camaras municipaes e parochos.

*

As vantangens que devem resultar do desenvolvimonto da instrucção militar preparatoria e do ensino da gymnastica, são taes e tantas, que bem justificariam qualquer accrescimo das despezas publicas; mas, como passamos a mostrar, nem mesmo sob tal ponto de vista as disposições do regulamento são pezadas para o estado, pois que a diminuição de encargos, resultante do menor numero de praças no effectivo do exercito, virá compensar, senão sobrelevar, o accrescimo de despeza que apparentemente possa sobresahir.

A commissão, adoptando como base de calculo, evidentemente muito inferior ao que é de esperar, o funccionamento de 50 carreiras de tiro, e suppondo que em cada uma das carreiras aproveitavam apenas 2 atiradores de 1.ª classe as vantagens do regulamento, encontrou os seguintes resultados:

Com cada praça que sirva só 100 dias dispende o estado a menos a importancia de:

243 reis por 630 dias a, 153$090 réis.

Para 100 praças, dispender-se-ha a menos 15:309$000 réis.

Mas como cada uma d'estas praças recebe um pequeno numero diminuto de artigos, apenas os julgados sufficientes para os 100 dias de serviço, e quando passar á reserva tem que pagar a divida, que attingirá o maximo de uns 3$000 réis, ainda a fazenda nacional lucraria com essas 100 praças, porque aproveita os artigos do espolio para serem distribuidos a outras praças

Mas, como estas praças saldam a sua divida para com a fazenda nacional, resultará uma economia de 2:000$000 réis, attendendo-se a que cada uma das praças que passa á reserva no fim

de dois annos, deve á fazenda nacional uma quantia que, em média, attinge 20$000 réis.

Fazendo o calculo para os outros grupos de praça, em harmonia com as vantagens concedidas pelo regulamento, encontra-se respectivamente:

Praças obrigadas a 180 dias de serviço

Com cada uma destas praças dispende o estado a menos a importancia de 243$\times$550 ou 133$650 réis.

Suppondo que approveitam igualmente as vantagens do regulamento apenas 2 praças por cada uma das 50 carreiras, teremos para as 100 praças uma diminnição de despeza egual a 13:365$000 réis.

Como saldam a sua divida de fardamento, haverá ainda a accrescentar a esta verba mais 2:000$000 réis, o que prefaz para este grupo a economia de 15:365$000 reis.

Praças obrigadas a 270 dias de serviço

Com cada uma d'estas praças dispende o estado a menos a importancia de 243$\times$460 ou 111$780 réis.

Suppondo que aproveitam igualmente as vantagens do regulamento apenas 2 praças por cada uma das carreira, teremos para 100 praças uma diminuição de despeza igual a 11:178$000 réis.

Como saldam a sua divida de fardamento, haverá ainda a accrescentar a esta verba mais 2:000$000 réis, o que perfaz para este a quantia de 13:178$000 reis.

Praças que são atiradores de 2.ª classe e ficam obrigadas a 270 dias de serviço

Com cada uma d'estas praças dispende o estado a menos o mesmo que no grupo anterior, e, como se suppõe que possam aproveitar 2 praças por carreira, teremos igualmente a mesma verba de 13:178$000 réis.

Praças que são atiradores de 2.ª classe e que ficam obrigadas a um anno de serviço

Suppondo que aproveitem as vantagens d'este grupo apenas 3 praças por carreira, e como com cada uma d'ellas dispende o estado a menos a importancia de 88$695 réis, teremos para as 150 praças a importancia de ..... 13:304$250
e para liquidação da divida de fardamento..... 3:000$000
o que perfaz para esta classe..... 16:304$250

Recapitulando, temos as seguintes verbas:

Atiradores de 1.ª classe:

1.º grupo — praças com 100 dias de serviço... ...	17:309$000
2.º grupo — praças com 180 dias de serviço.	15:365$000
3.º grupo — praças com 270 dias de serviço	13:178$000

Atiradores de 2.ª classe:

4.º grupo — praças com 270 dias de serviço.....	13:178$000
5.º grupo — praças com um anno de serviço.....	16:304$000
Somma.....	75:334$250

Por este calculo, feito sobe bases tão minimas, resulta a economia acima descripta para fazer face ás despezas com a propaganda e execução do tiro nacional e instrucção militar preparatoria.

Se a esta verba ainda juntarmos a de 18:000$000 réis actualmente consignada no orçamento do ministerio da guerra para despezas da construcção e reparação de carreiras de tiro, teremos assim disponivel a importancia total de 93:334$250 réis para se levar a effeito a execucão de uma obra tao grandiosa, como a que sobresahe da doutrina do decreto, sem que se agrave em cousa alguma o orçamento do estado, e haja apenas uma simples transformação de verbas.

Alem do que deixamos exposto, ainda se deve consignar que, se for avultado o numero de praças da 2.ª seserva sem instrucção que se habilite com o exame de instrucção militar preparatoria, ainda esse facto dará logar a uma grande diffusão da instrucção militar pelas praças da reserva, que, aproveitando as vantagens do decreto, serão dispensadas da sua primeira incorporação no periodo annual de instrucção, facilitando assim a chamada dos outros reservistas que, de outra forma, talvez nunca podessem receber a instrucção.

Recapitulação geral da despeza provavel

Munições	6:350$000
Premios nos concursos de gymnastica	8:240$000
Instrucção nos lyceus e escolas industriaes	10:976$000
Despezas nas carreiras, pessoal e reparação	22:754$000
Pessoal da instrucção preparatoria nas carreiras militares	1.682$000
Premios nos concursos do tiro	1:000$000
Total	51:002$830

Confrontando esta verba com a de 75:334$250 réis que tinhamos calculado para receita, ainda ficará a favor do estado uma verba de 21:280$220 réis, para occorrer a quaesquer despeza que não fossem previstas pela commissão.

Taes são, senhor, as principaes rasões que orientaram a commissão na elaboração do seu trabalho, no qual poz o melhor do seu esforço e boa vontade, convencida de que assim cooperava para a implantação de uma medida do mais alto alcance para a organizasão da defesa nacional, para o avigoramento da raça e para o levantamento do sentimento patriotico.

(Continúa)

BIBLIOGRAPHIA

O bloqueio moderno, por *José Cardoso*, 1.º tenente da armada.

O illustre official da nossa marinha de guerra, sr. José Cardoso, acaba de publicar um livro de mais de 400 paginas em que trata este assumpto com toda a proficiencia, profundo conhecimento e vasta erudição, constituindo no seu todo um meditado estudo sobre estrategia naval.

E ao mesmo tempo que estuda o assumpto sob o ponto de vista estrategico, não esqueceu a apreciação critica do estado actual da nossa marinha, nem mesmo alguns dos remedios que por vezes se tem pretendido dar-lhe, no que revela, alem d'um perfeito conhecimento do assumpto, uma sinceridade digna de louvor e um acrisolado patriotismo.

O sr. tenente José Cardoso não quer a aquisição de navios comprados, só para satisfazer vaidades ou ambições. Para manter uma esquadra é necessario que todos conheçam o papel que teem a desempenhar e os meios de o conseguir. E com esse intuito procura estudar as linhas estrategicas maritimas que influem no nosso organismo social.

E orientando todo o seu trabalho n'esse sentido faz o estudo critico do bloqueio em relação á estrategia naval, descreve os cercos e os bloqueios historicos e os factores navaes modernos, e depois de indicar a forma da organisação do bloqueio, trata da defeza das costas, segundo diversos tratadistas, dedicando o ultimo capitulo á organisação de defeza maritima nacional, em que se mostra bem nitidamente qual o caminho a seguir.

Fazendo votos para que o sr. José Cardoso veja realisadas as suas tão justas como sinceras e patrioticas indicações, felicitamos o nosso illustre camarada pelo seu valioso trabalho e agradecemos a sua offerta.

Secção do extrangeiro

França. = *Passagem de officiaes de infanteria para artilheria.* — Em virtude do consideravel augmento das baterias de artilheria, resultante da lei ultimamente approvada pelo parlamento francez e já em execução, apresentou-se ao governo francez um problema que ha pouco tempo foi resolvido por uma forma digna de ser noticiada.

Esse consideravel augmento de baterias poz em evidencia a falta de subalternos necessarios para o serviço das novas unidades. E não se podendo esperar que as escolas forneçam para breve o numero sufficiente de subalternos, o ministro da guerra, general Brun, resolveu que na artilheria fossem admittidos officiaes de infanteria para preencher aquellas vagas, sendo-lhes permittida a troca de arma e por uma só vêz, á qual ficarão pertencendo.

Os tenentes de infanteria que desejem passar para a arma de artelheria devem ter menos de 5 annos de serviço n'este posto e devem fazer na escola de applicação um curso de 4 mezes, que começa em 15 do mez de novembro do corrente anno e termina em 15 de março proximo.

Os officiaes que satisfizerem a estas condições, terão ingresso definitivo nas escalas da arma de artilheria, occupando os logares conforme a sua antiguidade na arma de infanteria e ficando immediatamente á esquerda dos que na artilheria tiverem a mesma antiguidade.

Serão admittidos 150 tenentes, que receberão como indemnisação 300 francos quando terminarem o curso de aplicação destinada á mudança de uniforme.

Insubmissão. — No n.º 5 d'esta «Revista», relativa ao mez de maio do anno corrente, démos uma noticia tendente a mostrar o consideravel augmento de deserções e insubordinações que nos ultimos annos se teem notado no exercito francez.

Segundo vêmos na *France Militaire*, podemos completar essa noticia com novos esclarecimentos relativos á insubmissão, que pelas proporções que está attingindo mostra bem claramente como o povo francez procura fugir á prestação do imposto de sangue.

Na classe de recrutamento de 1902 accusaram as estatisticas

4:905 insubmettidos á lei; na de 1903, 2:118; na de 1904, 3:008; na de 1905, 4:363; na de 1906, 4:575, e na de 1907 accusam 11:782.

Esta ultima cifra, que é verdadeiramente alarmante, chamou já a attenção do governo francez, que em 25 de março do corrente anno fez publicar uma lei relativa á prescripção do delicto de insubmissão, esperando-se que faça diminuir o numero de casos que se estão dando.

Brazil. = *O effectivo do exercito para 1910.*— Segundo a mensagem approvada pelo congresso dos Estados Unidos do Brazil, o effectivo do exercito para 1910 passa a ser, alem dos officiaes, aspirantes e sargentos consignados segundo a lei de quadros, de 19:786 praças de pret, distribuidas de accordo com a organisação em vigor, em numero correspondente ao effectivo minimo, podendo esse effectivo ser elevado ao maximo em caso de mobilisação.

Alem d'isso, haverá mais tres companhias regionaes destinadas a formar a guarnição das prefeituras do Acre, Purus e Juruá, constituidas cada uma por 1 capitão, 1 tenente, 1 alferes, 1 intendente e 100 praças, e haverá tambem mais 200 operarios distribuidos pelos arsenaes e fabricas, organisados em pelotões.

A mesma lei auctorisa o governo a convocar nos periodos de manobras nos differentes estados e no districto federal até 20:000 homens da 1.ª reserva.

Roumania. = *Escola para officiaes e sargentos de reserva.*— Ha na Roumania uma escola militar destinada a preparar os quadros de reserva, que é commandada por um tenente coronel, tendo 10 officiaes professores.

Consta de 2 grupos: o primeiro para officiaes e sargentos de reserva combatentes e o segundo para não combatentes. Cada grupo divide-se em dois cursos, sendo um para officiaes e outro para sargentos de reserva. O primeiro curso de cada um dos grupos dura de 1 de março a 30 de setembro e o segundo de 1 de março a 30 de junho.

O curso para officiaes de reserva combatentes consta de tactica e serviço de campanha, fortificação, topographia e armas portateis e artilheria, legislação, administração, hypologia, hygiene, moral, disciplina militar, serviço de guarnição e tiro.

O curso para sargentos consta de serviço de campanha, fortificação, leitura de cartas, moral e disciplina.

O fim da escola consiste em preparar os mancebos dispensados do serviço activo para obter o posto de alferes de reserva, pôr em condições os sargentos que reunam certos predicados para serem promovidos a alferes do exercito activo, e finalmente preparar os dispensados que não desejem ser officiaes de reserva, ou que não reunam os requisitos necessarios para serem nomeados sargentos tambem de reserva.

13104-8vo
- 5º-1911-